

Marta Sofia Correia Lopes dos Reis

**Aplicação de Medidas Seletivas e Adicionais de
Suporte à Aprendizagem e à Inclusão na Modalidade
de Ensino a distância Durante a Pandemia: Desafios
e Oportunidades**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Escola Superior de Educação e Comunicação

2022

Marta Sofia Correia Lopes dos Reis

**Aplicação de Medidas Seletivas e Adicionais de
Suporte à Aprendizagem e à Inclusão na Modalidade
de Ensino a distância Durante a Pandemia: Desafios
e Oportunidades**

**Dissertação para a obtenção de grau de Mestre em
Gestão e Administração Escolar**

Trabalho realizado sob a orientação de:

Professora Maria Leonor Borges



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2022

Aplicação de Medidas Seletivas e Adicionais de Suporte à Aprendizagem e à Inclusão na Modalidade de Ensino a distância Durante a Pandemia: Desafios e Oportunidades

Declaração de autoria do relatório

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

Marta Sofia Correia Lopes dos Reis
Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

À professora Leonor Borges, pelo apoio, disponibilidade, incentivo e sábias sugestões.

Ao Agrupamento que generosamente me abriu as portas e a todos os participantes que partilharam comigo as suas experiências que tornaram possível a realização deste estudo.

Ao Alexandre e à Paula, companheiros desta aventura, que foram desbravando o caminho à minha frente, pela ajuda, amizade e carinho.

À minha amiga Lisdália pela preciosa ajuda nesta caminhada, pelo apoio incansável, mas principalmente pela amizade.

À Ivone pelo incansável apoio e incentivo que sempre demonstrou ao acreditar em mim.

À minha família, que sempre foi o meu suporte. Aos que estão e aos que já não estão...

A todos a quem eu faltei, com a promessa de voltar a estar mais presente.

Ser-me-ia impossível alcançar esta conquista sozinha. A todos o meu profundo e sincero agradecimento!

Resumo

Em plena pandemia, perante o encerramento abrupto das escolas e a consequente suspensão das atividades letivas e não letivas facilmente se percebe que, se existem dificuldades em trabalhar com a generalidade dos alunos, elas ganham maior relevância quando se trata de alunos com necessidade de mobilização de medidas seletivas ou adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão.

Esta preocupação motivou a questão de partida deste estudo: que respostas educativas foram dadas pela Educação Especial, durante a pandemia, na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais?

Desta questão emergiu o objetivo geral: conhecer a resposta educativa no âmbito da Educação Especial, num Agrupamento de escolas do Algarve.

O estudo enquadra-se num paradigma qualitativo, sendo um estudo exploratório na forma de estudo de caso centrado num Agrupamento de escolas do Algarve.

A recolha de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas a seis professores de educação especial, a três técnicas especializadas, à representante da Direção do Agrupamento na equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva e a cinco encarregadas de educação de alunos a usufruírem de medidas seletivas ou adicionais e procedemos, ainda, à análise de documentos do Agrupamento.

Este estudo permitiu perceber que durante o ensino a distância são os alunos com medidas adicionais que sofrem mais perdas a nível académico, pessoal e social. A extensão e profundidade desses prejuízos estão diretamente relacionadas com o nível de autonomia do aluno, com as dificuldades individuais, com o acesso e capacidade de utilização de meios digitais e também com as competências familiares. O ensino presencial é a situação preferencial, mas perante circunstâncias em que o ensino a distância é uma necessidade, a implementação de planos com características inclusivas contribuem para a mitigação desses impactos negativos.

Termos-Chave: Pandemia; Escola inclusiva; Ensino a distância.

Abstract

In the midst of a pandemic, faced with the abrupt closure of schools and the consequent suspension of teaching and non-teaching activities, it is easy to see that, if there are difficulties in working with most students, they gain greater relevance when it comes to students in need of mobilization of selective or additional measures to support learning and inclusion.

This concern motivated the starting question of this study: what educational responses were given by special education, during the pandemic, in the distance learning modality to students with selective and/or additional measures?

From this question emerged the general objective: to know the educational response within the scope of Special Education, in a school cluster in the Algarve.

The study fits into a qualitative paradigm, being an exploratory study in the form of a case study centered in a school cluster in the Algarve.

Data collection was carried out through semi-structured interviews with six special educational needs teachers, three therapists, the representative of the school board in the multidisciplinary team to support inclusive education and five parents/guardians of students benefiting from selective or additional measures and we also proceeded to the analysis of documents of the cluster.

This study allowed us to understand that during distance learning, students with additional measures suffer more academic, personal and social losses. The extent and depth of these losses are directly related to the student's level of autonomy, individual difficulties, access and ability to use digital media and also family skills. Face-to-face teaching is the preferred situation, but in circumstances where distance learning is a necessity, the implementation of plans with inclusive characteristics contribute to the mitigation of these negative impacts.

Key Words: pandemic; inclusive school; distance learning

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	iii
Índice Geral	iv
Índice de Apêndices.....	vi
Lista de siglas	vii
Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento teórico	3
1.1. A Educação Especial em Portugal	3
1.1.1. Breve resenha da história recente	3
1.1.2. Enquadramento legal atual - Decreto-Lei n.º 54/2018.....	7
1.2. O papel dos professores na Educação Inclusiva	11
1.3. A educação durante a pandemia.....	15
1.3.1. Suporte legislativo para a Educação durante a pandemia em Portugal	15
1.3.2. Ensino a distância	20
1.3.2.1. O ensino a distância antes da pandemia.....	20
1.3.2.2. O ensino a distância durante a pandemia.....	23
1.3.2.3. Inclusão no ensino a distância durante a pandemia dos alunos com necessidades específicas de educação	30
Capítulo II- Metodologia	35
2.1. Questão de partida.....	35
2.2. Objetivos de investigação	35
2.3. Procedimentos metodológicos	36
2.3.1. Natureza do estudo.....	36
2.3.2 Contexto de realização do estudo	37
2.3.2.1. Caracterização do Agrupamento.....	37
2.3.2.2. Caracterização dos participantes.....	38
2.3.3. Recolha dos dados: técnicas de recolha dos dados	41
2.3.3.1. Entrevista semiestruturada.....	41
2.3.3.2. Análise documental.....	43
2.3.4. Procedimentos de recolha de dados	43

2.4. Tratamento dos dados	44
2.5. Procedimentos éticos.....	45
Capítulo III - Apresentação e discussão dos resultados	46
3.1. Reorganização da Educação Especial, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem	46
3.2. Concretização das terapias durante o período de confinamento/pandemia.....	58
3.3. Acautelar a inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem durante o período de confinamento/pandemia.....	67
3.4. Práticas educativas junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem.....	69
3.5. Relação dos Encarregados de educação dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem e a escola na modalidade de ensino a distância .	72
3.6. Perceções de professores de educação especial, técnicos especializados e encarregados de educação sobre a aplicação do ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem.....	75
3.7. Dificuldades/barreiras ao processo inclusivo no ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem	85
3.8. Estratégias promotoras da inclusão educativa na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem.....	86
3.9. Opinião crítica do PE@D do Agrupamento.....	88
3.10. Dificuldades sentidas	93
3.11. Implicações para o futuro.....	100
Conclusão	104
Referências Bibliográficas.....	115
Apêndices	122

Índice de Apêndices

Apêndice I – Guião da entrevista semiestruturada – Professores de Educação Especial.....	122
Apêndice II – Guião da entrevista semiestruturada – Técnicos especializados.....	126
Apêndice III – Guião da entrevista semiestruturada – Encarregados de educação de alunos com medidas seletivas ou adicionais.....	130
Apêndice IV – Guião da entrevista semiestruturada – Representante da Direção na EMAEI.....	134
Apêndice V – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Professores de Educação Especial.....	138
Apêndice VI – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Técnicos especializados.....	219
Apêndice VII – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Encarregados de educação de alunos com medidas seletivas ou adicionais.....	252
Apêndice VIII – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Representante da Direção na EMAEI.....	310
Apêndice IX – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas – Professores de Educação Especial.....	333
Apêndice X – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas – Técnicos especializados.....	370
Apêndice XI – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas – Encarregados de educação de alunos com medidas seletivas ou adicionais.....	386
Apêndice XII – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas – Representante da Direção na EMAEI.....	407
Apêndice XIII – Informação e Consentimento para Participação em Estudo de investigação (exemplo).....	422

Lista de siglas

CAA - Centro de Apoio à Aprendizagem

CEE – Comunidade Económica Europeia

CIF - Classificação Internacional da Funcionalidade

CNE – Conselho Nacional de Educação

CRI - Centros de Recursos para a Inclusão

CRTIC - Centros de Recursos de Tecnologias da Informação e da Comunicação

DGE – Direção-Geral da Educação

DT's – Diretores de turma

DUA - Desenho Universal para a Aprendizagem

E@D – Ensino a Distância

EE – Encarregados(as) de Educação/Encarregado(a) de Educação

EMAEI – Equipa(s) Multidisciplinar(es) de Apoio à Educação Inclusiva

FENPROF - Federação Nacional de Professores

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico

OMS - Organização Mundial de Saúde

PE@D – Plano de Ensino a Distância

PHDA – Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção

RTP – Relatório Técnico Pedagógico

TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Introdução

Perante a ameaça do vírus COVID-19, em Portugal, foram implementadas medidas de contenção na salvaguarda de vidas humanas. Uma das medidas governamentais de maior relevância, à semelhança de muitos outros países, foi o encerramento das escolas e a conseqüente suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais em todos os níveis de ensino, em duas ocasiões distintas.

Esta mudança num contexto de pandemia, com todos os medos e incertezas inerentes, atirou famílias, escolas e sociedade em geral para uma realidade inédita e repleta de dúvidas. Professores e alunos, um pouco por todo o mundo, foram obrigados a mudar abruptamente do ensino presencial para um ensino a distância, muito assente em ambientes virtuais de aprendizagem, reformulando os seus espaços domésticos no sentido de operar uma transformação educativa para a qual poucos estariam preparados (European Commission – JRC, 2020; Jiménez, Torres & Cruz, 2020; OCDE, 2020; Saraiva & Cruz-Santos, 2021).

Esta foi uma experiência “ao vivo”, num momento irrepetível que é um verdadeiro teste à resiliência dos sistemas educativos (CNE, 2021). Um dos grandes desafios com que as escolas se depararam, durante o ensino a distância, foi assegurar a inclusão, nomeadamente a alunos que necessitam da mobilização de medidas seletivas ou adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão.

Esta nova realidade despertou a vontade de perceber que respostas educativas foram dadas pela educação especial, durante a pandemia, na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais.

A preocupação descrita e a convicção que o conhecimento aprofundado da realidade permitirá idealizar e implementar estratégias de intervenção futuras mais eficazes conduziram-nos a estabelecer como objetivo geral para este estudo: conhecer a resposta educativa no âmbito da educação especial, num Agrupamento de escolas do Algarve, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais. Tendo em vista a concretização deste objetivo formulamos os seguintes objetivos específicos: i) Conhecer a (re)organização da educação especial, durante a pandemia, na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem; ii) Compreender de que forma a inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem foi acautelada durante o período de confinamento/pandemia;

iii) Identificar e caracterizar as práticas educativas junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem; iv) Entender como se concretizaram as terapias durante o período de confinamento/pandemia; v) Perceber como decorreu a relação dos encarregados de educação dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem e a escola na modalidade de ensino a distância; vi) Conhecer as perceções de professores de educação especial, técnicos especializados e encarregados de educação sobre a aplicação do ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem; vii) Identificar dificuldades/barreiras ao processo inclusivo no ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem e viii) Identificar estratégias promotoras da inclusão educativa na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem.

Para isto propomo-nos realizar um estudo que se enquadra num paradigma qualitativo. Trata-se de um estudo exploratório na forma de estudo de caso centrado num Agrupamento de escolas do Algarve.

Este estudo é constituído por quatro capítulos. No capítulo I apresentamos uma revisão sistemática da literatura versando três aspetos principais: a educação especial em Portugal, o papel dos professores na educação inclusiva e a educação durante a pandemia. No capítulo II apresentamos e justificamos os procedimentos metodológicos adotados, no capítulo III, são apresentados e discutidos os resultados, e por fim são apresentadas as principais conclusões do estudo, as suas limitações e também sugestões para futuros estudos.

Capítulo I - Enquadramento teórico

1.1. A Educação Especial em Portugal

1.1.1. Breve resenha da história recente

Portugal já tem um longo percurso na resposta aos alunos com necessidades educativas específicas que, até à legislação atual, o Decreto-Lei n.º54/2018 de 6 de julho, eram designadas de Necessidades Educativas Especiais (NEE). Não obstante, tal como nos recordam Rodrigues e Nogueira (2011) o desenvolvimento da educação especial no nosso país apresentou, ao longo do século XX, um atraso estrutural comparativamente à maioria dos países europeus.

Capucha e Nogueira (2014) dividem a educação especial no nosso país em vários períodos. Estes autores consideram um primeiro período que decorreu entre os anos 60 e a Revolução de Abril de 1974 (asilos e educação segregada), um segundo período entre 1974 e a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE) que ocorreu em 1986 (da institucionalização à integração), um terceiro período de 1986 até à publicação da Lei de bases da Reabilitação em 2004 (influência europeia na integração dos alunos com necessidades específicas de educação) e um quarto período subsequente (da integração à inclusão).

Com o intuito de dar atendimento escolar a crianças com vários tipos de dificuldades, nomeadamente a crianças com deficiência intelectual, paralisia cerebral, cegueira e surdez, surgiram, através de iniciativas predominantemente privadas nas décadas de 50 e 60 do século passado, várias associações (Leite & Brás, 2019). Neste período apenas uma minoria das crianças com deficiência eram acolhidas nestas instituições especializadas que tinham um cariz caritativo e asilar e um cunho marcadamente discriminatório e segregador (Capucha & Nogueira, 2014).

Entre a década de 60 e a Revolução de 1974 foi havendo uma consciência crescente da insuficiência de respostas e equipamentos educativos face à procura potencial (idem).

A iniciativa privada de movimentos e associações de pais continuou a originar novas associações que visavam responder às crianças com deficiências. No setor público notaram-se alguns avanços, o Estado começa a assumir uma maior responsabilidade no âmbito da educação das crianças com deficiências, nomeadamente através da publicação da Lei n.º5/73 de 25 de julho, que constituiu um marco importante na educação especial durante o Estado Novo. Este normativo alargou a escolaridade obrigatória para oito anos para todas as crianças,

incluindo as denominadas como “inadaptadas” e “deficientes” que poderiam ser encaminhadas para classes especiais ou estabelecimentos de educação especial.

Durante este período, não obstante algumas tentativas de integração de alunos com deficiências no ensino regular, o modelo médico manteve-se dominante e o sistema educativo destas crianças ou era inexistente ou decorria em paralelo em espaços segregados, nas já referidas classes especiais (Capucha & Nogueira, 2014).

Com a revolução de 25 de Abril de 1974 registaram-se mudanças profundas na sociedade portuguesa, mudanças que naturalmente também se manifestaram na educação. As leis portuguesas passaram a consagrar os direitos fundamentais à educação e à igualdade de oportunidades. A partir de 1974, muito por força da Constituição da República de 1976, o Estado chama a si a responsabilidade da educação das crianças com deficiência. Foi desenvolvido um trabalho de integração de alunos com necessidades educativas específicas em escolas regulares, tendo sido constituídas equipas de professores de ensino especial itinerantes (Costa & Rodrigues, 1999, citados por Rodrigues & Nogueira, 2011).

Importa lembrar que nesta fase Portugal apresentava, ainda, um atraso estrutural comparativamente à maioria dos países europeus no que concerne à educação. Esse atraso refletia-se em muitos aspetos, nomeadamente no número reduzido de alunos com deficiência que eram abrangidos pelas respostas nas escolas regulares (Capucha & Nogueira, 2014). Este facto, segundo a opinião de Rodrigues e Nogueira (2011), explica o surgimento de várias Cooperativas de Educação e Reabilitação (CERCI's). Estas cooperativas nasceram da aliança entre pais e técnicos que pretendiam proporcionar cuidados médicos, atendimento especializado e escolarização a crianças com deficiências, respostas que o Estado tardava em solidificar.

Com a entrada de Portugal na CEE, em 1986, aumenta a permeabilidade do nosso país a políticas internacionais, especialmente europeias. Esta influência, na educação, levou à intensificação do movimento pela integração das crianças com necessidades específicas de educação no ensino regular e a um aumento contínuo do número de professores de educação especial (Capucha & Nogueira, 2014).

Com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo-LBSE (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro), em 1986, dá-se um ponto de viragem. A educação especial foi consagrada como uma modalidade de educação em todos os níveis de ensino e ocorreram alterações profundas na conceção da educação integrada. Neste documento são estabelecidas as fundações para a educação especial como apoio prestado nas escolas regulares a alunos com as necessidades educativas específicas determinadas com base em critérios pedagógicos. Foram criadas

equipas de ensino especial, consideradas como serviços de educação especial a nível local. Não obstante, paralelamente continuou a manutenção de respostas educativas, especialmente para os alunos cujas deficiências eram consideradas mais graves, em instituições privadas.

Sucederam-se várias alterações legislativas que culminaram num normativo muito relevante, o Decreto-Lei n.º 319/91, de 23 de agosto. Este decreto veio finalmente definir e regular o regime educativo nas escolas regulares. Com este Decreto o foco da classificação médica muda para a classificação educativa, são introduzidos os conceitos de “alunos com necessidades educativas especiais” e de “meio menos restritivo possível”, o que implicou que o afastamento destes alunos das salas de aulas apenas acontecesse nos casos mais graves. Neste normativo está ainda subjacente a ideia que a escola regular tem que estar preparada para responder adequadamente às problemáticas de todos os alunos e atribui aos encarregados de educação um papel de maior relevo na educação dos seus filhos. No entanto, a presença de alíneas de exceção, teve como consequência o envio de bastantes crianças para centros e escolas especiais (Bérnad da Costa, 1995, citado por Capucha & Nogueira, 2014) sendo estas crianças tendencialmente as que apresentavam as deficiências de maior intensidade (Capucha & Nogueira, 2014).

Apenas em 1997 com a publicação do Despacho Conjunto n.º105/97 de 1 de julho foi estabelecida a prestação de apoios educativos e determinada então a criação de equipas locais de coordenação dos apoios educativos com a missão de colaborar com as escolas de uma determinada área geográfica na implementação de respostas concertadas nomeadamente na gestão de recursos e na articulação do trabalho dos professores de educação especial. Este despacho cria a figura do professor de apoio para todos os alunos com NEE, reforça a necessidade da diferenciação curricular adaptada às necessidades e características dos alunos (especialmente para os alunos com NEE) e preconiza um sistema educativo único que englobe a educação regular e a especial.

Em 1999, através do Despacho Conjunto 891/99 de 19 de outubro, foi aprovado o primeiro sistema de intervenção precoce, que seria desenvolvido através da articulação dos serviços de saúde, educação, segurança social e instituições particulares, numa abordagem interdisciplinar.

A publicação da Lei n.º 38/2004 de 18 de agosto rompe de forma explícita com o modelo médico estabelece que compete ao Estado eliminar todas as barreiras de forma a permitir o acesso das pessoas com deficiência à educação e ensino inclusivo. Capucha e Nogueira (2014) consideram que a partir desta publicação Portugal entrou num período de transição da integração para a inclusão dos alunos com necessidades específicas de educação.

Importa referir que até 2006 os professores de educação especial não tinham carreira definida e eram colocados anualmente por destacamento dos grupos disciplinares de origem. Com a entrada em vigor do Decreto-Lei n.º20/2006 de 31 de janeiro, foi criado o grupo de recrutamento de Educação Especial (que na prática são 3, grupo 910-domínio cognitivo e motor; 920-audição e surdez; 930-cegueira e baixa visão), tendo estes professores passado a ter carreira própria e a constituir um grupo disciplinar fazendo parte dos quadros dos agrupamentos.

Em 2008 o Decreto-Lei n.º 319/91 foi substituído pelo Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro (alterado pela Lei n.º21/2008 de 12 de maio). Neste novo diploma legal defende-se a promoção de uma escola democrática e inclusiva, orientada para o sucesso educativo de todas as crianças e jovens. Este Decreto alargou a educação especial às instituições de ensino particular e cooperativo e passou a contemplar também o ensino pré-escolar, para além do ensino básico e secundário já anteriormente abrangidos. A população-alvo dos apoios no âmbito da educação especial passou a estar restringida aos alunos com limitações significativas de carácter permanente que resultem em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social, sendo a identificação dessas dificuldades feita por referência à Classificação Internacional da Funcionalidade (CIF) da Organização Mundial de Saúde (OMS). Outro aspeto importante deste Decreto foi a criação da figura do “*Plano individual de transição*”, destinado à preparação para a vida pós escolar dos alunos com dificuldades mais acentuadas e por isso abrangidos por um Currículo Educativo Individual. Foram criadas “escolas de referência” para atender a necessidades específicas dos alunos com autismo, multideficiência, surdez e cegueira onde foram concentrados recursos técnicos e humanos especializados, bem como escolas de referência para a intervenção precoce onde seriam colocados professores de educação especial destinados exclusivamente a prestar apoio domiciliário e no ensino pré-escolar particular e cooperativo. O Sistema Nacional de Intervenção Precoce foi criado através da publicação do Decreto-Lei n.º281/2009 de 6 de outubro. Através deste normativo o Ministério da Educação criou também Centros de Recursos de Tecnologias da Informação e da Comunicação (CRTIC) com o objetivo de apoiar e avaliar a utilização de tecnologias assessorando os Agrupamentos da região. Foram também criados Centros de Recursos para a Inclusão (CRI) através da reestruturação das instituições de educação especial que deixaram de ter população escolar, os técnicos colaboram com as escolas através de protocolos com estes CRI.

O Decreto-Lei n.º3/2008 não foi aceite de forma consensual tendo gerado muita celeuma entre professores e investigadores nacionais. Os aspetos mais controversos foram a restrição da abrangência da educação especial às necessidades de carácter permanente e também a utilização de critérios médicos para a determinação das NEE, pela obrigatoriedade de utilização da CIF, deixando critérios pedagógicos para segundo plano, (Leite & Brás, 2019). Uma das vozes mais críticas foi a de Correia (2007) que mesmo antes da publicação desta Lei manifestou estas mesmas preocupações numa carta aberta dirigida à Ministra da Educação de então.

Apesar das críticas que acompanharam a implementação do DL n.º3/2008, Rodrigues e Nogueira (2011), cerca de três anos após o início da sua implementação realçaram números que colocavam Portugal no grupo dos países europeus com maior taxa de inclusão escolar de alunos com deficiência, referindo que os alunos com NEE representavam 2,6% do total dos quais apenas 0,2% se encontravam a frequentar instituições especiais. Segundo estes autores, o aumento significativo de alunos na escola regular, em comparação com instituições especiais, representa uma inversão do modelo de resposta a estes alunos onde “o ensino em escolas especiais, que era regra, passou a ser a exceção” (p.10).

Em 2016, com o Despacho Normativo n.º1-H/2016 passou a ser necessária a permanência mínima de 60% dos alunos com NEE em comum com a turma para poderem usufruir de frequência em turma reduzida, situação que se mantém em normativos posteriores. Para Castilho (2018) o facto da constituição de turmas reduzidas deixar de ser uma medida educativa e passar a estar sujeita a regulamentação anual constituiu um retrocesso na qualidade do atendimento aos alunos com necessidades educativas específicas.

1.1.2. Enquadramento legal atual - Decreto-Lei n.º 54/2018

Em 2018, numa nota à comunicação social, o Governo português apontou como objetivos principais na área da educação “a promoção de uma escola de qualidade para todos, em que o sucesso escolar se constrói com a inclusão plena de todos os alunos, através da adoção de medidas que lhes garantam o acesso ao currículo e a aprendizagens significativas e efetivas” (República Portuguesa – Educação, 2018, p.1). Este intento concretizou-se com a implementação do Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho e conseqüente revogação do Decreto-Lei n.º 3/2008.

O governo português justificou a pertinência deste novo diploma de educação inclusiva afirmando que “Portugal é ainda um país com baixas taxas de inclusão dos alunos no sistema

educativo, subsistindo nas escolas um número significativo de jovens, com necessidades específicas, em espaços físicos ou curriculares segregados” (República Portuguesa - Educação, 2018, p.1). É afirmado que este diploma permitirá “dar passos no caminho da construção de uma escola progressivamente mais inclusiva” (idem).

O Decreto-Lei n.º 54/2018 (alterado pela Lei n.º 116/2019 de 13 de setembro) abandona o modelo de legislação especial para alunos especiais (não utiliza o termo “necessidades educativas especiais”), promove a abolição da categorização dos alunos, dispensando a obrigatoriedade de relatórios clínicos e coloca o enfoque nas respostas educativas. Com este Decreto pretende-se reforçar o direito de cada um dos alunos a uma educação adequada às suas potencialidades, expectativas e necessidades, num conjunto de respostas comuns (podendo, se necessário, envolver recursos da saúde, do emprego, da formação profissional e da segurança social) que proporcione a todos a participação, o progresso e o sentido de pertença em verdadeiras condições de equidade e inclusão.

Outra característica distintiva deste Decreto-Lei é a possibilidade de mobilização de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão para qualquer aluno, com carácter definitivo ou temporário, em qualquer altura do seu percurso escolar. As adaptações ao processo de avaliação e a atribuição de tecnologias de apoio deixam também de constituir medidas educativas e passam a ser de aplicação universal.

As medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão estão organizadas em três níveis de intervenção: universais, seletivas e adicionais, sendo que medidas de diferentes níveis poderão ser mobilizadas cumulativamente. As medidas universais (art.º8) são mobilizadas para todos os alunos tendo em vista a promoção do seu desenvolvimento pessoal, interpessoal e da intervenção social. As medidas seletivas (art.º9) deverão ser mobilizadas para colmatar as necessidades de suporte à aprendizagem não supridas pela aplicação de medidas universais. As medidas adicionais (art.º10) deverão ser mobilizadas para colmatar dificuldades acentuadas e persistentes ao nível da comunicação, interação, cognição ou aprendizagem quando comprovadamente as medidas seletivas e universais se revelem insuficientes.

Este Decreto-Lei enuncia duas opções metodológicas: o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e a Abordagem multinível.

A abordagem multinível consiste na organização das medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão por níveis de intervenção (medidas universais, seletivas e adicionais) que “enuncia a existência de um contínuo de intervenções, que variam em termos de tipo, intensidade e frequência, e cuja mobilização depende da eficácia das mesmas para responder

às necessidades, interesses e potencialidades dos alunos ao longo do percurso escolar” (DGE, 2018, p.20).

O DUA é um modelo orientador de aplicação das medidas universais para todos os alunos. A sua aplicação é fundamental no planeamento e ação em sala de aula de forma a identificar e eliminar barreiras à aprendizagem e participação, maximizando as oportunidades de aprendizagem. Esta abordagem parte do reconhecimento que a forma como cada aluno aprende é singular e que por isso “uma abordagem curricular única e inflexível não permite garantir oportunidades de aprendizagem para todos os alunos (...) as práticas pedagógicas sustentadas no DUA oferecem oportunidades e alternativas acessíveis para todos os alunos em termos de métodos, materiais, ferramentas, suporte e formas de avaliação, sem alterar o nível de desafio e mantendo elevadas expectativas de aprendizagem” (idem, p.22).

A implementação deste Diploma legal implicou mudanças a nível organizacional. Todas as escolas constituíram Equipas Multidisciplinares de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) formadas por elementos permanentes (psicólogo, professor de educação especial, elemento da Direção e membros do Conselho Pedagógico) e elementos variáveis (professores e técnicos selecionados em função de cada caso). Estas equipas são responsáveis pela definição, concretização, acompanhamento e avaliação das medidas de apoio à aprendizagem e à inclusão. Foi também prevista a criação de uma estrutura de apoio à educação inclusiva que agrega recursos humanos e materiais, de saberes e competências da escola: o Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA).

O Decreto-Lei n.º54/2018 veio reequacionar o papel da escola. São muitas as mudanças inerentes à implementação das novas práticas inclusivas nele preconizadas, por isso, importa perceber a sua implementação “no terreno”.

No primeiro ano letivo da sua implementação muitas foram as dificuldades sentidas pelas escolas. Com o segundo período do ano letivo 2018/2019 já decorrido, 30% das escolas ainda não tinham implementado plenamente o diploma e 75% afirmaram estar com dúvida e dificuldades na sua aplicação (FNE, 2019). Pensa-se que muitas destas dificuldades sentidas pelas escolas se devem às condições em que o decreto foi implementado, nomeadamente a falta de oportunidade para debater, refletir, aprofundar e perceber plenamente os seus objetivos, a escassez de tempo para a sua implementação e também a inexistência de uma fase de transição entre diplomas (FENPROF, 2019; FNE, 2019; Vieira, 2019).

No primeiro ano de implementação deste diploma foi evidenciada uma opinião generalizada de que as questões/dúvidas suscitadas pela sua aplicação não ficaram convenientemente esclarecidas nem com a divulgação do Manual de Apoio à Prática nem

com as sucessivas respostas às perguntas frequentes disponibilizadas pelos serviços do Ministério da Educação (FNE, 2019).

De uma forma geral, os professores reconhecem a importância das medidas deste novo regime jurídico, bem como a importância da EMAEI e do CAA como recursos organizacionais (Freitas, 2019; Vieira, 2019) e estão sensibilizados para as vantagens da educação inclusiva considerando-a vantajosa para a generalidade dos alunos (Florêncio, 2019; Leite & Brás, 2019; Vieira, 2019). Outros aspetos positivos destacados são o desaparecimento da categorização das necessidades específicas em função de diagnósticos clínicos e a consideração de alunos com necessidades temporárias e não apenas permanentes e também (FENPROF, 2019).

No entanto são apontados alguns aspetos negativos que constituem entraves à implementação deste novo normativo. Nem todos os professores reagiram de forma positiva à abrangência do diploma, sendo que muitos professores defendem que deveria ser mantida a sua aplicação a alunos com necessidades educativas específicas e não a todos os alunos (FNE, 2019).

O aumento do tempo de permanência de alunos com necessidades educativas específicas nas suas turmas é visto como positivo por muitos professores (FENPROF, 2019), não obstante, alguns consideram que esta situação nem sempre é a mais benéfica para todos os alunos (Freitas, 2019). Alguns professores consideram que este modelo, a título de exemplo, não se adequa a todos os alunos com perturbação do espectro do autismo e que há dificuldades na integração de muitos destes alunos no contexto de sala de aula regular (Vieira, 2019), outros consideram que a inclusão é muito dificultada pelo número excessivo de alunos por turma (FENPROF, 2019; Freitas, 2019) e pela escassez de recursos materiais e humanos (FENPROF, 2019; FNE, 2019; Freitas, 2019; Rodrigues, 2019; Vieira, 2019). Muitos professores manifestaram preocupação pela ausência de um instrumento que permita utilizar uma linguagem universal na determinação da necessidade de medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, o que pode levar à existência de discrepância entre escolas/agrupamentos, no que concerne aos critérios de elegibilidade (FNE, 2019) e mostraram desagrado pelo aumento da carga burocrática (FENPROF, 2019; FNE, 2019; Leite & Brás, 2019; Vieira, 2019).

A estas dificuldades juntam-se ainda a necessidade de formação específica na área da educação especial dos professores do ensino regular e também formação relacionada com a operacionalização do próprio diploma (Florêncio, 2019; FNE, 2019; Leite & Brás, 2019; Rodrigues, 2019; Vieira, 2019). Muitos professores do ensino regular não se sentem

preparados para esclarecer os encarregados de educação sobre as dúvidas acerca da aplicação do diploma (FNE, 2019), assumem sentir dificuldade na promoção de atividades que utilizem materiais, estratégias e recursos específicos para alunos com necessidades específicas (Freitas, 2019) e também revelam receio do aumento das situações de indisciplina em sala de aula (FENPROF, 2019).

Diversos professores são da opinião que a transição da integração de todos os alunos em turmas do ensino regular para uma verdadeira inclusão carece de um maior trabalho colaborativo e de corresponsabilização entre os professores, em especial entre o docente de educação especial e os professores do ensino regular (FENPROF, 2019; FNE, 2019; Florêncio, 2019; Freitas, 2019).

São muitas as dúvidas que acompanham, como é expectável, a implementação deste novo Diploma. Com a entrada em vigor do DL n.º54 o papel dos professores, incluindo os de educação especial nas escolas portuguesas sofre algumas alterações. Em vários estudos surgem dúvidas sobre o papel do professor de educação especial neste novo normativo (FNE, 2019; Leite & Brás, 2019). Consideramos por isso pertinente clarificar o papel dos professores na educação inclusiva.

1.2. O papel dos professores na Educação Inclusiva

No contexto educativo é incontornável referir a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) quando falamos de inclusão. Esta Declaração resultou da Conferência Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura UNESCO sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em 1994, e nela emergiu a noção de escola inclusiva, que vai muito mais além da noção de integração, e que se centra na presença física de alunos com mais dificuldades nas turmas do ensino regular, implicando uma nova perspetiva de intervenção junto de todas as crianças, especialmente as crianças com necessidades educativas específicas, em que todas “as escolas se devem ajustar a todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras (UNESCO, 1994, p.6).

Segundo Rodrigues (2013) inclusão corresponde a um “sentimento e prática mútua de presença entre a escola e a criança” (p. 95), e defende que a “educação inclusiva não é um conjunto de documentos legais nem é um novo nome para a integração, é um novo paradigma de escola organizado em conformidade com um conjunto de valores de respeito, solidariedade

e qualidade para todos os alunos” (p.13). A inclusão ultrapassa em muito o conceito de integração (Correia, 2010).

Rodrigues (2019) defende que a inclusão depende de um trabalho desenvolvido com a máxima comunicação e cooperação dentro da escola. Este autor retrata a inclusão como um fenômeno que não é isolado, delimitado e pessoalizado. Não deve ser isolado, pois pensar a inclusão apenas quando existem alunos com deficiência é uma grande pobreza. Para este autor é muito claro que a inclusão é um valor transversal da escola que se entrelaça com os valores da participação, dos direitos humanos, da equidade e da cidadania. A inclusão não é também um fenômeno delimitado, no sentido em que não tem um lugar, a inclusão é toda a escola e toda a comunidade em que ela existe. A inclusão não pode ser pessoalizada, todos os membros de uma escola têm responsabilidade de promover e defender os valores da inclusão.

Vários autores apontam os recursos existentes nas escolas, a legislação em vigor e o papel dos professores como fatores fundamentais na implementação do paradigma da educação inclusiva (Rakap, & Kaczmarek, 2010, Sukbunpant, Arthur-Kelly & Dempsey, 2013, citados por Freitas, 2019). Não obstante, estes mesmos autores, destacam de entre estes fatores os docentes como as “*peças chave*” no desenvolvimento e implementação deste modelo educativo.

Albuquerque (2018) refere que a crença que a mera existência de legislação bastava para que o movimento da inclusão fosse uma realidade caiu por terra e ficou evidente, a partir de meados da década de 1990, pelo que a regulamentação legal representa condição necessária, mas nunca suficiente por si só.

A atitude do professor assume uma importância crucial. Sem o seu envolvimento pessoal e profissional nada poderia mudar. Por esta razão, a viabilidade das propostas inclusivas está em grande medida dependente daquilo que os docentes conseguem efetivamente fazer nas suas salas de aulas, enquanto elementos-chave de todo o processo educativo (Sanches-Ferreira, 2007, citada por Albuquerque, 2018). Ideia semelhante é defendida por Baptista (2013) quando afirma que os docentes têm um papel fundamental na construção de uma escola inclusiva, pois a eficácia das políticas depende do professor que é quem leva as decisões da teoria à prática.

As atitudes dos professores são assim consideradas como essenciais em todo o processo da Educação inclusiva o que, segundo Avramidis et al. (2000), as torna um dos maiores obstáculos quando são negativas.

Segundo a Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial (2012), o perfil dos professores inclusivos assenta num quadro de valores e de áreas de competências

que passam: i) por apoiar todos os alunos (promoção da aprendizagem académica, prática, social e emocional de todos os alunos e metodologias de ensino eficazes em turmas heterogéneas); ii) pela valorização da diversidade (conceções de escola inclusiva e perspetivas do professor sobre a diferença); iii) pelo trabalho com outros (trabalho com pais e famílias e trabalho com os vários profissionais de educação) e iv) pelo desenvolvimento profissional e pessoal (professores como profissionais reflexivos e formação inicial de professores como base para o desenvolvimento profissional contínuo).

Quando se educam as crianças em conjunto, promove-se a preparação das pessoas com deficiências para a vida na sua comunidade, os professores aperfeiçoam as suas competências profissionais e a sociedade em geral toma consciência do valor social da igualdade, o que conduz a uma melhoria da coesão social e da cooperação (Stainback & Stainback, 1999, citado por Freitas, 2019).

A educação inclusiva traz vantagens às aprendizagens de todos os alunos, transformando-se assim num modelo educacional que visa educação igual e de qualidade para assim elevar o sucesso de todos (Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva, 2014; Correia, 2010).

A diversidade deve ser considerada um recurso e um valor para a educação (Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial, 2012). Como nos diz Cosme (2018, citado por Albuquerque, 2018) a diferença faz parte da diversidade e deve ser vista como uma oportunidade para repensar práticas e não como um problema. Correia (2010) considera que a inclusão não tenta posicionar o aluno numa curva normal, mas antes, encara as diferenças existentes entre os alunos como um fator positivo e potenciador do desenvolvimento de comunidades escolares mais ricas e produtivas. Podemos dizer que através da valorização da diversidade, os docentes assumem novas perspetivas sobre essa mesma diversidade.

Trabalhando em articulação e colaboração, planeando a educação como parte de uma equipa, os professores melhoram as suas competências profissionais, com efeitos visíveis nas aprendizagens dos alunos (Stainback & Stainback, 1999, citado por Freitas, 2019).

Correia (2010) defende que, numa perspetiva de inclusão, a partilha de estratégias entre professores e outros profissionais permite um acompanhamento mais estreito dos progressos dos alunos e combatem-se problemas de comportamento de forma colaborativa.

O professor de educação especial é um agente de mudança, que deve ser capaz de trabalhar em parceria com os vários intervenientes no processo escolar dos alunos com necessidades educativas específicas e deve assumir-se como um elemento crucial nesta

parceria, pois é dotado de competências e conhecimentos próprios, necessárias para o trabalho elaborado com os alunos (Florêncio, 2019).

A liderança de uma escola é decisiva para a implementação de uma filosofia inclusiva. Ainscow (1995) defende há mais de duas décadas que o órgão de gestão deve proporcionar um envolvimento e a partilha de responsabilidades de todos os intervenientes no processo educativos que se estende para além da equipa pedagógica, devendo incluir os próprios alunos, os pais e quaisquer outros membros da comunidade, para que se sintam parte de um projeto educacional que tenha por base os princípios da inclusão.

Segundo a Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial (2010), um dos princípios-chave para a promoção da qualidade na educação inclusiva é a educação e formação sobre educação inclusiva para todos os professores. Esta agência defende que “durante a formação inicial todos os professores devem ser preparados para trabalhar na educação inclusiva (...) e devem ter acesso à formação em serviço, a fim de desenvolverem conhecimentos e competências para melhorar a prática, em contextos inclusivos” (p.18).

Correia (2003, citado por Freitas, 2019) entende que é de capital importância capacitar professores do ensino regular através de formação específica que lhes possibilite entender minimamente as problemáticas que os seus alunos apresentam, pois conhecendo essas problemáticas, estarão em condições de traçar estratégias que lhes garantam respostas educativas ajustadas respondendo assim mais adequadamente os alunos com problemas de aprendizagem ou de comportamento.

A escola inclusiva implica necessariamente uma educação inclusiva, cuja aprendizagem ocorre num ambiente de diversidade. Esta diversidade é um enorme desafio à criatividade e ao profissionalismo, implicando muitas vezes mudanças de mentalidades, de políticas, de culturas e de práticas educativas. Perante este desafio a experimentação de novas práticas e a reflexão crítica podem ajudar os professores a tornar as suas salas de aula mais inclusivas (Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial, 2012).

Há muito que Ainscow (1995) defende é necessário que as escolas desenvolvam uma política de valorização da sua equipa de profissionais encorajando os professores a procurarem novas respostas para os seus alunos o que implica a formação do pessoal tanto enquanto equipa como cada indivíduo em particular.

O ensino é uma atividade de aprendizagem e os professores são responsáveis pela sua aprendizagem ao longo da vida (Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial, 2012), pois a inclusão não é, nem tão pouco representa, um conceito e uma atitude global perante a diversidade educativa, pelo contrário, uma das variáveis que se reveste de

grande importância é o tipo de necessidade adicional que cada aluno necessita (Peng, J. et al., 2014).

Lançando um olhar para o Decreto-Lei n.º 54, que regula a educação inclusiva no nosso país, é claro que o papel dos professores sofre alterações. Para Rodrigues (2019) uma das dificuldades a superar está relacionada com as atitudes dos professores face a uma escola que não estabelece mais diferença entre os alunos de “educação especial” e torna todos os professores responsáveis pela educação de todos os alunos. (Rodrigues, 2019). A ação do professor de educação especial torna-se mais autónoma, passando a intervir em duas vertentes: por um lado trabalham colaborativamente com os demais intervenientes no processo educativo e por outro prestam apoio direto aos alunos, sempre com carácter complementar ao trabalho desenvolvido em sala de aula. O professor de educação especial como parte integrante da equipa EMAEI assume também um papel de destaque no processo de flexibilidade curricular.

Atualmente é ainda mais fundamental pensar a escola como um todo envolvendo um esforço de equipa de todos os agentes educativos com o objetivo comum de manter a escola como um espaço de educação inclusiva.

Esta nova realidade implicou a mobilização de soluções criativas e uma reinvenção da forma de ensinar e também de aprender como forma de responder à diversidade das necessidades de todos e de cada um dos alunos.

1.3. A educação durante a pandemia

1.3.1. Suporte legislativo para a Educação durante a pandemia em Portugal

A OMS pela voz do seu secretário geral, Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou no dia 11 de março de 2020, numa conferência de imprensa amplamente difundida que a epidemia de Covid-19 atingiu o nível de pandemia. Este anúncio ocorreu quando já se registavam a nível mundial mais de 118 mil casos de infeção (4.291 fatais) em 114 países (apenas 57 apresentavam 10 ou menos casos) em todos os continentes. Pouco mais de três meses após terem aparecido os primeiros casos em Wuhan, na China, apenas 81 países não tinham casos reportados. Estes dados deixaram claro que o novo coronavírus poderia chegar a qualquer parte do mundo (Dias, 2020).

A adaptação do nosso país a esta emergência de saúde pública de âmbito internacional exigiu alterações em todos os quadrantes da sociedade e a educação naturalmente não foi

exceção. Como não poderia deixar de ser, várias foram as determinações legais e orientações oficiais com influência direta na educação.

Atendendo a esta situação inédita, o Governo português, através do Decreto-Lei n.º 10-A/2020, de 13 de março, aprovou um conjunto de medidas excecionais e temporárias relativas à situação epidemiológica da doença COVID-19, entre as quais uma medida com grande impacto na educação, a suspensão de todas as atividades letivas e não letivas (artigo 9.º). Esta suspensão entrou em vigor no dia 16 de março de 2020.

Iniciou-se, assim, uma etapa de ensino a distância, completamente inédita para escolas, alunos, professores e famílias.

A par da legislação, durante os meses de março, abril e maio, foram adotadas algumas medidas e difundidos alguns documentos oficiais de apoio às escolas, professores e alunos. Destacamos como mais relevantes:

- Foi criado, pelo Ministério da Educação, um grupo para acompanhar e dar apoio às escolas na sua adaptação ao ensino a distância;

- A Direção-Geral da Educação (DGE) e a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, I.P. (ANQEP) lançaram a página de internet “Apoio às Escolas”, onde foram disponibilizados recursos de apoio na utilização de metodologias de ensino a distância (E@D). Também foi divulgado um vídeo, dirigido a pais e famílias, com dez conselhos sobre o acompanhamento de aulas em casa;

- Foi iniciado o projeto #DesportoEscolarAtivo#FicaOn, através do qual os alunos foram desafiados a cumprir exercícios desportivos em família, para combate ao sedentarismo juvenil.

- Foi divulgado o “Roteiro-8 Princípios Orientadores para a implementação do ensino a distância nas escolas”, onde é apresentado um conjunto de linhas orientadoras para que as escolas garantissem que todas as crianças e jovens continuavam a aprender (MEC, a2020);;

- Foi divulgado um documento com “Recomendações da ordem dos psicólogos para os psicólogos escolares”, onde são apresentadas algumas estratégias e adaptações às práticas para o trabalho dos psicólogos escolares (Ordem dos Psicólogos, 2020);

- Foi organizada formação para o ensino digital destinada a docentes e diretores escolares;

- Foram emitidas recomendações e orientações para professores e alunos em relação ao uso seguro da *Internet*, bem como medidas de segurança específicas para o uso das plataformas *Zoom*, *Moodle*, *Microsoft Teams*;

- Foi implementado o projeto #EstudoEmCasa com a divulgação de conteúdos na RTP Memória vocacionados para os alunos do Ensino Básico e alterações na programação da RTP2 para seguir as *Orientações Curriculares da Educação Pré-escolar*.

No âmbito dos documentos que foram divulgados, visando especificamente a educação inclusiva, destacamos, pela sua relevância, os seguintes:

- "Orientações para o trabalho das equipas multidisciplinares de apoio à educação inclusiva na modalidade E@D", onde se encontram algumas linhas de atuação destas equipas no contexto de exceção(MEC, b2020);

- "Guia de boas práticas de ensino *online* em contexto de emergência para alunos surdos durante a pandemia da doença COVID 19", no qual são apresentadas sugestões práticas para trabalhar *online* com alunos surdos em ambiente virtual (Universidade Católica Portuguesa, 2020);

- "O CRI vai a casa...", que constitui um guia de estratégias e atividades para crianças, jovens e famílias, em situação de confinamento, com um conjunto de orientações práticas ao nível da psicologia, da psicomotricidade, da terapia ocupacional, da fisioterapia e da terapia da fala (MEC, c2020);

- "Orientações para o trabalho dos centros de recursos TIC: processo de avaliação e prescrição", onde são estabelecidas práticas para orientar a atuação destes centros (MEC, d2020);.

Outras medidas excecionais e temporárias na área da educação foram estabelecidas posteriormente através do Decreto-Lei n.º14-G/2020 de 13 de abril, de entre as quais destacamos a realização, avaliação e certificação de aprendizagens em regime não presencial, o cancelamento das provas de aferição e das provas de avaliação externa de final de 3º ciclo bem como a alteração da data de conclusão do ano letivo.

Perante a evolução positiva da situação sanitária nacional, o Governo, através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 33-C/2020, de 30 de abril, aprovou uma estratégia gradual de levantamento de medidas de confinamento no âmbito do combate à pandemia da doença COVID-19. Entre outras medidas ficou definida a retoma, no dia 18 de maio, das aulas presenciais para os alunos do 11.º e 12.º anos e dos 2.º e 3.º anos dos cursos de dupla certificação do ensino secundário e também foi determinado o dia 1 de junho como data de reabertura dos estabelecimentos de educação pré-escolar (Decreto-Lei n.º 20-H/2020 de 14 de maio).

O ano letivo 2020/2021 iniciou em plena pandemia. Para preparar as escolas para este ano de exceção o Governo dirigiu aos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos

básico e secundário, alguns documentos/legislação com orientações excepcionais de organização e funcionamento numa tentativa de garantir a retoma das atividades educativas e formativas, letivas e não letivas, em condições de segurança para toda a comunidade educativa.

Destes documentos destacamos um roteiro com *Orientações para a recuperação e consolidação das Aprendizagens ao Longo do Ano Letivo de 2020/2021* que o Ministério da Educação disponibilizou (MEC, e2020);. A disponibilização deste documento reflete a consciência da tutela de que a pandemia e o confinamento agravaram as desigualdades sociais, de que houve aprendizagens que não se realizaram e alunos que não tiveram oportunidade de acompanhar os seus pares.

A nível legislativo destacamos a Resolução do Conselho de Ministros n.º 53-D/2020 de 20 de julho, no qual são estabelecidas medidas excepcionais e temporárias para a organização do ano letivo 2020/2021 nos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. É previsto que os Agrupamentos façam uma gestão dos espaços e do horário de funcionamento de forma a conciliar o desenvolvimento das atividades letivas e formativas com as orientações das autoridades de saúde. Outro aspeto relevante é a clarificação dos conceitos de regime presencial, regime não presencial e regime misto. O regime presencial é aquele em que o processo de ensino e aprendizagem é desenvolvido num contexto em que alunos e docentes estão em contacto direto, encontrando-se fisicamente no mesmo local. O regime não presencial é aquele em que o processo de ensino e aprendizagem ocorre em ambiente virtual, com separação física entre os intervenientes, designadamente docentes e alunos e o regime misto é aquele em que o processo de ensino e aprendizagem combina atividades presenciais com sessões síncronas e com trabalho autónomo. Neste documento está explícito que o regime presencial deve ser considerado como regime regra e os regimes misto e não presencial como exceção, no entanto é indicado que os Agrupamentos deverão elaborar um plano que preveja o protocolo e os mecanismos de ação necessários à implementação de cada um destes regimes e eventual necessidade de transição entre os mesmos.

De realçar que este documento estabelece, no número 17, que no âmbito da educação inclusiva, quando aplicados os regimes misto e não presencial, o apoio aos alunos para quem tenham sido mobilizadas medidas seletivas e adicionais deve ser assegurado em regime presencial, salvaguardando-se as orientações das autoridades de saúde. Devem também ser assegurados presencialmente os apoios prestados no CAA, na valência de unidade especializada, bem como os apoios prestados por técnicos especializados, relativamente aos

alunos para os quais foram mobilizadas medidas adicionais. É determinado ainda que a EMAEI deve assegurar, em articulação com o CRTIC, o acompanhamento aos docentes, com vista a uma adequada utilização pelos alunos das ferramentas e recursos digitais necessários à operacionalização das adaptações curriculares e ao desenvolvimento das competências e aprendizagens identificadas no relatório técnico pedagógico.

O projeto #EstudoEmCasa foi retomado e alargado ao ensino secundário. No decorrer do ano letivo o Governo pôs em marcha o “Programa escola digital” que pretendia facultar aos alunos e aos professores, a título de empréstimo um "pacote" que inclui um computador portátil, auscultadores com microfone, uma mochila, um *hotspot* e um cartão SIM para ligação à rede móvel.

O agravamento da situação sanitária ditou o retorno a um novo período de ensino a distância. Através de vários diplomas legais (Decretos n.º3-C/2021, de 22 de janeiro, n.º8-B/2021 de 22 de janeiro, n.º3-D/2021, de 29 de janeiro, 3-E/2021, de 12 de fevereiro, e n.º3-F/2021, de 26 de fevereiro) foi determinada a suspensão das atividades educativas, letivas e não letivas dos estabelecimentos de ensino públicos, particulares e cooperativos e do setor social e solidário, de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, entre os dias 22 de janeiro e 5 de fevereiro de 2021, bem como a retoma dessas atividades em regime não presencial, a partir do dia 8 de fevereiro de 2021. Quando foi decretado o reinício das atividades em regime não presencial foi prevista como exceção, sempre que necessário, a prestação presencial dos apoios terapêuticos, bem como o acolhimento nas unidades integradas nos CAA, para os alunos para quem tenham sido mobilizadas medidas adicionais, sendo assegurados, salvaguardando-se as orientações das autoridades de saúde.

Como forma de compensar os 15 dias de suspensão, através do Despacho n.º 1689-A/2021 de 12 de fevereiro de 2021, foi adiada a data de conclusão das atividades educativas e letivas dos estabelecimentos de ensino e alterado o calendário das provas de aferição, de final de ciclo e de equivalência à frequência do ensino básico, dos exames finais nacionais e das provas de equivalência à frequência do ensino secundário. Já em março, através do Decreto-Lei n.º 22-D/2021, foi decretado o cancelamento da realização das provas de aferição do 2.º, 5.º e 8.º anos de escolaridade do ensino básico; das provas finais do ensino básico do 9.º ano de escolaridade e dos exames finais nacionais, quando realizados por alunos internos, para efeitos de aprovação de disciplinas e conclusão do ensino secundário.

O regresso ao ensino presencial ocorreu de forma faseada. As crianças das creches e os alunos do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo regressaram à escola no dia 15 de março, os alunos dos 2º e 3º ciclos voltaram à escola a 5 de abril, enquanto os alunos do ensino secundário e

superior só voltaram a ter aulas presenciais no dia 19 de abril (Decretos n.º 4/2021 de 13 de março, n.º 6/2021 de 3 de abril e n.º 6-A/2021 de 15 de abril).

1.3.2. Ensino a distância

1.3.2.1. O ensino a distância antes da pandemia

O ensino a distância está na ordem do dia, mas a sua implementação, naturalmente, não surgiu como consequência da pandemia. Esta forma de ensino tem vindo a crescer. Já há dez anos Roberts, Crittenden e Crittenden (2011) afirmavam que o ensino a distância estava a crescer significativamente nas duas décadas precedentes.

O ensino a distância, que pode também ser denominado de ensino *online*, ocorre quando durante o processo de ensino e aprendizagem há uma separação física entre professores e alunos e a utilização de tecnologias diversas que facilitam a comunicação remota entre o professor e os alunos e entre os alunos. (Simonson & Berg, 2016).

É genericamente aceite que o ensino a distância é uma realidade que veio para ficar e que se espera que ganhe cada vez mais expressão, por isso, importa aprofundar as suas implicações nos alunos com necessidades educativas específicas e também identificar fatores de resiliência que poderão ajudar os alunos a enfrentar os desafios que dele advirão (Roberts, Crittenden & Crittenden, 2011; Laslo-Roth et al, 2020).

Fazendo uma breve revisão da bibliografia de estudos sobre o ensino *online*, não relacionados com esta pandemia por Covid-19, facilmente nos apercebemos que não existe unanimidade acerca dos benefícios deste tipo de ensino em particular para os alunos com necessidades específicas de educação.

Vários estudos enfatizam as vantagens do ensino a distância que se propõe como um ambiente de aprendizagem promissor para alunos com necessidades específicas. Esta forma de ensino permite diferentes opções para estruturar os materiais de aprendizagem, a redução de fatores de distração, uma aprendizagem diferenciada adaptada ao nível e estilo de aprendizagem de cada um e uma adequação ao ritmo de cada aluno (Jetro, Grace & Thomas, 2012; Young & Donovan, 2020). O ensino a distância proporciona ainda experiências de aprendizagem individualizadas para todos, incluindo os alunos com necessidades específicas, experiências essas que poderão não existir nos seus locais de origem (Jetro, Grace & Thomas, 2012) e também nesta modalidade de ensino crianças com dificuldades em permanecerem sentadas poderão levantar-se sem perturbar os colegas (Young & Donovan, 2020).

Pode-se dizer que as Tecnologias de Informação e Comunicação se adaptam às características de cada pessoa, favorecendo diferentes estilos e ritmos de aprendizagem proporcionando uma maior individualização. Muitas são as páginas web ou aplicações dirigidas especialmente a estes alunos que garantem a usabilidade e acessibilidade. Desta forma, o processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência será mais incentivado pelo uso destes meios digitais (Jiménez, Torres & Cruz, 2020), sendo em alguns casos uma das poucas opções de acesso ao currículo escolar, permitindo a comunicação e facilitando a sua integração social. (Arnaiz, de Haro & Maldonado, 2019, citados por Jiménez, Torres & Cruz, 2020).

Salientamos um estudo, realizado entre 1996 e 2008 (Means, et al., 2009, citado por Jetro, Grace & Thomas, 2012), que na nossa opinião, apesar de ter decorrido há mais de uma década mantém o seu interesse, também pela sua abrangência temporal. Neste estudo concluiu-se que estudantes em ensino a distância tiveram melhores resultados comparativamente a alunos que não tiveram, e que os melhores resultados foram alcançados em sistemas mistos de ensino.

Em contraponto, numa revisão da bibliografia sobre o ensino a distância podemos também encontrar estudos que evidenciam que o ensino a distância pode constituir uma barreira à aprendizagem para alunos com necessidades educativas específicas.

Parker e Banerjee (2007, citados por Laslo-Roth, 2020) concluíram que alunos com deficiências podem encontrar novas barreiras no acesso à educação se não forem capazes de utilizar de forma autónoma as tecnologias de aprendizagem. Com frequência necessitam de ajuda, pelo que a relação entre os professores e os encarregados de educação tem um papel crucial nomeadamente ao nível da comunicação e do envolvimento (Young & Donovan, 2020).

Roberts, Crittenden e Crittenden (2011) num estudo que visava saber se os alunos com deficiência a frequentar cursos *online* estariam satisfeitos com a acessibilidade aos respetivos cursos e aferir a sua capacidade de ter sucesso académico num ambiente de aprendizagem *online*, concluíram que apesar da maioria ter relatado que seus pedidos de acomodação foram atendidos, estes alunos sentem que a sua deficiência têm um impacto negativo na sua capacidade de sucesso em cursos *online*.

Os ambientes de ensino a distância podem representar um desafio significativo para alunos com dificuldades cognitivas severas, ou autismo grave que poderão ter muitas dificuldades em verem as suas necessidades satisfeitas *online*, nomeadamente pelas suas dificuldades de autorregulação e motivação (Young & Donovan, 2020). Também alunos com

perturbação de hiperatividade e déficit de atenção (PHDA) poderão sentir dificuldades acrescidas devido à solicitação de atenção prolongada e também pela dificuldade em definirem metas de forma eficaz e de avaliar e monitorizar o progresso da sua aprendizagem (Ruban et al. 2003, citado por Laslo-Roth, 2020).

Com a tendência de mudança da oferta educacional para a educação *online* e a distância aflora um aspeto que nos parece de grande relevância para os alunos com necessidades educativas específicas que é a maior dificuldade que as escolas e professores poderão sentir no desempenho dos seus papéis na socialização dos alunos e no fornecimento de serviços sociais e especializados (Soudien, 2020).

A compreensão das implicações do ensino a distância em todos os envolvidos no processo educativo e em particular nos alunos com necessidades educativas específicas reveste-se de um carácter de urgência a partir do momento em que no combate à pandemia, uma das medidas mais usadas mundialmente para combater a dispersão da infeção por Covid-19 foi o encerramento das escolas e um conseqüente regime de ensino a distância.

De acordo com dados disponibilizados pela UNESCO (2021) no final de janeiro de 2021, quase um ano após o início da pandemia, mais de 800 milhões de estudantes, o que representa mais de metade da população estudantil mundial, ainda enfrentavam interrupções significativas na sua educação, que iam desde o encerramento de escolas em 31 países até a horários reduzidos noutros 48 países. As escolas estiveram totalmente fechadas por uma média de 14 semanas desde o início da pandemia, este número sobe para 22 semanas (o equivalente a dois terços de um ano letivo) quando se considera o encerramento localizado de escolas. A duração dos encerramentos variou muito de região para região: na América Latina e no Caribe, a média era de até 20 semanas; na Europa, a média era de 10 semanas e, na Oceânia, era de apenas um mês. Os governos fizeram um esforço para minimizar os encerramentos de âmbito nacional – no pico, em abril de 2020, eram 190 países, volvidos cerca de dez meses diminuíram para 30 o número de países favoráveis a encerramentos parciais e/ou locais, estando as escolas totalmente abertas em 101 países.

Até ao momento, no nosso país, experienciamos dois períodos de ensino a distância em dois anos letivos distintos, o primeiro decorreu entre os dias 16 de março e 18 de maio de 2020 e o segundo entre os dias 22 de janeiro e 25 de fevereiro de 2021.

Perante esta realidade, de encerramento abrupto dos estabelecimentos de ensino, as escolas tiveram que se organizar para se adaptar à nova realidade do ensino a distância.

1.3.2.2. O ensino a distância durante a pandemia

Parece-nos importante realçar alguns aspetos que a nosso ver distinguem de forma clara as experiências de ensino a distância ocorridas antes da pandemia das que decorreram em consequência do encerramento abrupto dos estabelecimentos de ensino em resposta à pandemia um pouco por todo o mundo. As circunstâncias em que ocorreu este ensino a distância conferem-lhe contornos únicos.

Este ensino a distância foi uma emergência ditada pela pandemia, implementado de uma forma imediata, com carácter provisório, para preencher a distância física entre a escola e os seus alunos ditada pela suspensão das atividades letivas presenciais. Não se tratou de conceber dispositivos de ensino a distância com o tempo e as especificidades que lhes são devidos, mas sim de montar sistemas de ensino remoto de emergência (CNE, a2021).

Perante esta situação, foram variadas as formas de abranger a maior proporção possível de alunos. As estratégias e soluções foram concebidas e desenhadas à medida de cada país, no entanto é possível perceber traços comuns. Nos vários países, a forma de manter alunos e professores em contacto privilegiou os suportes digitais (disponibilização de conteúdos *online* e aulas em tempo real), com recurso a plataformas *online* tendo estas sido usadas em quase todos os países da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE) fazendo, desta forma, emergir mecanismos de ensino a distância em quase todos eles (OCDE, 2020).

Na falta de equipamentos digitais, foram encontrados meios alternativos, incluindo pacotes de instrução constituídos, por exemplo, por livros e materiais impressos (OCDE, 2020), e também recursos educacionais disponibilizados *online* e emissões de televisão e rádio com conteúdos pedagógicos (CNE, a2021; OCDE, 2020). Em Portugal os meios mais utilizados para contactar os alunos foram as plataformas digitais e o email. O uso de materiais em suporte de papel destinou-se, principalmente, a garantir o contacto com alunos sem computador e/ou acesso à *Internet*, com alunos mais novos (até aos 12 anos) cuja autonomia digital era inexistente ou muito limitada e também a alunos com problemáticas complexas e baixo nível de autonomia (FENPROF, 2020). Neste aspeto, o #EstudoEmCasa foi também considerado uma mais-valia, pois a sua universalidade de acesso, permitiu que mesmo os alunos mais isolados pudessem aceder a conteúdos educativos relevantes que auxiliaram o desenvolvimento das suas aprendizagens em qualquer parte do território nacional (idem).

Esta mudança ocorre num contexto de pandemia com todos os medos e as incertezas inerentes. Professores e alunos, um pouco por todo o mundo, foram obrigados a mudar

abruptamente do ensino presencial para um ensino a distância, muito assente em ambientes virtuais de aprendizagem, reformulando os seus espaços domésticos no sentido de operar uma transformação educativa para a qual poucos estariam preparados (Saraiva & Cruz-Santos, 2021; Jiménez, Torres & Cruz, 2020; European Commission – JRC, 2020; OCDE, 2020). Esta foi uma experiência “ao vivo”, num momento irrepitível que é um verdadeiro teste à resiliência dos sistemas educativos. (CNE, a2021).

O período de ensino a distância evidencia desigualdades e disparidades existentes e poderá mesmo exacerbá-las (Hood 2020, citado por Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020). Estas desigualdades estruturais agudizaram-se entre países, mas também dentro de cada um dos países, sem exceção (CNE, b2021).

Olhando para as dificuldades decorrentes da pandemia, a que se tornou imediatamente evidente, pela sua abrangência, foi a do acesso à tecnologia (CNE, a2021). Nem todos os sistemas educativos estavam tecnologicamente preparadas para garantir o acesso generalizado ao ensino a distância. Verificou-se uma diferença entre os recursos disponíveis e as reais necessidades, nomeadamente no que concerne aos equipamentos e ao acesso à internet necessários para o ensino *online*.

Nos sistemas educativos com maior equidade a diferença entre os recursos digitais existentes nas diversas escolas não é tão marcada pois há uma distribuição mais equitativa dos recursos (CNE, a2021).

O progresso dos alunos não será o mesmo que seria se as escolas estivessem abertas o que poderá ter consequências a longo prazo (European Commission – JRC, 2020). Apesar do esforço e de uma mudança generalizada para o ensino *online* é expectável que as aprendizagens de todos os alunos sofram um retrocesso. No entanto vários estudos versando o impacto do ensino a distância decorrente da emergência social provocada pelo COVID-19 mostram que este teve um efeito desigual entre os alunos (CNE, a2021; European Commission – JRC, 2020; Jiménez, Torres & Cruz, 2020; Maelan et al., 2021;). São as crianças e jovens de famílias de baixos rendimentos e com necessidades específicas de educação quem sofre de forma acrescida quando são privados de oportunidades de aprendizagem presencial, do apoio social e emocional disponível nas escolas e de serviços extras, como alimentação (CNE, a2021).

Para além das desigualdades económicas e das necessidades específicas de educação há outros fatores potenciadores de desigualdades, nomeadamente fatores que se prendem com a falta de apoio familiar, o baixo nível cultural das famílias, dificuldades no acesso a meios

digitais e déficit no suporte académico dado pelas escolas e pelos professores (European Commission – JRC, 2020; Jiménez, Torres & Cruz, 2020).

O encerramento repentino dos estabelecimentos de ensino colocou os professores numa situação exigente, em que num curto espaço de tempo tiveram que se reinventar para responder a este desafio. Tiveram que aprender novas formas de ensinar, novas formas de chegar até aos alunos e ao mesmo tempo tiveram que garantir o seguimento e apoio individualizado a cada aluno de forma remota (Maelan et al., 2021; OCDE, 2020). Os professores portugueses consideram mesmo que o grau de exigência do ensino a distância é muito maior quando comparado com o presencial (FENPROF, 2020).

Os meios digitais têm um enorme potencial (European Commission – JRC, 2020), na medida em que possibilitam a diferenciação do ensino, o respeito pelo ritmo e estilo de aprendizagem individual e a agilização do acompanhamento/tutoria individual para colmatar dificuldades (CNE, a2021; OCDE, 2020). O uso de tecnologia digital no ensino permite uma visão completamente diferente sobre o que aprendem os alunos, como aprendem, onde aprendem e quando aprendem (OCDE, 2020).

Apesar de todas as potencialidades, a tecnologia é tão boa como o uso que lhe é dado e nem todos os professores estavam familiarizados com a utilização dos dispositivos digitais necessários para a concretização do ensino a distância. Os professores portugueses não foram exceção, eram já conhecidas algumas fragilidades nas suas competências digitais (CNE, a2021). A pandemia expôs a enorme necessidade de formação e a disparidade entre escolas (CNE, a2021; OCDE, 2020), o que, como já foi referido, pode constituir um fator de desigualdade (European Commission – JRC, 2020). Verificaram-se constrangimentos relacionados com a utilização pedagógica da tecnologia, ou seja, da adequação dos meios ou dos recursos tecnológicos à consecução dos objetivos de aprendizagem (CNE, a2021). A utilização destas tecnologias carecia de uma preparação que não foi possível face à mudança repentina imposta pela emergência sanitária (European Commission – JRC, 2020).

O ensino a distância a partir de casa assenta na disponibilidade de equipamentos tecnológicos e de ligação à internet que permitam o acesso aos conteúdos disponibilizados *online*, ou mesmo através da televisão ou rádio (Jiménez, Torres e Cruz, 2020; OCDE, 2020) e nem todas as crianças têm esta disponibilidade devido a problemas económicos (Petretto, Masala & Masala, 2020). Estas crianças ficaram em desvantagem, enfrentando por isso um desafio acrescido face aos seus colegas (CNE, a2021).

No caso português, uma larga percentagem da população utiliza a *internet*, o que também indicia a utilização de dispositivos digitais. Segundo dados de 2019, disponibilizados pelo

Instituto Nacional de Estatística, mais de 80% da população portuguesa tem acesso à internet em casa, sendo que em famílias com crianças até aos 15 anos esta percentagem sobe para perto de 95% (INE, 2019). Por outro lado há também em Portugal uma elevada percentagem de alunos com acesso a um computador e a um local adequado para estudar, no entanto estas condições só por si não asseguram uma utilização eficaz dos recursos para a aprendizagem (CNE, a2021).

Jiménez, Torres e Cruz (2020) afirmam que neste novo cenário educativo, no qual a comunidade educativa está imersa, devem ser tidos em consideração as competências das famílias (digital e cultural) e a situação pessoal e familiar dos alunos.

A necessidade de as famílias terem um papel mais ativo no apoio aos seus filhos nas atividades escolares veio expor desigualdades nomeadamente económicas e culturais, que a escola, em condições normais, de alguma forma consegue identificar e procura atenuar quando providencia meios e apoios aos menos favorecidos (CNE, a2021).

Uma ampla gama de estudos indica que a capacidade dos pais em apoiar os seus filhos nas tarefas escolares tem um impacto no seu desempenho escolar (Hill & Tyson 2009, Jeynes 2007 citados por Jiménez, Torres & Cruz, 2020).

Muitos pais não estavam preparados para a mudança abrupta para o ensino a distância a partir de casa. Em famílias de nível socioeconómico mais baixo as crianças têm maior probabilidade de serem expostas a um ambiente familiar stressante, de os pais não possuírem habilidades digitais básicas e isso ser extensível a eles próprios (European Commission – JRC, 2020).

O enorme suporte familiar que o ensino a distância exige, é mais premente nos alunos mais novos, tanto para a aprendizagem como para o apoio no uso das tecnologias e plataformas de aprendizagem (Petretto, Masala & Masala, 2020). Os professores portugueses referem que os alunos até aos 12 anos apresentaram falta de autonomia na utilização dos recursos de ensino a distância, o que criou dificuldades acrescidas pois necessitavam da presença de um adulto para fazer o acompanhamento das atividades e a mediação entre o aluno e o professor (FENPROF, 2020).

Nem todas as famílias conseguiram proporcionar condições adequadas para a aprendizagem durante o ensino a distância. Em alguns casos tinham que apoiar os seus filhos estando elas próprias em teletrabalho (CNE, a2021); Maelan et al., 2021), noutros casos, vários elementos da família tiveram que partilhar o mesmo espaço e os dispositivos tecnológicos, tornando ainda mais difícil o apoio por parte das famílias (European Commission – JRC, 2020; CNE, a2021).

O ensino a distância poderá ter levado a um menor dispêndio de tempo nas aprendizagens (European Commission – JRC, 2020), alunos com falta de resiliência e com dificuldades em estudarem sozinhos ficaram em desvantagem (OCDE, 2020) e alunos com desempenhos académicos mais baixos reduziram o esforço e a autoeficácia. Estas situações podem ser difíceis de reverter quando as escolas forem reabertas (Maelan et al., 2021). Este período de ensino a distância afetou adversamente os alunos de maneiras diferentes e pode levar a uma lacuna maior entre os alunos de alto e baixo desempenho (idem).

Numa sondagem sobre a perceção da população portuguesa acerca dos impactos da pandemia, referida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE, a2021) os pais e mães inquiridos consideram que o rendimento escolar dos seus filhos piorou durante o período sem aulas presenciais, mas apenas metade, disse ter apoiado mais ou muito mais os seus filhos durante o período de aulas a distância.

A interação entre os alunos nas escolas é muito benéfica e por isso o afastamento resultante do encerramento dos estabelecimentos escolares afetou-os negativamente, não obstante do facto de as plataformas digitais oferecem oportunidades de socialização (European Commission – JRC, 2020).

Os alunos preferem o ensino na escola regular comparativamente ao ensino em casa (Maelan et al., 2021). Alguns alunos no período de confinamento sentiram mais *stress*, ansiedade (European Commission – JRC, 2020) e passaram por uma fase de solidão em resultado da falta de interação presencial e do isolamento (CNE, a2021).

O bem-estar das crianças e dos jovens durante o ensino a distância deve ser uma preocupação. É, por isso, fundamental acautelar aquando da reabertura das escolas o reatamento das interações pessoais e o restabelecimento da confiança dos alunos nas suas capacidades (CNE, a2021).

Olhando em particular para a realidade portuguesa, destacamos as principais conclusões de um estudo desenvolvido pelo Conselho Nacional de Educação, através de questionários a professores com funções de coordenação e a diretores de agrupamentos, após o primeiro período de confinamento (CNE, a2021). A implementação do ensino a distância foi dificultada pela carência de equipamentos digitais e de uma ligação à internet de qualidade. Este foi um problema transversal, mas que afetou de forma desigual escolas, alunos e famílias. As escolas mais afetadas pela falta de recursos digitais dos alunos e das famílias foram as escolas de menor dimensão, no que respeita ao número de alunos, as que integravam mais alunos provenientes de contextos desfavorecidos, as que tinham mais alunos com

necessidades educativas específicas e as que tinham mais alunos a frequentar Português Língua Não Materna.

Outra dificuldade apontada foi a falta de formação adequada dos professores, alunos e famílias para a utilização de recursos digitais. De forma a mitigar esta dificuldade muitas escolas organizaram sessões de formação específicas para cada um destes grupos, vocacionadas quer para o ensino a distância, quer para a utilização e criação de recursos educativos digitais.

O encerramento das escolas fez emergir desigualdades sociais e mostrou que as escolas para além de locais de aprendizagem são também um refúgio que tenta contrariar situações de pobreza e de falta de segurança a que muitas crianças e jovens estão expostos. Durante este período as escolas portuguesas desenvolveram ações muitas vezes em parcerias com a comunidade, para continuar a garantir o ensino e o apoio aos alunos, nomeadamente, assegurando a abertura de algumas escolas a alunos cujas profissões dos pais eram consideradas prioritárias, o fornecimento de refeições, a cedência de equipamento informático e o apoio na deteção de sinais de violência doméstica, outros abusos e negligência.

O ensino a distância fez ressurgir uma reflexão relacionada com a avaliação das aprendizagens e reavivou o debate sobre novas formas de ensinar e de adequar o ensino aos diversos tipos de aprendizagem dos alunos. Nesta fase os professores utilizaram uma grande diversidade de recursos digitais e não digitais, tiraram partido dos recursos disponibilizados através do #EstudoEmCasa. Em relação a este último recurso, os professores realçaram a sua importância na diminuição das desigualdades de acesso. O ensino a distância evidenciou o contributo das tecnologias na transformação das práticas educativas.

Durante o ensino a distância foi difícil o cumprimento dos programas, muitos professores optaram por dar prioridade às Aprendizagens Essenciais. Praticamente metade dos docentes considera que o ensino a distância não comprometeu as aprendizagens e que a maioria dos alunos cumpriu com regularidade as tarefas que lhes foram solicitadas.

As sessões síncronas revelaram-se eficazes nomeadamente para esclarecer dúvidas, questionar e dar *feedback*, explicar e clarificar conteúdos, para apresentar e sistematizar conteúdos. Para alguns as sessões síncronas foram importantes para a discussão e apresentação oral de trabalhos pelos alunos, para promover a interação e a socialização dos alunos ou a argumentação e o debate. Cerca de metade dos docentes desenvolveu mecanismos de *feedback* com facilidade, no entanto o trabalho autónomo suscitou mais dificuldades, especialmente com as crianças mais novas. Poucos professores seguiram abordagens

metodológicas em que o papel dos alunos na aprendizagem é central e tendencialmente não seguiram estratégias que implicassem a interação dos alunos.

Os professores trabalharam de forma colaborativa, partilharam materiais e encontraram apoio técnico junto dos colegas, de forma a ajudarem-se mutuamente a ultrapassar obstáculos, o que determinou um reforço da cooperação interna.

Por fim, é referido que a relação entre a escola, a família e a comunidade saiu valorizada com esta experiência de ensino a distância, o que se traduziu numa maior valorização pública da escola.

É também muito interessante perceber o impacto do encerramento dos estabelecimentos de ensino em Portugal segundo a perspetiva dos pais e dos alunos. O Conselho Nacional de Educação (CNE, a2021) fez uma compilação, que consideramos pertinente, de alguns dos dados disponíveis aquando do primeiro período de ensino a distância no nosso país.

O confinamento provocou em muitos alunos apatia, ansiedade, isolamento e agitação, sendo que a ansiedade decorreu sobretudo do desejo de regressar à escola.

Os alunos declararam preferir o ensino presencial por causa do afastamento dos amigos e colegas imposto pelo ensino a distância, no entanto, apontaram alguns aspetos positivos desta modalidade de ensino, nomeadamente a diminuição dos episódios de *bullying*, a maior autonomia e a proximidade com os professores.

Os meios do ensino a distância que envolvem um maior nível de interação, acompanhamento e *feedback*, por exemplo tirar dúvidas com o professor, aulas síncronas através de plataformas de ensino a distância e grupos de discussão, foram os mais valorizados pelos alunos. Por outro lado, desvalorizam as opções que implicam níveis mais baixos de interação, por exemplo vídeo-aulas sem interação. Os alunos referiram também a falta de interesse e motivação que por vezes sentem nas aulas síncronas e por isso na sua opinião as dinâmicas destas aulas deveriam ser alteradas de forma a serem mais apelativas. As principais dificuldades apontadas no ensino a distância foram a compreensão dos conteúdos trabalhados, a gestão do tempo também devido à grande quantidade de trabalhos solicitados/matéria lecionada. Outro aspeto referido foram os exames nacionais, para os quais grande parte dos alunos afirmou não se sentir bem preparado.

Em relação às perceções dos pais em relação ao ensino a distância sobressai a perceção de uma boa comunicação entre alunos e professores, no entanto os pais referem que um problema que já existia se manteve, a escassez dos contactos entre os professores e as famílias.

As principais preocupações manifestadas pelos pais estão relacionadas com aspetos pedagógicos, com défices de aprendizagem e com a saúde emocional e psicológica dos seus educandos. Os pais referem também dificuldades no acompanhamento dos filhos.

Apesar de todas as limitações que são apontadas ao ensino a distância a sua utilização foi fundamental para assegurar a continuidade da aprendizagem durante o encerramento dos estabelecimentos de ensino (European Commission – JRC, 2020; M. OCDE, 2020).

A todas estas questões somam-se as dificuldades que alguns dos nossos alunos, pelas suas características específicas têm em seguir o ritmo da aula, ou seguir o seu plano de trabalho individualizado sem a presença do seu professor especializado, contando apenas com os recursos tecnológicos como único meio de comunicação (Jiménez, Torres e Cruz, 2020). O impacto do ensino a distância nos alunos com necessidades educativas específicas é uma questão muito importante que importa analisar com detalhe.

1.3.2.3. Inclusão no ensino a distância durante a pandemia dos alunos com necessidades específicas de educação

A transição para o ensino a distância é uma situação extraordinária para professores, pais e alunos que levanta muitas preocupações sobre a inclusão de crianças mais vulneráveis como são os alunos com necessidades educativas específicas. Sabendo os desafios que estas crianças já enfrentam na inclusão e na aprendizagem escolar, esta situação nova aumenta a preocupação de deixá-los ainda mais para trás (Mbazzi, et al., 2021).

Vários estudos abordaram diretamente o impacto do ensino a distância em alunos com necessidades específicas de educação. Uma leitura atenta destes estudos permite perceber que genericamente os alunos com necessidades educativas específicas sofreram impactos negativos tal como os seus colegas mas de forma agravada devido às suas limitações acrescidas (Mbazzi, et al, 2021; Petretto, Masala & Masala, 2020; Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020; Laslo-Roth et al., 2020; Maelan et al., 2021; FENPROF, 2020).

A resposta não farmacológica à COVID-19 teve um impacto marcante sobre a saúde, educação, situação económica e psicossocial das crianças com deficiências e das suas famílias (Mbazzi, et al, 2021). Nesta fase de ensino a distância a escola deveria reafirmar-se e converter-se efetivamente num fator decisivo de inclusão (CNE, b2021).

Os alunos com necessidades específicas de educação encontram-se entre os que têm maior probabilidade de sofrer com o encerramento das escolas e mesmo que sejam apoiados *online* de forma personalizada, o facto de a interação ser mediada por tecnologia tende a

reduzir a sua eficácia (European Commission – JRC, 2020). No entanto as tecnologias digitais podem ser usadas para melhorar a comunicação, permitir a mobilidade e aumentar a participação, constituindo uma ferramenta importante para melhorar a aprendizagem de alunos com deficiências específicas (idem).

E também é necessário levar em consideração todas as características do perfil neuropsicológico, cognitivo e emocional de cada uma destas crianças no planeamento e no decorrer da aula, o que não é muito simples no “ensino a distância” (Petretto, Masala & Masala, 2020). A produção de materiais de aprendizagem e a planificação das aulas segundo o "Desenho Universal para Aprendizagem" pode ser uma forma de aumentar a inclusividade do "ensino a distância” (idem).

O sucesso do ensino a distância, sobretudo nos alunos com deficiência, é fortemente condicionada por dois fatores, a acessibilidade técnica e a acessibilidade pedagógica (Saraiva & Cruz-Santos, 2021), ou seja, é fundamental o acesso tanto aos meios técnicos como o acesso aos conteúdos.

Nem sempre é uma tarefa fácil o acesso a ferramentas e materiais de aprendizagem adequados para estes alunos (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020) o que durante este ensino a distância constituiu muitas vezes uma barreira à sua aprendizagem (ONU, 2020).

Saraiva e Cruz-Santos (2021) realizaram um estudo com alunos portugueses com perdas sensoriais, nomeadamente visão e audição, para perceber de que forma estes alunos acompanharam as aulas transmitidas pela televisão. Estes autores concluíram que cerca de um terço dos alunos com deficiência visual não perceberam parte dos conteúdos especialmente quando a informação era apresentada com recurso a pistas visuais, por exemplo, a imagens e gráficos, sendo que não existia forma de terem acesso a uma descrição das mesmas. Quanto aos alunos com deficiência auditiva uma das barreiras apontadas foi o reduzido espaço ocupado pelo intérprete no écran, que poderia ser ultrapassada pelo aumento do quadrado televisivo ou até pela presença em estúdio do intérprete ao lado do professor.

As crianças com necessidades educativas específicas poderão precisar de ajuda extra durante todas as fases de aprendizagem, de adaptações na avaliação e também nas várias tarefas de aprendizagem e ainda poderão necessitar de materiais e plataformas de aprendizagem acessíveis (Petretto, Masala & Masala, 2020).

O *feedback* e o apoio dos seus professores são importantes para todos os alunos. No entanto, as instruções extra do professor e a capacidade de pedir ajuda parecem ser especialmente importante para alunos com problemas de aprendizagem (Boer & Kuijper, 2020; Maelan et al., 2021).

Alguns professores afirmaram que os alunos com necessidades educativas específicas contribuíram menos ativamente na sua aprendizagem comparativamente ao que fariam presencialmente na escola e que por isso regressaram em casa (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020).

Durante o ensino a distância, foi um desafio para os professores fazerem com que os alunos com necessidades específicas de educação concluíssem o seu trabalho e aceitassem que o ensino em casa era uma forma legítima de educação (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020). Quando questionados sobre o ensino em casa, a maioria dos pais de crianças com deficiência no Uganda, referiram que os seus filhos não conseguiam concentrar-se bem durante as aulas transmitidas pela TV e pelo rádio por não estarem habituados a este método de aprendizagem (Mbazzi, et al., 2021).

Para além do apoio prestado pelos professores de educação especial, muitos dos alunos com necessidades específicas de educação necessitam do apoio de outros profissionais, no entanto o confinamento limita este tipo de contacto profissional (Petretto, Masala & Masala, 2020). Os técnicos especializados são um recurso de enorme valor para o objetivo da promoção do sucesso e da inclusão, particularmente (mas não só) para as crianças e para os jovens que ficaram mais expostos às consequências nefastas da pandemia (CNE, 2021).

Mesmo que o professor preste muita atenção às suas necessidades, na modalidade de ensino a distância não é muito simples para o professor ter uma consciência clara das necessidades dos seus alunos a cada momento, e grande parte do fardo é colocado nos membros da família (pais, avós, irmãos mais velhos) (Petretto, Masala & Masala, 2020).

Para os pais dos alunos com necessidades educativas específicas o ensino a distância significou um acréscimo de pressão na gestão das suas necessidades educacionais e sociais (Fontanesi et al. 2020, citado por Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020) e em muitos casos sofrimento emocional devido à dificuldade em apoiarem os seus filhos no ensino a distância (Mbazzi, et al, 2021; Petretto, Masala & Masala, 2020). O envolvimento e o apoio dos alunos e das suas famílias no processo de adaptação ao ensino a distância é um dos fatores fundamentais para o sucesso das estratégias de aprendizagem implementadas (European Commission – JRC, 2020).

Com o passar do tempo alguns alunos começaram também a evidenciar uma redução na motivação (Mbazzi, et al., 2021). Muitas destas crianças referiram que sentiam falta da estruturação que tinham na escola de forma presencial ao nível dos horários e das aprendizagens (Mbazzi, et al., 2021; Laslo-Roth et al., 2020).

A pandemia COVID-19 pode ter servido para exacerbar os fatores de stress que são enfrentados por alunos com necessidades educativas específicas, nomeadamente a ansiedade em torno do confinamento repentino, o aumento da tensão sobre a imprevisibilidade do futuro (Fontanesi et al. 2020, citado por Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020).

A redução das atividades e oportunidades de interação entre pares colocaram os alunos com necessidades educativas específicas em maior risco de isolamento (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020) e com maiores níveis de solidão (Laslo-Roth et al., 2020).

O impacto do isolamento para alunos com deficiência pode ser ainda mais pronunciado porque estes alunos são uma população de maior risco médico e social (Berger et al. 2020, citado por Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020). Durante os períodos de ensino a distância os relacionamentos entre pares foram particularmente afetados, estes alunos sentiram falta dos seus amigos da escola (Mbazzi, et al, 2021; Laslo-Roth et al., 2020).

Diretamente relacionado com o contexto português importa referir os resultados de um questionário, realizado pela Federação Nacional de Professores (FENPROF, 2020). Mais de três quartos dos docentes inquiridos afirmaram ter nas suas turmas alunos que necessitam de medidas seletivas e/ou adicionais e maioritariamente consideram adequadas as medidas aplicadas, no entanto, quase metade dos professores desconhece as medidas que terão sido adotadas. Os autores deste estudo sugerem que este facto se deverá a uma quebra de contacto entre os docentes das turmas e os de educação especial aquando do encerramento das escolas que levou a um envolvimento, na maior parte dos casos por sua própria iniciativa, na aprendizagem do trabalho em meio digital e na procura de métodos de ensino adequados a esse novo contexto. Outro aspeto que nos parece muito relevante, que ressalta deste estudo, é a opinião de grande parte dos inquiridos que os alunos com necessidades educativas específicas, na modalidade de E@D, são ainda mais discriminados.

Em todas as fases desta crise epidémica, as estratégias de mitigação do COVID-19 devem ser inclusivas para todas as crianças, incluindo obviamente as crianças com necessidades educativas específicas, visando promover a aprendizagem, o desenvolvimento, o bem-estar, prevenir o agravamento das dificuldades de aprendizagem e os riscos de aumento das disparidades e consequências psicológicas negativas (Lancker & Parolin, 2020; Armitage & Nellums, 2020; Golberstein, Wen & Miller, 2020, citados por Petretto, Masala & Masala, 2020).

Se a educação em casa ocorrer no futuro de forma generalizada, os professores devem estar conscientes da importância da comunicação para alunos com necessidades educativas específicas. Eles muitas vezes têm complexidades adicionais que tornam a comunicação ainda

mais significativa durante períodos stressantes, sendo a comunicação direta via telefone uma forma de comunicação a utilizar especialmente nos casos em que a utilização de plataformas mais complexas para comunicação careçam de mais exploração (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020). É fundamental tentar clarificar expectativas e dar o *feedback*, sendo de grande importância o *feedback* oral (Maelan et al., 2021).

Outro aspeto muito relevante é que os professores planeiem e apoiem a continuidade da ligação entre pares (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020) de forma a manter os relacionamentos de apoio (Maelan et al., 2021). No planeamento de futuras intervenções é necessário considerar tanto fatores pessoais (esperança) como interpessoais (suporte sentido) pois estes são mecanismos para lidar com sentimentos de solidão (Laslo-Roth et al., 2020).

A manutenção dos relacionamentos de apoio pode ser alcançada usando as plataformas existentes que muitas crianças já usam. No entanto, é necessário lembrar que muitos alunos com necessidades educativas específicas irão requer assistência para fazer conversas entre pares.

Para que os alunos não corram o risco de não receberem o apoio de serviço especializado, nomeadamente terapias, de que necessitem devido à separação entre escola e casa, os professores devem considerar mecanismos alternativos para garantir a ligação e colaboração com especialistas (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020).

Parece-nos fundamental, no regresso à escola dar grande atenção às crianças com necessidades educativas específicas e às suas famílias ao implementar respostas atenuantes e de longo prazo.

Para Young e Donovan (2020) o desafio para os professores será refletir sobre esta experiência e perceber como poderão incluir mais a modalidade *online* para os seus alunos mesmo depois do regresso às escolas. Estes autores acreditam que o ensino será diferente e que a educação especial será possível num ambiente virtual a distância.

Capítulo II- Metodologia

2.1. Questão de partida

O encerramento repentino das escolas e a conseqüente suspensão das atividades letivas e não letivas presenciais em todos os níveis de ensino colocaram a escola, e todos os envolvidos, mergulhados numa realidade completamente nova e repleta de incertezas. Se facilmente verificamos que existem dificuldades em trabalhar a distância com a generalidade dos alunos, estas ganham uma dimensão maior quando se trata de alunos que necessitam da mobilização de medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão.

Neste contexto, emergiu a nossa questão de partida: Que respostas educativas foram dadas pela educação especial, durante a pandemia, na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais?

Na concretização desta etapa, tivemos em atenção as recomendações de Quivy e Campenhout (2005) quando alertam o investigador que “despachar rapidamente esta etapa seria o seu primeiro erro, e o mais caro, pois nenhum trabalho pode ser bem-sucedido se formos incapazes de decidir à partida e com clareza, mesmo que provisoriamente, aquilo que desejamos conhecer melhor” (p. 42). Segundo estes autores uma pergunta de partida bem formulada é um guia na fase inicial da investigação que confere uma enorme vantagem para o seu sucesso.

2.2. Objetivos de investigação

O objetivo de uma investigação deverá definir a população alvo e orientar a investigação, de forma a deixar claro o que se pretende perceber (Freixo, 2011).

A preocupação descrita na questão de partida e a convicção que o conhecimento aprofundado da realidade permitirão idealizar e implementação de estratégias de intervenção futuras mais eficazes, levou-nos a definir como objetivo geral para este estudo: Conhecer a resposta educativa no âmbito da educação especial, num Agrupamento de escolas do Algarve, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais.

Tendo em vista a concretização deste objetivo formulamos os seguintes objetivos específicos:

i) Conhecer a (re)organização da educação especial, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem;

ii) Compreender de que forma a inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem foi acautelada durante o período de confinamento/pandemia;

iii) Identificar e caracterizar as práticas educativas junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem;

iv) Entender como se concretizaram as terapias durante o período de confinamento/pandemia;

v) Perceber como decorreu a relação dos encarregados de educação dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem e a escola na modalidade de ensino a distância;

vi) Conhecer as perceções de professores de educação especial, técnicos especializados e encarregados de educação sobre a aplicação do ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem;

vii) Identificar dificuldades/barreiras ao processo inclusivo no ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem;

viii) Identificar estratégias promotoras da inclusão educativa na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem.

2.3. Procedimentos metodológicos

2.3.1. Natureza do estudo

A investigação em ciências sociais pretende conhecer uma realidade social, assim devem ser selecionadas metodologias que nos proporcionem a obtenção de respostas/informação sobre um objeto de estudo.

Tendo em vista a questão de partida, a consecução dos objetivos e a forma como foi desenvolvido, este estudo enquadra-se num paradigma qualitativo, sendo um estudo exploratório, na forma de estudo de caso centrado num agrupamento de escolas na região do Algarve.

A abordagem qualitativa afigurou-se como a melhor opção uma vez que privilegia a recolha de dados sobre o conhecimento do que os sujeitos dizem e fazem, procurando penetrar no mundo pessoal dos sujeitos numa perspetiva interpretativa do contexto situacional

das suas vivências (Coutinho, 2020). É um estudo orientado para o processo e não para os resultados, interessado na compreensão dos fenómenos numa perspetiva intensiva e holística dos mesmos, ou seja, pretende estudar as perceções que os sujeitos têm de um determinado objeto de investigação. É uma abordagem que, segundo Sampieri (2006) “preocupa-se em captar experiências na linguagem dos próprios indivíduos e estuda ambientes naturais” (p. 20).

Assente no propósito de compreensão dos fenómenos em estudo dentro do contexto em que têm lugar, a investigação qualitativa conduz a uma descoberta e exploração do foco do problema à medida que a investigação avança e que o investigador identifica os temas e padrões relevantes. No entanto, a abordagem qualitativa encerra em si também algumas fragilidades. Um dos aspetos mais críticos prende-se com a imprecisão dos dados que só pode ser minimizada através de uma referenciação permanente dos discursos em bruto (Eisner, 1996, citado em Mota & Castro, 2009).

Trata-se também de um estudo exploratório, pois os assuntos aqui abordados correspondem a uma situação sem precedentes sobre a qual existem poucas informações e tal como referem Boente e Braga (2004, citado por Dafolvo, Lana & Silveira, 2008) nos estudos de natureza exploratória, o investigador visa explorar um tema que ainda não se encontra na literatura científica.

No nosso estudo importa conhecer a fundo e em detalhe a realidade de um Agrupamento de escolas do Algarve, pelo que se trata de um estudo de caso, pois tal como refere Yin (2003) pretendemos investigar e assim conhecer um fenómeno contemporâneo em profundidade no seu contexto real. Como notam Pardal e Correia (1995) o estudo de caso é um modelo de análise intensiva de uma situação particular (caso). Para estes autores, o estudo de caso é um modelo “flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização” (p.25).

As opções tomadas neste estudo de recolha de dados, nomeadamente os procedimentos, técnicas e instrumentos serão desenvolvidos mais adiante.

2.3.2 Contexto de realização do estudo

2.3.2.1. Caracterização do Agrupamento

O nosso estudo foi desenvolvido num Agrupamento de escolas localizado na zona litoral da região do Algarve. Do ponto de vista socioeconómico, o Agrupamento integra alunos de estratos sociais diferenciados, sendo significativa a proveniência de famílias com baixos

recursos e/ou baixa escolaridade. No ano letivo 2019/2020, pouco mais de 10% dos encarregados de educação possuíam licenciatura ou bacharelato e cerca de 45% dos alunos foram apoiados pela Ação Social Escolar (ASE). Trata-se de um Agrupamento que desde 2009, constitui um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP).

Este Agrupamento é constituído por quatro estabelecimentos escolares, uma Escola Básica de 2.º e 3.º ciclo (sede de Agrupamento) situada no limite da zona urbana que abrange um público escolar bastante heterogéneo, duas Escolas Básicas de 1.º ciclo com Jardim de Infância, uma delas situada na periferia da cidade numa zona carenciada com problemas socioeconómicos e culturais diversificados e frequentes e outra numa zona central da cidade, num meio socioeconómico e cultural bastante heterogéneo e, por fim, uma Escola Básica de 1.º ciclo de pequena dimensão situada numa zona rural. No ano letivo de 2019/2020 encontravam-se a frequentar o Agrupamento um total de 1096 alunos, sendo 170 da Educação Pré-Escolar, 423 do 1.º ciclo, 205 do 2.º ciclo e 298 do 3.º ciclo.

Destes alunos, cerca de 8% encontravam-se a usufruir de medidas seletivas (29 no 1.º ciclo, 22 no 2.º ciclo e 20 no 3.º ciclo) e cerca de 2% usufruíram de medidas adicionais (9 no 1.º ciclo, 4 no 2.º ciclo e 3 no 3.º ciclo). No ano letivo seguinte (2020/2021) no qual se verificou o segundo período de ensino a distância frequentavam este Agrupamento 87 alunos a usufruir de medidas seletivas (36 no 1.º ciclo, 20 no 2.º ciclo e 31 no 3.º ciclo) e 22 alunos a usufruir de medidas adicionais (14 no 1.º ciclo, 2 no 2.º ciclo e 6 no 3.º ciclo).

Os alunos deste Agrupamento a usufruir de medidas seletivas apresentam um conjunto muito diverso de problemáticas, nomeadamente: perturbação do espectro do autismo, dislexia, hiperatividade com défice de atenção, perturbação no desenvolvimento intelectual, perturbação do comportamento e paralisia cerebral. Os alunos a usufruir de medidas adicionais apresentam perturbações do espectro do autismo, perturbações graves no desenvolvimento intelectual e paralisia cerebral.

2.3.2.2. Caracterização dos participantes

População, como refere Tuckman (2002, p.338) “é o grupo sobre o qual o investigador tem interesse em recolher informação e em extrair conclusões”. No presente estudo a população alvo é constituída pelos professores de Educação Especial, pelo representante da Direção na EMAEI, pelos técnicos especializados e pelos encarregados de educação dos alunos abrangidos por medidas seletivas e/ou adicionais de apoio à aprendizagem e à inclusão, sendo que todos devem cumprir a condição de terem vivenciado as duas

experiências de ensino a distância no Agrupamento (apenas um participante é exceção a esta condição, que será identificado e justificado mais adiante). Esta premissa foi adicionada no decorrer do estudo porque entendemos enriquecedor a recolha de dados comparativos que se proporcionou com o decreto de um segundo período de ensino a distância imediatamente antes do início dos contactos para a recolha de dados.

No que diz respeito aos professores de educação especial, aos técnicos especializados e ao representante da Direção na EMAEI, os elementos que participaram neste estudo correspondem à totalidade de elementos nas condições pretendidas pois, tal como refere Fortin (2009), quando a dimensão da população é muito pequena, deve-se trabalhar com todos os elementos.

No entanto, pelo seu elevado número, este critério não pôde ser estendido aos encarregados de educação, pelo que foi selecionada uma amostra, pois tal como referem Quivy e Campenhoudt (2005), após a delimitação da população nem sempre é possível ou sequer útil analisar a totalidade da população tornando-se necessário recorrer a técnicas de amostragem.

Os encarregados de educação que participaram neste estudo foram selecionados de forma a incluir educandos a usufruir de medidas adicionais e seletivas e também abranger diferentes ciclos de ensino. Como os critérios de seleção decorreram dos objetivos do estudo e de conveniência pela disponibilidade que revelaram para participar no estudo, pela classificação de Freixo (2011), a amostra de encarregados de educação selecionada é não probabilística intencional. Este tipo de amostragem, também denominada de amostragem por conveniência por alguns autores, apresenta as vantagens de ser rápida e fácil, no entanto apresenta como desvantagem o facto de os resultados e as conclusões só se aplicarem à amostra não podendo, com segurança, ser generalizados à população, por não haver garantia de representatividade (Gall, Gall & Borg, 2007).

Pelo descrito consideramos que os participantes neste estudo permitem a recolha de dados necessários à consecução dos objetivos estabelecidos.

Participaram neste estudo seis professores de educação especial, três técnicos especializados, cinco encarregados de educação e o elemento representante da Direção da EMAEI.

Os professores de educação especial que participaram estavam todos colocados neste Agrupamento nos dois anos letivos em que decorreram os períodos de ensino a distância. Dos seis professores, apenas um é do sexo masculino e têm idades que variam entre os 44 e os 59 anos, sendo a média de idades de 49 anos. Apresentam formações base muito diversas:

Licenciatura em Biologia Geologia, em Físico-química, em Filosofia, Educação de Infância e dois têm habilitações para lecionar as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Relativamente ao tempo de serviço, estes professores têm em média 21 anos de serviço, variando entre 17 e 24 anos. Relativamente à experiência profissional no grupo de educação especial, estes professores têm em média 6 anos de experiência, variando entre 3 e 10 anos.

Foram entrevistadas três técnicas especializadas, uma fisioterapeuta, uma psicóloga e uma terapeuta da fala, com 29, 37 e 38 anos de idade respetivamente. O tempo de experiência profissional é bastante distinto, sendo 5, 15 e 7 anos, dos quais decorridos em ambiente escolar, são respetivamente 5, 3 e 2 anos. A terapeuta da fala e a fisioterapeuta exerceram funções neste Agrupamento durante os dois períodos de ensino a distância, no entanto, o mesmo não sucedeu com a Psicóloga que foi colocada apenas no ano letivo que incluiu o período de ensino a distância mais recente. Perante esta situação foi nossa decisão fazer a entrevista a esta técnica especializada pois, apesar de não ser possível fazer uma comparação entre os dois períodos de ensino a distância, consideramos fundamental o seu contributo para perceber como foi o atendimento no âmbito da sua terapia.

A representante da Direção na EMAEI, a desempenhar esta função durante os dois períodos de ensino a distância, tem uma formação inicial em Educação de infância, tem 49 anos de idade e 27 anos de tempo de serviço, dos quais 23 anos na educação especial.

Participaram ainda 5 encarregadas de educação que correspondem às mães de alunos a usufruir de medidas educativas seletivas e/ou adicionais neste Agrupamento durante os dois períodos de ensino a distância. As idades das encarregadas de educação variam entre os 40 e os 56 anos, sendo a média 47 anos. No que respeita às suas habilitações literárias uma das mães é licenciada, duas concluíram o 9.º ano de escolaridade, uma, o 12.º ano e outra concluiu o 8.º ano. Relativamente à profissão, duas encarregadas de educação têm empregos por conta de outrem (uma destas está a usufruir de uma licença prolongada para assistência ao filho), uma está desempregada, uma trabalha por conta própria e outra é professora de 1.º ciclo. No que concerne aos seus educandos, o mais novo tem 9 anos e o mais velho 16, sendo a média de idades 12 anos. Todos estão a usufruir de terapias na escola. Dois destes alunos estão no 1.º ciclo e três no 3.º ciclo. Quatro destes alunos têm autismo e um apresenta défice cognitivo. No que se refere às medidas educativas previstas pelo Decreto-Lei n.º54/2018, três deles usufruem de medidas adicionais e dois encontram-se abrangidos por medidas seletivas.

2.3.3. Recolha dos dados: técnicas de recolha dos dados

A recolha de dados pode ser realizada de diversas formas. Na opinião de Fortin (2009) cabe ao investigador determinar o tipo de instrumentos de recolha que melhor convêm ao estudo, às suas questões de investigação e aos seus objetivos. Para esta autora o processo de recolha de dados consiste em colher de uma forma sistemática a informação desejada junto dos participantes.

Considerando os objetivos estabelecidos e depois de analisar as vantagens e desvantagens de diferentes técnicas de recolha de dados selecionaram-se para este estudo as técnicas de inquérito por entrevista e também análise de documentos.

O plano inicial para a recolha de dados contemplava a realização de entrevistas a professores de educação especial, técnicos especializados e à representante da Direção na EMAEI e um grupo focal com encarregados de educação.

Um grupo focal consiste numa entrevista feita em grupo. Este método partilha os aspetos positivos das entrevistas e ainda proporciona uma interação entre os participantes que só por si constitui uma fonte importante de informação (Coutinho 2020) levando ao surgimento de novas ideias (Bogdan & Biklen, 1994). Estas vantagens justificam a nossa escolha para recolher os dados junto dos encarregados de educação, no entanto a sua realização não foi possível. Por razões relacionadas com disponibilidade de tempo e também dificuldades na utilização de plataformas de conversação, mesmo após várias tentativas, não foi possível conciliar a sua presença em simultâneo e utilizando a mesma plataforma. Perante esta situação a forma de recolha de dados junto dos Encarregados de Educação foi alterada para entrevistas individuais.

As técnicas de inquérito (questionário e entrevista) encontram-se bastante difundidas na pesquisa em educação quando se pretende recolher dados sobre experiências pessoais, opiniões, interesse e gostos (Gall, Borg & Gall, 2007).

2.3.3.1. Entrevista semiestruturada

De acordo com Coutinho (2020), em Ciências Sociais e Humanas a entrevista surge associada a planos investigativos de cariz qualitativo, pretendendo recolher informação detalhada e profunda sobre um determinado tema, devendo por isso ser aplicada criteriosamente junto de sujeitos selecionados de acordo com critérios muito definidos.

A entrevista é uma abordagem flexível em que o discurso flui livremente (Pardal & Correia, 1995). O recurso à técnica de entrevista deve-se ao facto desta permitir, como afirma Quivy (2005), “uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências” (p. 192).

A nossa preferência recaiu sobre a entrevista semiestruturada pois neste tipo de entrevista, parte-se de um roteiro ou guião previamente elaborado que serve de eixo orientador onde existe um grau de abertura que possibilita a alteração da sequência e formulação de novas questões no seguimento das respostas dadas pelos entrevistados (Fortin, 2009; Kvale, 1996), permite ao entrevistador solicitar esclarecimentos sobre as questões e reformulá-las (Freixo, 2011) e também esclarecer/aprofundar respostas dadas pelo entrevistado (Mack et al., 2005).

Nesta investigação os guiões das entrevistas semiestruturadas foram construídos de raiz, visto que na pesquisa feita não foram encontrados instrumentos validados que se ajustassem ao nosso estudo. Foram elaborados guiões para cada um dos grupos de entrevistados (professores de educação especial, técnicos especializados, encarregados de educação e representante da Direção na EMAEI), estes guiões tem por base um conjunto de categorias criadas de modo a irem ao encontro dos objetivos propostos neste estudo.

Os guiões foram sujeitos a um processo de validação de conteúdo de forma a verificar a sua adequação aos objetivos do estudo, nomeadamente a consistência entre as questões formuladas e os objetivos que elas pretendem cumprir, a correção na formulação de questões, a estrutura e a dimensão, (Tuckman, 2002), bem como avaliar a sua adequação aos respondentes. Neste processo de validação, tal como é defendido por Quivy e Campenhoudt (2005), procedeu-se à sua aplicação a um interlocutor, que neste estudo correspondeu a quatro professores, sendo dois de educação especial.

Após a realização deste processo de validação e introdução das alterações consideradas necessárias, chegou-se à versão final dos guiões que foi aplicada aos participantes neste estudo (Apêndices I, II, III e IV).

Os guiões das entrevistas estão organizados segundo categorias idênticas: Legitimação da entrevista e motivação; Caracterização do entrevistado / Caracterização do entrevistado e dos seus educandos (nas entrevistas aos encarregados de educação); Caracterização dos alunos com necessidades específicas de educação (categoria exclusiva da entrevista à representante da Direção na EMAEI); Organização do Plano E@D; Articulação com encarregados de educação, técnicos especializados e professores / Articulação com diretores de turma, técnicos

especializados e professores (nas entrevistas aos encarregados de educação); Inclusão; Desafios e oportunidades; Síntese da entrevista.

2.3.3.2. Análise documental

Como nos referem Quivy e Campenhoudt (2005), vários métodos de recolha de dados são frequentemente acompanhados pela análise de documentos relativos aos grupos ou fenómenos estudados. A informação apurada por esta via permite validar a informação recolhida através de outros métodos de recolha de dados (Coutinho, 2020).

Neste estudo pretendemos, como forma de enriquecer o conhecimento, analisar vários documentos internos do Agrupamento, nomeadamente, “Plano de ação E@D - 2019/2020”, “Relatório do observatório da qualidade – 2019/2020”, “Relatório do observatório da qualidade – início do ano letivo 2020/2021”, “Operacionalização do ensino não presencial - 2020/2021”, “Relatório de análise do trabalho realizado –subdepartamento de Educação Especial 2020/2021”.

2.3.4. Procedimentos de recolha de dados

Estabelecemos, tal como é defendido por Bogdan e Biklen (1994), um primeiro contacto telefónico com todos entrevistados. Nessa ocasião, foi explicado o objetivo geral do trabalho, foram acordadas datas conforme as disponibilidades de cada um e confirmado o meio de realização das entrevistas. Seguindo as orientações da Direção Geral de Saúde as entrevistas decorreram a distância através do telefone ou de uma plataforma digital, conforme preferência do entrevistado.

Foi pedida a permissão de gravação áudio das entrevistas a fim de permitir uma transcrição exata das mesmas tal como é defendido por Amado e Ferreira (2013). As entrevistas decorreram num ambiente cordial e agradável, em que nos posicionamos como alguém que apenas pretende obter informação sobre o tema da entrevista, o que permitiu que a recolha de dados decorresse de forma tranquila e sem qualquer tipo de constrangimentos (idem).

Entre os meses de março e julho de 2021 foram realizadas um total de quinze entrevistas todas gravadas em áudio.

2.4. Tratamento dos dados

As entrevistas foram rigorosamente transcritas recorrendo às respetivas gravações (Apêndices V, VI, VII e VIII).

Esta etapa foi realizada muito cuidadosamente, pois a qualidade da análise de dados está diretamente relacionada com a qualidade e rigor das transcrições (Azevedo et al., 2017). Tal como previamente garantido aos entrevistados, todas as menções passíveis de permitir a identificação de quaisquer pessoas e/ou o Agrupamento, foram deliberadamente omitidas.

Na transcrição, todos os participantes foram codificados de forma a ocultar a sua identidade. Os professores de educação especial (Prof1, Prof2, Prof3, Prof4, Prof5, Prof6), técnicos especializados (TF, Psi, Fis), representante da Direção na EMAEI (EMAEI), encarregados de educação (EE1, EE2, EE3, EE4, EE5)

Após a conclusão das transcrições, o *corpus* da informação recolhida pelas entrevistas semiestruturadas foi alvo de análise de conteúdo. Com a análise de conteúdo é possível fazer uma leitura mais profunda e por isso mais rica dos objetos a serem estudados (Bardin, 2011), tendo-se realizado uma análise de conteúdo temática.

Após uma leitura exploratória das respostas que nos permitiu detetar “padrões de pensamento ou comportamento, palavras, frases, ou seja regularidade nos dados” (Coutinho, 2020, p. 216) foram criadas categorias e subcategorias de resposta. Esta etapa é vital para a validade do próprio instrumento e consequentemente para a validade dos resultados do estudo que nela se baseia, pois tal como refere Bardin (2011), a existência de categorias e subcategorias são uma mais-valia na análise de conteúdo na medida em que são muito importantes para reduzir a subjetividade inerente a este tipo de análise e têm a vantagem de permitir a apresentação dos resultados de forma mais simples.

Ainda seguindo recomendações deste mesmo autor procuramos, aquando da criação das diferentes categorias, que estas possuíssem as seguintes qualidades: a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e a fidelidade e a produtividade.

Foram mantidas as categorias inicialmente previstas aquando da elaboração dos guiões das entrevistas, no entanto da análise de dados emergiu a categoria “Implementação do Plano de E@D” (com exceção da entrevista à representante da Direção na EMAEI) e a eliminação da categoria “Articulação com encarregados de educação, técnicos especializados e professores / Articulação com diretores de turma, técnicos especializados e professores (nas entrevistas aos encarregados de educação)” na análise de conteúdo de todas as entrevistas.

Cumprida esta etapa, as respostas de todos os participantes foram incluídas nas respetivas

categorias de forma a agrupar respostas com atributos semelhantes e organizados em tabelas para uma interpretação mais fácil (Apêndices IX, X, XI e XII).

A análise documental foi realizada numa perspetiva complementar e de validação da informação apurada por outros meios de recolha. Pela simplicidade e objetividade dos documentos analisados não houve necessidade de realizar análise de conteúdo, pelo que foi incorporada na apresentação e discussão dos resultados como forma de corroborar e complementar a informação obtida através das entrevistas. Esta triangulação de informação conduz a um resultado mais fidedigno do fenómeno em estudo (Coutinho, 2020).

2.5. Procedimentos éticos

Este estudo, como outros na área da educação, desenrola-se num contexto organizacional e humano complexo, pelo que atendeu a um conjunto de princípios éticos e deontológicos.

Em primeiro lugar foi feito um pedido formal de autorização ao Diretor do Agrupamento de escolas onde este estudo foi desenvolvido, autorização que nos foi concedida na condição de deferimento por parte Direção Geral de Educação (DGE) para a sua concretização.

De seguida foi submetido o pedido de autorização de realização deste estudo em ambiente escolar aos respetivos serviços da Direção-Geral da Educação, que após análise concedeu a sua autorização.

Posteriormente foram solicitados pareceres à Comissão de Ética da Universidade do Algarve e ao seu Responsável pelo Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD), tendo obtido resposta positiva de ambos.

A todos os participantes foi facultada informação sobre os objetivos deste estudo e esclarecidas todas as dúvidas relacionadas com a sua participação. Foi realçado o carácter voluntário da sua participação, a possibilidade de desistência a qualquer momento e o acesso à transcrição da sua entrevista. Ao abrigo da lei de Proteção de dados pessoais foi garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados facultados. A todos os participantes foi solicitada a assinatura de um consentimento informado (Apêndice XIII) aquando da recolha de dados.

Capítulo III - Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados da análise dos dados recolhidos através das entrevistas semiestruturadas a professores de educação especial, técnicos especializados, encarregados de educação e à representante da Direção do Agrupamento na EMAEI bem como dos documentos consultados. Os resultados foram interpretados tendo como base as categorias e subcategorias criadas na análise de conteúdo das entrevistas realizadas.

De forma a facilitar a sua exposição, leitura e interpretação, organizámos a apresentação dos resultados pelos objetivos específicos estabelecidos para este estudo aos quais adicionamos os temas “Opinião crítica do PE@D do Agrupamento”, “Dificuldades sentidas” e “Implicações para o futuro” por terem emergido da análise dos dados das entrevistas. Sempre que se considere pertinente será realizada a discussão comparativa entre o primeiro e o segundo período de ensino a distância.

No decurso desta apresentação dos resultados, procede-se, simultaneamente, à discussão dos mesmos não só tendo em conta o significado de que se revestem neste contexto específico, mas também à luz de outras investigações realizadas neste âmbito por outros pesquisadores.

3.1. Reorganização da Educação Especial, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem

O primeiro período de ensino a distância teve início a 16 de março de 2020 (a duas semanas do término do 2º período) e prolongou-se até ao final do ano letivo para a maioria dos alunos, a exceção foram alguns alunos do ensino secundário que retomaram o ensino presencial a 18 de maio e as crianças do ensino pré-escolar que voltaram à escola no dia 1 de junho.

O segundo período de ensino a distância teve início no dia 8 de fevereiro de 2021. Este segundo isolamento veio a revelar-se mais curto do que o primeiro. O regresso ao ensino presencial ocorreu de forma faseada, as crianças das creches e os alunos do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo regressaram à escola no dia 15 de março, os alunos dos 2º e 3º ciclos voltaram à escola a 5 de abril, enquanto os alunos do ensino secundário e superior só voltaram a ter aulas presenciais no dia 19 de abril.

Perante a suspensão das atividades letivas e para responder à necessidade de prestação de ensino a distância o Agrupamento idealizou e implementou um Plano de Ensino a distância (PE@D). Na elaboração deste plano estiveram envolvidos a “*EMAEI, a Direção da escola e o Conselho pedagógico*” (EMAEI).

Este plano foi aperfeiçoado do primeiro para o segundo confinamento e teve sempre em consideração as especificidades dos alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais, respeitando assim o consignado no Decreto-Lei n.º54/2018 que prevê que todos os alunos devem ter uma educação adequada às suas potencialidades, expectativas e necessidades. Um dos pressupostos explanados no PE@D é “*o plano E@D tem como intenções chegar a todas as crianças e a todos os alunos*” (Plano de ação E@D-2019/2020).

No primeiro confinamento “*foi tudo decidido internamente porque não houve especificamente indicações do Ministério*” (EMAEI). No segundo confinamento as decisões tomadas tiveram em consideração novas possibilidades permitidas pela legislação. Nomeadamente o Decreto 3-C/2021, de 22 de Janeiro no qual estavam contempladas “*algumas indicações relativamente a estes alunos (a usufruir de medidas adicionais) nomeadamente abriu a possibilidade para o ensino presencial*” (EMAEI) e também “*para o presencial relativamente às terapias*” (EMAEI) e também a Resolução do Conselho de Ministros n.º 53-D/2020 de 20 de julho, com indicação para a elaboração de um plano que previsse o protocolo e os mecanismos de ação necessários à implementação de regime presencial, regime não presencial e regime misto e eventual necessidade de transição entre os mesmos.

Consideramos importante realçar que o Agrupamento trabalha em articulação com o CRI através de um protocolo estabelecido com a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral (APPC-Faro) na prestação do apoio terapêutico aos alunos. Por esta razão as decisões relacionadas com o funcionamento das terapias “*são tomadas pela Direção do CRI em articulação com a Direção do Agrupamento*” (EMAEI).

As informações relacionadas com o PE@D (plano de ensino á distância) foram transmitidas aos professores “*via conselho pedagógico e depois os representantes dos diversos departamentos passaram esta informação aos respetivos professores*” (EMAEI).

Os professores, tanto no primeiro como no segundo confinamento, consideraram as indicações recebidas como sendo claras. Várias são as referências dos professores nesse sentido: “*Foram claras*” (Prof1), “*Ao princípio no caso da educação especial havia uma série de dúvidas, mas as instruções foram claras*” (Prof4), “*Não houve confusão*” (Prof5). Importa, no entanto, registar que uma das professoras entrevistadas referiu que apesar das orientações

serem claras “*não sabemos bem como às vezes aplicar aquelas indicações que nos são dadas*” (Prof2).

A estratégia de comunicação estava bem explícita em ambos os confinamentos, “*As mensagens de âmbito geral e tendo como alvo a comunidade educativa, só podem difundidas pelo Diretor*” (Operacionalização do ensino presencial-2020/2021” e “*Plano de ação E@D-2019/2020*) e “*os educadores, os professores titulares de turma e os diretores de turma são responsáveis pela comunicação com os encarregados de educação*” (Operacionalização do ensino presencial-2020/2021).

A veiculação destas informações aos EE foi realizada através de “*um plano que foi colocado na página do Agrupamento e simultaneamente os professores titulares de turma e os diretores de turma entraram em contacto com os encarregados de educação... (através de) e-mail...contactos telefónicos*” (EMAEI).

Segundo palavras da representante da Direção na EMAEI, que para facilitar a comunicação daqui em diante será referida pelo seu cargo de Adjunta da Direção (designação usada na transcrição das entrevistas), os contactos com os Encarregados de Educação (EE) dos alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais devem ser estabelecidos preferencialmente pelo “*Diretor de turma ou o titular de turma e em algumas situações pontuais é o professor de educação especial. O ideal é que sejam os dois em articulação*”, refere também que “*aqui o que se privilegiava era a pessoa que tem contacto mais próximo com o encarregado de educação*”. Acrescentou o quão importante considera a comunicação: “*a chave principal é realmente a comunicação entre o professor de educação especial e o professor da turma*”.

Independentemente de se tratar de alunos a usufruir de medidas adicionais ou seletivas, em ambos os confinamentos, os EE tomaram conhecimento dos planos de ensino a distância através dos professores de educação especial e dos professores titulares de turma ou diretores de turma. Vários são os testemunhos neste sentido: “*a Diretora de turma esteve sempre presente*” (EE4), “*a professora...da turma e a...professora de educação especial. Entraram em contacto comigo e explicaram-me o que é que se ia passar*” (EE3), “*também os e-mails que a professora manda*” (EE2), “*orientações todas foram dadas pelo professor de ensino especial*” (EE4). De notar que nenhum dos EE referiu a consulta do *site* do Agrupamento como fonte de informação. Relativamente à informação recebida os EE consideram, de forma unânime, tanto no primeiro como no segundo confinamento que as orientações recebidas foram claras. Estes referiram: “*sim, sim (as orientações foram claras)*” (EE1), “*Achei-as*

claras” (EE2), “*(foram claras) Sempre*” (EE3), “*Sim, sim, muito claras*” (EE4), “*Sim (foram claras)*” (EE5).

A relação escola/família “*foi bem conseguida e sustentada por uma relação de proximidade...recomenda-se a continuação deste trabalho*” (Relatório do observatório da qualidade – início do ano letivo 2020/2021)

Durante ambos os confinamentos, os professores de educação especial e os terapeutas continuaram a acompanhar os mesmos alunos que lhes tinham sido atribuídos no início do ano, “*A esse nível não houve necessidade de fazer alterações*” (EMAEI). Também pelas palavras da Adjunta da Direção, não foi necessária a revisão das medidas educativas previstas nos RTP’s destes alunos, “*Não (não foi necessário alterar as medidas educativas nem aplicar medidas educativas para adaptação ao ensino a distância)*”.

Relativamente ao grupo de Educação especial foram realizadas “*reuniões específicas com os colegas de educação especial para...passar a informação do que se pretendia fazer com estes alunos...no fundo, as dinâmicas que iríamos aplicar*” (EMAEI). A Adjunta da Direção refere também que “*os professores de educação especial...foram um veículo privilegiado na articulação com os professores titulares de turma, os diretores de turma e os próprios professores do conselho de turma*” e, no segundo confinamento, no ensino presencial, existiu um “*trabalho de articulação entre professores titulares, encarregados de educação, professores de educação especial e terapeutas*”.

A opinião dos professores de educação especial foi tida em consideração na aplicação do PE@D aos alunos com medidas seletivas e adicionais. A Adjunta da Direção refere que foram realizadas “*reuniões específicas com os colegas de educação especial para também ouvir a opinião deles*”. Relata como exemplo deste contributo, a seleção de alunos que necessitariam de apoio presencial na escola, “*fizemos essas reuniões...analisaram-se os casos todos... Analisando, por exemplo...que ferramentas digitais é que existiam, se eram suficientes para dar a resposta adequada a estes alunos. E se não fosse possível...fazer esse apoio presencialmente na escola*” (EMAEI).

Os professores testemunham esta participação em algumas decisões, “*não eram bem fechadas... (as indicações da Direção)*” (Prof2), “*possibilidade dos miúdos que necessitassem de ter ensino presencial, essa parte foi discutida*” (Prof4), “*A Direção dá-nos alguma liberdade, sim*” (Prof5), “*Não nos impõem um horário*” (Prof5).

Durante os períodos de ensino a distância o Agrupamento manteve vários canais de comunicação de forma a permitir a troca contínua de informação. Ilustrando esta realidade a Adjunta da Direção refere que os diferentes ciclos de ensino têm “*as suas reuniões e os*

colegas de educação especial integraram-se também na dinâmica criada depois no plano de ensino a distância para todo o Agrupamento...reuniões de pares pedagógicos no 1º ciclo...e reuniões de conselhos de turma também". Os professores referem *"reuniões quinzenais (de grupo disciplinar)"* (Prof2), *"vamos partilhando tudo...o que é que estava a acontecer de bom e menos bom...as estratégias...nas reuniões de grupo...de 15 em 15 dias"* (Prof3), *"reuniões de grupo"* (Prof4), *"temos reuniões... Quinzenalmente, ou quando há necessidade"* (Prof5).

A indicação que foi dada aos professores de educação especial *"foi no sentido de articularem"* (EMAEI), *"depois os contactos que aconteciam entre os professores de educação especial e os professores das turmas, ou diretores de turma ou professores das disciplinas não ficavam só pelas reuniões existiam contactos (informais)...em que essa articulação era feita"* (EMAEI).

Muitas são as referências feitas pelos professores a estes contactos informais, *"fazíamos (com os professores titulares de turma) a planificação semanal das atividades"* (Prof2), *"Contactamos mais com os colegas para vermos como é que as coisas iam funcionar"* (Prof6), *"telemóvel... e-mail"* (Prof3), *"telefone...Google meet...e-mail"* (Prof4), *"documentos...no Google drive... era um dos processos de articulação"* (Prof4), *"eu falo com as docentes sobre o que é que vou dar"* (Prof5).

Esta comunicação informal estendeu-se à Direção do Agrupamento, tal como testemunham vários professores, *"contacto telefónico...mail...disponibilidade da (Adjunta da Direção)"* (Prof2), *"não me posso queixar porque senti que realmente houve da parte da Direção o interesse em nos ajudar e nos apoiar sempre"* (Prof2), *"por e-mail ou por telefone...Entre colegas ou com a Direção, temos sempre contacto"* (Prof3), *"por telefone... com a Adjunta da Direção"* (Prof4).

Consideramos que este trabalho cooperativo e troca de informação constante entre professores de educação especial, outros professores e a própria Direção é muito importante, pois tal como refere Florêncio (2019), o professor de educação especial é um agente de mudança, que deve ser capaz de trabalhar em parceria com os vários intervenientes no processo escolar dos alunos com necessidades educativas específicas e deve assumir-se como um elemento crucial nesta parceria, pois é dotado de competências e conhecimentos próprios, necessárias para o trabalho elaborado com os alunos. E ainda permite ganhos a nível da inclusão, pois tal como defende Rodrigues (2019) a inclusão depende de um trabalho desenvolvido com a máxima comunicação e cooperação dentro da escola.

Este aspeto é um dos pontos positivos assinalado no Relatório de análise do trabalho realizado – subdepartamento de Educação Especial 2020/2021, *“neste agrupamento existe uma cultura docente colaborativa, os docentes encontram-se envolvidos em práticas de colaboração”*.

Tanto no primeiro como no segundo confinamento, quando o apoio de educação especial teve início abrangeu todos os alunos que já estavam a ser acompanhados, tal como testemunham vários professores *“Claro (com todos os alunos em simultâneo)”* (Prof3), *“Foi logo tudo... (com todos os alunos)”* (Prof5) e *“Sim (com todos os alunos em simultâneo)”* (Prof6). No primeiro confinamento, o apoio de educação especial iniciou com um ligeiro desfasamento face aos restantes alunos do Agrupamento *“começamos um bocadinho depois dos outros colegas...uma semana”* (Prof4), *“na semana seguinte”* (Prof2). No segundo confinamento esta situação já não se verificou *“logo no primeiro dia útil (após a pausa letiva de duas semanas imposta legalmente)”* (Prof1), *“duas semanas em casa...no dia 8 é que começamos”* (Prof2), *“logo no primeiro dia”* (Prof3), *“logo depois daquela pausa de quinze dias”* (Prof4), *“Não houve espera nenhuma”* (Prof5).

A primeira suspensão das atividades letivas foi decretada repentinamente a duas semanas do término do 2.º período. O carácter inesperado desta situação está bem patente nas palavras de alguns professores quando afirmaram que *“no ano passado foi um choque”* (Prof6), *“andamos aqui todos um bocado às aranhas”* (Prof4), *“ninguém sabia exatamente o que é que ia fazer”* (Prof4), *“Foi uma novidade e nós fomos todos apanhados desprevenidos e tentamos ir fazendo o melhor que podíamos”* (Prof1). Ideia semelhante foi partilhada por uma encarregada de educação, *“A primeira vez foi novidade para toda a gente não é?”* (EE1).

Opinião semelhante foi também vincada pela Adjunta da Direção quando refere *“não tivemos tempo para pensar nas coisas”, “Como é que nós vamos dar respostas com a diversidade toda que temos dentro da escola?...a falta de meios informáticos, a pouca escolaridade de alguns encarregados de educação”, “Foi um desafio muito grande na altura”*. Esta condicionante é explícita no Plano de ação E@D-2019/2020, *“salvaguardando, contudo a sua realidade e o curto espaço de tempo de que dispõe”*.

O Conselho Nacional de Educação (a2021) refere que a implementação do ensino a distância durante o primeiro confinamento revestiu-se de contornos únicos por se tratar de uma resposta de emergência e por isso implementada de imediato e sem preparação.

No primeiro confinamento o Agrupamento demorou cerca de um mês a delinear e colocar em prática o PE@D, *“Começamos a preparar as coisas nesses quinze dias iniciais,*

nesses dias houve contactos com encarregados de educação...durante a interrupção da Páscoa foi continuar a preparar o plano de ensino a distância” (EMAEI).

Esta mudança abrupta do ensino presencial para um ensino a distância, muito assente em ambientes virtuais de aprendizagem, obrigou a uma transformação educativa para a qual poucos estariam preparados (European Commission – JRC, 2020; Jiménez, Torres & Cruz, 2020; OCDE, 2020; Saraiva & Cruz-Santos, 2021).

Esta falta de preparação está bem patente nas palavras da Adjunta da Direção quando refere *“fomos para confinamento mas nem sabíamos que plataformas é que existiam e quais as possibilidades. Isto implicou depois um aprofundamento, da noite para o dia, rapidamente dos meios tecnológicos...definiu-se logo o classroom como plataforma”*. A adoção desta plataforma logo na fase inicial do primeiro confinamento foi percebida como um fator muito positivo pelos professores, *“aquilo que eu acho de bom que foi definido logo desde o início é usar uma única plataforma, o classroom... à partida sendo uma plataforma as coisas funcionam muito melhor”* (Prof6), *“ali só estávamos a trabalhar com o classroom...houve logo a orientação para todos usarem a mesma (plataforma)”* (Prof1), *“achei que foi uma boa aposta o classroom porque é muito intuitivo”* (Prof6). Uma professora apesar de referir que existiu um esforço do Agrupamento em ajudar na utilização da plataforma, *“mandavam manuais de utilização da classroom...até vídeos”* (Prof5) assumiu que por insegurança, no primeiro confinamento, *“eu usei o Google meet, não usei a classroom, mas fui convidada”* (Prof5).

A Adjunta da Direção refere que *“Numa primeira fase sim, forçosamente (aumentou a frequência de contactos com os encarregados de educação)”* acrescentando que uma diretiva que veio logo da parte da Direção foi *“a preocupação dos diretores de turma e dos professores titulares de turma entrarem em contacto com os encarregados de educação e ir pondo os encarregados de educação sempre a par do que se ia passando”*. Nestes contactos inicialmente *“houve muito esta questão do telefone até se terem organizado os e-mails e que toda a gente tivesse acesso aos e-mails”*.

No primeiro confinamento o PE@D incluiu três respostas distintas: aulas síncronas, envio de propostas de trabalho/tarefas através de e-mail e a disponibilização de propostas de trabalho/tarefas em papel. Os alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais foram englobados na resposta que o Agrupamento adotou para todos os alunos.

Tinham aulas síncronas através da plataforma *classroom “aqueles que reuniam duas condições, terem os meios tecnológicos e terem encarregados de educação com competência na parte digital e....na disponibilidade para estarem com os filhos”* (EMAEI).

Aos alunos com acesso limitado a alguns meios (dispositivos eletrônicos e internet) e/ou com algumas limitações na sua utilização, o apoio ocorreu através do envio de propostas de trabalho/tarefas *“através de e-mail, por exemplo, em que os trabalhos eram enviados com as devidas adaptações”*. Nestes casos verificou-se uma articulação entre os professores de educação especial e os professores titulares de turma ou diretores de turma, *“miúdos que não tinham acesso...para esses miúdos mandava, via e-mail, para o professor titular a descrição da atividade que era”* (Prof3), *“enviava os trabalhos para o professor e os planos, depois eles faziam chegar àquelas crianças que podiam usar o computador”* (Prof5).

Nas situações em que as crianças não tinham acesso a meio tecnológicos *“os professores preparavam documentos para os encarregados de educação virem buscar...vinham numa semana, desenvolviam os trabalhos e depois na semana seguinte devolviam os trabalhos e levavam novos trabalhos para a outra semana”* (EMAEI). As tarefas realizadas e deixadas na escola *“depois eram vistas, eram corrigidas”* (Prof5). Para implementar esta medida o Agrupamento teve que se organizar nesse sentido, *“existiam na escola responsáveis, que tinham que vir presencialmente à escola com todas as medidas, e que faziam portanto a impressão dos trabalhos para os encarregados de educação virem buscar”* (EMAEI).

A disponibilização de materiais em papel foi a forma encontrada em muitas escolas do nosso país (FENPROF, 2020) e um pouco por todo o mundo para ultrapassar a falta de equipamentos digitais (OCDE, 2020).

A Adjunta da Direção partilhou que relativamente aos alunos sem meios informáticos cujos *“encarregados de educação é que vinham à escola, tentamos inicialmente fazer as entregas diretamente aos encarregados de educação através de uma Associação mas houve uma série de constrangimentos e não foi possível”*.

No primeiro confinamento, nos casos em que os alunos tinham *“aulas síncronas, os tempos de permanência online foram reduzidos para metade, sendo que o restante tempo era...no desenvolvimento de trabalho autónomo”* (EMAEI). Para os alunos com medidas adicionais esta regra foi adaptada em função das características de cada um dos alunos, *“metade do tempo, quando isso era possível... (variando conforme a capacidade destes alunos conseguirem estar online”)* (EMAEI).

Esta adaptação do horário, caso a caso, aos alunos com medidas adicionais justificam a disparidade de respostas dos professores quando questionados se o seu horário foi alterado no primeiro confinamento. Apresentamos alguns testemunhos: *“sim, tivemos que mexer...(na carga horária dos alunos)”* (Prof1), *“Não sofreu alterações”* (Prof2), *“(as alterações) Não*

foram significativas” (Prof3), “no caso das significativas mudou drasticamente” (Prof4), “meti o meu (horário) por onde as crianças estavam sem assistir às aulas” (Prof5) e “independentemente do horário que nós tínhamos na escola, nós distribuimos um tempo, ou dois tempos, por cada miúdo...encaixar os nossos tempos a nível individual nesse horário deles” (Prof6).

Estas alterações foram percebidas como benéficas para os alunos. Uma professora refere mesmo que *“(as alterações foram adequadas) sim...as crianças que necessitavam mais teriam mais tempo...(as) mais adiantadas e não precisavam, menos vezes” (Prof5) e acrescenta que “houve essa indicação no sentido do interesse da criança, das necessidades dela” (Prof5).*

No primeiro confinamento os professores de educação especial deram um suporte maior aos alunos com medidas adicionais comparativamente aos alunos com medidas seletivas, estes foram acompanhados mais de perto pelos professores titulares ou diretores de turma. A este propósito os professores referem *“(alunos com medidas seletivas) não dei tanto acompanhamento...só acompanhei a distância, mas sem aula síncrona” (Prof5), “a nossa prioridade, no ano passado, foi os alunos com medidas significativas...tentou-se assegurar os miúdos com medidas significativas para não ficarem sem aulas” (Prof4), “No ano passado nós não ficamos a cargo com os alunos de medidas seletivas” (Prof2).* Em relação a este aspeto as duas encarregadas de educação de alunos com medidas seletivas entrevistadas referiram, *“O horário da educação especial, no ano passado, foi alterado...só tinha um dia e por acaso era fora do horário” (EE4) e “Não me recordo dele ter tido apoio (de educação especial) quando tava nas aulas síncronas” (EE5).*

Os horários dos alunos com medidas seletivas também sofreram alterações, *“Houve alterações” (EE4), “Foi totalmente diferente” (EE5).* No entanto estas alterações são comuns à sua turma, diferindo em alguns casos, apenas nos tempos de apoio de educação especial.

Ao contrário do que tinha sucedido no primeiro período de confinamento, desta vez o Agrupamento estava já completamente organizado, *“estávamos preparados para avançar logo com o plano de ensino a distância (EMAEI)”*, mas o PE@D só entrou efetivamente em funcionamento decorridos *“Os quinze dias obrigatórios, da interrupção” (EMAEI).*

A este propósito uma professora refere que *“Nessas semanas (de pausa) acabamos por nos organizar individualmente e depois começamos” (Prof6), “este ano foi de uma forma diferente porque as coisas já estavam mais organizadas” (Prof6).*

Entre o primeiro e o segundo confinamento, o Agrupamento organizou-se de forma a melhorar a resposta a um novo período de ensino a distância. A Adjunta da Direção refere

“tivemos tempo para preparar as coisas de outra forma e mais pensadas”. A mesma acrescenta que *“O plano de ensino a distância a partir do terceiro período do ano letivo transato esteve sempre ativo para ser implementado a qualquer momento, portanto nós já vínhamos com essa experiência”* e acrescenta que esta experiência veio *“Não só do confinamento do ano passado como de situações que iam acontecendo ao longo do primeiro período (turmas em isolamento profilático)”*.

A Adjunta da Direção refere que *“Foram feitas avaliações ao longo do processo que me foram chegando exatamente sobre as dificuldades que foram sentidas pelos professores”*. As dificuldades reportadas pelos professores de educação especial sentidas no primeiro confinamento prendem-se com *“A dificuldade de algumas famílias em acompanharem os seus educandos, a falta de equipamentos e de meios tecnológicos, a dificuldade de alguns alunos no domínio das ferramentas online, as avarias e as falhas nos computadores dos alunos”* (EMAEI). Estas dificuldades foram tidas em consideração no aperfeiçoamento do PE@D aplicado no segundo período de ensino a distância.

A este propósito no relatório do Observatório da qualidade – 2019/2020 é referido *“percebeu-se que o principal obstáculo no acesso à classroom não foram as dificuldades no seu uso, mas a ausência dos referidos meios”*.

Considerando em particular os alunos a usufruir de medidas adicionais *“através do CRTIC nós conseguimos também computadores para estes alunos e portanto quando chegamos ao segundo confinamento os nossos alunos já todos tinham computadores”* (EMAEI). Durante o período de ensino presencial que decorreu entre os dois confinamentos foi possível fazer um trabalho ao nível da utilização dos meios informáticos e do uso da plataforma, até porque *“estes computadores do CRTIC chegaram antes dos outros que foram distribuídos diretamente pelo Ministério”* (EMAEI).

A Adjunta da Direção refere que *“houve este trabalho do primeiro para o segundo confinamento no aprofundamento dos conhecimentos em termos informáticos por parte dos alunos (nomeadamente no acesso e uso da plataforma) e dos professores também”*.

O benefício para os alunos resultante da disponibilização atempada de material informático, da preparação no início do ano letivo da plataforma e da sua utilização durante o período de ensino presencial que antecedeu o segundo confinamento é testemunhado pelos professores, *“a escola disponibilizou os computadores aos miúdos logo desde o início...os mais complicados (medidas adicionais) já tinham os computadores, levaram alguns computadores para casa, não houve problemas a esse nível”* (Prof6), *“as salas (no classroom) já estavam criadas”* (Prof1), *“as salas no classroom, convidar os miúdos...Eu fiz*

isso logo em setembro” (Prof6), “de vez em quando mandava um trabalhinho e trabalhava com eles no classroom para eles se ambientarem. Então, quando nós viemos para casa já era normal também para os miúdos” (Prof6), “pessoalmente no tempo presencial não trabalhei pelo classroom, mas sei que houve colegas que trabalharam...os alunos foram sempre preparados para o que pudesse vir, para que corresse melhor do que no ano passado” (Prof1).

Outro aspeto acautelado foi a preparação do ano letivo tendo em conta a possibilidade de uma transição para o ensino a distância, *“este ano a parte da gestão foi feita de outra maneira, porque nós no início de setembro fizemos logo horários tendo em vista os vários panoramas, o presencial, o misto e o online” (Prof6), “nós já tínhamos elaborado os planos de trabalho quer fosse presencial, quer fosse a distância, quer fosse misto” (Prof1), “tivemos que articular todos (professores, alunos e pais) de forma a que conseguíssemos criar horários em que fosse possível adaptarmo-nos ao online ou estar presencialmente” (Prof1).*

Outra resposta às dificuldades sentidas foi a disponibilização de *“um colega de informática...na escola para responder às dificuldades que os pais tinham em termos informáticos...uma vez por semana em que este colega estava disponível” (EMAEI).*

No segundo confinamento *“em termos de indicações do Ministério da Educação, abriu-se a possibilidade de as crianças poderem vir à escola ter aulas de forma presencial. As crianças que não tinham os meios tecnológicos poderiam vir à escola” (EMAEI).* Portanto estes alunos *“iam presencialmente ou tinham meios tecnológicos em casa e conseguiam usá-los” (EMAEI).*

Por esta razão, a entrega de propostas de trabalho/tarefas em papel na escola deixou de ser feita, *“este ano com a alteração em que os alunos poderiam ir para a escola, nomeadamente, os das medidas adicionais e alunos em situação de risco deixou de haver aquela entrega...e recolha de tarefas semanal” (Prof1).*

Os alunos com medidas adicionais *“têm momentos com o docente de educação especial, quer seja presencial ou online, têm momentos em que estão na turma e têm momentos em que se deslocam à escola para as terapias” (Prof1).* Os alunos *“com medidas adicionais, que estão a ter a distância é porque eles leem e têm autonomia para conseguirmos estar assim, senão também tinham que vir para a escola” (Prof1)* e acrescenta que *“(quando não dominam os equipamentos) é muito mais proveitoso ir ali (na escola), consegue-se acompanhar mais facilmente” (Prof1).*

A Adjunta da Direção referiu que na organização do ensino presencial houve *“o cuidado de não se cruzarem, o cuidado de concentrar os apoios, por exemplo da educação*

especial e das terapias no mesmo dia, para que eles não tivessem que se deslocar várias vezes à escola". No ensino presencial *"Não houve uma diretiva específica relativamente aos tempos em que estas crianças (com medidas adicionais) estavam na escola"* (EMAEI), a *"carga horária é analisada casuisticamente pela EMAEI... (depende) da gravidade da situação e (da) disponibilidade que temos de tempo "* (EMAEI). Esta análise caso a caso teve também em consideração a opinião dos encarregados de educação, *"Os encarregados de educação foram ouvidos relativamente às suas necessidades"* (EMAEI).

O ensino presencial foi assegurado *"com a colaboração de assistentes operacionais...é importante referir que tinham conhecimentos informáticos, o que foi muito importante"* (EMAEI), esta colaboração foi também importante no desenvolvimento das terapias, *"mesmo na questão das terapias esta presença das assistentes operacionais que foram também uma mais-valia no desenvolvimento das dinâmicas"* (EMAEI).

Os horários *"tiveram que ser todos reestruturados...Para que os professores de educação especial pudessem fazer este apoio presencial na escola e simultaneamente o ensino online para as crianças que estavam também neste regime"* (EMAEI).

O apoio de educação especial aos alunos com medidas seletivas manteve-se de forma semelhante ao ensino presencial, *"No ano passado nós não ficamos a cargo com os alunos de medidas seletivas. Este ano, sim"* (Prof2). Os alunos com medidas seletivas estiveram em regime não presencial, com exceção dos casos de situações de risco. O apoio de educação especial decorreu de forma *"não presencial, é através de aulas síncronas uma vez por semana"* (Prof2).

No segundo confinamento o apoio aos alunos com medidas seletivas foi prestado *"através das sessões síncronas em horário fixo semanal"* (Relatório de análise do trabalho realizado –subdepartamento de Educação Especial 2020/2021).

Durante este segundo período de ensino a distância, para os alunos com aulas síncronas, *"os tempos de permanência online foram reduzidos para metade, sendo que o restante tempo era...no desenvolvimento de trabalho autónomo"* (EMAEI). Os horários destes alunos não sofreram alteração, *"optou-se por seguir exatamente a mesma mancha horária"* (Prof4), *"metade síncrona e metade trabalho autónomo"* (Prof4).

A opção de seguir a mancha horária que tinham no ensino presencial antes do segundo confinamento significou, para os alunos com medidas seletivas, um aumento da carga horária face à que tinha sido implementada no primeiro confinamento, *"eles não tinham tantas aulas online, este ano é que é muito mais, a carga é muito maior"* (Prof1).

3.2. Concretização das terapias durante o período de confinamento/pandemia

Nos dois anos letivos abrangidos pelos confinamentos no Agrupamento estavam disponíveis apoios terapêuticos de *“Terapia da fala, terapia ocupacional, fisioterapia e psicologia”* (EMAEI), estas terapias destinaram-se particularmente a alunos com medidas *“adicionais, mas alguns têm medidas seletivas, mas muito pontualmente”* (EMAEI), distribuídos pelos três ciclos de ensino existentes no Agrupamento estando *“14 no 1º ciclo, 5 no 2º ciclo e 2 no 3º ciclo”* (EMAEI).

Para além do apoio prestado pelos professores de educação especial, muitos dos alunos com necessidades específicas de educação necessitam do apoio de outros profissionais, no entanto o confinamento limita este tipo de contacto profissional (Petretto, Masala & Masala, 2020). Para tentar contornar também esta dificuldade o Agrupamento criou condições para a manutenção dos apoios terapêuticos durante os dois períodos de ensino a distância. A Direção do Agrupamento incorporou as orientações relacionadas com a prestação do apoio terapêutico no PE@D de todo o Agrupamento.

Importa relembrar que estes técnicos especializados que trabalham com os alunos com medidas seletivas e adicionais não estão diretamente vinculados ao Agrupamento e por isso, tal como referiram as terapeutas, *“nós não dependemos da Direção da escola. Nós no CRI dependemos das orientações da nossa instituição.”* (Fis), *“As orientações para nós não vêm deles (do Agrupamento), pelo contrário, somos nós que dizemos de que forma é que vamos atuar”* (Fis), *“Com a Direção do CRI desenhamos um plano”* que posteriormente *“partilhamos/ajustamos com as coordenações das escolas”* (TF). A terapeuta da fala refere que *“uma colega...responsável pela equipa de cada cidade...é que fazia a ponte com a (Adjunta da Direção)”*. Devido a estes ajustamentos a forma como o apoio terapêutico foi prestado *“de Agrupamento para Agrupamento acabou por diferir um bocadinho”* (TF).

A transmissão aos EE da forma de funcionamento das terapias passou pela Direção do Agrupamento, *“(a informação chegou aos pais) pela Direção”* (Psi), *“equipa CRI enviamos para a coordenação de cada escola, via e-mail, e a coordenação é que trata a forma como chega aos pais”* (Fis).

Na transição do ensino presencial para o ensino a distância, tanto no primeiro como no segundo confinamento, cada terapeuta continuou com os alunos que lhes tinham sido atribuídos no início do ano, a esse nível *“não houve alterações”* (EMAEI).

Relativamente à articulação com a Direção do Agrupamento, as terapeutas entrevistadas são unânimes em considerar que há muito boa relação. A fisioterapeuta refere que *“é uma*

escola muito organizada e funciona bastante bem” (Fis), a terapeuta da fala refere “é aquele Agrupamento que a gente diz que se toda a gente fosse, se todos fossem assim estávamos ótimas, estava tudo tranquilo” (TF) e a psicóloga acrescenta que “havia proximidade...Sempre muita proximidade” (Psi), “não denotei afastamento (da Adjunta da Direção)...pelo contrário” (Psi). São também unânimes em considerar que a comunicação com a Direção é muito eficaz, “Via e-mail ou via telefone” (Fis), “Presencialmente ou mesmo via telefone” (Psi), “nós tratamos tudo com a (Adjunta da Direção)...é fácil comunicar, a comunicação é funcional.” (TF), “se eu tinha alguma dúvida eu ligava num dia e se não tivesse o atendimento no próprio dia devolviam a chamada ou vice-versa... Houve essa proximidade (com um Adjunta da Direção)” (Psi) e “situações em que o tema era diretamente... comigo...alguma coisa mais séria para tratar...era eu que tratava diretamente com a (Adjunta da Direção)” (TF).

No primeiro confinamento a intervenção terapêutica foi realizada através de “*planos de intervenção (quinzenais) para serem dinamizados pelos encarregados de educação em casa*” (EMAEI). O apoio decorreu totalmente de forma indireta, “*Não houve presencialmente*” (EMAEI), “*Não houve contacto direto, não houve online*” (TF).

As terapeutas desenvolveram um trabalho em equipa, “*delineávamos (os planos de ação) em equipa, foi sempre tudo em equipa*” (TF), os planos de intervenção eram elaborados por aluno, o que significa que no caso dos alunos a usufruir de mais do que uma terapia eram reunidas no mesmo documento as propostas dessas mesmas terapias. Isso mesmo nos refere a terapeuta da fala, “*Nós reuníamos em equipa online, reuníamos...delineávamos em equipa (para) os alunos que tínhamos em conjunto um plano com atividades/estratégias...dependendo das dificuldades ou competências de cada*”. Esses planos constavam informação sobre o “*o que era suposto fazer, quantas vezes por semana, quanto tempo, todo o material*” (Fis).

Todos os alunos que tinham terapias em regime presencial foram abrangidos, durante o primeiro confinamento, pela entrega de planos terapêuticos, isso mesmo refere a terapeuta da fala quando afirma que “*trabalhei com todos os meninos, de seletivas e adicionais*”.

A fisioterapeuta refere que “*não houve uma alteração direta de o meu horário...foi mais flexibilidade de horário...na parte da manhã tínhamos que orientar todo o trabalho para os meninos, tínhamos que reunir com professores...as reuniões da tarde eram mais o geral da escola*” (Fis), a este propósito a terapeuta da fala referiu que “*tinha que delinear as minhas...atividades para enviar...no horário que eu conseguia...Não havia dias específicos*”. As terapeutas deixaram portanto de estar vinculadas a um horário fixo, organizavam o seu

tempo de forma a delinear as atividades em equipa e participarem nas reuniões para as quais eram convocadas.

Os planos de intervenção elaborados pelas terapeutas eram enviados aos encarregados de educação *“através dos professores da educação especial em articulação com os professores titulares de turma e diretores de turma”* (EMAEI). A terapeuta da fala refere que *“fazia as atividades em casa e era só enviar...o professor de Educação Especial, ele é que tinha que imprimir e entregar aos pais”* (TF). Os planos terapêuticos chegavam aos Encarregados de educação *“quando possível, por e-mail ou então utilizando aquela técnica da impressão em que depois os pais iam buscar à escola”* (EMAEI).

Este papel dos professores de educação especial como simples intermediário entre as terapeutas e os encarregados de educação está muito claro nos seus discursos, *“enviarem um plano semanal para mim, eu enviava para os pais”* (Prof6), *“As terapeutas enviavam para nós (plano de trabalho)... e nós enviávamos para os Encarregados de Educação...davam-me o feedback...e eu dava aos técnicos.”* (Prof 2), *“andava aqui uma troca, as terapeutas enviavam o plano terapêutico para a Direção, a Direção distribuía por nós, nós encaminhávamos... conversava-se um bocadinho, era dado o feedback às terapeutas e elas enviavam um novo plano”* (Prof4). Ideia semelhante se deduz das palavras da terapeuta da fala quando afirma que *“enviávamos (os planos terapêuticos) para o professor de Educação Especial que (o fazia chegar) aos pais, à criança”* (TF). Num sentido diferente e indiciador de uma articulação mais rica com os professores de educação especial temos o testemunho da fisioterapeuta que afirmou, *“acabamos por fazer essa comunicação mais com o professor direto do aluno...semanal...para explicarmos o que é que estávamos a fazer, como é que íamos fazer, como é que estava a correr, às vezes até solicitar um bocadinho de feedback”* (Fis), *“Numa das escolas era mesmo uma articulação direta, eu trabalho muito com a professora (de educação especial)...não era só entregar tarefa e pedir, era mesmo arranjar estratégias...Na outra escola não, se calhar era um bocadinho mais o entregar tarefas”* (Fis).

Posteriormente *“existia um feedback da parte dos encarregados de educação com respostas quinzenais”* (EMAEI). Este *feedback* era transmitido aos professores pelos encarregados de educação que por sua vez o faziam chegar às terapeutas, *“era dado o feedback às terapeutas e elas enviavam um novo plano”* (Prof4).

A fisioterapeuta referiu que *“todas as semanas enviávamos um novo plano de intervenção, esse plano de intervenção era supostamente executado pelo aluno com a ajuda do pai e no final de semana enviariam o feedback”* e na *“segunda-feira seguinte seguiria um novo plano de intervenção para uma nova semana”*.

Pelas palavras da Adjunta da Direção percebe-se que a periodicidade dos planos terapêuticos foi quinzenal no entanto a fisioterapeuta refere uma periodicidade semanal. Esta aparente incongruência é facilmente explicada. Numa fase inicial, o envio decorreu semanalmente, mas perante as dificuldades reportadas pelos encarregados de educação, a periodicidade passou a quinzenal, tal como nos diz uma professora *“Terapias (no ano passado) Começou semanal, mas depois passou de 15 em 15 dias porque viram que não dava resultado”* (Prof6).

Outra adaptação que decorreu das dificuldades dos EE, perçecionadas pela fisioterapeuta, foi a substituição das instruções escritas por vídeos com a demonstração dos exercícios, numa tentativa de chegar de forma mais eficaz aos encarregados de educação, *“Inicialmente...passávamos semanalmente um plano de intervenção aos pais que seria...só explicado por escrito e depois os pais dariam o feedback naquele mesmo plano e enviavam por foto para nós... Passei a fazer vídeos mesmo com o exemplo do exercício”* (Fis), *“a forma base...não foi alterada, o que foi alterada foi a forma de chegar aos pais”* (Fis).

A fisioterapeuta refere que durante o primeiro confinamento *“nós fomos fazendo várias adaptações”*, a terapeuta da fala refere *“pais que não tinham como imprimir ou pais que não queriam ir à escola...pais que diziam que era muito difícil...houve um reajustamento das atividades”*, *“Quando se via que não estava a correr bem, tanto nós como a escola, acabávamos por fazer alterações”*. As terapeutas participaram em algumas decisões, *“nós técnicos demos a nossa opinião e decidimos a forma como fizemos...tem todo o sentido porque nós é que estamos no terreno, nós é que sabemos qual é a nossa população e a forma como conseguimos atuar naquela população”* (Fis).

Quando questionados sobre os constrangimentos a nível da organização que sentiram no primeiro confinamento as terapeutas afirmam não ter sentido nenhum, *“Para falar verdade, não (senti dificuldade)”* (TF), *“Não senti grandes dificuldades”* (Fis). Ao nível de recursos a terapeuta da fala refere que não sentiu constrangimentos, *“a gente fazia as atividades em casa e era só enviar”*, a fisioterapeuta referiu como única dificuldade a este nível a falta de recursos em casa dos alunos, *“tive que inventar coisas que as pessoas tivessem em casa para poderem fazer”*.

A nível de comunicação a terapeuta da fala refere que não sentiu dificuldades, *“nada de especial”*, por seu lado a fisioterapeuta refere *“tive imensas limitações”*, *“Eu não consegui chegar aos meus alunos...a partir do momento em que nem há feedback, sentimos que o nosso trabalho é p’ra nada”*.

A terapeuta da fala refere que *”tenho crianças em que a patologia é tão grave, tão grave que eu sentia que estava ali só por estar”*, esta terapeuta partilha também que *“não estava a chegar à criança e isso é muito frustrante, muito frustrante”*.

A fisioterapeuta também partilha da opinião que o apoio prestado não surtiu os efeitos positivos pretendidos. No entanto esta terapeuta não atribui este insucesso ao seu trabalho que classifica como *“muito ingrato e horrível de se fazer”* (Fis), mas sim devido à falta de apoio por parte dos encarregados de educação. Esta terapeuta afirma que *“Não surtiu nenhum efeito positivo, mas eu também não acho que tenha sido culpa do trabalho que nós implementamos...acho que o trabalho estava muito bem orientado”* (Fis) e completa a ideia afirmando *“sei que não seria a mesma coisa, na fisioterapia nunca seria a mesma coisa. Mas teria tudo para pelo menos haver uma manutenção do aluno a nível de aquisições e não aconteceu”* (Fis), porque *“precisávamos muito de apoio dos Encarregados de Educação e não nos foi dado esse apoio”* (Fis). Manifestou também preocupação relativamente à qualidade do que foi desenvolvido pelos pais, *“E os (exercícios) que foram feitos, foram bem feitos?”* (Fis), *“Na minha área eu obtive um feedback zero”* (Fis) acrescenta que *“quando eles chegaram percebemos que eles não fizeram nada... nível motor é uma coisa que se nota”* (Fis).

A Adjunta da Direção e alguns professores partilham da opinião que esta forma de prestação do apoio terapêutico não surtiu efeitos positivos. Uma professora refere que *“Não correu muito bem (terapias)...Esta é a minha opinião”* (Prof5) esta professora refere também que alguns pais partilham desta opinião *“(a) única queixa foi nas terapias”* (Prof5) e o mesmo refere a Adjunta da Direção quando partilha que o *“feedback da parte dos encarregados de educação com respostas quinzenais, que não correu bem”* (EMAEI).

De uma forma transversal, ou seja, incluindo as encarregadas de educação de alunos com medidas seletivas e com medidas adicionais, esteve implícito nos seus discursos a opinião que as terapias desenvolvidas através do envio de tarefas para serem executadas pelos encarregados de educação não foi a forma mais adequada. Uma encarregada de educação referiu explicitamente que *“Na minha opinião não resulta muito bem...o importante é estar com a criança fisicamente...para trabalhar e para ver as reações da criança e depois perceber...o que é que está bem e que está mal. Isso é sempre diferente”* (EE1), outra referiu *“poderia ter sido feito um trabalho nem que fosse online, nem que fosse com os miúdos...para vermos um bocadinho de feedback daquilo que tínhamos feito com eles... poderia ter havido um apoio maior por parte das terapias nesse sentido”* (EE5).

Apesar das opiniões desfavoráveis denota-se no discurso de alguns encarregados de educação um esforço no cumprimento das atividades que eram propostas, revestida em alguns casos de alguma insegurança. Por exemplo, uma encarregada de educação refere que “*Dentro das minhas capacidades tentei sempre fazer o meu melhor...Mas havia coisas que às vezes não sabia*” (EE2), “*Eu fui fazendo aquilo que me mandaram fazer*” (EE3), “*Eu não senti dificuldades em cumprir, senti dificuldades em fazer cumprir. Essas é que foram as minhas dificuldades. Lá está, ele nem sempre ele estava disponível*” (EE3), “*Nós fazíamos aqui em casa e depois mandava as respostas para elas*” (EE1) e acrescentou que as tarefas que foram atribuídas lhe pareceram adequadas “*Sim, sim, sim...(pareceram adequadas)*” (EE1).

No segundo confinamento “*tivemos terapias a distância (online) e terapias presenciais*” (EMAEI). Normalmente o apoio terapêutico “*são 45 minutos por semana...no presencial mantivemos o tempo, mas no online foi reduzido para metade o tempo de intervenção*” (EMAEI).

O apoio de Terapia da fala decorreu *online*, o de fisioterapia e psicologia decorreram de forma presencial. Não foi possível disponibilizar o apoio terapêutico de terapia ocupacional por indisponibilidade da terapeuta.

O apoio de terapia da fala decorreu a distância através da plataforma, por impedimento pessoal da terapeuta em se deslocar à escola, “*Este ano já foi online ou presencial para quem esteve presencial, eu não estive porque estive de apoio à família*” (TF).

Neste segundo confinamento, os horários dos apoios terapêuticos tiveram que ser ajustados. As alterações foram articuladas entre as terapeutas e a Direção do Agrupamento de forma a conciliar com o horário das atividades letivas, “*com a (Adjunta da Direção), foi feito o horário, foi enviado para ela e discutido com ela... depois foi entregue ao professor de Educação Especial porque tínhamos que conciliar quando um estava e o outro não estava*” (TF).

As alterações nos horários passaram por “*Mudança de dias...concentrar em um ou dois dias*” (Psi), “*havia furos e então acabei por subir ou descer meninos e também porque tentei ajustar o horário aos meus filhos que estavam a ter aulas online*” (TF), “*esses meninos só iam dois dias por semana (à escola) e o horário deles teve que ser ajustado ao nosso*” (Fis), “*(para alunos que têm terapias e não dispõem de equipamento)...que vão à escola ter as aulas...tentou-se articular de forma a que as terapias coincidissem com estes momentos...Para evitar ao máximo as entradas e saídas*” (Prof1).

Os apoios terapêuticos, neste segundo confinamento, foram disponibilizados essencialmente aos alunos com medidas adicionais. Tal como refere a terapeuta da fala “*a*

instrução que tinham dado é que só as adicionais é que podiam ir para a escola ter intervenção direta”, “quando fomos para o online o CRI só abrangeu os meninos de medidas adicionais...E eu tenho meninos de medidas seletivas que não foram abrangidos pela intervenção online”.

Aos EE destes alunos foi dada a oportunidade de escolher se frequentariam as terapias ou não, *“As famílias acabaram por decidir, quem queria e quem não queria, ou seja, as famílias tiveram esse poder de escolha e a partir de aí...correu tudo bem”* (Psi).

Por exemplo, no caso da fisioterapia, todos os alunos tiveram a oportunidade de ser acompanhados, *“No meu caso sim (continuei com os mesmos alunos)...dos três meninos que eu tenho...dois deles fiz presencial...a outra menina...a médica aconselhou a não ir à escola”* (Fis). Em terapia da fala verificou-se uma ligeira redução, *“tenho 12 meninos...(mas a distância fiquei) com dez meninos”*. No respeitante à psicologia houve uma grande redução do número de alunos a usufruir da terapia, *“houve alunos que durante esse período não tiveram e houve outros que sim... Eram menos”* (Psi) e tal como nos diz a fisioterapeuta (gestora da equipa do CRI) *“(em psicologia) os alunos foram muito menos, porque houve pais que não quiseram as terapias online, não quiseram ir à escola”* (Fis).

Neste segundo confinamento a articulação entre os professores de educação especial e as terapeutas não decorreu de forma uniforme. Uma professora refere que *“Não tenho articulado”* (Prof4), acrescenta ainda sobre as terapias que *“não tenho bem a certeza como está a funcionar, mas sei que estão a funcionar”* (Prof4), outro professor refere que *“Houve no início a articulação...agora... está um bocadinho de forma independente”* (Prof2). Outros testemunhos denotam um trabalho mais próximo, *“vamos falando...a psicóloga, por exemplo, diz o tipo de trabalho que está a fazer, e pronto”* (Prof3), *“telefonamos...falamos...trocamos impressões”* (Prof5), *“comunicávamos diretamente com o professor (de educação especial) que é com quem a gente realmente trabalha”* (TF), *“há sempre uma palavra relativamente ao saber-estar do aluno”* (Psi), *“há uma ligação muito próxima”* (Psi), *“quando nós vamos buscar o menino ao professor de Educação Especial...existe sempre um momento para dizer o que é que aconteceu...existe sempre essa partilha”* (Fis).

O funcionamento dos apoios terapêuticos de fisioterapia e de psicologia decorreram de forma presencial e não alteraram a sua forma de funcionamento. Isto é facilmente perceptível nas palavras da fisioterapeuta e da psicóloga, *“eles iam e permaneciam nas mesmas terapias, da mesma forma que eu já só dou de um para um”* (Fis), *“dávamos as nossas terapias no horário normal e vínhamos embora”* (Fis), *“o meu trabalho acabou por ser um trabalho*

presencial em que procedi da mesma maneira” (Psi), *“O trabalho em si com os alunos correu tudo bem porque foi presencial não houve nenhuma diferenciação”* (Psi).

No segundo confinamento as terapeutas contribuíram para a organização do apoio terapêutico *“Ver quais eram as necessidades que eram prioritárias, foi-se falando... Depois deu direito a uma decisão final”* (Psi) *“todos nós, todos demos o nosso contributo”* (Psi).

Depois da organização inicial que implicou *“transportar um aluno para outro dia, falar com os pais...perceber qual era o número de alunos que tinham interesse em se deslocar à escola”* (Psi), *“a partir daí correu tudo bem. Os alunos foram e não houve necessidade de fazer trocas”* (Psi). A fisioterapeuta refere que *“não houve ajustes nenhuns”* (Fis), esta terapeuta acrescenta que *“continuava a ter a minha sala, continuava a ter as minhas coisas para trabalhar, o ajuste era a higienização”* (Fis).

Quando questionados sobre os constrangimentos a nível da organização que sentiram no segundo confinamento a terapeuta da fala refere que tal como no primeiro confinamento *“Não (senti dificuldade)”*, posição semelhante é referida pela psicóloga, *“Não tive grandes dificuldades”* e acrescenta que *“à medida que a informação passava nós íamos percebendo”*. Por seu lado a fisioterapeuta refere que o único constrangimento que sentiu prendeu-se com o horário *“difícil conjugar o horário deles com o nosso, a partir do momento em que eles não estão lá de segunda a sexta...só vão à escola x vezes por semana”*. Ao nível dos recursos a psicóloga refere *“Não (senti dificuldade)”* e a fisioterapeuta afirma que *“não sinto nenhuma porque tenho a escola só para mim”*. Ao nível de comunicação no segundo confinamento não são relatadas dificuldades. A terapeuta da fala refere *“Sim, sim (está a correr bem)”* (TF) e a fisioterapeuta refere *“Não senti limitações...na minha área eu mantive tudo igual”* (Fis).

A psicóloga refere que durante o apoio presencial os efeitos positivos obtidos são semelhantes independentemente de estarmos ou não em confinamento, *“não denoto que tenha havido mais efeitos positivos nesse período...o trabalho é feito com continuidade...as variáveis externas não mudaram, nem as internas”* (Psi). A fisioterapeuta que também prestou apoio presencial durante o segundo confinamento considera que a permissão legal para o apoio presencial *“foi a melhor decisão que existiu”* e considera que os alunos a usufruir de medidas adicionais e que tiveram terapias de forma presencial *“durante o confinamento foram bastante beneficiados, no sentido das terapias... eles são beneficiados pois é tudo mais só para eles”*. Refere mesmo que *“para mim está a ser melhor porque eu consigo estar mais tempo com o aluno, consigo ter o menino só para mim”* (Fis), *“Um aluno só comigo, uma escola inteira só para mim. Tenho todos os sítios que eu preciso trabalhar vazios”* (Fis).

Por seu lado a terapeuta da fala que apesar de ter prestado apoio *online* durante o segundo confinamento referiu que a possibilidade dos apoios poderem ser presenciais são uma mais-valia “*Sem dúvida, sim*” (TF).

Esta terapeuta refere que o apoio terapêutico *online* não se adequa a todas as patologias, “*consegue-se trabalhar bem, mas há patologias gravíssimas que não dá*” (TF), mas que pelas características dos alunos com quem trabalhou, esse facto não foi obstáculo neste agrupamento “*consegui trabalhar (com) todos*” (TF).

De uma forma geral as EE mostraram mais satisfação com a forma como os apoios terapêuticos foram prestados no segundo confinamento especialmente com os apoios presenciais. Uma encarregada de educação referiu “*este ano já correu um bocadinho melhor...já houve esse cuidado de conseguirem não ter os miúdos assim desamparados nessa parte*” (EE1), “*Acho que funcionou melhor*” (EE2), “*Eu penso que estão correndo bem*” (EE3).

As EE apesar de não mostrar desagrado com o facto da terapia da fala ter decorrido *online* mostram uma preferência pelos apoios presenciais. Uma mãe refere que a “*Terapia da fala online era à base de jogos interativos...aí já conseguia ter uma avaliação melhor...estava a vê-lo e ele estava a ver a terapeuta*” (EE1) e acrescenta “*eu conseguia...falar com a psicóloga e ela ia-me dando depois também orientações para trabalhar com ele em casa...essa parte conseguiu-se manter presencial. Para mim foi excelente*” (EE1). “*Se calhar presencial seria melhor*” (EE2) e “*o melhor é sempre o presencial*” (EE1).

Importa realçar o testemunho de uma encarregada de educação, de um aluno a usufruir de medidas seletivas, que mostrou um discurso discordante em relação a esta questão, “*telefonaram a dizer que havia a possibilidade de ser presencial ou não...eu acabei por optar por não, porque não conseguia*” (EE5), “*em termos de gestão familiar eu não conseguia ir levá-lo e ficar lá à espera dele*” (EE5). Acrescenta ainda que não foi dada alternativa de ser *online*, “*online não, e também não (sugeriram) coisas para nós trabalharmos com ele*” (EE5), “*ele não teve e não sei até que ponto é que isso acabou por prejudicá-lo sinceramente*” (EE5).

3.3. Acautelar a inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem durante o período de confinamento/pandemia

A Adjunta da Direção refere ter a convicção que *“A distância é difícil fazer inclusão” e que “quando falamos de inclusão falamos de esbater as diferenças, criar as condições para que todos tenham acesso”*.

Este elemento da Direção afirma que *“temos algumas medidas do Decreto-Lei n.º54 que eventualmente até conseguem funcionar em termos de online, não vou dizer que não resulta a 100%... algumas situações de apoios tutoriais que é possível, que se consegue manter em termos do online”* (EMAEI) e acrescenta *“há algumas medidas do 54 que nós conseguimos continuar a dinamizar no ensino online, mas depois há outras que são mais difíceis. O desenvolvimento da autonomia pessoal e social, por exemplo, mesmo as estratégias de ensino estruturado, não”* (EMAEI). Referindo-se aos alunos com medidas adicionais acrescenta que *“há uma série de coisas associadas à inclusão, e estamos aqui a falar de alunos com medidas adicionais, que não são possíveis no ensino online, a interação...a socialização”* (EMAEI).

Como nos relembram Mbazzi, et al. (2021), sabendo os desafios que estas crianças já enfrentam na inclusão e nas aprendizagens, esta situação nova aumenta a preocupação de deixá-los ainda mais para trás.

Durante os períodos de ensino a distância o Agrupamento implementou várias medidas específicas no sentido de acautelar a inclusão dos alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais.

A manutenção dos *“apoios da educação especial a todos os alunos com medidas seletivas e adicionais, essa foi uma preocupação”* (EMAEI), e como já foi referido anteriormente não foi necessário alterar as medidas educativas nem aplicar medidas educativas para adaptação ao ensino a distância a nenhum aluno.

Esta medida constitui em si também um fator de inclusão. Esta ideia é também defendida pela Conselho nacional de Educação (CNE) quando afirmam que os técnicos especializados são um recurso de enorme valor para o objetivo da promoção do sucesso e da inclusão, particularmente (mas não só) para as crianças e para os jovens que ficaram mais expostos às consequências nefastas da pandemia (b2021).

No primeiro confinamento *“foi uma grande confusão, mas acabou por correr bem”* (Prof4), *“nós tentamos minimizar os danos e não deixar nenhum aluno para trás”* (EMAEI), *“Ninguém ficou por ser acompanhado”* (Prof5).

Inicialmente “ *O grande constrangimento foi mesmo a falta de meios tecnológicos*” (EMAEI). Para minimizar o impacto negativo desta situação a escola organizou-se de forma a permitir a entrega de tarefas em papel deixadas na escola para os encarregados de educação levantarem, “*Sempre numa perspetiva de nenhum aluno ficar sem apoio*” (EMAEI).

A acrescer à medida anterior, especificamente para alunos com medidas adicionais, para garantir que a disponibilidade de materiais em casa não se tornasse um fator limitante, “*a escola criou uma pasta com recursos materiais...Levaram recursos materiais físicos para casa para desenvolverem as atividades. Os encarregados de educação vieram levantar*”. A este propósito uma professora refere “*miúdos que não tivessem determinados materiais poderiam ir à escola buscar...a escola estava sempre disponível no que fosse necessário para colmatar algumas dificuldades*” (Prof6).

Não foi necessária a implementação destas medidas durante o segundo confinamento “*porque os que não tinham em casa depois tinham presencialmente aulas*”(EMAEI).

No tempo que mediou os dois confinamentos o Agrupamento tentou suprimir a falta de recursos. Uma das formas foi “*através do CRTIC nós conseguimos também computadores para estes alunos (alunos com medidas adicionais) e portanto quando chegamos ao segundo confinamento os nossos alunos já todos tinham computadores...estes computadores do CRTIC chegaram antes dos outros que foram distribuídos diretamente pelo Ministério*” (EMAEI) o que “*permitiu que entretanto eles se fossem familiarizando com os meios tecnológicos*” (EMAEI), “*houve este trabalho do primeiro para o segundo confinamento no aprofundamento dos conhecimentos em termos informáticos por parte dos alunos (nomeadamente no acesso e uso da plataforma) e dos professores também*” (EMAEI).

Houve o cuidado de “*Adaptar o mais individualmente possível e o mais aproximado das capacidades, das competências, do seu perfil de funcionalidade*” (EMAEI).

Uma dessas adaptações, em ambos os confinamentos, verificou-se ao nível dos horários dos alunos com medidas adicionais, “*adaptação do horário às capacidades e características de cada criança*” (EMAEI) acrescenta que este cuidado foi tido “*para cada aluno porque nós sabemos que nem todas as crianças têm a mesma capacidade de concentração e de atenção*” (EMAEI).

No apoio presencial, que se verificou no segundo confinamento, “*Não houve uma diretiva específica relativamente aos tempos em que estas crianças estavam na escola*” (EMAEI), a “*carga horária é analisada casuisticamente pela EMAEI... (depende) da gravidade da situação e (da) disponibilidade que temos de tempos*“ (EMAEI).

Nestas decisões *”As coisas iam sendo sempre articuladas entre professor de educação especial, encarregados de educação, professores da turma, diretores de turma”* (EMA EI).

Outro aspeto importante foi a tomada de decisão sobre os alunos que beneficiariam de apoio presencial na escola no segundo confinamento. A decisão foi tomada em reuniões de grupo de educação especial, como refere a Adjunta da Direção *“analisaram-se os casos todos... Analisando, por exemplo...que ferramentas digitais é que existiam, se eram suficientes para dar a resposta adequada a estes alunos e se não fosse possível...fazer esse apoio presencialmente na escola”* (EMA EI). Outros aspetos relevantes foram o seu carácter flexível, *“uns online, outros presencial, mas sempre com a possibilidade de que, quando surgissem constrangimentos pudéssemos alterar a forma de trabalhar com eles”* (Prof1) e a participação dos EE *“Os encarregados de educação foram ouvidos relativamente às suas necessidades”* (EMA EI).

O envolvimento dos encarregados de educação foi muito mencionado no discurso da Adjunta da Direção, *“os encarregados de educação aqui como grandes parceiros...Sem este apoio e esta capacidade dos encarregados de educação de conseguirem fazer este acompanhamento, as coisas seriam mais complicadas senão impossíveis para estes alunos”* e perante as dificuldades dos encarregados de educação *“íamos ver qual era a dificuldade que o encarregado de educação estava a sentir e ver como é que a escola poderia, dentro das suas possibilidades, resolver ou minimizar o problema”*.

Do primeiro para o segundo confinamento verificou-se uma evolução positiva no apoio prestado aos alunos com medidas seletivas. Esta evolução é notória nas palavras de alguns professores, *“a nossa prioridade, no ano passado, foi os alunos com medidas significativas...tentou-se assegurar os miúdos com medidas significativas para não ficarem sem aulas”* (Prof4), *“No ano passado nós não ficamos a cargo com os alunos de medidas seletivas. Este ano, sim”* (Prof2).

3.4. Práticas educativas junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem

Quando questionados sobre as suas estratégias durante o ensino a distância e a necessidade de uma adaptação a uma nova realidade surgem testemunhos que mostram sentimentos opostos. Uma professora refere que *“teve que ser tudo reinventado”* (Prof2) ao passo que outros referem que *“Não houve assim grandes inovações... só que era online”* (Prof3), *“acabei por também utilizar muitas coisas que já usava”* (Prof6).

Ao nível da intervenção terapêutica verificou-se uma situação semelhante. A psicóloga refere que a distância *“o trabalho efetivamente foi feito no mesmo molde, ou seja, o trabalho não mudou”* e por outro a terapeuta da fala afirmou que *“Foi dar mais asas à imaginação”*.

Estudos internacionais apontam numa necessidade de reinvenção sentida pelos professores. Perante o encerramento repentino das escolas os professores tiveram que se reinventar para responder a este desafio. Tiveram que aprender novas formas de ensinar, novas formas de chegar até aos alunos e ao mesmo tempo tiveram que garantir o seguimento e apoio individualizado a cada aluno de forma remota (Maelan et al., 2021; OCDE, 2020).

Referindo-se as suas práticas educativas durante o ensino a distância, um cuidado, que sobressai dos testemunhos dos professores é tentar captar a atenção dos alunos, *“Temos que ser mais apelativos na forma como falamos, mesmo da voz, dos gestos e dessas coisas”* (Prof6), *”é tudo assim mais dirigido”* (Prof1), *“o ritmo tem que ser mais lento principalmente para estes miúdos”* (Prof6). Este cuidado em cativar a atenção dos alunos parece prender-se com a necessidade de lidar com o menor tempo de atenção das crianças que se verifica no ensino *online*.

No apoio terapêutico durante o primeiro confinamento é notória a necessidade de simplificação das tarefas, este facto é facilmente dedutível das palavras da fisioterapeuta: *“fazia planilhas com o que era suposto fazer, quantas vezes por semana, quanto tempo, todo o material”* (Fis), *“tive que fazer vídeos a explicar exercícios”* (Fis). No segundo confinamento na terapia da fala, que decorreu *online*, denota-se cuidado na adaptação das atividades em “tempo real” de forma a responder às necessidades da criança. Esta terapeuta exemplifica *“eu estar em casa e ter a capacidade de ir buscar outro jogo...e buscar outra atividade...na hora, se eu via que a criança...naquele período não está virada para aquele tipo de atividade rapidamente eu mudava porque estava online”* e *“iniciava com uma atividade e se precisasse de mudar na hora mudava e era assim que funcionava”*. Este cuidado em adaptar constantemente as atividades também está bem patente nas palavras de alguns professores. Um professor refere *“fazer atividades curtas e mudar a atividade para outra coisa”* (Prof3), outro refere que nos trabalhos que colocou na plataforma no segundo confinamento passou a *“não colocar data de entrega...há esses pormenores mais específicos que fui aprendendo de acordo com aquilo que cada aluno me dava”*(Prof6).

Outro cuidado muito marcado é o realce da importante vertente prática das atividades. A terapeuta da fala dá como exemplo: *“foi fazer o “quantos-queres?...desenhar uma cara triste e tinha que dizer em que situação em que ficava triste”*. A este propósito uma professora referiu vários exemplos: *“Trabalhava muito à base da imagem”* (Prof3), *“tinha um frasco*

com uns papelinhos... cada papelinho tinha uma atividade para fazer ou tinha uma postura... muito lúdico” (Prof3), *“muitas coisas de estimulação sensorial, muitas coisas de atenção e concentração, muitas coisas práticas, de autonomia pessoal, de ele arrumar o quarto e pôr a mesa*” (Prof3), *“fazer uns bonecos de plasticina*” (Prof3), e que para os alunos sem meios *“enviava umas fichinhas e...intercalava uma atividade prática*” (Prof3).

Outro aspeto muito referido foi a utilização de materiais disponíveis em casa dos alunos. Este facto é muito claro no discurso da terapeuta da fala quando refere que *“tentava arranjar estratégias ou atividades com materiais de casa e não enviar fotocópias”*, no mesmo sentido a fisioterapeuta refere *“ter que me lembrar de coisas de casa para fazer o que eu preciso”*. O mesmo está muito presente no discurso dos professores, por exemplo uma professora refere que tendo em conta a limitação dos materiais disponíveis nas casas dos alunos *“tínhamos que adaptar quase semanalmente as atividades, tendo em conta essas lacunas*” (Prof6).

As referências à utilização de recursos digitais são muito frequentes. Um professor refere que realizou *“visitas de estudo online... Portugal 360...lista de compras, caso fossem a uma visita de estudo... desenvolvi ali uma série de coisas à volta daquilo e depois íamos passear”* (Prof4), outra menciona que realizou, especialmente durante o segundo confinamento *“mais exercícios em...plataformas, com jogos didáticos online”* (Prof2), outra professora relata também que utilizou *“muitos vídeos, muitos recursos da internet...kahoot, alguns sites assim desse género”* (Prof6) e *“Google forms...faço em conjunto com eles durante as sessões”* (Prof6). Foi também referido o recurso às aulas emitidas na televisão *“tinham que assistir às aulas lá na televisão (estudo em casa)”* (Prof5) e a utilização da possibilidade de criação de salas na plataforma *“professor de educação especial em algumas situações, isto sempre definido caso a caso, estava a acompanhar o aluno na aula e depois era criada....uma sala à parte onde o professor de educação especial ia trabalhar individualmente com esse aluno”* (EMAEI).

O recurso aos conteúdos disponibilizados através da televisão (#EstudoEmCasa) foi considerada uma mais-valia pela sua universalidade de acesso que permitiu que alunos mais isolados pudessem aceder a conteúdos educativos relevantes (FENPROF, 2020).

Esta mesma tendência verificou-se no apoio terapêutico *online* de terapia da fala. Esta terapeuta refere que *“este ano optei muito por jogos no computador, jogos interativos”* e *“pedi aos pais para fazermos no zoom porque conseguia dar o comando e a criança conseguia mexer no jogo ou na atividade...conseguia interagir no jogo em si”*.

Esta realidade coincide com a percepção da Ajunta da Direção que afirmou que durante o ensino a distância *“Passou tudo muito mais para meios informáticos”* e que se passou a *“utilizar muito mais ferramentas digitais para a apresentação das temáticas”*.

Quando questionados sobre estratégias utilizadas durante o ensino a distância todos os professores concentram o seu discurso no apoio aos alunos com medidas adicionais, apenas um professor fez questão de realçar que com os alunos a usufruir de medidas seletivas *“acabei por focar mais no apoio ao estudo, na organização, método”* (Prof4).

Em relação às estratégias utilizadas durante o ensino presencial no segundo confinamento, tanto professores como terapeutas, referem estratégias e materiais com características semelhantes aos usados no período de ensino presencial anterior à pandemia. A psicóloga refere que *“não recorri a outras ferramentas”* e *“os recursos foram os mesmos”*. Um professor refere que *“no presencial eles estão lá comigo e eu evito enviar ainda mais trabalho para os dias em que eles não estão”* (Prof2).

É de destacar também a referência à necessidade de apoio dos encarregados de educação na aplicação das estratégias delineadas especialmente com os alunos com baixa autonomia. Uma professora refere que para os alunos de medidas adicionais *“à sexta-feira eu coloco tudo no classroom o que vamos fazer...trabalhos que eles vão fazer comigo, os que vão fazer em contexto de turma, as expressões que fazem em trabalho autónomo”* (Prof1) e assim os *“pais e eles próprios quando chega a semana têm tudo ali à mão é muito mais fácil”* (Prof1), outra refere que indica *“muitos jogos interativos, para os pais fazerem com eles”* (Prof5), *“fazer materiais também com estratégias que os pais pudessem utilizar em casa... Já que há coisas que eu não podia fazer a distância”* (Prof5).

3.5. Relação dos Encarregados de educação dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem e a escola na modalidade de ensino a distância

Nos dois períodos de ensino a distância o contacto entre os EE e a escola foi feito tanto através dos professores de educação especial como dos professores titulares de turma ou diretores de turma, preferencialmente através de *e-mail*, telefone e até mesmo através da plataforma *classroom*. Os testemunhos de todos os EE denotam um acompanhamento permanente e muito próximo. Muitos são os testemunhos que corroboram esta afirmação, *“eu era bastante ajudada... penso que me deram o apoio necessário... como encarregada de educação não me posso queixar de que houve falha nessa, nessa parte”* (EE1), *“Comunicava mais através de e-mail ou nas aulas online com as professoras do ensino especial”* (EE1),

“ela (professora de educação especial) vai-me mantendo a par da evolução” (EE1), “tinha sempre alguém que me esclarecia. Falava com a professora e ela estava sempre disponível” (EE2), “Algumas vezes fazia videochamada com a professora e falávamos...telefone também” (EE2), “falei algumas vezes com a professora (Adjunta da Direção) sobre algumas coisas, quando tinha algum problema que tinha de resolver...foi tudo resolvido” (EE2), “Nunca tive qualquer tipo de problema de falar com elas, ou pedir explicações ou ajuda ou... Estavam sempre prontas”(EE3), “tivemos sempre em contacto e sempre houve a preocupação da parte delas em telefonarem, perguntarem como é que as coisas estavam a correr” (EE3), “Por telefone, por e-mail, às vezes por vídeo. Mais com a professora de educação especial” (EE3), “No ano passado correu tudo bem. A relação escola família correu lindamente não houve nenhum obstáculo” (EE4), “a diretora de turma e vários professores, estiveram sempre presentes no whatsapp...dos pais” (EE4), “por telefone...por e-mail” (E4), “este ano, houve ali aquela falha de comunicação com o diretor de turma, mas de resto” (EE4), “tinha o apoio sempre presente do professor de ensino especial” (EE4), “Eu sempre me senti apoiada pela diretora de turma” (EE5), “através de e-mail ou mensagens...através de um telefonema...online...(na) aula síncrona com a diretora de turma” (EE5).

Os professores também testemunham esta proximidade entre a escola e os encarregados de educação, *“fazia chamadas todas as semanas para os miúdos que não tinham acesso à plataforma, à internet” (Prof3), “ao telefone ou, no vídeo mais tempo era com a mãe...quase não estava nenhum tempo com ele, com a mãe estava uma e duas horas a falar com ela” (Prof3), “para as adicionais tenho sido eu... o professor titular também de vez em quando ia acompanhando as atividades e contactava com o encarregado de educação” (Prof2), “Seletivas é mais o professor titular” (Prof2), “íamos conversando...alterávamos procedimentos se necessário. Eles diziam como era mais vantajoso” (Prof4), “Íamo-nos adaptando conforme as dificuldades” (Prof4), “usei a classroom com os pais...na aula síncrona...agendava...e falava como ela sobre estratégias, feedback relativamente áquilo que a criança estava a fazer, dificuldades” (Prof5), “o miúdo não...queria, mas ela (a mãe) esteve sempre presente para perceber as estratégias e as orientações” (Prof5), “Quando têm problemas têm contactado, eu quando sinto que há algum problema também tenho contactado” (Prof6), esta professora acrescentou que considera que o contacto com os EE através da plataforma *“acabava por ser até mais rápido do que estando na escola” (Prof6).**

As terapeutas a este propósito referem que no primeiro confinamento não estiveram em contacto direto com os encarregados de educação, os professores de educação especial *“eram a ponte (com os pais)” (TF).* No segundo confinamento esta situação alterou-se, *“estabeleci*

contactos com os Encarregados de Educação” (Psi), “Os pais ligavam o computador e falavam comigo...eu contactava diretamente com os pais” (TF), “se eu encontrar um pai ao portão, ele vai querer falar comigo e faz perguntas, e corre bem” (Fis) esta terapeuta lembra também a colaboração dos pais na realização de apoio presencial “dois deles fiz presencial porque as mães levavam à escola” (Fis).

Os EE mostraram uma boa receptividade ao PE@D apresentado pelo Agrupamento tanto no primeiro como no segundo confinamento. Este facto está bem claro nas declarações dos professores que, referindo-se ao primeiro confinamento, afirmaram “*Creio que houve uma boa aceitação em geral*” (Prof4), “*Sim (boa aceitação do plano)...está a ser muito complicado para todos e ter o apoio da escola é uma mais-valia*” (Prof6), “*aceitaram, eles não fizeram qualquer comentário*” (Prof2). Em relação ao segundo confinamento as afirmações são semelhantes, “*parece-me que sim...Não tenho tido nenhum feedback negativo*” (Prof6), “*Este ano está bom...Os pais já estavam recetivos que iria que ser assim*” (Prof3). Referindo-se a ambos os confinamentos, uma professora refere que “*as pessoas de que estávamos à espera, foram bastante recetivas e fizeram tudo para conseguir entrar na engrenagem. Aqueles que já tinham alguns constrangimentos tornaram-nos ainda maiores para não arcarem com uma responsabilidade maior*” (Prof1) e acrescenta que no segundo confinamento “*a própria escola...trouxe esses miúdos à escola*” (Prof1). Em relação às terapias a receptividade dos pais no primeiro confinamento, pelas palavras da fisioterapeuta, “*foi zero*”. No segundo confinamento esta situação alterou-se, é referido pela psicóloga que “*Foi uma boa receptividade. As famílias acabaram por decidir, quem queria e quem não queria, ou seja, as famílias tiveram esse poder de escolha*”.

As orientações que os EE receberam foram percecionadas como definitivas. Vários são os testemunhos neste sentido, “*foi uma coisa quase imposta...como eu estava em casa, portanto, a mim não me fez, não me criou problema nenhum*” (EE1), “*acho que não houve muita margem para sugestões*” (EE5). Apesar desta perceção, os EE manifestaram ter sentido um clima propício a fazer sugestões e para partilharem as suas dificuldades. Uma encarregada de educação refere “*se alguma coisa não corresse bem, se houvesse algum problema que aí sim falávamos e víamos se havia alguma possibilidade de mudar alguma coisa*” (EE5), “*iam perguntando se estava bem assim, se achava que era necessário mudar horários*” (EE1), “*não fiz nenhuma sugestão...eu tinha abertura para o fazer se isso fosse necessário. Mas não houve necessidade*” (EE1), “*Não achei necessidade de fazer mais alguma alteração. Penso que estava bem*” (EE2), “*Quando há mudanças ou seja o que for eu sou sempre consultada e*

há sempre um diálogo entre mim e as professoras até chegarmos a um acordo há muito diálogo” (EE3).

Apesar desta abertura para dar sugestões uma encarregada de educação refere que *“Nem todas (as dificuldades foram atendidas pela escola)” (EE4), a este propósito outra encarregada de educação exemplifica “Estiveram a auscultar os pais para saber a possibilidade de (o apoio terapêutico) ser presencial e o que é que nós achávamos...(mas) eles não nos deram a hipótese de ser online”(EE5) , esta mãe refere também que questionou “se não havia possibilidade de mudarem o horário para eles terem as aulas mais na parte da manhã, uma vez que seria online... mas aí disseram-nos logo que não, que tinha sido decidido que seria assim e pronto” (EE5).*

Por seu lado outra encarregada de educação partilhou a sua experiência pessoal em que as suas necessidades foram atendidas, *“O horário do (nome) foi feito comigo e com as professoras... Mediante a disponibilidade porque o pai...trabalha de noite...o horário foi feito de acordo com o horário que o pai...acordasse” (EE3).*

3.6. Perceções de professores de educação especial, técnicos especializados e encarregados de educação sobre a aplicação do ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem

A Adjunta da Direção que também é professora de educação especial realça que este é um Agrupamento com *“algumas fragilidades em termos sociais...as famílias que não têm os meios informáticos são simultaneamente aquelas que têm algumas questões relacionadas com conhecimentos, estamos a falar de uma população ainda com algum analfabetismo”* e que o *“ensino a distância veio realmente realçar as desigualdades que já existiam”*. Esta ideia é semelhante à defendida por Hood (2020, citado por Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020) quando afirma que o período de ensino a distância evidencia desigualdades e disparidades existentes e poderá mesmo exacerbá-las. No mesmo sentido temos o testemunho da CNE quando afirma que a necessidade de as famílias terem um papel mais ativo no apoio aos seus filhos nas atividades escolares veio expor desigualdades (CNE, a2021)

Na opinião da Adjunta da Direção todos os alunos *“têm desvantagem, no ficar em casa...Não há vantagem em ficar em casa ponto final, há é menos desvantagem...Se tiver uma família competente a desvantagem poderá ser menor. Agora, há sempre perdas” (EMAEI).*

Referindo-se ao primeiro período de ensino a distância afirmou que a *“desvantagem para estes alunos que não têm meios informáticos e que não têm pais capacitados é brutal, é muito grande, é onde acontece a maior desvantagem”*. Importa recordar que o apoio aos alunos sem meios informáticos foi feito através da disponibilização de tarefas em papel e *“às vezes falamos de crianças em que os pais não sabem ler”* (EMAEI) e *“estás a enviar para casa trabalhos para serem desenvolvidos com indicações escritas”* (EMAEI). Pelas suas palavras *“esta situação de virem buscar os trabalhos à escola, pois não tinham meios informáticos, para depois desenvolverem em casa criou uma grande desvantagem para estes alunos”* (EMAEI). Acrescenta ainda que para agravar esta situação já de si desvantajosa *“o feedback que nós tivemos depois é que muitos dos encarregados de educação não vinham devolver os trabalhos, a grande maioria”* (EMAEI). O grande fator diferenciador entre as crianças com medidas adicionais *“é a competência ou não da família”* (EMAEI).

Comparativamente aos alunos a usufruir de medidas seletivas os *“alunos com medidas adicionais são crianças com mais dificuldades em termos de autonomia...sozinhos não conseguem, eles precisam sempre de um apoio individualizado”* (EMAEI), *“não terem autonomia, não conseguem ficar, por exemplo, sentados em frente a um computador em algumas situações”* (EMAEI), *“A desvantagem para estes alunos é maior ainda sem o fator humano”* (EMAEI). Referindo-se tanto às aulas como ao apoio terapêutico, esta acrescenta que *“o presencial continua a ser o ideal, quando falamos de ensino a distância, é tentar minimizar a desvantagem mas a desvantagem está lá sempre, esta é a perceção que nós temos”* (EMAEI).

O CNE considera que são as crianças e jovens de famílias de baixos rendimentos e com necessidades específicas de educação quem sofre de forma acrescida quando são privados de oportunidades de aprendizagem presencial, do apoio social e emocional disponível nas escolas e de serviços extras, como alimentação (CNE, a2021). Outros estudos indicam que para além das desigualdades económicas e das necessidades específicas de educação são também fatores potenciadores de desigualdades, a falta de apoio familiar, o baixo nível cultural das famílias, dificuldades no acesso a meios digitais e défice no suporte académico dado pelas escolas e pelos professores (European Commission – JRC, 2020; Jiménez, Torres & Cruz, 2020).

Quando questionados sobre o ensino a distância a alunos com medidas seletivas e adicionais alguns professores consideram que esta forma de ensino dificulta a comunicação com os alunos, *“a dificuldade que é o explicar...o concretizar, pronto. É muito mais difícil”* (Prof1), *“É difícil estar com uma criança que não consegue ler nem fazer nada a explicar-lhe*

um exercício a distância” (Prof1), “*(é tudo) muito mais...impessoal*” (Prof1), “*A distância é mais complicado nós desenvolvermos essas capacidades (motricidade fina)*” (Prof6). Uma professora refere mesmo que “*miúdos com dificuldades de aprendizagem, nós não chegamos lá, nem tão próximo...(é)melhor do que nada...*” (Prof3) e acrescenta que “*É completamente diferente estar ao pé deles do que estar a distância. Miúdos com dificuldades, isto do ensino a distância, não...eu não vejo grande evolução neles*” (Prof3) e “*nestes miúdos com dificuldades de aprendizagem sem dúvida que o presencial faz toda a diferença, desde a atenção, desde o foco, desde a dedicação*” (Prof3). Esta professora afirma mesmo que na sua opinião para “*miúdos com situações mais graves (alunos com medidas adicionais), ser online é zero*” (Prof3) e que “*nas seletivas também não sei se eles aprendem muito (a distância)*” (Prof3). Uma professora refere que “*um caso de um miúdo (autista) que não quer aparecer... Não faz nada, está ali...mas na escola ele faz*” (Prof5). Outra professora partilhou a sua angústia, “*dificuldades (em) saber se conseguia chegar aos alunos...como não havia um contacto presencial... sempre a dúvida, não é?*” (Prof2).

Vários professores referem também que os alunos com mais dificuldades não conseguem acompanhar as aulas, especialmente quando estão com toda a turma. Uma professora afirma que “*havia montes de alunos e se calhar não só os da educação inclusiva que estão ali muitas horas e não estão a aprender nada, porque simplesmente estão ali só de corpo presente, mas não estão a aprender nada*” (Prof1), outra refere “*sinto que eles se distraem muito mais, estão mais aéreos, distraem-se com outras coisas...eles dispersam-se muito mais, a atenção deles...a internet, o computador, o telemóvel, aquilo distrai-os muito mais*” (Prof3) e outra é da opinião que “*havia meninos que a seguir às aulas síncronas (no desenvolvimento do trabalho autónomo) não estavam ali a conseguir captar nada*” (Prof5).

Outro aspeto referido é o *stress* que as aulas *online* provocam em alguns alunos, uma professora refere o exemplo de um aluno com autismo “*para chegar a ele era muito complicado, ele entrava em ansiedade muito grande. Para os outros era mais fácil*” (Prof3), acrescenta que para este aluno as aulas presenciais do segundo confinamento “*não tem nada a ver... Nem para os pais...ansiedade, o stress consegue-se controlar muito melhor... Ele em frente ao ecrã entrava em stress muitas vezes...É uma pessoa diferente, não é a mãe, não é o pai...não está ao longe*” (Prof3).

Outro aspeto referido é a timidez, um professor considera que alunos com medidas adicionais “*nas aulas online com a turma acabam por ser tímidos. Têm noção das suas limitações e evitam intervir*” (Prof4).

É referido também que alguns alunos parecem não encaram as aulas *online* com a mesma seriedade do ensino presencial, “*eles chegam atrasados*“ (Prof3), “*há crianças...que não estão com atenção, que aparecem em pijama*” (Prof5), alunos “*com medidas não significativas...alguns não apareciam*” (Prof4), “*alguns às vezes apresentavam-se de forma menos própria, assim com um ar mais relaxado na cama com o telefone à frente, por exemplo*” (Prof4). A este propósito este professor refere que para tentar evitar este problema no segundo confinamento tornou-se “*obrigatório ter a câmara ligada, caso contrário o professor pode bloquear esse aluno. E é obrigatório estar ali ao pé do computador e caso seja feita uma pergunta o aluno tem que...responder logo...há assim um bocadinho mais de rigor*” (Prof4).

Esta perceção vai ao encontro de um estudo que mostra que os alunos com necessidades educativas específicas contribuíram menos ativamente na sua aprendizagem comparativamente ao que fariam presencialmente na escola e que foi um desafio para os professores fazerem com que estes alunos concluíssem o seu trabalho e aceitassem que o ensino em casa era uma forma legítima de educação (Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020).

Uma professora refere que sentiu que as crianças “*estão cansadas de estar em casa, querem ir para a escola... querem ver os amigos*” (Prof5), outra partilhou que “*Uma coisa é nós sabermos que estamos todos fartos outra coisa é ouvir um miúdo a dizer que está farto e então aquilo tocou-me*” (Prof6).

Importa referir também a preocupação dos professores relativamente à ocorrência de casos de interferência excessiva de alguns EE nas aulas, “*aparece com demasiada frequência e com demasiadas intervenções (nas aulas síncronas)*” (Prof4), “*depois também se metem (no decorrer das aulas online)*” (Prof5). Esta situação é também testemunhada pela Adjunta da Direção quando menciona que “*Alguns colegas queixaram-se de algumas intervenções de encarregados de educação durante as aulas... Não tivemos aqui estas queixas ao nível dos alunos com adicionais, este feedback foi mais ao nível de crianças em contexto de turma*”, dando como exemplo “*observações despropositadas, por exemplo, gravação de aulas em vídeo ou em áudio*”.

Não obstante dos vários aspetos negativos apontados são também referidas algumas vantagens deste modelo de ensino. Uma professora refere que teve “*miúdos que na escola se portam mal e aqui na aula síncrona foi uma maravilha*” (Prof5). É também referida como vantagem o facto de terem um apoio mais individualizado, “*até me parece que correu muito bem porque tiveram mais tempo de apoio individual do que quando estão na sala de aula*”

(Prof5), *“como estão com um ensino tão individualizado, dirigido e adequados às necessidades deles, se calhar até tiram mais partido do que muitos”* (Prof1). Uma professora refere outra vantagem, para *“miúdos que têm, por exemplo, problemas de autoestima que é-lhes mais fácil trabalhar aqui online do que em sala de aula e em grande grupo”* (Prof6) e acrescenta até que *“É uma contradição, mas estando longe se calhar tornamo-nos um bocadinho mais próximos”* (Prof6). Considerando o acesso à casa de cada aluno que o ensino online “obriga” uma professora refere que há *“situações que dá para nós percebermos como é que é o contexto familiar ou se há problemas... episódios que nos dão pistas, que revelam muita coisa...importante depois para tomarmos algumas atitudes”* (Prof5).

No primeiro confinamento os apoios terapêuticos ocorreram exclusivamente através da entrega de tarefas para serem desenvolvidas em casa pelos encarregados de educação a terapeuta da fala refere que este tipo de *“ensino a distância não dá para todas as crianças, não dá para todas as patologias e não dá para todos os pais”*. A fisioterapeuta por seu turno refere que *“é inviável fazer “teleterapia”, é inviável mandar um plano para casa e esperar que os pais me respondam...porque não é isso que acontece”* e que *“quanto mais dependente (for o aluno) mais difícil é de conseguir estabelecer algo que seja feito. Dependo que uma pessoa faça algo por mim”*.

Relativamente ao segundo confinamento a terapeuta da fala, que prestou apoio *online*, refere que desta forma *“Dá para fazer tudo consegue-se trabalhar bem, mas há patologias gravíssimas que não dá”* (TF). Não obstante de ter prestado apoio *online* refere que, comparativamente ao apoio presencial, o apoio *online* *“Não tem nada a ver. Porque quando estás lá consegues arranjar estratégias, consegues dar a volta à situação, levar a criança a que faça aquilo que tu pretendes...assim online não há como”* (TF) e que *“Sim, sim”* (TF) a distância a terapia surte efeitos menos positivos.

A psicóloga que no segundo confinamento também fez apoio de forma presencial refere que *“não faz muito sentido... através de um monitor...É muito difícil trabalhar assim...há alunos que dão alguma coisa e há alunos que não”* (Psi).

Os testemunhos de encarregados de educação, professores e terapeutas são indicadores que todos consideram que os alunos com baixa autonomia serão os mais prejudicados no ensino a distância. Esta crença vai ao encontro do explanado na publicação da European Commission – JRC (2020), quando se afirma que alunos com necessidades específicas de educação encontram-se entre os que têm maior probabilidade de sofrer com o encerramento das escolas e mesmo que sejam apoiados *online* de forma personalizada, o facto de a interação ser mediada por tecnologia tende a reduzir a sua eficácia.

Mas mesmo reconhecendo limitações ao ensino a distância parecem estar de acordo com a ideia, defendida em vários estudos, de que a sua utilização foi fundamental para assegurar a continuidade da aprendizagem durante o encerramento dos estabelecimentos de ensino (European Commission – JRC, 2020; OCDE, 2020).

Professores, EE e terapeutas testemunham que nos períodos de ensino a distância a participação dos EE nas atividades escolares foi muito necessária especialmente com os alunos, com baixa autonomia, a usufruir de medidas adicionais.

Este é um aspeto muito importante pois o envolvimento e o apoio dos alunos e das suas famílias no processo de adaptação ao ensino a distância é um dos fatores fundamentais para o sucesso das estratégias de aprendizagem implementadas (European Commission – JRC, 2020).

A dependência da ajuda das EE é notória no discurso de duas EE de alunos que frequentam o primeiro ciclo a usufruir de medidas adicionais, *“eu trabalhava sempre muito com ele em casa”* (EE1), *“a aula só ele com a professora do ensino especial e eu sempre com ele, eu sempre ao lado dele”* (EE1), *“a nível de trabalhos, com a minha orientação, nunca houve assim dificuldade em que ele fizesse determinada tarefa...tínhamos que escolher assim os períodos do dia em que ele estava mais recetivo”* (EE1), *“havia dias que a gente não conseguia mesmo fazer nada. Mesmo quando a professora estava em videochamada...a gente conversava sobre isso e íamos arranjando alternativas para conseguir fazer as coisas”* (EE3), *“fui recebendo informação mediante os trabalhos que ele fazia em casa, e a gente enviava os trabalhos que ele fazia por mail. Fotografias... Pronto, das coisas que eles pediam. E recebi um bom feedback”* (EE3). Uma EE de um aluno que usufrui de medidas adicionais, que durante os confinamentos transitou para o 3.º ciclo refere *“houve alguns dias que eu também tinha de estar presente a algumas disciplinas”* (EE2), *“no princípio não sabia muito bem como é que se enviava...a professora sempre explicou...dava os passos e ele sempre seguia os passos todos e conseguiu”* (EE2), *“ele conseguiu fazer tudo, conseguia fazer os trabalhos, conseguia enviar”* (EE2).

A necessidade de apoio e acompanhamento dos alunos também se verificou nos alunos a usufruir de medidas seletivas. Relativamente aos alunos a usufruir de medidas seletivas, ambos a frequentar o sétimo ano no segundo confinamento, as suas EE partilharam que *“A minha grande valia foi ter a minha (nome da irmã da aluna) que também veio para casa e serviu-me de grande ajuda. Tanto para mim como para ela”* (EE4), *“eu às vezes não tinha o apoio da minha (nome da irmã da aluna) e eu tinha que ajudar a (nome)”* (EE4), *“ele acabou*

por ter menos o meu apoio, digamos assim, neste segundo confinamento...Porque esse apoio era mais feito pelos professores que passavam mais tempo com eles” (EE5).

A opinião que no ensino a distância existe uma necessidade superior de colaboração dos encarregados de educação, especialmente com os alunos com baixa autonomia, é também notória no discurso dos professores quando referem, *“(o aluno) mais complicado acedia com a mãe... Tinha mesmo que estar ali, o encarregado de educação em cooperação comigo. Funcionou bastante bem e até me surpreendi” (Prof6)*, pedia à mãe *“corantes alimentares, lá ia a mãe comprar” (Prof3)*, *“(alunos do 1.º ano) eles não têm autonomia nenhuma... necessário o apoio do encarregado de educação” (Prof2)*, inicialmente *“os pequenitos precisavam sempre da ajuda dos pais ao início, hoje já entram (na plataforma)...os mais velhos facilmente perceberam como é que era” (Prof1)*, *“pedia aos pais para criarem materiais manipuláveis para trabalharem a leitura e a escrita...enviei, para...cortarem e plastificarem as sílabas...estávamos a trabalhar e os pais ajudavam era o jogo das sílabas, por exemplo” (Prof5)*. A terapeuta da fala refere que durante o apoio terapêutico (*online*) *“tenho um autismo profundo em que o pai tem que estar ao lado”*. A fisioterapeuta refere que a *“fisioterapia com hands off é muito difícil, ainda mais nestes alunos”, “fisioterapia é muito mais difícil...Dependo que uma pessoa faça algo por mim”* e para isso enviava *“vídeos com exemplos do que eu queria que os pais fizessem”*, esta acrescenta que durante o primeiro confinamento *“nós precisávamos muito de apoio dos Encarregados de Educação e não nos foi dado esse apoio” (Fis)*.

A Adjunta da Direção a este propósito lembra que a colaboração dos EE foi fundamental e refere a título de exemplo, no primeiro confinamento, que *“crianças que não tinham meios tecnológicos...os encarregados de educação vinham à escola...vinham numa semana, desenvolviam os trabalhos e depois na semana seguinte devolviam os trabalhos e levavam novos trabalhos para a outra semana” (EMAEI)*. Uma professora refere que, no segundo confinamento, também a colaboração dos pais no apoio presencial foi importante *“Não tomam lá as refeições nem nada. Eles vão lá, trabalham comigo e depois vão para casa...combinarmos com as famílias também as horas de irem entregá-los e irem buscá-los” (Prof1)*.

Também existem algumas referências à necessidade que alguns professores sentiram em capacitar/auxiliar os pais a trabalhar com os filhos, uma professora refere que *“ia dando algumas estratégias, à mãe do miúdo com perturbação do espetro do autismo” (Prof3)*, outra refere que *“também passei estratégias aos pais e tive a preocupação de fazer as fichas mais personalizadas e com jogos que os pais pudessem fazer em casa com eles” (Prof5)*.

Relativamente aos alunos a quem foram fornecidas atividade em papel durante o primeiro confinamento, uma professora refere *“Tínhamos contactos telefónicos para as instruções, ou pelo whatsapp, com os encarregados de educação”* (Prof1).

Os resultados obtidos estão de acordo com um estudo que mostra que o enorme suporte familiar que o ensino a distância exige é mais premente nos alunos mais novos, tanto para a aprendizagem como para o apoio no uso das tecnologias e plataformas de aprendizagem e também que, durante o ensino á distância, grande parte do fardo é colocado nas famílias (Petretto, Masala & Masala, 2020) e também com um estudo realizado no nosso país, os professores portugueses referem que os alunos até aos 12 anos apresentaram falta de autonomia na utilização dos recursos de ensino a distância, o que criou dificuldades acrescidas pois necessitavam da presença de um adulto para fazer o acompanhamento das atividades e a mediação entre o aluno e o professor (FENPROF, 2020).

Em relação à adaptação dos seus filhos ao ensino a distância, uma EE cujo filho se encontra no primeiro ciclo e usufruiu de medidas seletivas no primeiro confinamento e de adicionais no segundo referiu que no primeiro confinamento *“ao início diminuiu a motivação dele mas depois, quando ele se começou a habituar mais à situação já, já era mais fácil para ele fazer as tarefas”* (EE1), *“ao início era uma dificuldade para ele, ele ir ali para o computador, para as aulas”* (EE1), acrescenta também que esta dificuldade era amplificada porque *“ele ainda não estava a tomar a medicação (para ajudar na concentração)”* (EE1), *“Ele estava ali com um bocadinho de sacrificio e olhar para a turma e para o computador e para o professor, mas pronto, fez-se”* e que *“algumas tarefas se ele tivesse em ambiente de sala de aula se calhar conseguia, conseguia ter mais motivação, do que estar em casa. Porque em casa há outros estímulos à volta dele. Há os brinquedos, há o computador, os jogos”* (EE1). Esta encarregada de educação refere também que *“ele esteve muito bem tanto em casa como depois quando voltou ao presencial...foi-lhe explicado de uma forma que ele pudesse entender e ele nunca, nunca se mostrou assim pessimista nem triste...Adaptou-se muito bem a essas mudanças todas.”* (EE1). Outra EE cujo filho também usufruiu de medidas seletivas no primeiro confinamento e adicionais no segundo, e que coincidiu com a transição do 2.º para o 3.º ciclo referiu que *“No princípio, quando as coisas começam é sempre...faz sempre diferença...Mas depois de se integrar naquilo acho que ele... Adaptou-se bem”* (EE2), *“Eu não acho que ele se desmotivou, pelo contrário”* (EE2), *“No princípio reclamou...mas depois quando lhe dizia que qualquer dia temos de voltar à escola ele já dizia que era bom era que ficasse assim”* (EE2) e que *“Ele até já estava a gostar mais do ensino a distância do que ir à escola (risos). Ele por ele até tinha continuado assim”* (EE2). A mãe de um aluno a

usufruir de medidas adicionais afirmou “*Eu acho que a escola em casa para ele não era bom...ele mesmo diz que prefere ir para a escola*” (EE3), “*ele não gostava nada de aulas pelo computador. Foi muito difícil para mim, para as professoras...Isto para ele não fazia sentido, estar a ter escola em casa*” (EE3), “*Havia dias que atirava com tudo para o ar. Que não queria... Ficava nervoso e agressivo...Não era assim todos os dias, mas já chegou a um ponto em que... Cada vez que sabia que tinha que ir para a aula ficava logo...*” (EE3). A EE de uma aluna com autismo a usufruir de medidas seletivas referiu que a filha “*reagiu muito bem...gosta muito de estar em casa...estranhou ao início, mas tirando a parte de ter de ficar (fechada) em casa ela adorou ficar em casa*” (EE4), o ensino a distância “*nunca foi um entrave*” (EE4), acrescenta mesmo que o “*difícil foi o regressar à escola... Pois, porque ela habitua-se a estar em casa*” (EE4), “*Ainda hoje eu estou a adaptar a (filha) à vida normal*” (EE4). No entanto, referindo-se especificamente às atividades letivas, esta EE refere “*ela ficava muito cansada. Tinha alturas que ia-se embora...Tinha que ter sempre em casa uma pessoa a orientá-la*” (EE4), relativamente à realização das tarefas esta EE refere que, tal como acontece no ensino presencial, “*coisas que ela gosta, ela mostra interesse e motivação. Coisas que ela não gosta, matéria que ela não gosta...Aí ela desinteressa muito facilmente, ela está a fazer ali e é muito difícil conseguir trabalhar com ela*” (EE4). Esta mãe conclui “*Acho que o ensino a distância não foi bom, nem para a (nome da filha), nem para criança nenhuma*” (EE4).

Uma EE de um aluno com autismo a usufruir de medidas seletivas referiu que “*notei no ano passado que se eu não andasse em cima dele...Parecia mais uma brincadeira...Este ano foi mais como se eles estivessem na escola, digamos assim*” (EE5), refere que no primeiro confinamento “*não notei muito que ele tivesse grande dificuldade (nas tarefas), mas é assim tinha sempre mais dificuldade do que este ano porque este ano eu notei que ele conseguia fazer as coisas mais sozinho*” (EE5) e acrescenta que “*neste segundo confinamento tivemos aqui uma alteração do comportamento...Ele queria fazer tudo sozinho...(mas o) trabalho autónomo era feito com a ajuda dos professores, o que também me deixou que ele estivesse mais livre*” (EE5). Esta encarregada de educação partilha que um dos aspetos que potenciam o sucesso do ensino a distância é incentivar a autonomia dos filhos, esta afirmou que “*devemos...deixar que as crianças sejam mais autónomas...não é pelo facto de estarem em casa que os pais têm propriamente que se meter...no trabalho que os miúdos estão a fazer ou principalmente no trabalho que os professores estão a desenvolver*” (EE5), “*as famílias poderiam ter aproveitado para trabalhar um bocadinho a parte da autonomia e da responsabilidade deles*” (EE5), acrescenta ainda que na sua opinião “*muitas famílias caíram*

nesse erro de quase se intrometer nas aulas...uma coisa é o apoiar, outra coisa é o quase intrometer ou acompanhar como se fossem quase os próprios pais a terem as aulas” (EE5). Importa aqui lembrar que esta EE é professora, o que pode explicar esta opinião.

A psicóloga refere que durante os confinamentos sentiu “*em alguns (alunos), não todos, o medo...não desta fase de confinamento propriamente, mas da pandemia, do vírus*”. No relatório de análise do trabalho realizado do subdepartamento de Educação Especial (2020/2021) é referido que os alunos usufruíram de medidas seletivas e adicionais de um modo geral “*foram assíduos e pontuais*”, “*adequaram o comportamento ao contexto digital*”, “*manifestaram interesses pelas atividades propostas*” e “*cumpriram a maioria dos trabalhos atribuídos*”.

Alguns trabalhos anteriores à pandemia assinalaram como vantagens do ensino a distância, para alunos com necessidades educativas específicas, a redução dos fatores de distração, a aprendizagem diferenciada, a adequação ao ritmo de aprendizagem (Jetro, Grace & Thomas, 2012; Young & Donovan, 2020) e a possibilidade de crianças com dificuldades em permanecerem sentadas poderem levantar-se sem perturbar os colegas (Young & Donovan, 2020).

Comparando com o descrito neste estudo, apenas o primeiro aspeto é contrariado pois na opinião de encarregados de educação e professores os alunos a partir de casa têm mais fatores de distração.

Em alguns estudos, anteriores à pandemia, apontam desvantagens do ensino a distância, para estes mesmos alunos, referem as dificuldades no uso autónomo das tecnologias como uma barreira (Parker e Banerjee, 2007, citado por Laslo-Roth, 2020), dificuldades de autorregulação e motivação de alunos, por exemplo, com défices cognitivos severos e autismo grave (Young & Donovan, 2020), dificuldades acrescidas devido à solicitação de atenção prolongada em alunos com PHDA e défice de atenção (Ruban et al. 2003, citado por Laslo-Roth, 2020). Dificuldades semelhantes foram descritas neste estudo por encarregados de educação e professores.

Desta forma estamos em condições de afirmar que grande parte das vantagens e desvantagens apuradas neste estudo em relação ao ensino *online* estão inerentes à natureza deste tipo de ensino e não às circunstâncias de emergência que envolveram a sua organização.

Estudos mais recentes referentes ao ensino a distância em consequência da pandemia, versando todos os alunos, apontam para um menor dispêndio de tempo nas aprendizagens, (European Commission – JRC, 2020), aumento de stresse, isolamento e ansiedade em alguns alunos (CNE, a2021; European Commission – JRC, 2020), alguns alunos manifestam vontade

de voltar à escola por sentirem falta dos amigos (CNE, a2021; European Commission – JRC, 2020; Mbazzi, et al., 2021), dificuldades na aquisição de conteúdos e dificuldades de interesse e motivação nas aulas, grande quantidade de trabalhos escolares (CNE, a2021). Estas conclusões vão ao encontro de muitos aspetos apontados pelos participantes neste estudo, o que permite concluir que há semelhanças nas consequências do ensino a distância para alunos com e sem necessidades específicas de aprendizagem. Não obstante estes aspetos comuns, os testemunhos referidos neste trabalho permitem-nos concordar com os vários estudos que evidenciam que os alunos com necessidades educativas específicas sofreram impactos negativos tal como os seus colegas mas de forma agravada devido às suas limitações acrescidas (FENPROF, 2020; Laslo-Roth et al., 2020; Maelan et al., 2021; Mbazzi, et al., 2021; Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020; Petretto, Masala & Masala, 2020).

3.7. Dificuldades/barreiras ao processo inclusivo no ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem

A terapeuta da fala considera que *“No ensino a distância não há inclusão”* e que a *“Inclusão a gente trabalha na escola com o colega, o ensinar a estar e a ser, assim não”*.

A psicóloga considera que o ensino a distância *“foi um período diferente”* e que *“a parte...inclusiva em termos de contexto de turma, aí ficou em standby”*, esta terapeuta considera também o facto de terem existido alunos que não tiveram terapias durante o ensino a distância *“É sempre (uma barreira à inclusão)”*.

Os professores são da opinião que no ensino a distância a inclusão é muito difícil de concretizar. Uma professora refere que *“a inclusão para (alunos com medidas adicionais) é um bocado complicada com o ensino a distância”* (Prof2), outra, quando questionada sobre como ficou a inclusão no ensino a distância respondeu *“Não ficou”* (Prof3).

Os professores percecionam como barreiras à inclusão, a falta de articulação entre os professores, *“No ano passado não havia (articulação com o professor da turma) pura e simplesmente”* (Prof5); o menor acompanhamento dos alunos, *“Possivelmente ficaram menos acompanhados (tal como os outros alunos)”* (Prof5); o isolamento dos alunos com medidas adicionais em relação à turma, *“(os alunos com medidas adicionais) estão um bocadinho à parte...Estão mais connosco...mais isolados”* (Prof2), *“(com alunos com medidas adicionais) a inclusão não foi feita”* (Prof2), referindo-se igualmente a estes alunos *“no ano passado não houve...integração dos miúdos online dentro da turma”* (Prof6), *“(possivelmente menos) incluídos, vamos dizer assim, no ensino a distância”* (Prof5); a diminuição da interação

social, *“O ensino a distância condicionou negativamente...(ausência da) parte de eles estarem na escola e conviverem com os colegas”* (Prof4), *“Os miúdos ficaram muito mais isolados uns dos outros”* (Prof3), *“quase que deixam de ver os colegas, de estar na turma, de estar no convívio”* (Prof2).

Os encarregados de educação não especificaram barreiras à inclusão dos seus filhos durante o ensino a distância.

3.8. Estratégias promotoras da inclusão educativa na modalidade de ensino a distância junto dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais de suporte à aprendizagem

A este propósito a fisioterapeuta considera que neste Agrupamento há inclusão, esta terapeuta refere explicitamente, *“tanto no presencial, como no...a distância eu acho que há inclusão...é um bom exemplo, tem uma boa forma de trabalhar”* (Fis), *“é uma escola muito boa...as coisas são bem feitas e bem estabelecidas e os meninos são bem incluídos”* (Fis).

Os professores realçam como fatores de inclusão o cuidado no acompanhamento de todos os alunos, *“ninguém ficou deixado completamente ao abandono”* (Prof1), *“Ninguém ficou por ser acompanhado”* (Prof5), *“tentamos minimizar os danos e não deixar nenhum aluno para trás”* (EMAEI); a articulação com outros professores, *“faço a gestão com o colega, se for necessário sair da sala e fazer um trabalho mais próximo, vou para a minha sala, depois volto e há uma articulação muito melhor”* (Prof5); a participação em aulas online, *“estavam incluídos (alunos em regime online)”* (Prof1), *“(nas) aulas síncronas... (alunos com medidas seletivas) estão a acompanhar a turma...aí a inclusão está um bocadinho mais em cima”* (Prof2), houve o mesmo cuidado de proporcionar aos alunos com medidas adicionais a continuidade do contacto com a turma *“Continuaram a frequentar algumas aulas que já frequentavam com a turma... Houve esse cuidado”* (Prof4). A continuação do apoio terapêutico durante os períodos de ensino a distância foi também percecionado como um fator de inclusão *“foram acauteladas as terapias”* (Prof1).

Um professor refere que do primeiro para o segundo confinamento, a nível da inclusão, não há grandes alterações, *“continuam em casa, as condicionantes acabam por ser as mesmas... Deverão ser semelhantes sim. Não deve ter havido assim evolução significativa”* (Prof4). No entanto esta opinião não reflete a opinião da maioria. Outros professores consideram que do primeiro para o segundo confinamento, houve uma evolução positiva da resposta do Agrupamento, o que levou a uma melhoria ao nível da inclusão. Uma professora

refere que no primeiro confinamento “*não houve aquele acompanhamento, aquela monitorização que conseguimos fazer atualmente*” (Prof1), “*já está num caminho melhor*” (Prof1), outra afirma que do primeiro para o segundo confinamento “*Penso que diminuíram (as barreiras à inclusão)*” (Prof5).

Do primeiro para o segundo confinamento, uma das diferenças realçadas é a permissão legal para alunos com medidas adicionais (e também alunos em situação de risco) se deslocarem à escola, esta possibilidade é percecionada como um fator de inclusão. Neste sentido uma professora refere mesmo que o facto de terem sido “*acauteladas as possibilidades de quem não tinha condições quer ao nível das aprendizagens (alunos com medidas adicionais)...quer outros alunos... em situação de risco. Acaba por ser uma inclusão também, eles terem a possibilidade de terem acesso ao currículo*” (Prof1) remata a sua opinião dizendo que “*tanto a inclusão...de alunos que antigamente eram educação especial, como... de alunos em situação de risco...agora tem estado a correr de uma forma melhor*” (Prof1). Uma professora afirmou que o Ministério da Educação “*fez muito bem em pôr presencial*” (Prof3), outra refere “*(alunos com medidas adicionais) têm direito às aulas presenciais...um arzinho que não ficaram esquecidos...uma pequena melhoria (em relação ao confinamento anterior)*” (Prof2), refere também que os “*(alunos com medidas) seletivas já estão um bocadinho mais incluídos*” (Prof2). Outra professora afirma “*Melhor este ano...no ano passado...as fichas andavam para trás e para a frente, este ano a criança esteve na escola a ter sessão síncrona como os outros. Portanto, ninguém ficou para trás, todos tiveram sessão síncrona... foi diferente, para melhor*” (Prof5).

Quando questionados sobre a inclusão dos seus filhos no ensino a distância as EE realçam o contacto com os colegas de turma como um aspeto positivo, tanto durante as aulas online como extra aulas, “*Sim, sim (contactava com os colegas da turma durante algumas aulas em comum)*” (EE2), “*assim que acabava as aulas, nas horas livres, ele estava sempre com a turma...com alguns amigos, com aqueles que tinha mais afinidade. Estava sempre a falar*” (EE2), “*(manteve contacto com os colegas) através dessa forma (aulas online) ou através de um grupo que eles tinham online de whatsapp*” (EE5), “*este ano sim, ele participou em mais atividades comuns à turma*” (EE1), “*(tinha aulas online com os colegas) Sim, sim*” (EE4). Importa notar que a valorização deste contacto com a turma só se verifica quando os encarregados de educação o sentem como confortável para o seu filho. Ilustrativo desta afirmação temos o testemunho de uma mãe que refere “*nunca teve contacto com os colegas da turma porque ele estava... Nunca apareceram online todos juntos...uma vez tentaram fazer isso, mas ele não queria... Ele não queria estar... Não queria estar assim*

nesse ambiente. Preferia sozinho” (EE3), no mesmo sentido outra EE refere que “*(contacto com a turma) Pouco, porque ela também lá na escola não mantém muito...Ela está sempre mais presente com os adultos*” (EE4). Nestes casos os EE não parecem ver como fator de exclusão o pouco contacto com a turma. O apoio prestado de forma individual também é referido como um fator positivo, “*Não (as aulas individuais não são um fator de exclusão)...ele prefere assim. Não é exigência nossa é ele que é assim*” (EE3), “*O ideal seria ele se calhar nem, nem ter aula com o professor titular, mas ter mais aulas com a professora de ensino especial porque elas é que estavam a trabalhar, trabalhar com ele*” (EE1).

Outro fator que é realçado, por alguns EE, como fator de inclusão é a existência de continuidade das respostas da escola do presencial para o *online*. Neste sentido uma mãe refere “*Continua a ter o mesmo contacto (com a turma)*” (EE2), acrescentando “*Sim (não ficou nem mais nem menos excluído no ensino a distância comparativamente ao presencial)*” (EE2), “*não foi excluído em qualquer das situações (presencial e online)...este ano ele esteve muito, muito, apoiado e muito integrado. Este ano houve um grande esforço para isso*” (EE1). Outro aspeto muito positivo referido pelas EE de alunos a usufruir de medidas adicionais foi o apoio presencial no segundo confinamento. Uma EE refere “*Eu acho que a escola em casa para ele não era bom...ele mesmo diz que prefere ir para a escola*” (EE3), “*não tem nada a ver...ele indo à escola não tem nada a ver*” (EE3) e outra EE refere “*ele esteve muito bem tanto em casa como depois quando voltou ao presencial...foi-lhe explicado de uma forma que ele pudesse entender...Adaptou-se muito bem a essas mudanças todas.*” (EE1) e acrescenta “*este ano... Foi excelente*” (EE1).

3.9. Opinião crítica do PE@D do Agrupamento

Quando questionados sobre a resposta do Agrupamento aos dois períodos de ensino a distância verifica-se que de uma forma consensual os EE consideram que estas respostas tiveram qualidade, não deixando por isso de fazer alguns reparos. Uma encarregada de educação refere “*ele teve todos os apoios possíveis. As coisas todas. Terapeutas... Correu tudo bem*” (EE1), “*regra geral eu não tenho queixas a fazer o nível de organização do agrupamento. Não, não tenho*” (EE1). No entanto, considerando a dificuldade do filho em acompanhar as aulas *online*, esta mãe defende que no primeiro confinamento teria sido melhor o filho beneficiar de mais aulas individuais de apoio com o professor de educação especial “*O ideal seria ele se calhar nem, nem ter aula com o professor titular, mas ter mais*

aulas com a professora de ensino especial porque elas é que estavam a trabalhar, trabalhar com ele, mas pronto. Na altura foi a organização assim.” (EE1).

Outra EE considera “que correu tudo dentro da normalidade” (EE2) e considera que o plano traçado teve qualidade “Eu penso que sim” (EE2). No entanto acrescenta que “se for à escola será sempre diferente (para melhor) do que desta maneira” (EE2). Esta EE considera que a duração das aulas *online* era insuficiente “Até se organizarem e não organizarem acabava quase o tempo e o tempo de aula era curto” (EE2) e também “se calhar alguns dias seria pouco (tempo de aulas), poderia ter tido mais alguma coisa...eu gostava que ele tivesse tido aulas o tempo todo. De manhã ou de tarde, como os outros tinham, mas não era possível” (EE2).

Outra referiu “Está tudo bem feito. Não tenho nada a dizer” (EE3). No entanto acrescenta que na escola o ambiente é mais propício ao trabalho do que em casa, “era preferencial (o ensino presencial) porque ele aqui em casa não resultava muito bem. Por mais que a gente quisesse às vezes não conseguia e então lá na escola... É como ele diz ‘a escola é na escola e a casa é em casa’” (EE3).

Uma EE manifestou uma opinião um pouco discordante, no entanto não imputa responsabilidade ao agrupamento quando considera que o ensino a distância não teve qualidade, mas sim ao facto de ser a distância. Esta EE referiu que “*As coisas correram bem, dentro do possível*” (EE4), mas “*Qualidade, qualidade, não teve. Não é uma coisa boa. É diferente. Mas fez-se o possível*” (EE4), e ainda acrescentou que “*A escola tentou fazer os possíveis e a (nome) tentou-se adaptar, mas olhe...Nem sempre as coisas correm bem. E não foi bom.*” (EE4). Refere, ainda, que no segundo confinamento “*foram muitas horas e ela ficava muito cansada...a mudança do horário... A (nome) não gosta desse horário da tarde*” (EE4), “*O ano passado correu melhor porque era menos tempo (total de aulas online)*” (EE4). No entanto destaca como aspeto positivo o horário de apoio de educação especial no segundo confinamento, “*este ano manteve sempre o horário do professor de educação especial. O que foi melhor*” (EE4).

Uma EE cujo filho usufrui de medidas seletivas referiu que “*Eu acho que no ano passado sinceramente acabou por ser um bocadinho mais leve e mais fácil, no aspeto que se calhar eles até tinham demasiado tempo livre*” (EE5) refere que “*este ano é muito chato porque eles têm aulas na parte da tarde, têm dias de manhã e de tarde e outros dias que são só à tarde*” (EE5), “*Podia ter sido feito, na minha opinião, alguns ajustes no horário, uma vez que os horários, na minha opinião não estavam ajustados principalmente nestes miúdos em que a capacidade de concentração é muito mais reduzida*” (EE5). Esta EE destaca como

aspecto positivo, no segundo confinamento, “(os professores) continuarem lá enquanto eles tinham esse trabalho autónomo para fazer, acho que foi uma medida excelente e que resultou muito bem porque acabou por nos deixar também um bocadinho mais livres” (EE5).

Os encarregados de educação consideram haver uma evolução no sentido positivo do primeiro para o segundo confinamento. Alguns EE referiram-no explicitamente, “Este ano, correu muito melhor. Até porque já estavam mais preparados” (EE1), “este ano... Foi excelente” (EE1), “não tem nada a ver...ele indo à escola não tem nada a ver” (EE3) e “agora estava mais organizado” (EE5).

A Adjunta da Direção afirmou que “O primeiro confinamento foi mais dramático do que o segundo”, “a necessidade aguça o engenho e nós também tínhamos já a experiência do primeiro confinamento”. Considera que “houve uma evolução positiva do primeiro para o segundo em termos de respostas” (EMAEI). Realça o papel do Ministério da Educação que “através das diretivas, teve também aqui um papel importante na melhoria das práticas...algumas diretivas principalmente para estas crianças com medidas adicionais que facilitaram este segundo confinamento”, destaca que “a possibilidade ao ensino presencial e a vinda destas crianças à escola foi a grande diferença e a grande mais-valia”. Refere também que o segundo confinamento foi mais fácil também ao nível da comunicação “conseguimos encontrar momento para reuniões, para o online, já com as pessoas todas a conseguirem aceder à plataforma” e “pelo facto de terem sido também criados e-mails para toda a gente, os pais... Já se conseguia comunicar mais eficazmente com os pais e com os alunos”.

Comparando os dois períodos de ensino a distância, os professores são perentórios em afirmar que se registou uma melhoria na qualidade da resposta do Agrupamento do primeiro para o segundo confinamento.

Os fatores chave apontados para esta evolução positiva são a experiência acumulada no primeiro confinamento e a organização mais atempada. Estas ideias estão bem patentes nas afirmações dos professores, “Parece-me que o ano passado foi um bom ensaio, um bom treino para aquilo que estamos a fazer agora, porque acho que agora está a ser muito melhor” (Prof1), “Este ano já estávamos preparados para o que vinha... estávamos muito melhor organizados” (Prof1), “as coisas já funcionaram diferente porque já tínhamos a experiência do ano passado” (Prof3), este ano “estamos mais organizados, está tudo mais estruturado” (Prof4), “Julgo que este ano está a funcionar muito bem. Talvez por estarmos mais habituados e mais à vontade com as novas tecnologias” (Prof4) “os colegas têm procedimentos muito mais semelhantes uns aos outros” (Prof4), como os horários

permaneceram iguais foi *“mais fácil fazer a gestão, não mexe tanto com rotinas”* (Prof4), *“este ano correu muito bem”* (Prof5), a *“(articulação com os pais) Este ano foi melhor”* (Prof5), *“já estamos mais à vontade e este ano correu melhor”* (Prof6), *“Sinto que as coisas estão a correr bem melhor”* (Prof6), *“Este ano em termos de horários e de gestão foi mais fácil”* (Prof6), os alunos *“já estavam mais familiarizados com a plataforma”* (Prof6).

Comparando a prestação de apoio terapêuticos nos dois períodos de confinamento a terapeuta da fala e a fisioterapeuta são inequívocas ao considerar que do primeiro para o segundo confinamento ocorreu uma melhoria.

Importa relembrar que no segundo confinamento o apoio terapêutico de fisioterapia decorreu de forma presencial. A fisioterapeuta refere, *“foram bastante diferentes os confinamentos”, “não teve nada a ver, na minha área, os dois confinamentos...o confinamento do ano passado foi horrível. Eu tive limitações em todos os pontos... Desta vez não tive qualquer tipo de limitações”*.

De relembrar também que no segundo confinamento o apoio terapêutico de terapia da fala foi *online*. A terapeuta da fala refere que no primeiro confinamento *“nem eu estava a fazer nem a criança estava a receber”*, no segundo confinamento *online* *“Dá para fazer tudo consegue-se trabalhar bem, mas há patologias gravíssimas que não dá...”*, esclarecendo, no entanto, que neste Agrupamento *“consegui trabalhar (com) todos”*.

De ressaltar que neste aspeto não é possível ter o testemunho da psicóloga uma vez que esta terapeuta exerceu funções neste Agrupamento apenas durante o segundo período de confinamento.

Na idealização de um plano de ensino a distância num contexto de pandemia *“é importante minimizarmos os contactos e esse é o nosso ponto de partida”* (EMAEI). Portanto considerando este contexto, *“o importante é ver quais as crianças que efetivamente vão estar em desvantagem ao ficar em casa e são estas que devem vir para a escola...Manteria o ensino presencial”* (EMAEI), no entanto para *“todos aqueles que nós conseguimos suprir as suas necessidades de alguma forma em casa, o mais benéfico será mesmo ficar em casa. Até porque muitas vezes estamos a falar de crianças com problemas de saúde associados”* (EMAEI). A Adjunta da Direção referiu que considerando o que está ao alcance do Agrupamento, alteraria um aspeto relativamente ao plano aplicado no segundo confinamento, organizaria *“formação a encarregados de educação nos meios digitais”*.

Há um reconhecimento da dificuldade na idealização de um plano de ensino a distância, *“é uma pergunta muito difícil”* (Prof3). Ao nível dos professores parece haver consenso em considerar que a resposta do Agrupamento no segundo confinamento foi uma resposta muito

positiva e a manter em moldes semelhantes em caso de ocorrência de um novo período de ensino a distância. São vários os testemunhos nesse sentido, “*este ano está a correr muito bem...optaria por um modelo semelhante a este ano. Não estou a ver grandes alterações que pudesse fazer*” (Prof4), “*Não sei o que é que se poderia fazer mais*” (Prof2). Alguns professores mostram-se favoráveis à realização de aulas síncronas *online*, “*Sessões síncronas...Eu mantinha*” (Prof5), “*se não podermos estar com eles...aulas online sim*” (Prof2), no entanto uma professora que considera que para os alunos com medidas adicionais esta não é uma boa opção, “*para chegar a estes miúdos as tecnologias, por mim, não*” (Prof3) e acrescenta que para estes alunos manteria aulas presenciais “*Claro que sim (aulas presenciais)*” (Prof3).

Nos discursos dos professores de educação especial surgem ainda várias sugestões nomeadamente ao nível dos recursos informáticos, “*material informático...para os professores*” (Prof2) e “*computadores para os professores... e banda larga*” (Prof6). Vários professores defendem a propiciação de formação a encarregados de educação professores e alunos, “*os pais deveriam ter algum tipo de formação*” (Prof1), “*Capacitar mais as pessoas (pais, professores e alunos) em termos informáticos*” (Prof2). Uma professora refere ainda que seria importante que os alunos mantivessem “*as rotinas principalmente na parte da manhã... Eu sugeria que as crianças tivessem que se levantar todas àquela hora*” (Prof5) e para isso refere que “*fazia as aulas síncronas todos os dias de manhã*” (Prof5). Outra professora defende que proporcionaria “*uma articulação ainda maior entre os vários grupos disciplinares e o...de Educação Especial*” (Prof6).

Na idealização do apoio terapêutico numa situação de ensino á distância num contexto de pandemia a terapeuta da fala refere que não organizaria apoio *online*, “*ou estava lá e fazia intervenção direta, ou online... a distância não vou fazer a diferença*”, se não fosse possível o apoio presencial seria melhor suspender o apoio durante esse período, “*parar por X tempo e para o ano vamos fazer um trabalho redobrado...na minha perspetiva acho que seria mais eficiente do que ter online alguns miúdos*”.

A psicóloga é da opinião que deverá haver a possibilidade de apoio terapêutico presencial e *online*, mas defende que a decisão final deverá ser sempre do EE, tal como fizeram no segundo confinamento, “*os pais terem a oportunidade de escolher, ou seja, independentemente de haver uma orientação, uma sugestão a última resposta ser dos pais...pareceu-me muito bem*”.

A fisioterapeuta considera que ao nível das terapias o apoio presencial que se verificou no segundo confinamento é a situação ideal, “*se for igual ao último eu não tenho sugestões a dar*”.

3.10. Dificuldades sentidas

Ao longo dos dois confinamentos os encarregados de educação foram sentindo dificuldades e partilharam algumas delas com os professores e os terapeutas, outras reportaram explicitamente nas entrevistas.

As preocupações manifestadas pelos encarregados de educação “*algumas eram as mesmas que as nossas... não sabiam exatamente como é que isto ia funcionar...tiveram que se estar a adaptar*” (Prof4), “*foi a adaptação... a uma realidade completamente diferente*” (Prof1).

As dificuldades relacionadas com a organização das rotinas e da gestão familiar durante os períodos de ensino a distância são bastante distintas conforme se trata de testemunhos das encarregadas de educação que estavam em casa durante os confinamentos sem necessidade de trabalhar e as que tinham que conciliar o ensino a distância dos filhos com o emprego, uma a partir de casa e a outra que tinha que se ausentar.

Uma das EE que durante os confinamentos não se encontrava a trabalhar e estava em casa a tempo inteiro, refere que foi uma “*questão da organização....isso depois ainda levou algum tempo*” (EE1), “*não, não, não interferiu...(com a rotina familiar)*” (EE1). Esta mãe fez questão de manter as rotinas habituais “*Para ele é sempre diferente estar em casa. Mas a nível de horários não. Eu tentava que ele tivesse os mesmos, os mesmos horários, para não haver ali uma grande discrepância de rotinas*” (EE1). Outra encarregada de educação com uma situação semelhante refere também “*Não mudei nada...também estive em casa (durante o confinamento)*” (EE2). Outra encarregada de educação também em casa a tempo inteiro refere que a nível da adaptação nas rotinas diárias “*não alterei assim grande coisa (da rotina diária), porque ao adaptar os horários dele também adaptei as minhas tarefas e tudo isso para estar disponível na hora das aulas*” (EE3). No entanto esta mãe, refere que foi necessário “*conciliar o horário dele (do filho) com o do pai estar acordado e então foi assim que acordamos esses horários...porque o pai do (nome) trabalha de noite...para não haver muito barulho, porque o (nome) fazia muito barulho*” (EE3) e afirma que o “*que custou mais a resolver e a adaptar-me era a hora dele ir para o computador*” (EE3). Em relação ao segundo confinamento refere “*Como eu estou em casa 24h e a minha rotina está adaptada a ele não mudou muito a não ser o horário em que ele ia e vinha (da escola)*” (EE3).

Durante os confinamentos, uma EE que durante os confinamentos continuou a ausentar-se de casa para trabalhar refere *“tive que me adaptar, também foi uma ginástica para mim tão grande, uma canseira... Eu não pude deixar o meu trabalho, tinha muitas pessoas que dependiam de mim”* (EE4). Esta EE refere que sentiu dificuldades para se adaptar aos *“horários (da aluna), que eu tive que me adaptar. A rotina diária”* (EE4) e que *“sempre que o meu trabalho me permitia também tive que orientar as coisas e também passei muito tempo em casa”* (EE4). Acrescenta que *“A minha grande valia foi ter a minha (nome da irmã da aluna) que também veio para casa e serviu-me de grande ajuda. Tanto para mim como para ela, mesmo uma grande ajuda”* (EE4).

Uma EE que trabalhou a partir de casa durante os períodos de confinamento refere que *“Toda a rotina foi alterada conforme as aulas síncronas dele e da irmã. Nós estávamos em casa e então a rotina foi feita de acordo com as aulas deles”* (EE5) acrescentou que fizeram *“As alterações normais que têm que se fazer quando estamos a trabalhar em casa, ou nós ou os miúdos”* (EE5). Esta EE refere que no segundo confinamento sentiu mais dificuldade em conciliar a gestão familiar e as aulas *online* do filho *“pelo facto de termos uma bebé (com cerca de um ano no segundo confinamento)”* (EE5) e acrescentou que no primeiro confinamento *“como ela era mais pequenita...Consegui dar outro apoio que não consegui dar agora porque ele tinha que estar ali mais fechado, porque era precisamente à hora que ela estava mais acordada...não conseguíamos gerir essa parte tão bem”* (EE5).

Outra área em que os encarregados de educação manifestaram dificuldade foi ao nível das competências digitais. Uma EE refere que *“A maior parte das coisas foi ele que fez e pôs tudo a funcionar para ele ter as aulas porque isso do computador eu percebo pouco”* (EE2), outra refere que foi necessário conciliar o horário do filho *“com o do pai estar acordado...também para ele (o pai) funcionar lá com o computador e pôr aquilo tudo a trabalhar porque eu não estou muito assim...”* (EE3).

A Adjunta da Direção também percecionou dificuldades ao nível das competências digitais, bem como situações de falta de equipamentos. Esta destaca como uma dificuldade dos EE *“o não domínio dos meios tecnológicos e a falta desses próprios equipamentos”* (EMAEI) e refere também que *“Houve uma ou outra situação em que tinham meios tecnológicos mas os pais não sabiam...Os pais não sabiam mexer ou então não tinham internet em casa”* (EMAEI).

Neste mesmo sentido uma professora testemunha que alguns alunos *“já tinham equipamentos, mas mesmo assim, não foi possível eles estarem a ter as aulas a distância porque eles não dominavam o equipamento”* (Prof1), *“uma mãe que dizia que tinha e-mail, mas que não sabia*

abrir o e-mail e depois não tinha como imprimir nada” (Prof1), *“Alguns não sabem fazer mais nada com o computador (para além da utilização de redes sociais)”* (Prof1), *”conhecimentos que eles não tinham relativamente às plataformas e ao ensino a distância”* (Prof5). Também a terapeuta da fala refere *“pais que não tinham como imprimir”* e *“pais que não sabem mexer no computador”*.

As situações de falta de equipamentos e de acesso à internet, apesar de algumas reportadas no segundo confinamento foram bastante mais frequentes no primeiro, *“No ano passado eu tinha um grupo maior de miúdos que não tinham acesso à internet. Era pior”* (Prof3).

Vários são os testemunhos de professores a assinalar este problema durante o primeiro confinamento, *“quase que não havia equipamentos”* (Prof1), *“problemas na internet...a câmara não está a funcionar”* (Prof3), *“uma miúda que era através do telemóvel”* (Prof3), *“crianças não terem todas computador”* (Prof5), *“(falta de) meios e... ferramentas... que os alunos e os pais têm em casa”* (Prof6). Com a possibilidade do ensino presencial, as situações reportadas durante o segundo confinamento prendem-se com problemas pontuais, *“problemas na internet”* (Prof3), *“alguns alunos não se conseguiam ligar por uma ou outra falha de internet”* (Prof6). Das dificuldades decorrentes da pandemia, segundo o CNE, a dificuldade de acesso à tecnologia, foi a que se tornou imediatamente evidente, pela sua abrangência (CNE, a2021).

Outra dificuldade sentida por alguns EE foi a dificuldade em motivar os filhos a fazer as tarefas da escola. Ilustrativas desta realidade, alguns professores referem várias partilhas de EE, *“não conseguiam que os miúdos fizessem as atividades”* (Prof3), *“os miúdos já não queriam ver a RTP ensina (estudo em casa)”*, *“(algumas) crianças...não querem trabalhar”*(Prof5). Uma professora refere mesmo que *“A maior parte deles não conseguiam pôr regras aos filhos”* (Prof3).

Outra das dificuldades que também partilhada por alguns EE, diz respeito ao cansaço sentido, *“foi uma canseira, foi um desgaste”* (EE4), *“no ano passado o que eu senti foi que metade do trabalho era feito pelos professores e a outra metade era feita pelos pais”* (EE5).

Os professores também sentiram este cansaço dos pais. Uma professora refere que uma mãe *“dizia mesmo que já não aguentava aquilo”* (Prof5), *“Há mães ali que estão num desespero, porque elas é que controlam”* (Prof3), *“a senhora esteve sempre ali...com muito sacrifício porque a mãe estava mesmo exausta”* (Prof3), *“(no) ano passado tive dois miúdos, com perturbação, online. Para os pais foi uma tortura”* (Prof3), *“o maior trabalho sobrava para os pais”* (Prof3), *“cansados, saturados”* (Prof3), *“dos alunos com medidas adicionais, a*

questão da autonomia dos miúdos, eles sentiam necessidade de estarem ao pé dos miúdos para os poderem apoiar” (Prof4), ”para além do suporte que têm que lhes dar, é uma prisão para eles porque têm que estar ali” (Prof1). Muito encarregados de educação “estão desejosos que os filhos regressem à escola” (Prof1), “fartos de estar em casa. Isso acho que passou por todos” (Prof5). Também a terapeuta da fala teve a mesma perceção “O cansaço dos pais, o cansaço dos miúdos” (TF).

Alguns EE partilharam com os professores que consideravam o volume de tarefas excessivo especialmente durante o primeiro confinamento, *“no início foi o excesso de trabalho, muitas atividades” (Prof2), “muitas atividades para fazer...o tempo todo era para a escola” (Prof5), “alguns colegas sobrecarregavam demasiado os rapazes, pronto, com trabalhos” (Prof4), “o excesso de trabalho dado pelos outros professores principalmente nos miúdos das seletivas” (Prof6). A terapeuta da fala refere que alguns pais “queixavam-se que estavam cansados porque era o professor a passar trabalhos, depois mais trabalhos de casa e depois mais as terapias e depois mais as aulas”.*

Esta mesma perceção tem a Adjunta da Direção ao afirmar que no primeiro confinamento *“começamos logo a ter esse feedback no início, dessa sobrecarga (de trabalhos solicitados)”.*

Em resposta a esta dificuldade dos EE uma professora refere, *“Diminuí as atividades e o grau... coisinhas mais simples para não sobrecarregar muito os Encarregados de Educação” (Prof2), outra refere que no segundo confinamento “penso que não foi assim (grande quantidade de fichas)” (Prof5).*

Os EE também sentiram dificuldades em acompanhar os seus filhos nas tarefas escolares. Uma EE afirma que *“foi a primeira vez que isto aconteceu e eu não sabia como é que havia de trabalhar com o (nome) em casa” (EE1), esta refere que a sua “dificuldade maior. Era saber o que é que, o que é que era mais importante para ele” (EE1), “era o querer fazer, não deixar nada para trás a nível de tarefas” (EE1) e conclui dizendo que o ensino a distância ”é mais complicado... Nós somos encarregados de educação, mãe, não sou professora e às vezes pode faltar aquela informação” (EE1). A terapeuta da fala refere que, durante o primeiro confinamento, alguns “pais que diziam que era muito difícil aquele tipo de tarefa”.*

A dificuldade dos pais em trabalhar com os filhos não foi muito apontada pelos próprios no entanto foi percecionada por vários professores e terapeutas. Uma professora refere que os pais no primeiro confinamento *“Não conseguiam fazer algumas atividades que enviavam” (Prof5), “não conseguiam fazer lá aquelas atividades (das terapias)...(deveriam) enviar o*

plano e alguns não conseguiam” (Prof5). Referindo-se ao primeiro confinamento, a terapeuta da fala refere que alguns EE teriam que sentir dificuldades, pois nos casos em que “pais que não sabem ler e a gente enviava uma mensagem escrita e a atividade escrita” e a fisioterapeuta refere que “Dificuldades haveriam de ter muitas...Principalmente em entender e interpretar aquilo que lhes era solicitado”.

Algumas destas dificuldades foram também sentidas por outros encarregados de educação durante o ensino a distância evidenciando o impacto negativo do ensino a distância no desempenho dos filhos. A capacidade dos pais apoiarem os seus filhos nas tarefas escolares tem influência no desempenho escolar dos filhos (Hill & Tyson 2009; Jeynes, 2007 citados por Jiménez, Torres & Cruz, 2020). Por estarem a trabalhar a partir de casa alguns pais não conseguiam assegurar o acompanhamento ideal (CNE, a2021; Maelan et al., 2021) por partilharem espaços e equipamentos (CNE, a2021; European Commission – JRC, 2020), falta de habilidades digitais básicas (European Commission – JRC, 2020).

Os professores e os terapeutas também fazem referência a vários exemplos em que os EE parecem não ter competências adequadas para fazer um acompanhamento aos seus filhos durante os períodos de ensino a distância. Uma professora afirma mesmo que os EE que “*não tinham equipamentos nem nada, são as pessoas também com maiores constrangimentos tanto a nível das tecnologias como a nível das aptidões que tinham para apoiar os filhos e o desejo deles era que eles viessem para a escola*” (Prof1), outra refere que “*houve um pai que não conseguia trabalhar com a criança... que não o conseguia fazer trabalhar...estava desejando que fosse para a escola*” (Prof5), outra disse “*havia uma falta de interesse (da EE)...não se queria sobrecarregar*” (Prof1).

A fisioterapeuta refere a este propósito que durante o primeiro confinamento “*eu dependia sempre do trabalho de outra pessoa. E a outra pessoa era um pai ou uma mãe que também estavam em teletrabalho e não tinham tempo nem paciência para me aturar a mim, porque eu tinha que explicar*”.

A terapeuta da fala refere também que alguns pais “*não iam à escola buscar sequer atividades*”. Em concordância a Adjunta da Direção refere também que no primeiro confinamento “*o feedback que nós tivemos depois é que muitos dos encarregados de educação não vinham devolver os trabalhos, a grande maioria*”.

Parece haver uma diminuição das dificuldades dos encarregados de educação do primeiro para o segundo confinamento. Neste sentido uma encarregada de educação partilhou “*Este ano já não sentia dificuldades...Este ano já estava mais à vontade, muito mais à vontade em lidar com este processo*” (EE1). Vários professores, referindo-se ao segundo

confinamento, compartilharam também o seu testemunho no mesmo sentido, “*não tenho tido assim grandes dificuldades reportadas pelos pais*” (Prof6), “*não (tive queixas)*” (Prof5) e “*(não têm compartilhado dificuldades) Também já estão mais habituados*” (Prof2). Uma professora refere que a adaptação ao segundo confinamento foi mais fácil “*mesmo para as famílias eu também acho que sim...não foi tanto aquele pânico em que entraram no ano passado*” (Prof1).

Os professores referem ter sentido dificuldades na organização das rotinas e da gestão familiar. Vários são os testemunhos neste sentido, “*é complicado quando estamos em casa e temos a família em casa...eles (filhos) também nas aulas e com atividades e eu ao mesmo tempo tinha que também tentar arranjar as minhas próprias atividades, o meu próprio trabalho*” (Prof2), “*temos que gerir o que estamos a fazer...Com as lides domésticas*” (Prof5), “*éramos dois, portanto tínhamos que nos coordenar*” (Prof4), “*organização, não só a nível profissional como a nível da organização toda aqui em casa*” (Prof1), esta professora acrescenta que “*Isto caiu de paraquedas em cima de todos e éramos quatro*” (Prof1), “*é muito complicado depois a parte familiar, a nossa parte familiar*” (Prof6) e acrescenta “*a gestão profissional com a gestão familiar no ano passado foi traumática*” (Prof6). Outra professora refere que no segundo confinamento sentiu dificuldades porque “*Andava a correr da escola para casa, depois tinha o meu filho*” (Prof3). Uma professora referiu que uma das suas limitações foi o impedimento de efetuar ensino presencial por uma questão de saúde, “*no meu caso é online...o meu caso foi exceção...foi não presencial, por uma questão de saúde*” (Prof5).

Uma dificuldade que resulta do ensino *online* que também é mencionada é a dificuldade em separar a sua casa do seu local trabalho. Uma professora relata que durante as aulas *online*, “*Às vezes a minha cadela a ladrar*” (Prof5), outro professor afirma que por se trabalhar em casa “*passou a existir uma promiscuidade demasiado grande entre o local de trabalho e o nosso local de lazer*” (Prof4).

Vários são os professores que referem carências a nível dos equipamentos e alguns tiveram que fazer investimentos neste campo para conseguirem responder às exigências do ensino *online*. Várias são as declarações de professores neste sentido, “*Tive que comprar um computador*” (Prof1), “*sentir tão frustrada às vezes, querer fazer e o material informático não responder*” (Prof2), “*tive que investir e comprar um computador melhor*” (Prof2), “*tive que pôr fibra porque a outra internet já não aguentava. Tive que investir num computador em condições*” (Prof4), “*o meu computador, que tem que ser dividido com o meu marido*” (Prof1).

Este aspeto foi realçado num estudo realizado em Portugal onde são referidas as carências em equipamentos e ligação à internet de qualidade que afetaram de forma transversal professores e famílias (CNE, a2021).

As dificuldades a nível digital foram também referidas por vários professores, “*a adaptação ao classroom, não sabia trabalhar...tive que me adaptar àquelas ferramentas todas*” (Prof3), “*sou uma naba nas tecnologias...desenrasco-me*” (Prof5), “*horas que perdi a encontrar recursos...no ano passado havia muita coisa espalhada*” (Prof4). A este propósito a Adjunta da Direção refere que os professores sentiram “*necessidade de se atualizar informaticamente...através de autoformação, formação entre pares*”.

Esta dificuldade foi verificada em vários estudos. Foi descrita a falta de competências a nível digital (CNE, a2021; OCDE, 2020) e a impossibilidade de uma preparação que não foi possível face à mudança repentina imposta pela emergência sanitária (European Commission – JRC, 2020).

Outro aspeto bastante referido é que o ensino *online* implica mais tempo de trabalho e revela-se mais cansativo. A corroborar estas ideias temos testemunhos de vários professores, “*o trabalho online acaba por nos cansar muito mais do que presencial*” (Prof4), “*Acabamos por trabalhar muito mais horas*” (Prof4), “*trabalhamos mais tempo... Estou mais tempo aqui no computador*” (Prof5), “*acabamos por talvez trabalhar mais horas consecutivas*” (Prof6) e “*Muito cansativo*” (Prof6).

Outras dificuldades partilhadas pelos professores estão relacionadas com algumas inseguranças resultantes desta situação. Uma professora refere como fator de *stress* o facto de não sair, “*estava sempre em casa fechada*” (Prof3). Um professor partilha que “*A falta de rotina afeta-me um bocado*” (Prof4), “*Planear coisas e depois não saber se iam funcionar bem, se iam funcionar mal...Senti uma certa instabilidade, foi sair completamente de uma zona de conforto*” (Prof4) e ainda sentir a pressão de saber que o “*Encarregado de Educação do outro lado...*” (Prof4).

À semelhança do que ocorreu com os encarregados de educação, parece haver uma diminuição das dificuldades dos professores do primeiro para o segundo confinamento. A evidenciar esta ideia temos as declarações de vários professores, “*Está a ser muito mais fácil*” (Prof1), “*Senti um bocadinho menos dificuldades...já tínhamos a experiência do ano passado*” (Prof2), “*para mim até foi melhor porque eu prefiro estar no presencial*” (Prof3), “*As dificuldades continuando as mesmas, estão mais controladas porque já consigo fazer aqui uma divisão melhor entre as duas situações*” (Prof4), “*Tenho sentido menos dificuldades...tenho conhecimento de muitos mais recursos...há mais e parece que estão mais*

dimensionados, a coisa parece que está mais organizada...Sinto-me bastante mais à vontade” (Prof4). O único discurso discordante é o de uma professora que considera que o segundo confinamento *“para mim acho que foi um bocadinho pior. Se calhar houve mais da minha parte preocupação”* (Prof5).

Nenhuma das terapeutas refere dificuldades sentidas a nível pessoal, no decorrer do primeiro confinamento. A terapeuta da fala refere até que *“fazia as atividades em casa e era só enviar...nós estávamos com a vida facilitada”* (TF). A psicóloga afirma que sentiu o primeiro confinamento *“foi uma experiência nova...Foi um período de muita reflexão e questionamentos”* (Psi).

Em relação ao segundo confinamento, a psicóloga refere que *“A parte de conjugação de trabalho com a familiar...Foi extremamente exaustivo”* (Psi). O apoio de psicologia decorreu presencialmente no período da manhã e refere que foi *“muito difícil a adaptação porque eu estava a trabalhar e eu tenho uma filha...eu não conseguia estar com ela”* (Psi) e para tentar minimizar esta situação *“na parte da tarde, muitas das vezes tive que deixar de trabalhar...Tive que abdicar da minha vida profissional”* (Psi).

A fisioterapeuta que também prestou apoio presencialmente referiu *“Eu não me senti em confinamento, trabalhei exatamente igual”* (Fis).

A terapeuta da fala prestou apoio *online* segundo a mesma *“porque estive de apoio à família”* (TF), teve que fazer ajustes na sua dinâmica familiar *“tentei ajustar o horário (de trabalho) aos meus filhos que estavam a ter aulas online”* (TF). Esta terapeuta refere ter sentido *“cansaço, pela minha dinâmica familiar”* (TF). A nível de recursos foi necessário fazer gestão dos recursos *“a logística em casa de conseguir um computador para mim quando o resto da malta também estava a trabalhar, mas conseguiu-se”* (TF) esta terapeuta mencionou a aquisição de novos materiais, *“comprei jogos...muitos jogos interativos de computador”* (TF).

3.11. Implicações para o futuro

Relativamente às implicações destes períodos de confinamento a Adjunta da Direção considera que *“os impactos negativos são superiores aos impactos positivos”*.

O impacto negativo nas aprendizagens é referido de forma transversal. Alguns EE consideram que *“alguns conteúdos programáticos também nunca ficaram estudados da mesma forma”* (EE5), *“se calhar não vão conseguir aprender tanto como se forem à escola...Apesar de aprenderem”* (EE2). Uma professora questiona-se *“Será que está a haver*

algum progresso dos miúdos?” (Prof3) e acrescenta “Miúdos com dificuldades...e mesmo para os outros que não tenham problemas... Duvido muito que aprendam alguma coisa” (Prof3). Em concordância temos o testemunho da Adjunta da Direção quando refere que “As aprendizagens dos alunos poderão ficar comprometidas”. A psicóloga manifesta opinião semelhante quando afirma que as terapias online “é só para dizer que existe porque depois o trabalho em termos de produtividade acredito que não” (Psi). A este propósito a Comissão europeia considera que progresso dos alunos não será o mesmo que seria se as escolas estivessem abertas o que poderá ter consequências a longo prazo (European Commission – JRC, 2020).

Os prejuízos ao nível da socialização resultantes do distanciamento físico são também muito referidos. Vários são os relatos neste sentido, *“Negativo acho que tem mais a ver com a parte social, com a parte de interação...e das relações sociais” (EE5), “isto está a afetar a nível mental mesmo toda a gente e as pessoas não se estão a dar conta...A parte negativa é esta situação de não convívio” (Prof6), “acho que vai ter consequências porque nós não vamos voltar a ser o ser humano que éramos tão cedo...E é mau para estes miúdos porque é um bocado impactante” (Fis).*

Mesmo no atendimento presencial, o distanciamento físico que foi necessário respeitar acaba por afetar alguns alunos, tal como nos refere a fisioterapeuta *“é a única questão que me preocupa. É o distanciamento que eles sentem de nós” (Fis), “Todos nós temos receio de um abraço, de um beijo... E estes miúdos são afetivos” (Fis), “as crianças não compreendem (o uso da máscara), coitadinhos... Eu acho que é mesmo impeditivo de felicidade” (Fis) no entanto faz a ressalva que uns alunos são mais afetados do que outros, “eu ter máscara ou não ter máscara é-lhe indiferente, porque é autista” (Fis).*

A adjunta da Direção refere que os alunos com medidas adicionais *“perdem muito ao nível da autonomia e das relações interpessoais” (EMAEI).*

Quando questionados sobre as implicações destes períodos de confinamento vários são os aspetos positivos referidos. Um dos aspetos positivos mais referenciados é a capacitação digital de todos os envolvidos no ensino a distância, *“A nível de competências digitais, acho que isto veio engrandecer toda a gente, quer alunos, quer professores, quer pais, quer toda a gente, toda a comunidade a nível de serviços, a nível de tudo” (Prof1), “deu-nos, a nós e aos miúdos, outras competências... mais que não seja em termos informáticos” (Prof2), “Eu e outras pessoas...não sabia da existência de plataformas...Não tinha tido reuniões online, não sabia nada disso” (Prof5), professores, pais e alunos aprenderam “coisas a nível informático que não sabiam... abriu muito a mentalidade das pessoas na questão das novas tecnologias”*

(Prof5). A terapeuta da fala também aponta que uma mais-valia é a maior capacidade de “(trabalhar com o computador) *Sim, sim, isso sim*” (TF). A Adjunta da Direção considera que em muitos casos se verifica que “*alunos com muito mais conhecimentos em termos tecnológicos do que os professores... (e que) esbateu-se ligeiramente este fosso que existia entre os conhecimentos de um lado e de outro*” e também que a “*grande mais-valia foi a capacitação digital de toda a gente*”.

Outro aspeto positivo referido foi a possibilidade de tirar partido dos conhecimentos adquiridos durante estes períodos de ensino a distância e usar as plataformas para outros fins, “*ações de formação, nas reuniões também*” (Prof3), “*foi bom ter assim formações online*” (Prof5), realização de “*trabalhos de grupo nas plataformas... a partir ali do 5º, 6º ano, 7º ano... parece que se organizam melhor*” (Prof3) e também recorrer às plataformas “*para miúdos que tenham algum problema e não possam vir à escola*” (Prof3).

Outro aspeto muito referido pelos professores é o enriquecimento das práticas pedagógicas através da aplicação das tecnologias e novos recursos digitais em contexto de sala de aula. Várias são as declarações neste sentido, “*há montes de recursos que nós estamos a utilizar online que podemos perfeitamente utilizar em sala de aula, num contexto mais imediato com os alunos*” (Prof4), “*Alguns desses recursos já existiam... se calhar não eram tão explorados mas neste momento creio que toda esta situação acabou por ser uma formação enorme, uma ação de formação enorme na exploração desses recursos*” (Prof4), “*Temos que aproveitar as tecnologias... com alguns programas é muito mais apelativo para os miúdos*” (Prof6), “*Mesmo indo para a escola podemos fazer determinadas coisas com os alunos no classroom e não o deixar de parte*” (Prof6). A Adjunta da Direção refere mesmo que esta situação veio “*dotar os professores de mais ferramentas para depois a apresentação de conteúdos e a dinamização das aulas irem mais ao encontro dos alunos...Vão enriquecer as práticas pedagógicas...acho que estes conhecimentos vão passar do online para o presencial*” (EMAEI). Importa também referir o testemunho de uma professora que não partilha desta opinião, “*Em termos de mudar a nossa pedagogia?... Em termos futuros, eu não sei se isto afetarà muito como se diz*” (Prof2).

Um aspeto também evidenciado foi aproximação entre a família e a escola. Uma EE refere que para si “*foi bastante positivo e saber o que ele estava a aprender e poder participar, apesar de não estar dentro da sala de aula, mas poder participar nessa, nessa aprendizagem*” (EE1), existiu “*mais contacto entre os encarregados de educação e os professores*” (EMAEI), “*os pais aproximaram-se*” (EMAEI), “*acabamos por nos apoiar*

mais, é aquela situação da proximidade do online” (Prof6), ”articulamos mais com os pais a distância do que quando estamos em aulas presenciais” (Prof5).

Parece haver também uma valorização do papel da escola. Uma professora refere que sente uma maior valorização da escola *“por parte dos Encarregados de Educação ...se calhar dessa maneira acabaram por ter uma visão diferente daquilo que tinham... somos mais valorizado”* (Prof6). A Adjunta da Direção refere que esta situação *“ajudou a valorizar o papel da escola”, “acabou por valorizar mais o trabalho dos professores”*.

Este aspeto é também referido num estudo realizado em Portugal que indica que a relação entre a escola, a família e a comunidade saiu valorizada com esta experiência de ensino a distância, o que se traduziu numa maior valorização pública da escola (CNE, a2021).

É também referido o reforço da convicção, nos professores, do papel da escola na diminuição de desigualdades sociais. Segundo a Adjunta da Direção, esta situação veio também *“reforçar nos professores a ideia como a escola pode fazer a diferença na vida de algumas crianças”*. Esta última ideia é também reforçada por uma professora quando diz *“(alunos com medidas adicionais)...em algumas situações...é possível só o ir à escola depois, o resto, o em casa não há mais nenhum tipo de complemento”* (Prof1).

Outro aspeto positivo, bastante referido pelos EE, é a capacidade de adaptação a novas situações. Uma mãe refere que uma das *“coisas positivas é a adaptação de conseguir trabalhar em casa e conseguir ter aulas em casa”* (EE4), outra refere *“Esta pandemia veio-me mostrar que há coisas que a gente nem precisa”* (EE3) e que às vezes pensamos *“que não consegue fazer certas e determinadas coisas... Mas quando as coisas acontecem...A gente é obrigada a pensar e a resolver as coisas na situação que está, com as situações que tem. E acho que a gente consegue”* (EE3) e outra refere que *“no meu caso pessoal, vi-me a fazer coisas que nunca pensei fazer. Mesmo a nível de trabalhos manuais...fiquei muito surpreendida pela positiva comigo mesma”* (EE1).

Conclusão

Esta foi uma experiência “ao vivo”, num momento irrepetível que foi um verdadeiro teste à resiliência dos sistemas educativos. (CNE, a2021).

Num contexto de Pandemia que ditou em Portugal, dois períodos de confinamento, que implicaram o encerramento dos estabelecimentos de ensino e a conseqüente interrupção das atividades letivas e não letivas presenciais em todos os níveis de ensino, pretendemos com este estudo *conhecer a resposta educativa no âmbito da Educação Especial, num Agrupamento de escolas do Algarve, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais*. Apresentamos de seguida as conclusões proporcionadas pela realização deste estudo que nos permitiram atender a este objetivo geral.

Perante a suspensão das atividades letivas e para responder à necessidade de prestação de ensino a distância o Agrupamento visado neste estudo idealizou e implementou um Plano de Ensino a distância (PE@D).

Durante o processo de elaboração e implementação do plano, foi dada ênfase à articulação formal e informal entre professores de educação especial, professores de outros grupos disciplinares e a Direção do Agrupamento, na pessoa da Adjunta da Direção.

No desenho inicial do PE@D todas as decisões foram tomadas internamente uma vez que escassearam diretrizes específicas da Tutela. No caso do segundo confinamento o PE@D foi aperfeiçoado tendo em consideração a avaliação feita a nível interno do plano inicialmente implementado bem como as alterações legislativas entretanto emanadas pela tutela que nortearam a preparação do ano letivo 2020/2021 e que já contemplavam a possibilidade de uma transição para o ensino a distância e concediam a permissão do apoio presencial para alunos a beneficiar de medidas adicionais e alunos em situação de risco.

No caso particular da Educação Especial, a sua reorganização no âmbito do PE@D procurou atender às especificidades dos alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais, com a participação essencial dos professores de educação especial e em alguns casos de terapeutas na adaptação do PE@D geral do Agrupamento.

Nos dois confinamentos, os professores de educação especial em articulação com os professores titulares de turma/diretores de turma mantiveram uma relação próxima com os encarregados de educação, acomodando as sugestões e atendendo às dificuldades, na medida do possível.

No primeiro confinamento o Agrupamento demorou cerca de um mês a idealizar e implementar o PE@D. O plano incluiu três respostas distintas: aulas síncronas (para alunos com acesso a meios digitais e sem limitações na sua utilização), envio de propostas de trabalho/tarefas através de e-mail (para alunos com limitações no acesso e na utilização de ferramentas digitais) e a disponibilização de propostas de trabalho/tarefas em papel (para alunos sem acesso a meios digitais). O apoio de educação especial aos alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais iniciou-se com um desfasamento de cerca de uma semana face aos restantes alunos do Agrupamento.

Os professores de educação especial deram um suporte maior aos alunos com medidas adicionais comparativamente aos alunos com medidas seletivas que foram acompanhados mais de perto pelos professores titulares ou diretores de turma.

Todos os alunos continuaram a usufruir de apoio terapêutico através da disponibilização de planos de intervenção (quinzenais) para serem dinamizados pelos encarregados de educação em casa.

No segundo confinamento, na preparação do ano letivo, foi acautelada a possibilidade de uma transição para o ensino a distância pelo que, perante o início do segundo confinamento, o PE@D foi implementado de forma imediata e já não se verificou desfasamento no início dos apoios de educação especial.

O plano incluiu duas respostas distintas: aulas síncronas ou apoio presencial na escola. O apoio presencial na escola destinou-se a alunos com medidas adicionais cujo ensino *online* era impossível ou ineficaz e também para alunos em situação de risco para os quais o Agrupamento criou condições para assistirem às aulas síncronas a partir da escola. Por esta razão, a entrega de propostas de trabalho/tarefas em papel na escola deixou de ser necessária. Nesta fase, os professores de educação especial acompanharam tanto alunos a usufruir de medidas seletivas como adicionais.

No que se refere às Terapias, enquanto que o apoio da terapia da fala decorreu *online*, o de fisioterapia e psicologia decorreu de forma presencial. Por indisponibilidade da terapeuta não foi possível disponibilizar o apoio terapêutico de terapia ocupacional.

Todas as decisões decorrentes do plano foram, segundo os entrevistados, transmitidas de forma clara e eficaz quer a nível interno, quer aos encarregados de educação.

A recetividade dos encarregados de educação ao PE@D apresentado pelo Agrupamento ao longo do período em estudo foi muito boa e apesar de terem percecionado as orientações recebidas como definitivas, sentiram um clima propício para fazerem sugestões. A este respeito, a estrutura deliberadamente mais flexível do PE@D dirigido aos alunos com

medidas adicionais, comparativamente aos alunos com medidas seletivas, proporcionou um maior grau de abertura em relação às sugestões efetuadas pelos respetivos encarregados de educação.

Apesar de todos os participantes neste estudo apontarem virtudes ao plano aplicado durante o primeiro confinamento, de forma unânime e inequívoca, encarregados de educação, professores de educação especial, terapeutas e a Adjunta da Direção consideram que houve uma evolução no sentido positivo da resposta dada pelo Agrupamento do primeiro para o segundo confinamento. As principais razões apontadas para esta evolução positiva são a experiência acumulada no primeiro confinamento, a organização mais atempada que teve em consideração os pontos forte e fracos apurados após o primeiro período de ensino a distância, a eliminação da entrega de propostas de trabalho/tarefas em papel, existência de mais alunos com meios tecnológicos e o retorno ao apoio presencial de alguns alunos com medidas adicionais.

O reconhecimento da qualidade da resposta dada pelo Agrupamento no segundo confinamento é confirmado quando a Adjunta da Direção, professores e terapeutas referiram que, considerando o que está ao alcance do Agrupamento, na eventualidade de necessidade de preparação de um novo período de ensino a distância, propõem uma resposta em moldes muito semelhantes ao plano aplicado no segundo confinamento, indicando apenas algumas sugestões de melhoria.

Como sugestão de melhoria, a Adjunta da Direção propôs *formação a encarregados de educação na área digital*. Os professores apresentaram uma proposta de formação semelhante mas alargada também a docentes e alunos. Propuseram também o fornecimento de material informático e internet aos professores, horário predominantemente de manhã e a facilitação de mais momentos para trabalho colaborativo entre os professores de educação especial e os restantes grupos disciplinares.

As terapeutas defenderam um funcionamento igual ao do segundo confinamento, ou seja, o funcionamento presencial da fisioterapia e o funcionamento das restantes *online* ou presencialmente, sempre com a participação dos encarregados de educação na decisão de frequentarem ou não as terapias disponibilizadas.

Os encarregados de educação apontaram como pontos a melhorar no plano implementado durante o segundo confinamento, pequenos detalhes que se prendem com a carga horária e a preferência pelas aulas no período da manhã.

Durante o ensino a distância o Agrupamento tomou algumas decisões tendo em vista o acautelamento da inclusão, nomeadamente dos alunos com medidas seletivas e adicionais. De

entre essas medidas destaca-se a manutenção dos apoios de educação especial e dos apoios terapêuticos a todos os alunos a usufruir de medidas seletivas e adicionais, mesmo para os alunos sem meios tecnológicos que, durante o primeiro confinamento, receberam apoio através da entrega de tarefas em papel. De salientar o cuidado de manter o acompanhamento pelo professor de educação especial e pelos terapeutas (nos casos em que se aplica), que já acompanhavam esses mesmos alunos durante o ensino presencial.

Para garantir que a disponibilidade de materiais em casa não se tornasse um fator limitante, no primeiro confinamento, foi disponibilizado aos alunos com medidas adicionais um “cabaz” com materiais de desgaste. No segundo confinamento não foi necessária a implementação desta medida nem, como foi já referida, a entrega de materiais em papel porque os alunos que não tinham meios em casa foram acompanhados presencialmente na escola.

De forma a tentar minimizar um dos maiores obstáculos registados, no tempo que mediou os dois confinamentos, o Agrupamento suprimiu a falta de meios tecnológicos dos alunos com medidas adicionais. Através do CRTIC foram atribuídos computadores a estes alunos e, tirando vantagem da sua rápida distribuição, foi possível fazer um importante trabalho do primeiro para o segundo confinamento no aprofundamento dos conhecimentos em termos informáticos por parte dos alunos, nomeadamente no acesso e uso da plataforma.

De realçar que um dos aspetos assinalados, de forma transversal, como um aspeto muito positivo foi o uso de apenas uma plataforma desde o início do primeiro confinamento.

Outro aspeto promotor da inclusão foi o envolvimento dos pais, dos professores de educação especial e em alguns casos dos terapeutas, na adaptação do PE@D às características individuais dos alunos com medidas seletivas e adicionais.

Em ambos os confinamentos, os horários dos alunos com medidas adicionais e o prestação de apoio aos alunos com medidas seletivas foram decididos caso a caso. Para os alunos com medidas adicionais a usufruir de aulas síncronas, o tempo de permanência *online* foi decidido tendo em atenção as suas características. O mesmo cuidado foi tido na elaboração do horário do apoio presencial no segundo confinamento.

No segundo confinamento, a decisão sobre que alunos beneficiariam de apoio presencial ou *online* resultou de uma análise casuística, tendo sido acautelada a possibilidade de transição entre os regimes presencial, a distância e misto em função das dificuldades.

Professores, terapeutas e encarregadas de educação percecionaram como fator inclusivo a manutenção a distância de todas as respostas prestadas presencialmente, nomeadamente a manutenção do apoio terapêutico e do apoio dos professores de educação especial

(conseguida plenamente no segundo confinamento), a continuidade do contacto com todos os colegas da turma através de aulas *online* e o apoio presencial a alunos de medidas adicionais durante o segundo confinamento. Parece-nos de suma importância referir que a valorização do contacto com a turma ocorre apenas nas situações em que as encarregadas de educação o percebem como confortável para os seus filhos. Nas situações em que estas referem que é mais confortável para os filhos não estar em grande grupo, o menor contacto com os colegas de turma não é percebido como barreira à inclusão.

As encarregadas de educação perceberam o apoio individualizado prestado pelo professor de educação especial como uma mais valia para os seus educandos.

Apesar das medidas de acautelamento da inclusão que foram implementadas, a Adjunta da Direção admitiu que a distância nem todas as medidas educativas são passíveis de ser mobilizadas. Na sua opinião, neste contexto particular, não é possível o desenvolvimento de algumas medidas adicionais, nomeadamente o desenvolvimento da autonomia pessoal e social e as estratégias de ensino estruturado.

Os professores perceberam como barreiras à inclusão a falta de articulação entre os professores, o menor acompanhamento dos alunos, a diminuição da interação social e o isolamento dos alunos com medidas adicionais da restante turma. Em relação a este último aspeto importa realçar o contraste com a opinião dos encarregados de educação que nem sempre consideram este isolamento da turma como uma barreira à inclusão.

Para as terapeutas o facto de nem todos os alunos terem continuado a usufruir de apoios terapêuticos durante os períodos de ensino a distância constituiu uma barreira à inclusão.

Os encarregados de educação não especificaram barreiras à inclusão dos seus filhos durante o ensino a distância.

Apesar de professores, terapeutas e da Adjunta da Direção considerarem que é mais difícil fazer inclusão a distância, especialmente para alunos com medidas adicionais, as encarregadas de educação de alunos a usufruir deste tipo de medidas que participaram neste estudo referem que sentiram que os seus filhos não estiveram mais excluídos no ensino a distância comparativamente ao presencial.

A adaptação ao ensino a distância, em particular ao ensino *online*, exigiu que professores e também terapeutas reinventassem a sua forma de trabalhar. Algumas mudanças passaram pela simplificação das tarefas, pela adaptação das tarefas “em tempo real” em função das reações dos alunos, pela realização de atividades mais curtas, pelo aumento da vertente prática das atividades, pela utilização de materiais disponíveis em casa dos alunos, pela necessidade de cativar mais a atenção dos alunos (nomeadamente através de um tom de

voz mais apelativo e de um ritmo mais lento) e também pela flexibilização do prazo de entrega em atividades desenvolvidas durante o trabalho autónomo. Muito referenciadas foram também a utilização de recursos digitais, por exemplo, a exploração de *sites*, de jogos didáticos e a visualização de vídeos, o recurso às aulas disponibilizadas na televisão e a utilização da potencialidade da plataforma *classroom* de criar salas à parte para trabalho individual.

Professores, EE e terapeutas testemunharam que nos períodos de ensino a distância a participação dos EE nas atividades escolares foi muito necessária tendo sido mesmo imprescindível no caso dos alunos de primeiro ciclo a usufruir de medidas adicionais. Esta dependência está diretamente ligada à falta de autonomia, que é mais notória em alunos a usufruir de medidas adicionais comparativamente aos alunos com medidas seletivas.

Consideramos que todos os alunos têm desvantagem com o ensino a distância, mas que os alunos sem meios informáticos e sem pais capacitados são os que ficam em maior desvantagem. O ensino a distância veio realçar desigualdades que já existem.

Quando o ensino a distância é prestado através da entrega de materiais escritos, professores e terapeutas são inequívocos ao considerarem que os ganhos para o aluno são mínimos até porque, pela experiência dos participantes neste estudo, com muita frequência famílias sem meios digitais coincidem com famílias menos capacitadas para apoiarem os alunos nas tarefas escolares.

Relativamente ao ensino *online*, são descritas pelos professores vantagens e desvantagens deste tipo de ensino. Apontam como desvantagem o facto dos alunos com mais dificuldades não conseguirem acompanhar as aulas, especialmente as aulas em comum com a turma. Afirmam que os alunos se distraem com mais facilidade pela existência de muitos fatores de distração em casa. Referiram ainda sentir dificuldade em comunicar com os alunos e que alguns alunos apresentaram elevados níveis de *stress* durante as aulas *online*, nomeadamente alunos com autismo e que alunos tímidos mostraram dificuldades em fazer intervenções durante as aulas. Outro aspeto negativo apontado foi a perceção que alguns alunos não encaram com a mesma seriedade o ensino *online* face ao presencial. Referem também que os alunos estavam cansados de estar em casa e manifestavam vontade de ir para a escola e ver os amigos. Destacaram também como um aspeto negativo do ensino a distância a ocorrência de algumas situações de interferência excessiva dos encarregados de educação nas aulas, nomeadamente com observações despropositadas e até gravações não autorizadas.

Os professores são de opinião que o ensino presencial é sempre melhor para os alunos. Não obstante, apontaram algumas vantagens deste tipo de ensino onde se inclui o apoio mais

individualizado prestado aos alunos com medidas adicionais e a maior facilidade de alunos com problemas de autoestima trabalharem *online* em vez de o fazerem na sala de aula perante o grupo.

Outro aspeto também referido é que o acesso a casa dos alunos, durante as aulas síncronas pois permite um conhecimento mais próximo do contexto familiar dos alunos e facilita a deteção de eventuais problemas.

Em relação ao apoio terapêutico, as terapeutas entrevistadas consideraram que a fisioterapia, em crianças, só surte efeitos positivos presencialmente mas que o apoio de terapia da fala e de psicologia, apesar de ser mais difícil, é possível ser prestado *online* em alguns casos considerados menos graves. No entanto ressalvam que há sempre perdas relativamente ao apoio presencial.

Em relação à adaptação dos seus filhos ao ensino *online*, os encarregados de educação referiram que estes mostraram dificuldades de concentração (agravada quando têm défice de atenção) que em parte se deve à existência de fatores de distração em casa (outros estímulos). Referiram igualmente que, numa fase inicial, alguns sentiram dificuldade na adaptação à mudança para o ensino a distância e que o inverso também se registou: dificuldade em voltar ao ensino presencial.

Algumas encarregadas de educação referem que os filhos sentiram dificuldade em permanecer sentados em frente ao computador, descrevem episódios de nervosismo e agressividade durante as aulas *online* e revelam que os seus educandos apresentavam grande cansaço durante as aulas e que por vezes apresentavam uma atitude irresponsável face ao ensino a distância. Referiram adicionalmente uma grande dependência da sua ajuda durante as aulas e na concretização das tarefas.

De forma unânime professores, EE e terapeutas consideram que o ensino/apoio terapêutico presencial é sempre mais vantajoso para as crianças do que o apoio a distância, especialmente para os alunos com baixa autonomia a usufruírem de medidas adicionais.

A mudança para o ensino a distância exigiu de todos os intervenientes um esforço de adaptação.

Face a esta nova realidade, professores, terapeutas e encarregados de educação admitiram ter sentido dificuldades na organização das rotinas e na gestão familiar que, no caso dos encarregados de educação, se agudizou quando implicou a necessidade de conciliar o ensino a distância dos filhos com a sua própria atividade profissional. O cansaço acumulado e a falta de equipamentos tecnológicos/internet para responderem às exigências do ensino a distância constituíram outros dos constrangimentos citados. A falta de equipamentos no caso

dos professores implicou mesmo, em alguns casos, a aquisição de equipamentos. Em comum, professores e encarregados de educação revelaram também dificuldades ao nível das suas competências digitais. Os encarregados de educação mencionaram também como dificuldade o volume excessivo de tarefas escolares, a que se aliou a dificuldade em acompanhar e motivar os filhos na execução das mesmas.

Os professores relatam igualmente dificuldades na separação da casa e do seu local de trabalho, insegurança por saírem da sua “zona de conforto”, e também partilharam que o ensino a distância é mais cansativo e consome mais tempo de trabalho.

Quanto a implicações para o futuro resultantes destes dois períodos de confinamento, apesar de todos considerarem que esta experiência genericamente terá impactos negativos superiores aos positivos, são referidas tanto implicações negativas como positivas.

As vantagens e desvantagens do ensino *online* apontadas em estudos anteriores à pandemia são muito semelhantes com as obtidas no presente estudo pelo que estamos em condições de inferir que em grande medida são inerentes à natureza deste tipo de ensino e não às circunstâncias de emergência que envolveram a sua organização.

A comparação dos resultados deste estudo com os obtidos em estudos anteriores, realizados com alunos sem necessidades específicas de educação, permitem-nos deduzir que há semelhanças nas consequências do ensino a distância para alunos com e sem necessidades específicas de aprendizagem. No entanto, não obstante os aspetos comuns, os testemunhos referidos neste estudo são concordantes com os vários estudos que evidenciam que os alunos com necessidades educativas específicas sofreram impactos negativos tal como os seus colegas mas de forma agravada devido às suas limitações acrescidas (FENPROF, 2020; Laslo-Roth et al., 2020; Maelan et al., 2021; Mbazzi, et al, 2021; Page, Charteris, Anderson & Boyle, 2020; Petretto, Masala & Masala, 2020).

Como implicações negativas para o futuro, professores, encarregados de educação e terapeutas referem o impacto negativo nas aprendizagens dos alunos e prejuízo ao nível da socialização. Outro impacto negativo apontado é a perda de autonomia especialmente dos alunos a usufruir de medidas adicionais.

No que concerne a implicações positivas, a capacitação digital de encarregados de educação, professores e alunos e a aproximação entre a família e a escola são referidas de forma transversal. Os professores apontam adicionalmente a vantagem do uso das plataformas para outros fins, tais como reuniões, formações e aulas a distância para alunos impedidos por vir à escola. Referiram também o enriquecimento das práticas pedagógicas através da introdução de tecnologias e novos recursos digitais em contexto sala de aula, a valorização do

papel da escola e do trabalho dos professores por parte dos encarregados de educação e ainda o reforço, nos professores, do papel fundamental da escola na diminuição de desigualdades. Os encarregados de educação referiram também como um aspeto muito positivo a capacidade de adaptação a novas situações.

Acreditamos que esta experiência a nível global não deixou ninguém indiferente e deixará marcas, umas positivas e outras negativas, muitas delas indeléveis.

Todos os participantes neste estudo, de forma unânime, consideraram que no ensino a distância há sempre perdas e dificuldades acrescidas comparativamente ao ensino presencial, e que por isso o ensino presencial é a situação ideal.

No ensino a distância ocorre prejuízo ao nível da aquisição de competências académicas, pessoais e sociais. A extensão e profundidade desses prejuízos estão diretamente relacionadas com o nível de autonomia do aluno, com as dificuldades individuais, com o acesso a meios digitais e a sua capacidade na sua utilização e também com as competências familiares. Do nosso estudo ressalta ainda que o impacto negativo do ensino a distância é maior nos alunos com necessidades específicas de educação e que entre estes é ainda mais pronunciado quando nos reportamos a alunos com medidas adicionais comparativamente aos alunos com medidas seletivas especialmente pela falta de autonomia que evidenciam.

Mesmo reconhecendo limitações ao ensino a distância estamos de acordo com a ideia de que a sua utilização foi fundamental para assegurar a continuidade da aprendizagem durante o encerramento dos estabelecimentos de ensino.

Fazendo uma reflexão global sobre o estudo, conscientes das suas limitações e sem a pretensão de fazer generalizações, acreditamos estar em condições de elencar vários fatores que contribuem para a mitigação dos impactos negativos do ensino a distância, tornando o plano mais inclusivo:

- Elemento da Direção, que representa este órgão na EMAEI, com formação e experiência em Educação Especial. Temos a convicção que este facto foi fundamental para acautelar no PE@D do Agrupamento a flexibilidade necessária na resposta às especificidades dos alunos com medidas seletivas e adicionais. Pois, tal como defende Ainscow (1995) há quase trinta anos, a liderança de uma escola é decisiva para a implementação de uma filosofia inclusiva;

- Decisões claras e veiculação eficaz da informação. Numa altura de muitas incertezas, este aspeto foi referido por todos como sendo um aspeto positivo;

- PE@D dinâmico e flexível que se ajusta em função das dificuldades sentidas. Este facto foi fundamental para a introdução de alterações no segundo confinamento que permitiram uma resposta de maior qualidade reconhecida por todos;

- Incremento das competências digitais através de formação a professores, EE e alunos;

- Atribuição/disponibilização de dispositivos eletrónicos e ligação à internet, ambos de qualidade;

- Disponibilização de apoio técnico informático;

- Inclusão dos alunos com medidas seletivas e adicionais na resposta geral do Agrupamento, mas com abertura e flexibilidade para responder às suas especificidades. Parece-nos que este facto reforçou o sentido de pertença em todos sem descuidar o atendimento das necessidades específicas de cada um;

- Proximidade entre a Direção e os professores/terapeutas. Esta proximidade revelou-se fundamental na celeridade da resolução de problemas e na mobilização de recursos humanos e materiais;

- Proximidade entre a escola e os EE. Numa altura em que a colaboração das famílias foi imprescindível esta proximidade foi um grande contributo para o sucesso;

- Envolvimento dos professores de Educação Especial nas decisões relacionadas com a adaptação do plano do agrupamento aos alunos com medidas adicionais e seletivas. Este facto permitiu uma análise casuística das respostas a cada um destes alunos em função das suas características bem como a incorporação de necessidades/sugestões dos EE;

- Trabalho colaborativo entre professores de educação especial e destes com professores dos restantes grupos.

- Manutenção dos apoios de educação especial e terapêutico.

Conscientes que os resultados deste estudo devem ser analisados tendo em consideração a sua pequena dimensão e que apenas refletem a realidade do Agrupamento alvo deste estudo acreditamos que os resultados obtidos poderão não só ser úteis para o Agrupamento aqui tratado, mas também defendemos a sua utilidade no planeamento de soluções de ensino a distância mais inclusivas, tanto em situações de aplicação generalizada como em situações de aplicação pontual, nomeadamente constrangimentos de saúde que impeçam a deslocação do aluno à escola por períodos mais ou menos longos, alunos em itinerância e até experiências de aprendizagem em parceria com entidades geograficamente afastadas da escola.

Todos os estudos têm limitações e este naturalmente não é exceção. Desta forma, temos noção que os resultados obtidos poderão ser meramente descritivos e sugestivos, pela complexidade dos fatores que envolvem uma realidade escolar, pelas limitações de um estudo de natureza qualitativa e pelos constrangimentos resultantes da pandemia da doença covid-19 nomeadamente o afastamento físico e o dever de confinamento.

Neste estudo as entrevistas versaram os dois períodos de ensino a distância, no entanto o hiato temporal decorrido foi apontado pelos entrevistados como um fator limitante em recordar alguns pormenores relativos ao primeiro confinamento.

No decorrer do estudo foram decretados sucessivos estados de emergência, que implicaram limitações de circulação e dever de afastamento físico, impedindo um normal acesso à informação. Não foi possível efetuar as entrevistas presencialmente, pelo que foram realizadas a distância através de uma plataforma. Também não foi possível a realização do grupo focal com os encarregados de educação porque alguns mostraram dificuldades a nível digital, inviabilizando a realização do grupo focal através de uma plataforma, tendo este sido substituído por entrevistas individuais através de telefone.

Dentro da metodologia, um aspeto que pode constituir uma limitação é a análise de conteúdo efetuada. Como refere Bardin (2011), a análise do conteúdo é suscetível de diferentes interpretações. Apesar do rigor que pautou este estudo é possível que a análise das entrevistas possa refletir apenas uma das interpretações possíveis. Outra limitação prende-se com a forma de seleção dos entrevistados, estes foram selecionados por conveniência em função da sua disponibilidade, de realçar que a amostra dos encarregados de educação é muito pequena pelo que não representa a totalidade da população de encarregados de educação do agrupamento com educandos a usufruir de medidas seletivas e adicionais.

A análise dos dados recolhidos e a reflexão sobre as limitações deste estudo levam-nos a perceber este trabalho não como um ponto de chegada, mas sim como um novo ponto de partida. Com efeito, o presente estudo, entreabriu mais perspetivas, pelo que apontamos algumas sugestões que poderão ser exploradas noutras investigações proporcionando um aprofundamento do conhecimento sobre esta temática.

Seria interessante a realização de estudos abrangendo a educação pré-escolar, o ensino secundário e o ensino superior. Seriam pertinentes também estudos que permitissem averiguar as implicações do ensino a distância em alunos com défices sensoriais graves. Consideramos também que a recolha dos testemunhos dos próprios alunos seria muito enriquecedora.

Referências Bibliográficas

- Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial. (2010). *Princípios-Chave para a Promoção da Qualidade na Educação Inclusiva – Recomendações para Decisores Políticos* Denmark: European Agency for Development in Special Needs Education.
https://www.european-agency.org/sites/default/files/key-principles-for-promoting-quality-in-inclusive-education_key-principles-PT.pdf
- Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial. (2012). *Perfil de Professores Inclusivos*. Odense: Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial. https://www.european-agency.org/sites/default/files/te4i-profile-of-inclusive-teachers_Profile-of-Inclusive-Teachers-PT.pdf
- Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação Inclusiva (2014). *Organização dos Recursos para o Apoio à Educação Inclusiva - Relatório Síntese*. Odense, Dinamarca: Agência Europeia para as Necessidades Especiais e a Educação.
https://www.european-agency.org/sites/default/files/OoPSummaryReport_PT.pdf
- Ainscow, M. (1995). Education for all: Making it happen. *Support for learning*, 10(4), 146-190. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9604.1995.tb00031.x>
- Albuquerque, E. R. (2018). *Perceções de professores sobre práticas inclusivas para alunos com Perturbação do Desenvolvimento Intelectual com Currículo Específico Individual* [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Viseu]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu. <http://hdl.handle.net/10400.19/6045>
- Amado, J. & Ferreira, S. (2013). A entrevista na investigação em educação. In J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação*, (pp.207-232). Universidade de Coimbra.
- Avramidis, E., Bayliss, P. & Burden, R. (2000). A Survey into mainstream teachers' attitudes towards the inclusion of children with special educational needs in the ordinary school in one Local Education Authority. *Educational Psychology*, 20(2), 191-211.
<https://doi.org/10.1080/713663717>
- Azevedo, V., Carvalho, M., Fernandes-Costa, F., Mesquita, S., Soares, J., Teixeira, F., & Maia, Â. (2017). Transcrever entrevistas: questões conceptuais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*, (14), 159–168.
<https://doi.org/10.12707/RIV17018>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (3ªed.). Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Baptista, A. I. A. M. (2013). *Stress e burnout em professores de alunos com Necessidades Educativas Especiais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa.
<http://hdl.handle.net/10400.14/13661>

- Boer, A., & Kuijper, S. (2020). Students' voices about the extra educational support they receive in regular education. *European Journal of Special Needs Education*, 36(4), 625-641. <https://doi.org/10.1080/08856257.2020.1790884>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação-uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Capucha, L., & Nogueira, M. (2014). A Educação Especial em Portugal. Os últimos 40 anos, In Rodrigues, M.L. (org.) (2014). *40 anos de políticas de educação em Portugal : A construção do sistema democrático de ensino* (pp. 400-434). Volume I. Almedina.
- Castilho, J. M. A. (2018). *Informação e comunicação em educação especial : a voz dos professores de escolas de referência para o ensino de alunos com cegueira e baixa visão* [Doctoral dissertation, Universidade de Aveiro / Universidade do Porto]. RIA – Repositório Institucional. <http://hdl.handle.net/10773/26021>
- CNE (a2021). *Educação em tempos de pandemia*. https://fne.pt/uploads/documentos//documento_1623944902_6430.pdf
- CNE (b2021). *Recomendação sobre A Escola no pós-pandemia: desafios e estratégias*. https://www.cnedu.pt/content/deliberacoes/recomendacoes/REC_A_Escola_no_pos-pandemia.pdf
- Correia, L. M. (2007, abril, 10). Carta Aberta à Senhora Ministra da Educação. *Educare.pt*. <http://www.educare.pt/testemunhos/artigo/ver/?id=12658&langid=1>
- Correia, L. M. (2010). O sistema educativo português e as necessidades educativas especiais ou quando inclusão quer dizer exclusão. In L.M. Correia (org.), *Educação especial e inclusão-quem disser que uma sobrevive sem a outra não está no seu perfeito juízo*. (pp. 11-40). Porto Editora.
- Coutinho, C. P. (2020). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas* (2ª ed.). Almedina.
- Dafolvo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, 2(4), 1-13. https://www.academia.edu/7479379/Metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico
- DGE (2018). *Para uma educação inclusiva: Manual de apoio à prática*. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual_de_apoio_a_pratica.pdf
- Dias, J. D. (2020, 11 de março). O Covid-19 já é uma pandemia. O que isto significa e o que muda. *Observador*. <https://observador.pt/2020/03/11/o-covid-19-ja-e-uma-pandemia-o-que-e-que-isso-quer-dizer-e-o-que-muda/>
- European Commission – JRC. (2020). *The likely impact of COVID-19 on education: reflections based on the existing literature and recent international datasets*. Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2760/126686>

- Florêncio, F. A. S. (2019). *A percepção dos professores do 3.º ciclo face à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve]. Sapiientia. <http://hdl.handle.net/10400.1/14925>
- FENPROF. (2019). *Como avaliam e o que dizem os docentes e as direções das escolas e agrupamentos - Resultados do inquérito promovido pela FENPROF.* <https://www.fenprof.pt/?aba=27&mid=115&cat=95&doc=12341>
- FENPROF. (2020). *O Ensino a distância (E@D): As percepções e a(s) palavra(s) dos professores.* https://www.fenprof.pt/Download/FENPROF/SM_Doc/Mid_115/Doc_12667/Anexos/E_D_-_a_percecao_dos_professores.pdf
- FNE. (2019). *Consulta Nacional Educação Inclusiva.* https://fne.pt/uploads/documentos/documento_1575631457_1855.pdf
- Fortin, M-F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação.* Lusodidacta.
- Freitas, S. G. R. (2019). *O contexto atual da Educação Inclusiva nas escolas – percepção dos professores* [Dissertação de mestrado, ESEF-Escola Superior de Educação de Fafe]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/30362>
- Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica* (3ª ed.). Instituto Piaget.
- Gall, M., Gall, J., & Borg, W. (2007). *Educational research – an introduction.* Pearson Education.
- INE (2019, novembro 21). *80% dos utilizadores de internet participam em redes sociais.* https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=354447559&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt
- Jethro, O. O., Grace, A. M., & Thomas, A. K., (2012). E-Learning and its Effects on Teaching and Learning in a Global Age. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 2(1), 203-210. <https://hrmars.com/admin/pics/484.pdf>
- Jiménez, O. G., Torres, J. R., & Cruz, P. C. (2020). La competencia digital del profesorado y la atención a la diversidad durante la COVID-19. Estudio de caso. *Revista De Comunicación Y Salud*, 10(2), 483-502. [https://doi.org/10.35669/rcys.2020.10\(2\).483-502](https://doi.org/10.35669/rcys.2020.10(2).483-502)
- Kvale, S. (1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing.* Thousand Oaks: Sage.
- Laslo-Roth, R., Bareket-Bojmel, L. & Margalit, M. (2020). Loneliness experience during distance learning among college students with ADHD: the mediating role of perceived support and hope. *European Journal of Special Needs Education*, 37(2), 220-234. <https://doi.org/10.1080/08856257.2020.1862339>

- Leite, S., & Brás, D. (2019). Perceção dos professores do 1º CEB, relativamente ao decreto-lei 54/2018 sobre a educação inclusiva. *História da Ciência e Ensino*, 20, 702-713.
<http://dx.doi.org/10.23925/2178-2911.2019v20espp702-713>
- Mack, N., Woodsong, C., Macqueen, K. M., Guest, G., & Namey, E. (2005). *Qualitative research methods: a data collector's field guide*. Family Health International.
- Mælan, E. N., Gustavsen, A. G., Stranger- Johannessen, E., & Nordahl, T. (2021): Norwegian students' experiences of homeschooling during the COVID-19 pandemic. *European Journal of Special Needs Education*, 36(1), 5-19.
<https://doi.org/10.1080/08856257.2021.1872843>
- Mbazzi, F. B., Nalugyab, R., Kawesab, E., Nimusiimab, C., King, R., Hove, G.V., & Seeley, J. (2021). The impact of COVID-19 measures on children with disabilities and their families in Uganda. *Disability & Society*, 1-21.
<https://doi.org/10.1080/09687599.2020.1867075>
- MEC (a2020). *Roteiro - 8 Princípios Orientadores para a Implementação do Ensino a Distância (E@D) nas Escolas*. <https://apoioescolas.dge.mec.pt/node/529>
- MEC (b2020). *Orientações para o trabalho das equipas multidisciplinares de apoio à educação inclusiva na modalidade E@D*". <https://apoioescolas.dge.mec.pt/node/760>
- MEC (c2020). *O CRI vai a casa...* <https://apoioescolas.dge.mec.pt/node/913>
- MEC (d2020). *Orientações para o trabalho dos Centros de Recursos TIC: Processo de avaliação e prescrição*. <https://apoioescolas.dge.mec.pt/node/968>
- MEC (e2020). *Orientações para a recuperação e consolidação das Aprendizagens ao Longo do Ano Letivo de 2020/2021*.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/orientacoes_2020.pdf
- Mota, G., & Castro, I. (2009). *Crescer nas bandas filarmónicas. Um estudo sobre a construção da identidade musical de jovens portugueses*. Afrontamento.
- OCDE (2020). *The impact of COVID-19 on education - Insights from Education at a Glance 2020*. <https://www.oecd.org/education/the-impact-of-covid-19-on-education-insights-education-at-a-glance-2020.pdf>
- ONU (2020). *Policy brief: education during COVID-19 and beyond*.
https://www.un.org/development/desa/dspd/wp-content/uploads/sites/22/2020/08/sg_policy_brief_covid-19_and_education_august_2020.pdf
- Ordem dos Psicólogos (2020). *Recomendações para uma educação inclusiva dirigidas à comunidade educativa*.
https://www.ordemos psicologos.pt/ficheiros/documentos/recomendacoes_comunidade_educativa.pdf

- Page, A., Charteris, J., Anderson, J., & Boyle, C. (2021). Fostering school connectedness online for students with diverse learning needs: inclusive education in Australia during the COVID-19 pandemic. *European Journal of Special Needs Education*, 36 (1), 142-156. <https://doi.org/10.1080/08856257.2021.1872842>
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.
- Peng, W. J., McNess, E., Thomas, S., Wu, X. R., Zhang, C., Li, J. Z., & Tian, H. S. (2014). Emerging perceptions of teacher quality and teacher development in China. *International Journal of Educational Development*, 34, 77-89. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijedudev.2013.04.005>
- Petretto D.R., Masala, I., Masala, C. (2020). Special Educational Needs, Distance Learning, Inclusion and COVID-19. *Education Sciences*.10(6),154. <https://doi.org/10.3390/educsci10060154>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- República Portuguesa - Educação (2018, novembro 17). *Nota à comunicação social: Educação Inclusiva e Flexibilidade Curricular*. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/comunicado?i=educacao-inclusiva-e-flexibilidade-curricular>
- Roberts, J. B., Crittenden, L. A. & Crittenden, J. C. (2011). Students with Disabilities and Online Learning: A Cross-Institutional Study of Perceived Satisfaction with Accessibility Compliance and Services. *The Internet and Higher Education*, 14 (4), 242–250. <https://doi.org/10.1016/j.iheduc.2011.05.004>
- Rodrigues, D., & Nogueira, J. (2011). Educação especial e inclusiva em Portugal: Fatos e Opções. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 17 (1), 3-20. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000100002>
- Rodrigues, D. (2013). *Perspetivas sobre a inclusão – da educação à sociedade*. Porto Editora.
- Rodrigues, D. (2019). 2018: cimentar o compromisso com a Educação Inclusiva. In M. Miguéns (Coord.), *Estado da Educação 2018* (pp. 290-295). CNE – Conselho Nacional de Educação. https://www.cnedu.pt/content/edicoes/estado_da_educacao/Estado_da_Educacao2018_web_26nov2019.pdf
- Sampieri, R. H. (2006). *Metodologia de pesquisa* (3ªed.). Mc Graw Hill.
- Saraiva, H., & Cruz-Santos, A. (2021). Ensino a distância e necessidades educativas especiais: Caminhos cruzados por uma pandemia. *Revista Humanidades e Inovação*, 8(45), 371-380. <http://hdl.handle.net/1822/75965>
- Soudien, C. (2020). Complexities of Difference and Their Significance for Managing Inequality in Learning: Lessons from the COVID-19 Crisis. *Prospects*, 49 (59-67). <https://doi.org/10.1007/s11125-020-09486-x>

- Simonson, M., & Berg, G. A. (2016, November 7). *distance learning*. Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/topic/distance-learning>
- Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- UNESCO. (1994, junho 7-10). *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*. [Conferências]. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade, Salamanca. [https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaraçao_Salamanca.pdf](https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaraçao_Salamanca.pdf)
- UNESCO. (2021, janeiro 25). *Dados da UNESCO mostram que, em média, dois terços de um ano académico foram perdidos em todo o mundo devido ao fechamento das escolas devido à COVID-19*. <https://pt.unesco.org/news/dados-da-unesco-mostram-que-em-media-dois-tercos-um-ano-academico-foram-perdidos-em-todo-o>
- Universidade Católica Portuguesa (2020). *Guia de boas práticas de ensino online em contexto de emergência para alunos surdos durante a pandemia da doença COVID 19*. <https://apoioescolas.dge.mec.pt/node/886>
- Vieira, A. R. A. (2019). *O novo regime jurídico da educação inclusiva. Que melhorias e desafios?* (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências Lisboa). Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/31286>
- Yin, R. K. (2003). *Case study research: design and methods*. (3ª ed.). Sage Publications.
- Young, J., & Donovan, W. (2020). *Shifting Special Needs Students to Online Learning in the COVID-19 Spring*. Pioneer Education Policy Brief. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED605503.pdf>

Legislação Consultada

- Decreto n.º 3-C/2021 de 22 de janeiro (2021). Diário da República: I Série, n.º 15.
- Decreto n.º 3-C/2021 de 22 de janeiro (2021). Diário da República: I Série, n.º 15.
- Decreto n.º 3-D/2021 de 29 de janeiro (2021). Diário da República: I Série, n.º 20.
- Decreto n.º 3-F/2021 de 26 de fevereiro (2021). Diário da República: I Série, n.º 40.
- Decreto n.º 4/2021 de 13 de março (2021). Diário da República: I Série, n.º 50.
- Decreto n.º 6-A/2021 de 15 de abril (2021). Diário da República: I Série, n.º 73.
- Decreto-Lei n.º 10-A/2020 de 13 de março (2020). Diário da República: I Série, n.º 52.
- Decreto-Lei n.º 14-G/2020 de 13 de abril (2020). Diário da República: I Série, n.º 72.

Decreto-Lei n.º 20-H/2020 de 14 de maio (2020). Diário da República: I Série, n.º 94.

Decreto-Lei n.º 22-D/2021 de 22 de março (2021). Diário da República: I Série, n.º 56.

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro (2008). Diário da República: Série I, n.º 4.

Decreto-Lei n.º 319/91 de 23 de agosto (1991). Diário da República: I Série-A, n.º 193.

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho (2018). Diário da República: I Série, n.º 129.

Decreto-Lei n.º 8-B/2021 de 22 de janeiro (2021). Diário da República: I Série, n.º 15.

Decreto-Lei n.º 20/2006 de 31 de janeiro (2006). Diário da República: I Série-A, n.º 22.

Decreto-Lei n.º 281/2009 de 6 de outubro (2009). Diário da República, I Série, n.º 193.

Despacho 1689-A/2021, de 12 de fevereiro de 2021. Diário da República: II Série, n.º 30.

Despacho conjunto 891/99 de 19 de outubro (1999). Diário da República: II Série, n.º 244.

Despacho conjunto n.º 105/97 de 1 de julho (1997). Estabelece o regime aplicável à prestação de serviços de apoio educativo, de acordo com os princípios consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República: II Série, n.º 149.

Despacho Normativo n.º 1-H/2016 de 14 de abril (2016). Diário da República: II Série, n.º 73
<https://files.dre.pt/1s/1986/10/23700/30673081.pdf>

Lei n.º 116/2019 de 13 de setembro (2019). Diário da República: I Série, n.º 176

Lei n.º 21/2008 de 12 de maio (2008). Diário da República: I Série, n.º 91.

Lei n.º 38/2004 de 18 de agosto (2004). Diário da República: I Série-A, n.º 194.

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro (1986). Diário da República: I Série, n.º 237.

Lei n.º 5/73 de 25 de julho (1973). Aprova as bases a que deve obedecer a reforma do sistema educativo. Diário da República: I Série, n.º 173.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 33-C/2020 de 30 de abril (2020). Diário da República: I Série, n.º 85.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 53-D/2020 de 20 de julho (2020). Diário da República: I Série, n.º 139.

Apêndices

Apêndice I – Guião da entrevista semiestruturada - Professores de Educação Especial

Nota: Dada a extensão da informação e para facilitar a consulta, nas tabelas a informação é apresentada com espaçamento de 1.15.

GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Destinatários: Professores de Educação Especial

Duração aproximada:

Local:

A presente entrevista destina-se a recolher dados numa investigação no âmbito do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve, com o título “Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades”.

A sua colaboração é muito importante para a concretização deste estudo. Por favor, responda às questões tendo em consideração a sua experiência vivida no **período de aulas a distância devido ao confinamento resultante da pandemia por Covid-19 (13 de março de 2020 até ao final desse ano letivo)**.

A entrevista é anónima, garantindo-se a total confidencialidade dos dados que apenas se destinam a fins académicos. Todos os procedimentos estão em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Agradeço desde já o tempo despendido.

Blocos/categorias	Objetivos	Exemplos de questões
Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado Pedir assinatura do consentimento informado para participação no estudo e autorização para gravação áudio da entrevista.	Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo Salientar a importância da entrevista e solicitar colaboração Assegurar o anonimato e a confidencialidade das respostas Pedir autorização para gravar a entrevista (áudio) Após esclarecimento de possíveis dúvidas, solicitar o preenchimento do consentimento informado
Caracterização do entrevistado	Colher informações acerca do perfil profissional do entrevistado	Idade sexo Tempo de serviço Tempo de serviço em Educação Especial Formação académica inicial

<p>Organização do plano de E@D</p>	<p>Identificar os intervenientes nas decisões</p> <p>Recolher informações do plano E@D relativamente a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reorganização do horário (aulas e terapias) - Apoio prestado pelos professores de Educação Especial (individualizado/em simultâneo com a turma) 	<p>Houve orientações da Direção da escola/agrupamento acerca da aplicação do plano de E@D?</p> <p>Considera que as orientações dadas pela Direção foram claras?</p> <p>Participou na decisão das respostas do E@D dadas a estes alunos? Se sim, de que forma?</p> <p>Como foi veiculada a informação a todos os intervenientes? (incluindo os alunos e encarregados de educação)</p> <p>Quanto tempo distou entre a última aula presencial e a implementação efetiva do plano de ensino a distância? Ocorreu em simultâneo para todos os alunos?</p> <p>Que alterações sofreu o seu horário? Considera que foram adequadas?</p> <p>Que alterações sofreram os horários dos alunos que acompanhou?</p> <p>(carga horária/aulas síncronas e assíncronas/apoio individualizado e apoio em simultâneo com a turma/terapias)</p> <p>A quantos alunos com medidas seletivas e adicionais deu apoio (direto e indireto)? Foram os mesmos alunos que acompanhou até então de forma presencial? Como se concretizou este acompanhamento?</p> <p>Quais os constrangimentos/limitações com que se deparou na organização para a adaptação para a modalidade E@D? Como foram superados(as)?</p> <p>Foram feitos alguns ajustes/alterações ao longo do processo? Quais?</p>
<p>Articulação com Encarregados de Educação, com técnicos especializados e entre professores</p>	<p>Perceber a articulação dos professores de Educação especial com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Professores dos Conselhos de turma/DT's/titulares de turma/educadores -Técnicos especializados -Encarregados de educação 	<p>Como fez a articulação com os restantes professores (conselhos de turma/DT's/titulares de turma/educadores)?</p> <p>E com os técnicos especializados?</p> <p>E com os Encarregados de Educação?</p> <p>Como se processou a comunicação com a Direção/Coordenação?</p> <p>Houve articulação e retificação do que tinha sido decidido fazer em função das indicações/dificuldades identificadas pelos EE?</p>

Inclusão	Conhecer as perceções dos professores sobre o impacto do plano de plano E@D na inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais.	Na sua opinião, o plano E@D que foi implementado permite a inclusão preconizada no DL n°54/2018? Que dificuldades/barreiras à inclusão sentiu durante a implementação do plano E@D? Durante a modalidade de ensino a distância sugeriu algum ajuste ao plano traçado? Qual? Foi atendida?
Desafios e oportunidades	Identificar boas práticas (educativas, ensino-aprendizagem, de comunicação) proporcionadas pela situação conjuntural da pandemia Saber quais as principais dificuldades sentidas na implementação do plano E@D	Como foram reinventadas práticas e processos para responder às dificuldades e desafios no trabalho com os alunos no contexto da implementação do plano E@D? (Estratégias de comunicação usadas/ estratégias pedagógicas implementadas/ recursos materiais utilizados) Exemplifique. Que dificuldades foram experienciadas ao nível: - Da organização? Como as procurou resolver? - De recursos e quais? Como as procurou resolver? - Da interação/comunicação (com a direção/coordenação/EE/técnicos especializados)? Como as procurou resolver? A nível pessoal, quais as maiores dificuldades que sentiu? Como procurou superá-las? Quais foram as principais dificuldades apontadas pelos alunos e EE? Como as procurou colmatar? Na sua opinião como foi a receptividade dos alunos? E das famílias? Se fosse necessário voltar a implementar um plano E@D faria alguma alteração em relação ao anterior? O que alterava? Na sua opinião, quais as principais aprendizagens (positivas e negativas) que esta situação proporcionou que poderemos aplicar no futuro?
Síntese da entrevista	Dar oportunidade de acrescentar informação espontânea/não solicitada. Agradecer a colaboração	Há alguma informação que queira acrescentar? Agradecer a colaboração.

Apêndice II – Guião da entrevista semiestruturada – Técnicos especializados

GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Destinatários: Técnicos especializados

Duração aproximada:

Local:

A presente entrevista destina-se a recolher dados numa investigação no âmbito do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve, com o título “Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades”.

A sua colaboração é muito importante para a concretização deste estudo. Por favor, responda às questões tendo em consideração a sua experiência vivida no **período de aulas a distância devido ao confinamento resultante da pandemia por Covid-19 (13 de março de 2020 até ao final desse ano letivo)**.

A entrevista é anónima, garantindo-se a total confidencialidade dos dados que apenas se destinam a fins académicos. Todos os procedimentos estão em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Agradeço desde já o tempo despendido.

Blocos/categorias	Objetivos	Exemplos de questões
Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado Pedir assinatura do consentimento informado para participação no estudo e autorização para gravação áudio da entrevista.	Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo Salientar a importância da entrevista e solicitar colaboração Assegurar o anonimato e a confidencialidade das respostas Pedir autorização para gravar a entrevista (áudio) Após esclarecimento de possíveis dúvidas, solicitar o preenchimento do consentimento informado
Caracterização do entrevistado	Colher informações acerca do perfil profissional do entrevistado	Idade Sexo Formação académica Experiência profissional Experiência profissional em ambiente escolar
Organização do plano de E@D	Identificar os intervenientes nas decisões Recolher informações do	Houve orientações da Direção da escola/agrupamento acerca da aplicação do plano de E@D? Considera que as orientações dadas pela Direção

	<p>plano E@D relativamente a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reorganização do horário (aulas e terapias) - Apoio prestado pelos técnicos 	<p>foram claras?</p> <p>Participou na decisão das respostas do E@D dadas a estes alunos? Se sim, de que forma?</p> <p>Como foi veiculada a informação a todos os intervenientes? (incluindo os alunos e encarregados de educação)</p> <p>Que alterações sofreu o seu horário?</p> <p>Quantos alunos acompanhou? Foram os mesmos alunos que acompanhou até então de forma presencial?</p> <p>Que alterações sofreram os horários dos alunos que acompanhou?</p> <p>Quais os constrangimentos/limitações com que se deparou na organização para a adaptação para a modalidade E@D? Como foram superados(as)?</p> <p>Foram feitos alguns ajustes/alterações ao longo do processo? Quais?</p>
Articulação com Encarregados de Educação, com professores e entre técnicos especializados	<p>Perceber a articulação dos técnicos especializados com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encarregados de educação - Diretores de turma/titulares de turma/educadores 	<p>Como se processou a comunicação com a Direção/Coordenação?</p> <p>Desenvolveu o seu trabalho de forma isolada ou em articulação com professores? Quais e de que forma?</p> <p>E com os Encarregados de Educação? De que forma?</p> <p>Houve articulação e retificação do que tinha sido decidido fazer em função das indicações/dificuldades identificadas pelos professores/EE?</p>
Inclusão	<p>Conhecer as perceções dos técnicos especializados sobre o impacto do plano de plano E@D na inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais.</p>	<p>Na sua opinião, o plano E@D que foi implementado permite a inclusão preconizada no DL n°54/2018?</p> <p>Que dificuldades/barreiras à inclusão sentiu durante a implementação do plano E@D?</p> <p>Durante a modalidade de ensino a distância sugeriu algum ajuste ao plano traçado? Qual? Foi atendida?</p>

<p>Desafios e oportunidades</p>	<p>Identificar boas práticas (educativas, ensino-aprendizagem, de comunicação) proporcionadas pela situação conjuntural da pandemia</p> <p>Perceber a concretização das terapias</p> <p>Saber quais as principais dificuldades sentidas na implementação do plano E@D</p>	<p>Como foram reinventadas práticas e processos para responder às dificuldades e desafios no trabalho com os alunos no contexto da implementação do plano E@D? (Estratégias de comunicação usadas/ estratégias de desenvolvimento das terapias/recursos materiais utilizados) Exemplifique. Que dificuldades foram experienciadas ao nível: - Da organização? Como as procurou resolver? - De recursos e quais? Como as procurou resolver? - Da interação/comunicação (com os EE/professores)? Como as procurou resolver? Considera que o trabalho que desenvolveu surtiu efeitos positivos? E comparativamente ao trabalho presencial desenvolvido até então? A nível pessoal, quais as maiores dificuldades que sentiu? Como procurou superá-las? Quais foram as principais dificuldades apontadas pelos alunos e EE? Como as procurou colmatar? Na sua opinião como foi a recetividade dos alunos? E das famílias? Se fosse necessário voltar a implementar um plano E@D faria alguma alteração em relação ao anterior? O que alterava? Na sua opinião, quais as principais aprendizagens (positivas e negativas) que esta situação proporcionou que poderemos aplicar no futuro?</p>
<p>Síntese da entrevista</p>	<p>Dar oportunidade de acrescentar informação espontânea/não solicitada Agradecer a colaboração</p>	<p>Há alguma informação que queira acrescentar? Agradecer a colaboração.</p>

**Apêndice III – Guião da entrevista semiestruturada – Encarregados de Educação de
alunos com medidas seletivas ou adicionais**

GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Destinatário: Encarregados de Educação de alunos com medidas seletivas e/ou adicionais

Duração aproximada:

Local:

A presente entrevista destina-se a recolher dados numa investigação no âmbito do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve, com o título “Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades”.

A sua colaboração é muito importante para a concretização deste estudo. Por favor, responda às questões tendo em consideração a sua experiência vivida no **período de aulas a distância devido ao confinamento resultante da pandemia por Covid-19 (13 de março de 2020 até ao final desse ano letivo)**.

A entrevista é anónima, garantindo-se a total confidencialidade dos dados que apenas se destinam a fins académicos. Todos os procedimentos estão em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Agradeço desde já o tempo despendido.

Blocos/categorias	Objetivos	Exemplos de questões
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista Pedir assinatura do consentimento informado para participação no estudo e autorização para gravação áudio da entrevista.	Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo Salientar a importância da entrevista e solicitar colaboração Assegurar o anonimato e a confidencialidade das respostas Pedir autorização para gravar a entrevista (áudio). Após esclarecimento de possíveis dúvidas, solicitar o preenchimento do consentimento informado
Motivação e caracterização do entrevistado e do seu educando	Motivar, promover um clima de confiança e abertura Caracterizar entrevistado Colher informações acerca do perfil do filho/educando	Solicitar a apresentação do entrevistado (idade, habilitações literárias, profissão) Pedir que partilhe informação acerca do seu filho/educando: - idade - ano de escolaridade - necessidade educativa específica - medidas educativas que usufruem - terapias que usufruem

<p>Organização do plano de E@D</p>	<p>Identificar os intervenientes nas decisões</p> <p>Recolher informações do plano E@D relativamente a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reorganização do horário (aulas e terapias) - Alteração da dinâmica familiar - Apoio prestado pelos DT/professores/técnicos 	<p>Houve orientações da Direção da escola/agrupamento/DT acerca da aplicação do plano de E@D?</p> <p>Considera que as orientações dadas pela Direção/DT foram claras?</p> <p>Participou na decisão das respostas do E@D dadas ao seu educando(a)? Se sim, de que forma?</p> <p>Quanto tempo distou entre a última aula presencial e a implementação efetiva do plano de ensino a distância?</p> <p>Que alterações sofreu o horário do seu educando(a)? Considera que foram adequadas?</p> <p>Que ajustes tiveram que fazer na rotina familiar para poder corresponder ao ensino a distância?</p> <p>Quais os constrangimentos/limitações com que se deparam na organização para a adaptação para a modalidade E@D? Como foram superados(as)?</p> <p>Foram feitos alguns ajustes/alterações ao longo do processo? Quais?</p> <p>Sentiu-se apoiado pelo Agrupamento durante este período?</p>
<p>Articulação com DT/professores/técnicos</p>	<p>Perceber a articulação dos EE com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diretores de turma/titulares de turma/educadores - Técnicos especializados 	<p>Como se processou a comunicação com a escola?</p> <p>Recebeu informação sobre a evolução do seu filho, por parte dos professores? Quem comunicou consigo, professor Titular/DT ou prof. de EE?</p> <p>Houve articulação e retificação do que tinha sido decidido fazer em função das indicações/dificuldades comunicadas aos professores/DT?</p>
<p>Inclusão</p>	<p>Conhecer as perceções dos Encarregados de educação sobre o impacto do plano de plano E@D na inclusão dos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais.</p>	<p>Durante este período, qual o contacto do seu filho/educando com os colegas da sua turma? E com os professores?</p> <p>Na sua opinião, durante o ensino a distância o seu filho/educando, comparativamente ao ensino presencial, esteve mais excluídos da sua turma do que antes? Porquê?</p> <p>Durante a modalidade de ensino a distância sugeriu algum ajuste ao plano traçado? Qual? Foi atendido?</p>

Desafios e oportunidades	<p>Identificar boas práticas (educativas, ensino-aprendizagem, de comunicação, de implementação das terapias) proporcionadas pela situação conjuntural da pandemia</p> <p>Saber quais as principais dificuldades sentidas na implementação do plano E@D</p> <p>Conhecer a perceção dos Encarregados de educação sobre o impacto do plano de E@D nos seus educandos</p>	<p>Como avalia a qualidade do ensino durante a implementação do plano E@D?</p> <p>As atividades propostas pelos professores pareceram-lhe adequadas?</p> <p>E ao nível das terapias, como avalia a forma como decorreram?</p> <p>Quais as maiores dificuldades que sentiu?</p> <p>Que dificuldades sentiu, por parte do seu filho/educando na concretização das tarefas?</p> <p>Qual o <i>feedback</i> do seu educandos sobre o ensino a distância?</p> <p>Notou diferenças na motivação/interesse do seu filho/educando relativamente às tarefas escolares durante este período? Quais?</p> <p>Na sua opinião, quais as principais aprendizagens (positivas e negativas) que esta situação proporcionou que poderemos aplicar no futuro?</p>
Síntese da entrevista	<p>Dar oportunidade de acrescentar informação espontânea/não solicitada</p> <p>Agradecer a colaboração</p>	<p>Há alguma informação que queira acrescentar?</p> <p>Agradecer a colaboração.</p>

**Apêndice IV – Guião da entrevista semiestruturada – Representante da Direção na
EMAEI**

GUIÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Destinatário: Representante da Direção na EMAEI

Duração aproximada:

Local:

A presente entrevista destina-se a recolher dados numa investigação no âmbito do Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve, com o título “Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades”.

A sua colaboração é muito importante para a concretização deste estudo. Por favor, responda às questões tendo em consideração a sua experiência vivida no **período de aulas a distância devido ao confinamento resultante da pandemia por Covid-19 (13 de março de 2020 até ao final desse ano letivo)**.

A entrevista é anónima, garantindo-se a total confidencialidade dos dados que apenas se destinam a fins académicos. Todos os procedimentos estão em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Agradeço desde já o tempo despendido.

Blocos/categorias	Objetivos	Exemplos de questões
Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista Motivar o entrevistado Pedir assinatura do consentimento informado para participação no estudo e autorização para gravação áudio da entrevista.	Informar o entrevistado sobre o tema e os objetivos do estudo Salientar a importância da entrevista e solicitar colaboração Assegurar o anonimato e a confidencialidade das respostas Pedir autorização para gravar a entrevista (áudio) Após esclarecimento de possíveis dúvidas, solicitar a leitura e o preenchimento do consentimento informado
Caracterização do entrevistado	Colher informações acerca do perfil profissional do entrevistado	Tempo de serviço Tempo de serviço em Educação Especial Tempo de serviço neste cargo Idade Formação académica inicial
Caracterização dos alunos com NE	Recolher informações sobre os alunos que usufruíram de medidas seletivas e/ou adicionais durante o período de	Quantos alunos de cada ciclo de ensino usufruíram de medidas seletivas? Qual a carga horária de apoio individual de Ed. Especial? Quais as principais problemáticas destes alunos? Quantos alunos de cada ciclo de ensino usufruíram

	confinamento/pandemia	de medidas adicionais? Qual a carga horária de apoio individual de Ed. Especial? Quais as principais problemáticas destes alunos? Quantos alunos de cada ciclo usufruíram de terapias? Que terapias? Qual a distribuição da carga horária?
Organização do plano de E@D	<p>Identificar os intervenientes nas decisões</p> <p>Recolher informações do plano E@D relativamente a:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reorganização do horário (aulas e terapias) - Apoio prestado pelos professores de Educação Especial (individualizado/em simultâneo com a turma) - Apoio prestado pelos técnicos especializados 	<p>A organização do plano E@D aplicada a estes alunos teve que obedecer a diretrizes comuns para todo o agrupamento? Foram decididas no agrupamento e/ou emanadas pelo Ministério de Educação (ME)?</p> <p>Quem participou na decisão das respostas do E@D dadas a estes alunos?</p> <p>Como foi veiculada esta informação a todos os intervenientes? (incluindo os alunos e encarregados de educação)</p> <p>Quanto tempo distou entre a última aula presencial e a implementação efetiva do plano de ensino a distância? Ocorreu em simultâneo para todos os alunos?</p> <p>Os professores de Educação Especial continuaram a acompanhar os mesmos alunos? E os técnicos especializados? Como se concretizou este acompanhamento?</p> <p>Que alterações sofreram os horários destes alunos? (carga horária/aulas síncronas e assíncronas/apoio individualizado e apoio em simultâneo com a turma/terapias)</p> <p>Em resposta direta ao ensino a distância, foi necessária a aplicação/alteração de medidas seletivas e ou adicionais a algum aluno?</p> <p>Quais os constrangimentos/limitações com que se deparou na organização para a adaptação para a modalidade E@D? Como foram superados(as)?</p> <p>Foram feitos alguns ajustes/alterações ao longo do processo? Quais?</p>
Articulação com Encarregados de Educação, técnicos especializados e entre professores	<p>Perceber como foi planificada a articulação dos professores de Educação especial com:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encarregados de educação (EE) - Professores dos 	<p>Foram dadas, aos professores de Educação Especial e aos técnicos especializados, indicações específicas sobre a articulação entre si e com os restantes professores (conselhos de turma/DT's/titulares de turma/educadores)?</p> <p>Como foi feita essa articulação? Como avalia a sua execução?</p>

	Conselhos de turma/Diretores de turma (DT's)/titulares de turma/educadores - Técnicos especializados	E com os Encarregados de Educação (EE): como se processou a comunicação com a escola? Houve articulação e retificação do que tinha sido decidido fazer em função das indicações/dificuldades identificadas pelos EE?
Inclusão	Compreender de que forma a inclusão foi acautelada Identificar dificuldades/barreiras ao processo inclusivo	Na sua opinião, o plano E@D que foi implementado permite a inclusão preconizada no DL n°54/2018? Que aspetos realçaria, como promotoras de inclusão, no plano implementado? Considera, a este nível, ter havido igualdade entre alunos com e sem acesso a meios eletrónicos? E entre alunos com necessidade de mobilização de medidas seletivas e adicionais?
Desafios e oportunidades	Identificar boas práticas (educativas, ensino-aprendizagem, de comunicação) proporcionadas pela situação conjuntural da pandemia Saber quais as principais dificuldades sentidas na implementação do plano E@D	Como foram reinventadas práticas e processos para responder às dificuldades e desafios no trabalho com os alunos no contexto da implementação do plano E@D? (Estratégias de comunicação usadas/ estratégias pedagógicas implementadas/ recursos materiais utilizados) Exemplifique. Que dificuldades foram experienciadas ao nível: - Da organização? Como as procurou resolver? - De recursos e quais? Como as procurou resolver? - Da interação/comunicação com os professores/técnicos especializados/EE? Como as procurou resolver? Quais foram as principais dificuldades apontadas pelos professores /alunos/EE? Como as procurou colmatar? Se fosse necessário voltar a implementar um plano E@D faria alguma alteração em relação ao anterior? O que alterava? Na sua opinião, quais as principais aprendizagens (positivas e negativas) que esta situação proporcionou que poderemos aplicar no futuro?
Síntese da entrevista	Dar oportunidade de acrescentar informação espontânea/não solicitada. Agradecer a colaboração	Há alguma informação que queira acrescentar? Agradecer a colaboração.

**Apêndice V – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Professores de
Educação Especial**

Transcrição da entrevista semiestruturada – Professor de Educação Especial (Prof1)

Data: 12 de março de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 39 minutos e 4 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Muito obrigada por estar aqui. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Em relação à nossa conversa por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos a nossa entrevista?

Prof1: Nada.

A: Para começar gostaria de saber alguns dados sobre si. Gostaria de saber a sua idade, a formação inicial e o tempo de serviço.

Prof1: Tenho 45 anos, sou educadora de infância e tenho 25 anos de tempo de serviço, bem completos são 24.

A: E na Educação Especial?

Prof1: 10 anos.

A: Nas perguntas seguintes, por favor, considere sempre a experiência de ensino a distância tanto do ano passado como deste.

Prof1: Ok.

A: No ano passado houve orientações precisas da Direção do Agrupamento acerca da aplicação do PE@D. Sobre o que iria fazer?

Prof1: Sim.

A: E este ano?

Prof1: Também. Este ano já estávamos preparados para o que vinha...

A: E essas instruções que recebeu da Direção, tanto este ano como no ano anterior, foram claras e objetivas?

Prof1: Foram claras. E este ano foi mais fácil porque nós já tínhamos elaborado os planos de trabalho quer fosse presencial, quer fosse a distância, quer fosse misto. E então foi acabar por operacionalizar aquilo que já estava definido. No ano passado foi um pouco mais complicado porque fomos apanhados desprevenidos e foi um... Ao início organizámo-nos da melhor forma possível e com as indicações que vinham da DGEST, mas este ano estávamos muito melhor organizados.

A: Como é que essa informação chegou até si?

Prof1: Em reuniões de Departamento e em reuniões com a Adjunta da Direção.

A: E depois quem fez a ponte com os alunos e os encarregados de educação?

Prof1: Foi cada professor que depois articulou com os titulares ou diretores de turma e com os encarregados de educação e com os alunos. No caso dos alunos que já têm maior autonomia, não é... Os mais pequenos... Foi com os encarregados de educação.

A: E isso é verdade tanto para o ano passado como para este ano?

Prof1: (aceno afirmativo). Este ano as salas já estavam criadas e havia até... Aliás nós, mesmo as nossas reuniões de grupo também passaram a ser feitas numa sala de *classroom* que nós criamos para o 910 e 930. Com os alunos, eu na educação especial pessoalmente no tempo presencial não trabalhei pelo *classroom*, mas sei que houve colegas que trabalharam, noutros grupos... Portanto os alunos foram sempre preparados para o que pudesse vir, para que corresse melhor do que no ano passado.

A: Lembra-se quanto tempo é que passou entre ficarmos em casa e efetivamente começar a dar aulas a distância?

Prof1: Foi a interrupção da Páscoa, porque houve duas semanas em que nós ficamos em casa, depois houve a interrupção da Páscoa e em seguida é que começamos a sério porque até lá só enviávamos trabalhos. Aquelas duas semanas entre o dia 16 de março e a interrupção apenas enviávamos uns trabalhos. Depois organizamo-nos, até na interrupção da Páscoa, e quando retomamos, já começamos então com as aulas *online* e a alguns alunos que não tinham meios iam às escolas recolher os trabalhos. Tínhamos contactos telefónicos para as instruções, ou pelo *whatsapp*, com os encarregados de educação. Depois à sexta-feira havia uma devolução das tarefas. E este ano com a alteração em que os alunos poderiam ir para a escola, nomeadamente, os das medidas adicionais e alunos em situação de risco deixou de haver aquela entrega, vá digamos assim... Entrega e recolha de tarefas semanal.

A: E este ano, conseguiram ter tudo organizado para funcionar no dia a seguir à pausa letiva determinada pelo governo?

Prof1: Exato. A segunda semana foi logo para nos organizarmos. A primeira semana, que eles chamaram de férias, tivemos a fazer... Tivemos sem componente... A segunda semana foi totalmente dedicada à organização quer a nível de grupos, quer a nível de Departamento, quer a nível... Com os pares pedagógicos no caso do primeiro ciclo e depois também com os encarregados de educação, os contactos... Eu até cheguei a marcar com duas encarregadas de educação, presencial... (risos) Também para lhes dar umas instruções e pronto, e a partir daí começou a funcionar a engrenagem. Começamos logo desta maneira, logo no primeiro dia útil.

A: No ano passado, com a transição para o ensino a distância teve que fazer alterações no seu horário ou ficou igual?

Prof1: Sim, fiz adaptações no meu horário. Até porque havia alunos que estavam nas turmas, que não eram alunos com medidas adicionais, tinham medidas seletivas, mas que já caminhavam para medidas adicionais e com diagnósticos e alterações mesmo ao nível do espectro do autismo que tínhamos que ser nós a organizar aulas para eles porque, não só como complemento da aula. Mas também como uma dinamização,... Estava a ser difícil para eles acompanharem. Presentemente esses alunos já estão com medidas adicionais, com as significativas e no ano passado as aulas desses alunos também eram basicamente dirigidas por nós.

A: Ok, mas então tiveram que mexer na carga horária?

Prof1: A carga horária no ano passado... Sim, tivemos que mexer.

A: Pelo que entendi, no ano passado havia uns alunos com aulas síncronas, outros com entrega de materiais, certo?

Prof1: Exato.

A: Já me disse que este ano a entrega de materiais deixou de fazer sentido...

Prof1: Passaram para presenciais e síncronas.

A: Tem alunos com medidas adicionais, que têm aulas a distância?

Prof1: Tenho.

A: Teve que encaixar as terapias nesse horário?

Prof1: As terapias estão a ser... Foram organizadas de acordo com o novo horário que estes alunos agora têm. Portanto, estes alunos têm momentos com o docente de educação especial, quer seja presencial ou *online*, têm momentos em que estão na turma e têm momentos em que se deslocam à escola para as terapias. Portanto houve uma reformulação dos horários destes alunos também, ainda que temporário, não é... Porque na próxima segunda-feira retomam a

normalidade. Este ano as terapias são noutras horas. Neste momento, no sistema que estamos a ter agora, até porque há alunos que estão a ter terapias e que também não dispõe de equipamento e que vão à escola ter as aulas *online* lá, então tentou-se articular de forma a que as terapias coincidisse com estes momentos, antes ou depois...

A: Para reduzir as deslocações?

Prof1: Exato. Para evitar ao máximo as entradas e saídas.

A: Quantos alunos acompanhou no ano passado?

Prof1: No ano passado tinha 10 ou 11, se não me engano...

A: E ficou exatamente com os mesmos alunos quando passou para o ensino a distância?

Prof1: Sim, quando passou a distância sim. Apesar de no ano passado, por exemplo, uma aluna, não dois alunos, iam sempre buscar e recolher o material e o contacto era sempre por telefone, *whatsapp*, ou assim... Esses são os que este ano passaram ao presencial.

A: Sim, mas continuou a acompanhá-los, simplesmente teve que fazer de uma forma diferente...

Prof1: Certo. Por acaso são os mesmos que tenho este ano...

A: E este ano, quantos alunos tinha antes?

Prof1: Antes do confinamento?

A: Sim, sim...

Prof1: São os mesmo, só que uns presencial, outros a distância.

A: Então ficou com os mesmos, não fizeram redistribuição dos alunos?

Prof1: Não. E até alunos com medidas seletivas têm a nossa intervenção nos momentos de trabalho autónomo.

A: No ano passado, que dificuldades/constrangimentos sentiu quando passou do presencial para o ensino a distância?

Prof1: O *classroom* não foi difícil, pronto. E mesmo para as famílias e para quem tinha os equipamentos e... E mesmo os alunos mais velhos que eu tinha na (identificação da escola sede), que este ano não tenho, mesmo esses alunos sozinhos tinham autonomia e não considero que tivesse sido difícil. Porquê? Porque nós ali só estávamos a trabalhar com o *classroom*. Por exemplo, há situações... Conheço situações de alunos que estavam a trabalhar com o *classroom*, e depois trabalhavam com o *zoom* e depois trabalhavam com o *meet* e depois... E pronto, a cada disciplina acabava por ser através de uma plataforma... E mesmo a entrega dos trabalhos ou era por *e-mail*, ou era por *classroom*, ou era não sei quê... E confundia-os mais. Aqui no Agrupamento houve logo a orientação para todos usarem a mesma.

A: E isso resultou bem?

Prof1: Mais fácil, mais fácil. Ainda que alguns recebessem trabalhos por *e-mail* e devolvessem, mas muito mais fácil. Porque é assim, os pequenitos precisavam sempre da ajuda dos pais ao início, hoje já entram e pronto. É só carregar ali no *link*, desde que tenham a sala aberta, os mais velhos facilmente perceberam como é que era. Até tinha uns mais velhos que queriam ir para ali para conversarmos só.

A: Então este ano, posso presumir que a adaptação foi muito mais simples?

Prof1: Eu acho que sim. E mesmo para as famílias eu também acho que sim. Acho que não foi tanto aquele pânico em que entraram no ano passado.

A: No ano passado, durante o ensino a distância foi necessário mudar procedimentos ou fazer outros ajustes?

Prof1: Ajustes em que sentido?

A: Por exemplo alunos que achava que seriam capazes de usar o *classroom*, mas que afinal não e de repente tiveram que passar para as atividades em papel...

Prof1: Isso não. No ano passado não surgiu porque, no ano passado quase que não havia equipamentos, quem tinha equipamentos era porque os pais tinham. Os miúdos não tinham nenhum equipamento específico deles. Este ano já tinham equipamentos, mas mesmo assim, não foi possível estarem a ter as aulas a distância porque eles não dominavam o equipamento, pronto... E é muito mais proveitoso ir ali, consegue-se acompanhar mais facilmente, monitorizar. No caso dos alunos que leem, que eu tenho com medidas adicionais, que estão a ter a distância é porque eles leem e têm autonomia para conseguirmos estar assim, se não também tinham que vir para a escola. Este ano também partimos assim, com uns *online*, outros presencial, mas sempre com a possibilidade de que, quando surgissem constrangimentos pudéssemos alterar a forma de trabalhar com eles.

A: Como é que foi feita o ano passado e como é que está a ser feita este ano a articulação entre professores do conselho de turma, entre técnicos, entre professores de educação especial?

Prof1: É assim, no caso do primeiro ciclo, semanalmente temos as reuniões de pares e elaboramos um plano de trabalho individual para cada aluno com medidas adicionais.

A: Reunião de pares... É o professor de educação especial com o professor titular?

Prof1: Os dois ou três, conforme as turmas que existam daquele ano. Os pares são os colegas que estão a lecionar o mesmo ano e depois mais o professor de apoio e o docente de educação especial. Temos semanalmente reunião de pares onde é elaborado... O ano passado já fazíamos isto, elaboramos o plano de trabalho para a semana seguinte, no caso deles para a turma em geral e no caso de alunos com medidas seletivas com algumas alterações que possam ser necessárias ou ajustes. No caso dos alunos com medidas adicionais, o plano, as atividades,

digamos são dirigidas por mim, dinamizadas ao nível do português funcional, matemática, atividades de vida diária. Essa parte organizo eu, faço a proposta com o titular e depois juntamos a isso a parte em que os alunos têm com a turma, a parte das expressões, a parte do... Digamos, há um plano e depois há um mapa de tarefas semanal. Um plano em que pomos os conteúdos que vamos trabalhar e depois um horário que é... Até pus horário/tarefas semana de não sei quantos, até não sei quantos. É que os alunos depois têm lá das 9:30 às não sei quê, aula síncrona com a professora, depois não sei quê trabalho autónomo, depois não sei quê com a turma, temos assim.

A: E no segundo e terceiro ciclos?

Prof1: no segundo e terceiro ciclos os alunos têm outro tipo de autonomia, eu penso que não há estes planos tão esmiuçados. Até porque para mim é muito mais fácil organizar-me assim porque isto é com os alunos que estão a distância.

A: Peço desculpa por interromper, mas este ano está apenas com primeiro ciclo?

Prof1: Só.

A: Ok.

Prof1: O ano passado tinha segundo ciclo, este ano não tenho. E então é assim, para nós também é mais fácil, para mim e para eles, organizarmo-nos. Porque à sexta-feira eu coloco tudo no *classroom* o que vamos fazer, quer a nível de trabalhos que vamos fazer, quer a nível de trabalhos que eles vão fazer comigo, os que vão fazer em contexto de turma, as expressões que fazem em trabalho autónomo. Os pais e eles próprios quando chega a semana têm tudo ali à mão é muito mais fácil. Chega àquela hora e pronto têm material que vai utilizar naquela hora, olha para o horário e já sabe. As horas são sempre fixas, as tarefas têm alteração não é...

A: No ano passado faziam um esquema parecido?

Prof1: Sim fazíamos. Para os meninos com medidas adicionais fazíamos.

A: E em relação á articulação com os técnicos?

Prof1: É assim, eu não tenho alunos que estejam com terapias neste momento porque uma aluna minha que tem Terapia ocupacional, neste momento o CRI não consegue dar resposta à Terapia ocupacional porque a Terapeuta ficou também ela com os filhos dela...

A: Em apoio à família...

Prof1: Em apoio à família. Então o CRI não conseguiu solucionar essa questão, terapeuta ocupacional não temos, neste momento.

A: Como é a articulação com os Encarregados de Educação? A comunicação passa pelos professores de Educação Especial, ou pelo titular de turma/diretor de turma?

Prof1: É um pouco de cada.

A: E no ano passado?

Prof1: Também, também.

A: No ano passado houve alguma proposta de melhoria por parte dos Encarregados de Educação?

Prof1: É assim, os Encarregados de Educação, aqueles que realmente não tinham equipamentos nem nada, são as pessoas também com maiores constrangimentos tanto a nível das tecnologias como a nível das aptidões que tinham para apoiar os filhos e o desejo deles era que eles viessem para a escola. Este ano coincidentemente a legislação foi favorável nesse sentido porque acabam por ser os miúdos que ficam mesmo mais desprotegidos. São aqueles que os pais não conseguem dar resposta e que eles também não conseguiam estabelecer o contacto connosco, porque mesmo que eles o conseguissem fazer, no *whatsapp*, ou não sei quê... É difícil estar com uma criança que não consegue ler nem fazer nada a explicar-lhe um exercício a distância.

A: Na sua opinião, falando do ano passado e deste ano, PE@D implementado permite a inclusão preconizada no DL n.º54/2018?

Prof1: Parece-me que no ano passado não correu da melhor maneira, este ano penso que sim, que já está num caminho melhor. Já foram acauteladas as terapias, foram acauteladas as possibilidades de quem não tinha condições quer ao nível das aprendizagens... Vá, os meninos das medidas adicionais, quer outros alunos que não sendo das adicionais estão em situação de risco. Acaba por ser uma inclusão também, eles terem a possibilidade de terem acesso ao currículo, não é? Ou às atividades da escola. Podem deslocar-se à escola e conseguem na escola, ainda que não presencialmente terem essas aulas a distância. Seria uma barreira se não houvesse essa possibilidade, eles não tinham acesso a mesmo nada, seriam meses de rotura. Penso que tanto a inclusão ao nível mesmo de alunos que antigamente eram educação especial, como a nível de alunos em situação de risco, penso que agora tem estado a correr de uma forma melhor.

A: E relativamente aqueles alunos que continuam no *online*, porque têm capacidades e meios para isso, acha que existem barreiras à inclusão?

Prof1: É pá... É assim. Eu relativamente aos meus alunos... Eu penso que eles estavam, estavam incluídos, não é? Porque, tenho dois meninos com medidas seletivas, um na escola de acolhimento, o que ao início até deu o que fazer, outro que vai à escola ter as aulas ali *online* porque não tem equipamentos. Aliás ele deu cabo do equipamento... Pronto. Como o irmão também vem para mim, porque o irmão tem medidas adicionais, até sou eu que semanalmente trato das coisas que a professora prepara para ele, na segunda-feira coloco lá tudo. E ele quando

vai ter a aula já lá tem os materiais todos ao dispor e também tem um horário feito para ele, que a professora faz para eles os dois, com as tarefas discriminadas, a que horas, pronto... Eu nestas duas situações penso que não está a correr mal, parece que não está a correr mal. Os outros alunos que eu tenho são tudo com adicionais.

A: Tanto no ano passado como este ano, durante o processo, deu alguma sugestão de melhoria?

Prof1: No ano passado foi assim uma novidade (risos). Foi uma novidade e nós fomos todos apanhados desprevenidos e tentamos ir fazendo o melhor que podíamos e pronto, é assim, ninguém ficou deixado completamente ao abandono, mas também não houve aquele acompanhamento, aquela monitorização que conseguimos fazer atualmente. Parece-me que o ano passado foi um bom ensaio, um bom treino para aquilo que estamos a fazer agora, porque acho que agora está a ser muito melhor. Porque é assim, porque neste momento temos todas as possibilidades. Nós temos a possibilidade dos que vão só à escola, dos que vão à escola e têm *online*, dos que só têm *online*. Então é assim, no ano passado que melhoria propus? Não propus melhoria nenhuma porque não havia condições para isso sequer.

A: Já me foi respondendo à questão seguinte, de qualquer das formas peço-lhe, em resumo, que me diga como foram reinventadas práticas durante o E@D. Por exemplo em relação às estratégias de comunicação, às estratégias pedagógicas, aos recursos...

Prof1: É assim, para já no início do ano tivemos que trabalhar com estes alunos a questão dos materiais em que eles só podiam única e exclusivamente mexer nos seus materiais, depois eles estavam habituados a trazer coisinhas de casa, foi proibido.

A: E na fase de E@D?

Prof1: A distância acaba por ser tudo mais dirigido, não há oportunidade de eles estarem ali no quadro a experimentar. É assim, eu levo o triplo do tempo a fazer a mesma coisa que levava presencialmente. Presencialmente eles iriam logo ao quadro e rapidamente resolveríamos aquela situação. Explicar-lhes, no outro dia, que $106-102$ dá 4 e que $106-4$ dá 102, explicar-lhes que aquilo era um inverso e como é que era? Não era quase possível perceber porque também não estava ali num contexto em que fosse fácil... Com as aulas a distância a dificuldade que é o explicar... o concretizar, pronto. É muito mais difícil. Em relação às estratégias, a distância, sinto que é tudo assim mais dirigido e muito mais... sei lá... impessoal, para já é impessoal.

A: Que dificuldades sentiu no ano passado e sente este ano em relação à organização?

Prof1: Organização em que sentido?

A: Considerando a forma como a escola se organizou, das duas vezes, que dificuldades sentiu com essa reorganização?

Prof1: É assim, tivemos que nos justar com os professores, com os alunos e com pais e tivemos que articular todos de forma a que conseguíssemos criar horários em que fosse possível adaptarmo-nos ao *online* ou estar presencialmente. E com os alunos que vão à escola combinarmos com as famílias também as horas de irem entregá-los e irem buscá-los, não passam lá o dia todo nem pouco mais ou menos porque... Não tomam lá as refeições nem nada. Eles vão lá, trabalham comigo e depois vão para casa, portanto teve que ser articulado com todos os intervenientes. E depois os horários, deixando aquelas partes comuns em que eles estão com a turma também tivemos que articular de forma a... Porque enquanto eles estão com a turma eu não posso estar a fazer trabalho específico, nessa altura é para estarem com a turma a fazer o mesmo que eles, pronto... Houve assim esta necessidade...

A: No ano passado as dificuldades foram semelhantes, ao nível da organização?

Prof1: Sim, no ano passado foi também a mesma coisa, tivemos que nos organizar... Ah não... espere.... No ano passado no caso do primeiro ciclo eles tinham aulas *online* muito menos tempo, muito menos tempo. Como tinham aulas *online* muito menos tempo foi mais fácil organizar os horários porque no primeiro ciclo eles não tinham tantas aulas *online*, este ano é que é muito mais, a carga é muito maior.

A: E ao nível dos recursos? Que dificuldades sentiu?

Prof1: Tenho o meu computador, que tem que ser dividido com o meu marido (risos)... E pronto... E agora estou aqui no telemóvel, outras vezes tem que estar ele e pronto.

A: E no ano passado, sentiu dificuldades ao nível dos equipamentos e outros recursos?

Prof1: Era a mesma situação... Tive que comprar um computador...

A: E em termos de comunicação, com a Direção, com os colegas, com os Encarregados de Educação e técnicos, teve algum tipo de problemas? Tanto este ano como no ano passado.

Prof1: Tem corrido bem, tem corrido bem. Sim...

A: E em termos pessoais, no ano passado, quais foram as maiores dificuldades que sentiu?

Prof1: E pá... No ano passado foi ao nível da organização, não só a nível profissional como a nível da organização toda aqui em casa. Eramos quatro pessoas ao mesmo tempo, uns a assistir outros a lecionar... Pá... Foi difícil... A organização... Além da parte não só profissional como toda a estrutura. Isto caiu de paraquedas em cima de todos e eramos quatro...

A: E este ano?

Prof1: Este ano é assim, o mais velho está universidade tem uma autonomia total, tem o equipamento dele, pronto... Que foi o computador novo que tive que comprar no ano passado (risos). O pequenino já domina aquilo tudo também este ano a escola dele utiliza, basicamente, só o *classroom* e... Está a ser muito mais fácil. Está a ser mais fácil.

A: No ano passado, o que é que os alunos e os Encarregados de Educação iam apontando como maiores dificuldades?

Prof1: O pá... Também foi a adaptação e, tal como nós professores, eles também tiveram que se adaptar a uma realidade completamente diferente. E pessoas, algumas com constrangimentos enormíssimos, sabem mexer no computador e no telemóvel, mas é para o *facebook*, porque o resto... Alguns não sabem fazer mais nada com o computador...

A: Como conseguiste ajudar nessa parte?

Prof1: Tinha uma mãe que dizia que tinha *e-mail*, mas que não sabia abrir o *e-mail* e depois não tinha como imprimir nada, então, passamos à alternativa, passou a recolher e a entregar as coisas na escola. Mas... Também havia uma falta de interesse nesse sentido, de querer... pronto, não se queria sobrecarregar. E ficou um pouco... O miúdo no ano passado ficou sem nada, sem terapias, sem nada. Este ano esse aluno já não é meu, este ano esse aluno vai à escola, tem aulas *online* mas a partir da escola, tem terapias e está a ter um suporte melhor.

A: E este ano, que *feedback* tem sido dado pelos Encarregados de Educação, ao nível das dificuldades que sentem?

Prof1: O pá... As pessoas estão desejosas que os moços voltem para a escola. Estão desejosas porque isto, ao fim e ao cabo, para além do suporte que têm que lhes dar, é uma prisão para eles porque têm que estar ali... Têm que estar a ajudar, estão ali presos, pois uma coisa qualquer que acontece... Ó pai, ó mãe... Pronto... Eles estão desejosos que os filhos regressem à escola. É assim, alguns estarão mesmo preocupados com o bem-estar psicológico deles, outros estão preocupados com bem-estar psicológico próprio.

A: Como é que foi a receptividade dos alunos e das famílias ao PE@D implementado pela escola no ano passado?

Prof1: É assim, as pessoas de que estávamos à espera, foram bastante recetivas e fizeram tudo para conseguir entrar na engrenagem. Aqueles que já tinham alguns constrangimentos tornaram-nos ainda maiores para não arcarem com uma responsabilidade maior.

A: E este ano? Notou alguma diferença?

Prof1: A própria escola proporcionou... Trouxe esses miúdos à escola... É verdade (risos).

A: Se fosse necessário voltar a implementar um PE@D que mudanças faria em relação aos planos implementados pela escola?

Prof1: É assim, tivemos uma sessão relativamente a isto a nível de Agrupamento e houve até quem sugerisse que os pais deveriam ter algum tipo de formação e eu também acho que se os pais tivessem algum tipo de formação entretanto quando chegassem à altura de uma situação destas se calhar também estavam mais habilitados para que isto fosse gradualmente correndo

melhor, não é... E talvez se conseguisse uma forma mais eficaz porque apesar dos meninos com medidas adicionais estarem a ir à escola em algumas situações não é possível só... é possível só o ir à escola depois, o resto, o em casa não há mais nenhum tipo de complemento, enquanto que se eles tivessem com preparação poderiam acompanhá-los nalgumas tarefas comuns à turma que são propostas, não é?... E eles acabam por não ter nenhuma aptidão para isso e pois “eu não sei”, “eu não tenho” e os miúdos acabam por ter só a parte que está na escola, acaba por ficar tudo só nas mãos da escola à mesma.

A: Para terminarmos tenho uma última pergunta. Esta situação nova pela qual todos passamos, na sua opinião que consequências/aprendizagens, tanto positivas como negativas, poderão ser aplicadas no futuro?

Prof1: É assim, o lado negativo é que havia montes de alunos e se calhar não só os da educação inclusiva que estão ali muitas horas e não estão a aprender nada, porque simplesmente estão ali só de corpo presente, mas não estão a prender nada. Se calhar na situação de alguns nossos, das medidas adicionais mesmo a distância, como estão com um ensino tão individualizado, dirigido e adequados às necessidades deles, se calhar até tiram mais partido do que muitos que não têm problemas nenhuns e estão só ali de corpo presente, ou de computador ligado... A nível de competências digitais, acho que isto veio engrandecer toda a gente, quer alunos, quer professores, quer pais, quer toda a gente, toda a comunidade a nível de serviços, a nível de tudo. Toda a gente teve que ter outro tipo de aptidões, desenvolvê-las.

A: Há alguma coisa que queira acrescentar antes de terminarmos esta entrevista?

Prof1: Não tenho mais nada para acrescentar.

A: Muito obrigada pela colaboração.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Professor de Educação Especial (Prof2)

Data: 12 de março de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 27 minutos e 28 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Agradeço-lhe muito a sua participação nesta entrevista. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Em relação à conversa que tivemos por telefone, há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos?

Prof2: Não.

A: Para começar gostaria de saber alguns dados sobre si para fazer a caracterização. Gostaria de saber a sua idade e o tempo de serviço total.

Prof2: Tenho 48 anos e 17 anos de serviço.

A: E desses quantos são na Educação Especial?

Prof2: 5.

A: Qual é a sua formação base?

Prof2: Sou de Física e Química. Licenciatura em Física e Química.

A: Todas as perguntas que eu vou fazer são referentes só ao ensino a distância, quer do ano passado quer deste ano. Peço-lhe para se focar nestas duas experiências de ensino a distância.

Prof2: Ok.

A: Sentiu se recebeu, por parte da Direção, orientações e se essas orientações foram claras?

Prof2: Sim, sim... Por acaso o Diretor mandou algumas indicações, sim... Acerca do que iríamos fazer e do grupo disciplinar também. É claro que no início nós sentimo-nos um bocadinho à deriva porque é novo, é tudo... E não sabemos bem como às vezes aplicar aquelas

indicações que nos são dadas, mas não me posso queixar porque senti que realmente houve da parte da Direção o interesse em nos ajudar e nos apoiar sempre, tanto no ano passado como neste ano.

A: De alguma forma sente que participou na decisão dessas respostas ou pelo contrário sentiu que elas lhe foram apresentadas como estando fechadas?

Prof2: É assim, não eram bem fechadas, não é?... Mas sinceramente não tomei assim muitas decisões acerca dessas propostas simplesmente aceitei.

A: Muita coisa mudou nessa altura como é que essa informação chegou aos encarregados de educação e aos alunos? Foi através dos professores de Educação especial, dos Diretores de turma...?

Prof2: É assim, aos miúdos que tinham medidas adicionais essa informação foi feita através dos professores de educação especial. Nós tivemos, entre aspas, a responsabilidade de informar os pais do que é que iria acontecer, quais as novas metodologias para o ensino a distância, foram basicamente os professores de Educação Especial. Os... Neste caso como eu estou no primeiro ciclo, o professor titular também de vez em quando ia acompanhando as atividades e contactava com o encarregado de educação.

A: E os alunos com medidas seletivas?

Prof2: No ano passado nós não ficamos a cargo com os alunos de medidas seletivas. Este ano, sim, as medidas seletivas... Neste caso foi o professor titular que tomou essa iniciativa de informar os Encarregados de Educação e nós neste momento o que estamos a fazer é uma vez por semana contactar os miúdos através de aulas síncronas sempre que possível... Mas o encarregado para as medidas seletivas é o professor titular.

A: Recordar-se quanto tempo é que se passou entre ficarmos em casa e efetivamente recomeçar o trabalho com os alunos?

Prof2: Eu acho que foi logo na semana seguinte, ficamos no dia 16 em casa... De março.... Acho que foi na semana seguinte, passado uma semana que começamos a fazer os planos semanais.

A: E este ano?

Prof2: Este ano tivemos duas semanas em casa de férias e só no dia 8 é que começamos a fazer...

A: Ou seja, retomaram no primeiro dia que foi legalmente possível?

Prof2: Sim, sim. Eu retomei, inclusive estou a ter aulas presenciais com os miúdos que... Com medidas adicionais.

A: E recomeçou com todos os seus alunos ou recomeçou com uns e outros ficaram para mais tarde?

Prof2: Não, os de medidas adicionais começaram ao mesmo tempo, no dia 8 de fevereiro, sim... Os outros.... Também recomecei, mas não presencial, é através de aulas síncronas uma vez por semana.

A: O seu horário foi alterado para se ajustar a esta nova realidade ou não foi necessário?

Prof2: Sim, foi porque... Para ter aulas presenciais em vez de ir todos os dias à escola ter uma hora e meia com eles agrupei mais, ou seja juntei. Ia duas manhãs em vez de ir todos os dias, teve que se fazer esse reajuste.

A: Esse reajuste foi ao encontro das necessidades?

Prof2: Sim, sim, sim, sim, sim, sim.

A: E no ano passado, o que é que aconteceu ao seu horário na transição do presencial para o ensino a distância?

Prof2: Não sofreu alterações porque... o que é que acontecia?... O ano passado era à base de enviarmos tarefas, via *e-mail*, para o e-mail dos miúdos... Ou a quem não tinha computador, como era o caso de um aluno meu, todas as semanas entregávamos na portaria da escola material em suporte papel e o encarregados de educação ia buscar.

A: Ok. Já me referiu que no ano passado o seu horário não sofreu alterações, em termos de carga horária e tudo mais. E este ano sofreu alterações na carga horária dedicada aos miúdos?

Prof2: Não, não, não houve, porque eu tentei que a carga horária que eles tinham durante a semana... Tentei condensar nos dois dias que eu vou presencial.

A: Quantos alunos apoia, com medidas adicionais e seletivas, este ano?

Prof2: Total de 8.

A: No ensino a distância permaneceu exatamente com os mesmos alunos?

Prof2: Permaneci com os mesmos alunos. Sim, sim... Só há um que não tem... O contacto é feito só através do telefone do pai... Pronto... o que é que eu faço? E visto que ele tem medidas seletivas e já recebe tarefas da professora titular, quinzenalmente é que são enviadas tarefas para o aluno. Não há assim um grande contacto, com o aluno não é? A não ser o envio de tarefas, só esse porque não tem meios informáticos disponíveis.

A: E no ano passado, ficou também com os mesmos alunos que tinha no ensino presencial?

Prof2: Este ano tenho alunos diferentes...

A: Desculpe, fiz mal a pergunta. O que eu gostava de saber é se no ano anterior, os alunos que tinha na parte presencial ficaram os mesmos quando passou para o ensino a distância?

Prof2: Sim, sim, sim ficaram os mesmos. Não houve modificação de nada.

A: Com a mudança para o ensino a distância que constrangimentos sentiu, no ano passado?

Prof2: Do ano passado para este ano?

A: Não, não. Só no ano passado.

Prof2: Pois o ano passado era principalmente em termos informáticos... Visto que os meus miúdos são do primeiro ano, eles não têm autonomia nenhuma, então é necessário o apoio do Encarregado de Educação. Era mais nesse nível, em termos informáticos...

A: E este ano?

Prof2: Este ano mantém-se, mantém-se um pouco, sim. Não houve assim grande alteração.

A: Continua a trabalhar com os alunos mais pequeninos, não é?

Prof2: Sim, sim.

A: Como é que se fez a articulação com professores, com titulares de turma?

Prof2: Tínhamos reuniões semanais, todas as semanas havia reuniões entre os professores titulares de turma em que nós fazíamos a planificação semanal das atividades a desenvolver com os alunos.

A: E este ano mantém-se essa forma de comunicar?

Prof2: Mantém-se, mantém-se, sim, sim.

A: Tem algum aluno com terapias?

Prof2: Tenho, tenho 2.

A: Como é que está a ser feita essa articulação com o terapeuta?

Prof2: É assim. No ano passado a articulação era basicamente através do e-mail, em que enviávamos atividades, em que nós... As terapeutas enviavam para nós, professores de Educação Especial, e nós enviávamos para os encarregados de educação, depois poderiam fazer em casa com a ajuda dos encarregados de educação. No final houve uma reunião onde nós conversamos sobre se estava a surtir efeito ou não acerca dos planos que elas enviavam. Este ano, o que é que está a acontecer? Só houve terapias presenciais, uma terapia presencial, a fisioterapia. A outra, a terapia ocupacional é através da... É *online* e... Não. A terapia da fala é *online* e a ocupacional não tem porque entretanto a terapeuta colocou um atestado ou apoio à família...

A: Não está disponível...

Prof2: Não está disponível.

A: E a articulação entre o seu trabalho e o trabalho dos terapeutas?

Prof2: Houve no início a articulação, mas agora, pronto, está um bocadinho de forma independente.

A: E com os encarregados de educação quem é que tem feito a ponte?

Prof2: A ponte para as adicionais tenho sido eu.

A: E nos alunos com seletivas?

Prof2: Seletivas é mais o professor titular.

A: E no ano passado como era?

Prof2: No ano passado era igual.

A: E em termos de articulação com a Direção? E como é que tem sido a articulação entre a coordenação de Educação Especial e os professores de Educação Especial?

Prof2: Tem corrido bem porque nós fazemos, também reuniões quinzenais mas sempre que há necessidade há o contacto telefónico, ou por *mail*. Tem havido sempre disponibilidade da parte da (adjunta da Direção responsável pela Educação Especial) em apoiar.

A: Ok. Durante o ano passado houve necessidade de mudar a forma de comunicação?

Prof2: As coisas foram fluindo, não mudamos assim muito a forma de comunicação no ano passado.

A: E este ano?

Prof2: Sim, também não noto assim grandes diferenças... Sim, está igual.

A: A passagem para o ensino a distância, aconteceu sem ninguém contar. O DL n.º 54 não tinha muito tempo de implementação e uma das grandes bandeiras do 54 é a inclusão. Na sua opinião que dificuldades ou barreiras sentiu, em relação à inclusão, com o ensino a distância, quer no ano passado quer neste ano?

Prof2: Pois, com o ensino a distância é claro que estes miúdos ficam um pouco, ou quase excluídos em relação à turma, não é? Porque, é assim. Eles deixam de ter o acompanhamento praticamente, quase que deixam de ver os colegas, de estar na turma, de estar no convívio. Então a inclusão para estes miúdos é um bocado complicada com o ensino a distância.

A: Quando diz “estes miúdos” está a referir-se aos de medidas adicionais, certo?

Prof2: Aos adicionais, exato, sim, sim.

A: E os alunos de seletivas?

Prof2: Os de seletivas já estão um bocadinho mais incluídos, porque eles agora com as aulas síncronas, não é? Eles estão a acompanhar a turma então aí a inclusão está um bocadinho mais em cima.

A: E no ano anterior, em termos de inclusão?

Prof2: No ano anterior... É assim, não havia tanto trabalho síncrono, mas também... Pronto, como o resto da turma. Das seletivas não foi nada assim à parte.

A: E a inclusão dos alunos com medidas adicionais?

Prof2: Sim, aí a inclusão não foi feita, exato... Porque eles estão um bocadinho à parte, exatamente, estão... Estão mais connosco, não é? Mais isolados, mais isolados.

A: E comparando o ano passado com este ano? Já me disse que com os alunos de seletivas é semelhante...

Prof2: Exato, exato.

A: E a inclusão dos alunos com medidas adicionais, comparando do ano passado para este ano?

Prof2: Talvez uma pequena melhoria no aspeto em que... Visto que eles têm direito às aulas presenciais, não é? Aí já não se sentem tão, tão excluídos por ir à escola não é? O ir à escola, àquele espaço físico, pronto... Já dá assim um arzinho que não ficaram esquecidos, sim. Ligeiramente...

A: Da sua parte, deu alguma sugestão, quer o ano passado quer este ano, para se mudar a forma de se fazerem as coisas? Deu alguma sugestão?

Prof2: Não, não, não foi assim nada de relevante.

A: Já falamos um pouco do que lhe vou perguntar agora, mas peço-lhe, em resumo, que me diga como é que reinventou práticas, nomeadamente a comunicação, a pedagogia e os recursos para adaptar ao ensino a distância, no ano passado?

Prof2: Pois, teve que ser tudo reinventado. Maior... Fazer mais exercícios em termos tecnológicos, com plataformas, com jogos didáticos *online*, foi mais assim nesse sentido.

A: Quer no ano passado quer neste ano?

Prof2: Sim, sim, sim, sim. Este ano mais, este ano mais. Em termos de plataformas e em termos de materiais assim... *Online*.

A: Em termos pessoais, que dificuldades sentiu, por exemplo na organização? Como é que se sentiu? Quais foram as suas principais dificuldades?

Prof2: No ano passado as dificuldades que eu sentia mais era saber se conseguia chegar aos alunos. Porque no ano passado como não havia um contacto presencial a minha dificuldade era se as atividades que estava a enviar se seriam as adequadas e se correspondiam, pronto, mas pelo *feedback* que o encarregado de educação me dava é que sim, mas ficava sempre a dúvida, não é?

A: E este ano?

Prof2: Este ano já não sinto tanto porque estou em presencial, eu vejo realmente se eles fazem ou não fazem, é diferente.

A: Todos os seus alunos têm aulas presenciais, os de adicionais?

Prof2: Adicionais, todos. Sim, tenho, tenho.

A: E a nível pessoal, que dificuldades é que sentiu? Que ajustes é que teve que fazer para responder a esta modalidade de ensino a distância?

Prof2: Pois, o ensino a distância é complicado quando estamos em casa e temos a família em casa. Essa foi a minha maior preocupação porque tenho dois miúdos e eles também nas aulas e com atividades e eu ao mesmo tempo tinha que também tentar arranjar as minhas próprias atividades, o meu próprio trabalho. Acho que essa foi a maior dificuldade. Depois em termos informáticos também... Em termos de internet e computador verifiquei que realmente havia falhas, por isso depois no final do ano até tive que investir e comprar um computador melhor, para conseguir não sentir tão frustrada às vezes, querer fazer e o material informático não responder, mais nesse sentido...

A: E este ano?

Prof2: É assim... Senti um bocadinho menos dificuldades, talvez... Como já tínhamos a experiência do ano passado, pronto. Já tínhamos alguma... Já sabíamos mais ou menos o que é que iríamos esperar. Já não era novidade (risos).

A: Em termos dos encarregados de educação e dos alunos, o que é que sentiu, no ano passado, que eram as suas dificuldades?

Prof2: Eu acho que no início foi o excesso de trabalho, muitas atividades, nós queríamos... Não sei... Tínhamos receio de mandar pouco, mas por outro lado, ao mandar muito também estávamos a sobrecarregá-los e a perceção que eu às vezes tinha é que os Encarregados de Educação não tinham assim tanto tempo disponível para algumas das atividades que nós enviávamos, era mais nesse sentido.

A: No ano passado, perante esse *feedback* dos encarregados de educação mudou alguma coisa no que estava a fazer?

Prof2: Sim, sim, sim, sim. Diminuí as atividades e o grau, sim. Se calhar, coisinhas mais simples para não sobrecarregar muito os encarregados de educação.

A: E este ano?

Prof2: Este ano também, sim, sim. Por exemplo, no presencial eles estão lá comigo e eu evito enviar ainda mais trabalho para os dias em que eles não estão, pronto, ou então uma coisinha muito simples, só para estarem ocupados.

A: Os encarregados de educação têm partilhado alguma dificuldade, este ano?

Prof2: Não. Também já estão mais habituados.

A: No ano passado, qual foi a receptividade dos pais e dos alunos em relação às estratégias que a escola implementou?

Prof2: É assim, os pais, no meu caso, eles aceitaram, eles não fizeram qualquer comentário, não é? As estratégias foram implementadas, não fizeram assim grandes comentários.

A: E neste ano?

Prof2: Este ano também, também.

A: Falando hipoteticamente, se houvesse uma terceira situação semelhante a esta e imaginando também que tinha algum poder de tomar algumas decisões e introduzir mudanças. O que é que faria?

Prof2: Sinceramente, tudo isto que estamos a viver é uma situação um bocado complicada. Não sei se mudaria... Não sei o que é que se poderia fazer mais porque se não podermos estar com eles... Pode mesmo assim... As aulas *online* sim, mas não vejo assim...

A: Imagine que estaríamos a preparar um novo confinamento e pediam sugestões de melhoria em relação a este ano, teria alguma?

Prof2: Melhoria só em termos de... Capacitar mais as pessoas em termos informáticos, mas isso demora algum tempo. E material informático, tanto para os professores, como para os alunos

A: Quando diz capacitar as pessoas, está a referir-se aos pais, aos alunos, aos professores...?

Prof2: A todos, a todos.

A: Esta experiência que estamos a passar é nova, acha que terá, tanto positivo como negativo, algum impacto no futuro? Na forma de fazermos as coisas?

Prof2: Sim, sim. Isto deu-nos, a nós e aos miúdos, outras competências, ou seja, ganhamos outras competências, mais que não seja em termos informáticos. Em termos de mudar a nossa pedagogia?... Em termos futuros, eu não sei se isto afetará muito como se diz, não é? Nós estarmos em confinamento porque possivelmente isto poderá se recuperar, principalmente nestes miúdos mais pequenos.

A: Será que, em termos de aulas, algumas das coisas que usamos agora ou que aprendemos agora poderão ser úteis no futuro?

Prof2: Eu acho que sim, exatamente. Sim, estas plataformas... Sim acho que sim, serão bastante úteis no futuro, inclusivamente nota-se que há docentes que já estão a usar mais. Em termos de materiais pedagógicos, mais plataformas para fazer... Para dar as suas aulas. Acho que sim, acho que isso veio incrementar mais os professores.

A: Eu não tenho mais perguntas para fazer. Há alguma coisa que queira acrescentar antes de terminarmos esta entrevista?

Prof2: Não, assim mais nada de especial... Isto mete algum *stress* (risos).

A: Queria agradecer-lhe imenso o facto de ter dedicado este tempo.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Professor de Educação Especial (Prof3)

Data: 12 de março de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 41 minutos e 04 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Muito obrigada pela sua participação neste estudo. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Em relação à conversa que tivemos por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos a entrevista?

Prof3: Não.

A: Como preciso de fazer a caracterização do entrevistado, vou começar por perguntar a sua idade.

Prof3: 44.

A: E tempo de serviço?

Prof3: 22, 23. Não sei muito bem.

A: Desses, quantos são na Educação especial?

Prof3: 3. Na Educação especial 3, sim.

A: Qual é a sua formação académica inicial?

Prof3: Ensino de Biologia Geologia.

A: Todas as perguntas que eu vou fazer são referentes só ao ensino a distância, quer a experiência do ano passado quer a deste ano.

Prof3: Ok.

A: Sentiu que houve orientações concretas e claras, por parte da Direção do Agrupamento acerca da implementação do Plano a distância, no ano passado?

Prof3: Sim.

A: E este ano?

Prof3: Também, também.

A: Teve alguma participação nessas decisões?

Prof3: Não.

A: Como é que a informação chegou até si?

Prof3: Através do... umas por *e-mail*, através do Grupo e do Departamento.

A: Quando me diz Grupo, são reuniões de Grupo?

Prof3: Sim. Reuniões de grupo e através das reuniões de Departamento e informações que o Diretor... A Direção nos vai enviando também por *mail*.

A: E isso ocorreu tanto no ano passado como neste ano?

Prof3: Sim, exatamente.

A: E aos encarregados de educação e aos alunos? Como é que essa informação, essas alterações, chegaram ao conhecimento dos encarregados de educação e dos alunos?

Prof3: Através do professor titular e também... Mais pelo professor titular, e também... Ainda hoje... Tenho o 1.º ciclo e como as aulas vão começar na segunda eu hoje, por exemplo, transmiti à mãe... Falei com a mãe. O professor de educação especial também transmite alguma informação... Quando o professor titular não transmite...

A: Disse-me que este ano está no 1.º ciclo, e no ano anterior, também estava no 1.º ciclo?

Prof3: Sempre no 1.º ciclo.

A: No ano passado, quanto tempo passou entre a obrigação de ficarmos em casa e começar a implementação do Plano de Ensino a distância?

Prof3: Está a falar do ano passado ou deste ano?

A: No ano passado.

Prof3: No ano passado... Foi duas semanas. Fez duas semanas que tivemos... Duas, três semanas sensivelmente e implementamos logo.

A: E quando implementaram, foi para todos os alunos?

Prof3: Claro.

A: E este ano?

Prof3: Este ano, este ano foi conforme as ordens do Ministério. Confinamos a 13 de março e implementamos logo a seguir, as medidas foram logo implementadas. Eu, por exemplo, tenho

um aluno adicional em que era para o miúdo e sem dúvida para a família melhor o presencial, eu quis presencial. Os outros miúdos que não eram adicionais tiveram *online*.

A: Então começaram no imediato. Corrija-me se eu estiver enganada. Confinamos, depois tivemos 15 dias com a obrigação de paragem e aí na sua escola retomaram logo no primeiro dia em que foi possível.

Prof3: Exato. Foi logo no primeiro dia. Foi assim, em finais de janeiro, tivemos duas semanas de férias e foi logo depois da primeira semana que começamos logo a trabalhar. Eu, por exemplo, vinha todos os dias aqui à escola, das 9h30m às 11h com este miúdo que tem perturbação do espectro do autismo... E ia todos os dias à escola.

A: Lembra-se se, no ano passado, o seu horário sofreu alterações, entre o presencial e o ensino a distância? Recorda-se se alterou?

Prof3: Não foram significativas, não foram, por exemplo o horário que eu tinha, não me lembro assim de nada. Não, porque no ano passado não era 50%/50% nas aulas síncronas, no ano passado não estava determinado os 50/50 foi dentro do horário estipulado.

A: E este ano? O horário sofreu muitas alterações?

Prof3: Não, não. Eu fiquei a cumprir o horário porque eu tinha presencial das 9h30m às 11h, depois ia para casa e às 11h30 entrava com os outros *online*.

A: Então, em locais diferentes, mas ia cumprindo a mesma mancha horária.

Prof3: Sim, a estipulada...

A: E outro tipo de alteração, por exemplo na carga horária...

Prof3: Não, não. Mas dentro da carga horária, era 50% aula síncrona e 50% aula assíncrona.

A: Recorda-se quantos alunos tinha no ano passado? Entre alunos com medidas seletivas e adicionais.

Prof3: Tinha 1 de adicionais, o ano passado tinha um adicional e tinha... Tenho que contá-los... mais uns 6 ou 7 de seletivas.

A: Manteve o apoio aos mesmos alunos, no ano passado entre o presencial e a partir de casa?

Prof3: Sim, sim, sim.

A: Como é que, no ano passado, foi dado apoio a esses alunos?

Prof3: Apoio como?

A: Se foi através do envio de tarefas, se foi através de, por exemplo, de uma plataforma...

Prof3: Houve alguns miúdos que tinham acesso à plataforma, foi através do *classroom*. Tinha uma aula com eles, trabalhavam a atenção/concentração, a memória, a motivação e algum reforço... A dificuldade destes miúdos era mais na leitura, era um reforço na leitura. Uns miúdos que não tinham acesso. Enviava para o professor titular, boneco uma carta, “vais cortar

isto...”, uma tesoura... Mas pronto, são miúdos desfavorecidos que não tinham mais para os ajudar. Tinha um grupinho que não tinham acesso à internet, e então para esses miúdos mandava, via *e-mail*, para o professor titular a descrição da atividade que era.

A: Ainda referindo-se ao ano passado, que constrangimentos ou limitações é que sentiu na transição?

Prof3: No presencial para o *online*?

A: Sim.

Prof3: Para já foi a adaptação ao *classroom*, não sabia trabalhar, tive que me adaptar àquelas ferramentas todas. Depois, miúdos com dificuldades de aprendizagem, nós não chegamos lá, nem tão próximo, não é? É melhor do que nada, mas não..., mas para miúdos com dificuldades, eles distraem-se muito, eles estão muito lá no mundo deles e é muito mais complicado, muito mais difícil.

A: No ano...

Prof3: Por exemplo...

A: Sim, diga, diga.

Prof3: O meu aluno adicional, no ano passado não era permitido fazer presencial, este ano é... Que eles... O Ministério... Deu...

A: Autorizou.

Prof3: Deu autorização e fez muito bem em pôr presencial. No ano passado tive dois miúdos, com perturbação, *online*. Para os pais foi uma tortura, porque o maior trabalho sobrava para os pais. E eu punha muitas coisas de estimulação sensorial, muitas coisas de atenção/concentração, muitas coisas práticas, de autonomia pessoal, de ele arrumar o quarto e pôr a mesa. Para a mãe foi muito complicado, mas a senhora esteve sempre ali ao lado. Se não fosse a mãe e o pai... Os corantes alimentares lá ia a mãe comprar, os balões, aquelas coisinhas, mas com muito sacrifício porque a mãe estava mesmo exausta. A mãe já estava... E aquilo desgastou-os muito, aqueles dois meses...

A: E perante esse *feedback* de exaustão e cansaço por parte dos encarregado de educação mudou alguma coisa? Dentro das suas possibilidades, mudou alguma coisa na forma de ensinar esse aluno ou outros de forma a ir ao encontro das dificuldades dos encarregados de educação?

Prof3: Não percebi a pergunta.

A: Relatou-me algumas dificuldades dos encarregados de educação...

Prof3: Neste caso do espectro do autismo.

A: Exato. Então neste caso específico conseguiu fazer alguma coisa para minorar esse impacto negativo?

Prof3: Ficava ao telefone mais tempo, ao telefone ou, no vídeo mais tempo era com a mãe (riso) quase não estava nenhum tempo com ele, com a mãe estava uma e duas horas a falar com ela.

A: E este ano, quantos alunos apoia, entre medidas seletivas e adicionais?

Prof3: 10 alunos, 10 alunos.

A: Desses quantos são de medidas adicionais?

Prof3: Só tenho o mesmo. Que é a quem eu dou apoio presencial.

A: Os alunos que eram acompanhados por si antes continuam os mesmos a distância.

Prof3: Sim. Mas não são os mesmos, só um, os outros todos mudaram, os das seletivas mudaram todos.

A: E este ano, que limitações é que está a sentir?

Prof3: As limitações são os problemas na *internet*. Muitas vezes ficamos na dúvida se é verdade ou não, problemas na câmara e depois a maneira como a gente... Nós chegamos... É completamente diferente estar ao pé deles do que estar a distância. Miúdos com dificuldades isto do ensino a distância, não. Pelo menos os que eu tenho eu acho que não... Eu não vejo grande evolução neles.

A: E no menino que consegue ter presencial este ano?

Prof3: Não tem nada a ver, não tem nada a ver com o ano passado. Nem para os pais, foi um desgaste muito grande para os pais, a mãe já nem podia... E para o miúdo não tem nada a ver. Os materiais que nós temos, o estar ali, aquela rotina... E pronto... É uma pessoa diferente, não é a mãe, não é o pai. Aquele apoio que está ali prontinho para ele e não está ao longe, é completamente diferente. Muito mais... “Respira”. Eram as respirações... O estado de ansiedade, o *stress* consegue-se controlar muito melhor. Ele em frente ao ecrã entrava em *stress* muitas vezes. Apesar que eu este ano até fiz também uma aula *online* para ver e ele estava mais calmo. Mas não é a mesma coisa, trabalhar com ele ao pé e ao longe, mas nota-se que está bem mais calmo este ano.

A: Do ano passado, como professora de educação especial teve que articular com titular de turma, com os técnicos, se for caso disso, com os Encarregados de Educação...

Prof3: Sim, ele tem as terapias todas. Terapia ocupacional, terapia da fala, psicologia...

A: E qual é a articulação entre o seu trabalho e o trabalho desses técnicos?

Prof3: Nós vamos falando... Qual é o tipo de trabalho que eu estou a fazer, a psicóloga, por exemplo, diz o tipo de trabalho que está a fazer, e pronto..., é isto...

A: E entre os colegas de Educação Especial, a Direção ou a Coordenação de Educação Especial, como é que funcionou, no ano passado, a articulação entre estes diferentes agentes?

Prof3: As partilhas, o que é que estava a acontecer de bom e menos bom. Tal como acontece este ano nas reuniões de grupo, nós vamos partilhando tudo, o que é que está a acontecer com este aluno, com aquele e com aquele... Como é que está o material, se tem se não tem... Vamos partilhando isso nas reuniões de grupo, as estratégias...

A: Então é correto dizer que, tanto no ano passado como neste ano, essa articulação tem funcionado?

Prof3: Sim, sim. Em videoconferência, é em videoconferência.

A: Qual é a periodicidade desses contactos?

Prof3: Essas reuniões?

A: Sim, sim.

Prof3: Normalmente de 15 em 15 dias.

A: E para além dessas reuniões há outras formas de comunicação e troca de informação.

Prof3: Sim, temos telemóveis... Por exemplo com a equipa EMAEI, com o coordenador da equipa EMAEI por telemóvel ou por *e-mail*, contactamos muito por mail, ou materiais por *mail*.

A: Têm encontros formais, mas têm muito mais informais.

Prof3: Sim.

A: A passagem para o ensino a distância surgiu numa altura em que o Decreto n.º 54 não tinha muito tempo de implementação e uma das grandes bandeiras do 54 é a inclusão. Na sua opinião, e falando da experiência do ano passado e da experiência deste ano, como ficou a inclusão destes alunos?

Prof3: Não ficou. Os miúdos ficaram muito mais isolados uns dos outros. Este ano também os horários foram feitos de maneira que eles não tivessem contacto. O (nome do aluno) porque é um aluno de risco ficou ainda mais isolado, evitávamos que houvesse contacto pelo toque, mas eu queria que ele brincasse com os outros, não é? Era em termos de interação que me estava a perguntar, não é?

A: Não. A inclusão que...

Prof3: Com os outros... Eles trabalharem com outros miúdos não é? Eu estava a falar especificamente com o meu autista, pois melhorou bastante... A inclusão.... Mas eu também não acho que o 54 venha beneficiar os miúdos com a inclusão... Acho que é tudo... Está um bocadinho encoberto.... Acho que há outros interesses maiores do que a inclusão dos miúdos. Há miúdos que são diferentes e vão ser sempre diferentes. É muito importante que eles tenham a turma principal e que façam algum trabalho na turma principal, mas há outras coisas que para

eles é pior estar em turma e para os outros também é pior eles estarem em turma. Portanto esta inclusão às vezes tem mais o que se lhe diga.

A: Durante a implementação do ensino a distância no ano passado sentiu que ele foi sendo ajustado à medida das necessidades ou o plano inicial manteve-se até ao fim?

Prof3: Pode repetir a pergunta, por favor?

A: No ano passado houve um plano que foi traçado inicialmente, sobre o que fazer e como fazer no ensino a distância....

Prof3: sim, sim, sim.

A: Sentiu que esse plano se manteve ao longo de todos aqueles meses ou ele foi-se ajustado à medida das necessidades?

Prof3: Foi-se reajustado. Os planos têm que ser reajustados, porque nem nós sabíamos como é que o plano iria decorrer.

A: E este ano? Sente o ajuste que se vai fazendo ou sente que o plano que foi delineado de início...

Prof3: Se fosse necessário era também reajustado, mas por acaso não foi preciso.

A: A pergunta que lhe vou fazer a seguir já me foi falando um bocadinho... A agora peço-lhe um resumo. Perante o plano de ensino a distância muitas coisas tiveram que ser reinventadas. Tendo em atenção a sua experiência pessoal referindo-se a estratégias de comunicação, a pedagogias diferentes, a recursos materiais diferentes em que é que isso tudo foi reinventado, tendo em atenção a experiência tanto do ano anterior como a deste ano? O que é que sente que teve de reinventar para se adaptar a esta realidade?

Prof3: A criatividade, a criatividade, mais...

A: E estratégias diferentes que implementou?

Prof3: Diferentes do ano passado?

A: Não. Diferentes das utilizadas no presencial. As estratégias possivelmente tiveram que mudar... Quais é que teve que adaptar?

Prof3: As estratégias... Foi mais ou menos... Só que era *online*, era mais *online*, era a distância, mas as estratégias continuaram... Não houve assim grandes inovações que me venham assim à cabeça.

A: Portanto continuou a fazer um trabalho semelhante, usando a ferramenta de ensino a distância.

Prof3: Sim.

A: Agora falando das dificuldades que sentiu, dificuldades em termos de organização, quer pessoal, quer no trabalho... Que dificuldades é que sentiu e como procurou resolvê-las, tanto no ano passado como neste ano, quando passamos para o ensino a distância?

Prof3: Pois, a minha experiência no ano passado foi diferente porque eu, no ano passado, estava só no *online*, agora foi um presencial e um *online*. Mas as dificuldades que eu mais sinto é que muitas das vezes há aqueles problemas na internet, entra não entra, está não está... A câmara está a funcionar, a câmara não está a funcionar... Havia imagem, não havia imagem... Depois não iam, não é? Trabalhava muito à base da imagem... Os que passaram a ler têm alguma dificuldade..., pronto... Ia apontando com o apontador, não é?... Para eles irem... Para a junção das sílabas. Trabalhar a atenção/concentração através de imagens que eu projetava e depois dava-lhes um minuto ou dois e retirava a imagem e fazia algumas questões sobre a imagem para ver o que eles retinham... Alguma informação para ver também a memória e a atenção/concentração... O que é que me perguntou que eu já me perdi?

A: Gostaria de saber as dificuldades que experimentou em termos de organização, de recursos...

Prof3: Ah sim. Já sei. Exatamente. A parte dos problemas de internet, os problemas... Tinha uma miúda que era através do telemóvel, há uma miúda que nem tem, tive que lhe mandar... Ai, essa esqueci-me de dizer. Tinha uma miúda que tive que mandar por *e-mail* para a professora titular porque o computador que lhe deram não sei se foi a câmara... Estava avariado. Então a única maneira... Também tentei telefonar para o número que me deram, mas nunca consegui falar com a miúda. No ano passado, por exemplo, fazia chamadas todas as semanas para os miúdos que não tinham acesso à plataforma, à internet. Fazia todas as semanas... Telefonava para os miúdos para ver como é que estavam, para ouvir a voz deles. Este ano, esta miúda nunca consegui... Os números que deram... Nunca consegui com ela, mas a professora titular diz que tinha mandado as fichas, que tinha mandado as fichas... Pois, a dificuldade é mais àqueles que a gente nem os vê, os que a gente vai vendo, pronto, mal ou bem, a câmara cai... Eles chegam atrasados... A concentração deles sinto que eles se distraem muito mais, estão mais aéreos, distraem-se com outras coisas... “Olhe a fotografia da minha mãe ali professora”, eles querem falar um bocadinho e pronto, nós falamos, também é importante. Temos sempre que dar aquele *feedback*, fazer atividades curtas e mudar a atividade para outra coisa, mas pronto... Sinto que eles dispersam-se muito mais, a atenção deles... a internet, o computador, o telemóvel, aquilo distrai-os muito mais.

A: Tem sentido dificuldades... Penso que já me respondeu um pouco a isto, mas agradeço que diga novamente. Tem sentido dificuldades na comunicação com Encarregados de Educação,

Professores, Direção, Coordenação? Tem sentidos dificuldades em contactar e trocar ideias com alguns destes intervenientes?

Prof3: Não, só esta miúda este ano. Esta miúda é a única com quem eu não consegui falar porque a mãe não tem telefone, o primeiro telefone era através de um tio, mas depois não se conseguia chegar a ela. Foi só esta miúda, de resto, todos os Encarregados eu tenho o contacto e falo quando preciso, com os colegas também, com os professores titulares também falo com todos ou por telefone ou por *e-mail*. Os Encarregados também mandam as fichinhas ou pelo *classroom* ou para o meu *e-mail*. Não.

A: E no ano passado, em termos de comunicação?

Prof3: No ano passado eu tinha um grupo maior de miúdos que não tinham acesso à internet. Era pior. Só pelo telefone é que conseguia falar com eles e com os encarregados de educação, mas conseguia. Houve um caso ou outro que já não atendiam o telefone, mas sim conseguia falar com eles.

A: E com os restantes intervenientes, os professores, a Direção... Continuou a ter facilidade?

Prof3: Sim, sim. Sempre. Ou por e-mail ou por telefone. Sim falamos. Entre colegas ou com a Direção, temos sempre contacto.

A: Quais foram, no ano passado, as principais dificuldades que os Encarregados de Educação lhe iam reportando?

Prof3: Que não conseguiam que os miúdos fizessem as atividades, que os miúdos já não queriam ver a RTP ensina, como é que se chamava o programa? Já nem me lembro...

A: Estudo em casa.

Prof3: Isso, o Estudo em casa. Que eles já não queriam... Que tinham muitas dificuldades em porem regras, muitas mesmo. A maior parte deles não conseguiam pôr regras aos filhos.

A: E nesse aspeto, conseguiu de alguma maneira tentar facilitar a vida aos pais?

Prof3: Não porque... Só à mãe do, do... é que ia dando algumas estratégias, à mãe do miúdo com perturbação do espectro do autismo. Os outros... Os outros, pois, aos pais... Estratégias, não tinha grandes estratégias, pois, os pais é que têm que ir vendo, eu nem sabia o trabalho que os pais faziam em casa com eles. Estruturadas, muito estruturadas.

A: E este ano? O que tem recebido de *feedback* dos encarregados de educação em termos de dificuldades?

Prof3: Sim, mandam as fichinhas feitas, as fichinhas feitas e pronto. Vê-se que acompanham, estes pais são diferentes acompanham o trabalho dos filhos e vê-se que estes miúdos trabalham mais. São mais trabalhadores, são mais dedicados.

A: Portanto, não tem recebido por parte dos Encarregados de Educação grandes dificuldades.

Prof3: Apesar de estarem cansados, saturados. Há mães ali que estão num desespero, porque elas é que controlam, pois os miúdos esquecem-se da hora que têm que ir para a Educação Especial, ou para a aula de apoio. Já no início havia mães que já estavam desesperadas. A única coisa que eu dizia era “tenha calma, têm que ter calma, ainda agora está a começar”. Mas senti ali um bocado o desespero.

A: Já que falou nisso, em termos de recetividade, comparando o ano passado com este ano, na recetividade dos alunos e das famílias em relação às medidas decididas pela escola, sentiu diferenças?

Prof3: Este ano está bom, sim. As pessoas já estavam... Também não posso comparar porque os meus alunos não eram os mesmos a não ser o adicional.

A: Mas de forma genérica

Prof3: De forma genérica, as coisas já funcionaram diferente porque já tínhamos a experiência do ano passado e as coisas funcionaram de maneira diferente. Os pais já estavam recetivos que iria que ser assim, que teriam que estar com eles não é?

A: Em termos pessoais, obviamente sem entrar em detalhes, que dificuldades sentiu?

Prof3: Este ano o que eu senti é... Andava a correr da escola para casa, depois tinha o meu filho... Tinha que ligar o computador para ter as outras aulas. Andei a correr um bocadinho, mas o tempo até passou mais rápido, para mim até foi melhor porque eu prefiro estar no presencial. Eu até tive que andar a convencer a mãe, porque a mãe estava com medo que ele fosse à escola porque este miúdo vem numa carrinha da cruz vermelha e tinha havido vários casos dentro da cruz vermelha. E eu quando soube que ele tinha direito a ser presencial, eu tentei convencer a mãe. E a mãe lá depois de eu insistir, a mãe lá deixou que ele fosse presencial porque a mãe ao início não estava muito inclinada. Eu nestes miúdos com dificuldades de aprendizagem sem dúvida que o presencial faz toda a diferença, desde a atenção, desde o foco, desde a dedicação... Eles, eles quando nós não estamos ao lado não se dedicam tanto, são mais aéreos. A minha experiência é esta.

A: E no ano passado que dificuldades sentiu?

Prof3: Era a mesma, era a mesma. Era ter a mãe e o pai....

A: E da sua parte, as suas dificuldades, as dificuldades a nível pessoal que sentiu na adaptação ao ensino a distância?

Prof3: Pois, foi trabalhar com a plataforma, trabalhar com a plataforma, mas pronto para mim estava sempre em casa, estava sempre em casa fechada... E sentia que não chegava a estes miúdos com mais dificuldades. Aquilo que eu às vezes queria transmitir. Ou queria aquela

calma, para os acalmar e não estarem em ansiedade nem em *stress* e não conseguia chegar tão bem como se estivesse próximo deles.

A: Pois...

Prof3: Apesar de eu às vezes fazer uns bonecos de plasticina, tinha lá “que animal é este?”..., tinha um frasco, que era uma estratégia que eu usava, tinha um frasco com uns papelinhos e perguntava: “Qual era a cor que queres?” E cada papelinho tinha uma atividade para fazer ou tinha uma postura ou... E tinha um dado também que se atirava e depois tinha uma imagem. Mas mesmo assim com isto muito lúdico, para chegar a ele era muito complicado, ele entrava em ansiedade muito grande. Para os outros era mais fácil. Conseguia chegar aos outros mais facilmente.

A: Hipoteticamente. Vamos imaginar que estava a preparar um novo período de ensino a distância e lhe era dada a possibilidade de tomar decisões. O que faria de diferente para que um novo ensino a distância funcionasse melhor?

Prof3: Isso é uma pergunta muito difícil. Muito difícil. Eu vou-lhe já dizer... Eu e as tecnologias... Faço as coisas e sei que é importante e não sei quê... Mas para chegar a estes miúdos as tecnologias, por mim, não... Nem sei o que lhe iria dizer, pois... Tinham que ser coisas muito lúdicas, muito práticas, muito dinâmicas. Atividades muito curtinhas, 5 minutos e outra atividade diferente e tinha que ser assim.

A: Por exemplo, num plano elaborado por si, imaginando que tinha poder para isso, incluiria esta possibilidade que este ano estamos a ter de ensino presencial?

Prof3: Claro que sim. É assim, para estes miúdos e para outros miúdos com situações mais graves, ser *online* é zero. É ser zero.

A: Quando diz “estes alunos” e “alunos mais graves” está a falar dos alunos com medidas adicionais?

Prof3: Adicionais, sim, sim.

A: E com os alunos de medidas seletivas?

Prof3: E nas seletivas também não sei se eles aprendem muito. Não sei se a gente consegue chegar lá. As pessoas dizem que está tudo bem, tudo bem, tudo bem... Estão no conforto do seu lar em casa. Mas na realidade será que os miúdos estão... Será que está a haver algum progresso dos miúdos? Ou nem que não sejam progressos, que mantenham. Será que a realidade é essa? Miúdos com dificuldades na aprendizagem da leitura, dislexia e mesmo para os outros que não tenham problemas... Duvido muito que aprendam alguma coisa... Há coisas boas. Há os trabalhos de grupo nas plataformas, sim senhora eles conseguem-se organizar.

Pronto, não digo que é tudo mau, mas de uma maneira geral as aulas *online* a mim não me convencem.

A: Falou dizendo que não era tudo mau. Aproveito então para lhe perguntar se na sua opinião, para o futuro, todos passamos por esta experiência da qual podemos tirar coisas positivas e negativas, o que acha que vai ficar para o futuro? Para aplicarmos no futuro?

Prof3: Ah...

A: Em resultado desta experiência que tivemos, o que ficará para o futuro no ensino?

Prof3: Sim, é outra forma de comunicação, sem dúvida. Ações de formação que já fiz umas quantas... Funciona para adultos mais para adultos, que já haja alguma maturidade, um foco, uma atenção. Para trabalhos de grupo também, a partir ali do 5.º, 6.º ano, 7.º ano... Havia problemas, vão para casa uns dos outros, depois juntam-se e depois um não quer fazer e ali parece que se organizam melhor. Um faz uma coisa e depois fazem intercâmbio dos materiais. Trabalhos de grupo, ações de formação, nas reuniões também. Nas reuniões também me parece que as coisas têm conseguido funcionar.

A: Ou seja, na sua opinião, o uso das plataformas que até agora foi porque teve que ser, poderá ser uma estratégia para reuniões e outras situações que se poderia manter no futuro?

Prof3: Sim, é sempre mais uma valia. Por exemplo para miúdos que tenham algum problema e não possam vir à escola, pronto. Isso já acontece com miúdos,... Oncológicos, parece-me que já podem ter há algum tempo.

A: Sim, mas eventualmente, com este uso por quase toda a gente, se calhar nessas situações torna-se mais fácil aplicar.

Prof3: Pois...

A: Não tenho mais perguntas para lhe fazer, não sei quer há algum comentário, alguma coisa que queira acrescentar.

Prof3: Não, não.

A: Obrigadíssima pelo tempo que disponibilizou.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Professor de Educação Especial (Prof4)

Data: 13 de março de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 39 minutos e 05 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com o entrevistado onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Bom dia. Muito obrigada por me conceder esta entrevista. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Em relação à conversa que tivemos por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos a entrevista?

Prof4: Não tenho dúvidas.

A: Como preciso de fazer a caracterização do entrevistado, vou começar por perguntar a sua idade.

Prof4: tenho 49.

A: Quanto tempo de serviço tem?

Prof4: Quanto tempo de serviço...Ah... Faz... Tenho 22 anos.

A: E na Educação Especial?

Prof4: Na Educação Especial, 4 com este.

A: A sua formação inicial...

Prof4: É de EVT, Educação Visual e Tecnológica.

A: As questões que eu vou fazer são sempre para falar sobre a experiência do ensino a distância do ano passado e deste ano. As perguntas referem-se apenas ao ensino a distância.

Prof4: Sim.

A: Por parte da Direção, senti que no ano passado, a Direção deu orientações sobre como deveria proceder quando passamos de repente para ensino a distância?

Prof4: Deu orientações, deu.

A: Acha que foram claras?

Prof4: Pois... As orientações claras até eram nós é que às vezes complicamos (risos). Claras até eram. Ao princípio no caso da educação especial havia uma série de dúvidas, começamos um bocadinho depois dos outros colegas, mas as instruções foram claras, sim.

A: E este ano?

Prof4: Também foram claras.

A: Participou nessas decisões?

Prof4: Não.

A: Tanto este ano como no ano passado?

Prof4: Tanto no ano passado como neste ano não participei nessas decisões.

A: Como é que as informações chegaram até si? Essas da Direção.

Prof4: Portanto eu tive conhecimento... Uma vez que fui a Conselho Pedagógico, tive conhecimento delas em Conselho Pedagógico. Depois foram enviadas para os colegas por *e-mail*.

A: Tanto no ano passado com este ano?

Prof4: No ano passado tenho que pensar um bocadinho... No ano passado foi tudo assim de repente. Foi um bocadinho diferente. (breve pausa) Mas foram por *e-mail* também e fizemos também reuniões no ano passado, com o grupo para definir... Entretanto, nós começamos um bocadinho mais tarde também por causa de algumas dúvidas que nós tínhamos.

A: Quando diz que começou mais tarde...

Prof4: Foi uma semana, foi uma semana. Não foi muito mais do que isso. Foi uma semana. E tentou-se assegurar os miúdos com medidas significativas para não ficarem sem aulas. Portanto a nossa prioridade, no ano passado, foi os alunos com medidas significativas... Medidas adicionais.

A: No ano passado quanto tempo é que passou entre terminar as aulas presenciais e retomar as aulas a distância com esses miúdos?

Prof4: Portanto, a escola começou no tempo definido e nós começamos na semana seguinte.

A: E este ano?

Prof4: Este ano começamos ao mesmo tempo.

A: E foi logo depois daquela pausa de quinze dias?

Prof4: Sim, logo depois daquela pausa de quinze dias, sim. Este ano a escola adotou uma estratégia... No ano passado tivemos que estar a definir horários. Tivemos... Tiveram que estar a pensar na melhor solução e ver as orientações que existiam, porque ninguém sabia exatamente o que é que ia fazer e tiveram que ser criados horários novos. Este ano optou-se por seguir exatamente a mesma mancha horária. Portanto foi muito mais fácil, foi apenas entrar *online* na nossa mancha horária.

A: Como é que essa informação chegou até aos pais e aos alunos? Foi através de quem?

Prof4: Pelo Diretor de turma.

A: Tanto para alunos com medidas adicionais como seletivas?

Prof4: Tanto para adicionais como para seletivas. Eventualmente o professor de Educação Especial poderá ter participado nessa informação, mas foi o Diretor de turma.

A: O que tenho aqui para lhe perguntar a seguir de alguma forma já foi respondido. Este ano o seu horário não sofreu alterações...

Prof4: Não.

A: E no ano passado?

Prof4: No ano passado sim. No ano passado todos os horários sofreram alterações. Portanto, definiram de acordo com as instruções do Ministério, definiram dias e horas específicas para ter as aulas e momentos específicos também para ter o trabalho autónomo. As aulas no ano passado eram de 20 minutos.

A: Essas alterações no horário pareceram-lhe bem?

Prof4: No ano passado não me pareceram nem bem nem mal, pois andamos aqui todos um bocado às aranhas (risos). No ano passado foi uma grande confusão, mas acabou por correr bem. Este ano, este sistema é melhor porque acaba-se por cumprir na mesma os tais 50% que eles no ano passado já falavam nisso, mas dentro da nossa mancha horária. É mais fácil fazer a gestão, não mexe tanto com rotinas.

A: Então este ano também se pode dizer que o horário dos alunos não alterou.

Prof4: O horário dos alunos não alterou, praticamente não alterou. Alterou a forma de funcionar, a forma de estar, mas não alterou o horário.

A: No ano passado mudaram, certo? Se mudou o seu mudou o deles...

Prof4: Mudou sim, no caso das significativas mudou drasticamente, sim.

A: Isso dos 50% significa que os alunos passaram a ter metade da carga horária?

Prof4: Não é metade da carga horária, é metade síncrona e metade trabalho autónomo.

A: Ok. No ano passado lembra-se se os seus alunos tinham terapias?

Prof4: Estou a pensar... Eles tinham orientações terapêuticas, era feito um plano, salvo o erro, era quinzenal e depois era avaliado e era devolvido. Portanto andava aqui uma troca, as terapeutas enviavam o plano terapêutico para a Direção, a Direção distribuía por nós, nós encaminhávamos... E depois... Era feito... Como é que era aplicada a avaliação? (pequena pausa). A avaliação, a avaliação... Acho que era feita através do docente de educação especial e o Encarregado de Educação. Portanto conversava-se um bocadinho, era dado o *feedback* às terapeutas e elas enviavam um novo plano. Era uma coisa assim deste género.

A: E este ano?

Prof4: Este ano... Pois este ano anda aqui uma pequena confusão... Só estão a decorrer algumas terapias, sim.

A: Presenciais algumas?

Prof4: Umas são presenciais, outras *online*.

A: Tem algum aluno de forma presencial?

Prof4: Presencial, não tenho nenhum. Ficaram todos *online*. As terapias... Eu não tenho bem a certeza como está a funcionar, mas sei que estão a funcionar. Agora exatamente em que modelo...

A: Lembra-se quantos alunos tinha no ano passado? Entre adicionais e seletivas.

Prof4: Entre adicionais e seletivas, à volta de 12, 14 alunos.

A: Manteve os mesmos alunos? Ou seja, no ano passado quando passamos do ensino presencial para o *online* ficou exatamente com os mesmos alunos?

Prof4: No ano passado não. Acabei por ficar com alguns alunos de medidas adicionais com os quais não trabalhava, para poder, um bocadinho... Compensar, um bocadinho, a carga horária deles que se tornava escassa se fôssemos apenas nós. Com as mexidas todas nos horários acabei por ficar com alguns.

A: E este ano, isso aconteceu?

Prof4: Este ano não aconteceu.

A: Quantos alunos tem este ano?

Prof4: Este ano acho que são 13. (breve pausa) São 13 são. São 13 alunos, sim.

A: Como já me tinha dito, os seus 13 alunos continuam os 13 *online*, certo?

Prof4: Continuam os 13 *online*, sim.

A: Seguindo o mesmo horário que tinham?

Prof4: Seguindo o mesmo horário que eles tinham, sim. Eu fiz alguma adaptação no meu horário, eu é que tive de refazer o meu horário, mas o horário deles é igual. Por exemplo no

caso de uma aluna, pois de vez em quando o meu horário leva ali umas alterações para conseguir dar-lhe apoio.

A: À medida do que ela vai precisando.

Prof4: Sim, mesmo dos próprios colegas.

A: No ano passado, que limitações ou constrangimentos é que sentiu ao nível da organização na passagem do ensino presencial para o ensino a distância?

Prof4: Limitações...

A: Limitações no plano.

Prof4: Limitações... Limitações no plano... Em primeiro lugar foi uma limitação geral que é andarmos todos aqui às apalpadelas a tentar perceber como é que isto ia funcionar... Limitações... Limitações ou constrangimentos? Ou mesmo limitações?

A: As duas, as duas.

Prof4: Pronto constrangimentos... Outra pois, o trabalho *online* acaba por nos cansar muito mais do que presencial. Eventualmente por nós não estarmos acostumados ou as horas que passamos à frente do computador. Para ter uma ideia, não sei se é geral, mas eu só de pensar em sentar à frente do computador estou a ficar agoniado. Outro dos constrangimentos, por não sabermos exatamente o que é que andávamos a fazer, alguns colegas sobrecarregavam demasiado os rapazes com trabalhos. Este ano isso foi bem frisado, portanto devemos seguir o programa, devemos tentar... Devemos... Em geral, nós não temos propriamente programa. Devemos seguir aquilo que tínhamos planeado tentando aproximar o máximo possível como se tivéssemos presencialmente e adequar as estratégias que nós temos ao ensino *online*.

A: E este ano sente menos limitações no plano que a escola traçou?

Prof4: Menos limitações, sim. Estamos todos mais à vontade com este tipo de trabalho também.

A: No ano passado, ao longo do processo foi necessário fazer alguns ajustes ao plano inicial ou o plano inicial manteve-se sem alterações até ao final?

Prof4: O plano de trabalho com os miúdos?

A: Não. A organização em geral do plano de ensino a distância.

Prof4: (silêncio)

A: Se as instruções que foram passadas, que foram dadas inicialmente, se elas se mantiveram até ao fim ou se houve necessidade de fazer ajustes.

Prof4: Pronto, eu no ano passado acabei por estar mais com os miúdos com medidas adicionais, alguns que não eram meus também e dar apoio aos miúdos com não significativas noutros momentos. Portanto, eu não fiz assim grandes alterações, mas fomos alertados algumas

vezes para algumas ideias inovadoras que alguns de nós íamos tendo (risos), por criar constrangimentos que não estavam previstos, nomeadamente, avançar trabalho... Para ter uma ideia, o responsável pelo plano, este ano referiu várias vezes, em tom de brincadeira claro, que gostaria que o trabalho fosse desenvolvido com calma porque não se chegar, por exemplo, a maio e haver colegas a dizer que já tinham cumprido o programa (risos). E para respeitarmos, mas ele o ano passado também fez isso... Para respeitarmos aquele tempo definido que temos para trabalhar, nós e os miúdos, para bem dos miúdos e para nosso próprio bem, porque se não andamos esgotados. Mas nós acabamos por não fazer isso, faz parte da... da nossa genética profissional (risos).

A: E este ano, em relação às instruções que a Direção passou no início, houve necessidade, para já, de alterar alguma coisa?

Prof4: Não. Que eu tenha assim conhecimento, não me estou a recordar de nada.

A: Em relação à articulação, como é que articula com os outros professores, Diretores de turma, Titulares de turma? Bem, no seu caso, Diretores de turma, como é que é feita essa articulação?

Prof4: Por *e-mail*, por telefone.

A: E com os outros colegas de Educação Especial.

Prof4: Por *e-mail*, por telefone, aqui pelo *Google meet*,...

A: Há reuniões formais?

Prof4: Há, temos as reuniões de grupo.

A: E com os técnicos, tem algum tipo de articulação.

Prof4: Com os técnicos, não tenho não. Não tenho articulado, não.

A: E com os Encarregados de Educação?

Prof4: Com os Encarregados de Educação, pois... Tenho articulado com dois.

A: Fá-lo diretamente?

Prof4: Por telefone. Em casos em que é necessário, assim mais rápido, sou eu sim. Num dos casos sou eu em parceria com o Diretor de Turma. Com o telefone pessoal, pronto, burrice, mas pronto,... mas está a funcionar bem. Está tão bem, tão bem, tão bem que no outro dia o rapaz ligou-me às sete da manhã (risos) eu até pensava que era uma emergência qualquer (risos). Outra situação com quem estabeleço contactos mais frequentes e com a Encarregada de Educação da aluna (identificação da aluna).

A: E com a Direção, como articula?

Prof4: Com a Direção como articulo... Através da adjunta da Direção, eventualmente com o subdiretor, mas é mais com a adjunta da Direção... É por telefone, pois telefonamos com alguma frequência. Pois, sim.

A: Isso é verdade tanto este ano como no ano passado, a articulação em geral com toda a gente têm funcionado sempre assim?

Prof4: Não. No ano passado era mais limitado, sim. No ano passado, como eu estava a dizer, nós fomos muito criativos e foram dadas instruções quando nós fazemos... Para desenvolvermos o nosso trabalho... Para fazermos uma determinada articulação o mais simplificado possível, prático e eficiente. Alguns de nós tivemos ideias inovadoras e então inventamos os documentos que estavam... Tenho que ver o nome disto que eu não me lembro disto, isto está no *e-mail*... Na *drive*... No *Google drive*. Pronto, que íamos preenchendo ao final da semana, porque também era um dos processos de articulação para marcação de faltas e eventualmente enviar algumas observações aos Diretores de turma. Este ano temos ainda uma coisa que não tínhamos no ano passado, pela primeira vez estamos a utilizar um programa informático. No ano passado era tudo papel, portanto se calhar foi também por causa disso que alguns de nós nos lembramos de... Nós, eu digo no geral, não fui eu... Alguns de nós se lembraram de criar aqueles documentos.

A: Em relação aos encarregados de educação, que *feedback* sobre como as coisas iam correndo é que foi recebendo no ano passado?

Prof4: Isto à medida que a conversa vai evoluindo eu vou-me lembrando algumas coisas. Ia recebendo porque no caso dos miúdos com significativas, muitas vezes os Encarregados de Educação apareciam lá e pronto acabávamos por conversar um bocadinho, pronto...

A: No ano passado apareciam...

Prof4: Apareciam para dar assistência ao miúdo ou porque estavam em casa, estavam por ali e às vezes aproveitávamos para conversar. Não era assim uma coisa que acontecesse assim com muita frequência, não era assim nada de especial, mas de vez em quando acontecia, sim. Comigo pelo menos.

A: No ano passado no ensino a distância?

Prof4: O ano passado no ensino a distância, sim. Apareciam lá no *online*. Este ano também existe, mas eu como não tenho... Só tenho uma miúda com medida adicional, que já tinha e a Encarregada de Educação não tem por hábito aparecer, mas pronto. No caso da aluna (identificação da aluna) tem havido alguns constrangimentos a propósito disso porque aparece com demasiada frequência e com demasiadas intervenções.

A: Um bocadinho de invasão da sala de aula, não é?

Prof4: Diga...

A: Invade a sala de aula muitas vezes.

Prof4: Sim, sim, sim. Especialmente uma familiar próxima, mais até do que a Encarregada de Educação.

A: No ano passado o DL n.º54 estava implementado há pouco tempo e uma das bandeiras do Decreto 54 é a inclusão. Na sua opinião como é que ficou a inclusão defendida pelo Decreto 54? Como é ela ficou no ano passado quando de repente passamos para o ensino a distância?

Prof4: Tentou-se... Tentou-se que isso não fosse impedimento para continuar a apoiar os miúdos. Mas os miúdos passaram a estar em casa e continuaram a ter aulas em salas à parte tal e qual como já tinham antes. O ensino a distância condicionou negativamente, sim. Pela parte de eles estarem na escola e conviverem com os colegas na escola, pois essa parte desapareceu. Continuaram a frequentar algumas aulas que já frequentavam com a turma, mas é a distância e esses miúdos acabam por ser tímidos. Têm noção das suas limitações e evitam intervir.

A: No ano passado houve o cuidado deles continuarem a terem algumas aulas em comum com a turma, mesmo a distância?

Prof4: Houve esse cuidado, sim.

A: Está a falar de miúdos com medidas adicionais, certo?

Prof4: Sim, sim.

A: E este ano?

Prof4: Este ano a mesma coisa. Portanto cumprem o horário deles.

A: E em termos de inclusão... As alterações... O plano do ano passado é diferente do plano deste ano...

Prof4: Mas nesse sentido não altera muito. Não há grande coisa assim a fazer, pois eles continuam em casa, as condicionantes acabam por ser as mesmas, frequentam as aulas como frequentavam anteriormente. Mas eu também não posso falar muito disso porque eu só tenho uma aluna adicional. Até nem sei as alterações... Se foram feitas assim tantas alterações, mas de certeza havendo alterações foram muito menos do que no ano passado. Eu creio que os horários, se não estiverem iguais, estão muito parecidos com o que estavam no ensino presencial.

A: Acha que em termos de inclusão, as dificuldades são as mesmas do ano passado? Não sente que houve evolução, positiva ou negativa?

Prof4: Deverão ser semelhantes sim. Não deve ter havido assim evolução significativa, caso tenha havido evolução.

A: No ano passado durante o processo de ensino a distância, naquele período de confusão, chegou a sugerir algumas modificações ao que estava a ser feito?

Prof4: Pois... Eu não poderia sugerir assim grande coisa, pois.

A: E este ano?

Prof4: E este ano também não.

A: Mas tinha espaço para o fazer?

Prof4: Não. Não me pediram opinião. De qualquer das formas julgo que não era mesmo para pedir porque aquilo foi definido pelo subdiretor. Em parceria provavelmente com mais alguém...

A: Entendeu aquilo como estanque?

Prof4: Portanto, aquelas orientações foram para toda a escola, para cumprir o horário.

A: E nas orientações em detalhe da Educação Especial? Não sentiu abertura para poder mudar alguma coisa ou sugerir alguma coisa que eventualmente achasse...

Prof4: Mas também não dava para sugerir grande coisa, era para cumprir os horários. Portanto, fizemos reuniões, conversamos uns com os outros, mas não houve assim grandes alterações, que se pudessem propor, digo eu...

A: Por exemplo, este ano, ao contrário do ano passado, a lei permitia a possibilidade dos alunos com medidas adicionais irem à escola de forma presencial.

Prof4: Sim, isso foi discutido.

A: Disse-me que tem uma menina com medidas adicionais e que continua *online*. Foi uma sugestão sua, ou foi-lhe imposto que essa menina ficasse *online*?

Prof4: Não, aí foi discutido. Essa parte foi discutida, sim. Portanto, havendo essa possibilidade dos miúdos que necessitassem de ter ensino presencial, essa parte foi discutida. Então viu-se que autonomia é que eles tinham para estarem em casa, para utilizar equipamento e participar nas aulas. Portanto, no caso dos alunos que nós temos... Portanto este ano não temos a unidade a funcionar pois saiu o último aluno que necessitava de estar na unidade, todos os outros que têm adicionais têm autonomia para se ligar ao computador a horas, para participar nas aulas *online*. Então optou-se por se deixar *online*, mas nunca se fechou a porta, nem se podia... Para aqueles que pudessem eventualmente ter aulas presenciais. Mas isso iria criar outros constrangimentos porque nós ao não conseguirmos acompanhar durante todo o dia, portanto alguém teria que o fazer, estar ali ao pé deles para os ajudar a aceder às restantes aulas. Isso foi discutido...

A: Este ano só tem alunos de terceiro ciclo?

Prof4: Tenho uma turma de segundo ciclo.

A: E no ano passado?

Prof4: No ano passado era só segundo ciclo. Mas para adicionais já tinha alunos de terceiro ciclo.

A: Então tanto no ano passado como neste ano está a trabalhar no segundo e terceiro.

Prof4: Sim.

A: A pergunta que eu lhe vou fazer a seguir já foi em parte falada, mas peço-lhe um resumo. Teve que reinventar as suas práticas, a forma de responder às dificuldades durante o ensino a distância, ou seja, teve que mudar a sua forma de estar e de fazer as coisas. Portanto queria que falasse um bocadinho sobre o que é que mudou ao nível das estratégias de comunicação, estratégias pedagógicas, recursos que utilizou ou tipo de recursos que utilizou. Como é que ensinou a distância? O que é que teve que reinventar?

Prof4: Pois tive. Pois, no ano passado a primeira coisa que fiz... Refiz as planificações todas, que eram mais gerais e transformei em coisas praticamente diárias, aquilo já andava um bocado aqui a mexer com a cabeça... E depois os recursos todos... As horas que perdi a encontrar recursos... Este ano há mais e parece que estão mais dimensionados, a coisa parece que está mais organizada, no ano passado havia muita coisa espalhada e... Utilizei muitos recursos *online*, sim, recursos para trabalhar *online*. Utilizei uma coisa fabulosa logo no princípio pois... E comecei a utilizar aquilo para os AVD's (atividades da vida diária), visitas de estudo *online*. Portugal 360. Aquilo dá para fazer muita coisa à volta daquilo.

A: Isso já foi este ano?

Prof4: Isto foi no ano passado. Isso já existia no ano passado, não é propriamente um recurso pedagógico, mas pode ser transformado num recurso pedagógico. Portanto com os miúdos com adicionais acabei por utilizar aquilo, ainda, um mês e tal. O objetivo daquilo, pois, fazia a lista de compras, caso fossem a uma visita de estudo, listas para se organizarem, desenvolvi ali uma série de coisas à volta daquilo e depois íamos passear e eles tinham que ver o que aparecia lá escrito, que eram pequenas legendas, pequenas coisitas, o que acabou por ser engraçado. Em relação aos outros miúdos com medidas não significativas, pois aqueles que me apareciam, pois alguns não apareciam... Pois, acabei por focar mais no apoio ao estudo, na organização, método, que falta-lhes muito método... Não sei o que quer que eu lhe diga mais?

A: Está bem. Também já me foi dizendo que teve que usar a plataforma... Que dificuldades, de forma resumida, sentiu ao nível da organização?

Prof4: Era tudo novo. Era tudo novo e depois aquela instabilidade inicial entre começar e não começar. Depois entretanto começou e nós tivemos que nos reunir para definir e decidir como é que íamos fazer nós, toda essa instabilidade foi talvez a maior dificuldade, sim. Depois as

adaptações constantes, não deu para criar logo uma rotina. A falta de rotina afeta-me um bocado.

A: E ao nível dos recursos, falando do ano passado?

Prof4: Ao nível dos recursos foi uma fase exploratória.

A: Conseguiu ultrapassar essas dificuldades que ia sentindo?

Prof4: Consegui ultrapassar essas dificuldades porque eu tenho alguma facilidade em trabalhar no computador, mas... Sim havia sempre constrangimentos, tive que me estar a adaptar

A: E na comu....

Prof4: Planear coisas e depois não saber se iam funcionar bem, se iam funcionar mal, se não funcionavam (risos). Senti uma certa instabilidade, foi sair completamente de uma zona de conforto para... Depois aquelas expectativas todas, o Encarregado de Educação do outro lado... Sim, foi uma série de condicionantes que tive de aprender a lidar com elas.

A: E ao nível da comunicação? Na comunicação com alunos, com pais, com outros professores, com toda a gente, no ano passado sentiu alguma dificuldade?

Prof4: Estou a pensar... Creio que não senti assim nenhuma dificuldade em especial, não. Deixou é de haver aquele contacto, que sabe que existe, que nos vamos encontrando, conversando uns com os outros e vamos resolvendo as coisas. Isso acabou. Se calhar a comunicação tornou-se um bocadinho mais limitada, mas dificuldades propriamente ditas...

A: E este ano, em termos de comunicação, tem tido dificuldades?

Prof4: Não, é a mesma coisa em relação ao ano passado em relação a isso. Só que neste ano sabemos um bocadinho melhor o que estamos a fazer. É a diferença principal e estamos mais organizados, está tudo mais estruturado.

A: Então é correto dizer que mesmo ao nível da organização sentes menos dificuldades?

Prof4: Sinto menos dificuldades, sim.

A: E na utilização dos recursos?

Prof4: Tenho sentido menos dificuldades e além disso tenho conhecimento de muitos mais recursos que entretanto fui explorando. Sinto-me bastante mais à vontade, sim.

A: A nível pessoal, obviamente sem entrar em pormenores, quais foram as suas maiores dificuldades em termos pessoais?... O que é que sentiu no ano passado como maiores dificuldades a nível pessoal para a adaptação ao ensino a distância?

Prof4: A dificuldade é trabalhar em casa, o que eu acho que é indecente, mas pronto não há outra hipótese (risos). Acho que passou a existir uma promiscuidade demasiado grande entre o local de trabalho e o nosso local de lazer. Dos quais... Eu sou terminantemente contra o ensino

a distância, caso haja a ideia peregrina de transformar parte do ensino, em ensino a distância. Isso em termos de quem manda e paga os ordenados é uma opção muito boa, mas... Pronto...

A: Essa foi a sua maior dificuldade no ano passado?

Prof4: Maior dificuldade, sim. Acabamos por trabalhar muito mais horas. Nós saímos da escola e mesmo que liguemos os computadores e estejamos a trabalhar é diferente do que estarmos sentados em casa onde já é o nosso local de trabalho e acabamos por trabalhar muito mais horas. Além disso eramos dois, portanto tínhamos que nos coordenar aqui um com o outro de forma a não nos empatarmos (risos).

A: E este ano? As dificuldades continuam as mesmas?

Prof4: As dificuldades continuando as mesmas, estão mais controladas porque já consigo fazer aqui uma divisão melhor entre as duas situações. Mas pronto, acabamos por trabalhar sempre mais. Por outro lado acaba por ser confortável porque estou aqui sentado no meu sítio e vou trabalhando e vou mudando de sala se quero mudar de sítio, essa parte também é confortável, mas não sei se é uma questão de acomodação já à situação ou se não.

A: E os encarregados de educação, no ano passado, quando ia falando com eles quais eram as dificuldades que eles próprios sentiam?

Prof4: As preocupações deles, pois, algumas eram as mesmas que as nossas porque não sabiam exatamente como é que isto ia funcionar. Pronto. E como é que iam fazendo as coisas porque eles próprios tiveram que se estar a adaptar. Outras preocupações e no caso novamente dos alunos com medidas adicionais, a questão da autonomia dos miúdos, eles sentiam necessidade de estarem ao pé dos miúdos para os poderem apoiar.

A: Conseguiu de alguma maneira, ou mudando alguma coisa, ir ao encontro dessas dificuldades?

Prof4: Íamos conversando, sim. E íamos mantendo a coisa na base do diálogo. Alguma dificuldade também no caso de um ou dois Encarregados de Educação específicos... Em vez de refilem muito... Primeiro falavam connosco com calma e nós explicávamos as coisas, alterávamos procedimentos se necessário... Eles diziam como era mais vantajoso. Por exemplo havia miúdos que tinham mais dificuldade em utilizar o computador para responder, por exemplo, a questionários... Outros, já era necessário enviar o mesmo formulário, mas de forma a poder ser impresso para ser preenchido...

A: Ia adaptando conforme as dificuldades que iam dizendo.

Prof4: Íamo-nos adaptando conforme as dificuldades, sim.

A: E este ano, que dificuldades é que os encarregados de educação lhe vão transmitindo?

Prof4: Este ano tenho menos contacto com Encarregados de Educação e os tais contactos que tenho, eram as mesmas dificuldades... São as mesmas que já tinham presencialmente basicamente, pronto... Agora... Na tal familiar próxima... Essa cria é dificuldades (risos) porque de resto até apoiam bastante a aluna.

A: Em relação ao plano a distância, acha que no ano passado as famílias, as famílias e os alunos, receberam bem o plano que foi implementado pela escola?

Prof4: Eu creio que sim. Não me lembro de ter ouvido... eventualmente terá havido alguém que se terá pronunciado negativamente, mas não tenho conhecimento assim de... Creio que houve uma boa aceitação em geral.

A: Mesmo dos miúdos?

Prof4: Mesmo dos miúdos. Houve um... Quer dizer... Mesmo dos miúdos mais ou menos. Por exemplo, este ano é obrigatório ter a câmara ligada, caso contrário o professor pode bloquear esse aluno. E é obrigatório estar ali ao pé do computador e caso seja feita uma pergunta o aluno tem que ligar o microfone e responder logo, porque tendo a câmara desligada e estando afastado do computador alguns estavam a dormir... Tinham também que ter uma postura correta em frente ao computador. No ano passado, alguns às vezes apresentavam-se de forma menos própria, assim com um ar mais relaxado na cama com o telefone à frente, por exemplo. Este ano há assim um bocadinho mais de rigor. Portanto, no ano passado, parte das dificuldades por parte dos alunos seria, se calhar, em termos de postura, postura nas aulas.

A: E agora falando deste ano, as famílias receberam bem o plano que foi implementado?

Prof4: Creio que sim, também.

A: E os alunos?

Prof4: E os alunos também.

A: Vamos imaginar que neste momento estaria a organizar tudo para implementar novamente o ensino a distância. Imagine que estávamos a antever que o ensino a distância seria necessário novamente, considerando o plano do ano passado e o deste ano, se lhe fosse dado o poder de decisão, implementaria algumas diferenças?

Prof4: Olhe este... Eu creio que este ano está a funcionar muito bem, mesmo os colegas têm procedimentos muito mais semelhantes uns aos outros e tudo. Julgo que este ano está a funcionar muito bem. Talvez por estarmos mais habituados e mais à vontade com as novas tecnologias, mas este ano está a correr muito bem. Portanto optaria por um modelo semelhante a este ano. Não estou a ver grandes alterações que pudesse fazer... Não estou a pensar assim em grandes alterações, não. Este ano está a funcionar bastante bem.

A: Esta experiência que passamos, tanto no ano passado como neste ano, quer queiramos quer não, obrigou-nos a mudar muita coisa e a adaptar muita coisa. Na sua opinião, quais é que acha que serão as principais aprendizagens, positivas e negativas, que nós aprendemos agora e que podemos aplicar no futuro?... De que forma poderá influenciar-nos a fazer coisas diferentes no futuro?

Prof4: Por exemplo, trabalhar na escola com o projetor e com o computador, caso haja condições para isso porque aqueles computadores têm trezentos e vinte e cinco anos (risos). Pois, os projetores também já estão velhotes e alguns já nem ligam ou quando ligam já não têm aquela qualidade, pois que é normal está assim na maior parte do país. Mas tendo em conta, ou pensando que teríamos na sala de aula um computador em condições, um projetor em condições, um sistema de som, não digo assim uma coisa fabulosa, mas um sistema de som que fosse funcional para uma sala de aula que se conseguisse perceber tudo em condições na sala de aula, há montes de recursos que nós estamos a utilizar *online* que podemos perfeitamente utilizar em sala de aula, num contexto mais imediato com os alunos, num contacto diferente com os alunos. Esses recursos já existiam, e já... Alguns desses recursos já existiam, até houve ações de formação que já existiam antes desta situação toda... Mas talvez por nos sentirmos mais confortáveis num modelo mais semelhante ao método tradicional do que a um método mais moderno se calhar não eram tão explorados mas neste momento creio que toda esta situação acabou por ser uma formação enorme, uma ação de formação enorme na exploração desses recursos. Portanto creio que muitos colegas irão continuar a explorar esses recursos, sim. Em sala de aula.

A: Então para si este será um resultado positivo?

Prof4: É um resultado positivo, sim. Um resultado negativo é a promiscuidade entre o local de trabalho e a nossa casa. Pronto, a nossa casa, os nossos recursos, a nossa internet... No ano passado tive que pôr fibra porque a outra internet já não aguentava. Tive que investir num computador em condições, pronto é assim...

A: Não tenho mais perguntas a fazer, não sei se há alguma coisa que queira dizer ou realçar...

Prof4: Assim de repente acho que não. Dentro do possível está a correr bem. Entretanto fez muitas perguntas que nunca tinha pensado nelas, daí as hesitações... Nunca tinha pensado aprofundadamente, daí algumas hesitações e algumas informações que possa ter dado que podem até não ser as mais corretas, mas daquilo que me vou apercebendo as coisas até estão a correr bastante bem.

A: Muito obrigada pela colaboração.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Professor de Educação Especial (Prof5)

Data: 13 de março de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 62 minutos e 50 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Muito obrigada por esta entrevista. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Em relação à conversa que tivemos por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos a entrevista?

Prof5: Não, nada.

A: Como preciso de fazer a caracterização do entrevistado, a primeira pergunta que tenho para lhe fazer a sua idade e o tempo de serviço.

Prof5: 59. E tempo de serviço de quê? Da Educação Especial é que eu sou de outra...?

A: Primeiro de tudo e depois o bocadinho da Educação Especial.

Prof5: Portanto, vinte e tal anos. Há 20 e tal anos, desde 1999, por aí, dá 20 e tal anos. E desde 2014 é que eu fiz formação em Educação Especial. Portanto, desde 2014 com Educação Especial.

A: Qual a sua formação inicial?

Prof5: Sou de Filosofia. É um bocado diferente não é? (risos)

A: É verdade, mas temos todos que vir de algum lado e depois dá um grupo de pessoas com experiência diferentes...

Prof5: E levamos essas experiências para esses locais e vice-versa. É um bocadinho estranho, mas engraçado. Eu agora já acho graça, mas ao princípio não achava graça, agora já. A Educação Especial é outro mundo. E o ensino básico... Uma pessoa fica no básico e é outro

mundo relativamente aos outros níveis de ensino, é outro mundo, mas é uma questão de adaptação. É tudo uma questão de adaptação.

A: As questões que eu vou fazer referem-se as experiências do ensino a distância do ano passado e deste ano.

Prof5: Ok.

A: Este ano está a trabalhar com quantos níveis? E no ano passado?

Prof5: Ultimamente tenho trabalhado com primeiro ciclo. Portanto, eu estou na escola há três anos e o outro ano anterior também trabalhei primeiro ciclo. Portanto há uns 4 anos, mais ou menos... Acho que só foi um ano que trabalhei com alunos mais velhinhos. Acho que foi só um ano, o resto foi no primeiro ciclo.

A: No ano passado passamos para o ensino a distância, quando a recebeu as indicações da Direção, se é que recebeu indicações da Direção, achou-as claras?

Prof5: Eu achei claro porque, em princípio era ensino a distância. Portanto, fizemos a *classroom*, os outros colegas... Por acaso eu não fiz nesse ano, elas é que formaram as turmas, inseriram as crianças na *classroom*, os *e-mails*... E eu assim... O que é que eu fazia? Eu enviava os trabalhos para o professor e os planos, depois eles faziam chegar àquelas crianças que podiam usar o computador. As que não podiam usar o computador ou que não tinham, essas iam à escola buscar as fichas para fazer e depois iam entregar. Os pais iam entregar e depois eram vistas, eram corrigidas. Foi mais assim dentro dessa situação. Depois também tínhamos as aulas síncronas. Os trabalhos eu mandava, nas aulas síncronas eu usei o *Google meet*, não usei a *classroom*, mas fui convidada. Eu via os trabalhos que os meninos faziam, recebia no meu *mail* os trabalhos deles da *classroom*. Eu pessoalmente trabalhava com o *Google meet*, com as crianças nas aulas síncronas, foi assim que aconteceu durante esses meses... Acho que foi dia treze de março ou catorze que começou...

A: Apesar de ter feito a opção de outra plataforma, as indicações que recebeu foram claras?

Prof5: Foi sim, sim. Não houve confusão, não. As minhas colegas titulares tiveram algum trabalho. Foi uma coisa muito rápida, elas tiveram muito trabalho e houve realmente... Eu não senti confusão pronto, mas penso que elas levaram ali algum tempo para que as coisas corressem de forma normal. Também porque não tinham grandes conhecimentos ao nível da tecnologia, mas depois... Foi uma questão de uma semana ou duas, lá se organizaram e depois as coisas correram bem. Era uma coisa que nunca tinham feito, eu também não... mas eu como usei o *Google meet* descartei-me ali e pronto, resolvia a minha situação (risos).

A: E este ano as instruções que recebeu pareceram-lhe claras?

Prof5: Sim, sim.

A: Como é que essas informações chegaram até si? Como é que as informações sobre como iria funcionar a Educação especial chegaram até si?

Prof5: Via *e-mail*, via *e-mail*. A minha coordenadora enviou algumas instruções e o Diretor também, também enviou.

A: Isso é tanto válido para este ano como para o ano passado?

Prof5: O ano passado também tive orientações da minha coordenadora, mas acho que este ano foi melhor.

A: Funcionou melhor?

Prof5: Sim.

A: Como é que chegaram essas informações depois aos pais e aos alunos?

Prof5: Eu na minha função, eu costumo articular com os pais. Pronto, muitas vezes, situações que eu vou sabendo articulo, horários, costumo articular. E este ano elas também articularam porque mandaram os planos do que iam fazer, mandaram aos pais. Pelo menos... Eu vi alguns planos que elas mandaram. Enviaram como que iam fazer, o que é que estavam a trabalhar com a criança. Quer com aquelas que não tinham grandes dificuldades quer com a maior parte dos miúdos da turma... É por grupos, quer os grupos com algumas dificuldades que estão um bocadinho mais atrasados, quer aquelas crianças com... Ainda mais atrasadas, miúdos da Educação Especial. Para os de Educação Especial com Programas Educativos nós fazemos mesmo um plano com objet... Este ano por acaso não foi com objetivos. Mas um plano com o que é que estamos a dar com a criança e enviávamos à titular. Mas de resto eu falo com as docentes sobre o que é que vou dar, o que é que estou a dar. Mando os sumários, às vezes mando para ver o que estou a fazer, para eles terem uma ideia relativamente àquelas crianças com mais dificuldades, portanto que eu acompanho, que eu apoio. Articulo também via *classroom*, possivelmente também... Também vi muitos *mails*, elas a falarem com os pais e eu também. Normalmente uso o telemóvel, ou uso as mensagens, pronto e outras vezes uso a *classroom*. Este ano usei a *classroom* com os pais com quem estava a fazer sessão síncrona com as crianças e entretanto aproveitei e falei...

A: E no ano anterior?

Prof5: No ano anterior... Deixe-me ver, no ano anterior... No ano anterior também falei por telemóvel, muito telemóvel, muito telemóvel (risos), no ano passado foi muito telemóvel. E portanto penso ali na nossa escola houve acompanhamento e houve articulação e houve... Com os pais. Portanto na parte de Educação Especial, pelo menos na minha parte que conheço com as minhas colegas também... E terapeutas e terapeutas também. Mas este ano foi melhor... Este ano foi melhor.

A: No ano passado ficamos em casa repentinamente. Lembra-se mais ou menos quanto tempo é que separou entre ficarmos em casa e voltar a dar apoio aos alunos?

Prof5: Eu tive um bocadinho mais de tempo. Sei lá... talvez... no meu caso talvez uma semana e tal. Mais de uma semana.

A: E este...?

Prof5: As minhas colegas não sei bem. Mas também naquela primeira semana foi um bocadinho complicado, pronto. Principalmente na primeira semana não iniciaram, pelo menos alguns. Não iniciaram logo. Uns iniciaram mais depressa, não é? Mais rápido mas sei lá, foi p'ra aí uma semana.

A: E quando iniciou, iniciou logo com os seus alunos todos, ou começou com uns e com outros não.

Prof5: Não, não, foi logo tudo, sim. Foi logo tudo. Que depois as informações eram que há crianças que não têm, que não têm computador, não... Portanto, tive essa informação. Portanto, eu fiz sessões síncronas com as crianças que era possível fazer. Portanto, não foi com todos, não foi com todos. Houve alguns que eu não acompanhei na sessão síncrona. Houve, houve alguns porque não tinham mesmo... esses deslocavam-se à escola para ir buscar as fichas, várias fichas.

A:Então preparava fichas em papel e depois eles iam buscar?

Prof5: Sim eu preparava, sim. E a professora também, penso... A professora portanto, também, também. Penso que sim.

A: Se se recordar, o início de entrega dessas fichas coincidiu... Disse-me há um bocado que passou mais ou menos uma semana entre terminarmos e conseguir dar apoio a esses meninos. Essa entrega de fichas só demorou uma semana ou foi mais tarde?

Prof5: Sim, eu penso que foi mais ou menos na mesma altura. Penso que,... não posso precisar bem agora mas penso que foi mais ou menos na mesma altura. Quando as pessoas... Quando os professores se aperceberam ou a escola percebeu que a criança não tinha meios para ter sessão síncrona foi a estratégia que se utilizou. Então houve aí um compasso de espera não é... Não sei precisar bem os dias, mas houve um compasso de espera enquanto... Não foi logo no outro dia não é? Não foi logo quando se iniciou. Dentro desse espaço de tempo, de fazer as turmas, os meios e não sei quê, penso que foi uns diazitos.

A: E este ano como é que foi?

Prof5: Este ano foi logo rápido. Este ano foi logo no outro dia. Este ano foi logo. Aliás tivemos quinze dias de férias.

A: Exato.

Prof5: Portanto aí nesse tempo nós fomos também organizando e portanto foi logo quando arrancou. Não houve espera nenhuma. Seguimos com síncronas com os meninos que tinham possibilidades, alguns foram à escola. No meu caso, portanto os que tinham medidas adicionais foram à escola e era aí dado o apoio.

A: Sim. No ano passado houve necessidade de alterar o horário que tinha antes?

Prof5: Sim. Portanto. Eu como pode compreender, não tínhamos... Portanto elas tinham os horários delas, não é? E eu meti o meu por onde as crianças estavam sem assistir às aulas. Houve necessidade, sim, este ano também.

A: Então tanto o ano passado com este ano o seu horário sofreu alterações para conseguir responder melhor às circunstâncias.

Prof5: Sim, sim.

A: Acha que essas alterações foram adequadas, ou seja, as alterações que fez no horário corresponderam ao que pretendia?

Prof5: Sim. Sim, porque foi assim... O critério que utilizamos, ou que eu utilizei foi, as crianças que necessitavam mais teriam mais tempo, mais vezes por semana. As que estavam mais adiantadas e não precisavam, menos vezes... Que não tinha a ver com o horário, às vezes o miúdo tem menos horas... Então houve essa indicação no sentido do interesse da criança, das necessidades dela. Foi mais nesse sentido, os horários e aquele tempo... As vezes por semana que elas tinham as aulas síncronas foram feitas no sentido de adequar às suas necessidades, às suas dificuldades, foi mais nesse sentido. Não foi um horário igual ao que tinha, não é, inicial.

A: Em relação ao ano passado quando recebeu as instruções da Direção, sentiu que tinha margem para dar sugestões?

Prof5: Em que domínios?... Sugestões de tempo, sim. Tenho essa liberdade, tenho essa liberdade juntamente com as minhas colegas. Nós articulamos com a titular “Olha vamos dar mais um tempito a esta criança, o que é que”... Pronto, articulamos. A Direção dá-nos alguma liberdade, sim. A Direção dá-nos...

A: E isso é verdade tanto no ano passado como este ano? Essa liberdade para introduzir pequenas alterações.

Prof5: Sim há algumas regras, algumas indicações. Fazer planos de acompanhamento... Pronto, uma pessoa faz. No meu caso, não sei se no caso delas, como é que... Este ano, também houve da parte delas alguma manobra, elas conseguem gerir, houve alguma liberdade, disseram-me. Eu também tive liberdade aqui na questão do horário e do tempo de aulas síncronas que dei... Portanto deram-nos essa liberdade. Agora há outras coisas que não, os planos têm que ser feitos... Há sempre orientações que nós temos que seguir. Que eles nos dão

essas orientações principalmente no plano de trabalho, na questão dos sumários que temos que fazer... É mais na parte dos planos. Reuniões... Também nos dão indicações e pronto... No plano dos trabalhos é onde eles realmente têm essas regras mais rígidas, agora a outra parte é mais flexível. Já deixam ao critério do professor a articulação... Do professor de educação especial com o professor titular, pronto... Especificamente, relativamente aos miúdos. Agora no geral, aquelas situações gerais, temos regras que temos que seguir.

A: Neste momento, quantos alunos está a acompanhar? De seletivas e de adicionais?

Prof5: Penso que uns oito... Deixa-me só ver quantos são que agora... Às vezes... Nunca sei de cor, acredita? (breve pausa). Oito.

A: Desses quantos é que são de medidas adicionais?

Prof5: Até agora... Agora... Neste momento dois miúdos vão ficar, ainda não foi homologado, mas vão ficar, está em vias de... São dois, sim estão em vias de... Os outros, portanto era o (nome do aluno) que tinha... Vou dizer nomes...

A: Em relação a isso não se preocupe que eu não vou transcrever os nomes.

Prof5: Ok. Esse aluno tem Programa Educativo e são... Penso mais dois miúdos, são uns três.

A: Os miúdos que está agora a acompanhar, a distância, são exatamente os mesmos que acompanhou antes, desde o início do ano letivo?

Prof5: Pronto... Os miúdos que eu acompanho e que acompanhei este ano... Não acompanhei todos... Acompanhei os de medidas adicionais, acompanhei... Em quê? Em aula síncrona...?

A: Não. Peço desculpa. O que eu queria perguntar era se os alunos que lhe foram atribuídos no início do ano, este ano, são exatamente os mesmos que agora tem que dar respostas?

Prof5: Sim. Não fiquei com crianças... Ninguém me deu indicação para crianças novas. Os que eu comecei são os mesmos que eu vou iniciar agora, portanto, são os meus alunos que eu dou apoio.

A: E no ano passado, os alunos que lhe foram atribuídos no início...

Prof5: Sim, os mesmos.

A: Ok. Era isso mesmo que eu queria saber.

Prof5: São os mesmos, sim.

A: Eu sei que já me disse há bocado, mas no ano passado... Corrija-me se eu estiver errada. Os alunos que tinham meios foram acompanhados de forma síncrona usando uma plataforma e os que não tinham foi pela entrega de materiais em papel, ou seja, pela troca de materiais.

Prof5: Sim.

A: Este ano como é que está a ser o acompanhamento aos seus alunos?

Prof5: Este ano não há troca de papéis. Os que não têm computador ou que os pais não conseguem acompanhar vão à escola. Vão à escola, têm aula síncrona na escola, têm um horário e vão à escola. São acompanhados pelo professor muitas vezes é *online*, por exemplo, no meu caso é *online*. Mas o meu caso é diferente, eu fiz *online*. Acordei com a escola porque eu tenho uma declaração do médico em que não posso estar exposta em caso de pandemia. É um problema que eu tenho de saúde. E o que é que eu fiz?... Tenho um atestado, passado pelo meu médico, que não é um atestado para ter baixa. Mas acordamos eu fazer *online*. O menino vai à escola e eu faço *online* com ele. A criança é acompanhada por uma funcionária, está acompanhada e eu fiz *online*. Não fiz presencial. Porque nós presencialmente temos meninos com medidas adicionais que se não tivessem computadores iam à escola, foi assim que foi estipulado pelo Governo. No meu caso foi exceção. Eu não fui à escola, mas fiz na mesma. Mas foi não presencial, por uma questão de saúde. Em vez de estar a faltar, com faltas justificadas fizemos assim e estava certo.

A: Ao nível da organização, do ano passado, que limitações... A escola no ano passado deu uma resposta. Que limitações é que acha que essa resposta teve?

Prof5: (breve hesitação) As limitações possivelmente prenderam-se com as dificuldades no sentido de criar aquelas salas no *classroom*. E possivelmente com as questões mais ligadas ao professor que não sabia como fazer. Eles até acompanharam, mandavam manuais de utilização da *classroom*. Eles mandaram, mas mesmo assim, sempre há pessoas que não conseguem por aí, mas depois falavam umas com as outras e lá conseguiram fazer. Mas nesse aspeto, não sei se isso é considerado limitação? No fundo não deram aquela... Não sei se eles tiveram formação, também estou a dizer... Eu não tive. Mas eles foram acompanhados pelo menos, pelo que eu vi, por documentos que enviavam da parte informática. Mandavam até vídeos, também recebemos vídeos, como entregar trabalhos, como corrigir... Então eles nessa parte...

A: Ou seja, eles enviaram esses vídeos para explicar como é que a plataforma funcionava.

Prof5: Sim, como é que funcionava. E este ano também mandaram, no ano passado não sei se mandaram tanto, porque eu também não utilizei, e também, pronto, não sei... Recordo-me que mandaram alguma literatura sobre isso. Mas limitações, eles tiveram limitações principalmente ao nível, penso eu, das crianças não terem todas computador e penso que foi por aí. E depois as limitações ligadas aos próprios professores, aos conhecimentos que eles não tinham relativamente às plataformas e ao ensino a distância. Acho que é isso... Se quiser dar umas pistas... As limitações... Penso que foi isso em todo o lado...

A: As limitações que percecionou, aquelas que sentiu...

Prof5: Acho que foram algumas ligadas aos próprios professores, não é...

A: Sim.

Prof5: E outras limitações ligadas aos próprios... Às próprias crianças, à própria família, não é... E depois aí então, o Diretor a gerir... E depois o diretor vai gerir essas dificuldades, mas houve algumas dificuldades...

A: Em relação ao ano passado, será correto se eu afirmar que parte dessas dificuldades foram ultrapassadas pela entrega de materiais de papel?

Prof5: Sim. Ninguém ficou por ser acompanhado. Ninguém ficou, ninguém ficou...

A: E este ano quais é que acha que são as limitações?

Prof5: Este ano, toda a gente... Todos foram acompanhados ao nível de sessões síncronas e presenciais. Terapias, também foram apoiados. Portanto este ano correu muito bem, acho eu. Correu bem.

A: Tanto no ano passado como este ano, principalmente quando estávamos a distância, tivemos que articular com outros professores, com técnicos, com encarregados de educação... Como é que essa comunicação foi feita no ano passado?

Prof5: Eu fiz alguma por telemóvel com os encarregados de educação.

A: Sim.

Prof5: Com as minhas colegas fizemos algumas sessões síncronas principalmente nas questões das avaliações. Portanto com algumas colegas fizemos síncronas, com quase todas, pronto...

A: E com os técnicos houve alguma articulação no ano passado?

Prof5: Com os técnicos no ano passado foi um bocadinho diferente. No ano passado como é que... No ano passado eles mandavam planos. Este ano corrigimos. Corrigiram. No ano passado eles mandaram os planos *online* e o pai, e os pais faziam. Quando os pais tinham dificuldades, não foram todos... Tinham dificuldade, não conseguiam fazer lá aquelas atividades, porque também havia muito trabalho... Eu algumas vezes, eu ajudei os pais a fazerem as atividades, portanto que estavam no plano. Mas isso foi da minha iniciativa. Não era nenhuma indicação, nem a escola mandou fazer... Houve alguns pais que se queixavam “ai não consigo fazer”, mas tinha que se enviar o plano. Eu ficava encarregue de... Tinha-se que enviar o plano e alguns não conseguiam fazer... Foi só um caso até... Os outros possivelmente devem ter enviado... E eu ajudei a enviar... Houve aqui esta articulação que não foi muito... Não correu muito bem. Pronto. Esta é a minha opinião, no ano passado. No ano passado com as terapias.

A: E este ano?

Prof5: Este ano correu muito bem. Este ano já foi diferente. Já telefonamos... Já falamos... Já trocamos impressões, o que é que estão a dar... Foi assim... Horários também. Fui eu que

fiquei encarregue de articular os horários delas... Quando é que iam... Algumas faziam *online* também... Houve essa articulação, sim. Este ano houve. Correu bem. E foi presencial...

A: E a comunicação com os outros professores e com os encarregados de educação? Este ano, como é que está a ser feita?

Prof5: Este ano as minhas colegas penso, que é via *classroom*, também... Via *e-mail* possivelmente... Eu faço por telefone e também por e-mail, mas eu faço mais por telefone, por telemóvel. Faço mais por telemóvel porque há uma mãe, por exemplo, que criança que não tem computador... Não tem meios. É por telefone que eu faço. Outro também é quando estou nas aulas síncronas, falamos um bocadinho. Já aconteceu marcar horário para as mães aparecerem para eu fazer aula síncrona. Alguma coisa que eu queira dizer, sei lá... Lançar algumas estratégias para a mãe fazer relativamente as fichas que eu envie. Porque eu tenho um caso de um miúdo que não quer aparecer, que é autista e o menino não quer aparecer. Não faz nada, está ali. Não quer, não quer, grita “não quero”, mas na escola ele faz. E também tive ao contrário, miúdos que na escola se portam mal e aqui na aula síncrona foi uma maravilha (risos). Então eu falava com a mãe, na aula síncrona e falei portanto... Tinha um... Agendava no horário, sei lá um quarto de hora e falava como ela sobre estratégias, *feedback* relativamente aquilo que a criança estava a fazer, dificuldades... Portanto esse *feedback* e essas estratégias que passei foram sempre mais por sessão síncrona. Muitas vezes era por telemóvel, mas quando ia aproveitava... Quando estava a ter a sessão ou fazia... Deixava dois minutos para falar sobre isso.

A: Já que me está a falar dessa proximidade com os encarregados de educação, aproveito para lhe perguntar outra coisa. Os encarregados de educação terão apresentado algumas indicações, sugestões eventualmente... No ano passado os pais indicaram alguns constrangimentos que depois desse para alterar?

Prof5: Portanto, o ano passado nem de todos nós recebemos... Nem todos se queixam, nem todos os pais se queixam. Estou a falar de mim, não sei lá...

A: Sim, só mesmo a sua experiência.

Prof5: No meu caso, no meu caso tive vários... Era muito diverso. Mães muito empenhados com os filhos, que não se queixaram nada do que estava a passar. Um bocadinho fartos de estar em casa. Isso acho que passou por todos. Outras mães, os filhos não queriam... Aquela mãe, o miúdo não... Não queria, mas ela esteve sempre presente para perceber as estratégias e as orientações. Depois... Isso foi uns meninos que eu tinha com a mãe... Depois houve um pai que não conseguia trabalhar com a criança. Acho que havia ali um choque... E eu por fim já sugeri ao pai para se afastar da criança porque a criança ficava nervosa. Ela já tem problemas, é

uma criança com problemas na fala. Portanto fala mal, tem dificuldades na leitura e na escrita e portanto não consegui a concentrar-se, ficava ansioso. E eu sugeri ao senhor... Porque ele estava sempre “ai não é assim” e não sei o quê. Dava indicações ao miúdo (risos). Foi péssimo. Esse senhor queixava-se. Que não aguentava, que estava com problemas de saúde, que ele não queria trabalhar, que não o consegui fazer trabalhar... Pronto, estava desejando que fosse para a escola. Portanto, esse dizia mesmo que já não aguentava aquilo. Foi o único caso que se manifestou nesse sentido, que não aguentava. Porque o pai também tinha ali dificuldades em gerir a situação com a criança e portanto não estava a conseguir resolver a situação. De resto...

A: E este ano?

Prof5: Isto foi este ano.

A: Ah. Ok, ok.

Prof5: Esse senhor também no ano passado... Foi a mesma coisa. Este ano eu tive alguns miúdos que não tive o ano passado. Portanto, eram de outra colega e passaram para mim. Portanto não sei dizer o que dizia nessas sessões, pelo menos foram dois... Este ano foi uma coisa estranha. Eu fiquei com alunos meus, mas também alunos meus ficaram com outra pessoa. Houve uma troca de crianças... Fiquei com os autistas... Ao princípio... Eu agora estou satisfeita, porque a pessoa acaba por se adaptar também... De maneira que há miúdos que eu tive o ano passado e não são os mesmos que tenho este ano. Portanto esse senhor era o mesmo... O miúdo era o mesmo. E ele tinha essas queixas... Mas foi, assim, o único no meu caso. Porque de resto houve outros que não foram à escola não é... E este ano os que foram à escola sem os pais... Ah, com esses que foram à escola sem os pais mantive o contacto por telemóvel... Dei o *feedback*... E mantivemos assim o contacto. E também se portaram muito bem esses. Portaram-se muito bem, esses... Por acaso... E portam-se mal lá na sala. (risos). É uma estratégia que se vai usar, ensino a distância para os miúdos que não conseguem estar com atenção na sala. (risos)

A: E a comunicação com a Direção e a Coordenação de Educação Especial, como tem sido feita?

Prof5: Eu quando tenho dúvidas telefono. Respondem-me sempre. Tiram-me as dúvidas. Com a minha coordenadora também telefono quando tenho dúvidas. Muitas vezes telefonam elas. Outras vezes fazemos reuniões, depois temos reuniões... Quinzenalmente, ou quando há necessidade, ou... Costumamos ter reunião...

A: E no ano anterior como é que funcionou essa articulação com a Coordenação e a Direção?

Prof5: Também foi dentro dos mesmos moldes. Foi idêntico.

A: Quando entramos em confinamento, no ano passado, o DL n.º54 tinha sido implementado há relativamente pouco tempo e um dos principais aspetos que o Decreto-Lei 54 defende é a inclusão. Na sua opinião como é que acha que ficou a inclusão no confinamento? No confinamento não, no ensino a distância no ano passado e neste ano? Que dificuldades ou barreiras acha que essa situação provocou na inclusão?

Prof5: Eu vou ser muito sincera. É que eu tenho uma opinião um bocadinho... Não sei se é diferente... Mas eu digo o que penso... Aquelas crianças... Possivelmente ficaram menos acompanhados, menos incluídos, vamos dizer assim, no ensino a distância. Pronto. Isso não há dúvida. É diferente. Mas à parte disso há sempre... Essa questão da inclusão é... É um conceito... O que é a inclusão? Inclusão, por exemplo, para mim pode não ser a criança estar dentro da sala de aula. Inclusão para mim é, por exemplo, eu precisar que a criança tenha três vezes terapia da fala... Para o meu trabalho e para criança ser importante e a criança não ter. Isso para mim não é inclusão. E portanto, inclusão no caso do ensino a distância... Realmente eles não ficaram para trás, não foram excluídos, foram acompanhados na mesma. Portanto aí não houve... Só houve diferença, a distância e presencial como houve para os outros. Igual.

A: E comparando a resposta que a escola deu o ano passado com a resposta que a escola deu este ano?

Prof5: Melhor este ano. Melhor. Porquê? Porque no ano passado, como lhe disse, as fichas andavam para trás e para a frente, este ano a criança esteve na escola a ter sessão síncrona como os outros. Portanto, ninguém ficou para trás, todos tiveram sessão síncrona. E pronto... Acho que nessa parte aí foi diferente, para melhor.

A: Deu alguma sugestão de melhoria? Vamos começar pelo ano passado, recebeu indicações iniciais enquanto estávamos a distância deu alguma sugestão de melhoria?

Prof5: Em termos de quê? Técnicos?

A: De tudo.

Prof5: Ah... Dei alguma sugestão?... Por exemplo, houve um... Isto são casos particulares. A professora de uma das turmas foi ter o bebé e veio outra professora. Pronto. Nova. Entretanto. E as sugestões que eu dei... Estava a ter sessões síncronas com as crianças, com dois miúdos autistas. E a sugestão que eu dei à colega foi precisamente ela começar também a conhecer as crianças... Uma vez que os autistas ficaram mais a meu cargo. Está a entender?... As crianças autistas ficaram mais a meu cargo (risos). Então uma sugestão que eu dei, foi pontual, foi ela começar, a minha colega... Foi ela arranjar um tempito para estar com as crianças na plataforma onde eu estou, para os conhecer melhor. Ela apresentou-se, mas depois, sessões não chegou a ter... Não chegou porque entretanto começamos as aulas. Portanto, já foi um

bocadinho tardia a minha sugestão. Mas pronto, foi a sugestão que eu dei. De resto assim nada de mais.

A: E este ano deu alguma...

Prof5: Foi este ano, esta situação foi este ano.

A: Ah, Ok. E no ano passado deu alguma sugestão?

Prof5: No ano passado... Não. Não dei assim... Não dei assim... A única sugestão que eu dei foi aquele acompanhamento das terapias... Ser eu a mediar e a trabalhar com o pai... Com os pais.... Foi só um... No sentido das crianças cumprirem os objetivos que elas enviavam.

A: Na escola, tanto no ano passado como este ano, sente que há um clima propício a dar sugestões ou acha que as coisas são muito fechadas?

Prof5: Ah... Algumas situações são um bocadinho fechadas, mas penso que aceitam sugestões. Agora... Possivelmente têm aquelas ideias já feitas, não sei... Mas eu acho que aceitam sugestões. Ah... Nem todas, mas há coisas que são um bocadinho fechadas, são. Mas aceitam sugestões.

A: E isso é verdade tanto para este ano como para o ano anterior?

Prof5: Ah... Sim.

A: Já me foi falando um bocadinho do que eu vou perguntar a seguir, mas o que agora lhe vou pedir é um resumo. Tivemos todos que reinventar práticas. Estávamos desde sempre em regime presencial e de repente tivemos duas experiências de ensino a distância o que implicou dificuldades e desafios. São situações diferentes daquilo que estávamos habituados. Se puder diga-me de uma forma resumida, em termos de estratégias de comunicação, pedagogias diferenciadas, recursos materiais diferentes... Como é que se reinventou a estes três níveis?

Prof5: No meu caso... No meu caso... No caso da educação especial é diferente... Nós não damos conteúdos.

A: Exatamente.

Prof5: O que é que foi diferente? Mais insistente foi a questão dos jogos interativos. Usei muitos jogos interativos, para os pais fazerem com eles e portanto... E as fichas que eu fazia presencialmente, trabalhávamos a ficha... Os Jogos também em sessão síncrona, por exemplo a lateralidade. Trabalhamos esquerda, direita, pronto... Tudo o que fosse possível trabalhar aí. De resto foi mais nos jogos iterativos que eu apostei para colmatar precisamente essas dificuldades que há no ensino a distância. Nas estratégias que utilizamos, não é?... Ah! O que é que eu fiz também... Estou-me a lembrar. Houve mães que mandei... Tive que solicitar que elas fossem comprar umas cartolinas e fizessem as sílabas em cartolina. No fundo pedia aos pais para criarem materiais manipuláveis para trabalharem a leitura e a escrita, a aprendizagem.

Também enviei, para eles também cortarem e plastificarem as sílabas também. As sílabas...
Um de uma maneira outras de outra que serviam como pistas, como auxiliares, como cábula... E os pais fizeram isso. E depois estávamos a trabalhar e os pais ajudavam era o jogo das sílabas, por exemplo. Construíamos as palavras, elas formavam palavras com essas sílabas e os pais fizeram isso. Pronto, não pude fazer isso na escola mas fizemos na mesma *online*. E depois diferente, os jogos interativos que usei mais. Mandei bastantes...

A: E em termos de comunicação, comparando a forma que tem de comunicação com todos, pais, alunos,... Quando estava presencial e a distância que formas diferentes é que foram implementadas?

Prof5: Na comunicação... Os meninos autistas... Pronto. É um bocadinho complicado, não é? Mas tentei que eles cumprimentassem... Está-se a referir a isso não é?

A: Por acaso não, estava a referir-me aos meios de comunicação usados por si. Por exemplo a plataforma terá sido um meio diferente que usou pela primeira vez...

Prof5: Sim, usei a plataforma. Usei a plataforma, o *streaming*... Portanto, usei a plataforma para comunicar, isso usei. Para pedir o *feedback* deles e eles responderam também... Foi o que eu usei. Respondi à sua pergunta?

A: Sim, sim. Imagino que telefone já usasse antes, isso não seria inovador, o *e-mail*...

Prof5: O *streaming* usei mais este ano do que o ano passado. Usei a plataforma que a escola estava a usar. Nas fichas também... Nas fichas também tem lá comunicação... Também tem comunicação, por exemplo, tem lá o *feedback* para as crianças colocarem uma cor numa carinha, como é que correu... Também é uma forma de comunicar... E o *streaming* da plataforma. Foi só o que eu fiz de diferente este ano, foi o *streaming*. Foi o *streaming* que eu usei mais.

A: O *streaming* de que me fala é a conversação que se pode ter em direto...

Prof5: Sim na plataforma. Eu também sou pouco entendida...

A: Quando se usa a plataforma dá para escrever ao lado.

Prof5: Mensagens, mensagens.

A: É isso.

Prof5: Eles respondem. Eles respondem. “Então como é que correu?”, “Gostaste do Jogo que te enviei?”. E eles “Sim, já fiz”, “Gostei muito, correu bem.”, “Tive dificuldade”, “Não tive”. Usei assim esse tipo de comunicação. Este ano relativamente ao ano passado... O ano passado não tinha utilizado, era mais telemóvel. Este ano usei essa ferramenta...

A: Esta ferramenta diferente. A nível pessoal, obviamente sem entrar em pormenores, que não é isso que se pretende. Quais foram as dificuldades que sentiu quer no ano passado quer neste ano?

Prof5: O que é que eu senti?... Olhe, trabalhamos mais tempo. Fazer fichas adequadas e com o nome deles. Mais fichas com o nome... Tive que construir os materiais, as fichas, para além de tirar algumas... Estão a ler através do método das 28 palavras, por exemplo, para não serem só fichas dessas tive que fazer fichas com o nome deles... Tive uma trabalhadeira. Tive também que ir buscar os desenhos que eram, por exemplo, um ditado tem desenhos, tive que ir buscar... Resumindo, tive muito trabalho para fazer os materiais... Para fazer materiais também com estratégias que os pais pudessem utilizar em casa. Portanto, adequadas aos pais, para eles poderem usar... Já que há coisas que eu não podia fazer a distância. E foi mais nesse sentido... Portanto, muito material que fiz, também passei estratégias aos pais e tive a preocupação de fazer as fichas mais personalizadas e com jogos que os pais pudessem fazer em casa com eles.

A: E quanto ao uso das tecnologias, sentiu dificuldade?

Prof5: (breve hesitação) Pronto. Eu sou uma naba nas tecnologias. Pronto, desenrasco-me. Quando há qualquer... No vídeo ou... Às vezes chamo o meu filho... E ele lá me põe isto bem e volta a... Mas correu bem, não tive aqui grandes dificuldades ao nível de rede... Não houve esses constrangimentos. Da parte dos pais é que houve um constrangimento que era por telemóvel e pronto.... Não era assim.... Não se fazia muito bem a sessão síncrona. De resto eu não tive problemas técnicos.

A: Nem o facto de trabalhar a partir de casa foi uma dificuldade?

Prof5: Estou mais tempo aqui no computador. Portanto temos que gerir o que estamos a fazer com as coisas... Com as lides domésticas por exemplo, com o almoço. Eu, no meu caso, não tenho filhos pequenos e portanto foi mais fácil para mim. Tenho um escritório e fecho ali a porta. Agora por acaso está aqui o meu marido ao pé... Mas eu fecho ali a porta e estou descansada. Às vezes a minha cadela a ladrar.... Estes constrangimentos que têm a ver com a família.... Mas não tive assim constrangimentos, assim grandes problemas, não. Mais trabalho... Mais tempo com coisas da escola depois tinha que tratar de assuntos de articulação com este e com aquele... Além de... Pronto. Passava aqui muitas horas... Mas isto já vai acabar.

A: Espero mesmo que sim. Isso é tão verdade para o ano passado como para este ano?

Prof5: Sim. Este ano para mim acho que foi um bocadinho pior. No ano passado parece foi... Este ano acho que ainda foi pior.

A: Pior?

Prof5: Talvez... Se calhar houve mais da minha parte preocupação... Porque as fichas tinham que ser na mesma... Tive que fazer o trabalho... E houve preocupação da minha parte porque havia meninos que a seguir às aulas síncronas não estavam ali a conseguir captar nada, não é? Era perda de tempo e... As estratégias que nós utilizamos, que nós pensamos eram realmente ser eu a fazer aquela parte pelo menos na parte da leitura, da aprendizagem da leitura. E foi nessa parte para eles não perderem e até me parece que correu muito bem porque tiveram mais tempo de apoio individual do que quando estão na sala de aula. Na sala de aula é mais complicado se não têm alguém lá com eles o tempo todo.

A: É diferente, é diferente, sim.

Prof5: É diferente...

A: Há pouco já me falou um bocadinho, mas agora de forma genérica, quais foram as principais dificuldades apontadas quer pelos alunos quer pelos encarregados de educação, no ano passado? De forma genérica.

Prof5: No ano passado foi... Das crianças não corresponderem, não quererem trabalhar... E da parte dos pais?

A: Sim, sim. Da parte dos pais, que partilharam consigo.

Prof5: Não conseguiam trabalhar. Não conseguiam fazer algumas atividades que enviavam. Terem muitas atividades para fazer. Portanto, o tempo todo era para a escola. E foi, mais ou menos, essas as queixas que eles deram.

A: E perante essas, vamos dizer, reclamações, no sentido dos pais estarem a falar das suas dificuldades. O seu modo de atuação mudou de alguma maneira para ajudar a diminuir as dificuldades dos pais, no ano passado?

Prof5: No ano passado?

A: Sim.

Prof5: Quer dizer... Eles queixam-se é da quantidade de fichas, não é? Recebem de português, matemática, está a entender?... Eu, pronto, mandei algumas fichas, é lógico, não podia ficar sem mandar. No fundo eu queria ajudar um pouco também aqueles meninos que estavam com mais dificuldades na leitura e na escrita, desenvolver mais essas competências e na atenção/concentração, portanto além de desenvolver outras competências insisti um pouco aí. Mas eles queixavam-se realmente da quantidade de... No ano passado de coisas... Este ano penso que não foi assim.

A: Então este ano o que é que eles têm partilhado mais em termos de dificuldades?

Prof5: As dificuldades... É de as crianças não quererem trabalhar, pronto. É mais isso. Algumas, porque há outras que não, isso não é geral. Algumas não querem, algumas também

estão cansadas de estar em casa, querem ir para a escola. Essas foram mais as queixas, tanto dos pais como das próprias crianças também. Querem ir para a escola, querem ver os amigos...

A: Estão saturados... Na sua opinião do ano passado, os pais, as famílias em geral, receberam bem o plano proposto pela escola?

Prof5: Está a falar de uma forma muito geral...

A: Sim, de forma genérica, mas se quiser dar algum exemplo...

Prof5: A única queixa que tenho relativamente a planos foi nas terapias no ano passado e realmente muitas fichas.

A: E este ano?

Prof5: Este ano, não. Este ano, não. Possivelmente... Este ano houve... O que é que aconteceu?... Este ano tinham aulas síncronas com as titulares e depois tinham uma parte de trabalho autónomo. O horário era mais flexível, eles faziam o trabalho dentro daquele... Do tempo que lhe davam, não é?... Mas tinham a parte de trabalho autónomo que era com a mãe, com o pai, não tanto as aulas síncronas. Por no ano passado, agora estou a lembrar-me, que eles tinham que assistir às aulas lá na televisão não era? Às aulas...

A: O estudo em casa.

Prof5: Sim, o Estudo em casa. Pronto, eles tinham que assistir e depois ainda tinham aulas com os professores. Este ano, o Estudo em casa, não sei se... Não estou a par disso... Não sei se estão a ter Estudo em casa... Pelo menos com os professores eles estão a ter aulas síncronas e depois têm uma parte no horário que é tempo autónomo em que eles fazem os trabalhos que lhe são enviados.

A: Hipoteticamente. Vamos imaginar que estaríamos neste momento a preparar uma terceira oportunidade de ensino a distância e que estaria numa posição onde poderia dar verdadeiras sugestões. O que faria de diferente em relação ao que foi implementado no ano passado e ao que foi implementado neste ano? Tendo em vista uma melhoria, o que é que acha que poderia ser feito de diferente para melhorar, imaginando uma situação de ensino a distância?

Prof5: As rotinas eram as mesmas porque eu iria... As rotinas principalmente na parte da manhã... Eu sugeria que as crianças tivessem que se levantar todas àquela hora. O que acho que agora também acontece... E trabalhassem e tivessem... Sessões síncronas, eu não estou a ver como é que eles fazem as sessões síncronas com tantos miúdos... Eu estou só a pensar na parte individual. Individualmente é lógico que é diferente de quando estão em grupo.

A: E especificamente na Educação Especial, o que sugeria?

Prof5: O que é que eu sugeria?... Eu aqui nessa parte, eu tenho sessões individuais.

A: E manteria?

Prof5: O que é que eu sugeriria em relação às sessões síncronas?

A: Sim. Se as manteria como estão a funcionar este ano ou se sugeriria diferenças...

Prof5: Sim. Eu mantinha... Talvez apostasse mais na parte de jogos, mas se é a distância é um bocado complicado... Também eles acabam depois por fazer os jogos com os pais e dão o *feedback*. No meu caso se envolver a distância, síncrona... Penso... Dou a sugestão não é?... E eles dão o *feedback*, portanto nessa parte, a parte da atenção concentração, da consciência fonológica que é um bocadinho complicado... Mas também com as máscaras também era um bocado complicado, os sons, mas... Penso que não mudaria assim...

A: E em termos de, por exemplo, carga horária, distribuição do horário...

Prof5: Nós temos uma coisa boa ali na escola eles não nos massacram... Não nos impõem um horário. As horas do horário... Eu aqui com a professora titular digo: “Olha vamos dar”, “Acho que a criança precisa de x horas” e eu dou todos os dias, por exemplo. Eu todos os dias dei... Não cumpri o horário todo, o horário não foi todo cumprido como o delas também não. O horário foi diferente, mas eu todos os dias estive com os meninos com mais necessidades e duas ou três vezes por semana com os outros. Não mudaria o horário, portanto... Faria a mesma coisa. Os que têm mais dificuldades mais tempo e selecionava assim, os que não precisam tanto... Também depende da criança, os meus não são assim graves... Os autistas eu mantinha, nos autistas eu apostava e naqueles de dificuldades de aprendizagem também. Naqueles casos que têm medidas seletivas... E aí pronto, foi o que aconteceu, não dei tanto acompanhamento. Aliás, a aula síncrona até nem dei, só acompanhei a distância, mas sem aula síncrona. Eu mantinha, portanto, sem aula síncrona, quando a criança consegue sobreviver sem a presença, não é?... E realmente apostar na aula síncrona naquelas crianças que precisam mesmo, que têm necessidades nas aprendizagens, não é?

A: Sim...

Prof5: Eu não fazia diferente. Fazia, fazia as aulas síncronas todos os dias de manhã... Eu fazia de manhã. De manhã aulas síncronas, à tarde fazer os materiais, fazer os planos, telefonar para os pais, para aqueles que não... E assim passa-se um dia inteiro. Portanto, as aulas síncronas são necessárias, são necessárias... Disso não abdicava, tinha que continuar assim.

A: Uma última questão. Esta experiência foi nova para toda a gente, ficarmos com aulas a distância de forma repentina quer no ano passado quer este ano. Na sua opinião quais foram as principais aprendizagens, podem ser negativas ou positivas, que esta situação nova proporcionou que possamos aplicar no futuro?... Destas experiências que tivemos, quer no ano passado e neste ano, que implicações poderão ter no futuro na nossa forma de atuar e de ser?

Prof5: Que implicações?

A: Sim. O que é que poderá resultar de diferente depois destas experiências?

Prof5: Penso que a única coisa no fundo... Foi as pessoas aprenderem coisas a nível informático que não sabiam. E, portanto, abriu muito a mentalidade das pessoas na questão das novas tecnologias, porque de resto... Talvez também mais articulação com os pais. Acho que nós articulamos mais com os pais a distância do que quando estamos em aulas presenciais, acho que há mais essa preocupação de não deixar que nada escape. Portanto, acho que as pessoas ficaram com mais conhecimentos relativamente às novas tecnologias, áquilo que se pode fazer com elas.

A: Quando diz pessoas está a referir-se a professores, pais, alunos...?

Prof5: Sim a todos, mais aos professores e aos pais... Mas os miúdos também, alguns também aprenderam muito. Portanto, nessa parte acho que foi positivo. Porque se não... Eu, por exemplo, não sabia da existência de plataformas, não... Não tinha tido reuniões *online*, não sabia nada disso. Eu e outras pessoas, não é? E aí foi uma coisa muito positiva, porque a pessoa agora se quiser convidar outra para falar pode fazer. Eu não tenho *facebook*, não uso disso, mas aqui as plataformas acho muito engraçado, o *Google meet* que é o que eu gosto mais de usar. E, por exemplo, as formações também foi bom também foi bom ter assim formações *online*. Nesse sentido, não é? É tudo melhor presencialmente, mas as pessoas descobriram coisas, começaram a fazer coisas que não faziam antes relativamente às novas tecnologias e portanto já nos prepara... Preparou-as para determinadas situações que elas não... Se não fosse a pandemia não tinham feito, não tinham tido conhecimento, não tinham utilizado e claro que também é bom aí. Penso que foi só, foram as duas coisas que me pareceram mais positivas

A: E negativa? Alguma coisa que eventualmente possa ficar...

Prof5: Negativo... Talvez a... Eu não tenho conhecimento de situações estranhas das crianças não estarem... Pronto, há crianças que pelo que me disseram que não estão com atenção, que aparecem em pijama, que... Penso que essas situações acontecem... Os pais também às vezes...

A: Mas acha que isso pode ter implicações negativas no futuro?

Prof5: Não, às vezes são situações que dá para nós percebermos como é que é o contexto familiar ou se há problemas... Isso é importante porque do lado de lá nós percebemos a atitude da mãe, do pai... E isso também é importante depois para tomarmos algumas atitudes, não é? Acho que sim. Do contexto. Nós nunca sabemos, não é? Nós não sabemos propriamente o que é que se passa, mas são às vezes episódios que nos dão pistas, que revelam muita coisa que não está a sair bem, ou que não está a correr bem... Para nós compreendermos um pouco mais por que é que a criança é assim. Por que é que ela tem este tipo de comportamento porque muitas

vezes... Aliás a maior parte das vezes são os pais em casa. Comporta-se assim porque em casa não há regras, porque em casa não há determinadas situações que permitam à criança ser de outra maneira...

A: Em verdade é a primeira vez que vamos à casa dos miúdos...

Prof5: Exatamente.

A: E é a primeira vez que permitimos aos pais estarem dentro da sala de aula...

Prof5: Exatamente. Eles depois também se metem. Eles querem ser professores. Tive um que chamou “burra” à criança (risos). Sinceramente... E depois nós: “Não pode ser assim”, “Não faça isso”. Nós também ensinamos aos pais como é que se comportam e que não podem fazer isso. Nós ficamos a saber muita coisa... E é uma coisa positiva por um lado... Pode ser positivo porque nos permite estar alerta relativamente aos comportamentos da criança ou o porquê do comportamento e chamar à atenção do pai ou achar que a psicóloga deve também trabalhar com o pai, por exemplo... É uma coisa positiva.

A: Não tenho mais perguntas para lhe fazer. Não sei se há alguma coisa que queira acrescentar ou dizer...

Prof5: Olhe, eu não sou muito de... Eu sou uma pessoa que falo um bocadinho, mas pronto estas questões... Pronto, estas questões não estava à espera não é... De maneira que, se não respondi de acordo com aquilo que esperava... Se quiser esclarecer alguma dúvida...

A: Não está tudo bem. Agradeço-lhe imenso a atenção que me deu.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Professor de Educação Especial (Prof6)

Data: 23 de março de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 58 minutos e 02 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Agradeço-lhe muito a disponibilidade para esta entrevista. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Em relação à conversa que tivemos por telefone há alguma coisa que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos?

Prof6: Não.

A: Para caracterizar o entrevistado, vou perguntar-lhe a sua idade, o tempo de serviço e dentro desse tempo de serviço o que é em Educação Especial e depois também a sua formação académica inicial.

Prof6: Está bem. Vou fazer 46 (data). Dou aulas... Comecei em 99, estamos em 2021... Pronto... Já sabe que em termos de tempo de serviço é sempre diferente, acho que é 19 ou 20, por aí... A minha formação de base... Tirei Educação Visual, EVT, sou do grupo de EVT, ainda fui da altura em que havia dois colegas a dar EVT, depois entretanto este grupo terminou e... Eu antes desse grupo terminar eu já tinha tirado a especialização do 910, fiz um mestrado, fiz um doutoramento e fiz a especialização no 930. Pronto, é assim é sempre a aprender... Agora fiz uma pausa.

A: É um currículo e tanto...

Prof6: O mestrado e o doutoramento são na área das artes e depois pronto... As duas especializações acabaram por ser, neste momento, a minha paixão também. Eu acho que está tudo interligado, as artes, a educação e os miúdos mais difíceis...

A: E da Educação Especial? Desse tempo de serviço quantos anos é que são na Educação Especial?

Prof6: (breve pausa) Já eu não me lembro... Não sei se foram 6 ou 7... É por aí, acho que sim.

A: As questões que eu vou fazer referem-se às experiências do ensino a distância do ano passado e deste ano.

Prof6: Sim.

A: Primeiro referindo-se ao ano passado e depois a este ano, sentiu que houve orientações da Direção do Agrupamento aquando da passagem para o ensino a distância no ano passado?

Prof6: É assim... No ano passado foi tudo... Eu acho que nesta questão em termos de Direção, a Direção também não conseguiria ter uma atitude muito rápida porque foi uma atitude tomada pelo Governo de um dia para o outro, no ano passado e este ano também, não é? É claro que este ano a parte da gestão foi feita de outra maneira, porque nós no início de setembro fizemos logo horários tendo em vista os vários panoramas, o presencial, o misto e o *online*. E então já estávamos mais organizados para o *online*, para estas situações este ano. No ano passado foi um choque, não é? Tivemos entre aspas que nos desenrascar cada um à nossa maneira, não é? Agora, aquilo que eu acho de bom que foi definido logo desde o início é usar uma única plataforma, o *classroom*.

A: E no ano passado isso também ficou definido?

Prof6: Ficou definido, sim. No ano passado utilizamos o *classroom*, este ano também utilizamos o *classroom*. De acordo com as experiências do ano passado, pelo menos eu falo por mim, já estamos mais à vontade e este ano correu melhor e acho até em termos dos alunos também, eles já estavam mais familiarizados com a plataforma. E eu acho que foi bom ser apenas uma plataforma.

A: Quando essas instruções ou indicações vieram da Direção elas vinham já fechadas, ou seja, as coisas iam ser daquela maneira ou de alguma forma sentiu que havia alguma abertura para sugestões da parte dos professores, neste caso de Educação Especial?

Prof6: Não. A situação era assim, a plataforma era essa e foi para todos, eu acho que foi bem definida e até nem faria sentido cada colega utilizar uma plataforma diferente, não é? Os miúdos têm várias disciplinas se cada professor utilizasse uma plataforma diferente, ainda por cima estes com mais dificuldades aí é que se desorientavam completamente. Agora, em termos de utilização de outros materiais, da maneira como dávamos as aulas nós sempre tivemos

liberdade total a esse nível. Tínhamos a parte das horas que tínhamos que dar, tanto no ano passado, que foi diferente, como neste ano. Tínhamos que seguir aquele calendário, aquele horário e a partir daí geríamos as nossas aulas com os miúdos de acordo com aquilo que achávamos necessidade em relação a cada um.

A: Como é que essa informação, essas indicações gerais chegaram até aos professores de Educação Especial? Através de quem e de que forma?

Prof6: Foi mais através da coordenadora, da (nome).

A: Tanto no ano passado como este ano?

Prof6: Sim.

A: E como é que chegou aos miúdos e aos encarregados de educação? Quem fez esta ponte para fora da escola?

Prof6: Por norma fomos nós, os professores de educação especial. Contactávamos os miúdos e nos casos mais difíceis, pronto, a Direção e entrava também o Diretor de turma. Mas nestes miúdos de adicionais, por norma, eramos mais nós.

A: E este ano também?

Prof6: Sim, sim, sim.

A: Se se recordar do ano passado, como já disse há um bocado ficamos de repente em casa, recorda-se quanto tempo é que passou entre o dia que ficamos em casa e efetivamente recomeçar o trabalho com os alunos?

Prof6: Sei que começamos o trabalho com os miúdos depois das férias da Páscoa. Houve aquela pausa, fomos para casa... Acho que foi duas semanas antes das férias da Páscoa, depois colocou-se as férias da Páscoa e depois começamos as aulas *online*. Entretanto durante as férias da Páscoa, pronto, tivemos que nos organizar e fazer determinados contactos.

A: E naquelas duas semanas antes?

Prof6: Nas duas semanas antes eu acho que estávamos todos um bocado assim sem saber o que é que nos estava a acontecer. Acho que foram duas semanas tipo um buraco negro (risos). Mas acabamos por... Contactamos mais com os colegas para vermos como é que as coisas iam funcionar, e alguns Encarregados de Educação e alguns miúdos que tinham mais dificuldades e que andavam mais, pronto...

A: E este ano?

Prof6: Este ano foi de uma forma diferente porque as coisas já estavam mais organizadas, não é? Já sabíamos, mais ou menos, ao que íamos, tivemos também logo a diretriz do Governo a dizer estas semanas são mesmo de férias, não há aulas, não há aulas *online*, não é... Nessas

semanas acabamos por nos organizar individualmente e depois começamos nas aulas *online* seguindo o horário que cada um tinha.

A: Quando recomeçou, recomeçou com todos os seus alunos?

Prof6: Sim.

A: E no ano passado, depois do que me disse, depois da pausa da Páscoa também recomeçou com todos os alunos ao mesmo tempo.

Prof6: Sim.

A: No ano passado o seu horário teve que sofrer alterações para passar do presencial para o *online*?

Prof6: O ano passado sim. No ano passado foi feito de uma maneira diferente, cada miúdo tinha um tempo independentemente do horário que nós tínhamos na escola, nós distribuimos um tempo, ou dois tempos, por cada miúdo. Tivemos que ver o horário deles da turma e poder encaixar os nossos tempos a nível individual nesse horário deles. Neste ano, não. Neste ano seguiu-se o horário que nós tínhamos.

A: Tanto para alunos com seletivas como adicionais?

Prof6: Sim.

A: Então é correto dizer que no ano passado houve alterações no horário, de carga horária e este ano isso não aconteceu?

Prof6: Este ano não aconteceu.

A: Lembra-se quantos alunos com medidas seletivas e adicionais acompanhava o ano passado?

Prof6: (breve pausa) Adicionais, penso que eram três, no ano passado acho que eram três... Ai não, era um, estava a fazer confusão com o ano anterior. Mas os outros já tinham ido para a secundária, não. Um e os restantes, que já não me lembro sinceramente quantos é que eram, eram de seletivas.

A: No ano passado continuou a acompanhar os mesmos alunos... Estávamos no presencial e entramos para o a distância, os alunos que acompanhava antes continuaram os mesmos?

Prof6: Sim.

A: E este ano?

Prof6: Também.

A: Quantos alunos tem este ano de seletivas e de adicionais?

Prof6: De adicionais tenho três... E os outros... No total tenho 15 ou 16, acho que é isso. É que são tantos (risos)... Aliás, dos seletivas são por volta de 13 e os de adicionais são 3, acho que é isso. Posso aqui confirmar... Depois tenho vários alunos da mesma turma que alguns são adicionais e alguns são seletivas e então... Deixe lá ver...

A: Acaba por conseguir juntá-los em algumas ocasiões.

Prof6: Sim. Olhe no final são 13, depois entretanto entrou outra miúda, 14... Eu acho que são 14 ou 15, eu acho que é isso... Porque entretanto entrou outra miúda, isto sofre sempre alterações, não é? (breve pausa). Sim, 14, 14 acho que é isso, 14.

A: Este ano como é que está a fazer o acompanhamento a estes alunos agora no ensino a distância?

Prof6: Estamos a seguir o horário de cada um.

A: E é integralmente *online*? Tem parte presencial?

Prof6: Não, não. É tudo *online*.

A: Tanto seletivas como adicionais?

Prof6: Sim.

A: E no ano passado?

Prof6: No ano passado também era tudo *online*.

A: Não havia alunos sem meios informáticos?

Prof6: Eu não tinha, todos podiam aceder e este ano também. O que era mais complicado acedia com a mãe, mas lá estava...

A: Mas acedia...

Prof6: Sim.

A: No ano passado que limitações e constrangimentos sentiu na organização, nesta organização que permitiu adaptar ao ensino a distância? Em relação ao ano passado, que limitações ou constrangimentos sentiu na transição?

Prof6: Era mais também aquela situação de, pronto... Nós temos mais ferramentas para nos adaptarmos mais rapidamente para as tecnologias, não é? E os miúdos e os Encarregados de Educação tiveram mais dificuldades a esse nível. Mesmo em mexer na plataforma, principalmente os mais complicados, os outros até conseguiam fazer as coisas razoavelmente. Pois lá está, aquele mais complicado tinha que ter a mãe ao lado.

A: Precisava mesmo de ajuda...

Prof6: Sim, sim, sim.

A: No ano passado ao longo do processo, ao longo das semanas em que estivemos em ensino a distância, foi necessário fazer algum tipo de ajuste ou alteração em relação às orientações, ao plano original?

Prof6: Aquilo que eu tive sempre o cuidado de fazer, por exemplo, sabendo que estávamos todos em casa e que os miúdos não podiam sair e os pais também não e que não podíamos... E muitos deles não tinham impressora, tínhamos que adaptar quase semanalmente as atividades,

tendo em conta essas lacunas da parte de... Lacunas que acabam por não ser lacunas porque ninguém é obrigado a ter impressora em casa, mas este ano também... Eu pessoalmente também tenho em atenção essa situação, que meios e que ferramentas é que os alunos e os pais têm em casa que nós podemos utilizar para as coisas correrem bem. Uma coisa é estar na escola e dar uma ficha em suporte de papel para treinar a grafia, não é? E outra coisa é *online* e a criança não ter, por exemplo, uma impressora para imprimir e treinar a grafia. Eu acho que os maiores constrangimentos se calhar também vai a esse nível, mas pronto... Eu acho que aí acaba por não ser culpa de ninguém. Não há nada, não há nada perfeito, nós temos é que nos adaptar aquilo que temos à nossa frente e tentar trabalhar com isso. E foi o que eu fiz e acho que os colegas também fizeram a mesma coisa.

A: E este ano está a sentir o mesmo, que as dificuldades e os constrangimentos serão a esse nível?

Prof6: A esse nível, por exemplo... Mais ao nível, por exemplo, sim da impressora... Esse meio acho que é importante... Não, lá está... É importante para este nível que eu disse porque estes miúdos também têm que desenvolver a motricidade fina e a nível de... A distância é mais complicado nós desenvolvermos essas capacidades, nesses miúdos... Essa é se calhar a parte de maior dificuldade. Dificuldade... Acho que é essa, desenvolver essas competências ao nível dos miúdos, porque de resto tem funcionado bem. Eu acho que até tem funcionado bastante bem.

A: Como é que está a ser feita a articulação entre professores, professores de Educação Especial, professores dos Conselhos de Turma nesta fase de ensino a distância?

Prof6: Bom, eu faço uma articulação muito próxima com os colegas a quem dou apoio em sala de aula, que vou para a sala de aula com eles, que normalmente é o professor de português, de Educação Tecnológica e com os Diretores de Turma. Basicamente essa articulação é quase diária com esses colegas.

A: E no ano passado?

Prof6: O ano passado já não se deu tão bem assim, a gente estava no apoio, por exemplo, eu não... Enquanto estava na escola tinha apoios em sala de aula, no ano passado também, e depois quando ficamos em casa esses apoios passaram praticamente a ser individualizados comigo. Não houve essa articulação com o professor da disciplina no ano passado.

A: E com os técnicos especializados, no ano passado, houve algum tipo de articulação?

Prof6: No ano passado aquilo que acontecia era enviarem um plano semanal para mim, eu enviava para os pais durante aqueles 15 dias. Começou semanal, mas depois passou de 15 em 15 dias porque viram que não dava resultado em termos de 7 dias aquele plano. Prolongaram

para os pais trabalharem com os miúdos, naquele caso, com um miúdo em termos de terapias. Depois davam-me o *feedback* a mim e eu dava aos técnicos. Mas no ano passado não houve, por aquilo que me apercebi, pelo menos no meu aluno contacto direto *online* com...

A: E este ano tem alunos com terapias?

Prof6: Este ano tenho um com terapias, sim. Em que foi dito que poderia ser presencial porque a terapeuta dava presencial e ele não quis ir, pronto. É um miúdo que tem medo e então não quis ir. Então acabamos... E acho que por aquilo que me apercebi também não está a ter *online*.

A: E com os encarregados de educação, como é que tem sido a articulação da sua parte com os encarregados de educação?

Prof6: Tem sido boa. Têm, pronto... Tenho tido um *feedback*. Quando têm problemas têm contactado, eu quando sinto que há algum problema também tenho contactado e pronto.

A: No ano passado também estabelecia dessa forma contacto com os encarregados de educação?

Prof6: Sim, sim. Mais com aquele aluno problemático que não tinha tantas... Não era tão funcional. Este ano os meus miúdos são mais funcionais, não dependem tanto da ajuda direta para estar comigo a trabalhar com os pais ao lado, não é? O ano passado era o miúdo que não verbalizava, aliás verbalizava só sons. A comunicação era muito através dos gestos, das imagens... Era diferente. Tinha mesmo que estar ali, o Encarregado de Educação em cooperação comigo. Funcionou bastante bem e até me surpreendi, como é que funcionou tão bem. Estava com muito receio e pensei “Como é que eu vou trabalhar com este miúdo *online*?”, mas pronto, lá correu bem e fiquei bastante surpreendida pela positiva. Este ano os meus miúdos acabam por não depender tanto dos Encarregados de Educação para isso têm autonomia para, entre aspas, se desenrascarem sozinhos ao seu ritmo, mas entram sozinhos no *classroom*. Coisa que com esse aluno no ano passado não acontecia porque não conseguia... Eles conseguem entrar sozinhos, conseguem depois fazer as tarefas sozinhos, ao seu ritmo, mas conseguem.

A: No ano passado, quando isto tudo aconteceu o Decreto n.º54 ainda estava muito recente nas escolas e uma das bandeiras do 54 é a inclusão. Na sua opinião, que dificuldades ou barreiras no ano passado, no ensino a distância, em particular na resposta nesta escola sentiu que haveria à inclusão destes alunos?

Prof6: Lá está... Foi provavelmente... Isso acaba por ser uma, entre aspas, uma bandeira nossa, dos professores de Educação Especial, não é? Porque queremos sempre incluir os miúdos nas turmas e às vezes temos um bocado de resistência da outra parte de alguns colegas que não têm essa sensibilidade. No ano passado aquilo que aconteceu, lá está... Eu acho que

ponho isso em termos do choque e da rapidez com que as coisas se passaram, não é? Porque no ano passado não houve essa articulação sequer com os colegas da integração dos miúdos *online* dentro da turma, coisa que este ano já fazemos o apoio dentro da turma e o apoio fora da turma já corre de outra maneira. Eu acho que... É por isso que eu há pouco comecei por dizer não é a Direção, nesse aspeto não ponho o foco na Direção, ponho o foco no Governo na organização. E este ano também na organização, na gestão em termos das indicações superiores e depois nós cá em baixo é que temos que nos desenrascar, não é?

A: A resposta do ano passado e a deste ano tem diferenças, acha que este ano em termos de inclusão as dificuldades aumentaram ou diminuíram?

Prof6: Penso que diminuíram. Como estava a dizer, no ano passado nós não conseguíamos ir às aulas dentro da sala de aula dos outros colegas, este ano tenho o meu horário em que tenho horas que vou à sala dos colegas e depois faço a gestão com o colega, se for necessário sair da sala e fazer um trabalho mais próximo, vou para a minha sala, depois volto e há uma articulação muito melhor. No ano passado não havia pura e simplesmente, não é? (risos) Por isso...

A: Da sua parte deu alguma sugestão, quer no ano passado, quer neste ano? Depois de implementado o plano deu alguma sugestão no sentido de melhorar algum aspeto que na sua opinião estivesse menos bem ou que pudesse ser melhorado?

Prof6: Nem sei o que é que disse na altura, mas pronto... Aquilo que eu penso é que tem sempre que haver mais uma articulação com os colegas da sala e tem que haver mais uma sensibilidade para integrar estes miúdos lá em termos da inclusão porque de resto, coisas específicas que eu tivesse dado não me lembro.

A: E este ano?

Prof6: Este ano lá está, as coisas estão a correr bem melhor, eu acho. Sinto que as coisas estão a correr bem melhor, apesar de ser muito, muito, muito cansativo. Muito cansativo, a parte má é essa, acabamos por talvez trabalhar mais horas consecutivas, seguidas e é muito complicado depois a parte familiar, a nossa parte familiar. Também tenho uma miúda no 4.º ano que tive que estar aqui com ela também em aulas e pronto. Esta parte dessa gestão escolar profissional com a familiar e as horas extra é muito complicado.

A: Esta experiência forçada de ensino a distância, tanto no ano passado como este ano, obrigou a reinventarmos a nossa forma de trabalhar. Resumidamente de que forma é que acha que teve que reinventar a sua forma de trabalhar a nível da comunicação, das estratégias pedagógicas eventualmente diferentes que teve que implementar, nos recursos que passou a usar. De que forma é que se reinventou, tanto no ano passado como neste ano?

Prof6: Lá esta... Eu por acaso sempre fui uma pessoa que sempre gostei muito das tecnologias e então não tive muita dificuldade em me adaptar mesmo no *classroom* que era novo para mim e para todos, não é? Pois lá está, eu achei que foi uma boa aposta, o *classroom* porque é muito intuitivo, acho que é uma plataforma muito intuitiva e não tive dificuldades, eu falo por mim, que calhar há colegas que tiveram, não é? Não tive dificuldade em utilizar a plataforma nem as mais-valias dessa plataforma. Há pessoal que começou a usar, no ano passado, o *zoom* primeiro. Eu gosto mais do *meet*, está tudo ali, está tudo organizado. Talvez por ser uma pessoa organizada, gosto das coisas estruturadas e organizadas. E então parece que não tive assim muitas dificuldades, acabei por também utilizar muitas coisas que já usava, muitos vídeos, muitos recursos da internet que já utilizava. Em termos de ritmo, o ritmo tem que ser mais lento principalmente para estes miúdos e porque lá está, não podemos ir buscar uma folha e dizer “Olha é assim”... Temos que ser mais apelativos na forma como falamos, mesmo da voz, dos gestos e dessas coisas. Eu acho que é como na televisão, provavelmente, temos que dar mais ênfase a determinadas situações do que se calhar não damos em sala de aula porque estamos mais próximos. Como nós trabalhamos ao nível individual é diferente, nós estamos próximos, mas estamos longe. Depois utilizei uma série de outros recursos que já tinha utilizado no ano passado também e que às vezes também usava em sala de aula, *kahoot*, alguns *sites* assim desse género de trabalhos, alguns fazia outros aproveitava... Relativamente ao *Google forms* também acho que é uma mais-valia, comecei a fazer inúmeros *Google forms* para as aulas, em que com estes miúdos não punha no *stream* e agora faço. Fazia em conjunto com eles e agora faço em conjunto com eles durante as sessões, é um trabalho de partilha e não de trabalho autónomo. E faço questão de fazer essas situações assim em vez de colocar trabalhos, faço lá... Como há muitos colegas de outras áreas que colocam no *stream*, pronto... Uma das coisas que eu também acabei por aperceber-me em relação a esses trabalhos é não colocar data de entrega, por exemplo. E há esses pormenores mais específicos que fui aprendendo de acordo com aquilo que cada aluno me dava para trabalhar, nós trabalhamos muito assim.

A: E em termos de comunicação, quando digo comunicação estou a falar com alunos, com pais, com toda a gente, sentiu que teve que fazer alguma coisa diferente em relação ao que fazia presencialmente?

Prof6: Eu acabo por também achar que por um lado, isto é um bocado contraditório, mas em termos de alguns miúdos também achei isso... Alguns miúdos que têm, por exemplo, problemas de autoestima que é-lhes mais fácil trabalhar aqui *online* do que em sala de aula e em grande grupo e em relação aos Encarregados de Educação também acho que isto acabou por, lá está... É uma contradição, mas estando longe se calhar tornamo-nos um bocadinho mais próximos a

esse nível. Uma proximidade maior porque estamos sozinhos, vemos a outra pessoa do outro lado pedimos ajuda e eles pedem-nos a nós, os pais também e pronto. Depois havia situações que dizia “Olha, a tua mãe está aí?” ou “Chama lá a mãe que eu preciso falar com ela sobre um assunto.”, e acabava por ser até mais rápido do que estando na escola, “agora tenho que telefonar”, “agora tem que ir á escola”, mas pronto. Nesse aspeto é engraçado porque é uma contradição interessante.

A: Em relação às suas dificuldades, já me falou um bocadinho disto, mas agora de forma resumida, que dificuldades sentiu em termos de organização, quer no ano passado quer neste ano? As suas maiores dificuldades.

Prof6: Do ano passado foi aquela situação de ser tudo muito drástico e termos que nos organizar e encaixar os nossos horários individuais nos horários dos alunos. Tinha que ser só naqueles dias porque nos outros dias também não podia ser porque tinham outras atividades e nesse aspeto foi mais complicado. Este ano em termos de horários e de gestão foi mais fácil. Eu senti mais fácil, mas lá está, eu não sei se... Já estava tudo organizado, foi tudo organizado desde setembro, os tais três horários mistos e pronto. Já tínhamos passado pela experiência, em termos de organização é assim. E depois o que é que acontece também, não é em termos de organização, mas é um constrangimento é de vez em quando há umas falha na *internet* dos miúdos e então não se conseguem ligar e pronto, é assim...

A: O que eu lhe vou perguntar agora é sobre as dificuldades que sentiu ao nível dos recursos.

Prof6: Pois... Senti que de vez em quando alguns alunos não se conseguiam ligar por uma ou outra falha de *internet*, mas até em termos disso a escola disponibilizou os computadores aos miúdos logo desde o início, teve esse cuidado principalmente aos nossos, da Educação Especial, os mais complicados já tinham um projeto, já tinham os computadores, levaram alguns computadores para casa, não houve problemas a esse nível. Depois aquilo que eu vi também dos outros miúdos das seletivas quando acontecia alguma situação em que os miúdos não se conseguiam ligar pelo computador ou pela internet iam para a escola. Havia sempre a alternativa de irem à escola, não conseguem ter as aulas em casa vão ter as aulas na escola, por isso eu acho que nenhum miúdo ficou sem aulas, pronto, não é?

A: E no ano passado? Porque não havia essa possibilidade de irem à escola...

Prof6: Não. No ano passado os meus, como eu disse, todos se ligaram, ou por telemóvel, alguns não tinham... Pronto, lá está, no ano passado foi uma coisa assim... Foi um choque. Então os miúdos se não tinham computador tinham *tablet*, se não tinham *tablet* tinham telemóvel, de alguma maneira eles ligavam, não é? Acabavam sempre por se ligar. Este ano a coisa foi mais orientada.

A: Em termos de comunicação disse-me que acabou por aproveitar as plataformas para também ser mais uma forma de comunicação com os pais e com os miúdos.

Prof6: Sim.

A: A nível pessoal, sem entrar em pormenores, quais foram as maiores dificuldades que sentiu para se adaptar ao ensino a distância tanto no ano passado como neste ano?

Prof6: Em termos pessoais foi aquilo que eu disse há pouco, a gestão profissional com a gestão familiar no ano passado foi traumática (risos). E a questão de eu dizer que a escola fez muito bem em utilizar apenas uma única plataforma é porque eu tive o exemplo da minha filha que utilizavam quatro... 1.º ciclo. 1.º ciclo, ora a miúda não conseguia estar sozinha, na aula tinha que estar sempre eu a ligar, depois era o trabalho nesta plataforma porque o manual estava naquela plataforma, depois o outro manual já estava noutra editora que era numa diferente.... Depois as aulas eram no *zoom* que aparecia sempre lá o *link* cada vez que nós... E depois ainda havia o *classroom*, então foi uma confusão (risos). Para além disso... É por isso que eu digo que eu tenho o melhor e o pior dos dois mundos. Tenho o exemplo pessoal e o profissional e se calhar também algumas coisas que eu aprendi com a situação da minha filha que não quis fazer com os meus miúdos. Eu tiro um bocadinho daqui, um bocadinho dali, eu vou fazendo sempre... Porque vi a dificuldade dela e a situação que aconteceu no ano passado também é que só tinha dois tempos de 1.º ciclo, duas horas por semana, uma ao início da semana e outra no final da semana e pelo meio trabalho autónomo, muitos trabalhos, muitos trabalhos, muitos trabalhos e essa questão das várias plataformas. Aqui, o ano passado acabou-se por fazer o melhor que pudemos, não é? Conseguimos encaixar mesmo assim, lá está... Mesmo assim é por isso que eu tenho dois exemplos destas duas escolas diferentes. Acabava por... Apesar de ter sido também assim feito de uma forma rápida, tinha que ser, funcionou melhor porque logo à partida sendo uma plataforma as coisas funcionam muito melhor do que quatro (risos). Não conseguem mexer... Eu no ano passado... É por isso que este ano, cada vez que passava de irmos para casa... E ainda estive duas semanas que me mandaram para casa porque houve um caso de covid numa turma, foi o conselho de turma para casa também, eu cada vez que me lembrava que ia para casa com aulas *online* eu e a minha filha, vamos ficar traumatizadas outra vez. No ano passado foi um trauma, “Eu não quero ir.” (risos). Eu era das tais que bati o pé, eu faço greve mas fico na escola. Mas vou trabalhar (risos). É o contrário vou trabalhar. Isso foi muito, muito complicado, foi a questão mais complicada no ano passado, foi mesmo nesse aspeto e vi na miúda também que foi mais complicado... Este ano, graças a Deus, da parte da minha filha escolheram só uma plataforma. Se bem que eu apercebi-me que houve duas colegas lá da escola dela que são as únicas a utilizar o *classroom* mas as outras continuam a utilizar...

Pediram autorização para... Foi o que me pareceu, mas eu graças a Deus, que a professora da minha filha... E então, este ano correu bem melhor, ela muito mais autónoma, lá está... Eles no ano passado eles já mexeram no *classroom* e este ano aquilo já era normal para eles. E nós até agora... Outro aparte, agora que tem a ver também é que no início das aulas acabamos por também fazer as salas no *classroom*, convidar os miúdos. Isso já estava tudo feito, já estava tudo organizado. Eu fiz isso logo em setembro. E de vez em quando mandava um trabalhinho e trabalhava com eles no *classroom* para eles se ambientarem. Então, quando nós viemos para casa já era normal também para os miúdos. Temos que aproveitar as tecnologias, não é? Nem tudo é mau. Não podemos fazer nem 8 nem 80.

A: E os pais, quais eram, no ano passado, as maiores dificuldades que iam reportando quando falava com eles?

Prof6: Eram... Eram as minhas dificuldades como mãe. Era a mesma coisa... Era o excesso de trabalho, o excesso de trabalho dado pelos outros professores principalmente nos miúdos das seletivas.

A: E os de adicionais tiveram algum tipo de dificuldade?

Prof6: O ano passado eu, lá está... Eu no ano passado era só um tempo ou dois com aquele miúdo e aquele miúdo não tinha aulas com a turma, por isso, esse problema nesse miúdo não se punha. Porque eu também acabava por passar tarefas, tinha aulas com ele, fazia as atividades com ele e depois passava... Por acaso tinha impressora, tive esse cuidado de perguntar à mãe e como tinha a impressora eu passava-lhe atividades para ele treinar a escrita durante a semana e atividades de motricidade fina de algumas atividades para ele fazer, depois tirava fotografias e enviava-me e pronto houve assim um relacionamento próximo com...

A: E este ano, que dificuldades é que os pais têm reportado?

Prof6: Os pais... Eu assim diretamente não tenho tido assim grandes dificuldades reportadas pelos pais, mas pronto... Pessoalmente não, o que é bom não é?

A: No ano passado, a escola apresentou uma solução para o ensino a distância, acha que os pais e os alunos receberam bem a resposta que a escola ofereceu?

Prof6: Eu acho que, lá está... Não acho que foi uma resposta má, pelo contrário acho que... Tanto no ano passado com neste ano também havia sempre a possibilidade de, agora lembrei-me, de que se os miúdos não tivessem determinados materiais poderiam ir à escola buscar, por exemplo, esse miúdo os pais foram buscar, desse das adicionais, no ano passado, foram buscar lá a caixinha dele e uma série de materiais descartáveis que ele pudesse depois utilizar. Por isso a escola estava sempre disponível no que fosse necessário para colmatar algumas dificuldades deste género que a escola pudesse, não é?

A: Acha que essa disponibilidade da escola, tanto no ano passado como este ano, ajudou a que os pais aceitassem melhor o plano?

Prof6: Sim, eu acho que sim, quer dizer, isso foi muito complicado e está a ser muito complicado para todos e ter o apoio da escola é uma mais-valia.

A: E este ano os pais estão a aceitar bem as respostas que a escola implementou?

Prof6: É o que eu digo. Eu da minha parte parece-me que sim... Não tenho tido nenhum *feedback* negativo. Agora não sei, lá está, em relação pronto... Estamos a falar mais, falo mais até... Quando me estou a direcionar estou a pensar mais nestes miúdos que passo mais tempo das adicionais, tenho mais horas com eles e pronto...

A: Vamos imaginar que haveria uma terceira...

Prof6: Não (risos).

A: Vamos imaginar que (nome) tinha algum poder de decisão, ou seja, estaria a preparar um novo plano de ensino a distância e tinha poder de decisão. Que melhorias introduziria relativamente ao plano do ano passado e ao deste ano? O que é que acha que faria com que a resposta da escola ainda fosse melhor, numa terceira situação semelhante a estas de ensino a distância?

Prof6: Para já computadores para os professores também não era mau porque eu, por acaso, lá está, tenho a sorte de ter o meu computador e a minha filha ter o dela, mas sei que há muitos colegas que não têm essa sorte e é muito complicado mesmo muito complicado. Mesmo tendo dois computadores eu, por acaso, às vezes tinha aulas ao mesmo tempo, não é? E só dizia “vê lá se pões os *phones* para eu não ouvir” e ela às vezes diziam-me “e tu também” e tínhamos que gerir esta coisa toda. E sei que alguns colegas, não só desta escola provavelmente, nesta escola não tive conhecimento, mas sei de outras escolas que foram para a própria escola porque estavam com problemas. O professor estava com problemas em termos de recursos. E essa situação... Acho que um médico tem as ferramentas para trabalhar e nós também precisamos, eu acho que a nossas ferramentas neste caso são o computador, a internet e essas coisas todas, não é? E devíamos mesmo ter mais acesso, não é? E terem-nos disponibilizado mais computadores e banda larga para a internet não estar sempre a... Esse género de coisas é fundamental. Depois em termos de formação, há colegas que falam também em termos de formação. Em termos de formação como eu sou e sempre fui muito autodidata, acho que na internet temos quase tudo aquilo que precisamos para, entre aspas, nos desenrascar e pesquisamos para nos desenvolvermos nesse aspeto. Eu sei que há colegas que dizem “Precisamos de formação nesta área específica para este programa”, eu acho que hoje em dia quem quiser pode ir à internet e investigar, explorar determinado programa e consegue chegar

lá sozinho sem formação. Acho que não é pela formação, isso é a minha opinião, há tanta coisa aí...

A: Falou-me de aspetos relacionados com professores, ou seja, falou da formação, falou dos equipamentos. E que outras coisas poderiam ser melhoradas, por exemplo, olhando pelo lado dos pais, dos alunos, pelo lado da organização, o que é que poderia eventualmente...

Prof6: Apesar de haver uma... Já há uma articulação relativamente boa entre, provavelmente não é entre os colegas todos nem os pais todos, mas.... Acho que deveria haver uma maior articulação entre, por exemplo, determinados grupos...

A: Disciplinares?

Prof6: Sim, e a Educação Especial. Acho que Educação Especial abrange tantas áreas, é? É tão abrangente e provavelmente podíamos fazer um trabalho diferente mesmo presencial e mesmo fora, mesmo *online* se houvesse uma articulação ainda maior entre os vários grupos disciplinares e o nosso de Educação Especial. Acho que essa é também a... Isso vai um bocado bater na inclusão também, também acaba por bater um bocado nessa questão porque depois há realmente alguns grupos, alguns colegas que não têm aquela sensibilidade do miúdo. "Ai ele não consegue acompanhar", pois é normal que ele não consiga acompanhar, não é? É claro que ele não vai acompanhar (risos). Não vai ter as mesmas competências do que os outros, pronto. Se calhar essa parte deveria ser bem mais trabalhada nas escolas todas, por aquilo que eu tenho visto porque acho que é transversal. Acho que é um bocadinho mais por aí, acho que a maior lacuna até é aí. Não sei se estou a pôr alguns dedinhos nas feridas, mas pronto.

A: Não, não.

Prof6: É anónimo não é? (risos)

A: É completamente anónimo. E honesto que é o que eu pretendo.

Prof6: Pronto, ok.

A: Uma última questão para terminarmos. Esta experiência foi nova...

Prof6: Traumatizante (risos)...

A: Não deixa de ser uma grande experiência pela qual todos passamos e que nos obrigou a alterar muita coisa em relação àquilo que eram os nossos hábitos. Na sua opinião, quais são as principais aprendizagens, positivas ou negativas, que esta situação provocou e que nós possamos eventualmente aplicar no futuro?

Prof6: É uma questão muito filosófica também (risos). Eu acho que sim porque a todos os níveis... Em termos de profissão e em termos pessoais... Acho que há aqui várias questões. E muitas, se calhar pouca gente fala nisso e até nos media falam muito pouco nisto e eu acho que esta questão afetou as crianças a nível cognitivo e a nível de sentimentos de convívio e os

adultos também. Eu senti isso e sabia, mas achei muito interessante, pela positiva e pela negativa, é claro quando um miúdo numa aula *online* “Professora quando é eu isto acaba? Estou tão farto.”. Uma coisa é nós sabermos que estamos todos fartos outra coisa é ouvir um miúdo a dizer que está farto e então aquilo tocou-me, tocou-me muito e por acaso nunca mais me esqueci e não foi há muito tempo quanto isso. “Professora estou tão farto. Quando é que nós voltamos para a escola? Isto é sempre a mesma coisa.” E esta parte é que me fez dar o clique, “É sempre a mesma coisa, a gente levanta-se toma o pequeno-almoço, vamos para o computador. Estamos o dia todo lá e depois a aula termina o que é que fazemos? Vamos tomar banhinho, vamos jantar e vamos dormir e no outro dia é igual, voltamos ao mesmo.” Isto foi... Por acaso... Tenho pena, não podia gravar, aquilo apanhou-me desprevenida... Porque eu acho que isto está a afetar a nível mental mesmo toda a gente e as pessoas não se estão a dar conta. Pela parte positiva e pela parte negativa, porquê? A parte negativa é esta situação de não convívio, não é? Não convívio de nós não conseguirmos e os miúdos então nestas idades, desde os pequeninos aos maiores. Os *teenagers* então que precisam tanto de conviver, de estar com os amigos e com as amigas, essa parte que lhes foi tirada, que é mesmo assim. E depois a outra de estarmos todos no mesmo sentido por outro lado acabamos por nos apoiar mais, é aquela situação da proximidade do *online*. Esta contradição eu acho que é um bocadinho... Acho que é por aí, acho que é o melhor e já não vou falar das tecnologias e da gestão e dessas coisas todas que isso com certeza toda a gente vai falar e eu acho que a parte melhor e a parte pior é esta parte do cognitivo e pronto, da proximidade com as pessoas.

A: Acha que isso poderá levar a uma valorização da escola por parte dos alunos?

Prof6: Eu acho que sim e por parte dos Encarregados de Educação. Eu acho que, graças a Deus, entre aspas, foi preciso isto para nos valorizarem um pouco mais. Eu acho que havia e há muitos pais ainda em casa a ter aulas *online*, há muitos pais que estão desejando ver os miúdos na escola. E que estando em casa confinados acabaram por ver o trabalho que os professores fazem com os filhos e se calhar dessa maneira acabaram por ter uma visão diferente daquilo que tinham, não é? O professor normalmente era o cliché, o professor é ensinar e se não dá boa nota é porque o meu filho... A culpa não é do meu filho é do professor. Era só... Agora parece que não, parece que a situação inverteu-se um bocadinho e somos mais valorizados, vamos lá ver até quando, o português esquece muito rapidamente....

A: Em termos práticos, disse-me há bocado que já usava as tecnologias, mas necessariamente teve que usar mais e os recursos digitais também. Acha que alguns desses hábitos, que teve que adquirir agora, poderão ficar para o futuro?

Prof6: Eu acho que alguns devem ficar, aliás é como lhe disse há bocadinho, acho que aproveitei este ano logo o início do ano para trabalhar com eles no *classroom*, aproveitei logo essa parte, não era por estar presencial que deixei de utilizar essa plataforma, acho que é uma plataforma que devemos utilizar, esta por exemplo, para... Mesmo indo para a escola podemos fazer determinadas coisas com os alunos no *classroom* e não o deixar de parte, acho que temos que começar a pensar em utilizar as duas coisas, não é? Os miúdos precisam de correr, de mexer, isso tudo é verdade, não é por nada que eu sou de EVT, a minha formação base das artes... E é fundamental isso, o mexer, o cheirar e as sensações todas que isso nos dá, mas por outro lado também acho importantíssimo os recursos que as tecnologias nos dão a todos os níveis. Na aprendizagem da leitura, por exemplo, que há uma série de ferramentas muito mais apelativas, mesmo sendo nós a criar, por exemplo, com alguns programas é muito mais apelativo para os miúdos esse género, mas depois complementado com a parte mais prática. Não podemos descartar uma coisa em virtude da outra tem que ser... Complementarem-se por que se não... Mas também é assim, como eu já ouvi, que depois há pessoal que provavelmente se calhar não tinham tido esta experiência e aí tecnologia... Ficarem todos admirados e todos contentes com estas tecnologias todas e que agora só querem utilizar a tecnologia, também não. (risos) Temos que saber fazer assim uma... Ponderar na balança.

A: Eu não tenho mais perguntas, não sei se há alguma coisa que queira acrescentar...

Prof6: Não, assim de repente que me lembre, não...

A: Resta-me agradecer-lhe. Obrigadíssima.

**Apêndice VI – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Técnicos
especializados**

Transcrição da entrevista semiestruturada – Terapeuta da Fala (TF)

Data: 9 de abril de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 31 minutos e 4 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Muito obrigada por me conceder esta entrevista. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e também garantir que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Relativamente à nossa conversa por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de iniciarmos a nossa entrevista?

TF: Nada. Por mim podemos começar.

A: Para começar preciso de saber alguns dados sobre si para a caracterização do entrevistado. Começo por perguntar-lhe a sua idade.

TF: 38.

A: Formação?

TF: Licenciatura em Terapia da Fala.

A: Quantos anos tem de experiência?

TF: Tenho que fazer contas. (risos) 7, diretos 7.

A: Desses 7, quantos são em ambiente escolar?

TF: Em ambiente escolar 2.

A: Foram estes dois últimos anos?

TF: Sim.

A: Nas perguntas que eu vou fazer peço-lhe para dar a sua opinião considerando apenas o ensino a distância, tanto no ano passado como neste ano. Apesar de este ano a possibilidade do presencial ter sido permitida.

TF: Pois é isso. No ano passado o CRI funcionou de forma diferente de este ano, ou seja, no ano passado o que nós fazíamos era, delineávamos em equipa, foi sempre tudo em equipa, delineávamos em equipa os alunos que tínhamos em conjunto um plano com atividades/estratégias dependendo das dificuldades ou competências de cada aluno não é? E enviávamos para o professor de Educação Especial que entretanto chegava aos pais, à criança. Não houve contacto direto, não houve *online*, não houve...

A: Isso no ano passado.

TF: Isso no ano passado. Este ano já foi *online* ou presencial para quem esteve presencial, eu não estive porque estive de apoio à família.

A: No ano passado quando todos tivemos que ficar a distância sem preparação, recebeu orientações da Direção da escola para como proceder daí para a frente?

TF: Quer dizer, isto foi tudo em conjunto não é? O CRI desenhou o plano com a Direção do CRI. Com a Direção do CRI desenhamos um plano como é que haveríamos de fazer e partilhamos/ajustamos com as coordenações das escolas, tanto que de Agrupamento para Agrupamento acabou por diferir um bocadinho.

A: E no caso particular (nome do Agrupamento) as indicações que vieram da Direção pareceram-lhe claras de início?

TF: Sim, sim, sim, porque a coordenação do CRI tem uma boa relação com a (adjunta da Direção do Agrupamento) e nós tratamos tudo com a (adjunta da Direção do Agrupamento), então é fácil comunicar, a comunicação é funcional digamos assim.

A: De alguma maneira sentiu que tinha a possibilidade de participar nas decisões ou as decisões tanto da Direção do CRI como da escola foram-lhe apresentadas como já estando fechadas, no ano passado?

TF: Não, não senti. Houve muitos ajustes e ao longo das semanas houve sempre ajustes. Quando se via que não estava a correr bem, tanto nós como a escola, acabávamos por fazer alterações porque havia crianças, por exemplo, que os pais não iam à escola buscar sequer atividades, o nosso plano ou havia pais que achavam que era insuficiente, houve sempre alterações em articulação, essa é a verdade.

A: Já me disse que quem fazia chegar aos encarregados de educação as atividades, neste caso, de Terapia da Fala era através da Educação Especial.

TF: Sim eram a ponte, eram.

A: Que alterações, no ano passado, é que o seu horário sofreu? Se é que sofreu alterações...

TF: Tudo, ou seja, eu pessoalmente trabalho para o CRI de manhã, no período da manhã e deixei de ter esse horário específico, ou seja, tinha que delinear as minhas estratégias, as minhas atividades para enviar, no meu horário, no horário que eu conseguia e não das oito e meia à uma...

A: Não era o cumprimento do horário, mas era mais se as tarefas estivessem feitas...

TF: Exato, exato. Não havia dias específicos...

A: Quantos alunos tinha no ano passado na (nome do Agrupamento)?

TF: (pausa) 11.

A: É correto dizer que os alunos que acompanhava presencialmente, no ano passado, foram exatamente os mesmos que acompanhou a distância?

TF: Sim.

A: E este ano o seu horário mudou ou faz o horário que tinha?

TF: Não, o horário mudou. Eu fiquei com... Eu na (nome do Agrupamento) tenho 12 meninos este ano e tenho... Eu estou com sete horas este ano... No ano passado tinha mais horas, mas tinha menos meninos... (risos) Juro, é verdade. A intervenção era mais intensa. Há crianças... A escola... Tenho numa hora duas crianças e é como se fosse meia, enfim...

A: O seu horário mudou em termos de horas, este ano, o *online*?

TF: Sim, ah... O que foi *online* mudou, mudou porque eu tenho meninos que eram de seletivas, medidas seletivas que não tiveram...

A: Peço desculpa não percebi...

TF: Quando tínhamos presencial tínhamos doze meninos, quando fomos para o *online* o CRI só abrangeu os meninos de medidas adicionais. E eu tenho meninos de medidas seletivas que não foram abrangidos pela intervenção *online*.

A: Então antes tinha um conjunto de meninos que incluía adicionais e seletivas que eram, se não me engano, doze.

TF: Doze, exato.

A: E a distância quantos é que ficaram? Quantos desses é que eram de adicionais?

TF: Espere aí... Tenho que ir ver o horário... (breve pausa) Fiquei com dez meninos.

A: E as horas de apoio *online* a esses meninos são nas mesmas horas que eles teriam se estivessem presencialmente na escola, como antes?

TF: Não, mudou. Mudou porque... Primeiro porque havia furos e então acabei por subir ou descer meninos e também porque tentei ajustar o horário aos meus filhos que estavam a ter aulas *online*.

A: Que constrangimentos ou limitações, no ano passado, percebeu no seu trabalho na (nome do Agrupamento)? Se é que sentiu constrangimentos ou limitações ao nível da organização...

TF: Para falar verdade, não.

A: E este ano?

TF: Não. Ó pá, não. A sério, a (nome do Agrupamento) é aquele Agrupamento que a gente diz que se toda a gente fosse, se todos fossem assim estávamos ótimas, estava tudo tranquilo.

A: Disse há bocado que no ano passado, foram sendo feitos ajustes à medida que as semanas iam passando, lembra-se de alguns desses ajustes que foram feitos?

TF: Sim. Olhe, por exemplo, passar atividades, havia um ou outro menino, alguns, que tentava arranjar estratégias ou atividades com materiais de casa não enviar fotocópias porque há pais que não tinham como imprimir ou pais que não queriam ir à escola buscar que a professora de Educação Especial imprimia, não queriam ir buscar e então houve um reajustamento das atividades. Outra situação é, por exemplo, pais que diziam que era muito difícil aquele tipo de tarefa e tínhamos que, ou seja, a criança consegue fazer na escola connosco, em loco consegue fazer, mas em casa com os pais já não conseguia e pronto.

A: E em termos de comunicação, como funcionava a comunicação com a Direção/coordenação de Educação Especial? Como é que era feita a comunicação? Como é que trocavam informações?

TF: Nós temos uma colega que por norma fica responsável pela equipa de cada cidade, neste caso (nome da cidade onde se localiza o Agrupamento), a nossa colega é que fazia a ponte com a (Adjunta da Direção), neste caso, ou seja, a (Adjunta da Direção) ligava para ela... Havia situações em que o tema era diretamente, por exemplo, comigo e pronto era eu que tratava diretamente com a (Adjunta da Direção) ou então com os professores de Educação Especial, por exemplo, algum pai dava algum recado e comunicávamos diretamente com o professor que é com quem a gente realmente trabalha, a (Adjunta da Direção) é só mesmo quando a gente tem alguma coisa mais séria para tratar.

A: Então é correto dizer que articulavas com a (Adjunta da Direção) quando era preciso, articulavas com os professores de Educação Especial, quando era preciso, nomeadamente...

TF: Com os diretores de turma.

A: Também com os Diretores de Turma, nomeadamente com a ponte com os Encarregados de Educação.

TF: Sim.

A: Diretamente não falava com os Encarregados de Educação?

TF: Não, no ano passado. Este ano já não.

A: Então como é que é a comunicação este ano?

TF: Este ano a comunicação... Foi organizado e feito o horário com a coordenação, com a (Adjunta da Direção), foi feito o horário, foi enviado para ela e discutido com ela, depois foi entregue ao professor de Educação Especial porque tínhamos que conciliar quando um estava e o outro não estava. Não foi fácil fazer horários, não é? O *online* não foi fácil, mas muitos miúdos como estavam em casa, apesar das medidas adicionais poderem ir para a escola os pais optaram por ficar em casa, era feito *online* em casa, ou seja, os pais estavam em casa, ou seja, eu contactava diretamente com os pais. Os pais ligavam o computador e falavam comigo eu tenho um autismo profundo em que o pai tem que estar ao lado, não é? Foi mais direto, desta vez foi mais direta a intervenção com os pais.

A: Já me disse que no ano passado conforme o *feedback* dos pais, dos encarregados de educação, foi mudando algumas coisas que ia fazendo para responder às suas necessidades. Este ano foi necessário fazer alguma alteração em função do *feedback* dos pais?

TF: Este ano o que eu fiz foi, sendo *online* e eu estar em casa e ter a capacidade de ir buscar outro jogo e ligar no meu computador e buscar outra atividade. Eu fazia direto, na hora, se eu via que a criança, por exemplo, o autismo, vou dar o exemplo do autismo, naquele dia ou naquele período não está virada para aquele tipo de atividade rapidamente eu mudava porque estava *online*, já conheço a criança e sei que tenho mudar na hora. Não foi nada planeado, “amanhã eu vou fazer isto”, iniciava com uma atividade e se precisasse de mudar na hora mudava e era assim que funcionava.

A: O DL n.º 54, que defende a inclusão, tinha sido implementado há pouco tempo quando no ano passado tivemos que ficar todos a distância. Na sua opinião o plano de ensino a distância, referindo-se tanto ao ano passado como a este ano, acha que permite a inclusão dos meninos com quem lidou?

TF: Os miúdos estavam em casa, onde é que há inclusão? Não há inclusão. (risos) Os meninos estavam em casa, eu estava a incluir a família só. (risos) No ensino a distância não há inclusão. Há o trabalhar competências, que foi o que eu fiz, eu trabalhei competências ou diminui dificuldades, eu não trabalhei inclusão. Inclusão a gente trabalha na escola com o colega, o ensinar a estar e a ser, assim não. Isto é mesmo trabalhar competências, digamos.

A: Isso será verdade tanto para este ano como para o ano passado?

TF: Sim, sim, sim.

A: O que eu vou perguntar agora, já me foi falando um bocadinho, peço-lhe um resumo. Com o ensino a distância todos tivemos que reinventar práticas, processos, formas de trabalhar, as estratégias de comunicação tiveram que ser diferentes... Imagino que nas terapias o trabalho

teve que necessariamente ser diferente e mesmo os recursos... Como é que diria que reinventou a sua forma de trabalhar, tanto no ano passado como neste ano, para responder a esta obrigação do ensino a distância?

TF: Olhe, este ano optei muito por jogos no computador, jogos interativos que a criança do outro lado possa... O que eu não conseguia no *classroom* porque a criança não podia aceder ao meu computador e então em pedi aos pais para fazermos no *zoom* porque conseguia dar o comando e a criança conseguia mexer no jogo ou na atividade, nas peças, conseguia interagir no jogo em si. O que eu fiz foi, fui aos *sites* de terapia da fala e há muitos e comprei jogos de computador, muitos jogos, muitos, muitos, muitos jogos interativos de computador. Essa foi a verdade para várias patologias, não é? Trabalhar várias coisas e comprei um *pack* de jogos e este ano foi isso que utilizei. No ano passado, é pá no ano passado... Foi dar mais asas à imaginação, foi fazer o “quantos-queres?”, pedir aos pais para fazer “quantos-queres?” com várias atividades, tipo uma cara triste, o pai tinha que desenhar uma cara triste e tinha que dizer em que situação em que ficava triste... Foi imaginar, foi inventar.

A: Em termos de dificuldades, tanto no ano passado como neste ano, quais foram as maiores dificuldades que sentiu na organização do ensino a distância?

TF: (pausa) É pá... Porque, acima de tudo, a minha maior dificuldade é que eu tenho crianças em que a patologia é tão grave, tão grave que eu sentia que estava ali só por estar. Eu não estava a fazer nada, nem eu estava a fazer nem a criança estava a receber. Eu estava porque tinha que estar, porque era o horário que tinha que estar. Eu não estava chegar à criança e isso é muito frustrante, muito frustrante. Essa foi a minha maior dificuldade, o ensino a distância não dá para todas as crianças, não dá para todas as patologias e não dá para todos os pais, por exemplo, há pais que não sabem, não têm competências para... Para mim foi difícil, há certas crianças, foi bastante difícil. Paralisias cerebrais em que eu estou ali a fazer o quê?

A: E este ano sente o mesmo?

TF: Sinto porque eu estive *online* também porque eu não fui... Houve colegas que foram para a escola dar intervenção direta, mas eu como tenho dois filhotes... Fiquei *online* e as patologias continuam gravíssimas e... Dá para fazer tudo consegue-se trabalhar bem, mas há patologias gravíssimas que não dá.... Há medidas adicionais que, pronto... O que é que eu hei de dizer?... Tenho paralisias, tenho autismos profundos, tenho síndromes raras, mas... Ah, estamos a falar da (nome do Agrupamento)... Espere aí. (risos) A (nome do Agrupamento), estava para aqui já a divagar para outros agrupamentos... Espere aí. (risos). Na (nome do Agrupamento) consegui trabalhar todos. Já estava aqui a ir para outros campos. Na (nome do Agrupamento) consegui

trabalhar todos, os dois que eu não trabalhei eram porque eram de medidas seletivas, são duas dislexias...

A: Só voltando um bocadinho atrás. No ano passado também não trabalhou com os alunos de seletivas a distância, foi só com os meninos de adicionais?

TF: Não. No ano passado foi tudo. No ano passado trabalhei com todos os meninos, de seletivas e adicionais. Este ano é como eu fiquei, fiquei *online*... Primeiro a instrução que tinham dado é que só as adicionais é que podiam ir para a escola ter intervenção direta, não é?

A: Sim, sim.

TF: Essa foi a primeira informação e depois eu comecei logo a fazer o horário e ficou assim só as adicionais para intervenção *online*.

A: Que dificuldades sentiu em termos de recursos, no ano passado?

TF: O pá, no ano passado como a gente fazia as atividades em casa e era só enviar. Uma pessoa quase que passava a batata quente para o professor de Educação Especial, ele é que tinha que imprimir e entregar aos pais. Nós estamos na nossa casa resguardados e o professor é que faz esse papel, não é? A verdade é essa, nós estávamos com a vida facilitada. No ano passado foi isso.

A: E este ano em termos de recursos? Já me falou na compra de uns jogos...

TF: Sim, mas foi só isso. E a logística em casa de conseguir um computador para mim quando o resto da malta também estava a trabalhar, mas conseguiu-se, uns no *tablet* outros no computador e conseguiu-se.

A: E em termos de comunicação com todos, com a coordenação, com os professores de Educação Especial, com os pais,... Que dificuldades é que sentiu, no ano passado? Se é que sentiu dificuldades...

TF: Ó pá não, não... Quer dizer, há sempre um ou outro que é, digamos mais chato, digamos mais chato. (risos) Mas nada de especial, não, não.

A: E este ano a comunicação?

TF: Não, não.

A: Este ano também está a correr bem?

TF: Sim, sim.

A: Sente que... Já me respondeu um pouco a isto, mas pergunto-lhe mais diretamente. Sente que, no ano passado, o seu trabalho surtiu efeitos positivos nos alunos?

TF: Isso depende muito de aluno para aluno...

A: Comparando com o que faria se fosse um ano “normal”.

TF: Não, não, esqueça... Não tem nada a ver. Porque quando estás lá consegues arranjar estratégias, consegues dar a volta à situação, levar a criança a que faça aquilo que tu pretendes, não é? E assim *online* não há como, não, não... Mesmo que eu faça o pino ele não achar piada porque eu estou a fazer o pino.

A: Sente que o seu trabalho, na fase de ensino a distância surtiu efeitos menos positivos, tanto no ano passado como neste ano, tendo sempre como padrão o que faria se estivesse na escola?

TF: Sim, sim.

A: Em termos pessoais, sem entrar em pormenores, quais foram as suas maiores dificuldades no ano passado, quando passamos para o *online*?

TF: Ó pá, eu não tive muitas dificuldades. Eu confesso que não tive porque estávamos com o trabalho facilitado, não é? Nós só tínhamos... Nós reuníamos em equipa *online*, reuníamos, delineávamos um plano para a semana, para cada aluno e enviávamos para o professor de Educação Especial e pronto, estávamos safos. Não houve grande constrangimento. Este ano, pois... Este ano foi mais complicado não é? Porque *online* principalmente com os pais... E depois é aquele problema do telefone “olhe ó terapeuta agora não pode ser porque tenho que ir varrer o chão, daqui a dez minutinhos está bem?”, pronto, coisas assim deste género...

A: E da parte dos encarregados de educação e dos alunos, que dificuldades é que eles sentiam? Ou no ano passado não receberam esse *feedback*?

TF: O *feedback* que nós tivemos foi em relação aos pais que não tinham como imprimir, em relação aos pais que não sabem ler e a gente enviava uma mensagem escrita e a atividade escrita, então tínhamos que tentar fazer uma atividade com coisas de casa, com molas, com botões, com coisas de casa, não é?

A: E este ano, quais as principais dificuldades que os pais vão reportando? Os pais e os miúdos...

TF: Saberem mexer no computador. Verdade há pais que não sabem mexer no computador.

A: Imagine que já se sabia que íamos entrar numa terceira fase de ensino a distância e poderia dar a sua opinião. Que alterações faria, tanto ao plano do ano passado com ao deste ano, na (nome do Agrupamento)? Que alterações faria que poderiam melhorar um plano de ensino a distância, na sua área?

TF: Para falar a verdade eu diria que a distância não vou fazer a diferença para ter, ou seja, a diferença que eu vou ter a distância não é o suficiente para eu dizer “Ai, a criança não pode deixar de ter terapia porque é mesmo importante”, não, não é. Eu senti que não, não é e se me dissessem vamos parar por X tempo e para o ano vamos fazer um trabalho redobrado. Eu na minha perspetiva acho que seria mais eficiente do que ter *online* alguns miúdos. Pelo meu

cansaço, pela minha dinâmica familiar, pelo cansaço dos pais que queixavam-se que estavam cansados porque era o professor a passar trabalhos, depois mais trabalhos de casa e depois mais as terapias e depois mais as aulas.... O cansaço dos pais, o cansaço dos miúdos, não é fácil. Para mim não é essencial, para mim, ou estava lá e fazia intervenção direta, ou *online*... Não, acho que...

A: E na sua opinião, eu sei que não pôde por questões familiares, mas imaginando que até poderia, a possibilidade de terapias de forma presencial para alguns destes alunos parece-lhe um mais-valia deste ano relativamente ao ano passado ou não?

TF: Sim, sim, sim, é. Sem dúvida, sim. Há crianças que vão lá, eu falo por mim, que eu faço a higiene oral porque em casa não se faz a higiene oral, por exemplo. Isto é um exemplo da importância que é.

A: E isso é presencial ou não acontece...

TF: Exato.

A: Na sua opinião... Esta experiência obrigou-nos a pensar de forma diferente muita coisa. Na sua opinião quais são as principais aprendizagens, quer positivas quer negativas, que esta situação nos permite para aplicarmos no futuro no nosso trabalho? O que será que aprendemos daqui que pode mudar a nossa forma de trabalhar?

TF: Não sei responder. Posso não saber responder? (risos)

A: Por exemplo... A sua opinião é naturalmente na qualidade de terapeuta da fala. O facto dos miúdos, por exemplo, aprenderem a trabalhar com o computador, com alguns jogos interativos, pensa que isso possa ser uma mais-valia para o futuro ou...

TF: Sim, sim, isso sim...

A: Eu não tenho mais perguntas. Não sei se tem alguma coisa que queira acrescentar ou esclarecer antes de terminarmos...

TF: Não, não.

A: Resta-me então agradecer. Obrigadíssima pela colaboração.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Psicóloga (Psi)

Data: 24 de maio de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 21 minutos e 52 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Gostaria de lhe agradecer o facto de ter concordado com esta entrevista, de lhe lembrar que estou a gravar a entrevista e também garantir que mesmo que seja feita alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Relativamente à nossa conversa por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer?

Psi: Não

A: Para começar, para caracterizar o entrevistado, por favor dizer-me a sua idade?

Psi: 37.

A: Formação académica?

Psi: Psicologia clínica e da saúde.

A: Em anos, qual é a sua experiência profissional?

Psi: Portanto, desde os 22.

A: 15 anos portanto.

Psi: Sim, 15. Estava a fazer as contas...

A: Desses 15, quantos é que são em ambiente escolar?

Psi: É assim. Eu sempre trabalhei em Juntas de Freguesia, obrigatoriamente sempre tive casos de alunos, ou seja, não todos os casos, mas uma grande parte eram encaminhados diretamente para a Junta de Freguesia, quer (identificação das localidades), ou seja... Inserida foram 2 anos e este. Três anos letivos. Sem ser inserida dentro do contexto escolar... Fora do contexto escolar, mas a obter através do encaminhamento de casos, os restantes.

A: Peço-lhe que nas suas respostas tenha em consideração o período de ensino a distância deste ano na (nome do Agrupamento), pois segundo sei, no ano passado não trabalhou neste Agrupamento. No entanto se considerar relevante fazer alguma comparação com outras experiências, peço-lhe que partilhe. Em relação à (nome do Agrupamento) quando passaram para o ensino a distância recebeu orientações da Direção da escola acerca do plano de ensino a distância que iria ser aplicado?

Psi: É assim. Eu estive sempre presencialmente. Estou aqui a tentar recordar-me... Eu estive sempre no terreno, ou seja, eu não dei ensino a distância

A: Mas durante o período de ensino a distância, em que fez o apoio terapêutico presencialmente, houve alterações?

Psi: Sim houve. Fomos informados das alterações que havia no decorrer do período.

A: E essas alterações que chegaram até si vieram da Direção do Agrupamento?

Psi: Foram sendo transmitidas. Sim, foram sendo transmitidas... Se seria a distância completamente, se não seria, se teríamos que nos deslocar presencialmente ou não. À medida que as informações iam chegando através do Governo iam sendo transmitidas aos técnicos.

A: Acha que essas orientações dadas pela Direção foram claras?

Psi: Sim.

A: E de alguma maneira participou nessas decisões? Ou só recebeu a informação?

Psi: Fui recebendo a informação.

A: Mas não teve a oportunidade de participar em decisões?

Psi: Em decisões não.

A: OK. Essas...

Psi: Quer dizer... Aquilo que acabou por acontecer foi... Sim, certa parte sim... Agora estava aqui... Tenho que me tentar lembrar. Ver quais eram as necessidades que eram prioritárias, foi-se falando sobre. Depois deu direito a uma decisão final. Eu acredito que fosse mais em termos de contributo, não é? Mas sim. Não posso dizer que não redondamente. Até porque isto foi uma experiência nova e todos nós todos demos o nosso contributo, fomos tirando as nossas dúvidas. Foi um período de muita reflexão e questionamentos.

A: As informações sobre essas alterações como é que chegaram até aos alunos e aos Encarregados de educação? Por exemplo sobre o funcionamento da terapia de psicologia, como é que essas informações chegaram até aos encarregados de educação?

Psi: Portanto, pela Direção.

A: O seu horário sofreu alterações comparando com o antes do ensino a distância?

Psi: Sim. Sofreu, sofreu... Ou seja, houve alunos que realmente não foram... Que durante esse período não tiveram e houve outros que sim.

A: Então alguns iam à escola presencialmente ter a sessão de psicologia. E os outros, não tinha nenhum contacto com eles?

Psi: Não, não.

A: Quantos alunos acompanhou?

Psi: Ai agora... Teria que fazer as contas... Deixe-me pensar... Sensivelmente entre 5 a 8.

A: Eram os mesmos que acompanhava antes?

Psi: Não, não. Eram menos, como eu estava a dizer.

A: Disse-me há bocado que o seu horário sofreu alterações para se ajustar. De uma forma, não demasiado minuciosa, que grandes alterações foram essas? Aumento de carga horária, diminuição... Mudança de dias...

Psi: Mudança de dias.

A: E a carga horária para os alunos que prestou apoio direto manteve-se?

Psi: Não, não. Diminuiu. Ou seja, conseguia concentrar em um ou dois dias. À partida como houve alunos que não tiveram acompanhamento consegui abrir espaços num determinado dia para depois introduzir outros.

A: Em termos de organização, na fase do ensino a distância, com que constrangimentos ou limitações é que se deparou?

Psi: Não denotei porque... Em termos de organização, como consegui estabelecer o contacto e realmente concentrar o número de alunos num dia, do que ficar com alguns buracos ou um grande espaçamento. Não tive grandes dificuldades simplesmente foi contactar os pais e tentar fazer um horário o melhor possível, não é?

A: Ao longo do processo foi preciso fazer alguns ajustes nessa organização?

Psi: Sim, esses ajustes, como estava a dizer, transportar um aluno para outro dia, falar com os pais, ou seja, foi necessário aqui uma articulação.

A: E depois de já terem tudo estabelecido, esses novos dias e novos horários, o que se propôs de início conseguiu fazer até ao final ou a meio precisou de fazer novamente alterações?

Psi: Não, não, não. Foi realmente perceber qual era o número de alunos que tinham interesse em se deslocar á escola, não é? E a partir daí correu tudo bem. Os alunos foram e não houve necessidade de fazer trocas, não.

A: Como foi feita a comunicação entre si e a Direção ou a Coordenação de Educação Especial?

Psi: Presencialmente ou mesmo via telefone.

A: E era frequente? Como é que funcionava?

Psi: Sim, ou seja, como foi um período, como eu lhe estava a dizer, de alguns questionamentos. Havia, havia proximidade nesse sentido.

A: O trabalho que desenvolveu, nessa altura, foi feito de forma isolada ou de alguma maneira articulou com os professores desses alunos?

Psi: Vai sempre havendo, sempre foi havendo, ou seja... O meu trabalho é sempre em equipa, há sempre uma palavra relativamente ao saber-estar do aluno, isso acaba por acontecer. Principalmente com os alunos com mais necessidades, ou com um comportamento... Faz com que haja essa necessidade.

A: E com os encarregados de educação?

Psi: Também houve alunos que estabeleci contactos com os Encarregados de Educação porque as necessidades... Também são necessárias nesse sentido.

A: Nesses contactos com encarregados de educação houve da parte... Se eles foram relatando dificuldades ou outra coisa em relação a essa terapia... Ou para os encarregados de educação as coisas estavam a correr com normalidade?

Psi: É assim. Normalmente o meu contacto com os Encarregados de Educação têm a ver com dificuldades não propriamente da pandemia, mas dificuldades já existentes que às vezes podem aumentar ou ser incrementadas por um determinado motivo. Mas neste caso estão relacionadas com dificuldades emocionais, parentais, relacionais, ou seja, que teve já os seus antecedentes, não é? E que... são continuados...

A: Que não estão diretamente relacionados com a pandemia...

Psi: Exatamente, exatamente.

A: No DL n.º 54 uma das grandes bandeiras é a inclusão. Na sua opinião, aí na escola (nome do Agrupamento) durante o ensino a distância, como é que ficou a inclusão destes alunos?

Psi: Como eu lhe estava a dizer, o meu trabalho acabou por ser um trabalho presencial em que procedi da mesma maneira, da mesma forma. Eventualmente acabou por ser também um trabalho em que os alunos estavam na sua casa e eram os Encarregados de Educação que traziam à escola individualmente em que a parte, vamos pensar, inclusiva em termos de contexto de turma, aí ficou em *standby*, portanto foi um período diferente.

A: E os alunos a quem não foi possível dar o apoio de psicologia... Acha que isso de alguma forma é uma barreira à sua inclusão?

Psi: Durante o período?

A: Durante o ensino a distância. Há pouco disse-me que alguns estavam presencialmente e com outros não foi possível. Para esses em que não foi possível, acha que de alguma maneira isso é uma dificuldade ou barreira à inclusão?

Psi: É sempre... Como é que eu vejo?... Vejo que é sempre um período em que eventualmente não há tanto estímulo. Foi um período diferente, foi um período em que toda a conjuntura mudou em que realmente houve aqui algumas barreiras. Se foram significativas ou não? Pois... Há por vezes um período letivo que é o período do Verão em que isto acaba por acontecer. Aquilo que interessa é haver continuidade do estímulo e essa continuidade existe, pode ser interrompida momentaneamente, mas ela existe.

A: Já me foi respondendo a isto, mas agora para sintetizar... Durante esta fase de ensino a distância da sua parte houve alguma sugestão para alterações em termos de organização?

Psi: Estou a pensar... A minha sugestão foi mesmo essa, conseguir transportar os alunos para um determinado dia para não ficar completamente desfasado o horário e foi nesse sentido... Porque o trabalho efetivamente foi feito no mesmo molde, ou seja, o trabalho não mudou, não recorri a outras ferramentas, o trabalho...

A: Do que me está a dizer não houve necessidade de mudar nada em termos de estratégias de comunicação, desenvolvimento das terapias, os recursos.

Psi: Não, não, não, porque continuei no mesmo molde...

A: Porque eram presenciais?

Psi: Exatamente. Sim.

A: Sucintamente, que dificuldades sentiu na organização?

Psi: Não senti assim nenhuma dificuldade, como estava a dizer, nada de cariz significativo porque à medida que a informação passava nós íamos percebendo, pelo menos falo por mim. Ia percebendo quais eram os alunos que ia acompanhar, consegui transportar... Vá, todas essas dificuldades, todas essas diferenças foram tendo uma resposta até bastante ajustada, ou seja, não vi ali nenhuma grande lacuna.

A: Nos recursos, sentiu alguma dificuldade?

Psi: Não.

A: E na comunicação?

Psi: Na comunicação não. Por exemplo, como estava a dizer, se eu tinha alguma dúvida eu ligava num dia e se não tivesse o atendimento no próprio dia devolviam a chamada ou vice-versa se me ligavam podia não atender, mas devolvia a chamada e esse contacto no próprio dia. Houve essa proximidade.

A: Nomeadamente com a Direção? Estava a referir-se...

Psi. Sim, sim, exatamente estou a referir-me à (Adjunta da Direção)... Sempre muita proximidade... Não denotei, não denotei afastamento ou... Um tempo alargado, muito pelo contrário...

A: E com os encarregados de educação e os professores, em termos de comunicação, sentiu alguma dificuldade?

Psi: Não, por acaso há uma ligação muito próxima.

A: O trabalho que desenvolveu com esses alunos sente que surtiu efeitos positivos?

Psi: Na altura do confinamento ou de uma forma geral?

A: Na altura do confinamento comparando com o que estava a acontecer até então, em termos de efeitos positivos.

Psi: Os mesmos, eu não denoto que tenha havido mais efeitos positivos nesse período, ou seja, o trabalho é feito com continuidade, os recursos foram os mesmos não foi diferente. Ou seja, as variáveis externas não mudaram, nem as internas, não é? Por isso o que eu noto é que o percurso evolutivo do aluno é um percurso progressivo e não houve ali um período de maior incidência.

A: E a nível pessoal, obviamente sem entrar em detalhes, quais foram as maiores dificuldades que sentiu para se adaptar ao ensino a distância?

Psi: Pois aqui... Dificuldades... (risos) Aqui, como eu lhe estava a dizer, havia grandes pontos de interrogação, incógnitas, não sabíamos o que é que ia acontecer amanhã, se iríamos ficar... Como é que iria ser, estávamos sempre à espera de novas informações por parte do Governo, por isso, foi mais a questão de estar à espera e adaptarmo-nos... À partida que sai uma referência há uma adaptação a seguir, não é? Não tive dificuldades nessa adaptação.

A: Os alunos e os encarregados de educação apontaram alguma dificuldade diferente nesta fase de ensino a distância?

Psi: É assim, os alunos... Aquilo que eu denoto é em alguns, não todos, o medo. O medo não desta fase de confinamento propriamente, mas da pandemia, do vírus, isso sim.

A: Qual foi a receptividade dos alunos e das famílias a este apoio presencial nesta altura?

Psi: Foi uma boa receptividade. As famílias acabaram por decidir, quem queria e quem não queria, ou seja, as famílias tiveram esse poder de escolha e a partir de aí aqueles que decidiram que sim, ok, correu tudo bem e os que decidiram que não, tiveram os seus motivos, a sua recolha.

A: Vamos imaginar que estaríamos agora a preparar um novo plano de ensino a distância, que por alguma razão seria necessário voltarmos ao ensino a distância e tivesse algum poder de decisão. Que alterações faria em relação ao plano atual que está a ser implementado aí na escola?

Psi: Tenho que pensar...

A: Podem ser pormenores.

Psi: Ai, tenho que pensar... (longa pausa)

A: Não querendo influenciar obviamente, mas também pode considerar que o plano como está bem e que não teria que sugerir alterações.

Psi: Na minha opinião é que realmente, algo favorável tem a ver com o facto de os pais terem a oportunidade de escolher, ou seja, independentemente de haver uma orientação, uma sugestão a última resposta ser dos pais, é sua responsabilidade, por isso, aí pareceu-me muito bem.

A: Na sua opinião esse aspeto seria para manter numa situação semelhante?

Psi: Sim, exatamente, ou seja, cada pessoa tem que ter a sua responsabilidade, a sua tomada de decisão e não haver aqui um... Serem outros a optarem por... Pode haver sugestões, pode haver orientações, mas a última palavra ser do próprio e pareceu-me bem. Houve pessoas que tiveram mais à vontade, houve pessoas que tiveram menos à vontade, mas a última parte do principal responsável.

A: Por exemplo, o que me diria à sugestão de os alunos cujos pais querem presencialmente virem presencialmente e aos restantes o apoio em psicologia fosse *online*? Seria uma solução que tendo em atenção as especificidades da psicologia seria interessante na sua ótica ou não?

Psi: É assim. Acabei por fazer essa parte noutras escolas, noutros contextos. Isso acabou por existir, mas claro que é muito diferente, ou seja, a captação da atenção do aluno, estamos a falar de crianças... Há crianças com severos défices a nível cognitivo, outros a nível neurológico, etc. Ou seja, isto acaba por afetar bastante e a concentração através de um computador ou de um monitor é bastante... Para mim o material acaba por não ajudar nesse sentido, não quer dizer que alguns não se adaptem, mas é uma ferramenta que deixa de ser universal, ou seja, a parte universal é o contacto humano.

A: Nós passamos por dois confinamentos, duas situações de ensino a distância e as terapias obviamente também tiveram que ser alteradas por causa disso, a forma de dar as terapias... Na sua opinião quais são as principais aprendizagens, positivas e negativas, que esta situação proporcionou que poderão levar a que no futuro possamos fazer as coisas de alguma maneira diferente?

Psi: Ai. Espere aí que eu estou aqui a pensar... Uma pessoa... E já estou aqui noutra... Já estou aqui a dizer numa fase posterior e agora é que me lembrei... À medida que eu vou falando... Foi muito difícil, muito, muito difícil a adaptação porque eu estava a trabalhar e eu tenho uma filha, uma filha com sete anos no segundo ano em que eu não conseguia estar com ela. Foi muito, muito complicado agora é que me estou a lembrar. O trabalho em si com os alunos correu tudo bem porque foi presencial não houve nenhuma diferenciação. Agora, a minha filha teve que ficar sozinha, salvo seja, ficou com a avó, e a avó não sabe mexer no computador, eu

colocava... Tinha que pedir a ajuda da vizinha e depois tinha grandes dificuldades com a internet que se ia abaixo e ela ficava uma manhã inteira sem ter as aulas muitas vezes. Depois tinha que chegar a casa e dar todos os conteúdos que a professora falou durante a manhã até às duas da tarde, duas, duas e meia. Foi extremamente exaustivo, agora é que me estou a lembrar. A parte de conjugação de trabalho com a familiar... Olhe, isso era uma grande alteração que eu fazia em termos de Governo, eles não contemplaram... Eles não contemplaram os pais que são pais e trabalham, ou seja, nós que estamos na comunidade educativa e que tínhamos que realmente dar resposta... Isto foi horrível porque a miúda nem tinha aulas com a professora porque não sabe ainda mexer no computador quando aquilo vai abaixo, a internet, e ligar novamente... Estavam uns vinte miúdos e a rede aqui na minha zona é péssima e ia dez vezes ou vinte vezes abaixo. Eu não estava presente e ela não conseguia desenvencilhar-se sozinha, a minha mãe estava com ela mas não sabe nem ligar um computador e depois chegar a casa a essa hora e ter que rever os conteúdos com ela. O que é que aconteceu? O meu trabalho na parte da tarde, muitas das vezes tive que deixar de trabalhar. Se eu trabalhasse na parte da tarde até às seis, sete horas, chegava às oito da noite, jantar, e não podia ser até à meia-noite... Seria insuportável para ela e para mim, nem fazia sentido... Tive que abdicar da minha vida profissional, o Governo não contemplou essa parte não é? Tive praticamente só um trabalho na parte da manhã e depois quem ficou realmente prejudicado não foram os meus alunos, mas foi o meu contexto familiar. Essa é a realidade. O que é que o Governo contemplou? Há necessidades, mas esqueceu-se que há pessoas que também têm que sobreviver, que têm que trabalhar, que precisam de dois trabalhos e não só de um, mas pronto essa parte não ficou integrada no processo deles, na organização deles e para mim foi uma grande desorganização.

A: Na sua opinião, para o futuro o que poderemos aprender, positivamente e negativamente na nossa forma de trabalhar, no seu caso no apoio em psicologia?

Psi: Como assim? Em termos de confinamento?

A: Se esta experiência, pela qual todos passamos, se nos pode dar aprendizagens, pela positiva e pela negativa, para aplicarmos no futuro? Novas formas de trabalhar... Erros a não cometer... Aspectos que se revelaram positivos que importa reforçar...

Psi: O que para mim que não faz muito sentido é, como lhe estava a dizer, a parte do através das medidas adicionais e etc, e mesmo das seletivas, através de um monitor, não. É muito difícil trabalhar assim, esse aspeto simplesmente é só para dizer que existe porque depois o trabalho em termos de produtividade acredito que não... Porque também acabei por fazê-lo. Faço, mas não é da mesma maneira, há alunos que dão alguma coisa e há alunos que não.

A: Que não substitui o contacto direto...

Psi: Não, não, claro que não. Essa é uma parte, depois era aquela parte de tratarmos todos como pessoas, como seres humanos e não descartar uma parte da população que tem que trabalhar só porque sim e que tem a sua vida familiar e que não pode, ou seja, se eu... Eu já não me lembro qual era o valor do subsídio que davam aos pais... Só eu é que poderia contar a trabalhar... Isto é completamente impensável...

A: Eu não tenho mais perguntas. Não sei se quer completar alguma ideia ou que há alguma coisa que queira acrescentar...

Psi: Não, não, está tudo.

A: Obrigadíssima. Agradeço imenso o seu contributo que é realmente muito importante.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Fisioterapeuta (Fis)

Data: 10 de abril de 2021 (realizada a distância através da plataforma teams)

Duração: 42 minutos e 58 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Mais uma vez obrigada por ter concordado com esta entrevista. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e também garantir que mesmo que seja feita alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita. Relativamente à nossa conversa por telefone há alguma informação que gostaria de esclarecer antes de começarmos?

Fis: Nada.

A: Para começar tenho que caracterizar o entrevistado, então para começar tenho que lhe perguntar a idade.

Fis: 29.

A: Qual é a sua formação académica?

Fis: Sou fisioterapeuta.

A: Qual a sua experiência profissional? Em anos.

Fis: 5 anos.

A: Desses, quantos são em ambiente escolar?

Fis: 5 anos.

A: No ano passado quando ficamos todos em casa foi repentino. Houve orientações por parte da Direção da escola em relação ao que se deveria fazer dali para a frente?

Fis: No nosso caso torna-se um bocadinho ingrato essa pergunta porque nós não dependemos da Direção da escola. Nós no CRI dependemos das orientações da nossa instituição. O que

posso dizer é que quando a Direção foi informada como é que nós iríamos proceder pronto eles concordaram com tudo e foram bastante prestáveis. As orientações para nós não vêm deles, pelo contrário, somos nós que dizemos de que forma é que vamos atuar e eles normalmente, seja em período de confinamento ou de não confinamento, são muito abertos aos que nós sugerimos e à forma como nós dizemos que vamos trabalhar, não há grandes questões. Por exemplo “não concordamos assim, queremos de outra forma”, não. É tudo muito... Por isso é que nem sei como lhe responder... Foi do género a nossa instituição disse a partir de agora “vão trabalhar assim”, nós falamos com os Agrupamentos, e eles dizem “ok, vai ser assim”, não há aquela questão de “mas nós não queremos”. Não depende muito deles na nossa...

A: Pois... Não estão sobre a alçada direta da escola, vêm de outra instituição. De alguma forma sentiu que participou em parte dessas decisões? Ou quando lhe foram apresentadas já foram apresentadas como definitivas?

Fis: Não, as nossas decisões foram feitas... Fomos mais até nós que decidimos, ou seja... Como é que eu explico isto? A instituição disse “a partir de agora vamos ter que fazer ensino a distância”... Isto no confinamento passado que é totalmente diferente neste confinamento... “Vamos fazer ensino a distância, o que é que vamos fazer?” E nós técnicos demos a nossa opinião e decidimos a forma como fizemos. E acho que é o que tem todo o sentido porque nós é que estamos no terreno, nós é que sabemos qual é a nossa população e a forma como conseguimos atuar naquela população. Claro que isto tudo... Isto tudo trazia algumas referências do Ministério que dizia que algumas linhas orientadoras teriam que ser assim. Não era direto, ou seja, não tinha que ser só assim. Havia a sugestão de... Na altura até só eram os meninos adicionais, por exemplo. E, essa parte, nós respeitamos.

A: Está a referir-se apenas ao ano passado ou já está a juntar este ano?

Fis: Ao ano passado, porque este ano pudemos trabalhar com os meninos todos. E pronto, por exemplo, nós decidimos, vamos trabalhar assim mas só com aquela população que nos foi sugerida... Que nos foi imposta. É que foram bastante diferentes os confinamentos...

A: E este ano como é que foi?

Fis: Este ano não, eu fiz presencial, ou seja... Eu sou fisioterapeuta e praticamente trabalho em CAA que estavam abertos e os meninos lá dentro. Na (Identificação da escola) não há CAA mas dos três meninos que eu tenho, dois deles fiz presencial porque as mães levavam à escola, as funcionárias abriam e aí sim a Direção da (identificação da escola) foi fantástica. Temos que ter alguém para abrir a sala, receber o menino, porque nós não chegamos no momento... Receber o menino e depois nós saímos e ficar com o menino até a mãe vir, não é?... Num dos casos era eu que entregava e recebia o menino porque a mãe era muito pontual, noutro já não

funcionava assim... Fiz presencial em todos os meninos da (identificação da escola), a outra menina é que é uma atrofia e a médica aconselhou a não ir à escola e ainda não vai...

A: Nesse caso em que não foi presencial, foi uma decisão médica.

Fis: E envolve atestados, a médica diz que não, que... Eu tenho outro caso, noutra escola, que não é benéfico, que a aluna não deve frequentar o ensino e a menina não, não... Este ano ainda não foi à escola, foi ali em setembro, princípio de outubro, quando piorou nunca mais foi.

A: Disse que recebeu indicações da Direção do CRI e que depois articulou com a escola. Como é que essa informação chegou aos alunos e aos encarregados de educação, no ano passado?

Fis: Nós equipa CRI enviamos para a coordenação de cada escola, via *e-mail*, e a coordenação é que trata a forma como chega aos pais.

A: E este ano?

Fis: E este ano igual, só que este ano a articulação foi diferente. No nosso caso era para continuar igual. Continuavam a ir à escola, continuavam com terapias. E deu na televisão e deu em todo o lado que os meninos de educação especial permaneciam com os mesmos horários, com as mesmas aulas. Era tudo garantido e foi assim que funcionou, por isso é que foi muito diferente.

A: No ano passado o seu horário sofreu alguma alteração? Estou a referir-me apenas às horas da (nome da escola).

Fis: Sofreu alteração para pior, porque a partir do momento em que nós estamos em casa, a qualquer hora somos chamados, somos chamados a qualquer hora e temos que estar prontos... Não é o problema da (identificação da escola). Por acaso a (identificação da escola) é um péssimo exemplo porque a (identificação da escola) é uma escola muito organizada e funciona bastante bem. É verdade e que não nos chateia muito (risos), entre aspas. Mas generalizando só para ter uma ideia foi muito pior. Por exemplo, eu só faço *partime*, eu sou fisioterapeuta e a multideficiência, Graças a Deus, ou não... Há menos casos, tenho vinte cinco horas e meia... E noutras escolas o meu horário vai das oito e meia à uma e meia sensivelmente ou das oito e meia às duas, depende dos dias e eu tive escolas a ter reuniões das quatro às oito da noite ou ter reuniões das cinco às nove. E como estamos em casa não existe aquela questão do “eu não vou porque estou a trabalhar noutro lado...”, estou em casa e pronto nós vamos. Ou seja, não houve uma alteração direta de o meu horário agora vai ser de esta a esta hora, não, foi mais flexibilidade de horário e na parte da manhã nós tínhamos que orientar todo o trabalho para os meninos, tínhamos que reunir com professores mais a nível da terapia e as reuniões da tarde eram mais o geral da escola sobre o que é que estava a acontecer, o que é que ia acontecer...

A: E este ano como é que está a funcionar em termos de horário na (identificação da escola)?

Fis: Este ano o horário manteve-se. Pronto, os meninos... Com os professores tiveram alteração de horário, mas equipa CRI não. Nós mantivemos os nossos horários, fizemos o nosso horário. Íamos lá, dávamos as nossas terapias no horário normal e vínhamos embora, pronto... No geral manteve-se o horário... Não havia o que alterar, os miúdos continuavam a ir lá, portanto...

A: Lembra-se quantos alunos acompanhava na (identificação da escola)?

Fis: Três. É o mesmo há muitos anos já. E este ano três.

A: Então é correto se eu disser que tanto o ano passado como este ano os alunos que acompanhava antes do confinamento são exatamente os mesmos que acompanhou durante o confinamento?

Fis: No meu caso sim.

A: A nível da organização, forma como...

Fis: Desculpe é só importante referir isto. A (Adjunta da Direção) pediu-me a mim para fazer isto porque sou eu a gerir a minha equipa porque eu sou a mais antiga. Por exemplo, eu tenho o caso da psicóloga em que os alunos foram muito menos, porque houve pais que não quiseram a terapia *online*, não quiseram ir à escola. Houve pais que não quiseram a terapia, nem quiseram nem que fosse *online*... No meu caso, como é fisioterapia eu acho que é “ok, nós vamos”, agora, por exemplo, a psicologia não foi igual, teve menos alunos. Por exemplo na Terapia da fala, não, também se manteve tirando uma exceçãozinha ou outra, manteve. Eu acho que na psicologia houve bastantes baixas, digamos assim.

A: Em termos de organização, em relação ao ano passado, que constrangimentos ou limitações sentiu? Alguma coisa mudou em função dessas limitações?

Fis: Em que sentido?

A: Disseram-lhe que a partir dali iria trabalhar de determinada forma, mas ao trabalhar pode ter dado conta que alguma coisa poderia ser melhorada, poderia ser ajustada...

Fis: Ali a nível da (identificação da escola) em específico, não. Não senti limitações, nem houve assim... Porque na minha área eu mantive tudo igual, agora neste segundo contexto... Agora, se formos falar do primeiro confinamento tive imensas limitações. Para mim é inviável fazer “teleterapia”, é inviável mandar um plano para casa e esperar que os pais me respondam, me mandem vídeos como que eu solicito ou na minha chamada “sim nós estamos a fazer”, porque não é isso que acontece... Por isso é que eu digo que não teve nada a ver, na minha área, os dois confinamentos. Desta vez não tive qualquer tipo de limitações, eles iam e permaneciam nas mesmas terapias, da mesma forma que eu já só dou de um para um, portanto não existe grande questão. Agora o confinamento do ano passado foi horrível. Eu tive

limitações em todos os pontos, mesmo que eu enviasse vídeos com exemplos do que eu queria que os pais fizessem. Eu fazia planilhas com o que era suposto fazer, quantas vezes por semana, quanto tempo, todo o material, todo o esforço e *feedback*? Zero. Interesse? Zero. E é assim, isto é aqui um aparte, os filhos nem são nossos e nós preocupamo-nos mais do que os pais. E é ingrato, um trabalho muito ingrato e horrível de se fazer. Eu estava desejando que aquilo acabasse. Na minha área eu obtive um *feedback* zero. Destes três miúdos, zero, nada mesmo. Sabe o que é? Nem um e-mail do género “terapeuta, olhe, estamos a tentar, não está a correr muito bem, mas estamos a tentar”. Nada. Zero. Nada. Nada. Nada. Zero. Zero. Zero. E quando eles chegaram percebemos que eles não fizeram nada. Que era óbvio, a nível motor é uma coisa que se nota.

A: No ano passado, durante o confinamento, como é que ia comunicando com a Direção da escola? Como é que era feita a comunicação?

Fis: Via *e-mail* ou via telefone. Com os professores mais próximos semanal, com os coordenadores era mais quinzenal. Era assim mais espaçado porque depois acabamos por fazer essa comunicação mais com o professor direto do aluno. Era semanal com os professores, tinha que ser para explicarmos o que é que estávamos a fazer, como é que íamos fazer, como é que estava a correr, às vezes até solicitar um bocadinho de *feedback*. Poderia ser que os pais a eles lhes dessem porque trabalhavam um bocadinhos mais com eles do que connosco, mas não (risos)...

A: Disse que falava com os professores... Era uma verdadeira articulação, entre o seu trabalho e o trabalho dos professores ou era mais uma questão de entregar tarefas e...

Fis: Não, não. No caso da (identificação da escola) até não, era mais... Os meninos que eu tenho, que eu tenho um em cada escola, numa das escolas... Isto depois depende sempre da escola, do menino e do professor. Numa das escolas era mesmo uma articulação direta, eu trabalho muito com a professora, ainda hoje em dia trabalho muito com a professora e corre muito bem... E era uma articulação mesmo direta, não era só entregar tarefa e pedir, era mesmo arranjar estratégias mesmo para ela e para mim. Na outra escola não, se calhar era um bocadinho mais o entregar tarefas. Isto é ingrato, porque isto não é o geral para toda a gente, isto depende de cada menino, de cada pai, de cada professor...

A: Quando diz professor, é o professor titular, o Diretor de turma ou o de Educação Especial?

Fis: Educação Especial.

A: E este ano? Em termos de comunicação com a Direção continua nos mesmos moldes ou alterou?

Fis: Este ano está mais espaçada, porque como nós estamos a dar presencial nós estamos com os meninos já não existe... Falamos quando é necessário falar, mas já não é tão... No primeiro confinamento era algo que tinha que ser, todas as semanas tínhamos que comunicar, tínhamos que explicar, tínhamos que falar, até porque nem tínhamos forma de estar com ninguém. Agora é mais como se fosse o normal do CRI, que é, nós vamos dando as sessões, vamos encontrando as pessoas e explicamos um bocadinho o que é que está a acontecer se não é no final do período que se fala sobre tudo, pronto.

A: E a articulação, este ano, com os professores de Educação Especial, como é que está a ser feita?

Fis: Está igual ao normal, porque eu encontro os professores de Educação Especial. Agora, eles acabaram por ter o mesmo problema. Que não é um problema... A mesma questão que nós que é irmos trabalhar mesmo em período de confinamento e quando nós vamos buscar o menino ao professor de Educação Especial. E existe sempre um momento para dizer o que é que aconteceu. Nós chegamos e o professor dizer “hoje está a ser um dia difícil, não vai ser fácil trabalhares” ou “olha, hoje já trabalhamos bem”. Aquela partilha de como é que o menino está, como é que ele chegou, como é que ele passou, o que é que aconteceu. Até porque eu tenho esses meninos uma vez por semana, portanto eu estou uma semana inteira sem os ver. Se não for o professor de Educação Especial a explicar-me tudo o que aconteceu na semana que seja pertinente, eu não vou saber... Então existe sempre essa partilha e depois no final da sessão igual, eu entrego e digo sempre “aconteceu isto”, ou “aconteceu aquilo”, ou “sim, realmente deu para trabalhar muito bem”, ou “realmente passa-se aqui qualquer coisa porque esta sessão não correu nada bem...”. Não foi o caso, no confinamento até parecia que os miúdos estavam a trabalhar melhor do que agora que está tudo aberto outra vez. É verdade...

A: Em termos de articulação com os encarregados de educação ... No ano passado, já me disse que o *feedback* foi praticamente nulo, que nem sequer a contestar...

Fis: É assim. Nós não fazemos uma articulação semanal com o encarregado de educação, em termos normais, fazemos por período. Em termos normais nós no final do período gostamos de reunir como Encarregado de Educação. A equipa inteira, o encarregado de educação e o professor de Educação Especial, fazer ali um resumo do período. O que é que aconteceu, como é que estamos a ver a questão do aluno, explicar os objetivos, estabelecer objetivos com os encarregados de educação porque é importante incluir os pais neste estabelecimento de objetivos... E aí corre bem, porque os pais vão, os pais opinam, explicamos o que é que está a acontecer, o que é que para eles está a ser difícil, o que também nos ajuda a arranjar estratégias para eles. Agora, semanalmente, não é hábito, não existe o hábito de falar com o pai

semanalmente. Aliás, a minha colega psicóloga está a lutar com isso porque o CRI é ingrato nisso. Nós não temos horas para essas coisas e é muito importante, é muito importante. Não digo todas as semanas, mas de quinze em quinze dias, de três em três semanas, reunir com um pai e dizer “olhe, neste momento é este o ponto de situação, acabei de reparar que este objetivo não vai ser atingido, se calhar é melhor adaptarmos”, “e em casa o que é que está a acontecer?”, “em que é que podemos ajudar?”. E nós não temos tempo para isso. Como nós guardamos a última semana de cada período para isso é aí que estabelecemos a ligação com os pais. Portanto, durante o período é ingrato responder a isso. Ou seja, se eu encontrar um pai ao portão, ele vai querer falar comigo e faz perguntas, e corre bem... Mas que seja semanal e que eu possa dizer “todas as semanas eu falo com os pais e todas as semanas estabelecemos... Não, isso não acontece, normalmente é por período.

A: Nem sequer no confinamento as coisas alteraram?

Fis: Nada, não. Eu tenho um miúdo, que é da (identificação da escola) que é a irmã que o vai levar e o vai buscar, eu nem vejo a mãe.

A: O DL n.º54, só foi implementado em 2018 e logo no início de 2020 foi o primeiro confinamento. No ensino a distância, no ano passado, acha que houve inclusão ao nível da tua terapia?

Fis: (breve pausa) Eu acho que no ensino a distância a inclusão acontece mais do que no presencial. (pausa). Eu acho. Porque no presencial o 54 não é feito como é suposto, o menino não vai para a sala de aula ser incluído, o menino não está.... Era suposto... Por acaso, lá está, eu estou a falar do geral e a (identificação do agrupamento) até faz isso bem feito. Na (identificação da escola) até existe inclusão mesmo presencial ou não. Se calhar se fosse outra escola era mais estimulante falar sobre isto (risos). A (identificação do agrupamento) é uma escola muito boa, é um bom agrupamento... É o agrupamento que nós mais gostamos de trabalhar porque é um bom agrupamento e as coisas são bem feitas e bem estabelecidas e os meninos são bem incluídos, não se pode dizer que não são. Eu tenho escolas em que não são. Eu tenho CAA em que os alunos não saem do CAA não é esse o suposto. São CAA em que há exclusão e não inclusão, porque aquele menino como é do CAA não vai... Não faz ligação nem numa aula de Educação Física, que é o suposto. Mas isso seria noutras escolas. Na (identificação do agrupamento) isso não acontece. Na (identificação da escola) existe inclusão tanto no presencial, como no... No a distância eu acho que há inclusão... Eu percebo, é aquela questão de, por exemplo, eu tenho meninos que fizeram as aulas *online* com o resto da turma. Na (identificação da escola) não dá, não consigo. Não é uma escola onde eu tenha alguma coisa a dizer, não há. Há agrupamentos e mesmo em (cidade onde se localiza o agrupamento), não

precisamos de ir muito longe onde eu teria muito a dizer, onde dava para explicar muita coisa. Mas na (identificação da escola) não dá. Aliás para nós é bom, é um bom exemplo, tem uma boa forma de trabalhar.

A: De uma certa forma já me respondeu a isto, mas para resumir um pouco... Na modalidade de ensino a distância no ano passado sugeriu algum ajuste ou alteração ao longo do processo?

Fis: Ajuste em que sentido?

A: Se sugeriu alguma coisa para que o trabalho fosse mais proveitoso na sua área.

Fis: Sim, nós fomos fazendo várias adaptações. Inicialmente decidimos passar planos de intervenção, ou seja, passávamos semanalmente um plano de intervenção aos pais que seria basicamente só explicado por escrito e depois os pais dariam o *feedback* naquele mesmo plano e enviavam por foto para nós. Depois foi sendo adaptado e passamos para os tais vídeos. Passei a fazer vídeos mesmo com o exemplo do exercício e foi enviado na mesma, semanalmente aos pais. Tentamos depois passar à *posteriori*, para chamadas aos pais que nos respondiam, nos davam o *feedback*, explicavam o que é que tinha acontecido, fomos tentando adaptar. Mas eramos nós a tentar chegar cada vez mais aos pais porque nós não conseguíamos chegar aos pais. As adaptações foram mais estas, porque de resto tentávamos fazer sempre o mesmo linear, todas as semanas enviávamos um novo plano de intervenção, esse plano de intervenção era supostamente executado pelo aluno com a ajuda do pai e no final de semana enviariam o *feedback* e na segunda-feira seguinte seguiria um novo plano de intervenção para uma nova semana. E basicamente a forma base foi sempre esta que não foi alterada, o que foi alterada foi a forma de chegar aos pais, ou seja, esta questão de percebermos que só o plano de intervenção por escrito não estava... Era do género “ok, aqui está mais um papelinho, os professores mandam muitos papelinhos e aqui está mais um, vamos encostar”, então tentamos chegar de outra forma, ou seja, enviando os tais vídeos, telefonando, sendo chatos “e então, está a correr bem?”, “o que é que tem feito?”, “que dificuldades...”, que é para ver se eles sentem aquela pressão de... Não resulta, não resulta... (risos)

A: E este ano, foi necessário fazer algum ajuste? Deu alguma sugestão?

Fis: Não, nós mantivemos tudo igual. O único ajuste que aconteceu não foi por estarmos em confinamento... Foi, mas não foi... Foi culpa, mas não... Não a nível das terapias... Eu tive que... A maioria das minhas colegas estiveram em apoio à família e aí tivemos que ajustar foi a questão... Por exemplo, a terapia da fala, teve que ser *online* e teve que ser ajustada com o menino... Mas a forma de eu trabalhar, eu como fisioterapeuta não houve ajustes nenhuns, foi tudo igual, continuava a ter a minha sala, continuava a ter as minhas coisas para trabalhar, o ajuste era a higienização.

A: Este ano, como foi uma terapia presencial não teve que reinventar nada na sua forma de trabalhar. Tem o aluno, o seu espaço e os seus materiais, trabalha como se não houvesse confinamento.

Fis: Exatamente.

A: Mas no ano passado, como as coisas foram diferentes, de alguma forma teve que se reinventar. Já me foi falando um pouco sobre isto quando me referiu, por exemplo, os vídeos... Mas agora de uma forma sistematizada em termos de estratégias, da comunicação, a forma de desenvolver a sua terapia a distância. O que é que teve que ser reinventado?

Fis: Tentar saber como é que se faz fisioterapia com *hands off* é muito difícil, ainda mais nestes alunos. E isso é super fora da caixa... Eu nem sei como lhe explicar. Para mim foi horrível porque eu tentei pôr tudo o que eu faço e que eu preciso que o aluno faça em papel... Em formato digital... E é horrível porque fisioterapia através de... Quando eu às vezes leio coisas a dizer que “vamos fazer fisioterapia em videochamada”... Eu vi muito no confinamento porque as pessoas precisam de ganhar algum e eu percebo. Mas isso tem que ser, por exemplo, em músculo-esquelético, ou seja, adultos, em que alguém me diz que está com dores nas costas. Então eu digo “vamos fazer este exercício”... Nestes alunos é horrível. Eu tive que me reunir... Como lhe disse, eu própria tive que fazer vídeos a explicar exercícios, mas sem ser isso eu não tinha muito por onde pegar. Era o que eu dizia às minhas colegas “eu não sei como dar a volta à questão”. Uma coisa é a psicóloga, outra coisa é uma terapeuta da fala que em vez de estar ao pé do menino manda fichas, manda joguinhos... A fisioterapia é muito mais difícil... Porque depois depende do aluno, como é óbvio, e quanto mais dependente mais difícil é de conseguir estabelecer algo que seja feito. Dependo que uma pessoa faça algo por mim...

A: Pois é verdade...

Fis: E não é fácil eu dizer “fiz isto e foi uma estratégia fantástica e correu bem”. E eu dependia sempre do trabalho de outra pessoa. E a outra pessoa era um pai ou uma mãe que também estavam em teletrabalho e não tinham tempo nem paciência para me aturar a mim, porque eu tinha que explicar. Tentamos fazer videochamadas com os pais assim mais... Não foi o caso da (identificação da escola), mas eu tive pais que estão lá e alguns em *layoff* e não precisavam de trabalhar etc. Não é não precisava, não tinha. Aí eu fazia videochamadas e fazia com o menino, mas esses também eram meninos muito mais independentes e é muito mais fácil.

A: De uma forma muito resumida, no ano passado, quais as principais dificuldades que sentiu ao nível da organização?

Fis: Não senti grandes dificuldades.

A: E este ano?

Fis: Este ano senti na questão de termos de conjugar os nossos horários CRI que já existem... Só mesmo a questão de horários... Com os horários dos meninos que só vão à escola x vezes por semana, ou seja, isto... Por exemplo, na (identificação da escola) não é CAA... Estão em CAA mas...

A: Não têm unidade...

Fis: E então é muito mais difícil conjugar o horário deles com o nosso, a partir do momento em que eles não estão lá de segunda a sexta. Voltando atrás, eu disse “fiz tudo igual porque estava tudo igual” estava a falar das unidades normais que não são a (identificação da escola) em que eles estão lá de segunda a sexta no horário e tudo igual, para nós não houve qualquer tipo de dificuldade na (identificação da escola) é diferente, esses meninos só iam dois dias por semana e o horário deles teve que ser ajustado ao nosso e essa parte foi difícil.

A: E no ano passado essa dificuldade não aconteceu...

Fis: Não, não porque estava toda a gente em casa, era no computador, era uma questão de videochamadas e enviar... Não dependia de nada, não dependia que aquela pessoa estivesse lá, àquela hora, naquele sítio, naquele dia...

A: Que dificuldades sentiu ao nível dos recursos?

Fis: Agora não sinto nenhuma porque tenho a escola só para mim, é fantástico. Podia ter continuado assim o tempo todo. Posso usar tudo o que existe, todos os lados, não tenho limitações, estava perfeito. Agora está pior porque já voltaram à escola.

A: E no ano passado?

Fis: No ano passado era... Na minha área faltava-me tudo. Eu não sou o melhor exemplo para falar porque na minha área... Para mim eu precisava de tudo, não é? É difícil dizer a um pai que... Olhe, como é que eu me reinventei? Foi ter que me lembrar de coisas de casa para fazer o que eu preciso. Se calhar eu uso uma bola sensorial,... E eu tive que inventar coisas que as pessoas tivessem em casa para poderem fazer.

A: Objetos que pudessem substituir essa função...

Fis: Alguma dificuldade no material. Alguma... Muita...

A: Acha que o trabalho que fez no ano passado surtiu efeitos positivos? Comparativamente ao que poderia ter feito presencialmente.

Fis: Não surtiu nenhum efeito positivo, mas eu também não acho que tenha sido culpa do trabalho que nós implementamos e da forma que nós sugerimos que fosse implementado. Eu acho... Depende muito, porque é o que eu já disse, nós precisávamos muito de apoio dos Encarregados de Educação e não nos foi dado esse apoio. Porque eu acho que o trabalho estava muito bem orientado. Eu sei que não seria a mesma coisa, na fisioterapia nunca seria a mesma

coisa. Mas teria tudo para pelo menos haver uma manutenção do aluno a nível de aquisições e não aconteceu porque nós dependíamos de um terceiro elemento que muitas vezes não nos ajudava e assim sendo é impossível manter o trabalho. É impossível dizer que surtiu efeitos positivos, não pode surtir se eu preciso que alguém faça a ou b e não é feito. Eu não consigo ir à casa da pessoa e fazer, então surtir efeito nenhum no que eu quero que aconteça.

A: E também não conseguiu verificar se estava a ser feito ou bem feito.

Fis: Ou bem feito. Essa é outra questão muito importante. E os que foram feitos, foram bem feitos? Eu tive pais... Este foi na (identificação da escola), tive uma mãe que quando voltamos a encontrá-la em setembro, ela disse que nunca tinha recebido nada nosso. E ela sempre recebeu tudo. Se ela recebia as fichas da professora de educação especial e as nossa coisas iam no mesmo e-mail... Ela apenas não quis fazer e então... Isto é complicado quando se depende de uma terceira pessoa, é complicado.

A: Em termos pessoais, evidentemente sem entrar em pormenores, quais foram as suas maiores dificuldades no ano passado?

Fis: A minha pior dificuldade foi chegar ao aluno. Eu não consegui chegar aos meus alunos, muito raro. É básico, é chegar ao meu aluno. Eu não consigo chegar, é horrível. E eu sentia que, a partir do momento em que nem há *feedback*, sentimos que o nosso trabalho é p'ra nada. Estamos a ter aquele trabalho todas as semanas... Ao final de um mês e tal a estarmos a fazer aquilo, cansa porque nós não conseguimos chegar aonde queremos e estamos a fazer aquilo... É já um bocado o pensamento “estamos a fazer isto para quê?”, “ninguém vai ver, ninguém vai olhar, ninguém quer saber.”

A: E este ano, em termos pessoais, há alguma dificuldade que esteja a sentir?

Fis: Para mim, foi o que já lhe disse e farto-me de dizer. Eu não me senti em confinamento, trabalhei exatamente igual, a sério... Eu trabalhei igual, eu tenho 25 alunos e tive 25 alunos.

A: A questão seguinte provavelmente não se aplica a si... Quais foram as principais dificuldades apresentadas pelos alunos e pelos encarregados de educação? Como nem recebia *feedback*...

Fis: Dificuldades haveriam de ter muitas, não é... Principalmente em entender e interpretar aquilo que lhes era solicitado. As pessoas nem sequer se debruçaram sobre o assunto, é difícil...

A: Perante isso como é que diria que foi a recetividade dos pais no ano passado?

Fis: De zero a cem? Zero. Falando só da (identificação da escola), foi zero.

A: Vamos imaginar que estávamos a preparar um terceiro confinamento e a organizar uma terceira fase de ensino a distância. Tendo em atenção a organização tanto do ano passado como

deste ano, que sugestões daria para melhorar, para que o novo confinamento funcionasse melhor do que este?

Fis: Olhe, tenho a certeza que o novo confinamento seria igual ao último e se for igual ao último eu não tenho sugestões a dar porque eu acho que agora está a ser exatamente da forma... E para mim está a ser melhor porque eu consigo estar mais tempo com o aluno, consigo ter o menino só para mim... Para mim está a ser melhor, ou seja, para a maioria das pessoas o confinamento foi péssimo, para mim como terapeuta a trabalhar numa escola está a ser muito melhor. Porque... Um aluno só comigo, uma escola inteira só para mim. Tenho todos os sítios que eu preciso trabalhar vazios, posso ir lá, fazer e mudar. Que é coisa que durante o ensino normal não acontece. Durante o ensino normal é “Preciso de trabalhar com este aluno vou ali para o ginásio. Ai não, o ginásio está ocupado. Tem que ir para a sala não sei quê”. Chego à sala não sei quê, “Ai não que está ocupada”. E entretanto nisto eu perdi 10 ou 15 minutos. Atualmente isto não acontece, portanto se eu tivesse que dar sugestões era para um não confinamento, não era para um confinamento. Porque eu acho que estes, os de educação especial durante o confinamento foram bastante beneficiados, no sentido das terapias, da minha terapia... Porque depois eles são prejudicados porque as minhas colegas têm filhos e não dão terapias e aí... Aí são prejudicados e portanto nem posso generalizar isto nas terapias pois... Mas para as técnicas que trabalham eu acho que eles são beneficiados pois é tudo mais só para eles.

A: Então na sua opinião, esta permissão que o Ministério da Educação fez para estes meninos poderem ir presencialmente à escola, incluindo as terapias resolveu os problemas que apontava no confinamento anterior?

Fis: Completamente, para mim foi fantástico. Para mim foi fantástico, foi a melhor decisão que existiu.

A: Esta experiência é uma grande experiência em que tivemos todos que aprender muitas coisas e resolver muitos problemas. O que é que acha que nós todos vamos levar para o futuro, e neste caso você em particular vai levar para o futuro, de experiência negativa ou positiva que estes dois confinamentos lhe deram que eventualmente podem mudar, ou não, a sua forma de trabalhar?

Fis: Eu acho que ao nível do confinamento... Eu acho houve muito... Na Educação Especial existe muito... Nós somos muito apegados aos miúdos afetivamente, eu acho. E isso com o confinamento não acontece. Porque eu acho que todos nós estamos a pensar “este menino não usa máscara e pode ter Covid e vai-me pegar”... Existe um distanciamento social gigante e eu acho que isso sim é a única coisa negativa que eu aponto... Claro. Existem tantas outras coisas

na minha vida pessoal, mas agora aqui a nível de escola... Para mim é mesmo o afastamento social, mesmo com os meninos. Sejamos sinceros. Todos nós temos receio de um abraço, de um beijo... E estes miúdos são afetivos. São crianças qua a primeira coisa que fazem quando nos veem é nos abraçarem e nós quando estamos num período normal, abraçamos e adoramos e “ai meu amor.”. E agora é “não vamos abraçar.” (risos) Eu acho que a nível social é...

A: Acha que isso vai ter consequências no futuro?

Fis: Eu acho que vai ter consequências porque nós não vamos voltar a ser o ser humano que éramos tão cedo... Até porque isso não vai melhorar tão cedo, portanto... E é mau para estes miúdos porque é um bocado impactante para eles porque muitas vezes, se calhar, somos as pessoas que mais afeto... Os pais amam-nos, atenção! Não estou a dizer que não...

A: Sim, sim.

Fis: Mas nós damos-lhes muito afeto e nós não o estamos a fazer. E quando digo nós, digo nem técnicos, nem professores, nem... Porque estamos todos com receio. Sem ser no nosso núcleo familiar nós não estamos a fazer isso com ninguém. E estes momentos para eles são muito importantes porque eles são seres que precisam muito de carinho. E para mim esta é a única questão que me preocupa. É o distanciamento que eles sentem de nós. Porque nós estamos a distanciar-nos deles. Nós damos a terapia, tudo bem... Mas a parte social que nós sempre lhes demos não está a acontecer, nós não estamos a dar. Eles sentem imenso, eles sentem imenso, isso é um facto. No meu caso... Nas multideficiências... Eles adoram, eles adoram o mimo. A multideficiência é um mundo e eles todos são iguais nesse sentido, todos querem aquele mimo, o abracinho, o fofinho, o serem acariciados... Eles adoram, adoram... E não está a acontecer. Claro que nós damos verbalmente, mas nós chegamos lá e não fazemos o que fazíamos antes que era chegar e abraçar, e beijar e eles são uns fofinhos todos, dos mais pequeninos aos dezoito anos. São todos uns fofinhos... E agora nós não lhes mostramos isso. Eu acho que mesmo para eles, para os que têm cognitivo é péssimo.

A: Quando está lá na (identificação da escola) presencialmente com eles, há algum caso em que a máscara, tanto em si como no aluno a impeçam de fazer alguma coisa ao nível terapêutico?

Fis: Na (identificação da escola) temos um autista que não usa máscara. Portanto, para ele não existe... Para ele, eu ter máscara ou não ter máscara é-lhe indiferente, porque é autista... Não é severo, mas é um bocadinho desligado... Na minha PC (paralisia cerebral) eu acho que ele está muito triste porque ele não me vê a cara, eu não vejo a dele. Eu acho-o muito triste, os dias inteiros, desde que usamos máscara. Eu digo-lhe: “Estamos longe, tira um bocadinho a máscara” e ele baixa e sorri logo como quem diz... (risos). Um sorriso como quem diz “Estou livre.”. E eu noto pelas crianças... Eu tenho cognitivos, eles estão muito mais tristes, eu noto

que... Eu noto muito que é impeditivo de felicidade. Se calhar estou a exagerar, mas eu acho. Eu acho que as crianças não compreendem, coitadinhos. Eu acho... Passamos a vida a... A dizer “Sobe a máscara. Sobe a máscara.”. Parecemos uns chatos, uns adultos chatos... Eu acho que é mesmo impeditivo de felicidade, para mim.

A: Não tenho mais perguntas. Não sei se há alguma coisa que queira acrescentar ou esclarecer...

Fis: Não. Acho que não.

A: Obrigada. A sua colaboração é muito importante.

**Apêndice VII – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Encarregados de
Educação de alunos com medidas seletivas ou adicionais**

Transcrição da entrevista semiestruturada – Encarregada de Educação (EE1)

Data: 7 de junho de 2021 (realizada a distância através do telefone)

Duração: 38 minutos e 08 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Bom dia. Obrigadíssimo por aceitar falar comigo e por me permitir gravar.

EE1: De nada, não tem que agradecer. Eu nestas coisas estou sempre disponível para ajudar naquilo que for preciso.

A: Que bom, que bom. Tal como já falamos por telefone, esta entrevista é para a minha dissertação de mestrado cujo objetivo principal é perceber como é que os meninos de educação especial, com medidas adicionais ou com medidas seletivas, como é que eles ficaram no meio disto que foi a mudança repentina para o ensino a distância. Só para lhe lembrar que apesar de eu estar a gravar, se nós aqui no meio identificarmos alguém, por exemplo, eu quando fizer a transcrição não transcrevo nenhum elemento que possa identificar a escola, a si e eventualmente algum professor que mencione.

EE1: Ok. Tudo bem, tudo bem.

A: Fica tudo anónimo portanto se às vezes escapar aí no meio não tem problema que eu não transcrevo.

EE1: Ok tudo bem.

A: Para começar eu tenho que caracterizar quem me responde portanto, eu peço desculpa, mas vou começar por lhe perguntar a sua idade.

EE1: Ah sim, eu tenho 44 anos.

A: As habilitações literárias e a profissão?

EE1: Neste momento tenho o 12.º ano completo. A profissão, eu sou assistente de consultório e trabalho numa clínica. Atualmente, estou há um ano e meio com a licença para assistência a filho com deficiência ou doença crónica, portanto há um ano e meio que estou em casa. Tirei a licença para prestar assistência ao (nome) e ainda bem porque quando começou a pandemia eu já estava em casa portanto foi na altura certa.

A: Foi um excelente *timing*.

EE1: Foi uma licença que eu tive conhecimento que existia como o (nome) tem atestado multiusos, portanto, ele tem aquela incapacidade 60% e precisa não é. Ele, ele é autista e vai ser sempre. Pelo menos durante quatro anos em que eu posso usufruir eu vou ficar em casa.

A: Pois. Em que ano de escolaridade é que anda o (nome)?

EE1: Está no 2.º ano. Tem 9 anos.

A: Se não me engano, ele tem medidas adicionais?

EE1: Tem sim. Passaram agora a ser adicionais, exatamente.

A: Ele usufrui de terapias na escola?

EE1: Neste momento está com a terapia da fala. Já teve terapia ocupacional o ano letivo passado mas este ano é só terapia da fala e tem o apoio da psicóloga também.

A: Ok. É assim, nós já passamos por dois períodos de ensino a distância.

EE1: Exato, exato.

A: Portanto eu vou fazendo algumas perguntas e vou-lhe pedindo para comparar a experiência do ano passado com a experiência deste ano. Agora referindo-se à primeira vez que ficamos todos em casa, recebeu orientações ou por parte da escola ou do professor da turma ou através do professor de educação especial?

EE1: Sim. A primeira vez foi novidade para toda a gente não é? Mas sim, nós tivemos sempre, sempre apoio, tanto da parte do professor titular como da parte da.... Aliás porque o (nome) tinha a professora de ensino especial, a professora (nome) e portanto, antes de nós irmos para casa tinham conseguido mais uma professora para lhe dar mais apoio dentro da sala e depois ela também acompanhou até o final do ano letivo mesmo *online*. Não teve terapias *online*. Este ano sim, mas o ano passado letivo não. Este ano é que já teve mas... Nós tivemos tempo de orientação porque é assim, o (nome) tinha as aulas *online* com a turma e ele tinha só naquela questão de estar ali, de estar presente, estar a ver os colegas e o professor não é, porque ele não participava porque os conteúdos para eles eram diferentes, né?...

A: Sim.

EE1: Mas depois tinha três vezes por semana, se não me engano, tinha a aula só ele com a professora do ensino especial e eu sempre com ele, eu sempre ao lado dele.

A: Pois. Nessa altura achou claras essas instruções ou essas orientações que recebeu?

EE1: Sim, sim. Pronto, é assim, estava tudo em forma experimental, mas sim, sim. Eu fui sempre bem orientada, mesmo pelo cri (centro de recursos para a inclusão) e tudo, elas mandavam trabalhos. Sim, sim, correu tudo bem. Por acaso sim.

A: E este ano sentiu essas orientações chegaram até si também de forma clara?

EE1: Sim. Eu acho que este ano correu muito melhor. Este ano, correu muito melhor. Até porque já estavam mais preparados e sim, acho que as orientações foram bem dadas.

A: No ano passado participou de alguma forma na resposta que foi dada ao seu filho ou simplesmente as coisas foram-lhe comunicadas?

EE1: Mas em relação aos trabalhos?

A: Não, em relação... Por exemplo, houve mudanças de horário, etc. Em relação a essas orientações de organização, se sentiu que participou de alguma maneira ou lhe foi dado o espaço para participar ou se não.

EE1: É assim, pois. Eles não... Basicamente, foi uma coisa quase imposta né. Pronto, as mudanças foram...Mas como eu estava em casa, portanto, a mim não me fez, não me criou problema nenhum.

A: E este ano?

EE1: Este ano também. Eu estava em casa e as orientações foram dadas atempadamente portanto, sempre... Aliás até porque a professora do (nome), a professora titular, que entretanto foi para casa porque engravidou, mas sim, ela teve sempre, sempre, sempre, sempre, sempre ali a acompanhar o (nome) e sempre dar-me orientações a mim, qualquer coisa, qualquer dúvida que eu tivesse, eu estava sempre em contacto com ela.

A: Recorda-se no ano passado, na primeira experiência... Eu sei que já vai há bastante tempo mas, mais ou menos, quanto tempo é que passou entre ficarmos em casa todos repentinamente e o (nome) retomar o apoio dado pela escola?

EE1: O ano passado...Eu não me recordo se eles... Este ano tiveram aqueles 15 dias sem as aulas, não é. O ano passado eu não me recordo...

A: É assim, no ano passado, nós ficamos no dia 13 de março e não houve esta pausa concedida pelo Ministério.

EE1: Realmente, a data já não me recordo, não sei se também foi assim um grande período, por acaso não me recordo.

A: Mas mesmo não se recordando de quanto tempo foi, tem alguma memória de ter considerado que ele ficou muito tempo sem apoio ou não?

EE1: Não, não, não. Da parte do ensino especial não. Teve sempre apoio, sempre. A professora mandou sempre atividades para ele fazer. Sim, isso é verdade. Essa parte nunca falhou.

A: No ano passado o horário dele foi alterado quando passou do presencial para o a distância?

EE1: Foi alterado, quer dizer. Ele teve sempre as aulas *online* com a turma, teve sempre presente, nos mesmos dias em que os outros meninos tinham.

A: Sim.

EE1: Mas depois tinha uns dias com aulas de ensino especial, portanto foi alterado só nessa parte então. Porque ele três dias por semana ele tinha aula, pois os meninos tinham aulas todos os dias com o professor titular da turma... Não, não, não. Desculpe, já estou aqui a dizer asneira. Não, o (nome) começava a manhã, porque eles tinham pouco tempo de aula *online*, tinham menos tempo do que este ano letivo, portanto, o (nome) tinha sempre as aulas *online* com a turma, com o professor titular da turma e depois mais tarde ele tinha com a professora do ensino especial.

A: E essa organização? Desculpe interromper. Essa organização pareceu-lhe bem? Adequada às características do (nome)?

EE1: Sim, porque, pronto fazia-se um intervalo e as aulas não eram todos os dias, pronto. E dentro dos recursos que tinham, pronto, porque eu trabalhava sempre muito com ele em casa, portanto. É assim, não seria o ideal. O ideal seria ele se calhar nem, nem ter aula com o professor titular, mas ter mais aulas com a professora de ensino especial porque elas é que estavam a trabalhar, trabalhar com ele, mas pronto. Na altura foi a organização assim...

A: E este ano que alterações é que sofreu o horário?

EE1: Este ano a professora titular de turma decidiu que não seria viável ele estar ali perder aquele tempo de aula *online* com a turma. Então só à sexta-feira é que tinham aula de olimpismo e que se encontravam todos *online*, ele com o resto da turma. Então ele teve todos os dias de manhã aula com a professora do ensino especial e teve também a terapia da fala *online*. Portanto este ano foi mais focado para esse aspeto, portanto chegou-se à conclusão que... Para já porque o (nome) para estar *online*, aliás para os outros miúdos também é difícil estarem à frente do computador a ver professores e a turma, não é? É completamente diferente e para o (nome) então, que ele toma medicação para défice de atenção seria, seria... Não é perder tempo, mas pronto, não, não era viável para ele estar ali a ouvir o professor a falar. Não seria os conteúdos que ele conseguiria aprender, Então decidiram assim. Decidiram que ele iria ter todos os dias aula mas com a professora de ensino especial e um dia para a terapia da fala.

A: Este ano a lei previu, ao contrário do ano anterior, a possibilidade dos alunos com medidas adicionais terem apoio presencial na escola. Acabou de me dizer que o (nome) não teve, não é?

EE1: O (nome) teve só psicólogo e eu ia levá-lo à escola uma vez por semana. A terapia da fala foi *online* porque a terapeuta também tinha filhotes e então estava em casa.

A: Sim. E o apoio da educação especial foi uma opção tê-lo *online* ou, ou teve mesmo que ser *online*, não podia ter sido presencial?

EE1: Olhe, sinceramente não lhe sei responder. A professora de ensino especial não tem filhotes pequenos mas não sei se teria outras razões para ficar em casa. Isso eu não sei. Não lhe sei responder.

A: Disse-me que, neste momento, consegue estar dedicada ao (nome) porque conseguiu tirar a tal licença. Mas houve necessidade de fazer mais alguma alteração na rotina familiar de forma a ajustarem-se ao ensino *online* do (nome), tanto no primeiro confinamento como neste?

EE1: A nível de horários ele tinha que se levantar na mesma, exatamente à mesma hora como se fosse para a escola. Portanto a única questão era ele estar em casa e estar no quarto dele rodeado das coisas dele. Mas eu penso que correu bem porque nós fazíamos a pausa para o almoço, depois retomávamos outra vez à tarde para fazer uns trabalhos que a professora mandava, pronto. É assim, é sempre diferente não é. Para ele é sempre diferente estar em casa. Mas a nível de horários não. Eu tentava que ele tivesse os mesmos, os mesmos horários, para não haver ali uma grande discrepância de rotinas.

A: E no resto da família? Falou-me agora das rotinas do (nome) mas no resto da família foi necessário mudar a rotina?

EE1: O pai também é professor, também esteve a dar aulas *online*. A irmã é estudante universitária também enfiou-se no quarto dela nas aulas dela e já tem 21 anos portanto não, não, não interferiu. Cada um tem o seu espaço e não houve problemas.

A: E deu para conciliar tudo.

EE1: Exato, exato.

A: Considera que houve assim algum constrangimento, alguma limitação, que foi causada pela organização que a escola fez do ensino a distância? Tanto o ano passado como este ano. E falo do seu caso em particular, ou seja, se sentiu algum constrangimento ou limitação que tivesse resultado da organização que a escola propôs?

EE1: Não, não. Não, aqui não. Eu não senti isso. No primeiro ano letivo, pronto, o professor da turma não era tão dedicado ao (nome) como este ano, pronto, mas entretanto também o que interessava era parte do ensino especial e nisso nunca, nunca tivemos... Nunca sentimos falta de apoio. Mas isso são outras questões, a nível dos professores. Mas este ano ele esteve muito bem acompanhado.

A: Ótimo. Em relação ao plano que a escola lhe apresentou no ano passado e neste ano, o plano manteve-se? Ou seja o plano foi apresentado no início e as coisas ficaram assim ou houve necessidade de adaptar ou alterar alguma coisa ao longo do processo?

EE1: O ano passado, no ano letivo, não houve alterações mas este ano, até porque o que me foi explicado é que se o (nome) não tivesse estas medidas teria que ser chumbado. Não é?... Pronto. Ele tem muita dificuldade na leitura e na escrita e é nessa parte que está a ser mais trabalhado. Mas é assim, eu que me interessa é que ele tenha o melhor acompanhamento possível e se tiver que ter essas medidas, que podem ser sempre alteradas conforme a evolução dele, não tenho qualquer problema em relação a isso.

A: Então só para eu ver se percebi bem, ele neste momento tem medidas adicionais mas no ano passado tinha medidas seletivas?

EE1: Sim exatamente. Tinha medidas seletivas e este ano é que passaram para adicionais. Exatamente.

A: Perante as dificuldades...

EE1: Sim. Exato, exato, exato. Então acharam melhor assim. E eu também, eu também concordo. E eu autorizei, porque o encarregado de educação tem que autorizar. Mas sim. Eu acho que foi melhor assim. E não tenho qualquer problema em assumir que (nome) está no nível em que está, pronto. E acho que isso é importante, sim.

A: Sente-se apoiada pelo agrupamento nesta altura de ensino a distância? Quando digo agrupamento digo de uma forma geral tanto dos professores como dos terapeutas e eventualmente da direção. Se se sente apoiada pelo agrupamento?

EE1: Sim, sinto. Até porque nós tivemos uma reunião, no primeiro período e disponibilizaram-se para que, sempre que eu precisar, tirar esclarecimentos ou fazer questões, que estão sempre lá para marcar reuniões, tudo que for preciso. Portanto sinto isso.

A: E esse apoio também o sentiu no ano passado?

EE1: Não, talvez porque a equipa era diferente. Por parte do professor titular não tive qualquer apoio. Não sei, pronto era assim uma ligação um bocadinho mais distante...

A: Mas com a educação especial?

EE1: Sim, com educação especial... Até porque a professora de educação especial já era professora do (nome) no pré-escolar. Já tínhamos alguma ligação portanto eu estava mais à vontade com ela para tirar questões e não propriamente com o professor titular da turma.

A: Sim, sim.

EE1: Mas regra geral eu não tenho queixas a fazer o nível de organização do agrupamento. Não, não tenho.

A: Ok. No ano passado naquela altura de ensino a distância como é que era a comunicação com a escola? Como é que comunicava e com quem é que preferencialmente comunicava?

EE1: Comunicava mais através de *e-mail* ou nas aulas *online* com as professoras do ensino especial, sim.

A: E este ano a comunicação durante o período de ensino a distância como é que se processou?

EE1: Foi de igual forma com a professora titular de turma sempre em contacto. Depois quando ela foi substituída também com a nova professora e com as professoras do ensino especial sempre. Até porque eu tinha as aulas *online* com a professora de ensino especial e qualquer dúvida eu colocava e ela ajudava. Portanto não, não houve falta de comunicação.

A: Tem recebido, agora referindo este ano, tem recebido informação sobre como é que o (nome) está a evoluir? Como é que ele está em termos de aprendizagem?

EE1: Eu recebi a informação do segundo período. E a terceira já, já falei com ela pessoalmente algumas vezes e com a professora (nome), professora de ensino especial, também falo, falo regularmente. Portanto ela vai-me mantendo a par da evolução do (nome). Ela sabe que eu trabalho com ele por isso é que ele tem que haver esta, esta comunicação.

A: Sim e no ano passado foi recebendo informações sobre como é que o (nome) estava a evoluir mesmo no ensino a distância?

EE1: Sim, através das professoras do ensino especial. Fui sempre recebendo.

A: Conforme foi recebendo esse *feedback* da escola, sentiu necessidade de fazer alguma coisa diferente para ajudar o (nome)? Sentiu necessidade de comunicar com a escola para ver se a escola faria alguma coisa diferente, conforme a evolução dele?

EE1: Não porque, aliás eu era bastante ajudada porque é assim, foi a primeira vez que isto aconteceu e eu não sabia como é que havia de trabalhar com o (nome) em casa por isso penso que me deram o apoio necessário. Elas iam dando as orientações para eu trabalhar com ele e pronto, fomos arranjando estratégias em casa conforme as orientações. Tanto o ano passado como este ano letivo senti sempre que tinha ali apoio, pronto, porque é mais complicado... Nós somos encarregados de educação, mãe, não sou professora e às vezes pode faltar aquela informação mas eu tive sempre e eu não me posso queixar. Eu como encarregada de educação não me posso queixar de que houve falha nessa, nessa parte. Tive sempre orientação em como trabalhar com ele, o que fazer, mesmo da parte da terapeuta, é verdade, e da parte da psicóloga também quando eu ia levá-lo à escola este ano. Sempre orientação, sim.

A: Ótimo. No ano passado disse que o R tinha medidas seletivas, portanto ele tinha contacto com a turma *online* todos os dias?

EE1: Sim. Só tinha de manhã sim. No ano letivo passado sim.

A: Com a turma e com o professor titular claro.

EE1: Sim, exato, se bem que ele não participava porque não eram os conteúdos adequados para ele. Mas pronto. Ele estava ali com um bocadinho de sacrifício e olhar para a turma e para o computador e para o professor, mas pronto, fez-se.

A: Este ano, recordando o que me disse há pouco, ele tem contacto com a turma e com a professora titular de turma uma vez por semana...

EE1: Sim nas aulas *online*, sim, exatamente.

A: Sim, estou-me a referir ao ensino a distância. E depois o resto dos dias trabalhava exclusivamente com o professor de educação Especial?

EE1: Exatamente e tinha um dia por semana com... Também tinha aula de ensino especial e tinha depois a terapia da fala também *online*.

A: Na terapia da fala ele estava sozinho com o terapeuta? Não tem mais menino nenhum?

EE1: Não, era só ele exatamente, era só ele.

A: E no apoio da educação especial, era também é só ele?

EE1: Também era só com ele. Exatamente, era só ele.

A: Primeiro o ano passado e depois este ano. Comparando o ensino a distância no ano passado com o ensino presencial no ano passado, na sua opinião, o seu filho esteve mais excluído da turma? Comparando o presencial com o ensino a distância no ano passado.

EE1: No primeiro ano letivo?

A: Sim.

EE1: Se ele teve mais excluído... Talvez tenha estado mais excluído no presencial, sim. Talvez sim. Isto se me referir à turma e ao professor titular da turma, não ao ensino especial porque o ensino especial... Tem muitas crianças para atender não é? Pronto, não pode... Na minha opinião o ideal seria ali um professor o dia inteiro com as crianças mas pronto não há capacidade para isso... Mas sim, talvez tenha sido um bocadinho mais excluído no presencial.

A: E este ano? Sente que comparando, o presencial com o *online*, de alguma forma ele foi mais excluído no *online*? Por exemplo.

EE1: Não. Este ano não foi excluído em qualquer das situações. De todo, este ano ele esteve muito, muito, apoiado e muito integrado. Este ano houve um grande esforço para isso, sim. Estou a falar em relação ao (aluno).

A: Sim, sim, exato.

EE1: Este ano não, este ano não posso... Foi excelente.

A: Então, sente que houve uma evolução positiva da resposta ao (nome) do ano passado para este ano?

EE1: Sim, sim. Espero que continue. (risos)

A: Durante a modalidade de ensino a distância, disse-me há bocado que, tanto no ano passado como este ano, o plano que lhe foi apresentado depois manteve-se até ao final da obrigação de ensino a distância?

EE1: Exato. Manteve-se.

A: *Ok.* Apesar de se ter mantido, fez alguma sugestão de mudança que eventualmente não foi atendida?

EE1: Não, não fiz nenhuma sugestão. Porque... É assim, como me iam perguntando se estava bem assim, se achava que era necessário mudar horários, se... Portanto não... Nunca houve essa necessidade.

A: *Ok.* Não houve nenhuma mudança mas também não houve da sua parte necessidade...

EE1: Não, não houve. Não por acaso não. Mas eu tinha abertura para o fazer se isso fosse necessário. Mas não houve necessidade.

A: Como é que avalia em termos de qualidade no ano passado, o ensino a distância que foi prestado ao seu filho? Em termos de qualidade, se acha que teve qualidade ou não, dentro das circunstâncias, obviamente.

EE1: A nível de aula teve qualidade, não, não foi... Não era todos os dias como este ano letivo... Portanto a nível de quantidade é que foi, foi, foi menos... Pronto. Menos quantidade mas sim qualidade. O professor era bastante focado em ajudar. Não foi é a quantidade necessária, no ano letivo passado.

A: *Ok.* Este ano o facto de ter aumentado o tempo pareceu-lhe benéfico?

EE1: Foi bastante importante, sim, sim.

A: E comparativamente a resposta do ano passado com a resposta deste ano no ensino a distância, parece-lhe que houve melhorias na qualidade?

EE1: Sim, sim, houve. Para mim houve, sim, sem dúvida.

A: As atividades propostas pelos professores no ano passado e quando digo professores, uma vez que ele tinha medidas seletivas, ao professor titular e ao professor de Educação Especial, no ano passado, pareceram-lhe adequadas às necessidades e às características do (nome)?

EE1: É assim, as atividades propostas pelo que foi titular de turma, o (nome) não... Praticamente não as fazia porque não eram, não estavam de acordo com a aprendizagem dele. Portanto, o que nós fazíamos as propostas do CRI e da professora de ensino especial.

A: E pareceram-lhe adequadas?

EE1: Sim, sim, sim, sim.

A: E este ano, as atividades que ele foi fazendo no ensino a distância pareceram-lhe adequadas?

EE1: Sim, sim, este ano foi tudo muito bom. Eu acho que sim, que teve tudo muito bem. Portanto no primeiro ano letivo o (nome) só participava nas atividades tipo de expressão plástica ou alguma atividade de estudo que fosse mais fácil para ele, em que ele entendesse, não é?... Porque na parte de português, matemática, ele não estava a acompanhar e portanto não... Mas o professor também sabia disso. Pronto.

A: Sim, sim.

EE1: Agora este ano sim, ele participou em mais atividades comuns à turma.

A: *Ok*, ainda bem. Em termos de terapias o ano passado disse-me que, que pararam as terapias todas que não teve...

EE1: Não, no ano passado não houve *online*, não, nem presencial. Presencial durante as aulas na escola mas depois não, não. No ano passado essa parte não funcionou.

A: Nem com o envio de tarefas?

EE1: Sim, do CRI. Da parte CRI enviavam tarefas através da professora de ensino especial que depois enviava para mim. Nós fazíamos aqui em casa e depois mandava as respostas para elas.

A: Na sua opinião como é que acha que isso terá resultado? O facto de as terapias serem dadas através de tarefas que teria que fazer com ele em casa e a troca depois de informação?

EE1: Na minha opinião não resulta muito bem, né, porque o importante é estar com a criança fisicamente, né, para trabalhar e para ver as reações da criança e depois perceber o que é que, o que é que está bem e que está mal. Isso é sempre diferente.

A: E este ano, disse há um bocado que tem psicologia presencial e tem terapia da fala *online*?

EE1: Terapia da fala *online* era à base de jogos interativos e pronto, e o (nome) aí já conseguia ter uma avaliação melhor, né. Porque a professora estava a vê-lo e ele estava a ver a terapeuta, neste caso. Se bem que, o melhor é sempre o presencial. Mas este ano já correu um bocadinho melhor. Porque o ano passado nem sequer houve. Este ano já houve esse cuidado de conseguirem não ter os miúdos assim desamparados nessa parte.

A: E a psicologia que foi dada de forma presencial? Então tem uma avaliação entre aspas positiva sobre a psicologia, pelo facto de ser presencial?

EE1: Sim. Até porque eu conseguia, portanto falar com a psicóloga e ela ia-me dando depois também orientações para trabalhar com ele em casa, algumas partes, algumas áreas. Sim, essa parte conseguiu-se se manter presencial. Para mim foi excelente.

A: Que dificuldades, e agora estou a perguntar-lhe as suas dificuldades... Que dificuldades sentiu para conseguir acompanhar o (nome) no ano passado durante o período de ensino a distância? As maiores dificuldades que sentiu?

EE1: As maiores dificuldades... Primeiro foi uma questão da organização, né, que isso depois ainda levou algum tempo. E depois era o querer fazer, não deixar nada para trás a nível de tarefas mas depois percebi que algumas eram mais importantes que outras e então pedi ajuda depois à professora de ensino especial: “digam-me, orientem-me do que é que é mais importante fazer com o (nome)”... Ou seja querer fazer as tarefas todas e depois ele não percebia nem uma coisa nem outra. Ficava na mesma.

A: Sim.

EE1: E depois mais tarde então com orientação das professoras fui percebendo que o importante era... Não, não era fazer tudo mas sim fazer algumas coisas e bem, para que ele adquirisse os conteúdos. Mas foi essa a dificuldade maior. Era saber o que é que, o que é que era mais importante para ele.

A: E que dificuldades é que acha que o que o (nome) sentiu o ano passado? O que é que será que foi para ele, o maior obstáculo do ensino a distância?

EE1: É assim, no primeiro ano letivo, ele ainda não estava a tomar a medicação, só começou a tomar mais ou menos a meio do ano letivo. Portanto a parte da concentração e estar ali em frente ao computador para ele era a maior dificuldade. Mas a nível de trabalhos, com a minha orientação, nunca houve assim dificuldade em que ele fizesse determinada tarefa. Até porque nós tínhamos que escolher assim os períodos do dia em que ele estava mais recetivo, né?

A: Sim, sim.

EE1: Isso foi um ajuste, mas sim, a parte da concentração foi sempre a maior dificuldade dele.

A: E este ano qual foi a sua maior dificuldade em adaptar-se ao ensino a distância do (nome)?

EE1: Este ano já não sentia dificuldades. Este ano já houve ali já aquela pré orientação de como é que as coisas iriam acontecer e não... Este ano já estava mais à vontade, muito mais à vontade em lidar com este processo.

A: E o (nome), este ano?

EE1: Sim, este ano o (nome), também. O (nome) também. É porque nós à segunda-feira, por exemplo, tínhamos a aula *online* com a professora do ensino especial, depois acabava a aula e íamos ali á escola para ele ter a aula com a psicóloga. Portanto nunca houve... Ele podia às vezes ficar assim mais, mais agitado com esta mudança mas eu explicava que é que nós íamos fazer e não, ele nunca, nunca houve rejeição nem dificuldade da parte dele. Por acaso não, correu sempre tudo bem.

A: Em termos de motivação e interesse manifestado pelo (nome) sentiu diferença este ano, na passagem do presencial para o a distância? Sentiu que ele ficou menos ou mais motivado e interessado nas tarefas?

EE1: É assim, algumas tarefas se ele tivesse em ambiente de sala de aula se calhar conseguia, conseguia ter mais motivação, do que estar em casa. Porque em casa há outros estímulos à volta dele. Há os brinquedos, há o computador, os jogos, mas pronto... Algumas coisas tinham que ser assim mais... Tinham que ser assim mais à força. Algumas tarefas. Do que estar dentro da sala de aula, né. Dentro da sala de aula eles têm que trabalhar né. Não têm, não têm ali os brinquedos nem aquelas coisas que os distraem. No caso do (nome).

A: E o ano passado sentiu... Porque o ano passado o choque acho que ainda foi maior, porque foi mais repentino e sem estarmos todos a contar... Sentiu diferenças na motivação e no interesse dele, entre aquilo que ele manifestava quando estava presencial? Mesmo estando completamente incluído na turma e já sabemos com as dificuldades que estava a sentir. Mas em termos de motivação, sentiu que o ensino *online* no ano passado lhe aumentou ou diminuiu a motivação e o interesse?

EE1: Sim, ao início sim, ao início diminuiu a motivação dele mas depois, quando ele se começou a habituar mais à situação já, já era mais fácil para ele fazer as tarefas. Mas sim ao início sim, ao início era uma dificuldade para ele, ele ir ali para o computador, para as aulas. Mas pronto, depois foi uma questão de hábito.

A: Na sua opinião, nós tivemos... Nós e no seu caso o facto de acompanhar o seu filho neste ensino a distância, tanto o ano passado como este ano, não deixam de ser experiências realmente diferentes pelas quais nós tivemos todos que passar. Na sua opinião que aprendizagens positivas ou negativas, é que nós levamos destas situações e que podemos eventualmente aplicar no futuro ou condicionar a nossa forma de atuar no futuro?

EE1: Eu na minha opinião, no meu caso pessoal, vi-me a fazer coisas que nunca pensei fazer. Mesmo a nível de trabalhos manuais, ideias para certas tarefas, fiquei muito surpreendida pela positiva comigo mesma. Que eu nunca pensei ter tanto jeito (risos). Foi uma aprendizagem bastante positiva e pronto, estar presente e saber o que é que, o que meu filho está... O que é que lhe estão a ensinar o que é que ele estava a fazer. Isso para mim foi bastante positivo, porque muitas vezes nas escolas, muitas vezes os pais nem sequer sabem seu filho já aprendeu as letras todas, se já escreve os números até 40 até 50, pronto.

A: Então achou positivo o facto de poder ver o que se passaria numa sala de aula?

EE1: Exatamente, sim, bastante. E este ano ainda mais porque houve logo aquela... Já sabíamos para o que é que íamos e portanto houve logo ali uma preparação muito melhor, né, para este ano, para este ano letivo para as aulas *online*. Portanto sim. Eu para mim foi bastante positivo porque fiz muitas, muitas coisas com ele mesmo as experiências dos tubérculos, pronto, aquelas experiências que os miúdos fazem. Para mim foi bastante positivo e saber o que

ele estava a aprender e poder participar, apesar de não estar dentro da sala de aula, mas poder participar nessa, nessa aprendizagem. Porque nestas crianças qualquer conquista mínima que seja para nós, é uma grande, uma grande conquista. Para mim foi bastante positivo. Não tenho nada de negativo a acrescentar.

A: E acha que o (nome) de alguma maneira isto lhe abriu ou fechou os horizontes em termos de futuro? Esta experiência terá alterado alguma coisa na maneira dele, dele de ver a escola ou alguma coisa assim?

EE1: Não, porque ele esteve muito bem tanto em casa como depois quando voltou ao presencial. Portanto foi-lhe explicado de uma forma que ele pudesse entender e ele nunca, nunca se mostrou assim pessimista nem triste. Não, por acaso ele esteve sempre... Adaptou-se muito bem a essas mudanças todas. Ele adaptou-se muito, muito bem. Sim, muito bem.

A: Que bom. Neste momento não tenho mais perguntas para lhe fazer, não sei se há alguma coisa que queira acrescentar ou clarificar antes de terminarmos?

EE1: Não, não.

A: Mais uma vez, muito obrigada por esta entrevista. A sua participação é muito importante.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Encarregada de Educação (EE2)

Data: 7 de junho de 2021 (realizada a distância através do telefone)

Duração: 32 minutos e 20 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Obrigadíssima por gastar este bocadinho de tempo comigo. Gostaria de lhe lembrar que estou a gravar esta entrevista e garantir que mesmo que façamos alguma referência a nomes ou lugares, essa informação não será transcrita. Tal como lhe disse na nossa conversa por telefone, esta entrevista é para a minha dissertação de mestrado e pretendo saber como é que ficaram os alunos de educação especial, nesta altura de ensino a distância, em relação aos outros. Quer perguntar alguma coisa antes de começarmos?

EE2: Podemos começar. Ele ficou com os outros, integrado na turma. E tinha as mesmas, pronto, tinha as mesmas disciplinas. Tinha apoio e professor de ensino especial. Tinha as disciplinas que eles tinham e tinha à parte as dele.

A: Que idade é que tem o (nome)?

EE2: Ele tem 16.

A: Tem 16 anos?

EE2: Sim.

A: Em que ano de escolaridade ele está?

EE2: Está no 7.º ano.

A: As medidas educativas dele são seletivas ou adicionais?

EE2: Nem me pergunte que eu faço uma confusão com isso. Acho que são adicionais...

A: Ele tem disciplinas à parte?

EE2: Tem.

A: Ah! Então sim, são adicionais. E terapias ele tem?

EE2: Tem a psicóloga e tem terapia da fala. O ano passado pronto, tinha tudo na turma praticamente. Só uma ou outra é que não tinha e depois tinha o apoio. Este ano... Tem à parte para ele, o horário é diferente.

A: Para eu poder caracterizar as pessoas que falarem comigo, se não se importar, pode dizer-me a sua idade, as suas habilitações literárias e a sua profissão, pode ser?

EE2: A minha idade é 56, tenho 9.º ano e sou assistente operacional, trabalho na escola da (identificação da escola).

A: As perguntas que eu lhe vou fazer são pensando nas duas fases de ensino a distância, tanto no ano passado como neste ano. No ano passado, quando nós passamos para o ensino a distância, entraram em contacto consigo para lhe dizer quais eram as orientações, ou seja, o que se iria passar daí para a frente?

EE2: Sim, mandaram mensagens escritas sobre as coisas do funcionamento.

A: E quando recebeu essas orientações acho-as claras ou confusas?

EE2: Achei-as claras. Mas ele é que... A maior parte das coisas foi ele que fez e pôs tudo a funcionar para ele ter as aulas porque isso do computador eu percebo pouco. E também os *e-mails* que a professora manda.

A: E este ano também acha que as orientações que lhe deram quando passamos para ensino a distância também estavam claras?

EE2: Sim, penso que sim.

A: Sentiu que podia dar sugestões se fosse caso disso? Ou achou que quando lhe deram as orientações aquilo já vinha feito e não havia nada a mudar?

EE2: (pausa) Não achei necessidade de fazer mais alguma alteração. Penso que estava bem.

A: Tanto este ano como no ano passado?

EE2: Sim... Embora no ano passado a professora era mais “comunicável”, comunicava mais comigo. A professora da turma e isso...

A: Falava mais?

EE2: Sim, mas ele teve todos os apoios possíveis. As coisas todas. Terapeutas... Correu tudo bem.

A: Este ano, quando ficamos em casa, o Ministério obrigou a uma paragem de duas semanas, o seu filho teve apoio logo a seguir?

EE2: Logo a seguir? Depois das duas semanas?

A: Sim, depois das duas semanas que fomos obrigados a parar. Ele começou logo com as aulas dele?

EE2: Sim, sim.

A: E no ano passado, lembra-se se passou muito tempo, já vai há bastante tempo, mas lembra-se se passou muito tempo entre o último dia de aulas presencial e depois os apoios *online* através do computador?

EE2: (pausa) Aos do ensino especial? Está-se a referir a quem?

A: Às aulas com a turma e com o professor de educação especial no ano passado. Se passou muito tempo sem apoio?

EE2: Não.

A: O horário dele este ano teve que mudar?

EE2: Algumas coisas mudaram sim. No ano passado teve mais tempo de aulas do que este ano. Primeiro porque o horário dele é diferente, não é?

A: Sim, é o outro ano.

EE2: Tem as disciplinas todas que os colegas têm. E houve aí dias em que ele só tinha mesmo uma aula ou duas.

A: Este ano?

EE2: Sim, sim.

A: E acha que essas mudanças no horário foram boas para ele?

EE2: (Pausa) Para ele não foi não porque ele... ele fartou-se de reclamar. (risos)

A: E no ano passado?

EE2: Fartou-se de reclamar porque ele queria ter o mesmo que os outros, queria estar a ter as aulas e não tinha e (pausa) não foi muito bom. No ano passado? No ano passado acho foi às mil maravilhas.

A: Para ele ter aulas a distância foi necessário, quer o ano passado quer este ano, foi necessário mudar alguma coisa na rotina familiar? Alguma coisa teve que mudar para que fosse possível ele ter o ensino a distância?

EE2: (pausa)

A: Se foi preciso ajustar alguma coisa em casa?

EE2: Não mudei nada. Pronto, também estive em casa portanto, durante o confinamento, não é?... Não, não mudei nada. Estava em casa e ele (pausa). Aliás houve alguns dias que eu também tinha de estar presente a algumas disciplinas.

A: Sim.

EE2: Com a professora, que exigia que eu tinha de estar presente para que o acompanhasse ali naquela disciplina. Por isso não foi preciso mudar nada. Estive sempre aqui. Não precisei de ir para lado nenhum e (pausa) penso que correu tudo dentro da normalidade.

A: O ano passado e este ano como teve de ficar em casa acabou por acompanhá-lo.

EE2: Sim, sim.

A: Que limitações sentiu com esta mudança para o ensino a distância? Se achou que poderia ter sido feito de outra maneira que seria melhor? O que é que achou?

EE2: (pausa)

A: Ou adaptou-se bem ao ensino a distância quer no ano passado quer este ano?

EE2: Bem, ele adaptou-se bem. Ele até já estava a gostar mais do ensino a distância do que ir à escola (risos). Ele por ele até tinha continuado assim.

A: Tanto no ano passado como este ano? Ele gostou? Dos dois anos?

EE2: Desculpe?

A: Essa satisfação que ele tinha foi tanto este ano como ano passado?

EE2: Sim, sim. No princípio reclamou: “agora temos de ficar em casa e assim” mas depois quando lhe dizia que qualquer dia temos de voltar à escola ele já dizia que era bom era que ficasse assim. Estava em casa, estava preso mas podia fazer o que ele quisesse. Podia descansar, podia fazer o que ele gosta. Mexer no *tablet* e no outro tempo ter as aulas.

A: E a si pessoalmente, sentiu-se apoiada nesses dois períodos de ensino a distância pelo agrupamento? Sentiu que de alguma maneira estava ligada à escola?

EE2: Sim. Qualquer coisa, tinha sempre alguém que me esclarecia. Falava com a professora e ela estava sempre disponível.

A: E como é que foi feita essa comunicação com a escola o ano passado?

EE2: Algumas vezes fazia videochamada com a professora e falávamos várias vezes.

A: E por telefone?

EE2: Por telefone também mas ... A maior parte das vezes era por videochamada. Ela prontificava-se sempre, a gente punha em conferência e falávamos. É como se estivéssemos a falar pessoalmente em vez de ir à escola, não ia, estava em casa e falava com ela. Em vez de ser pelo telefone era mesmo, vendo...

A: Vendo a pessoa. E este ano? Acontece o mesmo?

EE2: (pausa) Este ano já não porque a professora já não é a mesma. Apesar desta... Não ser (impercetível)... Acho que, para mim a professora do ano passado estava muito melhor.

A: Está-se a referir à direção de turma ou à professora de educação especial?

EE2: Eu estou-me a referir à Direção de Turma. A professora de Ensino Especial, essa também conheço que é a professora (nome), mas com ela pouco tenho falado, é mais com a Diretora de Turma.

A: É assim, conforme foi vendo, é natural que aqui e ali tenha sentido algumas dificuldades. Foi partilhando essas dificuldades com a diretora de turma ou com o professor de educação especial?

EE2: Sim, sim.

A: E sentiu-se ouvida? Sentiu que a escola estava ali, que tentou ir reduzindo as suas dificuldades? Tentando adaptar as coisas de maneira a diminuir o que estava a sentir?

EE2: Eu (pausa) falei algumas vezes com a professora (Adjunta da Direção) sobre algumas coisas, quando tinha algum problema que tinha de resolver dele. Tentei sempre, pronto, falar com ela. Para ver qual é a melhor maneira para resolvermos a situação. E ela depois algumas vezes, pois, comunicou à diretora de turma também ou à professora (de educação especial). Mas (pausa) foi tudo resolvido.

A: Ok. Durante o ano passado, no confinamento, que contacto é que o (nome) tinha com os colegas de turma?

EE2: (Pausa) Tinha. Sempre que podia nas horas vagas tinha contacto com eles.

A: E como, me disse há bocado, assistia a algumas aulas em comum com a turma não era?

EE2: Sim, sim.

A: Portanto acabava por ter contacto nessas horas?

EE2: Sim, sim.

A: E este ano?

EE2: E assim que acabava as aulas, nas horas livres, ele estava sempre com a turma. Não com a turma toda, mas pronto, com alguns amigos, com aqueles que tinha mais afinidade. Estava sempre a falar.

A: E este ano, que contacto é que ele tem com a turma?

EE2: Continua a ter o mesmo contacto.

A: Disse-me há bocado que ele este ano teve menos aulas *online* com a turma não é?

EE2: Pois, sim, sim, porque o horário dele é diferente. Este ano teve uma mudança de horário. Aliás, ele tem um horário diferente dos colegas. Ele sai mais cedo, os colegas saem mais tarde. Depois há disciplinas que ele não tem. Como ele não tem e eles tinham, ele nessas horas não ia ao computador.

A: Sente que de alguma forma o seu filho...

EE2: (interrompe). Eu senti, peço desculpa... Mas eu senti que ele realmente este ano, pronto... Podia ter sido melhor. Ele não gostava, estava sempre a dizer que queria ter e que não sei quê. Mas, pronto, não podia e ele não entendia isso. Ele não entendia que...

A: Que era diferente...

EE2: Ele dizia sempre que não fazia parte da turma. Sentia-se um pouco excluído. Porque ele não entende muito bem porque é que tem só aquelas disciplinas e os outros têm todas.

A: Mas... Disse-me que ele se sente um bocado excluído. Mas ele também se sente excluído no ensino presencial ou foi só agora no *online*?

EE2: Não, foi também na escola, ele... Aliás quando começou logo e ele soube a mudança do horário, ele ficou assim um bocado revoltado. Sobre isso, não é... Porque não... Ele queria ter as disciplinas todas, na cabeça dele tinha de ter as disciplinas todas, ele tinha que ser como os outros. Ele não entendeu ainda que tem alguns problemas de aprendizagem e que não consegue aprender como os outros aprendem, né?

A: Sim...

EE2: Então terá que ser um horário diferente com outras disciplinas, só que ele não entendia isso. Mas agora eu sinto que ele já ultrapassou isso.

A: Então será correto dizer que não acha que ele ficou nem mais nem menos excluído no ensino a distância comparativamente ao presencial? Que essa situação continua igual, tanto no ano passado como este ano?

EE2: Sim. Teve sempre apoio e teve sempre professora do ensino especial nas horas que ele não tinha as outras disciplinas, tirando algumas horas que ele não tinha mesmo nada, porque a professora tinha outras turmas também para dar aulas.

A: Durante o ensino a distância disse-me que logo inicialmente lhe apresentaram quais eram as diferenças que iam acontecer dali para a frente. Houve alguma coisa que mudou ao longo do processo ou aquilo que lhe disseram de início foi aquilo que se manteve até ao fim, no ano passado, quando estive *online*?

EE2: (pausa) Eu acho que se manteve sempre até ao fim. Eu não me lembro de... ter havido mais algumas alterações. Não me lembro muito bem.

A: E, como me disse há bocado, não sentiu necessidade de fazer grandes pedidos de alteração ou alguns ajustes?

EE2: Não.

A: E este ano? Aconteceu igual? O plano manteve-se?

EE2: pausa. Este ano...pausa. Manteve-se.

A: (anuência)

EE2: Acho que se manteve. Apesar de eu achar também que se calhar alguns dias seria pouco, poderia ter tido mais alguma coisa, mas é como lhe digo, como entretanto, os professores, como ele não tinha as disciplinas todas e os outros professores também tinham outras turmas, tinham outros alunos para dar, não podiam também estar só com ele. E havia horas que ele não

podia ter nada, que eu acho que se tivesse tinha sido melhor... Acho que não é como a gente quer... Evidentemente que eu gostava que ele tivesse tido aulas o tempo todo. De manhã ou de tarde, como os outros tinham, mas não era possível.

A: Pois... Acha que o ensino a distância no ano passado, tendo em atenção o seu filho, acha que teve qualidade?

EE2: (pausa) Se o ensino a distância teve qualidade?

A: Sim. Se acha que o que a escola planeou no ensino a distância, em relação ao seu filho, se acha que teve qualidade?

EE2: Da maneira como ensinaram?

A: Da maneira como as coisas foram feitas, se considera que foram bem feitas.

EE2: Eu penso que sim.

A: E este ano? Acha que houve melhoria? Houve coisas que pioraram?

EE2: (pausa).

A: Já me disse que achava que teria sido mais útil para ele ter o tempo mais preenchido...

EE2: Pois, assim ele não estava tanto à deriva. Havia dias que ele, pronto, ia jogar no computador, ia fazer outras coisas. Em vez de estar mais agarrado ao estudo agarrava-se a outras coisas.

A: Pois.

EE2: Andava na brincadeira. Ia jogar. Pronto, não estava tão... Embora eu às vezes insistisse com ele: “olha vai estudar, vai fazer isto ou aquilo”. Ele sempre fez os trabalhos dele e as coisas dele, sempre conseguiu fazer tudo. Fazia os trabalhos de casa e enviava à professora. Mas às vezes estava aí pronto, sem fazer nada. Tinha uns espaços mortos sem fazer nada e então ia jogar, ia fazer isto e aquilo. E se calhar perdeu alguma coisa. Podia se calhar ter aprendido mais.

A: Pois.

EE2: Se as coisas fossem diferentes... Este país se calhar também é um bocadinho culpado. Porque se houvesse professores... Há muitos professores desempregados que estão a precisar de trabalhar. Se houvesse professores suficientes se calhar conseguiam dar mais resposta a estas crianças, ao ensino deles, não é. Mas como não há pois temos que nos contentar com o que temos.

A: Acha que as propostas que os professores lhe foram fazendo de trabalhos para ele foram adequadas às características dele, às dificuldades e às capacidades?

EE2: Sim, porque entretanto havia coisas que ele... Não era nada igual ao que os colegas faziam, para ele era muito mais simples.

A: E ano passado também aconteceu assim?

EE2: Sim.

A: E as terapias no ano passado, como é que funcionaram? Durante o ensino a distância.

EE2: As terapias o ano passado como é que funcionaram... A terapeuta, pronto, a terapeuta mandava para mim.

A: Sim.

EE2: As coisas, pronto, que eu teria que trabalhar com ele aqui em casa.

A: E essa forma pareceu-lhe uma boa forma de trabalhar?

EE2: Nós tínhamos que, pronto, enviar para a professora e a professora também tentava entrar em contacto comigo, para saber, para me dar as indicações das coisas, que era para depois transmitir à terapeuta.

A: E acha que essa forma de trabalhar em termos de terapias foi boa?

EE2: É assim... Eu para mim às vezes era um bocado... Tinha uma certa dificuldade. Eu não ando por dentro de algumas coisas. Ser eu ou ser a professora, se calhar era muito mais fácil ser a professora a fazer, não é? Porque há coisas que eu não consigo também ensinar, explicar... Dentro das minhas capacidades tentei sempre fazer o meu melhor, não é?

A: Pois.

EE2: Mas havia coisas que às vezes não sabia.

A: E este ano as terapias como é que estão a funcionar?

EE2: Este ano as terapias... Este ano as terapias já tem sido mesmo com a professora, mesmo.

A: As terapias este ano foram *online*? Ou ele teve...

EE2: Foram *online*.

A: Ele não teve que ir à escola nenhuma vez às terapias?

EE2: Não, não.

A: Considera que assim foi melhor?

EE2: (pausa) Acho que funcionou melhor. Se calhar presencial seria melhor mas... Por exemplo com a psicóloga era mais as vezes que era eu, que era comigo que ela falava e passava-me as tarefas para ele fazer do que a ele, não é? Enquanto que ele agora na escola tem a mesma psicóloga, está lá com ele, fala com ele e também fala comigo mas é diferente, não é? É diferente do que *online*. *Online* a psicóloga nunca falou com ele, era sempre comigo. Tinha as terapias mas era comigo que ela falava. Na terapia ela falava comigo e passava-me as tarefas para eu fazer. Agora a terapeuta da fala essa é que tinha mesmo com ele.

A: Quais foram as maiores dificuldades que sentiu, tanto no ano passado como este ano, para conseguir acompanhar e adaptar-se ao ensino a distância do (nome)?

EE2: Quais são as maiores dificuldade?... (pausa)

A: Sim. Que sentiu.

EE2: Não sei. Não estou a ver.

A: E do (nome)? Do que ele ia dizendo quais eram as maiores dificuldades?

EE2: (perguntas dirigidas ao filho) Quais eram as dificuldades que tu sentiste ano passado? Também tens que me ajudar. Sentiste que conseguiste...adaptar-te bem ao ensino a distância? Ele por exemplo... Ele este ano, a professora elogiou que ele se adaptou bem. Que cumpriu com as tarefas todas e conseguiu dominar bem tudo o que foi dado no computador.

A: Hum.

EE2: Eu acho que sim, que ele se adaptou. No princípio, quando as coisas começam é sempre, pronto, faz sempre diferença não é?

A: Sim.

EE2: Mas depois de se integrar naquilo acho que ele...

A: Adaptou-se bem.

EE2: Adaptou-se bem. Tanto que ele se adaptou que ele conseguiu fazer tudo, conseguia fazer os trabalhos, conseguia enviar. Houve ali algumas dúvidas no princípio não sabia muito bem como é que se enviava mas ele também tentou sempre... Pronto, com os colegas, perguntava sempre como é que eles faziam e com a professora. E a professora sempre explicou, faz assim, dava os passos e ele sempre seguia os passos todos e conseguiu.

A: E em termos de motivação e interesse, o que é que sentiu este ano nele? Quando ficamos em casa, ele ficou mais desinteressado, mais desmotivado ou pelo contrário? Em termos de resolução de tarefas, o ir às aulas...

EE2: Sim... Eu não achei que ele estivesse... A única coisa que ele se desmotivou foi...desde o princípio era, mas tanto na escola como em casa, era que não podia ter as mesmas aulas que os outros tinham mas pronto, ele depois de se ter habituado a isso, seguiu essa rotina e ele... Eu não acho que ele se desmotivou, pelo contrário. Ele até estava a gostar agora, pronto da escola. Quando lhe disseram que ele tinha de voltar à escola ele... Por ele tinha continuado.

A: (riso) E no ano passado, acha que quando ele ficou em casa ele desmotivou ou não?

EE2: Não.

A: Também não?

EE2: Acho que não. Não dei por isso.

A: Para terminarmos...

EE2: Porque, se calhar por ser diferente, na escola presencialmente é uma coisa e aqui é outra. Mesmo estando lá com a professora, houve um dia ou outro que ainda fez ali umas asneiras. No

princípio ainda fez umas asneiras, ainda foi repreendido. O ano passado correu tudo muito bem, este ano também correu bem. Mas ou na primeira aula ou na segunda houve ali qualquer coisa que ele falhou e ele logo nesse dia teve um raspanete da professora mas depois a partir daí começou a portar-se bem. Não sei o que é que ele fez, acho que desligou lá qualquer coisa ou tirou lá um colega da turma. Fez qualquer coisa... Mas depois teve uma repreensão e...

A: Resultou.

EE2: Resultou.

A: Nós todos tivemos que passar por isto do ensino a distância, teve de ficar em casa também e apoiar o seu filho de uma maneira que não era habitual, acha que isto para o futuro nos vai fazer aprender alguma coisa, mudar alguma coisa na forma de nós fazermos... Acha que daqui para a frente alguma coisa em cada um de nós vai mudar? Por causa destas experiências de ensino a distância e de confinamentos?

EE2: Sei lá. Mudar em que aspeto? Da maneira como aprenderam?

A: Sim, da sua forma de ver a escola, da sua forma de ajudar o seu filho, por exemplo. Ou se não vai haver assim grandes mudanças...

EE2: Eu penso que, se for à escola será sempre diferente do que desta maneira, não é? Mas pronto.

A: Quando diz diferente quer dizer diferente para melhor?

EE2: Sim, entretanto penso que, se calhar não vão conseguir aprender tanto como se forem à escola. Apesar de aprenderem, acho que a maneira de ensinar, não sei... Como vou explicar isto...

A: Não é a mesma coisa...

EE2: Não é a mesma coisa. Por exemplo... (pausa) O que eu achei é que o tempo de duração das aulas eram muito curtas. Isso é que eu achei. O tempo de começarem e não começarem, um estar calado o outro estar já lá, outro não vinha, outro chegava mais tarde, outro chegava mais cedo. Até se organizarem e não organizarem acabava quase o tempo e o tempo de aula era curto. Na escola também são 50 minutos não é?

A: Sim. Este ano pareceu-lhe muito curto, não é?

EE2: Isso é que eu acho que podia... se calhar melhorar.

A: E no ano passado, as aulas não lhe pareceram curtas no ano passado?

EE2: Sim, ano passado também.

A: Aí é uma coisa que foi igual no ano passado e este ano não é?

EE2: Pois, praticamente foi tudo igual. Tirando a diferença dele que este ano teve menos aulas do que ano passado. No ano passado ele tinha praticamente as aulas todos que os colegas tinham. Este ano é que, derivado ao horário dele ele não teve.

A: Sentiu uma grande redução não é?

EE2: Tinha mais tempo livre e depois o tempo de aulas era também mais curto. Por isso é que eu digo a aprendizagem não é a mesma do que presencialmente, não é.

A: Hum. Não sei se há mais alguma coisa que queira acrescentar ou esclarecer? Eu não tenho mais perguntas.

EE2: Eu não sei se estou a ser muito... A minha cabeça neste momento também não está...

A: Agradeço-lhe o tempo, sei que tem mil coisas para fazer e mesmo assim ter guardado meia hora para mim.

EE2: Apesar de ter corrido tudo bem há dias que pronto, às vezes não era fácil. Às vezes também não queria entender algumas coisas. Havia uma vez ou outra que ele andava para aí teimoso no princípio. Este ano não, no ano passado. Até entrar mesmo no esquema mas depois de ter entrado naquilo tudo correu tudo bem. Mas às vezes também tinha umas teimosias. Mas também referente ao problema dele, também. Tem cabeça dura mas depois de entrar dentro do esquema acho que sim.

A: Exatamente a problemática dele qual é exatamente. De onde é que vem as dificuldades que ele sente na aprendizagem?

EE2: O problema dele é fimatose e depois tem défice cognitivo, pronto, na aprendizagem. Distrai-se facilmente, não sei quê. No computador até... (pausa)

A: Até se consegue concentrar.

EE2: Porque se calhar hoje em dia eles gostam cada vez mais das tecnologias, destas coisas e se calhar...

A: Até ajudou.

EE2: Eu penso que se calhar o ensino, penso eu, na escola presencial será melhor mas se calhar ele poderá pensar que se for no computador é melhor. Gosta mais.

A: Muito obrigada por ter aceitado fazer esta entrevista. A sua contribuição é realmente muito importante.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Encarregada de Educação (EE3)

Data: 3 de junho de 2021 (realizada a distância através do telefone)

Duração: 26 minutos e 50 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Bom dia. Muito obrigada por aceitar falar comigo e por me permitir gravar. Relembro que não precisa de ter nenhuma preocupação, pois se qualquer uma de nós aqui no meio identificar alguém, por exemplo, eu quando fizer a transcrição não transcrevo essa informação. Tal como já falamos por telefone, esta entrevista é para a minha dissertação de mestrado cujo objetivo principal é perceber como é que os alunos de educação especial, com medidas adicionais e com medidas seletivas, ficaram tanto no ano passado como neste ano com a mudança para o ensino a distância. Ao longo da entrevista vamos comparando a sua experiência de cada um dos dois períodos de ensino a distância.

EE3: Está certo.

A: Para começar, eu tenho que caracterizar quem responde à entrevista. Portanto eu vou começar por lhe perguntar a idade, as habilitações literárias e profissão, se faz favor.

EE3: Ok. A minha idade é 47 anos. Tenho o 9.º ano e a minha profissão... De momento não estou a trabalhar porque cuido do (nome) que é autista. Então eu sou encarregada de educação a tempo inteiro.

A: É a primeira vez que ouço essa definição, mas para mim faz todo o sentido.

EE3: Pois é a tempo inteiro, eu dedico-me a ele 24h por dia.

A: Que idade tem o (nome)?

EE3: 9 anos.

A: E em que ano é que ele está?

EE3: Está na 4.^a classe.

A: Para além do autismo, ele tem mais algum tipo de limitação?

EE3: Pois... Dentro do próprio autismo estão incluídas essas limitações...

A: Nenhuma que saia do padrão do esperado de um menino com autismo?

EE3: Esses padrões vão sendo ultrapassados com o tempo, não é... Mas de momento estão dentro do padrão do autismo, não há assim nada de ...

A: Ele usufrui de medidas adicionais na escola, não é?

EE3: Sim, sim de medidas adicionais.

A: E terapias, ele tem?

EE3: Tem. Tem psicologia, tem terapias e tem uma professora de educação especial.

A: Psicologia é na escola?

EE3: É, é.

A: E as outras terapias quais são? Lembra-se do nome?

EE3: Acho que é terapia da fala e terapia...

A: Talvez ocupacional...

EE3: Exatamente é isso, estava a faltar-me a palavra. Terapia ocupacional.

A: E essas todas são na escola, não é?

EE3: Sim, sim, de momento está tudo na escola.

A: Do que se recordar do ensino a distância do ano passado e comparando com este ano, recebeu orientações da escola, seja através do diretor de turma, seja através do professor de educação especial, sobre como as coisas se iam processar dali para a frente?

EE3: Sempre recebi.

A: E foram claras?

EE3: Sempre.

A: Quem é que entrou em contacto consigo no ano passado quando passamos para o ensino a distância? Quem é que falou consigo e lhe explicou como é que as coisas se iriam passar dali para a frente?

EE3: A professora (nome) que é da escola dita normal, da turma e a professora (nome) que é a professora de educação especial. Entraram em contacto comigo e explicaram-me o que é que se ia passar.

A: E este ano foram as mesmas pessoas que falaram consigo?

EE3: Sim, sim.

A: Sentiu que essas orientações lhe foram simplesmente comunicadas ou sentiu que de alguma maneira poderia decidir alguma coisa em relação à resposta específica que foi pensada para o seu filho?

EE3: No meu entender dentro do que é o (nome)... Não só agora, como na pandemia, estava em casa, mas sim... As professoras que contactam com ele sempre foram muito dedicadas ao (nome) e preocupadas e sempre tentaram levar as coisas por melhor. Nunca tive qualquer tipo de problema de falar com elas, ou pedir explicações ou ajuda ou... Estavam sempre prontas. Estão sempre prontas.

A: No ano passado ficamos em casa de forma repentina. Recordar-se quanto tempo é que terá passado entre termos ficado em casa obrigatoriamente e o (nome) ter recomeçado a ter o apoio de educação especial. Qual foi o intervalo de tempo?

EE3: (risos) Já não me lembro muito bem, mas...

A: Do que se lembrar.

EE3: Entrou assim repentinamente... Depois as coisas foram-se organizando com os professores e com a escola em casa... Acho que não demorou muito tempo para ele a ter esse apoio através do computador, não é?...

A: E este ano?

EE3: Este ano foi muito menos, mas o pouco tempo que foi, teve. No caso do (nome) ele não gostava nada de aulas pelo computador. Foi muito difícil para mim, para as professoras,... Ele não... Isto para ele não fazia sentido, estar a ter escola em casa. E até que ele entrasse nessa rotina foi assim um bocado difícil.

A: E quanto ao tempo de preparação? Ele ficou algum tempo sem apoio?

EE3: Só ficou aquele intervalo quando começou a pandemia, não é? Quando ficamos de novo em quarentena, ficou aqueles 15 dias que o Governo deu de férias.

A: Exato, aqueles que o Governo obrigou a não haver...

EE3: Exatamente e depois a partir daqueles 15 dias, começou outra vez a ter escola em casa.

A: Recordar-se se no ano passado o horário do (nome) teve que mudar?

EE3: (breve pausa) Teve que... É assim... O horário do (nome) foi feito comigo e com as professoras, não é? Mediante a disponibilidade porque o pai do (nome) trabalha de noite e então está dormindo durante o dia. Então o horário foi feito de acordo com o horário que o pai do (nome) acordasse. Que era para não haver muito barulho, porque o (nome) fazia muito barulho quando se começava a chatear, era uma desgraça. E também para ele funcionar lá com o computador e pôr aquilo tudo a trabalhar porque eu não estou muito assim... (risos) E então o

pai estava mais... Então tínhamos que conciliar o horário dele com o do pai estar acordado e então foi assim que acordamos esses horários.

A: Essa flexibilidade que a escola mostrou para adaptar o horário à rotina da família e às necessidades da família pareceu-lhe bem?

EE3: Sim, eu achei ótimo. Porque era quase impossível fazer um horário normal.

A: Para além desses ajustes no horário do (nome) que batessem certo com as rotinas da família, teve que mudar mais algumas rotinas aí em casa para se adaptar, no ano passado, ao ensino a distância do (nome)?

EE3: Não, não alterei assim grande coisa, porque ao adaptar os horários dele também adaptei as minhas tarefas e tudo isso para estar disponível na hora das aulas.

A: E este ano o horário do (nome) mudou?

EE3: Este ano continuamos a fazer os horários flexíveis, exatamente igual.

A: Este ano o (nome) continua a ter aulas a distância?

EE3: Não, ele agora está na escola.

A: Refiro-me ao confinamento.

EE3: Ah, sim... É assim o (nome) teve um tempo em casa na quarentena e depois as escolas abriram e havia aqueles meninos que podiam ir à escola que estavam em condições... Como é que hei de explicar?...

A: A lei permitia que os alunos com medidas adicionais...

EE3: Exatamente era isso. E então o (nome) não fez tudo em casa, começou a ir depois quando foi essa lei lhes deu o direito a ir... Ele estava incluído nessa...

A: Nessa possibilidade.

EE3: Nessa possibilidade que era preferencial porque ele aqui em casa não resultava muito bem. Por mais que a gente quisesse às vezes não conseguia e então lá na escola... É como ele diz “a escola é na escola e a casa é em casa”. E pronto...

A: Sentiu que a escola levou em consideração a sua opinião quando houve a decisão do (nome) passar, já que a lei permitia, para o ensino presencial? A escola ouviu a sua opinião ou impôs a decisão?

EE3: Não, não, não. Eu fui consultada. Antes de qualquer coisa sou sempre consultada, quarentena ou não quarentena. Quando há mudanças ou seja o que for eu sou sempre consultada e há sempre um diálogo entre mim e as professoras até chegarmos a um acordo há muito diálogo.

A: Este ano, neste ensino a distância, teve que mudar as suas rotinas para que ele pudesse ir à escola para que tivesse as terapias e o apoio da educação especial?

EE3: É assim, na minha rotina... Como eu estou em casa 24h e a minha rotina está adaptada a ele não mudou muito a não ser o horário em que ele ia e vinha.

A: Pode-se dizer então que, exatamente por essa sua disponibilidade a tempo inteiro que não houve constrangimentos ou limitações...

EE3: Não, não.

A: E em relação ao ano passado, será correto dizer que a única limitação que poderia haver era o horário por causa do trabalho noturno do pai do (nome), mas que a escola conseguiu adaptar de forma a minimizar essas limitações?

EE3: Sim, sim.

A: Sentiu-se apoiada? Sei que já me foi respondendo um bocadinho, mas agora diretamente. Sentiu-se apoiada pelo agrupamento durante os dois períodos de confinamento?

EE3: Sim, tivemos sempre em contacto e sempre houve a preocupação da parte delas em telefonarem, perguntarem como é que as coisas estavam a correr. Sim eu acho... Eu fui sempre correspondida da parte delas e... Mesmo que a gente sabe que o (nome) não é fácil, não é?... (risos) A gente foi conseguindo...

A: Como é que é feita essa comunicação com a escola? Por telefone,...

EE3: Por telefone, por *e-mail*, às vezes por vídeo. Mais com a professora de educação especial.

A: E no ano passado também era assim?

EE3: Sim, era a mesma coisa.

A: No ano passado, o (nome) estava em casa, estava a ter aulas a distância... Foi recebendo informações por parte dos professores de como ele estava a evoluir?

EE3: Sim, eu fui recebendo informação mediante os trabalhos que ele fazia em casa, e a gente enviava os trabalhos que ele fazia por *mail*. Fotografias... Pronto, das coisas que eles pediam. E recebi um bom *feedback*.

A: E este ano?

EE3: Este ano foi um bocadinho menos, não é?... O tempo foi mais curto de aulas em casa. Não senti assim grande... Como no ano passado...

A: Sim, porque no ano passado foram muitos meses... E naquele período de tempo em que ele ia à escola, o tal período de tempo que não era para todos, que a lei só permitia alguns...

EE3: Sim, sim.

A: Aí foram-lhe dando o *feedback* de como as coisas estavam a correr, como o (nome) estaria a evoluir.

EE3: Sim, sim. Inclusive as professoras às vezes telefonam-me durante a semana uma ou duas vezes, falando sobre comportamento e como se estava a adaptar. A gente vai falando sempre

durante a semana. Como agora não tem havido assim reuniões, a gente está sempre em contacto por telefone.

A: Sentiu... Acredito que foi sentido dificuldades no confinamento do ano passado, por ter sido mais longo...

EE3: Exato.

A: E por ter sido mais longo e completamente a distância, acredito que tenha sentido dificuldades e que tenha partilhado essas dificuldades com a professora de educação especial e com a professora titular.

EE3: Sim, sim, sim.

A: Sentiu que essas dificuldades que ia reportando foram atendidas, dentro das possibilidades da escola? Tentando resolver de alguma maneira...

EE3: Sim. É assim... Eu e as professoras estamos em sintonia em relação ao (nome). Eu sei as dificuldades dele e elas também sabem e por isso é assim... Como é que eu hei de explicar?... A gente vai falando exatamente das dificuldades, do comportamento dele se for muito agressivo quando não está... Porque ele não queria escrever, não queria fazer os trabalhos. Havia dias que atirava com tudo para o ar. Que não queria... Ficava nervoso e agressivo. E havia dias que a gente não conseguia mesmo fazer nada. Mesmo quando a professora estava em videochamada, elas sabem como é o (nome), não é... E apercebiam-se de isso tudo e a gente conversava sobre isso e íamos arranjando alternativas para conseguir fazer as coisas... Não era assim todos os dias, mas já chegou a um ponto em que... Cada vez que sabia que tinha que ir para a aula ficava logo... Mesmo com outros professores era assim um comportamento agitado. Nem elas próprias conseguiam fazer o que pretendiam porque não havia hipótese com ele. E depois havia dias mais calmos.

A: Onde as coisas corriam melhor.

EE3: Pois, exatamente.

A: Durante o período de ensino a distância o (nome) teve contacto de alguma forma com os colegas da turma?

EE3: Não. O (nome) nunca teve contacto com os colegas da turma porque ele estava... Nunca apareceram *online* todos juntos.

A: E isso é verdade tanto para o ano passado como para este ano? Sempre que tem aulas *online* era individual o apoio?

EE3: Sim, mas uma vez tentaram fazer isso, mas ele não queria.

A: Houve a tentativa, mas o efeito não...

EE3: Ele não queria estar... Não queria estar assim nesse ambiente. Preferia sozinho.

A: Sentiu que de alguma maneira isso o terá excluído da turma? O apoio ser sempre individual, sente que isso o excluiu da turma?

EE3: Penso que não porque ele... Em dias de escola normais ele já tem esta rotina, não é?... Ele tem a parte da sala e agora com a pandemia ele não tem muito contacto para a sala. Tem estado na unidade especial onde ele tem as terapias e a professora de educação especial. Portanto ele ali não tem... Durante a pandemia ele não tem tido muito contacto assim com a sala, até por pedido meu.

A: Sim.

EE3: Ele entretanto houve algumas disciplinas onde não correu tão bem e ele próprio rejeitou. Foi difícil voltar a pô-lo lá então ele próprio se vai excluindo de onde não gosta muito de estar. Ou na aula... Mas acho que já é assim desde o princípio, porque ele já está habituado a isso, porque ele vive na sala e vive na unidade.

A: Então na sua opinião, o facto, da escola optar mais frequentemente por aulas individuais, mesmo no *online* ser individuais, para si não é um fator de exclusão?

EE3: Não.

A: Será mais um fator de adaptação às características e necessidades do (nome)?

EE3: Exatamente, até porque ele prefere assim. Não é exigência nossa é ele que é assim.

A: Na sua opinião o plano que a escola traçou no ano passado, dentro das circunstâncias que todos conhecemos, o plano que a escola traçou e pensando só no seu filho teve qualidade?

EE3: (breve hesitação) A meu ver eu acho que teve, que teve qualidade mas há sempre situações que não se conseguem concretizar, não é? Mas em relação ao (nome), sim.

A: E este ano, as decisões que foram tomadas e que incluíram o (nome) no ensino a distância tiveram qualidade? O ensino a distância inclui a possibilidade de ter ido presencialmente.

EE3: Exatamente. Sim está tudo... Está tudo bem feito. Não tenho nada a dizer.

A: As propostas de trabalho que foram sendo apresentadas ao (nome), tanto no ano passado como neste ano, pareceram-lhe adequadas às características dele?

EE3: Sim, era o que ele estava habituado a fazer, fez a continuação aqui em casa. Há trabalhos que ele gosta mais de fazer lá. Tem um ambiente já do próprio trabalho que está a fazer. Lá é diferente, é como ele diz “escola é escola e casa é casa”.

A: E as terapias, como é que funcionaram no ano passado?

EE3: No ano passado durante a quarentena?

A: Sim, durante o ensino a distância.

EE3: Portanto... Estiveram incluídas as terapias através de trabalhos também.

A: E acha que essa forma de funcionamento das terapias no ano passado... Qual a sua opinião sobre essa forma de funcionamento das terapias?

EE3: Pois... Em relação a isso não sei dizer como é que funcionam as terapias lá presenciais. Eu fui fazendo aquilo que me mandaram fazer.

A: Sentiu dificuldades no cumprimento dessas indicações que foram dadas?

EE3: Eu não senti dificuldades em cumprir, senti dificuldades em fazer cumprir. Essas é que foram as minhas dificuldades. Lá está, ele nem sempre ele estava disponível.

A: E este ano como é que estão a funcionar as terapias?

EE3: Eu penso que estão correndo bem. Inclusive tenho tido contacto com a psicóloga. Para me dar algumas coisas para mudar algumas coisas na alimentação do (nome), que eu tenho dificuldade. E temos tido contacto para falar sobre o (nome).

A: Quais as maiores dificuldades que sentiu, aquando do ensino a distância do ano passado e deste ano? As suas dificuldades... O que é que lhe custou mais a resolver e a adaptar-se?

EE3: O que custou mais a resolver e a adaptar-me era a hora dele ir para o computador. Porque eu já sabia que... Então... Prepararmo-nos psicologicamente antes das coisas acontecerem ou antes de ele ir, não é? (risos). Mas tinha dias que era impossível. Mas olhe, já passou... A gente aprende sempre alguma coisa.

A: Acha que essa foi a maior dificuldade do (nome)?

EE3: Sim foi.

A: Perceber que àquela era aulas em casa...

EE3: Em casa..

A: Tinha que ir para a escola em casa.

EE3: Exatamente, isso foi uma grande confusão, foi uma complicação. Eu não sei como é que a gente aguentou, digamos assim.

A: Sentiu que no ensino a distância, comparando o ano passado com este ano, e tendo em atenção que este ano ele foi presencial, em termos de motivação e interesse sentiu diferenças?

EE3: Ah sim, não tem nada a ver. Ele já não tinha... O ano passado ele já não tinha... Eu acho que a escola em casa para ele não era bom. E assim ele indo à escola não tem nada a ver. E ele mesmo diz que prefere ir para a escola.

A: Falou-me há bocado que isto é uma grande aprendizagem. Estas situações de ensino a distância que todos tivemos que passar, que eventualmente ninguém conseguiu antecipar... Que aprendizagens levaremos para o futuro, sejam positivas ou negativas? Na sua opinião que aprendizagens poderão ser essas?

EE3: (breve pausa) Olhe, eu acho que... A aprendizagem que eu tiro disto tudo é que a gente... Por vezes a gente pensa que não consegue fazer certas e determinadas coisas em certas situações... Mas quando as coisas acontecem, da maneira que aconteceram, não é? A gente é obrigada a pensar e a resolver as coisas na situação que está, com as situações que tem. E acho que a gente consegue. A gente muitas vezes pensa “Ai não consigo e não sei como é que vai ser.” Depois está dentro a situação e vê que... Eu acho que... (risos) Esta pandemia veio-me mostrar que há coisas que a gente nem precisa. A sério, há coisas que a gente nem precisa, no dia-a-dia nem nos fazem falta nenhuma. É tipo... Como é que eu hei de explicar... Ai não me vem a palavra...

A: Mudou a perspetiva do que é importante e não é...

EE3: Exato. A importância das coisas... De repente caíram... Parece que... Há certas coisas que não faziam falta nem diferença. É isso que eu aprendi.

A: Não tenho mais questão nenhuma. Não sei se há alguma coisa que queira acrescentar ou esclarecer.

EE3: Por mim está tudo.

A: Agradeço imenso a sua colaboração e simpatia.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Encarregada de Educação (EE4)

Data: 3 de junho de 2021 (realizada a distância através do telefone)

Duração: 41 minutos e 09 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Bom dia. Muito obrigada por me dar esta entrevista e deixar fazer a gravação.

EE4: Bom dia.

A: Tal como já falamos ontem por telefone, esta entrevista é para a minha dissertação de mestrado cujo objetivo principal é perceber como é que os alunos de educação especial, com medidas adicionais e seletivas, ficaram na mudança repentina para o ensino a distância. Tanto na primeira experiência do ano passado como nesta, vamos falando sempre em comparação.

EE4: Os dois períodos... Está certo.

A: Podemos começar?

EE4: Ok.

A: Para começar preciso de caracterizar o entrevistado. Portanto vou-lhe pedir, se faz favor, que me diga a sua idade, as habilitações literárias e a profissão.

EE4: Eu tenho 49 anos. Habilitações... Eu só andei até ao 8º ano... E neste momento trabalho em apoio ao idoso, numa pequena firma que eu criei de apoio domiciliário.

A: Agora em relação ao seu filho, quantos anos é que ele tem?

EE4: Qual? O mais velho?...

A: Não. A que está na educação especial?

EE4: A (nome) tem 13 anos.

A: Ela tem medidas seletivas, não é?

EE4: Tem sim, seletivas.

A: Ela usufrui de algum tipo de terapia?

EE4: Na escola só tem a terapia ocupacional.

A: E fora da escola tem alguma terapia?

EE4: Ela fora da escola fazia psic... Psic... Ai... Psicologia teve sempre e andou 3 anos em psicomotricidade.

A: Então a psicomotricidade então...

EE4: Era tudo à parte, a psicomotricidade... Três anos não, ela andou lá (identificação do local) 5 anos e saiu por alta mesmo. A psicoterapeuta disse que ela já não havia necessidade.

A: Peço desculpa por só fazê-lo agora, mas gostaria de lhe lembrar que mesmo que façamos alguma referência passível de quebrar o anonimato, essa informação não será transcrita.

EE4: Ok.

A: A (nome) está na Educação Especial... Qual é a principal limitação que ela tem?

EE4: É a interação, compreender... Compreender às vezes aquilo que lhe é dito, as mensagens... Compreensão dos textos... E sentá-la e mantê-la quieta, se bem que agora ela já fica mais tempo sentada, acho que já não se levanta.

A: É aos bocadinhos...

EE4: É aos bocadinhos, é verdade.

A: Em relação ao ensino a distância, houve alguma orientação, seja através do Diretor de turma ou do Professor de educação especial... Houve alguma orientação da escola acerca de como ia funcionar o plano de ensino a distância? Tanto este ano como no ano passado.

EE4: No ano passado a Diretora de turma esteve sempre presente.

A: E foi através da Diretora de turma que as informações de como as coisas iriam ocorrer chegaram até si?

EE4: Sim, sim, sim.

A: Considera que foram claras quando as recebeu?

EE4: Sim, sim, muito claras, a Diretora de turma muito presente, sempre muito presente.

A: E este ano?

EE4: Este ano... As orientações todas foram dadas pelo professor de ensino especial.

A: E foram claras também?

EE4: Sim, sim.

A: De alguma maneira sentiu que participou nessas decisões ou simplesmente sentiu que lhe foram comunicadas?

EE4: Não, com o professor do ensino especial foi tudo participado. Este ano...

A: E no ano anterior, sentiu que participou ou foram simplesmente comunicadas?

EE4: Foi tudo igual. Foi, foi, foi... No ano passado a diretora de turma foi a pessoa mais disponível. Este ano não houve quase participação do diretor de turma.

A: Foi mesmo só o professor de Educação Especial...

EE: Foi mesmo só o professor de ensino especial.

A: Se se recordar no ano passado... Quando ficamos em casa foi de forma repentina. Recordase mais ou menos quanto tempo é que passou entre ficarmos em casa e ela começar a ter apoio?

EE4: (breve hesitação) Acho que foi em março, foi a partir de março que ela ficou em casa,...

A: Nós ficamos em casa, salvo o erro, a 13 de março. Recordase quanto tempo ficou sem apoio?

EE4: Ela ficou sem apoio... Ela não teve sem apoio, teve sempre o ensino a distância.

A: No ano passado. E este ano também?

EE4: Este ano também, teve sempre o ensino a distância.

A: Um pequeno aparte, ela já tinha equipamentos informáticos no ano passado?

EE4: Já, já, a (nome) possui muitos equipamentos informáticos, ela gosta muito. Ela tem telemóvel, tem *ipod*, tem computador portátil desde os quatro anos.

A: Aí não foi um obstáculo.

EE4: Não, não, nessa parte não foi um obstáculo.

A: O horário dela, no ano passado, quando passou para o ensino a distância, ficou igual ou sofreu alterações?

EE4: Foi... Houve alterações.

A: E essas alterações pareceram-lhe bem?

EE4: Olhe, foi um bocado complicado, mas nós depois adaptámo-nos.

A: E este ano o horário dela sofreu alterações quando passamos do presencial para o a distância?

EE4: Este ano não houve alterações. O Horário manteve-se eles fizeram o mesmo horário. Até o tempo que tiveram de aula foi igual, praticamente sempre igual.

A: Isso pareceu-lhe bem?

EE4: Olhe... Não, porque foram muitas horas e ela ficava muito cansada. Tinha alturas que ia-se embora... Tinha que ter sempre em casa uma pessoa a orientá-la.

A: É correto dizer que este ano a rotina familiar teve que mudar? Disse-me, nomeadamente, que tinha que ter sempre alguém em casa para a orientar. Houve mais alguma rotina familiar que tenha mudado este ano para que tenha conseguido dar resposta ao ensino a distância?

EE4: Este ano... No ano passado tivemos a colaboração da minha filha, a do meio, a minha (nome da irmã).

A: A (nome da irmã) é mais velha que a (nome) ou é mais nova?

EE4: É mais velha, tem 27 anos

A: Ok. Sim.

EE4: Teve sempre a ajudar a (nome) a (nome da irmã). Este ano a (nome da irmã) também é professora e teve em casa e colaborou sempre com a (nome)... Mesmo dando as aulas dela, estava de um lado e a (nome) de outro. Ia sempre em auxílio da (nome). E eu também sempre que o meu trabalho me permitia também tive que orientar as coisas e também passei muito tempo em casa com a (nome).

A: Diga-me uma coisa, no seu trabalho este ano teve que continuar trabalhar e a sair, não é? E no ano passado ficou em casa com a (nome) o tempo todo ou tinha que sair para trabalhar?

EE4: Sempre a trabalhar, sempre a trabalhar.

A: Ah, ok. Olhando para a organização do ensino a distância que a escola fez, tanto no ano passado como neste ano, que limitações ou constrangimentos é que sentiu para se adaptar ao ensino a distância? Já me falou da necessidade de recorrer à ajuda de uma das suas filhas. Houve mais alguma limitação que teve que superar?

EE4: Olhe, o que... O que tivemos que adaptar foi mesmo aos horários de trabalho. A (nome) reagiu muito bem, porque a (nome) gosta muito de estar em casa. E então... Ela estranhou ao início, mas tirando a parte de ter de ficar em casa ela adorou ficar em casa...

A: É interessante ver o que para nós é um entrave para os miúdos às vezes não é...

EE4: Pois não, a (nome) nunca foi um entrave o ensino a distância.

A: Foi necessário fazer algum ajuste... O ensino a distância ainda durou bastante tempo...

EE4: Pois durou.

A: Durou meses, o primeiro durou meses. Foi necessário fazer algum ajuste, alguma alteração por exemplo no horário... Ou a partir do momento em que se conseguiram organizar para ela ter as aulas de ensino a distância conseguiram manter-se assim até ao fim?

EE4: Conseguimos, conseguimos manter até ao fim.

A: Diga-me, tanto no ano passado como neste ano, sentiu-se apoiada pelo agrupamento, nesses dois períodos de ensino a distância?

EE4: Olhe... No ano passado, pela diretora de turma, sentimo-nos sempre apoiadas, tanto eu como toda a turma. Este ano, cada pessoa é cada pessoa e é diferente.... Este ano o diretor de turma não nos apoiou muito, em geral, não é só por ser a minha (nome) quando é geral. A (nome) teve mais sorte porque ainda tinha o apoio sempre presente do professor de ensino especial.

A: Sim, sim. E no ano passado sentiu-se sempre apoiada pelo professor de educação especial? Falou-me que se sentiu muito apoiada pela diretora de turma. E por parte da educação especial, no ano passado, sentiu-se apoiada?

EE4: No ano passado a educação especial não, não, participou. Só teve... Só tinha um dia. O horário da educação especial, no ano passado, foi alterado. A (nome) só tinha um dia e por acaso era fora do horário, ela de manhã tinha as aulas e depois o ensino especial não participou. Alteraram aí, e depois só tinha uma vez por semana orientações do professor de ensino especial.

A: Ah, já entendi a diferença, sim. Já entendi a diferença...

EE4: Sim uma diferença. Este ano não, este ano manteve sempre o horário do professor de educação especial. O que foi melhor.

A: Sim, sim.

EE4: E no ano passado ela tinha o horário do ensino especial na parte da tarde. Ora, na parte da tarde a (nome) como é autista e estava sempre fechada em casa... Nós às vezes saíamos e íamos... Eu moro dentro de (identificação da cidade) e íamos ao campo de carro para levar a (nome) um bocadinho a correr, a sair...

A: E como a aula era à tarde...

EE4: Sim, e às vezes a (nome) esquecia-se da aula ou chegávamos atrasadas. Mas o professor esteve sempre lá, no horário que lhe deram para a apoiar.

A: Como é que no ano passado foi sendo feita esta comunicação com a escola? Com que meios?

EE4: Sempre por *e-mail*, a diretora de turma participava... Nós tínhamos um grupo e temos de *whatsapp* de pais e a diretora de turma participou sempre, aliás a diretora de turma e vários professores, estiveram sempre presentes no *whatsapp* também na comunidade dos pais.

A: E por telefone, por exemplo, é comum haver esse tipo de contactos?

EE4: E por telefone também, a diretora de turma, ainda hoje eu tenho o telefone da diretora de turma, a professora (nome), professora de inglês também fazia contactos por *whatsapp* e por telefone ou por *e-mail*. Por *e-mail* utilizava pouco, a professora (nome), que era a diretora de turma quando precisava de alguma coisa telefonava-me sempre.

A: E este ano, em termos de comunicação com a escola, como é que tem sido?

EE4: Este ano em termos de comunicação com a escola só por *e-mail*, o diretor de turma quer tudo por *e-mail*. Mantivemos o contacto por telefone e sempre presente... Lá está... Este ano funcionou mais o ensino especial com o professor (nome).

A: No ano passado foi recebendo informações de como a (nome) estava a evoluir?... Esse tipo de informações foram-lhe sendo dadas?

EE4: Sim, sim.

A: Como me disse, no ano passado comunicou muito mais com o diretor de turma. Então foi através do diretor de turma que foi recebendo essas informações no ano passado?

EE4: Foi, foi, foi, foi.

A: E este ano tem esse *feedback* por parte da escola? De como a (aluna) está a evoluir, de como as coisas estão...

EE4: Sim, através do *e-mail* que o professor diretor de turma manda e o professor de ensino especial que está sempre presente.

A: É possível que, ao longo dos meses no ano passado e mesmo neste ano, tenha sentido algumas dificuldades. Foi reportando, foi dizendo essas dificuldades quer ao diretor de turma quer ao professor de educação especial?

EE4: Fui dizendo ao professor de educação especial.

A: Sentiu se as suas dificuldades eram entendidas e que foi feito algum esforço para tentar minimizar ou sentiu, de alguma maneira, que partilhava as suas dificuldades mas que isso não surtia efeitos na prática?

EE4: Nem todas. Nem todas, incluindo... Nós é que tivemos em casa a ensinar a (nome) e a ajudar a (nome) sempre presentes e o diretor da escola diz que nós agimos mal porque interferimos nas aulas. Nós não interferíamos nas aulas, nós apenas queríamos ajudar a (nome) e é necessário que a (nome) tenha uma pessoa sempre ao lado. Mas o diretor de turma deste ano não compreendeu esse ponto e o diretor da escola também não.

NOTA: Durante cerca de 5 minutos a EE partilhou pormenores de um diferendo com o Agrupamento. Considerando que nenhuma das informações relatadas acrescenta informação relevante para o presente estudo e também para preservar a privacidade da entrevistada decidimos não fazer a transcrição deste excerto da entrevista.

EE4: A (nome) tem 13 anos já faz 14... Está no 7.º ano irá p'ró 8.º que ela tem notas para ir para o 8.º, mas não deixa de ser autista por andar no 7.º ano ou quando for para a escola secundária... Ela será sempre autista, ela precisará sempre de apoio.

A: Durante o ensino a distância, no ano passado, a (nome) manteve algum tipo de contacto com a turma?

EE4: Pouco, porque ela também lá na escola não mantém muito. Pouco... Ela está sempre mais presente com os adultos, com as funcionárias, com a professora (nome)... Às vezes até queria ir para a casa de banho com a professora (nome). Andava sempre, sempre, coladinha à

professora (nome) e à professora (nome). A professora até dizia “Agora não podes”. Às vezes descia as escadas com elas, as dos professores. “Ó (nome) tens que te habituar a descer...”. Pois a (nome) é muito sensível ao barulho... E ela não gosta de chegar à escola antes do toque, é depois do toque que é para ir sem meninos, já sem aquele barulho, sem aquela confusão...

A: Sim, sim. Mesmo estando a distância, o facto de não ter muito contacto... Ela tinha aulas *online* com os colegas, ela via-os através da plataforma, não é?

EE4: Sim, sim.

A: Mas além desse contacto não tinha mais, mas também está de acordo com o que ela costuma optar...

EE4: Sim, é, é, é... Ela é mesmo assim. Ela tem pouco... Ela não é muito... Só uma menina ou outra assim mais sensível a consegue levar. Este ano regressou à turma uma miúda, a (nome), que já a conheceu na escola primária, é mais velha do que ela e tem assim alguma sensibilidade lidou com ela na escola primária...

A: Sim, sim.

EE4: Ia lá a minha casa quando eram pequeninas e então muito sensível. No outro ano tinha a (nome) que saiu da turma para ir para a França estar com o pai, também tinha uma menina ou outra... É muito seletiva nas meninas, nas colegas.

A: Então, este ano no ensino a distância a situação foi semelhante, ela tinha contacto durante as aulas *online*, mas para além disso, não.

EE4: Não, não, não. Ela não tem muito... Quando era mais pequenina teve mais, mas como houve a alteração da turma as meninas ficaram noutra turma, porque a (nome) no terceiro ano também teve problemas com o ensino especial, com as terapeutas, com os professores, foi a mudança de turma, de professor... Então a (nome) não se adaptou muito bem. Até chumbou nesse terceiro ano...

A: Sentiu que de alguma maneira, a sua filha teve em alguma circunstância excluída da turma, no ensino a distância, mais do que antes?

EE4: Estas crianças, normalmente... Às vezes pelos colegas, são sempre excluídas, mas não é nada por aí além. Eles próprios também se excluem. Eles próprios também... É como lhe digo, a (nome) é mais com funcionárias...

A: Mais com adultos, não é?

EE4: É mais adultos é. É mais adultos o que ela procura. Ela vai sempre procurar apoio da pessoa adulta.

A: Durante a modalidade de ensino a distância surgiu alguma mudança? A escola, tanto no ano passado como neste ano, disse-lhe como as coisas iriam funcionar. Durante o processo houve

necessidade de mudar alguma coisa, ou o plano inicial que a escola propôs estendeu-se até ao final da obrigação de ensino a distância?

EE4: Sim estendeu-se. As coisas correram bem, dentro do possível.

A: No ano passado... Já me disse que a (nome) tanto no primeiro confinamento como agora esteve sempre *online*...

EE: Teve sempre *online*, sempre.

A: Em termos de qualidade, acha que o plano que a escola apresentou no ano passado, e pensando na sua filha... Acha que teve qualidade o plano de ensino a distância que a escola implementou no ano passado?

EE4: Olhe... Qualidade, qualidade, não teve. Não é uma coisa boa. É diferente. Mas fez-se o possível.

A: E este ano? Em termos de qualidade, acha que houve melhorias? Qual a sua opinião em relação ao plano que a escola implementou?

EE4: (breve pausa) A escola tentou fazer os possíveis e a (nome) tentou-se adaptar, mas olhe... Nem sempre... Nem sempre as coisas correm bem. E não foi bom. Acho que o ensino a distância não foi bom, nem para a (nome), nem para criança nenhuma.

A: Disse-me que no ano passado... Falando em particular da educação especial. Disse-me que no ano passado o apoio de educação especial era uma vez por semana e extra-horário e que este ano, a educação especial seguiu os mesmos moldes que estava no presencial, ou seja, era em comum com as aulas tal como estava estipulado presencialmente na escola. Acha que isso foi uma melhoria?

EE4: Foi, foi, foi melhor assim este ano. Foi melhor.

A: E as atividades propostas pelos professores pareceram-lhe adequadas? Considerando o ensino a distância, as atividades que os professores foram propondo estão de acordo com o que a (nome) precisaria?

EE4: Em algumas ela sentiu dificuldades.

A: E ao nível das terapias, no ano passado como é que decorreu?

EE4: As terapias, na escola, ficou tudo suspenso, não teve. Agora, a clínica em (localização) da psicóloga também fechou, mas continuamos a ter apoio da psicóloga no *whatsapp*. A psicóloga esteve sempre presente.

A: Na escola terem ficado suspensas e no *whatsapp* ter feito psicologia, é verdade tanto para o ano passado, como para este ano?

EE4: Não, este ano a clínica não fechou. Este ano manteve sempre no ano passado é que foi mesmo geral fechar. Este ano a clínica abriu e a (nome) retomou, fez tudo normal.

A: E este ano, na escola, teve apoio de terapia?

EE4: Não, não e no ano passado também não. As terapias ficou tudo suspenso.

A: Quais as maiores dificuldades que sentiu na adaptação, tanto no ano passado como neste ano, ao ensino a distância?

EE4: (breve pausa) Olhe, as maiores dificuldades... Foi... Os horários, que eu tive que me adaptar. A rotina diária. Foi... Algumas coisas, que eu às vezes não tinha o apoio da minha (nome) e eu tinha que ajudar a (nome)... Mas conseguiu-se.

A: E que...

EE4: Ela não desceu nada das notas, das médias, manteve. Algumas até... Algumas até subiu porque propunham trabalhos manuais e a (nome) sozinha em casa, inspirada, ela consegue fazer trabalhos manuais de apresentação bons. E isso valeu-lhe subir um bocadinho, em algumas disciplinas, a nota. Mas a (nome) é inteligente à maior parte das disciplinas, é fazer... Faz tudo muito à pressa e é isso que a prejudica.

A: Que dificuldades é que a (nome) foi dizendo que sentia?

EE4: A (nome)... As dificuldades da (nome)... Era... Era... Estar sempre sentada no computador, queria sair, aborrecia-se eram muitas horas, era a tarde inteira, este ano era de tarde, era as tardes inteiras... Foi muito difícil.

A: Disse-me no início que a (nome) gostou da parte de estar em casa.

EE4: Sim, dessa parte ela gosta de estar em casa. O ano passado correu melhor porque era menos tempo.

A: Pois, pois... Então a dificuldade deste ano também tem a ver com... Como cumpria o horário inteiro... De ser muito tempo.

EE4: Inteiro, sim, sim, sim.

A: E em relação às atividades, ela foi dizendo as dificuldades que sentia? Ela pedia ajuda? O que é que ela ia dizendo?

EE4: Ela pedia ajuda. Ela pedia ajuda para a ajudarmos a fazer as atividades, para lhe lermos os textos...

A: Ela ia demonstrando interesse nas atividades?

EE4: Ia, ia, ia, sim. Sim, mas a (nome) nas coisas que ela gosta faz tudo muito bem, mas matéria que ela não gosta, aí já a dificuldade é maior.

A: Notou diferenças na motivação e interesse da (nome) na escola? Acha que no ensino a distância, comparativamente ao presencial, ela mostrou mais ou menos interesse?

EE4: É como lhe digo. Coisas que ela gosta, matéria que ela gosta e coisas que ela gosta, ela mostra interesse e motivação. Coisas que ela não gosta, matéria que ela não gosta... Coisas

de... Aí ela desinteressa muito facilmente, ela está a fazer ali e é muito difícil conseguir trabalhar com ela. Em coisas que ela não gosta, em matéria que ela não gosta é muito difícil.

A: Então...

EE4: É muito..

A: Peço desculpa não percebi.

EE4: A motivação... Em coisas que ela não gosta é muito pouca.

A: isso também acontece no ensino presencial? Isso de ela se motivar...

EE4: Sim, sim. Ela agora está no ensino presencial está a dar matéria de matemática que ela não gosta... E ela não quer fazer e foi ontem... Foi ontem, o professor do ensino especial teve a dizer que a professora de matemática se está a queixar da (nome), não quer fazer, não quer fazer. "E porquê (nome)? Não gosto."

A: Então não foi diferente no presencial e no ensino a distância.

EE4: Não, não, não, isso não. Ela é assim, para além de ser autista tem um bocadinho de mau feitio. Também é um bocadinho difícil. (risos)

A: Na sua opinião... Quer a experiência de ensino a distância do ano passado quer a deste ano, foram experiências de surpresa, pelas quais ninguém passou...

EE4: É verdade, é verdade.

A: Provavelmente nem pensávamos que iríamos passar. Acha que esta experiência de ensino a distância pode trazer para o futuro, coisas positivas ou coisas negativas? O facto de termos experimentado, de termos passado por estas situações... Se houve coisas que fomos aprendendo que podemos levar para o futuro sejam positivas, sejam negativas?

EE4: Acho que sim. Acho que houve coisas negativas e coisas positivas. E sim, acho que há coisas que ficam, que vão mesmo...

A: Por exemplo, que coisas positivas e negativas é que acha que vão ficar?

EE4: Olhe, coisas positivas é a adaptação de conseguir trabalhar em casa e conseguir ter aulas em casa. A (nome), depois o difícil foi o regressar à escola... Pois, porque ela habitua-se a estar em casa e depois... E para sair de casa... Ainda hoje eu estou a adaptar a (nome) à vida normal...

A: Pois, como ela preza muito o silêncio, a calma e o estar em casa no mundo dela.

EE4: Exato. Isso depois... Ainda hoje estamos a adaptar-nos. A (nome) habitua-se a estar em casa, a não sair do Concelho... E para sair de casa... Ela sai de casa e vai para a escola e da escola vem para casa. Ainda não voltou bem... Ainda não gosta de andar aí. Eu quero sair com ela fora de (cidade) e ela está sempre a pôr entraves. Eu agora estou a habituá-la a fazermos a nossa vida normal.

A: Devagarinho a voltar aos hábitos anteriores...

EE4: Aos hábitos anteriores.

A: Eu não tenho mais perguntas para lhe fazer. Não sei há alguma coisa que queira acrescentar ou que queira dizer...

EE4: Não sei... O que é que eu vou dizer... A (nome) adaptou-se corretamente dentro do possível. Eu também tive que me adaptar, também foi uma ginástica para mim tão grande, uma canseira... Eu não pude deixar o meu trabalho, tinha muitas pessoas que dependiam de mim...

A: Sim.

EE4: E olhe, sobrevivemos a isto. Eu e ela sobrevivemos a isto, foi uma canseira, foi um desgaste. Estava tudo fechado em casa e eu, agora falando de mim, tinha que estar a trabalhar.

A: Pois, não há de ter sido fácil...

EE4: Não tem sido, não. Há trabalhos que não se podem fazer a distância e o meu é um deles, foi sempre a trabalhar. E ter a (nome)... O que me valeu... A minha grande valia foi ter a minha (nome da irmã da aluna) que também veio para casa e serviu-me de grande ajuda. Tanto para mim como para ela, mesmo uma grande ajuda. Pena que a escola este ano... No ano passado correu tudo bem. A relação escola família correu lindamente não houve nenhum obstáculo, nenhum professor pôs obstáculo, nada. E este ano, houve ali aquela falha de comunicação com o diretor de turma, mas de resto... Também olhe... Correu dentro do possível. Até a mudança do horário... A (nome) não gosta desse horário da tarde...

A: Pois.

EE4: Ela está a tarde toda presa na escola, todos os dias, nem uma tarde tem livre.... É uma coisa impressionante.

A: As escolas tiveram que fazer assim e muitos alunos ressentiram-se.

EE4: Foi, foi, foi, foi. Ela queixa-se... Agora os dias são maiores... Porque ela na parte da tarde saía da escola e ia dar uma voltinha, ia até à baixa, ia ver o mar e isso acalmava-a. Fazia caminhadas junto ao mar e isso acalmava-a muito e este ano não tivemos nada disso. Também tem sido um ano letivo difícil derivado a essas coisas todas. O horário dela também... Agora à segunda-feira é o dia que ela sai mais cedo, sai dez para as três e aí eu consigo levá-la. Porque eu de manhã tenho mais dificuldade em levá-la... A manhã é toda a trabalhar, da parte da tarde já conseguia ter um tempo para ir ajudar a ela, para ela sair, porque ela precisa. E ela precisa para se autorregular, a (nome) para se autorregular precisa de andar, andar, andar, andar... Ela gostava, apesar de ela gostar de estar fechada em casa, não é bom. O que é bom é ela autorregular-se, andar, fazer caminhadas junto ao mar, ela acalma muito.

A: Quero agradecer-lhe imenso a sua colaboração e simpatia.

Transcrição da entrevista semiestruturada – Encarregada de Educação (EE5)

Data: 8 de junho de 2021 (realizada a distância através do telefone)

Duração: 40 minutos e 08 segundos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Boa tarde. Obrigadíssimo por aceitar falar comigo. Tal como já falamos por telefone, esta entrevista é para a minha dissertação de mestrado cujo objetivo principal é perceber como é que os alunos de educação especial, com medidas adicionais e seletivas, ficaram na mudança repentina para o ensino a distância. Só para lhe lembrar que apesar de eu estar a gravar, não irei transcrever nenhum elemento que possa quebrar o anonimato. Podemos começar?

EE5: Ok.

A: Para começar eu tenho que caracterizar a pessoa com quem eu estou a falar. Portanto eu vou pedir-lhe o favor de me dizer a sua idade, as habilitações literárias e a sua profissão.

EE5: Está bem, está bem. Então eu tenho 40 anos, tenho uma licenciatura em ensino básico e 1º ciclo e estou como professora de apoio do 1º ciclo neste momento.

A: E o (nome) que idade tem?

EE5: O (nome) fez 14 em março.

A: Em que ano está?

EE5: Ele está no 7º.

A: Quais são as medidas educativas que ele tem? Adicionais, seletivas...

EE5: Eu acho que ele tem as duas porque ele tem... Eu faço sempre confusão sinceramente... Ele tem adequações a todas as disciplinas, à exceção de inglês, mas acompanha tudo normal, só faz os testes diferentes. Acompanha a turma.

A: Então tem medidas seletivas.

EE5: Exatamente são as seletivas.

A: De onde advêm as necessidades educativas dele?

EE5: De onde vêm?

A: Eventualmente um diagnóstico...

EE5: Ele não tem exatamente um diagnóstico... Eu tenho um relatório que desde sempre é dito que ele está no espectro do autismo ligeiro e as adequações dele têm estado sempre relacionadas com o autismo.

A: Ele usufruiu de alguma terapia?

EE5: Usufrui, ele tem usufruído sempre. Terapia ocupacional, Terapia da fala e Psicologia. Mas Terapia ocupacional já não tem desde o segundo 5º ano, acho eu. Sei que nos últimos dois anos não teve esta terapia, acharam que já não se adequaria.

A: E essas terapias são na escola?

EE5: São na escola sim.

A: A minha dissertação de mestrado centra-se nas duas fases de ensino a distância. Referindo-se a estes dois períodos, tanto no do ano passado como no deste ano, na altura em que passamos para o ensino a distância, recebeu da escola as indicações sobre como as coisas se iriam processar dali para a frente?

EE5: Sim, mas recebi a mesma informação que os outros alunos receberam. Ele não teve apoio nenhum diferente dos outros meninos a não ser as aulas de apoio que passaram a ser *online* também.

A: Na altura, essas indicações que lhe deram pareceram-lhe claras?

EE5: Sim. Eu entendi que ele teria as mesmas... As mesmas medidas que os outros meninos, teria a aulas *online* e seria parte do trabalho realizado, o trabalho autónomo seria feito também *online*. Mas sou sincera, agora neste segundo... Neste segundo confinamento o que nos disseram foi que, por exemplo, eles teriam duas horas de aula e que uma aula seria com a professora, a aula síncrona e que o restante da aula seria trabalho autónomo. Eu aí acho que eles não foram muito claros porque o que eu entendi era que e os meninos iriam ter as fichas para fazer e tudo mais, como foi no primeiro confinamento. Portanto, no primeiro confinamento foi um bocadinho diferente porque eles só tinham uma disciplina uma vez por semana e depois tinham a semana toda para fazer o trabalho autónomo daquela disciplina até à semana seguinte. Agora não. Agora era metade da aula síncrona e outra metade de trabalho autónomo. Eu entendi que seriam trabalhos para os meninos fazerem sozinhos e então de início ia ver o que ele tinha para fazer para ajudá-lo e tudo mais, só que depois apercebi-me que afinal

o trabalho autónomo era feito, mas era feito com os professores em linha, eles iam fazendo o trabalho e tirando dúvidas e tudo mais com os professores. De maneira que ele acabou por ter menos o meu apoio, digamos assim, neste segundo confinamento. Porque esse apoio era mais feito pelos professores que passavam mais tempo com eles.

A: Sentiu que essas indicações que recebeu, de como as coisas iriam funcionar, tanto no ano passado como este ano, havia alguma margem para sugestões ou simplesmente lhe foram apresentadas?

EE5: Eu acho que não houve muita margem para sugestões, era assim e pronto. Mas se houvesse algum problema... Se no decorrer das aulas, se alguma coisa não corresse bem, se houvesse algum problema que aí sim falávamos e víamos se havia alguma possibilidade de mudar alguma coisa, mas não foi indicado nada disso de início. Disseram-nos como é que as coisas iriam funcionar e pronto.

A: Neste confinamento mais recente nós ficamos todos em casa, depois decorreram aquelas duas semanas impostas pelo Ministério em que não houve aulas...

EE5: Sim.

A: Recorda-se se o apoio ao (nome) começou logo ou teve algum tempo sem apoio de educação especial?

EE5: Ele, apoio de educação especial não está a ter porque o apoio que tava a ter de educação especial era nas aulas, em aula. Este ano ele não tinha horas de apoio especial, digamos assim, horas dedicadas ao ensino especial. Ele tinha sim o ensino especial nas aulas de português salvo o erro. E eu sinceramente nunca me apercebi que no *online* que ele tivesse a ter esse apoio. Ele tinha era as aulas de apoio de matemática e português com a docente da turma...

A: E não de educação especial...

EE5: Eu não me apercebi sinceramente.

A: Sei que já vai há bastante tempo... E no ano passado? Recorda-se quanto tempo passou entre termos ficado em casa e o (nome) ter recomeçado a ter apoio?

EE5: Quando as aulas recomeçaram ou quando estávamos em casa?

A: Quando estávamos em casa no ano passado.

EE5: Quando estávamos em casa eu acho que ele não teve apoio.

A: Não?

EE5: Não, penso que não. Não me recordo dele ter tido apoio quando tava nas aulas síncronas. Eu sinceramente não me recordo dele ter tido apoio.

A: Já me disse um bocadinho, mas agora faço-lhe a pergunta mais especificamente. Que alterações sofreu o horário do ano passado, comparando o presencial com o *online*?

EE5: Foi totalmente diferente, no ano passado, a medida que tomaram foi... Em cada dia eles tinham uma disciplina, não tenho a certeza se até teriam duas, às vezes, no mesmo dia, mas estava distribuído pela semana de maneira a terem uma única vez cada disciplina.

A: Sim.

EE5: E nessa disciplina o professor dava a aula síncrona e depois mandava-lhes trabalhos para eles realizarem até à semana seguinte que era quando tinham a aula. Ou seja, o horário foi completamente diferente do horário que eles tinham quando estavam na escola e as aulas eram todas de manhã. Agora neste confinamento o horário manteve-se exatamente igual, ou seja, eles têm... Até este ano é muito chato porque eles têm aulas na parte da tarde, têm dias de manhã e de tarde e outros dias que são só à tarde. E as aulas mantiveram exatamente o mesmo horário do regime presencial.

A: Pareceu-lhe adequado este ano o horário ter-se mantido igual e no ano passado completamente diferente? Pareceu-lhe adequado?

EE5: Olhe, não me pareceu muito adequado este ano porque... Adequado a ele, digamos assim...

A: Exatamente, se é adequado a ele é que eu gostaria de saber.

EE5: É muito sobrecarregado, tem dias das nove e meia às seis e quarenta e outros dias das duas e meia às seis e quarenta. A capacidade de concentração dele na parte da tarde, para o final é muito reduzida... De maneira que ele não foi tão produtivo como foi quando eles tinham as aulas só de manhã. Eu ainda pensei que eles fizessem um sistema parecido, ou que ao menos... Mudassem os horários, que tentassem pôr os miúdos com mais aulas de manhã porque... Reduzir ali um bocadinho a carga horária para o final da tarde e colocar tudo mais na parte da manhã. Mas pronto, não foi possível. Eles disseram que ia manter-se tudo como estava. E então, o que eu reparava é que, pronto é as horas que ele está com atenção é as horas em que não tem aulas.

A: E no ano passado as alterações no horário pareceram-lhe adequadas?

EE5: Pareceram-me adequadas sim. Pareceram-me adequadas, se bem que, eu acho, que no ano passado se calhar poderia ter sido um bocadinho a junção deste ano, ou seja, o tempo da aula de trabalho autónomo seria bom se eles tivessem tido o apoio mais tempo com os professores da disciplina. Eles tinham só um bocadinho de aula síncrona que eram duas horas, nem eram duas horas, era 45 minutos no máximo, salvo o erro, ou meia hora... Depois faziam um intervalo e depois ficavam mais meia hora e depois entretanto o que eu achava é que depois o resto do trabalho ficava para nós, pais, digamos assim. Porque a partir do momento em que os

nossos filhos não conseguem fazer as coisas sozinhos temos que ser nós. Por acaso estávamos em casa e pudemos fazer isso, mas se não tivéssemos seria mais difícil, não é?...

A: Agora que me falou sobre lá em casa... Tiveram que mudar a rotina familiar para dar resposta ao ensino a distância do (nome)?

EE5: Sim, claro. Toda a rotina foi alterada conforme as aulas síncronas dele e da irmã. Nós estávamos em casa e então a rotina foi feita de acordo com as aulas deles.

A: E este ano tiveram que mudar alguma coisa para se ajustarem ao ensino a distância do (nome)?

EE5: Foi mais em termos de rotinas de almoços e jantares, o que quer que seja, foi mais por aí sim. Temos que nos ajustar de maneira que àquela hora tivesse disponível e tivesse aquele bocadinho para ele e pronto. As alterações normais que têm que se fazer quando estamos a trabalhar em casa, ou nós ou os miúdos...

A: Disse-me que as rotinas tiveram que se adaptar a essa realidade... Que limitações ou constrangimentos sentiu nessas mudanças de rotina?

EE5: Sinceramente, nesta altura o que eu senti não teve propriamente a ver com ele, mas pelo facto de termos uma bebé, ela tem cerca de um ano nesta altura, e eu para estar com ela não conseguia dar tanta atenção a ele porque... Ter cuidado para a porta estar fechada para ela não ir interromper e tudo mais e no ano anterior como ela era mais pequenita eu conseguia estar com mais atenção ao que ele estava a fazer e o que ele estava a dar. Consegui dar outro apoio que não consegui dar agora porque ele tinha que estar ali mais fechado, porque era precisamente à hora que ela estava mais acordada e então não conseguíamos gerir essa parte tão bem. Mas foi mais pela questão familiar, digamos assim, por termos a bebé.

A: Sim, sim.

EE5: Mas em termos de rotina familiar foi um bocadinho mais complicado por isso. Eu não consegui dar-lhe tanta atenção, se bem que neste segundo confinamento tivemos aqui uma alteração do comportamento do (nome). Ele queria fazer tudo sozinho, não queria que eu estivesse sempre perto dele a ver o que ele estava a fazer e então acabamos por... Falei com a diretora de turma, expliquei o que estava a acontecer e disse-lhe que tínhamos feito um acordo com ele. Que era... Ele iria... Uma vez que os professores estavam a fazer o trabalho autónomo com eles eu consegui fazer isto... Que foi: “Então pronto fazes os trabalhos autónomos com os professores, a mãe não te chateia, só quando precisares de ajuda vens perguntar”. De qualquer maneira a gente ia sempre perguntar: “Já fizeste os trabalhos de casa? Não precisas de ajuda? Não tens trabalhos de casa para fazer?” Mas, pronto, esse trabalho autónomo era feito com a ajuda dos professores, o que também me deixou que ele estivesse

mais livre, digamos assim. Que ele trabalhasse mais autonomamente. Então o nosso desafio foi esse, foi ele fazer as coisas por ele e vermos onde aquilo ir dar, ver o que é que ficaria por fazer e que é que não ficaria por fazer, ver um bocadinho até onde iria a responsabilidade dele.

A: Sim.

EE5: Correu razoavelmente bem. (risos) A maior parte das coisas fizeram-se, houve ali uma ou outra coisinha que... Já tinha passado a altura de entregar, mas no geral correu bem.

A: Como me disse, tanto este ano como no ano passado, a escola apresentou como as coisas se iriam processar. As coisas correram sempre assim ou da parte da escola houve ajustes, alterações ao longo do processo?

EE5: Não, as coisas correram sempre assim. Só algumas aulas em que os professores tiveram que faltar porque não podiam ir. Era como o regime presencial, quando não podiam ir avisavam, enviavam um *e-mail* a avisar. Não houve alterações nenhuma durante o período que eles tiveram em casa. Correu tudo da mesma forma.

A: Tanto no ano...

EE5: A única coisa que não correu da mesma forma foram as sessões de terapia e de psicologia que nos solicitaram para ser presencial. Estiveram a auscultar os pais para saber a possibilidade de ser presencial e o que é que nós achávamos. O (nome) não foi porque em termos de gestão familiar eu não conseguia ir levá-lo e ficar lá à espera dele e depois trazê-lo por uma hora, porque nós não vivemos em (nome da cidade) e então era uma grande ginástica e era impossível. Eu optei por ele não ter terapia da fala e psicologia, ele ficou sem terapia da fala e sem psicologia.

A: Ok.

EE5: Mas não foi caso único, acho que quase pais nenhuns aderiram à questão de ser presencial e eles não nos deram a hipótese de ser *online*.

A: De uma forma geral, no ano passado, durante o período de ensino a distância sentiu-se apoiada pelo Agrupamento?

EE5: (breve pausa) É assim... Eu sempre me senti apoiada pela diretora de turma. Isso sim. Sempre que eu precisava de alguma coisa, quando tinha alguma dúvida... Mas isso tem sido tanto *online* como presencial, ela é muitíssimo disponível e para qualquer coisa nós conseguimos logo comunicar e pronto... Esclarecer quando alguma coisa não está muito bem e tudo mais. Aí eu senti mesmo o apoio como se ele estivesse a ter o regime presencial. Em termos de Agrupamento em si, eu não precisei de mais entidade nenhuma, digamos assim, que entretanto tivesse falhado, isso não. O contacto que eu tive e as coisas que eu precisei, consegui sempre através da diretora de turma.

A: E este ano também?

EE5: Sim.

A: A comunicação com a escola como é que tem corrido? Com é que tem sido feita, referindo-se aos dois períodos de ensino a distância?

EE5: é como lhe disse, é através da diretora de turma sempre.

A: Sim, mas recorreram à plataforma, telefone, *e-mail*...

EE5: Via *e-mail*, através de *e-mail*. Entretanto este ano já... Enquanto tivemos em pandemia foi sempre através de *e-mail* ou mensagens.

A: E no ano passado, também?

EE5: Também, também, também. E às vezes mesmo através de um telefonema e também quando ele estava, no ano passado quando ele estava *online* com... A ter a aula síncrona com a diretora de turma... Aliás eles tinham uma hora mesmo de DT e às vezes também podíamos entrar, esclarecer alguma dúvida que tivéssemos, ou quando era assim dizíamos que queríamos falar com a professora e ela entretanto depois falava connosco.

A: No ano passado, nesse período que estivemos em casa foi recebendo informações ou *feedback* de como o (nome) estava a evoluir?

EE5: Nas avaliações intercalares e finais.

A: Portanto através da diretora de turma nesses momentos, certo?

EE5: Exatamente.

A: E este ano?

EE5: Igual, igual. Houve ali um ou outro e-mail com uma falta de atenção na aula de apoio de matemática, uma falta de participação ou não sei quê... Mas isso foi enviado através de e-mail. Às vezes uma ou outra chamada de atenção através da diretora de turma por *e-mail*. A diretora de turma também me contacta através de mensagem mesmo para o meu telemóvel.

A: Houve necessidade da sua parte, não é de fazer pedidos, mas em função das dificuldades que foi sentindo de sugerir pequenos ajustes em relação ao (nome) à escola?

EE5: Sinceramente eu não senti essa necessidade e por isso é que não o fiz.

A: Nem este ano nem no ano passado?

EE5: Não.

A: Durante o ano passado o (nome) esteve sempre em ensino *online*, não é?

EE5: Sim.

A: Portanto ele mantinha contacto com os colegas da turma dessa forma?

EE5: Sim, sim através dessa forma ou através de um grupo que eles tinham *online* de *whatsapp*, mas que era essencialmente para coisas da escola, sim.

A: Com os professores o contacto que o (nome) mantinha era nas aulas?

EE5: Sim nas aulas, através da plataforma.

A: Portanto será semelhante ao que aconteceu este ano?

EE5: Exatamente, exatamente igual.

A: Sentiu se de alguma maneira o (nome), comparando com o presencial, esteve excluído da turma durante os dois períodos de confinamento?

EE5: Acho que isso é um bocadinho geral, não associo isso apenas ao (nome). Eu acho que qualquer medida de confinamento, o facto de eles estarem em casa e de não ser presencial acaba por afastar as turmas umas das outras, os miúdos uns dos outros, e perde-se ali um bocadinho aquela ligação... Se bem que ele tem ali dois ou três miúdos com quem ele se dá e acaba por andar sempre ali à volta daqueles mesmos dois miúdos, quer seja presencial ou não. Mesmo as mensagens que troca é com eles apenas, com o resto da turma é muitíssimo reduzido. Eu penso que aí talvez, mal ou bem, enquanto é regime presencial poderá haver uma conversa ou uma chamada de atenção ou qualquer coisa assim, dos colegas acaba por haver sempre... Apesar de ele não ter muito contacto com os outros colegas acaba por ser sempre mais algum contacto do que... Do que... Do que o *online*. Aquilo, eu acho, está mesmo distante, digamos assim, dos colegas. Ainda mais distante, digamos assim. Ainda mais distante...

A: Já me disse que não sentiu necessidade de fazer sugestões, tanto no ano passado como neste ano, ao plano traçado pela escola. Não as fez porque...

EE5: É assim... Desculpe interromper.

A: De nada, de nada.

EE5: A única sugestão que fiz foi, antes de começarem as aulas, se não havia possibilidade de mudarem o horário para eles terem as aulas mais na parte da manhã, uma vez que seria *online*. Essa foi a única sugestão... Se haveria alguma possibilidade, mas aí disseram-nos logo que não, que tinha sido decidido que seria assim e pronto...

A: Em termos de qualidade, como é que avalia o plano que foi implementado no ano passado? Tendo sempre em vista o efeito sobre o (nome).

EE5: Eu acho que no ano passado sinceramente acabou por ser um bocadinho mais leve e mais fácil, no aspeto que se calhar eles até tinham demasiado tempo livre. Este ano achei que foi um bocadinho ao contrário, foi assim muito oposto. No ano passado em relação a este ano acho que foi assim muito oposto. Eles realmente no ano passado tinham, aquele tempo de aula síncrona e depois é como lhe digo, os trabalhos que tínhamos para fazer, havia um ou outro que pediam um pouco mais de trabalhos, mas quando não mandavam eles tinham muito tempo livre. E este

ano não, como mantiveram o horário do presencial eu acho que acabou por, apesar do horário ser à tarde, acabou por mantê-los mais ocupados e acompanhar um bocadinho melhor. A matéria não ficou tanta coisa... Parece que o notei um bocadinho mais perdido no ano passado. Tinha que andar mais em cima dele, digamos assim, andar a sistematizar mais as coisas, andar a fazer tudo com ele e este ano não. Notei que ele com os professores conseguiu acompanhar de uma forma mais autónoma, sem depender da família digamos assim.

A: Pareceram-lhe que as atividades que no ano passado foram propostas ao (nome)... Pareceu-lhe que estavam adequadas às características do (nome) e ao facto de ser o ensino a distância?

EE5: É assim, ele mesmo em regime presencial não faz atividades muito diferentes dos outros em aula. O que ele tem de diferente são os testes, por aquilo que eu me consigo aperceber, porque os trabalhos de casa são exatamente iguais aos dos colegas, poderá haver, às vezes, algum professor que ponha uma fichinha ali mais simples e diferente, mas o que eu noto é que faz exatamente os mesmos trabalhos dos outros meninos, só as avaliações é que são diferentes. De forma que o que eu vi é que ele assistiu às mesmas aulas do que os outros, fez os mesmos trabalhos de casa que os outros e fez os mesmos trabalhos que os outros. E, pronto, foi conseguindo acompanhar.

A: E este ano terá sido semelhante nesse aspeto?

EE5: Exatamente, igual. Exato foi semelhante.

A: Em relação às terapias, no ano passado... Qual é a sua opinião em relação à forma como as terapias decorreram?

EE5: Olhe, no ano passado eu acho que eles não tiveram terapias... No período de confinamento?

A: Sim, sim.

EE5: Espero não estar aqui a meter a pata na poça... Mas eu quase que juro que no ano passado eles não tiveram terapias e pronto.

A: Nem sequer através do envio de tarefas por parte das terapeutas?

EE5: Ah! Exatamente, agora que me diz... Foi exatamente isso que fizeram, mandaram-nos uma... Ainda bem que falou nisso. (risos) Não me lembrava é que eles tivessem, com as terapeutas... Foi isso que foi feito, exatamente. Foram enviadas sugestões de atividades e de coisas para fazermos com os miúdos, para fazermos nós, pais e família, com eles. Foi isso o que foi feito no ano passado. Este ano foi a sugestão... Não foi logo de início, as aulas já estavam a decorrer talvez há uma semana pelo menos, quando me telefonaram a dizer que havia a possibilidade de ser presencial ou não. E pronto, eu acabei por optar por não, porque não conseguia.

A: Então este ano só lhe deram a possibilidade de presencial ou não ter...

EE5: Ou nada. Exatamente.

A: Só lhe deram essas duas hipóteses, não lhe foi dada uma possibilidade intermédia de *online*?

EE5: O *online* não, e também não o sugeriram coisas para nós trabalharmos com ele, por exemplo. Eu sou sincera, as sugestões de atividades do ano passado de terapia da fala iam um bocadinho ao encontro daquilo que eu já tinha que trabalhar com ele em português e quase o trabalho que temos que fazer diariamente com ele, porque pronto... A parte da comunicação dele é realmente a parte mais difícil, continua a ser e será sempre. A lacuna que ele terá no desenvolvimento dele, a maior é mesmo esta parte da comunicação e da linguagem, isto no dia-a-dia, mas este ano sugestões...

A: E acha que, no ano passado, a forma como decorreram as terapias resultou?

EE5: O que eu acho é que poderia ter sido feito um trabalho nem que fosse *online*, nem que fosse com os miúdos, ou com os miúdos e connosco para vermos um bocadinho de *feedback* daquilo que tínhamos feito com eles. Acho que não muito essa parte do *feedback*. Acho que poderia ter havido um apoio maior por parte das terapias nesse sentido, nem que fosse uma vez por semana, ou de quinze em quinze dias, qualquer coisa assim. Poderia ter sido feita alguma sessão ou connosco e com eles ou só com eles ou só connosco para haver algum *feedback* de como os miúdos estavam. Parece-me que foi um bocadinho muito façam isto e... Pronto, acho que foi isso, senti um bocadinho isso.

A: E este ano, o facto de ter que escolher entre o presencial ou não ter terapias? Como é que avalia?

EE5: Este ano ele não teve, pois ele não teve e não sei até que ponto é que isso acabou por prejudicá-lo sinceramente. Não sei até que ponto é que isso acabou por prejudicá-lo, mas pronto...

A: Durante os períodos de confinamento e começando pelo ano passado. Que dificuldades sentiu no acompanhamento do (nome) no ensino a distância?

EE5: Olhe, sinceramente era mais uma questão de... Tempo. Era mais uma questão de tempo na gestão familiar, digamos assim, de conseguir fazer tudo.

A: E este ano?

EE5: Este ano pois, eu notei que ele não precisava tanto de mim, portanto... Que realmente o sistema estava mais organizado em termos de escola... Quando eles estão em regime presencial eles têm a escola, fazem as coisas que têm que fazer na escola e em casa ficam os trabalhos de casa e um ou outro trabalho que tenham para fazer, estudar para os testes ou assim, não é?... E no ano passado o que eu senti foi que metade do trabalho era feito pelos professores e a outra

metade era feita pelos pais. Quer dizer, os miúdos que são completamente autónomos e que conseguem fazer tudo sozinhos não precisavam dos pais para nada, mas não era o caso, porque não estava lá ninguém. Este ano com o sistema de continuarem lá enquanto eles tinham esse trabalho autónomo para fazer, acho que foi uma medida excelente e que resultou muito bem porque acabou por nos deixar também um bocadinho mais livres dessa responsabilidade de... Pronto de fazer o que faltava, digamos assim. Fazer a parte que faltava...

A: Que *feedback* é que o (nome) ia dando, no ano passado, sobre o ensino a distância?

EE5: Ele não é muito de dar *feedback* em relação a nada, nem a distância nem presencial, nem o que quer que seja... Nós para sabermos alguma coisa é... Temos que perguntar e perguntar de não sei quantas formas diferentes até que ele responda.... Em termos de *feedback* não podemos esperar nunca nenhum *feedback* dele seja em que regime for. Tem que ser tudo muito puxado.

A: E no ano passado, de acordo com a sua perceção, ele tinha muitas dificuldades em cumprir as tarefas, ou não?...

EE5: Não, não, isso eu não achei, sinceramente. Havia uma ou outra não é?... Mas é assim, como eu fazia com ele eu não notei muito que ele tivesse grande dificuldade, mas é assim tinha sempre mais dificuldade do que este ano porque este ano eu notei que ele conseguia fazer as coisas mais sozinho, porque no ano passado mesmo que eu o deixasse a fazer sozinho ele não conseguia e se calhar ele tinha muito mais dificuldade sim. Este ano não, parece que ele conseguiu acompanhar melhor, não sei... Ele também cresceu, não é?... Eles também vão crescendo e amadurecendo um bocadinho e também algum respeito pela autonomia deles tem que ser.

A: Em termos de motivação e interesse pela escola. Notou que no ano passado quando passou para o ensino a distância houve alguma mudança a esse nível no (nome)?

EE5: Eu notei no ano passado que se eu não andasse em cima dele, era no género “Só tive este bocadinho de aula. Tenho resto da tarde livre.” É p’ra jogar, é p’ra ver televisão, para computador... Parecia mais uma brincadeira no ano passado parecia... Era do género, se eu não fosse ver as coisas ele tinha que fazer até à segunda-feira... Tinha uma semana para fazer. Qual era a pressa? Então ficavam dois e três trabalhos se eu não tivesse ali em cima. Este ano não... Este ano foi mais como se eles estivessem na escola, digamos assim. Muito mais semelhante ao...

A: Ao presencial.

EE5: Ao presencial, sim.

A: Então este ano, ele está mais autónomo e continuava interessado e motivado.

EE5: Sim, sim, sim.

A: Nós todos, como sociedade, passamos pela experiência do ano passado do confinamento e do ensino *online* e este ano a mesma coisa. Desta grande experiência que fomos obrigados a passar, na sua opinião, quais foram as principais aprendizagens, positivas e negativas, que esta situação proporcionou e que eventualmente poderemos aplicar no futuro?

EE5: Olhe, em primeiro lugar que devemos realmente às vezes deixar que as crianças sejam mais autónomas e não é pelo facto de estarem em casa que os pais têm propriamente que se meter a toda a hora e a todo o momento no trabalho que os miúdos estão a fazer ou principalmente no trabalho que os professores estão a desenvolver. Acho que muitas famílias caíram nesse erro de quase se intrometer nas aulas, digamos assim. Porque uma coisa é o apoiar, outra coisa é o quase intrometer ou acompanhar como se fossem quase os próprios pais a terem as aulas. Aqui estou a falar um bocadinho em geral.

A: Sim, sim.

EE5: Depois acho que por um lado, nos aspetos positivos, foi bom para trabalhar um bocadinho aqui a autonomia deles, a responsabilidade. No aspeto de “O professor não está aqui a olhar para mim, não está a ver propriamente o que é que estou a fazer, mas...”... Isto pode ter sido também negativo... Positivo para alguns e negativo para outros. (risos) Que se calhar não estavam a prestar a mínima atenção à aula e a fazer outras coisas completamente diferentes. Mas acho que foi bom para trabalhar isso. Pelo menos as famílias poderiam ter aproveitado para trabalhar um bocadinho a parte da autonomia e da responsabilidade deles. Que sozinhos e não estando em frente ao professor terem algo para fazer sozinhos que é da responsabilidade deles, tomar atenção, obrigarem-se a eles próprios a... Não quer dizer que tenha acontecido, não é?... Muitas vezes, eu própria com o meu (nome) tínhamos que ir lá ver porque ele não estava a ouvir nada do que estavam a dizer, mas acho que foi uma boa oportunidade para trabalhar isso.

A: Por exemplo, se considerarmos os conhecimentos em termos informáticos...

EE5: Eu também acho que isso foi positivo. O (nome), por acaso, domina esta parte da informática muito bem. Mas principalmente para quem não tinha muita prática, para quem não estava habituado às tecnologias acho que foi ótimo para os miúdos... Aprenderem a manejar melhor com as tecnologias, esse aspeto acho que foi muitíssimo positivo. Negativo acho que tem mais a ver com a parte social, com a parte de interação, com a parte de... Com a parte da interação mesmo e das relações sociais. E alguns conteúdos, em termos de alguns conteúdos programáticos também nunca ficaram estudados da mesma forma, digamos assim.

A: Não tenho mais perguntas para lhe fazer. Não sei se há mais alguma coisa que queira acrescentar ou clarificar antes de concluirmos.

EE5: Acho que não, acho que já lhe disse tudo em relação ao confinamento. A comparação que eu faço é essa, que realmente agora estava mais organizado. Podia ter sido feito, na minha opinião, alguns ajustes no horário, uma vez que os horários, na minha opinião não estavam ajustados principalmente nestes miúdos em que a capacidade de concentração é muito mais reduzida e acho que estes horários de covid estão completamente desajustados aos miúdos que calharam com os horários mais na parte da tarde ou com cargas horárias brutais, mas fora disto... E esta comparação que também fiz em relação a este segundo confinamento e que teve aspetos positivos e outros negativos, como tudo.

A: O (nome) no ano passado estava no 6.º ano e este ano está no 7.º.

EE5: Sim.

A: Isso implica, já por si, o aumento da carga horária.

EE5: Exatamente.

A: Pensa que o facto de ter coincido tudo, o horário predominantemente de tarde e o acréscimo natural da carga horário que o 7º ano implica, poderá ter contribuído para realçar as diferenças entre o ano passado e este ano?

EE5: Sim é um bocadinho também por aí. Para além da carga horária ser menor no ano passado e de estar ele ter mais disciplinas, mais horas de aulas... A forma como o horário estava distribuído não ajudou minimamente.

A: Resta-me agradecer-lhe imenso este tempo que me disponibilizou.

**Apêndice VIII – Transcrição das entrevistas semiestruturadas – Representante da
Direção na EMAEI**

Transcrição da entrevista semiestruturada – Representante da Direção na EMAEI

Data: 25 de junho de 2021 (realizada a distância através do *Google meet*)

Duração: 1 hora e 45 minutos

Legitimação da entrevista e motivação: Foi estabelecido previamente um contacto telefónico com a entrevistada onde foi facultada informação sobre o presente estudo, nomeadamente o tema, os seus objetivos e que este se insere no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Gestão e Administração Escolar, da Universidade do Algarve. Neste contacto, depois de esclarecidas todas as dúvidas apresentadas, foi obtida a confirmação de participação, a autorização para efetuar uma gravação áudio da entrevista e também foi acordado o envio por *e-mail* do consentimento informado e a sua devolução assinada através do mesmo meio. Foi realçada a importância da sua participação, assegurada a confidencialidade bem como a conformidade de todos os procedimentos com o Regulamento Geral de Proteção de Dados e o Código de Ética da Universidade do Algarve.

Autor (A): Bom dia. Obrigada por me estar a conceder esta entrevista é realmente muito importante. Tal como já falamos por telefone, esta entrevista é para a minha dissertação de mestrado cujo objetivo principal é perceber a resposta os alunos de educação especial, com medidas adicionais e seletivas, durante o ensino a distância. Gostaria também de lhe lembrar que apesar de eu estar a gravar, não irei transcrever nenhum elemento que possa quebrar o anonimato. Há alguma pergunta que queira fazer antes de começarmos?

EMAEI: Podemos começar.

A: Para começar gostaria de fazer a caracterização do entrevistado, pelo que lhe pergunto qual é o seu tempo de serviço.

EMAEI: 27 anos.

A: E na educação especial?

EMAEI: Tirei a especialização em 2004, há 17 anos.

A: E antes, já trabalhava na educação especial?

EMAEI: Sim. Eu só tenho 4 anos fora da educação especial.

A: Há quanto tempo está na Direção do Agrupamento?

EMAEI: Há 11.

A: E na EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva)?

EMAEI: Estou desde 2018, desde o início.

A: Qual é a sua idade?

EMAEI: 49.

A: Qual a sua formação académica inicial?

EMAEI: Educação de infância.

A: No primeiro confinamento, quantos alunos estavam a usufruir de medidas seletivas?

EMAEI: Eram 29 alunos no 1.º ciclo, 22 no 2.º ciclo e 20 no 3.º ciclo.

A: E no segundo confinamento?

EMAEI: Houve muitos miúdos, entretanto, a serem referenciados à EMAEI... No 1.º ciclo 36, 2.º ciclo 20 e 3.º ciclo 31.

A: Qual é a carga horária de apoio individual a estes alunos?

EMAEI: É aproximadamente de 1 a 2 tempos, dependendo dos casos. Há algumas situações... Estamos a falar depois de alunos, com... Imagine com espectro do autismo, por exemplo, casos com mais alguma complexidade que eventualmente poderão ter mais apoio, 4 ou 5 tempos, não há um padrão.

A: Esse exemplo que deu de 4 ou 5 tempos de apoio são de seletivas, certo?

EMAEI: São de seletivas. Não há... É assim, os casos são analisados pela EMAEI, portanto não há um número de horas fixo para os alunos. Por exemplo um aluno com dislexia, que tem medidas seletivas, poderá ter dois tempos por semana, mas por exemplo há outro miúdo que também tem dislexia, mas está já no 3.º ciclo, poderá ter só um tempo. Depende também da análise que é feita pela EMAEI, da gravidade da situação e em articulação também com a disponibilidade que temos de tempos por parte dos professores. Portanto não consigo dizer exatamente... A carga horária é analisada casuisticamente pela EMAEI na atribuição das horas.

A: De uma forma genérica, quais as principais problemáticas dos alunos abrangidos por medidas seletivas?

EMAEI: Nós temos, como disse há pouco, perturbações do espectro do autismo, dislexias, hiperatividade com défice de atenção, temos perturbações no desenvolvimento intelectual, perturbações do comportamento, paralisia cerebral, basicamente...

A: Estas situações são todas de alunos com medidas seletivas?

EMAEI: Estas situações que estou a dizer são todas de medidas seletivas. Por exemplo, numa perturbação do desenvolvimento intelectual, pode ter um aluno com dificuldades de aprendizagem que entram nesta perturbação e têm, por exemplo adaptações não significativas. Temos alunos com autismo com seletivas e alunos com autismo com adicionais.

A atribuição da medida não é função da problemática, mas sim do grau de...

A: De comprometimento.

EMAEI: De comprometimento, sim. Exatamente.

A: No primeiro confinamento, quantos alunos estavam a usufruir de medidas adicionais

EMAEI: Eram 9 alunos no 1.º ciclo, 4 no 2.º ciclo e 3 no 3.º ciclo.

A: E no segundo confinamento?

EMAEI: 14 no 1.º ciclo, 2 no 2.º ciclo e 6 no 3.º ciclo.

A: Qual é a carga horária de apoio de educação especial a estes alunos?

EMAEI: A estas crianças, na generalidade, 60% do tempo letivo. É difícil dizer ao certo quanto tempo é que têm porque varia de aluno para aluno.

A: De forma genérica, quais são as principais problemáticas destes alunos?

EMAEI: Espectro do autismo, as tais perturbações de desenvolvimento intelectual.... Paralisia cerebral, basicamente são estas. Não temos dislexias com medidas adicionais. Os problemas de comportamento não são a problemática que condiciona a aplicação das adicionais, poderão ter associado o problema de comportamento, mas não é essa a causa, não é esse o fator que faz com que se aplique as medidas adicionais.

A: Quantos alunos usufruem de terapias no Agrupamento?

EMAEI: Com terapias eu tenho 14 no 1.º ciclo, 5 no 2.º ciclo e 2 no 3.º ciclo.

A: Os alunos com terapias têm todos medidas adicionais ou também estão incluídos meninos com medidas seletivas?

EMAEI: Têm adicionais, mas alguns têm medidas seletivas, mas muito pontualmente, só casos de autismo.

A: E a carga horária como é que é feita?

EMAEI: Normalmente são 45 minutos por semana.

A: Que terapias são facultadas pelo Agrupamento?

EMAEI: Terapia da fala, terapia ocupacional, fisioterapia e psicologia.

A: Dessas terapias, como é feita a gestão das horas de apoio?

EMAEI: As horas mantêm-se, o que não se mantém é a duração da intervenção. Imagine, no caso de ser a distância, por exemplo, porque nós tivemos as duas modalidades, nós tivemos terapias a distância e terapias presenciais, e estou a reportar-me ao segundo confinamento. Tivemos presenciais e *online*, no presencial mantivemos o tempo, mas no *online* foi reduzido para metade o tempo de intervenção, pelas próprias características do ensino.

A: E no primeiro confinamento em termos de terapias?

EMAEI: Não houve presencialmente. As técnicas, em conjunto, elaboraram planos de intervenção para serem dinamizados pelos encarregados de educação em casa. Estes planos de intervenção eram enviados por e-mail através dos professores da educação especial em articulação com os professores titulares de turma e diretores de turma.

A: O plano de ensino a distância destes alunos teve diretrizes comuns a todo o Agrupamento, tanto no primeiro como no segundo confinamento?

EMAEI: Sim, sim.

A: O plano a distância para estes alunos foi decidido pelo Agrupamento ou feito exatamente segundo indicações do Ministério da Educação?

EMAEI: No primeiro confinamento, relativamente a estes alunos, não houve indicações precisas do Ministério da Educação, ou seja, foi tudo decidido internamente porque não houve especificamente indicações do Ministério. Portanto nós obedecemos aquilo que foi definido para o Agrupamento e depois com as especificidades, e dentro daquilo que era também possível na altura e dentro das especificidades daqueles alunos. Em relação ao segundo confinamento já houve algumas indicações relativamente a estes alunos nomeadamente abriu a possibilidade para o ensino presencial, que não tinha sido acautelado no primeiro confinamento, e para o presencial relativamente às terapias.

A: A nível da escola, quem é que participou nas decisões das respostas aos alunos com medidas adicionais e seletivas?

EMAEI: A EMAEI, a Direção da escola e o Conselho pedagógico, portanto foram estas três entidades que estiveram na base das decisões que foram tomadas. Relativamente às terapias as coisas funcionam de forma um pouco distinta. Os terapeutas fazem parte do CRI, pelo que as decisões são tomadas pela Direção do CRI em articulação com a Direção do Agrupamento.

A: Depois das decisões tomadas, como é que esta informação chegou a todos os intervenientes? Incluindo alunos, pais, outros professores... Como é que foi feita a comunicação destas decisões?

EMAEI: A comunicação foi feita... Ou seja, existiu um plano que foi colocado na página do Agrupamento e simultaneamente os professores titulares de turma e os diretores de turma entraram em contacto com os encarregados de educação pelas diversas formas possíveis, ou e-mail, ou contactos telefónicos.

A: E aos professores, como é que essa informação chegou?

EMAEI: Esta informação chegou via conselho pedagógico e depois os representantes dos diversos departamentos passaram esta informação aos respetivos professores.

A: Fizeram reuniões especificamente para esse fim?

EMAEI: Sim e inclusivamente houve reuniões também com o grupo de Educação especial especificamente, não é?... Também para se recolherem algumas informações relativamente à... Houve estas reuniões com os colegas do grupo, com os professores de educação especial porque eles também foram um veículo privilegiado na articulação com os professores titulares

de turma, os diretores de turma e os próprios professores do conselho de turma. Esta articulação foi como... Os professores de educação especial foram a alavanca nesta articulação, daí que tenham existido reuniões específicas com os colegas de educação especial para também ouvir a opinião deles e simultaneamente para se passar a informação do que se pretendia fazer com estes alunos, os tipos de metodologias que iríamos usar e as dinâmicas, no fundo, as dinâmicas que iríamos aplicar.

A: Por exemplo, neste segundo confinamento houve a opção de alguns alunos terem aulas presencialmente e algumas terapias também. Nessa decisão de quem beneficiaria ou não de ir presencialmente, a opinião dos professores do grupo foi...

EMAEI: Foi, foi. Quando eu falo nestas reuniões em que estivemos.... Em que fizemos essas reuniões foi exatamente para aferir. Portanto analisaram-se os casos todos... Analisando, por exemplo, em termos de ferramentas digitais, que ferramentas digitais é que existiam, se eram suficientes para dar a resposta adequada a estes alunos. E se não fosse possível depois em termos presenciais fazer esse apoio presencialmente na escola. Criando depois as condições necessárias para que isso acontecesse, não é?...

A: No primeiro confinamento também foi através de reuniões que as decisões foram tomadas.... O que me disse agora também se aplica ao primeiro confinamento?

EMAEI: Sim, sim, sim.

A: Os professores de educação especial tinham um conjunto de alunos que lhes tinha sido atribuído no início do ano. No período de ensino a distância, cada professor continuou com os alunos que lhes tinham sido atribuídos no início do ano ou...

EMAEI: Sim, sempre.

A: No primeiro confinamento também?

EMAEI: Também. A esse nível não houve necessidade de fazer alterações.

A: E com os técnicos?

EMAEI: Com os técnicos também não houve alterações. Mantivemos. É assim no primeiro confinamento foi a situação de se criar o plano em comum que depois era enviado por *e-mail* aos encarregados de educação, depois existia um *feedback* da parte dos encarregados de educação com respostas quinzenais, que não correu bem...

A: Eu retomarei o assunto das terapias um pouco mais à frente... Tanto num confinamento como no outro mantiveram os alunos que tinham sido atribuídos no início?

EMAEI: Sim.

A: No primeiro confinamento como é que foi feito o acompanhamento de educação especial?

EMAEI: O acompanhamento de educação especial foi feito... Portanto, nas situações em que os alunos tinham recursos tecnológicos, foi através do computador, sempre com o apoio dos encarregados de educação. Ou através de *e-mail*, por exemplo, em que os trabalhos eram enviados com as devidas adaptações. E depois sempre com os encarregados de educação aqui como grandes parceiros, há aqui uma tônica muito importante, neste plano de ensino a distância, que são os encarregados de educação como parceiros. Sem este apoio e esta capacidade dos encarregados de educação de conseguirem fazer este acompanhamento, as coisas seriam mais complicadas senão impossíveis para estes alunos.

A: No primeiro confinamento, miúdos com medidas seletivas e adicionais, algum teve aulas síncronas?

EMAEI: Sim.

A: Mas não todos...

EMAEI: Não. Os que tiveram aulas síncronas foram aqueles que reuniam duas condições, terem os meios tecnológicos e terem encarregados de educação com competência na parte digital e depois também na disponibilidade para estarem com os filhos. Voltando à questão anterior. Falei dos meios tecnológicos, mas depois havia crianças que não tinham meios tecnológicos. Então no primeiro confinamento os encarregados de educação vinham à escola... Portanto os professores preparavam documentos, existiam na escola responsáveis, que tinham que vir presencialmente à escola com todas as medidas, e que faziam portanto a impressão dos trabalhos para os encarregados de educação virem buscar. Portanto, vinham numa semana, desenvolviam os trabalhos e depois na semana seguinte devolviam os trabalhos e levavam novos trabalhos para a outra semana, era feito assim desta forma. Os encarregados de educação é que vinham à escola, tentamos inicialmente fazer as entregas diretamente aos encarregados de educação através de uma associação mas houve uma série de constrangimentos e não foi possível. No primeiro confinamento o que se fez foi isto.

A: E no segundo confinamento?

EMAEI: No segundo, mesmo depois em termos de indicações do Ministério da Educação, abriu-se a possibilidade de as crianças poderem vir à escola ter aulas de forma presencial. As crianças que não tinham os meios tecnológicos poderiam vir à escola e depois nesta altura também já tínhamos mais crianças com equipamentos tecnológicos, no segundo confinamento. O primeiro confinamento foi mais dramático do que o segundo, houve efetivamente muitas crianças a ficarem aqui em desvantagem porque esta questão de levarem os trabalhos para casa para desenvolverem, o *feedback* que nós tivemos depois é que muitos dos encarregados de educação não vinham devolver os trabalhos, a grande maioria.

A: Neste segundo confinamento já não houve essa entrega de trabalhos em papel.

EMAEI: Não.

A: Ou iam presencialmente ou tinham meios tecnológicos em casa para usar?

EMAEI: Exatamente. Ou iam presencialmente ou tinham meios tecnológicos em casa e conseguiam usá-los.

A: No ano passado tiveram que fazer ajustes nos horários dos alunos?

EMAEI: Sim. Ajustes a este nível... Nos casos em que tinham aulas síncronas, os tempos de permanência *online* foram reduzidos para metade, sendo que o restante tempo era desenvolvido em casa, novamente com os encarregados de educação, no desenvolvimento de trabalho autónomo. Eu estou a falar metade do tempo, quando isso era possível, ou seja... As adaptações ao horário eram em função da capacidade destes alunos conseguirem estar *online*. Os horários foram adaptados à capacidade da criança.

A: O apoio de educação especial no primeiro confinamento, quando era possível a realização de aulas síncronas, era em conjunto com a turma ou individualmente?

EMAEI: Estamos a falar das seletivas?

A: Das duas.

EMAEI: Em simultâneo não era. O que aconteceu é que o professor de educação especial em algumas situações, isto sempre definido caso a caso, estava a acompanhar o aluno na aula e depois era criada... Nós utilizamos o *classroom*... Depois era criada uma sala à parte onde o professor de educação especial ia trabalhar individualmente com esse aluno.

A: E isso é válido tanto para alunos com medidas adicionais como seletivas?

EMAEI: Sim, mas estamos a falar... Por exemplo os alunos das medidas seletivas estão a tempo inteiro com a turma, os alunos das medidas adicionais não estão, têm 60% no mínimo de trabalho individual, portanto os alunos com adicionais têm muito mais tempo de trabalho individualizado com o professor de educação especial do que os outros alunos.

A: Neste segundo confinamento houve necessidade de alterar os horários dos alunos?

EMAEI: As alterações que foram feitas foram... A exemplo do primeiro confinamento, aí a questão dos horários sim, até porque aqui nós no... Nós no segundo confinamento, como houve o ensino presencial e o ensino presencial depois implicou, por exemplo, os colegas de educação especial ficarem em duas modalidades. Por um lado mantiveram o apoio aos alunos com as medidas seletivas, este apoio individualizado, imaginemos de um tempo, dois ou três, não é?... Por semana *online* e depois tinham o ensino presencial. Ou seja, os horários aqui tiveram que ser todos reestruturados e inclusivamente com a colaboração de assistentes operacionais para este ensino presencial, para estes alunos. E é claro que os horários tiveram que ser todos

reestruturados para dar resposta. Para que os professores de educação especial pudessem fazer este apoio presencial na escola e simultaneamente o ensino *online* para as crianças que estavam também neste regime.

A: Relativamente aos alunos que foram à escola ter aulas e terapias, que cuidados foram necessários relativamente, às questões de saúde? Por exemplo quanto ao número de alunos em simultâneo, ao número de deslocações à escola,...

EMAEI: Houve o cuidado de não se cruzarem, o cuidado de concentrar os apoios, por exemplo da educação especial e das terapias no mesmo dia, para que eles não tivessem que se deslocar várias vezes à escola... Isto foi tudo articulado com os encarregados de educação. Não houve uma diretiva específica relativamente aos tempos em que estas crianças estavam na escola. Houve aqui um trabalho de articulação entre professores titulares, encarregados de educação, professores de educação especial e terapeutas. Os encarregados de educação foram ouvidos relativamente às suas necessidades.

A: Há pouco disse que os alunos com medidas adicionais, em regra, têm 60% ou mais de apoio individualizado e os restantes 40% em condições normais eles estariam na turma. Foi possível manter esse contacto com a turma nos alunos que foram presencialmente à escola?

EMAEI: Era possível porque nós... Quando há pouco falava da questão das assistentes operacionais é importante referir que tinham conhecimentos informáticos, o que foi muito importante... (risos) Inclusivamente tivemos, mesmo na questão das terapias esta presença das assistentes operacionais que foram também uma mais-valia no desenvolvimento das dinâmicas. Quando não estava o professor de educação especial estava a assistente operacional, que ajudava a criança, até porque tivemos a terapia da fala que foi *online*.

A: Os alunos de medidas adicionais que foram, presencialmente, à escola que contacto tinham com a turma de origem?

EMAEI: Só através do *online*.

A: Especificamente nessas horas em que tinham o apoio da assistente operacional para a utilização das tecnologias?

EMAEI: Com a assistente operacional. É assim... Eu falei da situação das assistentes operacionais mas não quer dizer que tenha sido para todos os alunos. Há alunos com medidas adicionais, com autonomia, em que não necessitam de uma assistente operacional. Mas aí eles têm autonomia e entretanto aqui também... Em relação ao segundo confinamento, através do CRTIC nós conseguimos também computadores para estes alunos e portanto quando chegamos ao segundo confinamento os nossos alunos já todos tinham computadores. Houve uma ou outra situação em que tinham meios tecnológicos mas os pais não sabiam... E este foi um dos

constrangimentos. Os pais não sabiam mexer ou então não tinham internet em casa, mas estamos a falar de situações muito residuais.

A: Especificamente para adaptar ao ensino a distância, quer no primeiro quer no segundo confinamento, foi necessário alterar as medidas educativas aplicadas de algum aluno?

EMAEI: Não.

A: E foi necessário que algum aluno que não tinha medidas nem seletivas nem adicionais passasse a tê-las, especificamente, para adaptar a resposta do ensino a distância.

EMAEI: Não.

A: É correto dizer que os alunos que tinham medidas, embora operacionalizadas de maneira diferente, as medidas que estavam estipuladas...

EMAEI: Sim, mantiveram-se.

A: Gostaria de saber quais os constrangimentos e limitações na organização do primeiro confinamento.

EMAEI: O grande constrangimento foi mesmo a falta de meios tecnológicos. Agregado a esta falta de meios tecnológicos, em algumas situações, também a dificuldade em mexer nesses equipamentos. Este foi o principal constrangimento. Simultaneamente a dificuldade que nós tivemos e agora é aqui que entra esta localidade, isto possivelmente não aconteceu... Houve outros locais onde as coisas foram possíveis... A articulação com a comunidade, a articulação com associações no sentido de se conseguir fazer chegar o material às famílias aqui foi difícil e não se conseguiu efetivar. Daí que, especificamente aqui na escola acabamos por ter que optar por fazer deslocar os encarregados de educação à escola, aqueles que não tinham meios informáticos, para vir buscar as tarefas, as atividades para depois desenvolverem em casa. Estamos a falar aqui... É uma escola com algumas fragilidades em termos sociais, vamos chamar-lhe assim, em que as famílias que não têm os meios informáticos são simultaneamente aquelas que têm algumas questões relacionadas com conhecimentos, estamos a falar de uma população ainda com algum analfabetismo. No primeiro confinamento, esta situação de virem buscar os trabalhos à escola, pois não tinham meios informáticos, para depois desenvolverem em casa criou uma grande desvantagem para estes alunos.

A: O ensino a distância veio realçar as desigualdades que já existiam.

EMAEI: Sim, sim, exatamente. O ensino a distância veio realmente realçar as desigualdades que já existiam.

A: Disse que tentaram primeiro com a ligação a algumas associações da comunidade local, mas não sendo possível, a escola chamou a si a tarefa de preparar os materiais e deixá-los prontos para os pais levantarem.

EMAEI: Sim, para depois desenvolverem em casa com os filhos. Sempre numa perspectiva de nenhum aluno ficar sem apoio.

A: Tivemos o primeiro confinamento em que as escolas não estavam preparadas, porque foi repentino... Nem as escolas, nem as famílias, nem a comunidade em geral. Mas, o segundo confinamento, não que estivéssemos a contar com ele, mas também não foi uma completa surpresa e já não era a primeira vez.

EMAEI: Sim.

A: Do primeiro para o segundo e tendo em atenção os constrangimentos que sentiram no primeiro confinamento, na primeira resposta ao ensino a distância... De que forma é que procederam para que o segundo não tivesse os mesmos constrangimentos?

EMAEI: Por exemplo, acho que a possibilidade ao ensino presencial e a vinda destas crianças à escola foi a grande diferença e a grande mais-valia. Quando eu há pouco falava dos encarregados de educação serem aqui uma peça fundamental, são mesmo. Agora é assim, quando eu digo também que às vezes com os encarregados de educação as coisas não resultam, é mesmo às vezes por... Não é por má vontade, não é por má vontade, mas é mesmo por incapacidade. Mesmo incapacidade em conseguir dinamizar as atividades que normalmente são dinamizadas por um professor de educação especial especificamente.

A: Na sua opinião o facto do Ministério da Educação, no segundo confinamento, ter previsto a possibilidade dos alunos poderem ir presencialmente isso representa um "salto" de qualidade em termos de resposta do plano a distância da escola?

EMAEI: Sim, sim. Foi a melhor resposta. É assim, foi a resposta mais adequada. Porque efetivamente no primeiro confinamento, a perceção que nós temos é que estes alunos ficaram ainda em mais desvantagem como é evidente porque depois alguns encarregados... E aqui é a diferença que se nota com estas crianças, e agora estou a falar especificamente com as medidas adicionais, é a competência ou não da família. Quando a família é competente ou não é competente. Não estou a dizer que a família substitui o professor, o que eu estou a dizer é que há menos desvantagem... Porque todos eles têm desvantagem, no ficar em casa, estes alunos. Não há vantagem em ficar em casa ponto final, há é menos desvantagem. Quando eu falo em desvantagem é se a criança tem família competente ou não tem família competente. Se tiver uma família competente a desvantagem poderá ser menor. Agora, há sempre perdas.

A: Em termos de evolução... Há bocado disse que no primeiro confinamento houve a necessidade de entrega de materiais em papel e que no segundo não. O que é que mudou para que deixasse de haver essa necessidade de entrega de materiais em papel?

EMAEI: O ensino presencial e o desenvolvimento que entretanto também que se fez durante este período, do primeiro confinamento para o segundo confinamento, na familiarização com os meios informáticos por parte de alguns alunos, ou seja... O que nós fizemos foi trabalhar com estes alunos de forma a que conseguissem aceder ao *classroom*, nomeadamente, que conseguissem trabalhar na plataforma. Estamos a falar de alunos com medidas adicionais, mas competentes no manuseamento dos meios informáticos e conseguirem estar efetivamente no ensino *online*. Pronto, e houve este trabalho do primeiro para o segundo confinamento no aprofundamento dos conhecimentos em termos informáticos por parte dos alunos e dos professores também.

A: Falou-me também há pouco, com o apoio do CRTIC, da atribuição de equipamentos informáticos a alguns alunos que não tinham...

EMAEI: Exatamente. Durante o confinamento, estamos a falar do primeiro confinamento... Por indicação do CRTIC... Sai uma diretiva do Ministério da Educação, para fazermos um levantamento das crianças, para além daqueles que já tinham, que necessitariam de meios informáticos. E foi através dessa indicação que houve muitos alunos, que no início do ano letivo 2020/2021, já tinham então os computadores. Computadores que depois levaram para casa no segundo confinamento. E que permitiu que entretanto eles se fossem familiarizando com os meios tecnológicos para que depois fosse possível utilizá-los no segundo confinamento. Porque estes computadores do CRTIC chegaram antes dos outros que foram distribuídos diretamente pelo Ministério.

A: Imagino, então, que tenha permitido o desenvolvimento da utilização e...

EMAEI: Das capacidades digitais.

A: Há pouco falou nas terapias, que no primeiro confinamento foram feitas através da entrega de tarefas...

EMAEI: De planos. Um plano de trabalho feito pelas várias terapeutas. Imaginemos um aluno que tem terapia da fala e psicologia, foi feito um plano em comum pelas terapeutas e que era enviado, quando possível, por *e-mail* ou então utilizando aquela técnica da impressão em que depois os pais iam buscar à escola e levavam depois para dinamizarem em casa com os filhos.

A: Há pouco disse-me que o *feedback* que receberam dessa forma das terapias serem dinamizadas é que não teve efeitos muito positivos. No segundo confinamento o que é que mudou?

EMAEI: O presencial novamente, a abertura ao presencial.

A: E as terapias que não puderam ser presenciais, por razões várias, seja por parte dos terapeutas seja dos alunos, houve terapias que não foram presenciais...

EMAEI: *Online, online.* Dentro do que era possível. É assim, nesta situação específica, o presencial continua a ser o ideal, quando falamos de ensino a distância, é tentar minimizar a desvantagem mas a desvantagem está lá sempre, esta é a percepção que nós temos. Porque há uma série de coisas associadas à inclusão, e estamos aqui a falar de alunos com medidas adicionais, que não são possíveis no ensino *online*, a interação, por exemplo, o presencial... A socialização, no fundo é isto.

A: No primeiro confinamento o último dia de aulas foi numa sexta-feira, se não me engano, na sexta-feira fomos à escola e na segunda já não se podia ir. E as escolas não estavam preparadas... Quanto tempo é que passou entre a última aula presencial e efetivamente o plano de ensino a distância ter sido implementado?

EMAEI: Um mês. Porque foi assim, nós fomos para casa no dia 13, vou só ver aqui uma coisa no calendário... (breve pausa) Eles decretaram numa quinta para irmos embora numa sexta, em março... Ora, o último dia foi dia 13 em que muitos alunos já não vieram. Depois tivemos a interrupção da Páscoa.

A: Quanto tempo depois?

EMAEI: Quinze dias depois e depois tivemos mais quinze dias de interrupção, portanto foi um mês, aproximadamente, até começarmos com o *online*. Nós aqui começamos com o *online* mesmo no início do terceiro período, ou seja,... Isto foi tudo de surpresa. Começamos a preparar as coisas nesses quinze dias iniciais, nesses dias houve contactos com encarregados de educação. Isso foi uma diretiva que veio logo da parte da Direção, a preocupação dos diretores de turma e dos professores titulares de turma entrarem em contacto com os encarregados de educação e ir pondo os encarregados de educação sempre a par do que se ia passando. Depois entramos na interrupção da Páscoa, que não foi interrupção para ninguém porque durante a interrupção da Páscoa foi continuar a preparar o plano de ensino a distância, não é?...

A: E no segundo confinamento?

EMAEI: No segundo confinamento foram quinze dias. Os quinze dias obrigatórios, da interrupção. Se me perguntar se estávamos preparados para avançar logo com o plano de ensino a distância. Sim. Esses quinze dias foi por ser obrigatório, por o Ministério ter dado essa indicação de pausa. Pela experiência que tínhamos do primeiro confinamento e também... Pontualmente havia situações de confinamento, ou seja, de isolamento profilático ou de quarentena, não de confinamento.... Porque havia turmas a ir para casa, porque havia um ou outro caso... O plano de ensino a distância a partir do terceiro período do ano letivo transato esteve sempre ativo para ser implementado a qualquer momento, portanto nós já vínhamos com

essa experiência. Não só do confinamento do ano passado como de situações que iam acontecendo ao longo do primeiro período.

A: Em termos de articulação, foram dadas aos professores de educação especial e aos técnicos, indicações específicas sobre como é que deveriam articular entre si e com os outros professores?

EMAEI: Sim.

A: E que indicações foram essas?

EMAEI: A indicação foi no sentido de articularem e depois os colegas de educação especial... Depois cada ciclo de ensino tem as suas reuniões e os colegas de educação especial integraram-se também na dinâmica criada depois no plano de ensino a distância para todo o Agrupamento, portanto, integravam essas reuniões. Dos conselhos de turma ou das equipas, por exemplo, reuniões de pares pedagógicos no 1.º ciclo que continuaram a acontecer e reuniões de conselhos de turma também.

A: Essa articulação, considera que foi a necessária?

EMAEI: O *feedback* que eu tive é que sim. Até porque depois os contactos que aconteciam entre os professores de educação especial e os professores das turmas, ou diretores de turma ou professores das disciplinas não ficavam só pelas reuniões existiam contactos depois através do telefone, que continuou a ser um meio privilegiado de contacto, e através do *e-mail* em que essa articulação era feita.

A: Tanto no primeiro como no segundo confinamento?

EMAEI: Tanto no primeiro como no segundo. Reuniões sempre *online*.

A: Como foi sendo feita a comunicação com os encarregados de educação?

EMAEI: Foi através dos diretores de turma, dos professores titulares de turma e dos professores de educação especial. Portanto aqui o que se privilegiava era a pessoa que tem contacto mais próximo com o encarregado de educação. Nós temos situações em que é o professor de educação especial e temos outras situações em que é o diretor de turma ou o professor titular de turma, portanto há sempre... Se bem que preferencialmente será sempre o Diretor de turma ou o titular de turma e em algumas situações pontuais é o professor de educação especial. O ideal é que sejam os dois em articulação, mas nem sempre isto é possível. Quando é professor de educação especial a contactar o encarregado de educação, o professor de educação especial articula sempre com o diretor de turma ou com o professor titular de turma e vice-versa, aqui a chave principal é realmente a comunicação entre o professor de educação especial e o professor da turma.

A: Nessas comunicações com os encarregados de educação é possível que em alguns casos os pais tenham reportado algumas dificuldades. De que forma é que a escola, dentro das suas possibilidades, tentava resolver essas dificuldades?

EMAEI: Analisando a situação, fomos ver qual era a dificuldade que o encarregado de educação estava a sentir e ver como é que a escola poderia, dentro das suas possibilidades, resolver ou minimizar o problema. Se fossem por exemplo meios informáticos, se não tinham computador ou não tinham internet, a resposta era dada na escola. Tinham problemas, por exemplo,... A escola criou com um colega de informática, isto no segundo confinamento, que estava na escola para responder às dificuldades que os pais tinham em termos informáticos, ou seja, poderiam vir à escola para resolver o problema com este colega. Havia uma vez por semana em que este colega estava disponível, o colega de informática, para dar resposta a estas dificuldades que os pais pudessem ter.

A: Então a escola criou uma espécie de apoio técnico para todos os pais.

EMAEI: Sim, exatamente para estas dificuldades. Exato. Portanto o que aconteceu foi no segundo confinamento, a possibilidade de se conseguir desenvolver muito mais coisas de forma presencial ajudou muito a esbater as desvantagens.

A: Na sua opinião o plano de ensino a distância, e peço-lhe para falar do primeiro e do segundo, permitiu a inclusão que o DL n.º54 preconiza?

EMAEI: (breve pausa) Não. (breve pausa) Não na totalidade. É assim, a vantagem que eu vejo e que nos aconteceu no *online* foi esta possibilidade de desenvolvermos as nossas competências em termos tecnológicos, isto para toda a gente. Agora nós falamos de inclusão e quando falamos de inclusão falamos de esbater as diferenças, criar as condições para que todos tenham acesso. Com o ensino *online* temos algumas medidas do DL n.º54 que eventualmente até conseguem funcionar em termos de *online*, não vou dizer que não resulta a 100%. Nós estamos a falar, se calhar de algumas situações de apoios tutoriais que é possível, que se consegue manter em termos do *online*. Ou seja, há algumas medidas do 54 que nós conseguimos continuar a dinamizar no ensino *online*, mas depois há outras que são mais difíceis. O desenvolvimento da autonomia pessoal e social, por exemplo, mesmo as estratégias de ensino estruturado, não.

A: Nos planos de ensino a distância que foram traçados pela escola há alguma coisa pensada especificamente para incluir todos, para promover a inclusão?

EMAEI: Manter, por exemplo, os apoios da educação especial a todos os alunos com medidas seletivas e adicionais, essa foi uma preocupação. Poderíamos ter optado por não manter os

apoios, nomeadamente ao nível das seletivas, mas houve esta preocupação de manter a intervenção dos professores de educação especial sempre para todos os alunos.

A: Já me falou há pouco das desigualdades entre alunos com e sem acesso a meios eletrónicos, mais notória no primeiro confinamento comparativamente ao segundo. O ensino a distância foi para todos os alunos, mas uns tinham acesso a meios tecnológicos e outros não. Comparando estes dois grupos, o que lhe parece que ocorreu ao nível da inclusão?

EMAEI: Os alunos com adicionais, é isso?

A: Talvez nos adicionais seja mais notório...

EMAEI: O facto de eles não terem autonomia, não conseguirem ficar, por exemplo, sentados em frente a um computador em algumas situações... O tipo de trabalho que é desenvolvido com estes alunos é muito físico também.

A: E comparando com aqueles que nem meios eletrónicos tinham.

EMAEI: Nesses aí foi um retrocesso brutal. Estamos a falar do primeiro confinamento, em que estes ficaram em casa e nós às vezes falamos de crianças em que os pais não sabem ler, ou seja, quando estás a enviar para casa trabalhos para serem desenvolvidos com indicações escritas, logo aí... E isto é um pequeno exemplo. A desvantagem para estes alunos que não têm meios informáticos e que não têm pais capacitados é brutal, é muito grande, é onde acontece a maior desvantagem.

A: Segundo a experiência na sua escola, peço-lhe para comparar os alunos com medidas seletivas e os alunos com medidas adicionais. Entre estes dois grupos e a obrigatoriedade do ensino a distância, em termos de inclusão houve diferenças?

EMAEI: Vou-me repetir porque efetivamente houve.

A: Em que aspetos?

EMAEI: À partida os alunos com medidas adicionais são crianças com mais dificuldades em termos de autonomia, voltamos ao mesmo... Eles sozinhos não conseguem, eles precisam sempre de um apoio individualizado. A desvantagem para estes alunos é maior ainda sem o fator humano.

A: Perante o ensino a distância fomos forçados a fazer as coisas de forma diferente daquilo que estávamos acostumados.

EMAEI: Sim, sim.

A: Muita coisa teve que ser mudada. Tendo em atenção, por exemplo, estratégias de comunicação, estratégias pedagógicas e recursos materiais... O que é que na sua escola para se adaptarem ao ensino a distância, o que é que teve que ser adaptado, o que é que teve que ser reinventado?

EMAEI: Passou tudo muito mais para meios informáticos. A reinvenção aqui foi... Nós integramos o *classroom* e foi a ferramenta que a escola aqui definiu logo no primeiro confinamento, definiu-se logo o *classroom* como plataforma. Depois formação dos próprios professores. A grande reinvenção foi mesmo este salto que tivemos que dar em termos informáticos.

A: E em termos de comunicação, por exemplo com os pais?

EMAEI: Estou a generalizar não quer dizer que tenha sido toda a gente assim, mas genericamente os professores começaram a usar os seus próprios equipamentos. Estamos a falar no primeiro confinamento, por exemplo nos contactos com os encarregados de educação muitas pessoas usaram os próprios dispositivos, o próprio computador, o próprio telemóvel. Houve muito mais... As pessoas sentiram mais necessidade de se atualizar informaticamente. Através de reuniões que faziam entre os pares, através de autoformação, formação entre pares, portanto foi a este nível.

A: Disse que a comunicação com os pais foi diferente, nomeadamente porque os professores começaram a usar os próprios meios. E em termos de frequência...

EMAEI: No primeiro confinamento houve muito esta questão do telefone até se terem organizado os *e-mails* e que toda a gente tivesse acesso aos *e-mails*. Até ali existia muito o presencial, os pais iam à escola e falavam com o professor. Normalmente o meio de comunicação privilegiado era este, era o vir à escola e falar. Depois com o confinamento... No primeiro confinamento não havia mesmo o presencial nem a vinda à escola e então tivemos que atualizar os conhecimentos a nível informático, com muita formação.

A: Aumentou a frequência de contactos entre a escola e os encarregados de educação?

EMAEI: Numa primeira fase sim, forçosamente. Forçosamente porque nem os encarregados de educação... Fomos todos apanhados de surpresa, mas houve esta grande preocupação aqui na escola de não deixar as pessoas, os encarregados de educação, sem informação nenhuma, portanto procurou-se manter os contactos com os pais.

A: Em termos da forma como as aulas decorreram... Dar uma aula síncrona *online*, em princípio é diferente de dar uma aula numa sala de aula... Que práticas é que terão sido alteradas a esse nível?

EMAEI: A duração da atividade. A forma como as atividades eram apresentadas aos alunos. Permitiu, por exemplo... Havia aqui alguns constrangimentos em termos de escola que têm a ver com a internet, com a fraca rede e muitas vezes havia dificuldade em fazer determinado tipo de apresentações que permitiu agora através do computador, por exemplo utilizar o

powerpoint, utilizar muito mais ferramentas digitais para a apresentação das temáticas. Nem tudo é mau. (risos) Nem tudo é mau.

A: Que dificuldades sentiu ao nível da organização? E como é que as tentou superar?

EMAEI: As dificuldades foram “Como é que nós vamos dar respostas com a diversidade toda que temos dentro da escola?”. Desde a falta de meios informáticos, a pouca escolaridade de alguns encarregados de educação... “Como é que nós vamos conseguir chegar a todas as casas?” Esta foi a nossa grande e primeira dificuldade.

A: Em termos de recursos quais foram as maiores dificuldades com que se deparou?

EMAEI: Os meios tecnológicos, a falta dos meios tecnológicos.

A: Como é que a escola tentou minimizar esse problema?

EMAEI: Através dos computadores do CRTIC, recorrendo ao município e depois entretanto também através dos computadores que foram atribuídos pelo Ministério. Relativamente também à questão dos alunos com medidas adicionais e aos recursos materiais a escola criou uma pasta com recursos materiais para os alunos levarem para casa, levaram marcadores, canetas, papel, lápis, tintas,... Levaram recursos materiais físicos para casa para desenvolverem as atividades. Os encarregados de educação vieram levantar. E isto porquê... Estamos a falar de alunos com adicionais e eles não têm livros, por exemplo.

A: Esse levantamento de materiais aconteceu nos dois períodos de ensino a distância?

EMAEI: No primeiro.

A: Por que razão não foi necessário utilizar essa estratégia no segundo?

EMAEI: No segundo não foi necessário, porque os que não tinham em casa depois tinham presencialmente aulas. Lá está, voltamos ao presencial...

A: Em termos de comunicação e interação entre todos, entre professores, técnicos, com a Direção... Sentiu algum tipo de dificuldade?

EMAEI: Não. Em termos de comunicação é assim... Em termos de comunicação no primeiro confinamento senti dificuldades por todos os motivos que já falamos, pronto. Nós fomos para confinamento mas nem sabíamos que plataformas é que existiam e quais as possibilidades. Isto implicou depois um aprofundamento, da noite para o dia, rapidamente dos meios tecnológicos, que plataforma é que íamos utilizar e como é que vamos chegar às pessoas e como é que vamos.... Depois conseguimos-nos organizar. O segundo confinamento já foi mais fácil mesmo em termos da comunicação. Porque conseguimos encontrar momento para reuniões, para o *online*, já com as pessoas todas a conseguirem aceder à plataforma. Depois o meio... Inicialmente era através do telefone, era um meio muito utilizado no primeiro confinamento, o telefone. No segundo confinamento depois pelo facto de terem sido também criados e-mails

para toda a gente, os pais... Já se conseguia comunicar mais eficazmente com os pais e com os alunos. Quando falo de pais são pais de crianças sem autonomia para conseguir efetivar o contacto com os professores.

A: Comparando o primeiro confinamento com o segundo, é correto dizer que as dificuldades que sentiu na organização, nos recursos, na interação e na comunicação com todos foram reduzindo? As dificuldades foram sendo menores?

EMAEI: Sim, foram. Acho que a necessidade aguça o engenho e nós também tínhamos já a experiência do primeiro confinamento. E acredito que o próprio Ministério da educação teve o *feedback* do que é que poderia ser melhorado no segundo confinamento e depois emanou algumas diretivas principalmente para estas crianças com medidas adicionais que facilitaram este segundo confinamento. Portanto, o Ministério da educação através das diretivas, teve também aqui um papel importante na melhoria das práticas. Podemos sempre achar que poderia ter sido melhor, efetivamente pode sempre ser melhor, mas que houve uma evolução positiva do primeiro para o segundo em termos de respostas efetivamente, sim.

A: Que dificuldades é que os professores lhe foram reportando? E dos alunos e dos pais? Que dificuldades lhe foram sendo reportadas?

EMAEI: Foram feitas avaliações ao longo do processo que me foram chegando exatamente sobre as dificuldades que foram sentidas pelos professores. A dificuldade de algumas famílias em acompanharem os seus educandos, a falta de equipamentos e de meios tecnológicos, a dificuldade de alguns alunos no domínio das ferramentas *online*, as avarias e as falhas nos computadores dos alunos, basicamente são estas.

A: Esse é o *feedback* dado...

EMAEI: Pelos professores.

A: E dos pais...

EMAEI: A grande dificuldade dos pais a este nível, que eles se queixavam era o não domínio dos meios tecnológicos e a falta desses próprios equipamentos. Em relação a esta questão o que nós fizemos foi a tal disponibilização do colega de informática aqui na escola, para os pais poderem vir esclarecer dúvidas ou saberem para onde é que se podiam dirigir... Voltando aos professores há aqui outra questão também que tem a ver... Alguns colegas queixaram-se de algumas intervenções de encarregados de educação durante as aulas. A interferência de... Mas estamos aqui a falar de alunos com autonomia e mais em contexto de turma... Não tivemos aqui estas queixas ao nível dos alunos com adicionais, este *feedback* foi mais ao nível de crianças em contexto de turma, observações despropositadas, por exemplo, gravação de aulas em vídeo ou em áudio.

A: Ou seja, interferências indevidas de encarregados de educação nas aulas.

EMAEI: Exatamente. E aqui as coisas são remetidas para o regulamento interno e para a lei em vigor relativamente a estas situações.

A: Em alguma ocasião os encarregados de educação falavam em sobrecarga de trabalho? Há pouco falou no papel fundamental dos pais no apoio ao ensino a distância...

EMAEI: Estamos a falar apenas de crianças com medidas seletivas e adicionais?

A: Sim, sim, sim.

EMAEI: Tentamos evitar essa sobrecarga porque começamos logo a ter esse *feedback* no início, dessa sobrecarga. Daí esta questão... Quando eu falava há pouco na adaptação do horário às capacidades e características de cada criança foi exatamente neste sentido, tendo isto também em conta. Portanto relativamente a estes alunos não houve uma imposição de horário. As coisas iam sendo sempre articuladas entre professor de educação especial, encarregados de educação, professores da turma, diretores de turma e isto para cada aluno porque nós sabemos que nem todas as crianças têm a mesma capacidade de concentração e de atenção.

A: Portanto, dentro das suas possibilidades, a escola foi tentando adaptar o horário às características de cada aluno.

EMAEI: Sim.

A: Essa adaptação não poderá ser considerada uma medida promotora da inclusão, durante o ensino a distância?

EMAEI: Sim, sim, sem dúvida nenhuma. Adaptar o mais individualmente possível e o mais aproximado das capacidades, das competências, do seu perfil de funcionalidade é uma medida de inclusão.

A: Se fosse necessário voltar a implementar um plano de ensino a distância e tendo em atenção as duas experiências de ensino a distância desse Agrupamento, que alterações proporia para a melhoria de um novo plano?

EMAEI: Eu para já... Considerando apenas aquilo que está dentro do que nós podemos fazer. Eu acho que partia de algum tipo de formação a encarregados de educação nos meios digitais, de diferente daquilo que estivemos a fazer porque de resto nós conseguimos ter o ensino presencial...

A: Manteria então o ensino presencial, se continuasse a ser uma possibilidade?

EMAEI: Mantinha preferencialmente o ensino presencial e depois a formação para ser mais eficaz a articulação com os encarregados de educação. Manteria o ensino presencial sim... Terapias, educação especial...

A: Neste segundo confinamento, os alunos com medidas adicionais, não foram todos presencialmente...

EMAEI: Não, não foram todos.

A: Houve portanto critérios de decisão sobre quais iriam de forma presencial e quais não iriam. Continuará a analisar caso a caso ou seria mais benéfico alargar esta resposta a todos os alunos de medidas adicionais?

EMAEI: (pausa) É difícil num contexto de pandemia... Num contexto de pandemia é importante minimizarmos os contactos e esse é o nosso ponto de partida. Agora dentro deste contexto o importante é ver quais as crianças que efetivamente vão estar em desvantagem ao ficar em casa e são estas que devem vir para a escola.

A: E em relação às terapias? Na sua opinião as terapias deveriam ser todas presenciais ou não?

EMAEI: Quando falamos de terapias, falamos de uma panóplia de intervenções, não é? Acredito que existem terapias que se colocamos na balança a pandemia e a terapia... O que é que pesaria mais... Voltaria a organizar colocando o presencial quando é absolutamente essencial, ou seja, quando a permanência da criança em casa é muito desvantajosa, se a criança sai efetivamente muito prejudicada em casa ao não ter as terapias presencialmente. E ver se a pandemia vale isto... Num contexto de pandemia é a tal questão de minimizar os contactos e ir presencialmente para a escola só mesmo aqueles alunos que verificamos que efetivamente tinham uma grande desvantagem em ficar em casa. Agora, todos aqueles que nós conseguimos suprir as suas necessidades de alguma forma em casa, o mais benéfico será mesmo ficar em casa. Até porque muitas vezes estamos a falar de crianças com problemas de saúde associados o que ainda torna mais complexo.

A: Então a grande alteração que propunha para um terceiro período de ensino a distância era...

EMAEI: Formação parental.

A: Relativamente ao segundo e não ao primeiro...

EMAEI: Exatamente. Seria a formação parental. Porque o primeiro é assim... Se nós vamos avaliar o primeiro é muito... Nós não tivemos tempo para pensar nas coisas, não havia meios informáticos, nós tentamos minimizar, como dizia há bocadinho, nós tentamos minimizar os danos e não deixar nenhum aluno para trás. No primeiro confinamento foi isto, não deixar ninguém para trás. A forma como tentamos chegar lá foi um bocadinho... “Oh pá, vamos agarrar em tudo o que for possível para não deixar ninguém ficar para trás...”. No segundo tivemos tempo para preparar as coisas de outra forma e mais pensadas.

A: Por obrigação, todos acabamos por ter que mudar muitas das coisas que fazíamos antes... Tendo em consideração o primeiro e o segundo período de ensino a distância, na sua opinião

quais foram as principais aprendizagens, positivas ou negativas, que esta situação proporcionou que podemos aplicar no futuro?

EMAEI: Acho que houve aqui uma coisa... Estou-me sempre a repetir com os meios tecnológicos mas é uma inevitabilidade porque efetivamente eu acho que a grande mais-valia, e falando de aspetos positivos... A grande mais-valia foi a capacitação digital de toda a gente. Estou a falar de professores, de alunos, de... É assim, nós tínhamos em termos escolares, em termos de comunidade educativa muitos colegas que não dominavam os meios informáticos e de repente foram obrigados a. Existia um fosso, estou a generalizar claro, havia um fosso entre professores e alunos. Os alunos com muito mais conhecimentos em termos tecnológicos do que os professores. O que eu acho que aconteceu aqui foi que se esbateu um bocadinho, não muito, mas esbateu-se ligeiramente este fosso que existia entre os conhecimentos de um lado e de outro. Acho que isto foi uma mais-valia que permitiu também dotar os professores de mais ferramentas para depois a apresentação de conteúdos e a dinamização das aulas irem mais ao encontro dos alunos.

A: Acha que esta aprendizagem que muitos tiveram que fazer vai alterar a atitude que tinham perante as tecnologias e no ensino presencial no futuro até poderão incorporar alguns destes conhecimentos?

EMAEI: Vão enriquecer as práticas pedagógicas. Isto é o que eu acho, que estes conhecimentos vão passar do *online* para o presencial, sem dúvida nenhuma.

A: Considera que a atitude dos alunos e dos encarregados de educação perante a escola poderá mudar quando voltarem à escola? Considerando que foram privados de ir à escola durante algum tempo... Acha que pode haver uma valorização ou desvalorização da escola?

EMAEI: (breve pausa) Eu acho que isto de uma forma geral aproximou mais... Às vezes falamos de aspetos negativos, de algumas situações pontuais que os pais interferiam nas aulas e não sei quê, situações pontuais... Mas eu acho que isto acabou por valorizar mais o trabalho dos professores, os pais aproximaram-se, houve mais contacto entre os encarregados de educação e os professores, sem dúvida nenhuma e isso ajudou a valorizar o papel da escola.

A: E o contrário? Depois dessa aproximação às famílias, sente que há uma alteração da perceção dos professores em relação às famílias?

EMAEI: (pausa) Não sei... Em relação às famílias... Talvez reforçar nos professores a ideia como a escola pode fazer a diferença na vida de algumas crianças.

A: E aspetos negativos que poderão ficar para o futuro?

EMAEI: As aprendizagens dos alunos poderão ficar comprometidas. E quando digo aprendizagens estou a incluir todas as aprendizagens. Estes alunos perdem muito ao nível da

autonomia e das relações interpessoais. Ficar em casa não é benéfico, há um comprometimento da inclusão. A distância é difícil fazer inclusão. Fazendo um balanço do ensino a distância, os impactos negativos são superiores aos impactos positivos.

A: Não tenho mais questões para lhe colocar, não sei se há mais alguma coisa que queira perguntar ou acrescentar...

EMAEI: Espero ter respondido às questões.

A: Claro que sim. Resta-me agradecer-lhe muito a sua disponibilidade. As suas respostas são muito importantes para a realização do meu trabalho.

EMAEI: Não tem de quê, sempre ao dispor e se precisar de alguma informação não hesite em contactar-me.

A: Muito obrigada.

**Apêndice IX – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas –
Professores de Educação Especial**

Grelha de tratamento de dados da entrevista semiestruturada – Professores de Educação Especial (Prof, Prof2, Prof3, Prof4, Prof5, Prof6)

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Caracterização do entrevistado	Sexo	M/F	(feminino) Prof1 (feminino) Prof2 (feminino) Prof3 (masculino) Prof4 (feminino) Prof5 (feminino) Prof6
	Faixa etária	Idade	- ...45 anos... Prof1 - ... 48 anos... Prof2 - 44. Prof3 - 49. Prof4 - 59. Prof5 - Vou fazer 46... Prof6
	Formação académica	Área de formação	- ...sou Educadora de infância... Prof1 - Sou de Física e química. Prof2 - Ensino de biologia geologia. Prof3 - Educação visual e tecnológica. Prof4 - Sou de Filosofia. Prof5 - Tirei Educação visual... Prof6
	Experiência profissional	Tempo de serviço total	- ...completos são 24. Prof1 - 17 anos de serviço. Prof2 - 22, 23. Não sei muito bem. Prof3 - ...22 anos. Prof4 - Há 20 e tal anos, desde 1999... Prof5 - Comecei em 99... Prof6
		Tempo de serviço em Educ. Especial	- 10 anos. Prof1 - 5. Prof2 - 3. Prof3 - ...4 com este. Prof4 - ...desde 2014. Prof5 - Não sei se foram 6 ou 7. Prof6

Organização do PE@D	Decisores	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sim (recebi orientações da Direção). Prof1 - Sim (recebi orientações da Direção). Prof3 - Não (participei nas decisões) Prof3 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...o Diretor mandou algumas indicações... Prof2 - (a Direção) Deu orientações... Prof4 - Tanto no ano passado como neste ano não participei nessas decisões... Prof4 - ...aquilo foi definido pelo subdiretor. Em parceria provavelmente com mais alguém... Prof4 - Sim (recebi orientações da Direção) Prof5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Também (recebi orientações da Direção). Prof1 - Também, também... (orientações da Direção) Prof3 - Não (participei nas decisões) Prof3
	Veiculação da informação	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...por e-mail... Prof4 - ...fizemos também reuniões (de grupo disciplinar)... Prof4 - ...tive orientações da minha coordenadora. Prof5 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...reuniões de Departamento e em reuniões com a Adjunta da Direção. Prof1 - Reuniões de grupo... Prof3 - ...reuniões de Departamento... Prof3 - ...a Direção vai enviando também por <i>mail</i>. Prof3 ... através da coordenadora... Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...em Conselho Pedagógico Prof4 - ...via e-mail... Prof5 - ...coordenadora enviou algumas instruções e o Diretor também... Prof5
	Aos DT's e titulares de turma	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...cada professor(de educação especial)...articulou com os titulares ou diretores de turma Prof1 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...foram enviadas para os colegas por <i>e-mail</i>. Prof4

Articulação com a Direção/ coordenação	Aos Encarregados de educação e alunos	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...cada professor (de educação especial) articulou ...com os encarregados de educação e com os alunos. Prof1 - ...aos miúdos que tinham medidas adicionais essa informação foi feita através dos professores de educação especial... Prof2 - ... (nos alunos com medidas seletivas) foi o professor titular que tomou essa iniciativa de informar os encarregados de educação... Prof2 - Por norma fomos nós (professores de educação especial) Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...pelo professor titular... - O professor de educação especial também transmite alguma informação... Prof3 - ...o professor de educação especial poderá ter participado nessa informação, mas foi o diretor de turma... Prof4
	Contactos formais	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...reuniões quinzenais (de grupo disciplinar)... Prof2 - ...vamos partilhando tudo...o que é que estava a acontecer de bom e menos bom...as estratégias...nas reuniões de grupo...de 15 em 15 dias. Prof3 - ...reuniões de grupo... Prof4 ...temos reuniões... Quinzenalmente, ou quando há necessidade ... Prof5
	Contactos informais	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...contacto telefónico...mail...disponibilidade da (adjunta da Direção)... Prof2 - ...não me posso queixar porque senti que realmente houve da parte da Direção o interesse em nos ajudar e nos apoiar sempre... Prof2 - ...por telefone... com a adjunta da Direção... Prof4 ...telefone... Prof5

	Tempo para implementação	<p data-bbox="387 190 435 918">Tempo decorrido</p> <p data-bbox="467 190 683 224"><u>1º confinamento</u></p> <ul data-bbox="467 235 1474 862" style="list-style-type: none"> - ...houve duas semanas em que nós ficamos em casa, depois houve a interrupção da Páscoa e em seguida é que começamos a sério porque até lá só enviávamos trabalhos. Prof1 - ...na semana seguinte... Prof2 - ... duas semanas... Prof3 - Claro (com todos os alunos em simultâneo). Prof3 - ...começamos um bocadinho depois dos outros colegas...uma semana... Prof4 - ...escola começou no tempo definido e nós começamos na semana seguinte... Prof4 - Mais de uma semana. Prof5 - Foi logo tudo... (com todos os alunos) Prof5 - ...começamos o trabalho com os miúdos depois das férias da Páscoa... Prof6 - Sim (com todos os alunos)... Prof6 <p data-bbox="467 907 683 940"><u>2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="467 952 1474 1408" style="list-style-type: none"> - ...logo no primeiro dia útil (após a pausa letiva de duas semanas imposta legalmente). Prof1 - ...duas semanas em casa...no dia 8 é que começamos (com todos os alunos em simultâneo)... Prof2 - ...conforme as ordens do Ministério ... Prof3 - ...logo no primeiro dia... Prof3 - ...logo depois daquela pausa de quinze dias... Prof4 - Não houve espera nenhuma. Prof5 - Nessas semanas (de pausa) acabamos por nos organizar individualmente e depois começamos... Prof6 - Sim (com todos os alunos em simultâneo)... Prof6
--	--------------------------	--

	Alunos	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...tinha 10 ou 11... Prof1 - ...quando passou a distância sim (continuei a apoiar os mesmos alunos) Prof1 - ...ficaram os mesmos. Prof2 - ...1 de adicionais... Prof3 - ...6 ou 7 de seletivas... Prof3 - Sim (mantive os mesmos alunos)... Prof3 - ...12, 14 alunos... Prof4 - Acabei por ficar com alguns alunos de medidas adicionais com os quais não trabalhava, para...Compensar, um bocadinho, a carga horária deles que se tornava escassa se fossemos apenas nós. Prof4 - São os mesmos (que tinha presencialmente)... Prof5 - Sim (mesmos alunos) Prof6 - ...Um (de adicionais)... já não me lembro sinceramente quantos é que eram (de seletivas)... Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - São os mesmo, só que uns presencial, outros a distância. Prof1 - Total de 8. Prof2 - Permaneci com os mesmos alunos. Prof2 - ...10 alunos... Prof3 - ...o mesmo (1 aluno de adicionais)... Prof3 - ...Sim (os mesmos). Prof3 - ...13 alunos... Prof4 - Continuam os 13 <i>online</i>... Prof4 - Oito. Prof5 - ...são uns três (de medidas adicionais)... Prof5 - ...Ninguém me deu indicação para crianças novas... Prof5 - Também (mesmos alunos). Prof6 - ...14 (alunos com medidas seletivas)... Prof6 - ...adicionais são 3... Prof6
--	--------	--

	Horários	<p data-bbox="400 925 432 1279">Reorganização dos horários</p> <p data-bbox="469 197 683 226"><u>1º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 237 1482 902" style="list-style-type: none"> - ...fiz adaptações no meu horário...porque havia alunos que já caminhavam para medidas adicionais... Prof1 - ...sim, tivemos que mexer... (na carga horária dos alunos) Prof1 - Não sofreu alterações... Prof2 - (as alterações) Não foram significativas... Prof3 - No ano passado sim. Prof4 - ...definiram dias e horas específicas para ter as aulas e momentos específicos também para ter o trabalho autónomo... Prof4 - As aulas no ano passado eram de 20 minutos. Prof4 - ... no caso das significativas mudou drasticamente... Prof4 - ...meti o meu (horário) por onde as crianças estavam sem assistir às aulas... Prof5 - ...sim (alterações no horário)... Prof6 - ...independentemente do horário que nós tínhamos na escola, nós distribuímos um tempo, ou dois tempos, por cada miúdo...encaixar os nossos tempos a nível individual nesse horário deles. Prof6 <p data-bbox="469 954 738 983"><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 994 1482 1279" style="list-style-type: none"> - ...(as alterações foram adequadas) sim...as crianças que necessitavam mais teriam mais tempo...(as) mais adiantadas e não precisavam, menos vezes... Prof5 - ...houve essa indicação no sentido do interesse da criança, das necessidades dela. Prof5 - ...(alunos com medidas seletivas) não dei tanto acompanhamento...só acompanhei a distância, mas sem aula síncrona. Prof5 <p data-bbox="469 1330 683 1359"><u>2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 1370 1482 2000" style="list-style-type: none"> - ...houve uma reformulação dos horários destes alunos... Prof1 - ...estes alunos têm momentos com o docente de educação especial, quer seja presencial ou <i>online</i>, têm momentos em que estão na turma e têm momentos em que se deslocam à escola para as terapias... Prof1 - ...no primeiro ciclo eles não tinham tantas aulas <i>online</i>, este ano é que é muito mais, a carga é muito maior. Prof1 - Para ter aulas presenciais... tentei condensar nos dois dias que eu vou presencial (igual carga horária)... Prof2 - Sim (o reajuste foi ao encontro das necessidades)... Prof2 - ...Eu fiquei a cumprir o horário... Prof3 - ...dentro da carga horária, era 50% aula síncrona e 50% aula assíncrona. Prof3 - Não (se manteve). Prof4 - ... de vez em quando o meu horário leva ali umas alterações para conseguir dar-lhe apoio (aluna com medidas adicionais)... Prof4
--	----------	---

		<ul style="list-style-type: none"> - ... dos alunos não alterou... cumprem o horário deles...se não estiverem iguais, estão muito parecidos com o que estavam no ensino presencial. Prof4 - ...optou-se por seguir exatamente a mesma mancha horária... foi apenas entrar <i>online</i> na nossa mancha horária. Prof4 - 50%... dentro da nossa mancha horária... metade síncrona e metade trabalho autónomo. Prof4 - ...sim, este ano também (alterei o horário). Prof5 - ...seguiu-se o horário que nós tínhamos... Prof6 <ul style="list-style-type: none"> - ...começamos nas aulas <i>online</i> seguindo o horário que cada um tinha. <p>Prof6</p>
--	--	---

	Diretrizes	<p data-bbox="400 902 432 1133">Atividades letivas</p> <p data-bbox="469 197 683 226"><u>1º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 237 1477 1070" style="list-style-type: none"> - ... (uns alunos com aulas síncronas e outros com entrega de materiais) Exato. Prof1 - ... alguns alunos que não tinham meios iam às escolas recolher os trabalhos. Depois à sexta-feira havia uma devolução das tarefas. Prof1 - ... era à base de enviarmos tarefas, <i>via e-mail</i>... ou a quem não tinha computador... todas as semanas entregávamos na portaria da escola material em suporte papel e o Encarregado de Educação ia buscar. Prof2 ... miúdos que tinham acesso à plataforma, foi através do <i>classroom</i>. Prof3 ... miúdos que não tinham acesso... para esses miúdos mandava, <i>via e-mail</i>... a descrição da atividade que era. Prof3 - ... a nossa prioridade, no ano passado, foi os alunos com medidas significativas... tentou-se assegurar os miúdos com medidas significativas para não ficarem sem aulas... Prof4 - ... formaram as turmas, inseriram as crianças na <i>classroom</i>... Prof5 - ... (quando) a criança não tinha meios para ter sessão síncrona foi a estratégia que se utilizou (entrega de materiais na escola)... Ninguém ficou por ser acompanhado. Prof5 - ... também tínhamos as aulas síncronas... Prof5 - ... eles tinham que assistir às aulas lá na televisão (estudo em casa)... e depois ainda tinham aulas com os professores. Prof5 <p data-bbox="469 1122 738 1151"><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 1167 1477 1787" style="list-style-type: none"> - ... ali só estávamos a trabalhar com o <i>classroom</i>... houve logo a orientação para todos usarem a mesma (plataforma)... Prof1 - No ano passado nós não ficamos a cargo com os alunos de medidas seletivas. Este ano, sim... Prof2 - ... o responsável pelo plano, este ano referiu... o ano passado também ... Para respeitarmos aquele tempo definido que temos para trabalhar, nós e os miúdos. Prof4 - ... mandavam manuais de utilização da <i>classroom</i>... até vídeos... Prof5 - ... miúdos não tivessem determinados materiais poderiam ir à escola buscar... Prof6 - ... pais (do aluno com medidas adicionais) foram buscar... no ano passado... a caixinha dele e uma série de materiais descartáveis que ele pudesse depois utilizar. Prof6 - ... a escola estava sempre disponível no que fosse necessário para colmatar algumas dificuldades... Prof6
--	------------	---

		<p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...as salas (no <i>classroom</i>) já estavam criadas... Prof1 - ...houve colegas que trabalharam (com o <i>classroom</i> durante as aulas presenciais)...os alunos foram sempre preparados para o que pudesse vir, para que corresse melhor do que no ano passado. Prof1 - ...nós já tínhamos elaborado os planos de trabalho quer fosse presencial, quer fosse a distância, quer fosse misto. Prof1 - ...os alunos poderiam ir para a escola, nomeadamente, os das medidas adicionais e alunos em situação de risco... Prof1 - ... uns <i>online</i>, outros presencial, mas sempre com a possibilidade de que, quando surgissem constrangimentos pudéssemos alterar a forma de trabalhar com eles... Prof1 - ...temos todas as possibilidades... dos que vão só à escola, dos que vão à escola e têm <i>online</i>, dos que só têm <i>online</i>. Prof1 - ...miúdos que não eram adicionais tiveram <i>online</i>. Prof3 - ...(alunos com medidas adicionais)...apoio presencial... Prof3 - Este ano isso foi bem frisado... aquilo que tínhamos planeado tentando aproximar o máximo possível como se tivéssemos presencialmente e adequar as estratégias que nós temos ao ensino <i>online</i>. Prof4 - ...este ano é obrigatório ter a câmara ligada, caso contrário o professor pode bloquear esse aluno. E é obrigatório estar ali ao pé do computador e caso seja feita uma pergunta o aluno tem que ligar o microfone e responder logo...há assim um bocadinho mais de rigor. Prof4 - Este ano não há troca de papéis. Prof5 - Os que não têm computador ou que os pais não conseguem acompanhar vão à escola...têm aula síncrona na escola... Prof5 - ...aulas síncronas e...uma parte no horário que é tempo autónomo em que eles fazem os trabalhos que lhe são enviados. Prof5 - ...meninos com medidas adicionais que se não tivessem computadores iam à escola (presencialmente)... Prof5 - ...a escola disponibilizou os computadores aos miúdos logo desde o início...os mais complicados (medidas adicionais) já tinham os computadores, levaram alguns computadores para casa, não houve problemas a esse nível. Prof6 - ...este ano a parte da gestão foi feita de outra maneira, porque nós no início de setembro fizemos logo horários tendo em vista os vários panoramas, o presencial, o misto e o <i>online</i>... Prof6 - ...as salas no <i>classroom</i>, convidar os miúdos ...Eu fiz isso logo em setembro... Prof6 ...miúdos das seletivas quando...não se conseguiam ligar pelo computador ou pela internet iam para a escola. Havia sempre a alternativa de irem à escola... Prof6 - ...eu acho que nenhum miúdo ficou sem aulas... Prof6
--	--	--

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - As terapeutas enviavam para nós (plano de trabalho)... e nós enviávamos para os Encarregados de Educação... Prof2 - ...as terapeutas enviavam o plano terapêutico para a Direção, a Direção distribuía por nós, nós encaminhávamos... Prof4 - ...era dado o <i>feedback</i> às terapeutas e elas enviavam um novo plano. Prof4 - No ano passado eles mandaram os planos <i>online</i>...e os pais faziam. Prof5 - ...não houve...contacto direto <i>online</i>... Prof6 - ...enviarem um plano semanal para mim, eu enviava para os pais... Começou semanal, mas depois passou de 15 em 15 dias porque viram que não dava resultado... Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - As terapias... Foram organizadas de acordo com o novo horário que estes alunos agora têm... Prof1 - ...(para alunos que têm terapias e não dispõem de equipamento)...que vão à escola ter as aulas...tentou-se articular de forma a que as terapias coincidisse com estes momentos...Para evitar ao máximo as entradas e saídas. Prof1 - ...uma terapia presencial, a fisioterapia...terapia da fala é <i>online</i> e a ocupacional não tem (por atestado da terapeuta)... Prof2 - Umas são presenciais, outras <i>online</i>. Prof4 - ...não tenho bem a certeza como está a funcionar, mas sei que estão a funcionar... Prof4 - ... também foram apoiados... Prof5 - ...poderia ser presencial e ele não quis ir... Prof6
--	--	---

	Clareza das orientações	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Foram claras. Prof1 - ...foi um pouco mais complicado porque fomos apanhados desprevenidos... Prof1 - Ao princípio no caso da educação especial havia uma série de dúvidas, mas as instruções foram claras... Prof4 - Não houve confusão... Prof5 - ...a Direção também não conseguiria ter uma atitude muito rápida porque foi uma atitude tomada pelo Governo de um dia para o outro... Prof6 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... não sabemos bem como às vezes aplicar aquelas indicações que nos são dadas... Prof2 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Foram claras... Prof1 - ...este ano foi mais fácil... foi acabar por operacionalizar aquilo que já estava definido. Prof1 - Também foram claras. Prof4 - Sim, sim (as instruções foram claras) Prof5
--	-------------------------	--

	Atividades letivas	<p data-bbox="469 192 683 226"><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="469 235 1482 392">- ...alunos que não tinham meios iam às escolas recolher os trabalhos. Tínhamos contactos telefónicos para as instruções, ou pelo <i>whatsapp</i>, com os encarregados de educação. Depois à sexta-feira havia uma devolução das tarefas. Prof1 <li data-bbox="469 403 1482 526">- ...tarefas, via e-mail... ou a quem não tinha computador, como era o caso de um aluno meu, todas as semanas entregávamos na portaria da escola material em suporte papel e o Encarregado de Educação ia buscar. Prof2 <li data-bbox="469 537 1482 571">- ...miúdos que tinham acesso à plataforma, foi através do <i>classroom</i>. Prof3 <li data-bbox="469 582 1482 649">- ...miúdos que não tinham acesso...para esses miúdos mandava, via <i>e-mail</i>, para o professor titular a descrição da atividade que era. Prof3 <li data-bbox="469 660 1482 694">- ...ano passado tive dois miúdos, com perturbação, <i>online</i>. Prof3 <li data-bbox="469 705 1482 817">- Refiz as planificações todas, que eram mais gerais e transformei em coisas praticamente diárias, aquilo já andava um bocado aqui a mexer com a cabeça... Prof4 <li data-bbox="469 828 1482 907">- ...enviava os trabalhos para o professor e os planos, depois eles faziam chegar àquelas crianças que podiam usar o computador. Prof5 <li data-bbox="469 918 1482 1030">- As que não podiam usar o computador ou que não tinham, essas iam à escola buscar as fichas para fazer e depois iam entregar...depois eram vistas, eram corrigidas. Prof5 <li data-bbox="469 1041 1482 1108">- ...também tínhamos as aulas síncronas...eu usei o Google <i>meet</i>, não usei a <i>classroom</i>, mas fui convidada. Prof5 <li data-bbox="469 1120 1482 1198">- ...eles tinham que assistir às aulas lá na televisão (estudo em casa)...e depois ainda tinham aulas com os professores. Prof5 <li data-bbox="469 1209 1482 1243">- No ano passado foi um choque... Prof6 <li data-bbox="469 1254 1482 1288">- Tivemos entre aspas que nos desenrascar cada um à nossa maneira... Prof6 <li data-bbox="469 1299 1482 1366">- ...(os meus) todos podiam aceder...O que era mais complicado acedia com a mãe... Prof6 <p data-bbox="469 1422 742 1456"><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="469 1467 1482 1579">- ...alunos com medidas adicionais, o plano, as atividades, digamos são dirigidas por mim...depois juntamos a isso a parte em que os alunos têm com a turma... Prof1 <li data-bbox="469 1590 1482 1702">- ...(alunos com medidas adicionais) depois há um mapa de tarefas semanal...em que pomos os conteúdos que vamos trabalhar e depois um horário... Prof1 <li data-bbox="469 1713 1482 1825">- ...respeitarmos aquele tempo definido que temos para trabalhar, nós e os miúdos, para bem dos miúdos e para nosso próprio bem, porque se não andamos esgotados. Mas nós acabamos por não fazer isso. Prof4 <li data-bbox="542 1836 1482 1915">- ...aquilo que eu acho de bom que foi definido logo desde o início é usar uma única plataforma, o <i>classroom</i>... Prof6
--	--------------------	--

		<p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...nós já tínhamos elaborado os planos de trabalho quer fosse presencial, quer fosse a distância, quer fosse misto. E então foi acabar por operacionalizar aquilo que já estava definido. Prof1 - ...pessoalmente no tempo presencial não trabalhei pelo <i>classroom</i>, mas sei que houve colegas que trabalharam... Prof1 - ...este ano com a alteração em que os alunos poderiam ir para a escola, nomeadamente, os das medidas adicionais e alunos em situação de risco deixou de haver aquela entrega...e recolha de tarefas semanal. Prof1 - ...(quando não dominam os equipamentos) é muito mais proveitoso ir ali (na escola), consegue-se acompanhar mais facilmente... Prof1 - ...(alunos) com medidas adicionais, que estão a ter a distância é porque eles leem e têm autonomia para conseguirmos estar assim, se não também tinham que vir para a escola. Prof1 - ... (alunos com medidas seletivas) não presencial, é através de aulas síncronas uma vez por semana. Prof2 - ... (um aluno com) medidas seletivas recebe tarefas da professora titular, quinzenalmente é que são enviadas tarefas...só esse porque não tem meios informáticos disponíveis. Prof2 - ...estou a ter aulas presenciais com os miúdos... com medidas adicionais. Prof2 - ...(alunos com medidas adicionais) é a quem eu dou apoio presencial... Prof3 - ...vinha todos os dias aqui à escola, das 9h30m às 11h com este miúdo que tem perturbação do espectro do autismo (medidas adicionais)... Prof3 - ...miúdos que não eram adicionais tiveram <i>online</i>. Prof3 - Os que não têm computador ou que os pais não conseguem acompanhar...têm aula síncrona na escola...São acompanhados pelo professor muitas vezes é <i>online</i>... Prof5 - ...estão a ter aulas síncronas e depois têm uma parte no horário que é tempo autónomo em que eles fazem os trabalhos que lhe são enviados. Prof5 - ...presencialmente temos meninos com medidas adicionais (sem meios)... Prof5 - ...no meu caso é <i>online</i>...o meu caso foi exceção... foi não presencial, por uma questão de saúde. Prof5 - Todos foram acompanhados ao nível de sessões síncronas e presenciais. Prof5 - ...este ano foi de uma forma diferente porque as coisas já estavam mais organizadas... já estávamos mais organizados para o <i>online</i>... Prof6 - ...(antes do confinamento) de vez em quando mandava um trabalhinho e trabalhava com eles no <i>classroom</i> para eles se ambientarem. Então, quando nós viemos para casa já era normal também para os miúdos... Prof6
--	--	---

		<p>- Este ano os meus miúdos acabam por não depender tanto dos encarregados de educação... conseguem entrar sozinhos, conseguem depois fazer as tarefas sozinhos, ao seu ritmo, mas conseguem... Prof6</p> <p>- É tudo <i>online</i> (alunos com medidas adicionais e seletivas)... todos se ligaram... se não tinham computador tinham <i>tablet</i>, se não tinham <i>tablet</i>, tinham telemóvel, de alguma maneira eles ligavam... Prof6</p>
	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Articulação com professores</p>	<p><u>1º confinamento</u></p> <p>- ... <i>documentos</i>...no <i>Google drive</i>... era um dos processos de articulação para marcação de faltas e eventualmente enviar algumas observações aos Diretores de turma. Prof4</p> <p>- ...sessões síncronas... Prof5</p> <p>- ...(antes de iniciar o apoio) Contactamos mais com os colegas para vermos como é que as coisas iam funcionar, e alguns Encarregados de Educação e alguns miúdos que tinham mais dificuldades... Prof6</p> <p>- Não houve essa articulação com o professor da disciplina... Prof6</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <p>- ...(1º ciclo) ...semanalmente temos as reuniões de pares onde é elaborado... o plano de trabalho para a semana seguinte...no caso de alunos com medidas seletivas com algumas alterações... Prof1</p> <p>- ...reuniões semanais... Prof2</p> <p>- ...fazíamos (com os professores titulares de turma) a planificação semanal das atividades a desenvolver com os alunos. Prof2</p> <p>- ...telemóvel... e-mail... Prof3</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- ...telefone...<i>Google meet</i>...e-mail... Prof4</p> <p>- ...(relativamente aos alunos com medidas adicionais) eu falo com as docentes sobre o que é que vou dar... Prof5</p> <p>- ... (sugestão à professora titular colocada recentemente) arranjar um tempito para estar com as crianças na plataforma onde eu estou, para as conhecer melhor (alunos com autismo). Prof5</p>

		<p style="text-align: center;">Articulação com técnicos especializados</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...através do e-mail... Prof2 - As terapeutas enviavam para nós...e nós enviávamos para os encarregados de educação... Prof2 - No final houve uma reunião onde nós conversamos sobre se estava a surtir efeito ou não acerca dos planos que elas enviavam. Prof2 - ...andava aqui uma troca, as terapeutas enviavam o plano terapêutico para a Direção, a Direção distribuía por nós, nós encaminhávamos... conversava-se um bocadinho (com os encarregados de educação), era dado o <i>feedback</i> às terapeutas e elas enviavam um novo plano. Prof4 - ...ajudei a enviar (planos das terapias)... Prof5 - ...enviarem um plano...para mim, eu enviava para os pais...(os pais) davam-me o <i>feedback</i>...e eu dava aos técnicos. Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...não tenho alunos que estejam com terapias neste momento... Prof1 - Houve no início a articulação...agora... está um bocadinho de forma independente. Prof2 - ...vamos falando...a psicóloga, por exemplo, diz o tipo de trabalho que está a fazer, e pronto... Prof3 - Não tenho articulado... Prof4 - ...telefonamos... falamos... trocamos impressões... Prof5 - ...um (aluno) com terapias... - a terapeuta dava presencial e ele não quis ir. Prof6
Flexibilidade do plano	Sem flexibilidade	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Possivelmente têm aquelas ideias já feitas, não sei... Prof5 - ...aquelas situações gerais, temos regras que temos que seguir. Prof5 - ...Tínhamos a parte das horas que tínhamos que dar...Tínhamos que seguir aquele horário... Prof6 - ...a plataforma (<i>classroom</i>) era essa e foi para todos... Prof6

		<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...não eram bem fechadas... (as indicações da Direção) Prof2 - A Direção dá-nos alguma liberdade, sim. Prof5 - ...temos uma coisa boa ali na escola eles não nos massacram... Não nos impõem um horário. Prof5 - ... geríamos as nossas aulas com os miúdos de acordo com aquilo que achávamos necessidade em relação a cada um. Prof6 - ...em termos de utilização de outros materiais, da maneira como dávamos as aulas nós sempre tivemos liberdade total a esse nível. Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... uns <i>online</i>, outros presencial, mas sempre com a possibilidade de que, quando surgissem constrangimentos pudéssemos alterar a forma de trabalhar com eles... Prof1
	<p>Participação nas decisões</p>	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Eu não poderia sugerir assim grande coisa... Prof4 - Não propus melhoria nenhuma... Prof1 - ...não me lembro (de dar sugestões)... Prof6 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...sinceramente não tomei assim muitas decisões... Prof2 - ...simplesmente aceitei. Prof2 - ...(sugestões) nada de relevante. Prof2 - Algumas situações são um bocadinho fechadas, mas penso que aceitam sugestões. Prof5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Não me pediram opinião... Prof4 - ... não houve assim grandes alterações, que se pudessem propor... Prof4

		<p><u>1º confinamento</u> ... uma mãe... que não sabia abrir o <i>e-mail</i> e depois não tinha como imprimir nada, então, passamos à alternativa, passou a recolher e a entregar as coisas na escola. Prof1 - Diminuí as atividades e o grau... coisinhas mais simples para não sobrecarregar muito os Encarregados de Educação... Prof2 - Foi-se reajustado... nem nós sabíamos como é que o plano irá decorrer. Prof3 - ...eu não fiz assim grandes alterações. Prof4 - Ser eu a mediar e a trabalhar com o pai (relativamente às terapias)... Prof5 - Terapias (no ano passado) Começou semanal, mas depois passou de 15 em 15 dias porque viram que não dava resultado... Prof6</p> <p><u>2º confinamento</u> - ... não foi preciso. Prof3 - ... não me estou a recordar de nada. Prof4 ... possibilidade dos miúdos que necessitassem de ter ensino presencial, essa parte foi discutida. Prof4</p>
Encarregados de educação	Recetividade ao PE@D	<p><u>1º confinamento</u> - Creio que houve uma boa aceitação em geral. Prof4 - Sim (boa aceitação do plano)... está a ser muito complicado para todos e ter o apoio da escola é uma mais-valia. Prof6</p> <p><u>1 e 2º confinamento</u> - ... as pessoas de que estávamos à espera, foram bastante recetivas e fizeram tudo para conseguir entrar na engrenagem. Aqueles que já tinham alguns constrangimentos tornaram-nos ainda maiores para não arcarem com uma responsabilidade maior... (no 2º confinamento) a própria escola... trouxe esses miúdos à escola... Prof1 - ... aceitaram, eles não fizeram qualquer comentário... Prof2</p> <p><u>2º confinamento</u> - Este ano está bom... Os pais já estavam recetivos que iria que ser assim... Prof3 - Creio que sim, também. Prof4 - ... parece-me que sim... Não tenho tido nenhum <i>feedback</i> negativo. Prof6</p>

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...uma mãe que dizia que tinha e-mail, mas que não sabia abrir o e-mail e depois não tinha como imprimir nada... Prof1 - ...no início foi o excesso de trabalho, muitas atividades... Prof2 - ...atividades que estava a enviar... Prof2 - ...não conseguiam que os miúdos fizessem as atividades... Prof3 - ...que os miúdos já não queriam ver a RTP ensina (estudo em casa)... Prof3 - Preocupações...algumas eram as mesmas que as nossas... não sabiam exatamente como é que isto ia funcionar...tiveram que se estar a adaptar... Prof4 - ...crianças não corresponderem, não querem trabalhar... Prof5 - ...muitas atividades para fazer...o tempo todo era para a escola. Prof5 - ...única queixa foi nas terapias e realmente muitas fichas... Prof5 - ...dizia mesmo que já não aguentava aquilo.. Prof5 - ...o excesso de trabalho dado pelos outros professores principalmente nos miúdos das seletivas. Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - (não têm partilhado dificuldades) Também já estão mais habituados. Prof2 ...eram as mesmas dificuldades... Prof4 - ...as crianças não quererem trabalhar...Algumas, porque há outras que não, isso não é geral. Prof5 - ...(as crianças) estão cansadas de estar em casa, querem ir para a escola... querem ver os amigos... Prof5 - ...não (tive queixas). Prof5 - ...não tenho tido assim grandes dificuldades reportadas pelos pais... Prof6
--	--	--

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...foi a adaptação... a uma realidade completamente diferente... Prof1 - ...havia uma falta de interesse (da EE) nesse sentido, de querer...não se queria sobrecarregar. Prof1 - A maior parte deles não conseguiam pôr regras aos filhos. Prof3 - ...o maior trabalho sobrava para os pais... Prof3 - ...Se não fosse a mãe e o pai...aquilo desgastou-os muito... Prof3 - ...com muito sacrifício porque a mãe estava mesmo exausta... Prof3 - ...(os encarregados de educação) dos alunos com medidas adicionais, a questão da autonomia dos miúdos, eles sentiam necessidade de estarem ao pé dos miúdos para os poderem apoiar. Prof4 - ...alguns colegas sobrecarregavam demasiado os rapazes, pronto, com trabalhos... Prof4 - Não conseguiam fazer algumas atividades que enviavam. Prof5 - ...não conseguiam fazer lá aquelas atividades (das terapias)...(deveriam) enviar o plano e alguns não conseguiam... Prof5 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...aqueles que realmente não tinham equipamentos nem nada, são as pessoas também com maiores constrangimentos tanto a nível das tecnologias como a nível das aptidões que tinham para apoiar os filhos e o desejo deles era que eles viessem para a escola. Prof1 - ...nem todos os pais se queixam...Mães muito empenhadas com os filhos, que não se queixaram nada do que estava a passar. Prof5 - ...houve um pai que não conseguia trabalhar com a criança... que não o consegui fazer trabalhar...estava desejando que fosse para a escola. Prof5 - ...fartos de estar em casa. Isso acho que passou por todos... Prof5 - ...(no 2º confinamento) penso que não foi assim (grande quantidade de fichas). Prof5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Alguns não sabem fazer mais nada com o computador (para além da utilização de redes sociais) ... Prof1 - ...estão desejosos que os filhos regressem à escola... Prof1 - ...para além do suporte que têm que lhes dar, é uma prisão para eles porque têm que estar ali... Prof1 - ...alguns estarão mesmo preocupados com o bem-estar psicológico (dos filhos), outros estão preocupados com bem-estar psicológico próprio. Prof1 ...(a adaptação ao 2º confinamento foi mais fácil)...mesmo para as famílias eu também acho que sim...não foi tanto aquele pânico em que entraram no ano passado... Prof1 - ...cansados, saturados... Prof3 - ...Há mães ali que estão num desespero, porque elas é que controlam... Prof3 - ...eram as mesmas dificuldades... Prof4
--	--	--

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...ao telefone ou, no vídeo mais tempo era com a mãe...quase não estava nenhum tempo com ele, com a mãe estava uma e duas horas a falar com ela. Prof3 - Os Encarregados também mandam as fichinhas ou pelo <i>classroom</i> ou para o meu <i>e-mail</i>. Prof3 - ...os Encarregados de Educação apareciam lá (nas sessões síncronas)... Prof4 - ...íamos conversando (com os encarregados de educação)... alterávamos procedimentos se necessário. Eles diziam como era mais vantajoso... Prof4 - Íamo-nos adaptando conforme as dificuldades. Prof4 - ...por telemóvel... Prof5 - ...houve articulação...as minhas colegas também...terapeutas também... Prof5 - ...algumas vezes, eu ajudei os pais a fazerem as atividades (das terapias)... Prof5 - ...(o aluno) mais complicado acedia com a mãe... Tinha mesmo que estar ali, o Encarregado de Educação em cooperação comigo. Funcionou bastante bem e até me surpreendi... Prof6 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...para as adicionais tenho sido eu... o professor titular também de vez em quando ia acompanhando as atividades e contactava com o encarregado de educação... Prof2 - Seletivas é mais o professor titular. Prof2 - ...(alunos do 1º ano) eles não têm autonomia nenhuma...necessário o apoio do Encarregado de Educação. Prof2 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...(alunos com medidas adicionais)...em algumas situações...é possível só o ir à escola depois, o resto, o em casa não há mais nenhum tipo de complemento... Prof1 - ...mandam as fichinas feitas... Vê-se que acompanham, estes pais são diferentes acompanham o trabalho dos filhos e vê-se que estes miúdos trabalham mais... Prof3 - ...a senhora esteve sempre ali...com muito sacrifício porque a mãe estava mesmo exausta... Prof3 - Tenho articulado com dois...telefone. Prof4 - ...elas (professoras titulares de turma) também articularam. Prof5 - ...telemóvel... Prof5 - ...usei a <i>classroom</i> com os pais...na aula síncrona...agendava...e falava como ela sobre estratégias, <i>feedback</i> relativamente áquilo que a criança estava a fazer, dificuldades... Prof5
--	--	---

			<ul style="list-style-type: none">- ...o miúdo não...queria, mas ela (a mãe) esteve sempre presente para perceber as estratégias e as orientações. Prof5- ...pedia aos pais para criarem materiais manipuláveis... estávamos a trabalhar e os pais ajudavam era o jogo das sílabas, por exemplo... Prof5- ... articulamos mais com os pais a distância do que quando estamos em aulas presenciais... Prof5<ul style="list-style-type: none">- Quando têm problemas têm contactado, eu quando sinto que há algum problema também tenho contactado... Prof6
--	--	--	---

	Apreciação crítica	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... alguns às vezes apresentavam-se de forma menos própria, assim com um ar mais relaxado na cama com o telefone à frente, por exemplo. Prof4 - ...com medidas não significativas...alguns não apareciam... Prof4 <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...organizámo-nos da melhor forma possível e com as indicações que vinham da DGEST... Prof1 - Foi uma novidade e nós fomos todos apanhados desprevenidos e tentamos ir fazendo o melhor que podíamos... Prof1 - Tiveram que estar a pensar na melhor solução e ver as orientações que existiam, porque ninguém sabia exatamente o que é que ia fazer... Prof4 - ...andamos aqui todos um bocado às aranhas... Prof4 - ...foi uma grande confusão, mas acabou por correr bem. Prof4 - Ninguém ficou por ser acompanhado. - Não correu muito bem (terapias)...Esta é a minha opinião... Prof5 - ...estávamos todos um bocado assim sem saber o que é que nos estava a acontecer... Prof6 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...(nas aulas) a dificuldade que é o explicar... o concretizar, pronto. É muito mais difícil. Prof1 - ...mesmo que eles o conseguissem (estabelecer contacto connosco)...É difícil estar com uma criança que não consegue ler nem fazer nada a explicar-lhe um exercício a distância. Prof1 - ...das medidas adicionais mesmo a distância, como estão com um ensino tão individualizado, dirigido e adequados às necessidades deles, se calhar até tiram mais partido do que muitos... Prof1 ...o lado negativo é que havia montes de alunos e se calhar não só os da educação inclusiva que estão ali muitas horas e não estão a aprender nada, porque simplesmente estão ali só de corpo presente, mas não estão a aprender nada... Prof1 - ...nas seletivas também não sei se eles aprendem muito (a distância)... Prof3 - ...ano passado tive dois miúdos, com perturbação, <i>online</i>. Para os pais foi uma tortura... Prof3 - ...(aulas presenciais) para o miúdo (aluno com autismo) não tem nada a ver... Nem para os pais...ansiedade, o <i>stress</i> consegue-se controlar muito melhor... Ele em frente ao ecrã entrava em <i>stress</i> muitas vezes...É uma pessoa diferente, não é a mãe, não é o pai...apoio que está ali prontinho para ele e não está ao longe... Prof3 - ...para chegar a ele (aluno com autismo) era muito complicado, ele entrava em ansiedade muito grande. Para os outros era mais fácil... Prof3
--	--------------------	---

		<p>- ...nestes miúdos com dificuldades de aprendizagem sem dúvida que o presencial faz toda a diferença, desde a atenção, desde o foco, desde a dedicação... Prof3</p> <p>...miúdos com situações mais graves (alunos com medidas adicionais), ser <i>online</i> é zero... Prof3</p> <p>- ...tenho um aluno adicional em que era para o miúdo e sem dúvida para a família melhor o presencial... Prof3</p> <p>- ...miúdos com dificuldades de aprendizagem, nós não chegamos lá, nem tão próximo...melhor do que nada... Prof3</p> <p>- ...para os acalmar e não estarem em ansiedade nem em stress e não conseguia chegar tão bem como se estivesse próximo deles... Prof3</p> <p>- É completamente diferente estar ao pé deles do que estar a distância. Miúdos com dificuldades isto do ensino a distância, não... eu não vejo grande evolução neles. Prof3</p> <p>- ...fez muito bem em pôr presencial (autorização do Ministério da Educação) Prof3</p> <p>- ...(a distância)eles chegam atrasados ... Prof3</p> <p>- ...sinto que eles se distraem muito mais, estão mais aéreos, distraem-se com outras coisas... eles dispersam-se muito mais, a atenção deles... a internet, o computador, o telemóvel, aquilo distrai-os muito mais. Prof3</p> <p>- ...eu tenho um caso de um miúdo (autista) que não quer aparecer... Não faz nada, está ali...mas na escola ele faz. E também tive ao contrário miúdos que na escola se portam mal e aqui na aula síncrona foi uma maravilha... Prof5</p> <p>- ... situações que dá para nós percebermos como é que é o contexto familiar ou se há problemas... episódios que nos dão pistas, que revelam muita coisa...importante depois para tomarmos algumas atitudes... Prof5</p> <p>- ...há crianças...que não estão com atenção, que aparecem em pijama... Prof5</p> <p>- Eles (encarregados de educação) depois também se metem (no decorrer das aulas <i>online</i>). Prof5</p> <p>- ...achei que foi uma boa aposta o <i>classroom</i> porque é muito intuitivo... Prof6</p> <p>- ...a escola fez muito bem em utilizar apenas uma única plataforma... à partida sendo uma plataforma as coisas funcionam muito melhor... Prof6</p> <p>- ...miúdos que têm, por exemplo, problemas de autoestima que é-lhes mais fácil trabalhar aqui online do que em sala de aula e em grande grupo e em relação aos Encarregados de Educação também É uma contradição, mas estando longe se calhar tornamo-nos um bocadinho mais próximos... Prof6</p> <p>- A distância é mais complicado nós desenvolvermos essas capacidades (motricidade fina)... Prof6</p>
--	--	---

		<p><u>2º confinamento</u></p> <p>...sim (a adaptação ao 2º confinamento foi mais fácil)... Prof1</p> <p>- ...(com os alunos com medidas adicionais) estou em presencial, eu vejo realmente se eles fazem ou não fazem... Prof2</p> <p>- ...(uma encarregada de educação) aparece com demasiada frequência e com demasiadas intervenções (nas aulas síncronas)... Prof4</p> <p>- ...(alunos com medidas adicionais nas aulas online com a turma) é a distância e esses miúdos acabam por ser tímidos. Têm noção das suas limitações e evitam intervir. Prof4</p> <p>- ...daquilo que me vou apercebendo as coisas até estão a correr bastante bem. Prof4</p> <p>- ...os colegas têm procedimentos muito mais semelhantes uns aos outros e tudo. Prof4</p> <p>- ...(horários iguais) foi muito mais fácil...mais fácil fazer a gestão, não mexe tanto com rotinas. Prof4</p> <p>- Julgo que este ano está a funcionar muito bem. Talvez por estarmos mais habituados e mais à vontade com as novas tecnologias... Prof4</p> <p>- ...(a articulação com os pais) Este ano foi melhor. Prof5</p> <p>- (as terapias) Corrigiram. Prof5</p> <p>- ...até me parece que correu muito bem porque tiveram mais tempo de apoio individual do que quando estão na sala de aula. Prof5</p> <p>- ...havia meninos que a seguir às aulas síncronas não estavam ali a conseguir captar nada... Prof5</p> <p>- ...este ano correu muito bem... Prof5</p> <p>- Este ano correu muito bem. Este ano já foi diferente...E foi presencial... Prof5</p> <p>- ...tem funcionado bastante bem... Prof6</p> <p>- Este ano em termos de horários e de gestão foi mais fácil... Prof6</p> <p>- ...(recursos) a coisa foi mais orientada. Prof6</p> <p>- ...eles já estavam mais familiarizados com a plataforma. Prof6</p>
--	--	---

		<p>Comparação entre os planos de E@D</p> <ul style="list-style-type: none"> - Este ano já estávamos preparados para o que vinha... estávamos muito melhor organizados. Prof1 Parece-me que o ano passado foi um bom ensaio, um bom treino para aquilo que estamos a fazer agora, porque acho que agora está a ser muito melhor. Prof1 ...as coisas já funcionaram diferente porque já tínhamos a experiência do ano passado... Prof3 - ...estamos mais organizados, está tudo mais estruturado. Prof4 - Melhor este ano...no ano passado...as fichas andavam para trás e para a frente, este ano a criança esteve na escola a ter sessão síncrona como os outros. Portanto, ninguém ficou para trás, todos tiveram sessão síncrona... foi diferente, para melhor. Prof5 - ...já estamos mais à vontade e este ano correu melhor. Prof6 - Sinto que as coisas estão a correr bem melhor... Prof6
--	--	---

	Características promotoras da inclusão do PE@D	<p data-bbox="400 701 432 1503">Características promotoras da inclusão do E@D percebidas</p> <p data-bbox="469 197 683 226"><u>1º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 237 1474 439" style="list-style-type: none"> - ...ninguém ficou deixado completamente ao abandono... Prof1 - ...(medidas) seletivas não foi nada assim à parte. Prof2 - (alunos com medidas adicionais) Continuaram a frequentar algumas aulas que já frequentavam com a turma...tal e qual como já tinham antes...Tentou-se que isso não fosse impedimento para continuar a apoiar os miúdos. Prof4 <p data-bbox="469 490 738 519"><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 530 1474 775" style="list-style-type: none"> - (do 1º para o 2º confinamento) Penso que diminuíram (as barreiras à inclusão)... Prof5 - ...faço a gestão com o colega, se for necessário sair da sala e fazer uma trabalho mais próximo, vou para a minha sala, depois volto e há uma articulação muito melhor...No ano passado não havia pura e simplesmente... Prof5 <p data-bbox="469 826 683 855"><u>2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="469 866 1474 2000" style="list-style-type: none"> - ...já está num caminho melhor... Prof1 - ...estavam incluídos (alunos em regime <i>online</i>)... Prof1 - ...foram acauteladas as terapias... Prof1 - ...foram acauteladas as possibilidades de quem não tinha condições quer ao nível das aprendizagens (alunos com medidas adicionais)...quer outros alunos... em situação de risco. Acaba por ser uma inclusão também, eles terem a possibilidade de terem acesso ao currículo... Podem deslocar-se à escola e conseguem na escola, ainda que não presencialmente terem essas aulas a distância... Seria uma barreira se não houvesse essa possibilidade... Prof1 - ...tanto a inclusão...de alunos que antigamente eram educação especial, como... de alunos em situação de risco...agora tem estado a correr de uma forma melhor. Prof1 - ...a legislação foi favorável nesse sentido (permitir o ensino presencial) porque acabam por ser os miúdos que ficam mesmo mais desprotegidos...aqueles que os pais não conseguem dar resposta e que...não conseguiam estabelecer o contacto connosco... Prof1 - ...(alunos com medidas) seletivas já estão um bocadinho mais incluídos... Prof2 - ...(nas) aulas síncronas... (alunos com medidas seletivas) estão a acompanhar a turma...aí a inclusão está um bocadinho mais em cima. Prof2 - ...(alunos com medidas adicionais) têm direito às aulas presenciais...um arzinho que não ficaram esquecidos...uma pequena melhoria (em relação ao confinamento anterior)... Prof2 - ... não altera muito. Não há grande coisa assim a fazer... Prof4 - (alunos com medidas adicionais) Continuaram a frequentar algumas aulas que já frequentavam com a turma... Houve esse cuidado... Prof4
--	--	---

	Barreiras à inclusão	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...não correu da melhor maneira... Prof1 - ...não houve aquele acompanhamento, aquela monitorização que conseguimos fazer atualmente. Prof1 - ...(com alunos com medidas adicionais) a inclusão não foi feita... Prof2 - ...(os alunos com medidas adicionais) estão um bocadinho à parte...Estão mais connosco...mais isolados... Prof2 - O ensino a distância condicionou negativamente...(desaparecimento da) parte de eles estarem na escola e conviverem com os colegas... Prof4 - ...no ano passado não houve...integração dos miúdos <i>online</i> dentro da turma...ponho isso em termos do choque e da rapidez com que as coisas se passaram... Prof6 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...a inclusão para (alunos com medidas adicionais) é um bocado complicada com o ensino a distância. Prof2 - Não ficou. Prof3 - Os miúdos ficaram muito mais isolados uns dos outros. Prof3 - ...não acho que o 54 venha beneficiar os miúdos com a inclusão... Prof3 - Possivelmente ficaram menos acompanhados (tal como os outros alunos)... Prof5 - ...(possivelmente menos) incluídos, vamos dizer assim, no ensino a distância. Prof5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...(os alunos com medidas adicionais) ficam um pouco, ou quase excluídos em relação à turma...quase que deixam de ver os colegas, de estar na turma, de estar no convívio. Prof2 - ...continuam em casa, as condicionantes acabam por ser as mesmas... Deverão ser semelhantes sim. Não deve ter havido assim evolução significativa (em relação ao 1º confinamento)... Prof4 - ...este ano já fazemos o apoio dentro da turma e o apoio fora da turma já corre de outra maneira. Prof6
--	----------------------	---

	Dificuldades	<p>A nível pessoal</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...organização, não só a nível profissional como a nível da organização toda aqui em casa. Prof1 - Isto caiu de paraquedas em cima de todos e eramos quatro... Prof1 - Tive que comprar um computador... Prof1 - ...é complicado quando estamos em casa e temos a família em casa...eles (filhos) também nas aulas e com atividades e eu ao mesmo tempo tinha que também tentar arranjar as minhas próprias atividades, o meu próprio trabalho. Prof2 - ...sentir tão frustrada às vezes, querer fazer e o material informático não responder... Prof2 - ...tive que investir e comprar um computador melhor. Prof2 - ...estava sempre em casa fechada... Prof3 - ...trabalhar com a plataforma... Prof3 - ...a adaptação ao <i>classroom</i>, não sabia trabalhar...tive que me adaptar àquelas ferramentas todas. Prof3 - Planear coisas e depois não saber se iam funcionar bem, se iam funcionar mal...Senti uma certa instabilidade, foi sair completamente de uma zona de conforto... Prof4 - ...o Encarregado de Educação do outro lado... Prof4 - ...uma série de condicionantes que tive de aprender a lidar com elas. Prof4 - A falta de rotina afeta-me um bocado. Prof4 - Acabamos por trabalhar muito mais horas... Prof4 - ...o trabalho <i>online</i> acaba por nos cansar muito mais do que presencial... Prof4 - ...trabalhar em casa... passou a existir uma promiscuidade demasiado grande entre o local de trabalho e o nosso local de lazer. Prof4 - ...eramos dois, portanto tínhamos que nos coordenar... Prof4 - ...tive que pôr fibra porque a outra internet já não aguentava. Tive que investir num computador em condições... Prof4 - As horas que perdi a encontrar recursos...no ano passado havia muita coisa espalhada... Prof4 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...trabalhamos mais tempo... Estou mais tempo aqui no computador. Prof5 - Às vezes a minha cadela a ladrar.... Prof5 - ...temos que gerir o que estamos a fazer com as coisas... Com as lides domésticas... Prof5 - ...sou uma naba nas tecnologias...desenrasco-me... Prof5 - ...eu não tive problemas técnicos. Prof5 - ...(o 2º confinamento) para mim acho que foi um bocadinho pior. Se calhar houve mais da minha parte preocupação... Prof5
--	--------------	--

		<p>- Muito cansativo... Prof6</p> <p>- ...acabamos por talvez trabalhar mais horas consecutivas...é muito complicado depois a parte familiar, a nossa parte familiar. Prof6</p> <p>- ...a gestão profissional com a gestão familiar no ano passado foi traumática... Prof6</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- O pequenino (filho) já domina aquilo tudo... Está a ser muito mais fácil... Prof1</p> <p>- ...o meu computador, que tem que ser dividido com o meu marido... Prof1</p> <p>- Senti um bocadinho menos dificuldades... ..já tínhamos a experiência do ano passado. Prof2</p> <p>- Andava a correr da escola para casa, depois tinha o meu filho... Prof3</p> <p>- ...para mim até foi melhor porque eu prefiro estar no presencial... Prof3</p> <p>- As dificuldades continuando as mesmas, estão mais controladas porque já consigo fazer aqui uma divisão melhor entre as duas situações... Prof4</p> <p>- ...acabamos por trabalhar sempre mais. Prof4</p> <p>- Tenho sentido menos dificuldades...tenho conhecimento de muitos mais recursos...há mais e parece que estão mais dimensionados, a coisa parece que está mais organizada... Sinto-me bastante mais à vontade... Prof4</p>
--	--	---

		<p style="text-align: center;">Ao nível da organização</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...tinham aulas <i>online</i> muito menos tempo foi mais fácil organizar os horários... Prof1 ... no início nós sentimo-nos um bocadinho à deriva porque é novo... Prof2 - Era tudo novo...toda essa instabilidade foi talvez a maior dificuldade... Prof4 - ...as adaptações constantes, não deu para criar logo uma rotina. Prof4 - ...uma limitação geral que é andarmos todos aqui às apalpadelas a tentar perceber como é que isto ia funcionar... Prof4 - ...começamos um bocadinho mais tarde também por causa de algumas dúvidas que nós tínhamos. Prof4 - ...tudo muito drástico...o ano passado acabou-se por fazer o melhor que pudemos... Prof6 - ...organizar e encaixar os nossos horários individuais nos horários dos alunos... Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...tivemos que articular todos (professores, alunos e pais) de forma a que conseguíssemos criar horários em que fosse possível adaptarmo-nos ao <i>online</i> ou estar presencialmente. Prof1 - (alunos em regime presencial) Não tomam lá as refeições nem nada. Eles vão lá, trabalham comigo e depois vão para casa...combinarmos com as famílias também as horas de irem entregá-los e irem buscá-los... Prof1 - ...neste ano sabemos um bocadinho melhor o que estamos a fazer. Prof4 - Sinto menos dificuldades Prof4 (ao nível da organização)... Prof4 - ...Estamos todos mais à vontade... Prof4 - ...este ano correu muito bem... Prof5
--	--	--

		<p style="text-align: center;">Ao nível dos recursos</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... (alunos) quase que não havia equipamentos... Prof1 - ...principalmente em termos informáticos... Prof2 - Tínhamos receio de mandar pouco (poucas atividades para os alunos)... Prof2 - ...problemas na internet... a câmara não está a funcionar... Prof3 - ...uma miúda que era através do telemóvel... Prof3 - ...foi uma fase exploratória... Prof4 - ...conhecimentos que eles (os alunos) não tinham relativamente às plataformas e ao ensino a distância... Prof5 - ...das crianças não terem todas computador... Prof5 - ...os miúdos e os Encarregados de Educação tiveram mais dificuldades (na adaptação às tecnologias)... Prof6 - ... aquele (aluno) mais complicado tinha que ter a mãe ao lado... os outros até conseguiam fazer as coisas razoavelmente. Prof6 - ... (falta de) meios e ... ferramentas... que os alunos e os pais têm em casa... Prof6 - ...sempre gostei muito das tecnologias e então não tive muita dificuldade em me adaptar mesmo no <i>classroom</i> que era novo para mim e para todos... Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... (os alunos) já tinham equipamentos, mas mesmo assim, não foi possível eles estarem a ter as aulas a distância porque eles não dominavam o equipamento... Prof1 - ... (no 1º confinamento) os pequenitos precisavam sempre da ajuda dos pais ao início, hoje já entram (na plataforma)..os mais velhos facilmente perceberam como é que era... Prof1 - ...problemas na internet... Prof3 - ...uma miúda que tive que mandar por <i>e-mail</i> para a professora titular porque o computador que lhe deram não sei se foi a câmara... Prof3 - ...alguns alunos não se conseguiam ligar por uma ou outra falha de internet... Prof6
--	--	--

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...dificuldades (em) saber se conseguia chegar aos alunos...como não havia um contacto presencial... sempre a dúvida, não é?... Prof2 - No ano passado eu tinha um grupo maior de miúdos que não tinham acesso à internet. Era pior. Só pelo telefone é que conseguia falar com eles e com os encarregados de educação... Prof3 - ...sentia que não chegava a estes miúdos com mais dificuldades... Prof3 - Alguma dificuldade também no caso de um ou dois Encarregados de Educação específicos... Em vez de refilarem muito... Primeiro falavam connosco com calma e nós explicávamos as coisas... Prof4 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...(com todos os atores educativos) tem corrido bem. Prof1 - ...muito mais...impessoal... Prof1 - ...a dificuldade é mais àqueles que a gente nem os vê, os que a gente vai vendo, pronto, mal ou bem... Prof3 - ...por e-mail ou por telefone... Entre colegas ou com a Direção, temos sempre contacto. Prof3 - ...não senti assim nenhuma dificuldade...Deixou é de haver aquele contacto, que sabe que existe, que nos vamos encontrando, conversando uns com os outros e vamos resolvendo as coisas...a comunicação tornou-se um bocadinho mais limitada... Prof4 - ...(o contacto através da plataforma com os encarregados de educação) acabava por ser até mais rápido do que estando na escola... Prof6 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...tentei telefonar para o número que me deram, mas nunca consegui falar com a miúda...só esta miúda, de resto, todos os Encarregados eu tenho o contacto e falo quando preciso... Prof3
Novas práticas	Estratégias de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - ...fazia chamadas todas as semanas para os miúdos que não tinham acesso à plataforma, à internet... Prof3 - ...com os professores titulares também falo com todos ou por telefone ou por e-mail. Prof3 - ...usei a plataforma para comunicar...o <i>streaming</i> (troca de mensagens escritas através da plataforma) usei mais este ano do que o ano passado...no passado...era mais telemóvel. Prof5

		<p style="text-align: center;">Estratégias pedagógicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...é tudo assim mais dirigido... Prof1 - ...(medidas adicionais) à sexta-feira eu coloco tudo no <i>classroom</i> o que vamos fazer... trabalhos que eles vão fazer comigo, os que vão fazer em contexto de turma, as expressões que fazem em trabalho autónomo. Os pais e eles próprios quando chega a semana têm tudo ali à mão é muito mais fácil... Prof1 - ...teve que ser tudo reinventado... Prof2 - ... mais exercícios em ...plataformas, com jogos didáticos <i>online</i>... este ano mais (no 2º confinamento) ... Prof2 - ... no presencial (2º confinamento) eles estão lá comigo e eu evito enviar ainda mais trabalho para os dias em que eles não estão... Prof2 - ...ia dando algumas estratégias, à mãe do miúdo com perturbação do espectro do autismo... Prof3 - ...(para os alunos sem meios) enviava umas fichinhas e... intercalava uma atividade prática... Prof3 - Não houve assim grandes inovações... só que era <i>online</i>... Prof3 - Trabalhava muito à base da imagem...Ia apontando com o apontador... Prof3 - ...fazer atividades curtas e mudar a atividade para outra coisa... Prof3 - ...tinha um frasco com uns papelinhos... cada papelinho tinha uma atividade para fazer ou tinha uma postura... muito lúdico... Prof3 - ...muitas coisas de estimulação sensorial, muitas coisas de atenção e concentração, muitas coisas práticas, de autonomia pessoal, de ele arrumar o quarto e pôr a mesa... Prof3 ...visitas de estudo <i>online</i>... Portugal 360...lista de compras, caso fossem a uma visita de estudo... desenvolvi ali uma série de coisas à volta daquilo e depois íamos passear... Prof4 - ...(com alunos com medidas seletivas) acabei por focar mais no apoio ao estudo, na organização, método, que falta-lhes muito método... Prof4 - ...muitos jogos interativos, para os pais fazerem com eles... Prof5 - ...pedia aos pais para criarem materiais manipuláveis para trabalharem a leitura e a escrita...enviei, para...cortarem e plastificarem as sílabas...estávamos a trabalhar e os pais ajudavam era o jogo das sílabas, por exemplo... Prof5 - ...também passei estratégias aos pais e tive a preocupação de fazer as fichas mais personalizadas e com jogos que os pais pudessem fazer em casa com eles. Prof5 - ...o ritmo tem que ser mais lento principalmente para estes miúdos... Prof6 - Temos que ser mais apelativos na forma como falamos, mesmo da voz, dos gestos e dessas coisas. Prof6 - ...<i>Google forms</i>...faço em conjunto com eles durante as sessões... Prof6
--	--	---

		<p>- ... (nos trabalhos atribuídos na plataforma) não colocar data de entrega... há esses pormenores mais específicos que fui aprendendo de acordo com aquilo que cada aluno me dava... Prof6</p> <p>- ... tínhamos que adaptar quase semanalmente as atividades, tendo em conta essas lacunas (falta de materiais disponíveis em casa) Prof6</p>
	Recursos materiais	<p>- ... exercícios em ... plataformas, com jogos didáticos <i>online</i>... Prof2</p> <p>- ... (para os alunos sem meios) enviava umas fichinhas... Prof3</p> <p>- ... fazer uns bonecos de plasticina... Prof3</p> <p>- ... (pedia à mãe) corantes alimentares lá ia a mãe comprar, os balões... Prof3</p> <p>- ... visitas de estudo <i>online</i>... Portugal 360... pode ser transformado num recurso pedagógico... Prof4</p> <p>- ... fazer materiais também com estratégias que os pais pudessem utilizar em casa... Já que há coisas que eu não podia fazer a distância. Prof5</p> <p>- ... enviei, para (os encarregados de educação) cortarem e plastificarem as sílabas... Prof5</p> <p>- ... acabei por também utilizar muitas coisas que já usava, muitos vídeos, muitos recursos da internet... <i>kahoot</i>, alguns sites assim desse género... Prof6</p> <p>- ... <i>Google forms</i> também acho que é uma mais-valia... Prof6</p>
PE@D idealizado	Sugestões	<p>- ... os pais deveriam ter algum tipo de formação... Prof1</p> <p>- Não sei o que é que se poderia fazer mais... Prof2</p> <p>... se não podermos estar com eles ... aulas <i>online</i> sim... Prof2</p> <p>- Capacitar mais as pessoas (pais, professores e alunos) em termos informáticos... Prof2</p> <p>- ... material informático... para os professores... Prof2</p> <p>- ... é uma pergunta muito difícil. Prof3</p> <p>- ... para chegar a estes miúdos as tecnologias, por mim, não... Prof3</p> <p>- Claro que sim (aulas presenciais para alunos com medidas adicionais)... Prof3</p> <p>- ... este ano (2º confinamento) está a correr muito bem... optaria por um modelo semelhante a este ano. Não estou a ver grandes alterações que pudesse fazer... Prof4</p> <p>- ... (manter) as rotinas principalmente na parte da manhã... Eu sugeria que as crianças tivessem que se levantar todas àquela hora. Prof5</p> <p>- ... fazia as aulas síncronas todos os dias de manhã... Prof5</p> <p>- Sessões síncronas... Eu mantinha (tal como no 2º confinamento)... Prof5</p> <p>- ... sem aula síncrona, quando a criança consegue sobreviver sem a presença... apostar na aula síncrona naquelas crianças que precisam mesmo... Prof5</p> <p>- Não mudaria o horário (do 2º confinamento)... Prof5</p> <p>- ... computadores para os professores... e banda larga... Prof6</p> <p>- ... uma articulação ainda maior entre os vários grupos disciplinares e o... de Educação Especial... Prof6</p>

	Implicações para o futuro	<p data-bbox="400 1041 432 1160">Positivas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="469 197 1422 353">- A nível de competências digitais, acho que isto veio engrandecer toda a gente, quer alunos, quer professores, quer pais, quer toda a gente, toda a comunidade a nível de serviços, a nível de tudo. Toda a gente teve que ter outro tipo de aptidões, desenvolvê-las. Prof1 <li data-bbox="469 365 1476 439">- ...deu-nos, a nós e aos miúdos, outras competências... mais que não seja em termos informáticos... Prof2 <li data-bbox="469 450 1461 524">- ...estas plataformas... serão bastante úteis no futuro... incrementar mais os professores. Prof2 <li data-bbox="469 535 963 571">- ... não digo que é tudo mau... Prof3 <li data-bbox="469 582 1442 656">- ...trabalhos de grupo nas plataformas... a partir ali do 5º, 6º ano, 7º ano... parece que se organizam melhor... Prof3 <li data-bbox="469 667 1294 741">- ...(plataformas) outra forma de comunicação... Funciona para adultos... ações de formação, nas reuniões também ... Prof3 <li data-bbox="469 752 1461 826">- ...(plataformas) para miúdos que tenham algum problema e não possam vir à escola... Prof3 <li data-bbox="469 837 1476 1032">- Alguns desses recursos já existiam... talvez por nos sentirmos mais confortáveis num modelo mais semelhante ao método tradicional do que a um método mais moderno se calhar não eram tão explorados mas neste momento creio que toda esta situação acabou por ser uma formação enorme, uma ação de formação enorme na exploração desses recursos... Prof4 <li data-bbox="469 1043 1434 1153">- ...há montes de recursos que nós estamos a utilizar <i>online</i> que podemos perfeitamente utilizar em sala de aula, num contexto mais imediato com os alunos... Prof4 <li data-bbox="469 1164 1476 1283">- ...(professores, pais e alunos) aprenderem coisas a nível informático que não sabiam... abriu muito a mentalidade das pessoas na questão das novas tecnologias... Prof5 <li data-bbox="469 1294 1476 1413">- Eu e outras pessoas... não sabia da existência de plataformas... Não tinha tido reuniões <i>online</i>, não sabia nada disso. Prof5 <li data-bbox="469 1424 1091 1460">- ...foi bom ter assim formações <i>online</i>... Prof5 <li data-bbox="469 1471 1461 1545">- É tudo melhor presencialmente, mas as pessoas... começaram a fazer coisas que não faziam antes relativamente às novas tecnologias... Prof5 <li data-bbox="469 1556 1453 1666">- ...(maior valorização da escola) por parte dos Encarregados de Educação ... se calhar dessa maneira acabaram por ter uma visão diferente daquilo que tinham... somos mais valorizados... Prof6 <li data-bbox="469 1677 1476 1796">- Temos que aproveitar as tecnologias... com alguns programas é muito mais apelativo para os miúdos... mas depois complementado com a parte mais prática... Prof6 <li data-bbox="469 1807 1476 1881">- Mesmo indo para a escola podemos fazer determinadas coisas com os alunos no <i>classroom</i> e não o deixar de parte... Prof6 <li data-bbox="469 1892 1442 2002">- ... isto está a afetar a nível mental mesmo toda a gente e as pessoas não se estão a dar conta. Pela parte positiva e pela parte negativa... acabamos por nos apoiar mais, é aquela situação da proximidade do <i>online</i>. Prof6
--	---------------------------	---

		<p style="text-align: center;">Negativas</p> <p>- Em termos de mudar a nossa pedagogia?... Em termos futuros, eu não sei se isto afetará muito como se diz... Prof2</p> <p>- Será que está a haver algum progresso dos miúdos? Prof3</p> <p>Miúdos com dificuldades...e mesmo para os outros que não tenham problemas... Duvido muito que aprendam alguma coisa... Prof3</p> <p>...de uma maneira geral as aulas <i>online</i> a mim não me convencem. Prof3</p> <p>Uma coisa é nós sabermos que estamos todos fartos outra coisa é ouvir um miúdo a dizer que está farto e então aquilo tocou-me... Prof6</p> <p>... isto está a afetar a nível mental mesmo toda a gente e as pessoas não se estão a dar conta. Pela parte positiva e pela parte negativa... A parte negativa é esta situação de não convívio... Prof6</p>
--	--	--

**Apêndice X – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas –
Técnicos especializados**

Grelha de tratamento de dados da entrevista semiestruturada – Técnicos especializados (TF, Psi, Fis)

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Caracterização do entrevistado	Sexo	M/F	(feminino) TF (feminino) Psi (feminino) Fis
	Faixa etária	Idade	38. TF 37. Psi 29. Fis
	Formação académica	Área de formação	- Licenciatura em Terapia da Fala. TF - Psicologia clínica e da saúde. Psi - ...fisioterapeuta. Fis
	Experiência profissional	Total	- ...7. TF - ...15. Psi - ...5 anos. Fis
		Em ambiente escolar	- 2. TF - Três anos letivos. Psi - ...5 anos. Fis
Organização do PE@D	Decisores	Identificação dos intervenientes nas decisões	- Com a Direção do CRI desenhamos um plano... TF - ... (posteriormente) partilhamos/ajustamos com as coordenações das escolas...de Agrupamento para Agrupamento acabou por diferir um bocadinho. TF - ...nós não dependemos da Direção da escola. Nós no CRI dependemos das orientações da nossa instituição. Fis - ...a nossa instituição disse “a partir de agora vão trabalhar assim”, nós falamos com os Agrupamentos... Não depende muito deles... Fis

	Veiculação da informação	
	À Direção do Agrupamento	<p>- ...uma colega...responsável pela equipa de cada cidade...é que fazia a ponte com a (adjunta da Direção)...a coordenação do CRI tem uma boa relação com a (adjunta da Direção)... TF</p> <p>- As orientações para nós não vêm deles (do Agrupamento), pelo contrário, somos nós que dizemos de que forma é que vamos atuar... Fis</p> <p>- ...a Direção foi informada como é que nós iríamos proceder...eles concordaram com tudo e foram bastante prestáveis. Fis</p>
	Aos Encarregados de educação e alunos	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <p>- ...equipa CRI enviamos para a coordenação de cada escola, via <i>e-mail</i>, e a coordenação é que trata a forma como chega aos pais. Fis</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>... (a informação chegou aos pais) pela Direção. Psi</p>
Articulação com a Direção do Agrupamento	Contactos com a Direção	<p><u>1º confinamento</u></p> <p>- Via e-mail ou via telefone. Fis</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <p>- ...a (identificação da escola) é uma escola muito organizada e funciona bastante bem. Fis</p> <p>- ...nós tratamos tudo com a (adjunta da Direção)...é fácil comunicar, a comunicação é funcional... TF</p> <p>- ...situações em que o tema era diretamente...comigo...alguma coisa mais séria para tratar...era eu que tratava diretamente com a (adjunta da Direção)... TF</p> <p>- Presencialmente ou mesmo via telefone. Psi</p> <p>- ...havia proximidade...Sempre muita proximidade... Psi</p> <p>- ...não denotei afastamento (da adjunta da Direção)...pelo contrário. Psi</p> <p>- ...não...se eu tinha alguma dúvida eu ligava num dia e se não tivesse o atendimento no próprio dia devolviam a chamada ou vice-versa... Houve essa proximidade (com um adjunta da Direção). Psi</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- A (adjunta da Direção) pediu-me a mim para fazer isto (verificar quais os alunos que iriam continuar a usufruir de terapias) porque sou eu a gerir a minha equipa... Fis</p> <p>- Este ano está mais espaçada...vamos encontrando as pessoas e explicamos um bocadinho o que é que está a acontecer... Fis</p>

	Alunos	<p style="text-align: center;">Alunos apoiados</p> <p><u>1º confinamento</u> - 11. TF - (continuei com os mesmos alunos) Sim. TF - ...trabalhei com todos os meninos, de seletivas e adicionais. TF - Três. Fis</p> <p><u>2º confinamento</u> - ...tenho 12 meninos...(mas a distância fiquei) com dez meninos. TF - ...o <i>online</i>...só abrangeu os meninos de medidas adicionais...meninos de medidas seletivas...não foram abrangidos pela intervenção <i>online</i>. TF - ...a instrução que tinham dado é que só as adicionais é que podiam ir para a escola ter intervenção direta... TF - ...entre 5 a 8 Psi - ...houve alunos que durante esse período não tiveram e houve outros que sim... Eram menos... Psi - ...dos três meninos que eu tenho, dois deles fiz presencial. Fis - No meu caso sim (continuei com os mesmos alunos). Fis - ...(em psicologia) os alunos foram muito menos, porque houve pais que não quiseram as terapias <i>online</i>, não quiseram ir à escola. Fis - ...(em terapia da fala) também se manteve tirando uma exceçãozinha ou outra... Fis</p>
	Horários	<p style="text-align: center;">Reorganização dos horários</p> <p><u>1º confinamento</u> - Eu...trabalho para o CRI...no período da manhã e deixei de ter esse horário específico... TF - ...tinha que delinear as minhas...atividades para enviar...no horário que eu conseguia...Não havia dias específicos... TF - ...não houve uma alteração direta de o meu horário agora vai ser de esta a esta hora, não, foi mais flexibilidade de horário...na parte da manhã nós tínhamos que orientar todo o trabalho para os meninos, tínhamos que reunir com professores mais a nível da terapia e as reuniões da tarde eram mais o geral da escola... Fis</p> <p><u>2º confinamento</u> ...o horário mudou. TF ...com a (adjunta da Direção), foi feito o horário, foi enviado para ela e discutido com ela... depois foi entregue ao professor de Educação Especial porque tínhamos que conciliar quando um estava e o outro não estava. TF ...havia furos e então acabei por subir ou descer meninos e também porque tentei ajustar o horário aos meus filhos que estavam a ter aulas <i>online</i>. TF - Sofreu, sofreu (alterações)... Psi - Mudança de dias...concentrar em um ou dois dias Psi - Diminuiu (a carga horária). Psi - ...esses meninos só iam dois dias por semana (à escola) e o horário deles teve que ser ajustado ao nosso. Fis</p>

	Diretrizes	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...delineávamos em equipa (para) os alunos que tínhamos em conjunto um plano com atividades/estratégias... TF - ...enviávamos para o professor de Educação Especial que entretanto chegava aos pais, à criança. TF - ...Não houve contacto direto, não houve <i>online</i>... TF ...“a partir de agora vamos ter que fazer ensino a distância”... Fis - ...demos a nossa opinião e decidimos a forma como fizemos... Fis - ...algumas referências do Ministério que dizia que algumas linhas orientadoras teriam que ser assim. Fis <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Este ano já foi <i>online</i> ou presencial... TF - ...quando fomos para o <i>online</i> o CRI só abrangeu os meninos de medidas adicionais. TF - Fomos informados das alterações que havia no decorrer do período. Psi - Se seria a distância completamente, se não seria, se teríamos que nos deslocar presencialmente ou não. Psi - ...este ano pudemos trabalhar com os meninos todos Fis - ...era para continuar igual. Continuavam a ir à escola, continuavam com terapias. Fis
	Clareza das orientações	<p>Clareza das orientações percebida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sim, sim, sim (indicações claras da Direção)... TF - ...é aquele Agrupamento que a gente diz que se toda a gente fosse, se todos fossem assim estávamos ótimas, estava tudo tranquilo. TF - Sim (as orientações foram claras). Psi

	Terapias	Operacionalização	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...fazia as atividades em casa e era só enviar...o professor de Educação Especial, ele é que tinha que imprimir e entregar aos pais...o professor é que faz esse papel... TF - Eu fazia planilhas com o que era suposto fazer, quantas vezes por semana, quanto tempo, todo o material... Fis - ...todas as semanas enviávamos um novo plano de intervenção, esse plano de intervenção era supostamente executado pelo aluno com a ajuda do pai e no final de semana enviariam o <i>feedback</i> e na segunda-feira seguinte seguiria um novo plano de intervenção para uma nova semana... a forma base foi sempre esta que não foi alterada, o que foi alterada foi a forma de chegar aos pais... Fis <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ...o CRI só abrangeu os meninos de medidas adicionais. E eu tenho meninos de medidas seletivas que não foram abrangidos pela intervenção <i>online</i>. TF - Este ano já foi <i>online</i> ou presencial para quem esteve presencial, eu não estive porque estive de apoio à família. TF - ...a Direção...foi fantástica...as funcionárias abriam...alguém para abrir a sala, receber o menino, porque nós não chegamos no momento...Receber o menino e depois nós saímos e ficar com o menino até a mãe vir... Fis - ... (alunos com medidas adicionais) o meu trabalho acabou por ser um trabalho presencial em que procedi da mesma maneira... Psi - O trabalho em si com os alunos correu tudo bem porque foi presencial não houve nenhuma diferenciação. Psi - dos três meninos que eu tenho...dois deles fiz presencial...a outra menina...a médica aconselhou a não ir à escola... Fis - ...dávamos as nossas terapias no horário normal e vínhamos embora... Fis - ... eles iam e permaneciam nas mesmas terapias, da mesma forma que eu já só dou de um para um... Fis
			Articulação entre terapeutas

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...enviávamos (os planos terapêuticos) para o professor de Educação Especial que (o fazia chegar) aos pais, à criança... TF - ...(os professores de educação especial) eram a ponte (com os pais)... TF - Com os professores mais próximos semanal, com os coordenadores era mais quinzenal. Fis - acabamos por fazer essa comunicação mais com o professor direto do aluno...semanal...para explicarmos o que é que estávamos a fazer, como é que íamos fazer, como é que estava a correr, às vezes até solicitar um bocadinho de <i>feedback</i>. Fis - ...Numa das escolas era mesmo uma articulação direta, eu trabalho muito com a professora (de educação especial)... não era só entregar tarefa e pedir, era mesmo arranjar estratégias mesmo para ela e para mim. Na outra escola não, se calhar era um bocadinho mais o entregar tarefas. Fis <p><u>1º e 2ºconfinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...comunicávamos diretamente com o professor (de educação especial) que é com quem a gente realmente trabalha... TF - Também com os Diretores de turma... (que também eram a) ponte com os Encarregados de Educação. TF <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... foi havendo... Psi - ... há sempre uma palavra relativamente ao saber-estar do aluno... Psi - ...há uma ligação muito próxima... Psi - ...quando nós vamos buscar o menino ao professor de Educação Especial...existe sempre um momento para dizer o que é que aconteceu...existe sempre essa partilha... Fis
Flexibilidade do plano	Participação nas decisões	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Não, não senti (que fosse fechado). TF - Houve muitos ajustes e ao longo das semanas houve sempre ajustes. TF - Quando se via que não estava a correr bem, tanto nós como a escola, acabávamos por fazer alterações... TF - Não (não estavam fechadas)... Fis - A instituição (CRI) disse “a partir de agora vamos ter que fazer ensino a distância”...E nós técnicos demos a nossa opinião e decidimos a forma como fizemos...tem todo o sentido porque nós é que estamos no terreno, nós é que sabemos qual é a nossa população e a forma como conseguimos atuar naquela população... Fis <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Ver quais eram as necessidades que eram prioritárias, foi-se falando... Depois deu direito a uma decisão final. Psi - ...todos nós, todos demos o nosso contributo, fomos tirando as nossas dúvidas. Psi - Não posso dizer que não redondamente (não era fechado). Psi

		<p><u>1º confinamento</u> ... havia crianças, por exemplo, que os pais não iam à escola buscar sequer atividades...ou havia pais que achavam que era insuficiente, houve sempre alterações em articulação... TF</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...pais que não tinham como imprimir ou pais que não queriam ir à escola...pais que diziam que era muito difícil...houve um reajustamento das atividades... TF - ...nós fomos fazendo várias adaptações. Fis - Inicialmente... passávamos semanalmente um plano de intervenção aos pais que seria basicamente só explicado por escrito e depois os pais dariam o <i>feedback</i> naquele mesmo plano e enviavam por foto para nós... Passei a fazer vídeos mesmo com o exemplo do exercício...(depois) chamadas aos pais...nós a tentar chegar cada vez mais aos pais porque nós não conseguíamos chegar aos pais. Fis <p><u>2º confinamento</u> - ...transportar um aluno para outro dia, falar com os pais...perceber qual era o número de alunos que tinham interesse em se deslocar à escola... Psi</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...transportar os alunos para um determinado dia... Psi - ...a partir daí correu tudo bem. Os alunos foram e não houve necessidade de fazer trocas... Psi - ...não houve ajustes nenhuns... Fis - ...continuava a ter a minha sala, continuava a ter as minhas coisas para trabalhar, o ajuste era a higienização. Fis
Encarregados de educação	Recetividade ao PE@D	<p><u>1º confinamento</u> - ...foi zero. Fis</p> <p><u>2º confinamento</u> - Foi uma boa recetividade. As famílias acabaram por decidir, quem queria e quem não queria, ou seja, as famílias tiveram esse poder de escolha e a partir de aí...correu tudo bem Psi</p>
	Dificuldades dos Encarregados de educação (referidas pelos próprios)	<p><u>1º confinamento</u> - ...pais que diziam que era muito difícil aquele tipo de tarefa... TF</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u> - ...queixavam-se que estavam cansados porque era o professor a passar trabalhos, depois mais trabalhos de casa e depois mais as terapias e depois mais as aulas.... TF</p> <p><u>2º confinamento</u> - ...há pais que não sabem mexer no computador. TF</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...dificuldades não propriamente da pandemia, mas dificuldades já existentes... Psi - ...dificuldades emocionais, parentais, relacionais... Psi

	<p>Dificuldades dos Encarregados de educação (percecionadas pelos terapeutas)</p>	<p><u>1º confinamento</u> - ...pais (que) não iam à escola buscar sequer atividades... TF - ...pais que não tinham como imprimir... TF - Dificuldades haveriam de ter muitas... Principalmente em entender e interpretar aquilo que lhes era solicitado. Fis - ...pais que achavam que era insuficiente... TF - ...pais que não sabem ler e a gente enviava uma mensagem escrita e a atividade escrita... TF</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u> - ...O cansaço dos pais, o cansaço dos miúdos... TF</p> <p><u>2º confinamento</u> - ...em alguns (alunos), não todos, o medo...não desta fase de confinamento propriamente, mas da pandemia, do vírus... Psi</p>
--	---	--

		<p style="text-align: center;">Articulação com a escola</p> <p><u>1º confinamento</u> - ...(os professores de educação especial nos alunos sem meios) eram a ponte (com os pais)... TF - Não (falava diretamente com os pais)... TF - ...pedir aos pais para fazer “quantos-queres?” com várias atividades... TF</p> <p><u>1º confinamento</u> - ...<i>feedback</i>? Zero. Interesse? Zero. Fis - ...quando eles chegaram percebemos que eles não fizeram nada... nível motor é uma coisa que se nota. Fis - ...chamadas aos pais ...nós a tentar chegar cada vez mais aos pais porque nós não conseguíamos chegar aos pais. Fis - ...eu dependia sempre do trabalho de outra pessoa. E a outra pessoa era um pai ou uma mãe que também estavam em teletrabalho e não tinham tempo nem paciência para me aturar a mim, porque eu tinha que explicar. Fis ...nós precisávamos muito de apoio dos Encarregados de Educação e não nos foi dado esse apoio. Fis - ...(uma encarregada de educação) disse que nunca tinha recebido nada nosso....ela sempre recebeu tudo...apenas não quis fazer... Fis - ...não fazemos uma articulação semanal com o encarregado de educação...isso não acontece, normalmente é por período...no final do período gostamos de reunir como Encarregado de Educação...e o professor de Educação Especial, fazer ali um resumo do período...Nada, não (mudou durante o confinamento). Fis</p> <p><u>2º confinamento</u> (terapia <i>online</i>) - ...eu tenho um autismo profundo em que o pai tem que estar ao lado... TF - ...contactar os pais e tentar fazer um horário o melhor possível... Psi - ...estabeleci contactos com os Encarregados de Educação... Psi - ...se eu encontrar um pai ao portão, ele vai querer falar comigo e faz perguntas, e corre bem... Fis - ...dois deles fiz presencial porque as mães levavam à escola. Fis Houve pais que não quiseram a terapia (psicologia), nem quiseram nem que fosse <i>online</i>... Fis</p>
--	--	---

	<p style="text-align: center;">Apreciação crítica</p>	<p style="text-align: center;">Períodos de ensino a distância</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <p>...tenho crianças em que a patologia é tão grave, tão grave que eu sentia que estava ali só por estar... TF</p> <ul style="list-style-type: none"> - nem eu estava a fazer nem a criança estava a receber. TF - ...não estava chegar à criança e isso é muito frustrante, muito frustrante. TF - ...o ensino a distância não dá para todas as crianças, não dá para todas as patologias e não dá para todos os pais... TF - ...é inviável fazer “teleterapia”, é inviável mandar um plano para casa e esperar que os pais me respondam...porque não é isso que acontece... Fis - ...quanto mais dependente (for o aluno) mais difícil é de conseguir estabelecer algo que seja feito. Dependo que uma pessoa faça algo por mim... Fis - Para mim foi horrível... Fis - ...um trabalho muito ingrato e horrível de se fazer. Eu estava desejando que aquilo acabasse. Na minha área eu obtive um <i>feedback</i> zero. Fis - Não surtiu nenhum efeito positivo, mas eu também não acho que tenha sido culpa do trabalho que nós implementamos...acho que o trabalho estava muito bem orientado. Fis - ...sei que não seria a mesma coisa, na fisioterapia nunca seria a mesma coisa. Mas teria tudo para pelo menos haver uma manutenção do aluno a nível de aquisições e não aconteceu porque...nós precisávamos muito de apoio dos Encarregados de Educação e não nos foi dado esse apoio. Fis - ...E os (exercícios) que foram feitos, foram bem feitos? Fis <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - (<i>online</i>) Dá para fazer tudo consegue-se trabalhar bem, mas há patologias gravíssimas que não dá... TF - ... (neste agrupamento) consegui trabalhar (com)todos... TF <p>Não tem nada a ver. Porque quando estás lá consegues arranjar estratégias, consegues dar a volta à situação, levar a criança a que faça aquilo que tu pretendes... assim <i>online</i> não há como... TF</p> <p>... Sim, sim (a distância a terapia surte efeitos menos positivos). TF</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...não denoto que tenha havido mais efeitos positivos nesse período...o trabalho é feito com continuidade...as variáveis externas não mudaram, nem as internas... Psi - ...(possibilidade de apoio terapêutico <i>online</i>)...crianças com severos défices... isto acaba por afetar bastante e a concentração através de um computador...o material acaba por não ajudar nesse sentido, não quer dizer que alguns não se adaptem, mas é uma ferramenta que deixa de ser universal, ou seja, a parte universal é o contacto humano. Psi - ...no confinamento até parecia que os miúdos estavam a trabalhar melhor do que agora que está tudo aberto outra vez. Fis <p>...- eu acho que estes, os de educação especial durante o confinamento foram bastante beneficiados, no sentido das terapias (presenciais)... eles são beneficiados pois é tudo mais só para eles. Fis</p> <ul style="list-style-type: none"> - ... (permissão legal para o apoio presencial) foi a melhor decisão que existiu. Fis
--	---	---

		<p>Comparação entre os PE@D</p> <p>- ...foram bastante diferentes os confinamentos... Fis</p> <p>- ...não teve nada a ver, na minha área, os dois confinamentos...o confinamento do ano passado foi horrível. Eu tive limitações em todos os pontos...Desta vez não tive qualquer tipo de limitações... Fis</p> <p>- (no segundo confinamento) Era tudo garantido (aulas e terapias) e foi assim que funcionou...foi muito diferente. Fis</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- (possibilidade de presencial é uma mais-valia) Sem dúvida, sim. TF</p>
Inclusão	Características promotoras da inclusão do E@D	<p>Características promotoras da inclusão do E@D percebidas</p> <p>- Na (identificação do agrupamento) até existe inclusão mesmo presencial ou não. Fis</p> <p>- A (identificação do agrupamento) é uma escola muito boa...as coisas são bem feitas e bem estabelecidas e os meninos são bem incluídos... Fis</p> <p>- ...tanto no presencial, como no...a distância eu acho que há inclusão... é um bom exemplo, tem uma boa forma de trabalhar. Fis</p>
	Barreiras à inclusão	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <p>- Os miúdos estavam em casa...Não há inclusão. TF</p> <p>- No ensino a distância não há inclusão. TF</p> <p>- Inclusão a gente trabalha na escola com o colega, o ensinar a estar e a ser, assim não. TF</p> <p>- ...eu trabalhei competências ou diminui dificuldades, eu não trabalhei inclusão. TF</p> <p>- ...a parte...inclusiva em termos de contexto de turma, aí ficou em <i>standby</i>... Psi</p> <p>- ...foi um período diferente. Psi</p> <p>- (alunos que não tiveram terapias durante o ensino a distância) É sempre (uma barreira à inclusão)... Psi</p> <p>...é sempre um período em que eventualmente não há tanto estímulo... interessa é haver continuidade do estímulo e essa continuidade existe, pode ser interrompida momentaneamente, mas ela existe. Psi</p>
	Barreiras à inclusão percebidas	

Desafios e oportunidades	Dificuldades	A nível pessoal	<p><u>1º confinamento</u> - ...fazia as atividades em casa e era só enviar...nós estávamos com a vida facilitada. TF</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u> ...cansaço, pela minha dinâmica familiar... TF</p> <p><u>2º confinamento</u> ...eu não estive (a dar apoio presencial) porque estive de apoio à família. TF ...tentei ajustar o horário (de trabalho) aos meus filhos que estavam a ter aulas <i>online</i>. TF - ...comprei jogos...muitos jogos interativos de computador. TF - ...a logística em casa de conseguir um computador para mim quando o resto da malta também estava a trabalhar, mas conseguiu-se... TF ...foi uma experiência nova...Foi um período de muita reflexão e questionamentos. Psi - ...havia grandes pontos de interrogação, incógnitas... Psi - ...foi mais a questão de estar à espera e adaptarmo-nos... Psi - ...muito difícil a adaptação porque eu estava a trabalhar e eu tenho uma filha...eu não conseguia estar com ela... tinha grandes dificuldades com a internet que se ia abaixo e ela ficava uma manhã inteira sem ter as aulas... Psi - A parte de conjugação de trabalho com a familiar...Foi extremamente exaustivo... Psi - ...na parte da tarde, muitas das vezes tive que deixar de trabalhar... Tive que abdicar da minha vida profissional... Psi - Eu não me senti em confinamento, trabalhei exatamente igual... Fis</p>
		Ao nível da organização	<p><u>1º confinamento</u> - Para falar verdade, não (senti dificuldade). TF - Não houve grande constrangimento. TF - Não senti grandes dificuldades. Fis</p> <p><u>2º confinamento</u> - Não (senti dificuldade). TF - Não tive grandes dificuldades... Psi - ...à medida que a informação passava nós íamos percebendo... Psi - Só mesmo a questão de horários...difícil conjugar o horário deles com o nosso, a partir do momento em que eles não estão lá de segunda a sexta...só vão à escola x vezes por semana. Fis</p>
		Ao nível dos recursos	<p><u>1º confinamento</u> - Na minha área faltava-me tudo... tive que inventar coisas que as pessoas tivessem em casa para poderem fazer. Fis - ...a gente fazia as atividades em casa e era só enviar. TF</p> <p><u>2º confinamento</u> - Não (senti dificuldade). Psi - ...não sinto nenhuma porque tenho a escola só para mim... Fis</p>

		<p><u>1º confinamento</u> ...nada de especial... TF - ...tive imensas limitações. Fis - ...Eu não consegui chegar aos meus alunos... a partir do momento em que nem há <i>feedback</i>, sentimos que o nosso trabalho é p’ra nada. Fis - ...há uma ligação muito próxima (com encarregados de educação e professores)... Psi</p> <p><u>2º confinamento</u> Sim, sim (está a correr bem). TF - Não senti limitações...na minha área eu mantive tudo igual... Fis</p>
Novas práticas	Estratégias de comunicação	<p><u>2º confinamento</u> - Os pais ligavam o computador e falavam comigo... eu contactava diretamente com os pais. TF</p>
	Estratégias	<p><u>1º confinamento</u> - ...Foi dar mais asas à imaginação, foi fazer o “quantos-queres?”...desenhar uma cara triste e tinha que dizer em que situação em que ficava triste... TF - ...o trabalho efetivamente foi feito no mesmo molde, ou seja, o trabalho não mudou... Psi - ...fisioterapia com <i>hands off</i> é muito difícil, ainda mais nestes alunos. Fis - ...tentei pôr tudo o que eu faço e que eu preciso que o aluno faça em papel... Fis - ...fazia planilhas com o que era suposto fazer, quantas vezes por semana, quanto tempo, todo o material... Fis - ...tive que fazer vídeos a explicar exercícios, mas sem ser isso eu não tinha muito por onde pegar. Fis - ... fisioterapia é muito mais difícil...Dependo que uma pessoa faça algo por mim... Fis - ...ter que me lembrar de coisas de casa para fazer o que eu preciso. Fis</p> <p><u>2º confinamento</u> - ...sendo <i>online</i> e eu estar em casa e ter a capacidade de ir buscar outro jogo e ligar no meu computador e buscar outra atividade...na hora, se eu via que a criança...naquele período não está virada para aquele tipo de atividade rapidamente eu mudava porque estava <i>online</i>... TF - ...iniciava com uma atividade e se precisasse de mudar na hora mudava e era assim que funcionava. TF - ...este ano optei muito por jogos no computador, jogos interativos... TF - ...pedi aos pais para fazermos no <i>zoom</i> porque conseguia dar o comando e a criança conseguia mexer no jogo ou na atividade... conseguia interagir no jogo em si. TF</p>

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...tentava arranjar estratégias ou atividades com materiais de casa não enviar fotocópias. TF - ...fazer o “quantos-queres?” TF - ...vídeos com exemplos do que eu queria que os pais fizessem. Fis <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...jogos interativos de computador. TF - ...não recorri a outras ferramentas... Psi - ...os recursos foram os mesmos... Psi
	PE@D idealizado	<p>Sugestões</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...parar por X tempo e para o ano vamos fazer um trabalho redobrado...na minha perspetiva acho que seria mais eficiente do que ter <i>online</i> alguns miúdos... TF - ...Para mim não é essencial, para mim, ou estava lá e fazia intervenção direta, ou <i>online</i>... a distância não vou fazer a diferença... TF - ...os pais terem a oportunidade de escolher, ou seja, independentemente de haver uma orientação, uma sugestão a última resposta ser dos pais...pareceu-me muito bem. Psi - ...cada pessoa tem que ter a sua responsabilidade, a sua tomada de decisão... Psi - ...se for igual ao último eu não tenho sugestões a dar... Fis - ...para mim está a ser melhor porque eu consigo estar mais tempo com o aluno, consigo ter o menino só para mim... Fis - Um aluno só comigo, uma escola inteira só para mim. Tenho todos os sítios que eu preciso trabalhar vazios... Fis
Implicações para o futuro	Positivas	<ul style="list-style-type: none"> - (a trabalhar com o computador) Sim, sim, isso sim... TF

		Negativas	<ul style="list-style-type: none"> - ...não faz muito sentido... através de um monitor...É muito difícil trabalhar assim...há alunos que dão alguma coisa e há alunos que não Psi - ... (terapias <i>online</i>) é só para dizer que existe porque depois o trabalho em termos de produtividade acredito que não... Psi - ...Na Educação Especial...Nós somos muito apegados aos miúdos afetivamente...E isso com o confinamento não acontece... Fis - ...Todos nós temos receio de um abraço, de um beijo... E estes miúdos são afetivos. Fis - ...Existe um distanciamento social gigante e eu acho que isso sim é a única coisa negativa... Fis - ...acho que vai ter consequências porque nós não vamos voltar a ser o ser humano que éramos tão cedo...E é mau para estes miúdos porque é um bocado impactante... Fis - ...é a única questão que me preocupa. É o distanciamento que eles sentem de nós. Fis - ...eu acho que ele (aluno com paralisia cerebral) está muito triste porque ele não me vê a cara... Fis - ...eu ter máscara ou não ter máscara é-lhe indiferente, porque é autista... Fis - ...tenho cognitivos, eles estão muito mais tristes... Fis - ...as crianças não compreendem (o uso da máscara), coitadinhos... Eu acho que é mesmo impeditivo de felicidade... Fis
--	--	-----------	---

**Apêndice XI – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas –
Encarregados de Educação de alunos com medidas seletivas ou adicionais**

Grelha de tratamento de dados da entrevista semiestruturada – Encarregados de Educação (EE1, EE2, EE3, EE4, EE5)

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Caracterização do entrevistado	Sexo	M/F	(feminino) EE1 (feminino) EE2 (feminino) EE3 (feminino) EE4 (feminino) EE5
	Faixa etária	Idade	- ...44 anos. EE1 - ...56... EE2 - ...47 anos. EE3 - ...49 anos. EE4 - ...40 anos... EE5
	Habilitações literárias	Grau académico	- ...12.º ano completo... EE1 - ...9.º ano... EE2 - ...9.º ano... EE3 - ... andei até ao 8º ano... EE4 - ...licenciatura em ensino básico e 1º ciclo... EE5
	Situação profissional	Profissão	- ...assistente de consultório... estou há um ano e meio com a licença para assistência a filho com deficiência ou doença crónica... EE1 - ...sou assistente operacional, trabalho na escola... EE2 - De momento não estou a trabalhar porque cuido do...sou encarregada de educação a tempo inteiro. EE3 - ... trabalho em apoio ao idoso, numa pequena firma que eu criei de apoio domiciliário. EE4 - ...professora de apoio do 1º ciclo... EE5
Caracterização dos alunos com necessidades específicas (NE)	Sexo	M/F	(masculino) EE1 (masculino) EE2 (masculino) EE3 (feminino) EE4 (masculino) EE5
	Faixa etária	Idade	- Tem 9 anos. EE1 - ...tem 16. EE2 - ...9 anos. EE3 - ...13 anos. EE4 - ...fez 14 em março. EE5

	Ano escolar	Ano escolar que frequenta	2.º ano. EE1 - ...7.º ano. EE2 - ...4ª classe. EE3 - ...7.º ano... EE4 - ...está no 7º. EE5
	Problemáticas na base das NE	Principais problemáticas	- ...ele é autista... EE1 - ...tem défice cognitivo... EE2 - ...défice de atenção... EE2 - ...é autista. EE3 - ...é autista... EE4 - ...ele está no espetro do autismo ligeiro... EE5
	Medidas educativas	Medidas educativas que usufrui	- Passaram agora a ser adicionais...Tinha medidas seletivas e este ano é que passaram para adicionais. EE1 - Acho que são adicionais... EE2 - ...medidas adicionais... EE3 -... seletivas. EE4 - ...são as seletivas. EE5
	Terapias	Terapias que usufrui na escola	- ... teve terapia ocupacional o ano letivo passado mas este ano é só terapia da fala e tem o apoio da psicóloga... EE1 - Tem a psicóloga e tem terapia da fala. EE2 - ...psicologia... terapia da fala...Terapia ocupacional. EE3 - ...terapia ocupacional. EE4 - ... (fora da escola) Psicologia EE4 ... - ...Terapia da fala e Psicologia... EE5
Organização do PE@D	Veiculação da informação	Tomada de conhecimento	<u>1º confinamento</u> - ...a Diretora de turma esteve sempre presente. EE4 <u>1º e 2º confinamento</u> - ...mandaram mensagens escritas sobre as coisas do funcionamento. EE2 - ...também os e-mails que a professora manda. EE2 - Sempre recebi (orientações). EE3 - a professora...da turma e a...professora de educação especial. Entraram em contacto comigo e explicaram-me o que é que se ia passar. EE3 - ...recebi a mesma informação que os outros alunos receberam... EE5 <u>2º confinamento</u> - ... orientações todas foram dadas pelo professor de ensino especial. EE4

Horários	Reorganização dos horários	<p><u>1º confinamento</u> - Houve alterações. EE4 - Foi totalmente diferente... EE5</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u> Foi alterado. EE1 O horário...foi feito comigo e com as professoras...Mediante a disponibilidade. EE3</p> <p><u>2º confinamento</u> - O Horário manteve-se eles fizeram o mesmo horário. EE4 - ...manteve-se exatamente igual... EE5</p>
Tempo para implementação	Tempo decorrido	<p><u>1º confinamento</u> - ...não me recordo... EE1 - Não (passou muito tempo).EE2 - Já não me lembro muito bem... Acho que não demorou muito tempo para ele a ter esse apoio através do computador... EE3</p> <p><u>2º confinamento</u> - Este ano tiveram aqueles 15 dias sem as aulas... EE1 - Sim, sim (o apoio iniciou após as duas semanas de pausa). EE2 - ...aqueles 15 dias que o Governo deu de férias... EE3</p>
Clareza das orientações	Clareza das orientações percebida	<p><u>1º confinamento</u> - ...estava tudo em forma experimental, mas sim, sim (as orientações foram claras). EE1 - Achei-as claras. EE2 - Sim, sim, muito claras... EE4</p> <p><u>1º e 2º confinamento</u> - (foram claras) Sempre. EE3 - Sim (foram claras). EE5</p> <p><u>2º confinamento</u> - ...sim, acho que as orientações foram bem dadas. EE1 - ... (eram claras) penso que sim. EE2 - Sim, sim (foram claras). EE4</p>

Flexibilidade do plano	Participação nas decisões	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...foi uma coisa quase imposta...como eu estava em casa, portanto, a mim não me fez, não me criou problema nenhum. EE1 - O horário do (nome) foi feito comigo e com as professoras... Mediante a disponibilidade porque o pai...trabalha de noite...o horário foi feito de acordo com o horário que o pai...acordasse. Que era para não haver muito barulho...E também para ele (o pai) funcionar lá com o computador e pôr aquilo tudo a trabalhar... EE3 - ...eu achei ótimo. Porque era quase impossível fazer um horário normal. EE3 - ...não senti essa necessidade (de dar sugestões) e por isso é que não o fiz. EE5 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...não fiz nenhuma sugestão...eu tinha abertura para o fazer se isso fosse necessário. Mas não houve necessidade. EE1 - Não achei necessidade de fazer mais alguma alteração. Penso que estava bem. EE2 - Antes de qualquer coisa sou sempre consultada, quarentena ou não quarentena. Quando há mudanças ou seja o que for eu sou sempre consultada e há sempre um diálogo entre mim e as professoras até chegarmos a um acordo há muito diálogo. EE3 - ...acho que não houve muita margem para sugestões... EE5 - ...(mas) se alguma coisa não corresse bem, se houvesse algum problema que aí sim falávamos e víamos se havia alguma possibilidade de mudar alguma coisa, mas não foi indicado nada disso de início. EE5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Este ano também (não participei na organização). EE1 - ...iam perguntando se estava bem assim, se achava que era necessário mudar horários... EE1 - ...(razão para o apoio de educação especial no 2º confinamento ter sido presencial) não lhe sei responder... EE1 - Este ano continuamos a fazer os horários flexíveis, exatamente igual... EE3 - Nem todas (as dificuldades foram atendidas pela escola). EE4 - ...solicitaram para ser presencial. Estiveram a auscultar os pais para saber a possibilidade de (o apoio terapêutico) ser presencial e o que é que nós achávamos...eles não nos deram a hipótese de ser <i>online</i>. EE5 - A única sugestão que fiz foi, antes de começarem as aulas, se não havia possibilidade de mudarem o horário para eles terem as aulas mais na parte da manhã, uma vez que seria <i>online</i>... mas aí disseram-nos logo que não, que tinha sido decidido que seria assim e pronto... EE5
	Alterações ao plano	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - (plano de ensino a distância) Manteve-se. EE1 - ...acho que se manteve sempre até ao fim. - Manteve-se. EE2 <p>Sim estendeu-se (até ao fim sem alterações). EE4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Correu tudo da mesma forma. EE5

	Comunicação com a escola	Contacto com professores	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...o professor da turma não era tão dedicado ao (nome) como este ano... EE1 - ...na parte do ensino especial... Nunca sentimos falta de apoio. EE1 - ...Por parte do professor titular não tive qualquer apoio...era assim uma ligação um bocadinho mais distante... EE1 - ...eu estava mais à vontade com ela (professora de educação especial) para tirar questões e não propriamente com o professor titular da turma. EE1 - Comunicava mais através de <i>e-mail</i> ou nas aulas <i>online</i> com as professoras do ensino especial... EE1 - ...a professora (da turma) era mais “comunicável”... EE2 - Algumas vezes fazia videochamada com a professora e falávamos...telefone também... a maior parte das vezes era por videochamada... EE2 - No ano passado, pela diretora de turma, sentimo-nos sempre apoiadas... EE4 - No ano passado correu tudo bem. A relação escola família correu lindamente não houve nenhum obstáculo, nenhum professor pôs obstáculo, nada. EE4 - No ano passado a educação especial não, não, participou. EE4 - ...a diretora de turma e vários professores, estiveram sempre presentes no <i>WhatsApp</i>...dos pais. EE4 - ...por telefone também... EE4 - ...por <i>e-mail</i>... EE4 - ...(recebe <i>feedback</i> sobre a evolução da aluna) Sim, sim. EE4 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Qualquer coisa, tinha sempre alguém que me esclarecia. Falava com a professora e ela estava sempre disponível. EE2 - As professoras que contactam com ele sempre foram muito dedicadas ao (nome) e preocupadas e sempre tentaram levar as coisas por melhor. Nunca tive qualquer tipo de problema de falar com elas, ou pedir explicações ou ajuda ou... Estavam sempre prontas. Estão sempre prontas. EE3 - ...tivemos sempre em contacto e sempre houve a preocupação da parte delas em telefonarem, perguntarem como é que as coisas estavam a correr. EE3 - Eu fui sempre correspondida da parte delas ... EE3 - Por telefone, por <i>e-mail</i>, às vezes por vídeo. Mais com a professora de educação especial. EE3 - Eu sempre me senti apoiada pela diretora de turma... EE5 - Sempre que eu precisava de alguma coisa, quando tinha alguma dúvida... ela é muitíssimo disponível... EE5 - ...através da diretora de turma sempre. EE5 - ...através de <i>e-mail</i> ou mensagens. EE5 - ...às vezes...através de um telefonema... EE5 - ...<i>online</i>...(na) aula síncrona com a diretora de turma... EE5
--	--------------------------	--------------------------	---

		<p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - (a professora titular esteve) sempre ali a acompanhar o (nome) e sempre dar-me orientações a mim, qualquer coisa, qualquer dúvida que eu tivesse, eu estava sempre em contacto com ela. EE1 - ...este ano ele esteve muito bem acompanhado. EE1 - disponibilizaram-se para que, sempre que eu precisar, tirar esclarecimentos ou fazer questões, que estão sempre lá para marcar reuniões, tudo que for preciso. Portanto sinto isso (apoio do agrupamento). EE1 - ...com a professora titular de turma sempre em contacto...também com a nova professora e com as professoras do ensino especial sempre. EE1 - ...tinha as aulas <i>online</i> com a professora de ensino especial e qualquer dúvida eu colocava e ela ajudava. EE1 - ...não houve falta de comunicação. EE1 - ...ela (professora de educação especial) vai-me mantendo a par da evolução... eu trabalho com ele por isso é que ele tem que haver esta, esta comunicação. EE1 - ...eu era bastante ajudada... penso que me deram o apoio necessário... como encarregada de educação não me posso queixar de que houve falha nessa, nessa parte. EE1 - ...com ela (professor de educação especial) pouco tenho falado, é mais com a Diretora de Turma. EE2 - Inclusive as professoras às vezes telefonam-me durante a semana uma ou duas vezes, falando sobre comportamento e como se estava a adaptar. A gente vai falando sempre durante a semana. Como agora não tem havido assim reuniões, a gente está sempre em contacto por telefone. EE3 - Este ano o diretor de turma não nos apoiou muito... EE4 - ...só por e-mail, o diretor de turma quer tudo por e-mail. EE4 - ...tinha o apoio sempre presente do professor de ensino especial. EE4 - Mantivemos o contacto por telefone (com o professor de educação especial)... EE4 - ...este ano, houve ali aquela falha de comunicação com o diretor de turma, mas de resto... EE4
--	--	--

	Atividades letivas	<p data-bbox="300 190 343 1176">Operacionalização</p> <p data-bbox="367 190 582 224"><u>1º confinamento</u></p> <ul data-bbox="367 235 1331 1064" style="list-style-type: none"> - ... (a professora de educação especial) acompanhou até o final do ano letivo mesmo <i>online</i>. EE1 - ... tinha três vezes por semana... a aula só ele com a professora do ensino especial. EE1 - ... eles tinham pouco tempo de aula <i>online</i>, tinham menos tempo do que este ano... tinha (de manhã) sempre as aulas <i>online</i> com a turma, com o professor titular da turma e depois mais tarde ele tinha com a professora do ensino especial. EE1 - ... O ano passado pronto, tinha tudo na turma praticamente. Só uma ou outra é que não tinha e depois tinha o apoio. EE2 - ... apoio através do computador... aulas pelo computador... EE3 - ... só tinha uma vez por semana orientações do professor de ensino especial. EE4 - O horário da educação especial, no ano passado, foi alterado... só tinha um dia e por acaso era fora do horário... EE4 - Em cada dia eles tinham uma disciplina, não tenho a certeza se até teriam duas, às vezes, no mesmo dia, mas estava distribuído pela semana de maneira a terem uma única vez cada disciplina... nessa disciplina o professor dava a aula síncrona e depois mandava-lhes trabalhos para eles realizarem até à semana seguinte que era quando tinham a aula. EE5 - ... as aulas eram todas de manhã. EE5 - Não me recordo dele ter tido apoio (de educação especial) quando tava nas aulas síncronas. EE5 <p data-bbox="367 1108 638 1142"><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="367 1153 1331 1400" style="list-style-type: none"> - ... teve sempre o ensino a distância. EE4 - (tinha aulas <i>online</i> com os colegas) Sim, sim EE4 - Teve sempre <i>online</i>, sempre. EE4 - Ele não teve apoio nenhum diferente dos outros meninos a não ser as aulas de apoio que passaram a ser <i>online</i> também. EE5 - ... aulas <i>online</i> e seria parte do trabalho realizado, o trabalho autónomo seria feito também <i>online</i>. EE5 <p data-bbox="367 1444 582 1478"><u>2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="367 1489 1331 1908" style="list-style-type: none"> - ... só sexta feira é que tinham aula de olimpismo e que se encontravam todos <i>online</i>, ele com o resto da turma. Então ele teve todos os dias de manhã aula (<i>online</i>) com a professora do ensino especial... EE1 - ... (no apoio do educação especial) era só com ele. EE1 - Ele ficou com os outros, integrado na turma. Tinha apoio e professor de ensino especial. Tinha as disciplinas que eles tinham e tinha à parte as dele. EE2 - ... começou a ir (presencialmente) depois quando foi essa lei lhes deu o direito a ir... EE3 - ... manteve sempre o horário do professor de educação especial. EE4 - ... era metade da aula síncrona e outra metade de trabalho autónomo. EE5
--	--------------------	--

		<ul style="list-style-type: none"> - Ele tinha...o ensino especial nas aulas de português...E eu sinceramente nunca me apercebi que no <i>online</i> que ele tivesse a ter esse apoio. EE5 - ...têm aulas na parte da tarde, têm dias de manhã e de tarde e outros dias que são só à tarde. EE5
	Desenvolvimento das atividades	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...das professoras do ensino especial. Fui sempre recebendo (informação sobre a evolução do aluno no ensino a distância). EE1 - A professora (de educação especial) mandou sempre atividades para ele fazer...Essa parte nunca falhou EE1 - ...tinha as aulas <i>online</i> com a turma e ele tinha só...de estar presente, estar a ver os colegas e o professor...porque ele não participava porque os conteúdos para eles eram diferentes... EE1 - ...eu trabalhava sempre muito com ele em casa... EE1 - ...nós fazíamos as propostas...da professora de ensino especial...Sim, sim, sim, sim (pareceram adequadas) EE1 - ...tinha três vezes por semana...a aula só ele com a professora do ensino especial e eu sempre com ele, eu sempre ao lado dele. EE1 - ...a nível de trabalhos, com a minha orientação, nunca houve assim dificuldade em que ele fizesse determinada tarefa...tínhamos que escolher assim os períodos do dia em que ele estava mais recetivo... EE1 - ...fui recebendo informação mediante os trabalhos que ele fazia em casa, e a gente enviava os trabalhos que ele fazia por <i>mail</i>. Fotografias... Pronto, das coisas que eles pediam. E recebi um bom <i>feedback</i>. EE3 - E havia dias que a gente não conseguia mesmo fazer nada. Mesmo quando a professora estava em videochamada...a gente conversava sobre isso e íamos arranjando alternativas para conseguir fazer as coisas... EE3 - ... (as atividades propostas) era o que ele estava habituado a fazer, fez a continuação aqui em casa. Há trabalhos que ele gosta mais de fazer lá. Tem um ambiente já do próprio trabalho que está a fazer. Lá é diferente, é como ele diz “escola é escola e casa é casa”. EE3 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...houve alguns dias que eu também tinha de estar presente a algumas disciplinas. EE2 - Houve ali algumas dúvidas no princípio não sabia muito bem como é que se enviava...a professora sempre explicou...dava os passos e ele sempre seguia os passos todos e conseguiu. EE2 - Ele sempre fez os trabalhos dele e as coisas dele, sempre conseguiu fazer tudo. Fazia os trabalhos de casa e enviava à professora. EE2 - ...ele conseguiu fazer tudo, conseguia fazer os trabalhos, conseguia enviar. EE2 - ...possui muitos equipamentos informáticos, ela gosta muito. EE4

		<p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...a professora elogiou que ele se adaptou bem. Que cumpriu com as tarefas todas e conseguiu dominar bem tudo o que foi dado no computador. EE2 - ...(recebeu <i>feedback</i> sobre a evolução da aluna)através do <i>e-mail</i> que o professor diretor de turma manda e o professor de ensino especial que está sempre presente. EE4 - ...o trabalho autónomo era feito, mas era feito com os professores em linha, eles iam fazendo o trabalho e tirando dúvidas e tudo mais com os professores. EE5 - ...ele acabou por ter menos o meu apoio, digamos assim, neste segundo confinamento...Porque esse apoio era mais feito pelos professores que passavam mais tempo com eles. EE5
	Opinião crítica	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Não foi é a quantidade necessária, no ano letivo passado (de horas de apoio). EE1 - O ideal seria ele se calhar nem, nem ter aula com o professor titular, mas ter mais aulas com a professora de ensino especial porque elas é que estavam a trabalhar, trabalhar com ele, mas pronto. Na altura foi a organização assim... EE1 - Ele estava ali com um bocadinho de sacrifício e olhar para a turma e para o computador e para o professor, mas pronto, fez-se. EE1 - No ano passado acho foi às mil maravilhas (passava mais tempo com a turma). EE2 - ...ele não gostava nada de aulas pelo computador. Foi muito difícil para mim, para as professoras...Isto para ele não fazia sentido, estar a ter escola em casa. E até que ele entrasse nessa rotina foi assim um bocado difícil. EE3 - Eu e as professoras estamos em sintonia...Eu sei as dificuldades dele e elas também sabem...A gente vai falando exatamente das dificuldades, do comportamento dele...ele não queria escrever, não queria fazer os trabalhos. Havia dias que atirava com tudo para o ar. Que não queria... Ficava nervoso e agressivo...Não era assim todos os dias, mas já chegou a um ponto em que... Cada vez que sabia que tinha que ir para a aula ficava logo... Mesmo com outros professores era assim um comportamento agitado...E depois havia dias mais calmos. EE3 - ...ela tinha o horário do ensino especial na parte da tarde...como é autista e estava sempre fechada em casa... Nós às vezes saíamos e íamos...ao campo...um bocadinho a correr, a sair...às vezes esquecia-se da aula ou chegávamos atrasadas... EE4 - ...o tempo da aula de trabalho autónomo seria bom se eles tivessem tido o apoio mais tempo com os professores da disciplina...o resto do trabalho ficava para nós, pais, digamos assim. Porque a partir do momento em que os nossos filhos não conseguem fazer as coisas sozinhos temos que ser nós. EE5 - ...no ano passado o que eu senti foi que metade do trabalho era feito pelos professores e a outra metade era feita pelos pais. EE5 - Eu acho que no ano passado sinceramente acabou por ser um bocadinho mais leve e mais fácil, no aspeto que se calhar eles até tinham demasiado tempo livre. EE5

1º e 2º confinamento

- Até se organizarem e não organizarem acabava quase o tempo e o tempo de aula era curto... (as) aulas eram muito curtas... **EE2**
- ...(em algumas atividades) sentiu dificuldades. **EE4**
- Ela pedia ajuda para a ajudarmos a fazer as atividades... **EE4**
- ...nas coisas que ela gosta faz tudo muito bem, mas matéria que ela não gosta, aí já a dificuldade é maior. **EE4**
- ...propunham trabalhos manuais e...sozinha em casa, inspirada, ela consegue fazer trabalhos manuais de apresentação bons. E isso valeu-lhe subir um bocadinho, em algumas disciplinas, a nota. **EE4**
- ...(tal como no ensino presencial) coisas que ela gosta, ela mostra interesse e motivação. Coisas que ela não gosta, matéria que ela não gosta...Aí ela desinteressa muito facilmente, ela está a fazer ali e é muito difícil conseguir trabalhar com ela. **EE4**

2º confinamento

- ...o (nome) para estar *online*, aliás para os outros miúdos também é difícil estarem à frente do computador a ver professores e a turma, não é? É completamente diferente e para o (nome) então, que ele toma medicação para défice de atenção seria, seria...não era viável para ele estar ali a ouvir o professor a falar. **EE1**
- ...este ano foi tudo muito bom. **EE1**
- (passar menos tempo com a turma) Para ele não foi (bom)...Fartou-se de reclamar porque ele queria ter o mesmo que os outros, queria estar a ter as aulas e não tinha e (pausa) não foi muito bom. **EE2**
- ...se calhar alguns dias seria pouco (tempo de aulas), poderia ter tido mais alguma coisa...eu gostava que ele tivesse tido aulas o tempo todo. De manhã ou de tarde, como os outros tinham, mas não era possível. **EE2**
- ...às vezes estava aí pronto, sem fazer nada. Tinha uns espaços mortos sem fazer nada e então ia jogar...E se calhar perdeu alguma coisa. Podia se calhar ter aprendido mais. **EE2**
- ...era preferencial (o ensino presencial) porque ele aqui em casa não resultava muito bem. Por mais que a gente quisesse às vezes não conseguia e então lá na escola... É como ele diz “a escola é na escola e a casa é em casa”...Eu fui consultada. **EE3**
- ...ela ficava muito cansada. Tinha alturas que ia-se embora...Tinha que ter sempre em casa uma pessoa a orientá-la. **EE4**
- ...este ano manteve sempre o horário do professor de educação especial. O que foi melhor. **EE4**
- Não (me pareceu adequado), porque foram muitas horas e ela ficava muito cansada...a mudança do horário... A (nome) não gosta desse horário da tarde... **EE4**
- O ano passado correu melhor porque era menos tempo (total de aulas online). **EE4**
- ...este ano é muito chato porque eles têm aulas na parte da tarde, têm dias de manhã e de tarde e outros dias que são só à tarde. **EE5**
- ...não me pareceu muito adequado este ano...Adequado a ele... muito sobrecarregado... **EE5**

		<ul style="list-style-type: none"> - A capacidade de concentração dele na parte da tarde, para o final é muito reduzida... não foi tão produtivo como foi quando eles tinham as aulas só de manhã. EE5 - Este ano (segundo confinamento) achei que foi um bocadinho ao contrário, foi assim muito oposto... apesar do horário ser à tarde, acabou por mantê-los mais ocupados e acompanhar um bocadinho melhor... Parece que o notei um bocadinho mais perdido no ano passado. EE5 - ... (no segundo confinamento) conseguiu acompanhar de uma forma mais autónoma, sem depender da família digamos assim. EE5 - Podia ter sido feito, na minha opinião, alguns ajustes no horário, uma vez que os horários, na minha opinião não estavam ajustados principalmente nestes miúdos em que a capacidade de concentração é muito mais reduzida... EE5 - ... estava mais organizado em termos de escola... o sistema de (os professores) continuarem lá enquanto eles tinham esse trabalho autónomo para fazer, acho que foi uma medida excelente e que resultou muito bem porque acabou por nos deixar também um bocadinho mais livres... EE5
Terapias	Operacionalização	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... no ano passado não houve <i>online</i>... nem presencial. EE1 - Não teve... terapias <i>online</i>. EE1 - ... elas (as terapeutas) mandavam trabalhos. EE1 - ... a terapeuta mandava para mim... eu teria que trabalhar mais com ele aqui em casa... tínhamos que... enviar para a professora... EE2 - ... a professora também tentava entrar em contacto comigo, para saber, para me dar as indicações das coisas, que era para depois transmitir à terapeuta. EE2 - ... as terapias através de trabalhos... EE3 - Foram enviadas sugestões de atividades e de coisas para fazermos com os miúdos, para fazermos nós, pais e família, com eles. EE5 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... não (teve apoio ao nível das terapias) e no ano passado também não. As terapias ficou tudo suspenso. EE4 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... solicitaram para ser presencial... EE5 - ... (não sugeriram o) <i>online</i> não, e também não o sugeriram coisas para nós trabalharmos com ele EE5 - ... terapia da fala <i>online</i>. EE1 - ... (na terapia da fala) era só com ele... EE1 - ... psicólogo (presencial) e eu ia levá-lo à escola uma vez por semana. EE1 - Foram <i>online</i>. EE2

		<p style="text-align: center;">Desenvolvimento das atividades</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...nós fazíamos as propostas...do CRI...Sim, sim, sim...(pareceram adequadas). EE1 - ...enviavam tarefas através da professora de ensino especial que depois enviava para mim. Nós fazíamos aqui em casa e depois mandava as respostas para elas. EE1 - Tinha uma certa dificuldade (no desenvolvimento das atividades das terapias). Eu não ando por dentro de algumas coisas. EE2 - Dentro das minhas capacidades tentei sempre fazer o meu melhor...Mas havia coisas que às vezes não sabia. EE2 - Eu fui fazendo aquilo que me mandaram fazer. EE3 - Eu não senti dificuldades em cumprir, senti dificuldades em fazer cumprir. Essas é que foram as minhas dificuldades. Lá está, ele nem sempre ele estava disponível. EE3 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...fui sempre bem orientada, mesmo pelo CRI... EE1 - Tive sempre orientação em como trabalhar com ele, o que fazer, mesmo da parte da terapeuta, é verdade, e da parte da psicóloga também quando eu ia levá-lo à escola este ano. Sempre orientação... EE1 - <i>Online</i> a psicóloga nunca falou com ele, era sempre comigo. EE2 - ...com a psicóloga era mais as vezes que era eu, que era comigo que ela falava e passava-me as tarefas para ele fazer do que a ele... EE2 - ...a terapeuta da fala essa é que tinha mesmo com ele... EE2 - ...tenho tido contacto com a psicóloga. Para me dar algumas coisas para mudar algumas coisas na alimentação do (nome), que eu tenho dificuldade. E temos tido contacto para falar sobre o (nome). EE3 - ...optei por ele não ter terapia da fala e psicologia... EE5 - ...telefonaram a dizer que havia a possibilidade de ser presencial ou não...eu acabei por optar por não, porque não conseguia. EE5
--	--	---

		<p>Opinião crítica</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Na minha opinião não resulta muito bem...o importante é estar com a criança fisicamente...para trabalhar e para ver as reações da criança e depois perceber o que é que, o que é que está bem e que está mal. Isso é sempre diferente. EE1 - Em relação a isso não sei dizer como é que funcionam as terapias lá presenciais... EE3 - ...poderia ter sido feito um trabalho nem que fosse <i>online</i>, nem que fosse com os miúdos, ou com os miúdos e connosco para vermos um bocadinho de <i>feedback</i> daquilo que tínhamos feito com eles... poderia ter havido um apoio maior por parte das terapias nesse sentido... EE5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Terapia da fala <i>online</i> era à base de jogos interativos...aí já conseguia ter uma avaliação melhor...estava a vê-lo e ele estava a ver a terapeuta... EE1 - ... o melhor é sempre o presencial. EE1 - ...este ano já correu um bocadinho melhor...já houve esse cuidado de conseguirem não ter os miúdos assim desamparados nessa parte. EE1 - ...eu conseguia...falar com a psicóloga e ela ia-me dando depois também orientações para trabalhar com ele em casa...essa parte conseguiu-se se manter presencial. Para mim foi excelente. EE1 - Acho que funcionou melhor...Se calhar presencial seria melhor... EE2 - Eu penso que estão correndo bem. EE3 - ...em termos de gestão familiar eu não conseguia ir levá-lo e ficar lá à espera dele... optei por ele não ter terapia da fala e psicologia... EE5 - ... ele não teve e não sei até que ponto é que isso acabou por prejudicá-lo sinceramente... EE5
--	--	--

	<p style="text-align: center;">Apreciação crítica</p>	<p style="text-align: center;">Períodos de ensino a distância</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...correu tudo bem. EE1 - ...ele teve todos os apoios possíveis. As coisas todas. Terapeutas... Correu tudo bem. EE1 Eu penso que sim (o plano de ensino a distância teve qualidade). EE2 - ...acho que teve...qualidade mas há sempre situações que não se conseguem concretizar...Mas em relação ao (nome), sim. EE3 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Mas regra geral eu não tenho queixas a fazer o nível de organização do agrupamento. Não, não tenho. EE1 - ... (no primeiro confinamento) ao início diminuiu a motivação dele mas depois, quando ele se começou a habituar mais à situação já, já era mais fácil para ele fazer as tarefas...ao início era uma dificuldade para ele, ele ir ali para o computador, para as aulas. EE1 - ...algumas tarefas se ele tivesse em ambiente de sala de aula se calhar conseguia, conseguia ter mais motivação, do que estar em casa. Porque em casa há outros estímulos à volta dele. Há os brinquedos, há o computador, os jogos... EE1 - ...ele esteve muito bem tanto em casa como depois quando voltou ao presencial...foi-lhe explicado de uma forma que ele pudesse entender e ele nunca, nunca se mostrou assim pessimista nem triste...Adaptou-se muito bem a essas mudanças todas. Ele adaptou-se muito, muito bem. EE1 - penso que correu tudo dentro da normalidade. EE2 - Ele até já estava a gostar mais do ensino a distância do que ir à escola (risos). Ele por ele até tinha continuado assim. EE2 - A única coisa que ele se desmotivou foi...tanto na escola como em casa, era que não podia ter as mesmas aulas que os outros tinham mas pronto, ele depois de se ter habituado a isso, seguiu essa rotina e ele... Eu não acho que ele se desmotivou, pelo contrário. EE2 - No princípio reclamou...mas depois quando lhe dizia que qualquer dia temos de voltar à escola ele já dizia que era bom era que ficasse assim. EE2 - ...reagiu muito bem...gosta muito de estar em casa...estranhou ao início, mas tirando a parte de ter de ficar em casa ela adorou ficar em casa... EE4 - ... nunca foi um entrave o ensino a distância. EE4 - As coisas correram bem, dentro do possível. EE4 - Qualidade, qualidade, não teve. Não é uma coisa boa. É diferente. Mas fez-se o possível. EE4 - A escola tentou fazer os possíveis e a (nome) tentou-se adaptar, mas olhe... Nem sempre... Nem sempre as coisas correm bem. E não foi bom. Acho que o ensino a distância não foi bom, nem para a (nome), nem para criança nenhuma. EE4 - ...adaptou-se corretamente dentro do possível. EE4
--	---	---

		<p>- ...devemos...deixar que as crianças sejam mais autónomas...não é pelo facto de estarem em casa que os pais têm propriamente que se meter...no trabalho que os miúdos estão a fazer ou principalmente no trabalho que os professores estão a desenvolver...Acho que muitas famílias caíram nesse erro de quase se intrometer nas aulas...uma coisa é o apoiar, outra coisa é o quase intrometer ou acompanhar como se fossem quase os próprios pais a terem as aulas. EE5</p> <p>Negativo acho que tem mais a ver com a parte social, com a parte de interação...e das relações sociais. EE5</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- ...está tudo... Está tudo bem feito. Não tenho nada a dizer. EE3</p>
	<p>Comparação entre P E@D</p>	<p>- A primeira vez foi novidade para toda a gente não é? EE1</p> <p>- Este ano, correu muito melhor. Até porque já estavam mais preparados... EE1</p> <p>- ...este ano...Foi excelente. EE1</p> <p>- Para mim houve, sim, sem dúvida (melhoria na qualidade do primeiro para o segundo plano de ensino a distância) EE1</p> <p>- ...não tem nada a ver...ano passado ele já não tinha...Eu acho que a escola em casa para ele não era bom. E assim ele indo à escola não tem nada a ver. E ele mesmo diz que prefere ir para a escola. EE3</p> <p>- ...agora estava mais organizado. EE5</p>
<p>Inclusão</p>	<p>Características promotoras da inclusão do E@D</p>	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <p>- Sim, sim (contactava com os colegas da turma durante algumas aulas em comum). EE2</p> <p>- ...assim que acabava as aulas, nas horas livres, ele estava sempre com a turma...com alguns amigos, com aqueles que tinha mais afinidade. Estava sempre a falar. EE2</p> <p>- Continua a ter o mesmo contacto (com a turma). EE2</p> <p>- Sim (não ficou nem mais nem menos excluído no ensino a distância comparativamente ao presencial). EE2</p> <p>- ...nunca teve contacto com os colegas da turma porque ele estava... Nunca apareceram <i>online</i> todos juntos...uma vez tentaram fazer isso, mas ele não queria... Ele não queria estar... Não queria estar assim nesse ambiente. Preferia sozinho. EE3</p> <p>- Não (as aulas individuais não são um fator de exclusão)...ele prefere assim. Não é exigência nossa é ele que é assim. EE3</p> <p>- ...(contacto com a turma) Pouco, porque ela também lá na escola não mantém muito...Ela está sempre mais presente com os adultos... EE4</p> <p>- ...(manteve contacto com os colegas) através dessa forma (aulas <i>online</i>) ou através de um grupo que eles tinham <i>online</i> de <i>whatsapp</i>... EE5</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- Este ano não foi excluído em qualquer das situações (presencial e <i>online</i>)...este ano ele esteve muito, muito, apoiado e muito integrado. Este ano houve um grande esforço para isso... EE1</p> <p>- ...este ano sim, ele participou em mais atividades comuns à turma. EE1</p>

	Barreiras à inclusão	<p><u>1º confinamento</u></p> <p>- Na minha opinião o ideal seria ali um professor o dia inteiro com as crianças mas pronto não há capacidade para isso...talvez tenha sido um bocadinho mais excluído no presencial. EE1</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>- Ele dizia sempre que não fazia parte da turma. Sentia-se um pouco excluído. Porque ele não entende muito bem porque é que tem só aquelas disciplinas e os outros têm todas...foi também na escola...quando começou logo e ele soube a mudança do horário, ele ficou assim um bocado revoltado...agora eu sinto que ele já ultrapassou isso. EE2</p>
	Barreiras à inclusão percebidas	

Desafios e oportunidades	Dificuldades	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...questão da organização...isso depois ainda levou algum tempo. EE1 - ...era o querer fazer, não deixar nada para trás a nível de tarefas... querer fazer as tarefas todas e depois ele não percebia nem uma coisa nem outra. Ficava na mesma. EE1 - ...a dificuldade maior. Era saber o que é que, o que é que era mais importante para ele...mais tarde então com orientação das professoras fui percebendo que o importante...não era fazer tudo mas sim fazer algumas coisas e bem... EE1 - ...apesar de ter corrido tudo bem há dias que pronto, às vezes não era fácil. EE2 - ...não alterei assim grande coisa (da rotina diária), porque ao adaptar os horários dele também adaptei as minhas tarefas e tudo isso para estar disponível na hora das aulas. EE3 - O que custou mais a resolver e a adaptar-me era a hora dele ir para o computador. EE3 - Era mais uma questão de tempo na gestão familiar, digamos assim, de conseguir fazer tudo. EE5 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...estou há um ano e meio com a licença para assistência a filho com deficiência ou doença crónica... EE1 - Para ele é sempre diferente estar em casa. Mas a nível de horários não. Eu tentava que ele tivesse os mesmos, os mesmos horários, para não haver ali uma grande discrepância de rotinas. EE1 - ...não, não, não interferiu...(com a rotina familiar) Exato. EE1 - ...foi a primeira vez que isto aconteceu e eu não sabia como é que havia de trabalhar com o (nome) em casa... EE1 - ... (o ensino a distância) é mais complicado... Nós somos encarregados de educação, mãe, não sou professora e às vezes pode faltar aquela informação... EE1 - A maior parte das coisas foi ele que fez e pôs tudo a funcionar para ele ter as aulas porque isso do computador eu percebo pouco. EE2 - Não mudei nada...também estive em casa (durante o confinamento)... EE2 - ...falei algumas vezes com a professora (adjunta da Direção) sobre algumas coisas, quando tinha algum problema que tinha de resolver... foi tudo resolvido. EE2 - ...tínhamos que conciliar o horário dele (do filho) com o do pai estar acordado e então foi assim que acordamos esses horários...porque o pai do (nome) trabalha de noite...para não haver muito barulho, porque o (nome) fazia muito barulho...E também para ele (o pai) funcionar lá com o computador e pôr aquilo tudo a trabalhar porque eu não estou muito assim... EE3 - ... tivemos a colaboração da minha filha(irmã mais velha)... EE4 - E eu também sempre que o meu trabalho me permitia também tive que orientar as coisas e também passei muito tempo em casa... EE4 - ... (estive) sempre a trabalhar. EE4
--------------------------	--------------	--

		<p>- Os horários (da aluna), que eu tive que me adaptar. A rotina diária. EE4</p> <p>- ...eu às vezes não tinha o apoio da minha (nome da irmã da aluna) e eu tinha que ajudar a (nome)... EE4</p> <p>- ...tive que me adaptar, também foi uma ginástica para mim tão grande, uma cansaíra... Eu não pude deixar o meu trabalho, tinha muitas pessoas que dependiam de mim... EE4</p> <p>- ...foi uma cansaíra, foi um desgaste. EE4</p> <p>- A minha grande valia foi ter a minha (nome da irmã da aluna) que também veio para casa e serviu-me de grande ajuda. Tanto para mim como para ela, mesmo uma grande ajuda. EE4</p> <p>Toda a rotina foi alterada conforme as aulas síncronas dele e da irmã. Nós estávamos em casa e então a rotina foi feita de acordo com as aulas deles. EE5</p> <p>- As alterações normais que têm que se fazer quando estamos a trabalhar em casa, ou nós ou os miúdos... EE5</p> <p><u>2º confinamento</u></p> <p>Este ano já não sentia dificuldades...houve ali já aquela pré orientação de como é que as coisas iriam acontecer... Este ano já estava mais à vontade, muito mais à vontade em lidar com este processo. EE1</p> <p>- Como eu estou em casa 24h e a minha rotina está adaptada a ele não mudou muito a não ser o horário em que ele ia e vinha (da escola). EE3</p> <p>- ...neste segundo confinamento tivemos aqui uma alteração do comportamento...Ele queria fazer tudo sozinho...(mas o) trabalho autónomo era feito com a ajuda dos professores, o que também me deixou que ele estivesse mais livre... EE5</p> <p>- ...pelo facto de termos uma bebé (com cerca de um ano no segundo confinamento) e eu para estar com ela não conseguia dar tanta atenção a ele...Ter cuidado para a porta estar fechada para ela não ir interromper... EE5</p> <p>...no ano anterior como ela era mais pequenita...Consegui dar outro apoio que não consegui dar agora porque ele tinha que estar ali mais fechado, porque era precisamente à hora que ela estava mais acordada e então não conseguíamos gerir essa parte tão bem. EE5</p>
--	--	--

		<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ele ainda não estava a tomar a medicação (para ajudar na concentração)... a parte da concentração e estar ali em frente ao computador para ele era a maior dificuldade. EE1 - No princípio, quando as coisas começam é sempre...faz sempre diferença...Mas depois de se integrar naquilo acho que ele... Adaptou-se bem. EE2 - ...tinha dias que era impossível...Perceber que àquela hora era aulas em casa... EE3 <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Estar sempre sentada no computador, queria sair, aborrecia-se eram muitas horas, era a tarde inteira... EE4 - ...difícil foi o regressar à escola... Pois, porque ela habitua-se a estar em casa... EE4 - Ele não é muito de dar <i>feedback</i> em relação a nada... EE5 - ...não notei muito que ele tivesse grande dificuldade (nas tarefas), mas é assim tinha sempre mais dificuldade do que este ano porque este ano eu notei que ele conseguia fazer as coisas mais sozinho... EE5 - Eu notei no ano passado que se eu não andasse em cima dele...Parecia mais uma brincadeira...Este ano foi mais como se eles estivessem na escola, digamos assim. EE5 <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...também (não sentiu dificuldades). EE1 - ...nunca houve rejeição nem dificuldade da parte dele. Por acaso não, correu sempre tudo bem. EE1
--	--	--

	Implicações para o futuro	<p style="text-align: center;">Positivas</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...no meu caso pessoal, vi-me a fazer coisas que nunca pensei fazer. Mesmo a nível de trabalhos manuais...fiquei muito surpreendida pela positiva comigo mesma. EE1 - ...estar presente e saber o que é que...lhe estão a ensinar o que é que ele estava a fazer... EE1 - Para mim foi bastante positivo e saber o que ele estava a aprender e poder participar, apesar de não estar dentro da sala de aula, mas poder participar nessa, nessa aprendizagem. EE1 - No computador até (se consegue concentrar)...hoje em dia eles gostam cada vez mais das tecnologias...penso eu, na escola presencial será melhor mas se calhar ele poderá pensar que se for no computador é melhor. Gosta mais. EE2 - Esta pandemia veio-me mostrar que há coisas que a gente nem precisa. EE3 - Há certas coisas que não faziam falta nem diferença. É isso que eu aprendi. EE3 - A aprendizagem que eu tiro disto tudo é que a gente... pensa que não consegue fazer certas e determinadas coisas... Mas quando as coisas acontecem...A gente é obrigada a pensar e a resolver as coisas na situação que está, com as situações que tem. E acho que a gente consegue. EE3 - ...coisas positivas é a adaptação de conseguir trabalhar em casa e conseguir ter aulas em casa... EE4 - ...foi bom para trabalhar um bocadinho aqui a autonomia deles, a responsabilidade... as famílias poderiam ter aproveitado para trabalhar um bocadinho a parte da autonomia e da responsabilidade deles. EE5 - ...principalmente para quem não tinha muita prática, para quem não estava habituado às tecnologias... Aprenderem a manejar melhor com as tecnologias... EE5
	Negativas	<ul style="list-style-type: none"> - Não tenho nada de negativo a acrescentar. EE1 - ...se for à escola será sempre diferente (para melhor) do que desta maneira... EE2 - ...se calhar não vão conseguir aprender tanto como se forem à escola...Apesar de aprenderem... EE2 - ...ela habitua-se a estar em casa e depois... E para sair de casa... Ainda hoje eu estou a adaptar a (nome) à vida normal... EE4 - ...alguns conteúdos programáticos também nunca ficaram estudados da mesma forma... EE5

**Apêndice XII – Grelha de tratamento de dados das entrevistas semiestruturadas –
Representante da Direção na EMAEI**

**Grelha de tratamento de dados da entrevista semiestruturada – Representante da
Direção na EMAEI (EMAEI)**

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	
Caracterização do entrevistado	Sexo	M/F	(feminino)	
	Faixa etária	Idade	- 49.	
	Formação académica	Área de formação	- Educação de infância.	
	Experiência profissional	Tempo de serviço total		- 27 anos.
		Tempo de serviço em Educ. Especial		- ... só tenho 4 anos fora da educação especial.
		Tempo de serviço na Direção		- Há 11.

		Tempo de serviço na EMAEI	- ...desde 2018, desde o início.
Caracterização dos alunos com necessidades específicas	Com medidas seletivas	Número de alunos	<u>1º confinamento</u> - ...29 alunos no 1º ciclo, 22 no 2º ciclo e 20 no 3º ciclo. <u>2º confinamento</u> - ...1º ciclo 36, 2º ciclo 20 e 3º ciclo 31.
		Principais problemáticas	<u>1º e 2º confinamento</u> - ...perturbações do espectro do autismo, dislexias, hiperatividade com défice de atenção, temos perturbações no desenvolvimento intelectual, perturbações do comportamento, paralisia cerebral...
	Com medidas adicionais	Número de alunos	<u>1º confinamento</u> - ...9 alunos no 1º ciclo, 4 no 2º ciclo e 3 no 3º ciclo. <u>2º confinamento</u> - 14 no 1º ciclo, 2 no 2º ciclo e 6 no 3º ciclo.
		Principais problemáticas	<u>1º e 2º confinamento</u> - Espectro do autismo...perturbações de desenvolvimento intelectual.... Paralisia cerebral - Não temos dislexias com medidas adicionais. Os problemas de comportamento não são a problemática que condiciona a aplicação das adicionais, poderão ter associado o problema de comportamento, mas não é essa a causa...
Organização do PE@D	Decisores	Identificação dos intervenientes nas decisões	<u>1º e 2º confinamento</u> - EMAEI, a Direção da escola e o Conselho pedagógico... entidades que estiveram na base das decisões... - (as decisões relacionadas com as terapias) são tomadas pela Direção do CRI em articulação com a Direção do Agrupamento. <u>1º confinamento</u> - ...foi tudo decidido internamente porque não houve especificamente indicações do Ministério <u>2º confinamento</u> - ...houve algumas indicações relativamente a estes alunos nomeadamente abriu a possibilidade para o ensino presencial...e para o presencial relativamente às terapias.

Veiculação da informação	Aos professores	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...via conselho pedagógico e depois os representantes dos diversos departamentos passaram esta informação aos respetivos professores. - ...reuniões específicas com os colegas de educação especial para...passar a informação do que se pretendia fazer com estes alunos...no fundo, as dinâmicas que iríamos aplicar. - ...os professores de educação especial...foram um veículo privilegiado na articulação com os professores titulares de turma, os diretores de turma e os próprios professores do conselho de turma.
	Aos Encarregados de educação e alunos	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...um plano que foi colocado na página do Agrupamento e simultaneamente os professores titulares de turma e os diretores de turma entraram em contacto com os encarregados de educação...e-mail...contactos telefónicos.
Articulação	Contactos formais	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - A indicação (aos professores de educação especial) foi no sentido de articularem... - ...cada ciclo de ensino tem as suas reuniões e os colegas de educação especial integraram-se também na dinâmica criada depois no plano de ensino a distância para todo o Agrupamento, portanto, integravam essas reuniões (sempre <i>online</i>)...reuniões de pares pedagógicos no 1º ciclo...e reuniões de conselhos de turma também.
	Contactos informais	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...depois os contacto que aconteciam entre os professores de educação especial e os professores das turmas, ou diretores de turma ou professores das disciplinas não ficavam só pelas reuniões existiam contactos (informais)...em que essa articulação era feita. - ...(no contacto com os encarregados de educação) preferencialmente será sempre o Diretor de turma ou o titular de turma e em algumas situações pontuais é o professor de educação especial. O ideal é que sejam os dois em articulação... aqui o que se privilegiava era a pessoa que tem contacto mais próximo com o encarregado de educação. - Quando é o professor de educação especial a contactar o encarregado de educação, o professor de educação especial articula sempre com o diretor de turma ou com o professor titular de turma e vice-versa, aqui a chave principal é realmente a comunicação entre o professor de educação especial e o professor da turma. -(no ensino presencial) trabalho de articulação entre professores titulares, encarregados de educação, professores de educação especial e terapeutas.

	Tempo para implementação	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Um mês...Quinze dias (entre o início e a interrupção da Páscoa) e depois tivemos mais quinze dias de interrupção, portanto foi um mês, aproximadamente, até começarmos com o <i>online</i>. <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Os quinze dias obrigatórios, da interrupção. - ...estávamos preparados para avançar logo com o plano de ensino a distância
Alunos	Alunos apoiados	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Sim, sempre (cada professor continuou com os alunos que lhes tinham sido atribuídos no início do ano). - A esse nível não houve necessidade de fazer alterações.
Horários	Reorganização dos horários	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Nos casos em que tinham aulas síncronas, os tempos de permanência <i>online</i> foram reduzidos para metade, sendo que o restante tempo era...no desenvolvimento de trabalho autónomo. - ...metade do tempo, quando isso era possível...(variando conforme a) capacidade destes alunos (alunos com medidas significativas) conseguirem estar <i>online</i>. <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - (alunos com medidas seletivas) tinham aulas síncronas, os tempos de permanência <i>online</i> foram reduzidos para metade, sendo que o restante tempo era...no desenvolvimento de trabalho autónomo. - ...metade do tempo, quando isso era possível...(alunos com medidas significativas). - ...os horários tiveram que ser todos reestruturados....Para que os professores de educação especial pudessem fazer este apoio presencial na escola e simultaneamente o ensino <i>online</i> para as crianças que estavam também neste regime. - ... (no apoio presencial houve) o cuidado de concentrar os apoios, por exemplo da educação especial e das terapias no mesmo dia... Isto foi tudo articulado com os encarregados de educação.

		<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...os alunos com adicionais têm muito mais tempo de trabalho individualizado com o professor de educação especial do que os outros alunos...na generalidade, 60% do tempo letivo. É difícil dizer ao certo quanto tempo é que têm porque varia de aluno para aluno. - (no ensino presencial) Não houve uma diretiva específica relativamente aos tempos em que estas crianças (com medidas adicionais) estavam na escola. - ...(alunos com medidas seletivas) 1 a 2 tempos, dependendo dos casos...casos com mais alguma complexidade que eventualmente poderão ter mais apoio, 4 ou 5 tempos...não há um número de horas fixo... - ...carga horária é analisada casuisticamente pela EMAEI...(depende) da gravidade da situação e (da) disponibilidade que temos de tempos ... - (entrega semanal de tarefas em papel) vinham numa semana, desenvolviam os trabalhos e depois na semana seguinte devolviam os trabalhos e levavam novos trabalhos para a outra semana... (ou) através de e-mail, por exemplo, em que os trabalhos eram enviados (semanalmente)...
--	--	---

	Logística	<p data-bbox="389 779 424 1368">Condições necessárias à execução dos PE@D</p> <p data-bbox="467 192 740 226"><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul data-bbox="467 232 1362 860" style="list-style-type: none"> - ... Não (não foi necessário alterar as medidas educativas nem aplicar medidas educativas para adaptação ao ensino à distancia) - ... (forma de suprimir a falta de recursos) computadores do crtic (Centro de Recursos para a educação especial), recorrendo ao município e depois entretanto também através dos computadores que foram atribuídos pelo Ministério...(no segundo confinamento) já tínhamos mais crianças com equipamentos tecnológicos... - ...uma diretiva que veio logo da parte da Direção, a preocupação dos diretores de turma e dos professores titulares de turma entrarem em contacto com os encarregados de educação e ir pondo os encarregados de educação sempre a par do que se ia passando. - ...(perante as dificuldades dos encarregados de educação) íamos ver qual era a dificuldade que o encarregado de educação estava a sentir e ver como é que a escola poderia, dentro das suas possibilidades, resolver ou minimizar o problema. <p data-bbox="467 909 683 943"><u>1º confinamento</u></p> <ul data-bbox="467 949 1362 1912" style="list-style-type: none"> - ...não tivemos tempo para pensar nas coisas, não havia meios informáticos...nós tentamos minimizar os danos e não deixar nenhum aluno para trás. - Começamos a preparar as coisas nesses quinze dias iniciais, nesses dias houve contactos com encarregados de educação...durante a interrupção da Páscoa foi continuar a preparar o plano de ensino a distância... - ...fomos para confinamento mas nem sabíamos que plataformas é que existiam e quais as possibilidades. Isto implicou depois um aprofundamento, da noite para o dia, rapidamente dos meios tecnológicos...definiu-se logo o <i>classroom</i> como plataforma... - ...por exemplo nos contactos com os encarregados de educação...houve muito esta questão do telefone até se terem organizado os e-mails e que toda a gente tivesse acesso aos e-mails. - ...alunos com medidas adicionais...a escola criou uma pasta com recursos materiais... Levaram recursos materiais físicos para casa para desenvolverem as atividades. Os encarregados de educação vieram levantar...No segundo não foi necessário, porque os que não tinham em casa depois tinham presencialmente aulas. - ...existiam na escola responsáveis, que tinham que vir presencialmente à escola com todas as medidas, e que faziam portanto a impressão dos trabalhos para os encarregados de educação virem buscar.
--	-----------	---

		<p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O plano de ensino a distância a partir do terceiro período do ano letivo transato esteve sempre ativo para ser implementado a qualquer momento, portanto nós já vínhamos com essa experiência. Não só do confinamento do ano passado como de situações que iam acontecendo ao longo do primeiro período (turmas em isolamento profilático). - ...tivemos tempo para preparar as coisas de outra forma e mais pensadas. - ...inclusivamente com a colaboração de assistentes operacionais para este ensino presencial, para estes alunos... é importante referir que tinham conhecimentos informáticos, o que foi muito importante... - ...mesmo na questão das terapias esta presença das assistentes operacionais que foram também uma mais-valia no desenvolvimento das dinâmicas. Quando não estava o professor de educação especial estava a assistente operacional, que ajudava a criança, até porque tivemos a terapia da fala que foi <i>online</i>. - ... (no ensino presencial houve) o cuidado de não se cruzarem, o cuidado de concentrar os apoios, por exemplo da educação especial e das terapias no mesmo dia, para que eles não tivessem que se deslocar várias vezes à escola... - ...através do crtic nós conseguimos também computadores para estes alunos (alunos com medidas adicionais) e portanto quando chegamos ao segundo confinamento os nossos alunos já todos tinham computadores...E que permitiu que entretanto eles se fossem familiarizando com os meios tecnológicos...estes computadores do crtic chegaram antes dos outros que foram distribuídos diretamente pelo Ministério. - ...houve este trabalho do primeiro para o segundo confinamento no aprofundamento dos conhecimentos em termos informáticos por parte dos alunos (nomeadamente no acesso e uso da plataforma) e dos professores também. - ...no segundo confinamento, a possibilidade de se conseguir desenvolver muito mais coisas de forma presencial ajudou muito a esbater as desvantagens...um colega de informática...estava na escola para responder às dificuldades que os pais tinham em termos informáticos...uma vez por semana em que este colega estava disponível... <ul style="list-style-type: none"> - ...se (os alunos) não tinham computador ou não tinham internet, a resposta era dada na escola.
--	--	--

Terapias	Terapias disponibilizadas	<u>1º e 2º confinamento</u> - Terapia da fala, terapia ocupacional, fisioterapia e psicologia.
	Alunos apoiados	<u>1º e 2º confinamento</u> - ...14 no 1º ciclo, 5 no 2º ciclo e 2 no 3º ciclo. - ... (alunos com medidas) adicionais, mas alguns têm medidas seletivas, mas muito pontualmente... - ... (cada terapeuta continuou com os alunos que lhes tinham sido atribuídos no início do ano) não houve alterações. Mantivemos.
	Carga horária	<u>1º confinamento</u> - ...planos de intervenção (quinzenais) para serem dinamizados pelos encarregados de educação em casa. <u>2º confinamento</u> - Normalmente são 45 minutos por semana...no presencial mantivemos o tempo, mas no <i>online</i> foi reduzido para metade o tempo de intervenção...
	Diretrizes	<u>1º confinamento</u> - Não houve presencialmente. - As técnicas, em conjunto, elaboraram planos de intervenção para serem dinamizados pelos encarregados de educação em casa. Estes planos de intervenção eram enviados (aos encarregados de educação)...através dos professores da educação especial em articulação com os professores titulares de turma e diretores de turma. - ... (o plano terapêutico) era enviado, quando possível, por e-mail ou então utilizando aquela técnica da impressão em que depois os pais iam buscar à escola... - ...depois existia um <i>feedback</i> da parte dos encarregados de educação com respostas quinzenais... <u>2º confinamento</u> - ...tivemos terapias a distância (<i>online</i>) e terapias presenciais... - Normalmente são 45 minutos por semana...no presencial mantivemos o tempo, mas no <i>online</i> foi reduzido para metade o tempo de intervenção...

		<p>Apreciação crítica</p> <p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...<i>feedback</i> da parte dos encarregados de educação com respostas quinzenais, que não correu bem... - ...nesta situação específica, o presencial continua a ser o ideal, quando falamos de ensino a distância, é tentar minimizar a desvantagem mas a desvantagem está lá sempre, esta é a percepção que nós temos.
Atividades letivas	Diretrizes	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...aulas síncronas... aqueles que reuniam duas condições, terem os meios tecnológicos e terem encarregados de educação com competência na parte digital e...na disponibilidade para estarem com os filhos. - ... através de e-mail, por exemplo, em que os trabalhos eram enviados com as devidas adaptações. - ...crianças que não tinham meios tecnológicos...os encarregados de educação vinham à escola...os professores preparavam documentos (que um funcionário imprimia na escola) para os encarregados de educação virem buscar...vinham numa semana, desenvolviam os trabalhos e depois na semana seguinte devolviam os trabalhos e levavam novos trabalhos para a outra semana... <p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...o professor de educação especial em algumas situações, isto sempre definido caso a caso, estava a acompanhar o aluno na aula e depois era criada...uma sala à parte (na plataforma <i>classroom</i>) onde o professor de educação especial ia trabalhar individualmente com esse aluno (com medidas seletivas ou adicionais). - ...os alunos com adicionais têm muito mais tempo de trabalho individualizado com o professor de educação especial do que os outros alunos. <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...em termos de indicações do Ministério da Educação, abriu-se a possibilidade de as crianças poderem vir à escola ter aulas de forma presencial. As crianças que não tinham os meios tecnológicos poderiam vir à escola... - ...(não houve essa entrega de trabalhos em papel) Não. - ...iam presencialmente ou tinham meios tecnológicos em casa e conseguiam usá-los. - ...(alunos em ensino presencial tinham contacto com a sua turma) através do <i>online</i>.

		<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...reuniões específicas com os colegas de educação especial para também ouvir a opinião deles... <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...fizemos essas reuniões (de grupo de educação especial)...analisaram-se os casos todos... Analisando, por exemplo...que ferramentas digitais é que existiam, se eram suficientes para dar a resposta adequada a estes alunos. E se não fosse possível depois em termos presenciais fazer esse apoio presencialmente na escola.
	<p>Dificuldades sentidas pelos professores</p>	<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...Foram feitas avaliações ao longo do processo que me foram chegando exatamente sobre as dificuldades que foram sentidas pelos professores... - A dificuldade de algumas famílias em acompanharem os seus educandos, a falta de equipamentos e de meios tecnológicos, a dificuldade de alguns alunos no domínio das ferramentas <i>online</i>, as avarias e as falhas nos computadores dos alunos... - Alguns colegas queixaram-se de algumas intervenções de encarregados de educação durante as aulas... Não tivemos aqui estas queixas ao nível dos alunos com adicionais, este <i>feedback</i> foi mais ao nível de crianças em contexto de turma, observações despropositadas, por exemplo, gravação de aulas em vídeo ou em áudio.
<p>Encarregados de Educação</p>	<p>Relação com a escola</p>	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Numa primeira fase sim, forçosamente (aumentou a frequência de contactos com os encarregados de educação)... - ...os encarregados de educação aqui como grandes parceiros...Sem este apoio e esta capacidade dos encarregados de educação de conseguirem fazer este acompanhamento, as coisas seriam mais complicadas senão impossíveis para estes alunos. - ...crianças que não tinham meios tecnológicos...os encarregados de educação vinham à escola...vinham numa semana, desenvolviam os trabalhos e depois na semana seguinte devolviam os trabalhos e levavam novos trabalhos para a outra semana... <p><u>2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - (em relação ao ensino presencial) Os encarregados de educação foram ouvidos relativamente às suas necessidades.

		<p><u>1º e 2º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ... (no primeiro confinamento) começamos logo a ter esse <i>feedback</i> no início, dessa sobrecarga (de trabalhos solicitados). - ...o não domínio dos meios tecnológicos e a falta desses próprios equipamentos. - Houve uma ou outra situação em que tinham meios tecnológicos mas os pais não sabiam... E este foi um dos constrangimentos. Os pais não sabiam mexer ou então não tinham internet em casa...
<p style="text-align: center;">Apreciação crítica</p>	<p style="text-align: center;">Períodos de ensino a distância</p>	<ul style="list-style-type: none"> - É uma escola com algumas fragilidades em termos sociais...as famílias que não têm os meios informáticos são simultaneamente aquelas que têm algumas questões relacionadas com conhecimentos, estamos a falar de uma população ainda com algum analfabetismo. - O ensino a distância veio realmente realçar as desigualdades que já existiam. - (alunos com medidas adicionais) não terem autonomia, não conseguem ficar, por exemplo, sentados em frente a um computador em algumas situações... - ... (comparativamente aos alunos com medidas seletivas) alunos com medidas adicionais são crianças com mais dificuldades em termos de autonomia...sozinhos não conseguem, eles precisam sempre de um apoio individualizado. A desvantagem para estes alunos é maior ainda sem o fator humano. - Porque todos eles têm desvantagem, no ficar em casa, estes alunos. Não há vantagem em ficar em casa ponto final, há é menos desvantagem...Se tiver uma família competente a desvantagem poderá ser menor. Agora, há sempre perdas. - A desvantagem para estes alunos que não têm meios informáticos e que não têm pais capacitados é brutal, é muito grande, é onde acontece a maior desvantagem...às vezes falamos de crianças em que os pais não sabem ler, ou seja, quando estás a enviar para casa trabalhos para serem desenvolvidos com indicações escritas... - ...esta situação de virem buscar os trabalhos à escola, pois não tinham meios informáticos, para depois desenvolverem em casa criou uma grande desvantagem para estes alunos. - houve efetivamente muitas crianças a ficarem aqui em
		<p>desvantagem porque esta questão de levarem os trabalhos para casa para desenvolverem, o <i>feedback</i> que nós tivemos depois é que muitos dos encarregados de educação não vinham devolver os trabalhos, a grande maioria.</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...no primeiro confinamento, a perceção que nós temos é que estes alunos ficaram ainda em mais desvantagem como é evidente...a diferença que se nota com estas crianças (com as medidas adicionais) é a competência ou não da família.

		<p>Comparação entre os P@D</p> <ul style="list-style-type: none"> - O primeiro confinamento foi mais dramático do que o segundo... - ...(as dificuldades diminuíram do 1º para o segundo confinamento) a necessidade aguça o engenho e nós também tínhamos já a experiência do primeiro confinamento. - ...algumas diretivas principalmente para estas crianças com medidas adicionais que facilitaram este segundo confinamento. ...o Ministério da educação através das diretivas, teve também aqui um papel importante na melhoria das práticas. - ...a possibilidade ao ensino presencial e a vinda destas crianças à escola foi a grande diferença e a grande mais-valia. - ...houve uma evolução positiva do primeiro para o segundo em termos de respostas...
Inclusão	Características promotoras da inclusão dos PE@D	<p>Características promotoras da inclusão do E@D percecionadas</p> <ul style="list-style-type: none"> - ...quando falamos de inclusão falamos de esbater as diferenças, criar as condições para que todos tenham acesso. Com o ensino <i>online</i> temos algumas medidas do Decreto-Lei n.º54 que eventualmente até conseguem funcionar em termos de <i>online</i>, não vou dizer que não resulta a 100%... algumas situações de apoios tutoriais que é possível, que se consegue manter em termos do <i>online</i>. - Manter...os apoios da educação especial a todos os alunos com medidas seletivas e adicionais, essa foi uma preocupação. - Adaptar o mais individualmente possível e o mais aproximado das capacidades, das competências, do seu perfil de funcionalidade é uma medida de inclusão. - ...adaptação do horário às capacidades e características de cada criança...As coisas iam sendo sempre articuladas entre professor de educação especial, encarregados de educação, professores da turma, diretores de turma e isto para cada aluno porque nós sabemos que nem todas as crianças têm a mesma capacidade de concentração e de atenção. - ...(possibilidade do pais irem à escola levantarem tarefas) Sempre numa perspetiva de nenhum aluno ficar sem apoio.
	Barreiras à inclusão	<p>Barreiras à inclusão percecionadas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não (existe inclusão) na totalidade. - A distância é difícil fazer inclusão - ...há algumas medidas do 54 que nós conseguimos continuar a dinamizar no ensino <i>online</i>, mas depois há outras que são mais difíceis. O desenvolvimento da autonomia pessoal e social, por exemplo, mesmo as estratégias de ensino estruturado, não. - ...há uma série de coisas associadas à inclusão, e estamos aqui a falar de alunos com medidas adicionais, que não são possíveis no ensino <i>online</i>, a interação...A socialização...

Desafios e oportunidades	Dificuldades	Ao nível da organização	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - “Como é que nós vamos dar respostas com a diversidade toda que temos dentro da escola?”...a falta de meios informáticos, a pouca escolaridade de alguns encarregados de educação... - Foi um desafio muito grande na altura... - ...(alunos sem meios informáticos) Os encarregados de educação é que vinham à escola, tentamos inicialmente fazer as entregas diretamente aos encarregados de educação através de uma associação mas houve uma série de constrangimentos e não foi possível.
		Ao nível dos recursos	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O grande constrangimento foi mesmo a falta de meios tecnológicos. - ...em algumas situações, também a dificuldade (dos pais e alunos) em mexer nesses equipamentos.
		Ao nível da comunicação	<p><u>1º confinamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - ...fomos para confinamento mas nem sabíamos que plataformas é que existiam e quais as possibilidades. - ...por exemplo nos contactos com os encarregados de educação muitas pessoas usaram os próprios dispositivos, o próprio computador, o próprio telemóvel...houve muito esta questão do telefone até se terem organizado os e-mails e que toda a gente tivesse acesso aos e-mails. - ...(os professores sentiram a) necessidade de se atualizar informaticamente...através de autoformação, formação entre pares... <p><u>2º confinamento</u></p> <p>O segundo confinamento já foi mais fácil mesmo em termos da comunicação. Porque conseguimos encontrar momento para reuniões, para o <i>online</i>, já com as pessoas todas a conseguirem aceder à plataforma.</p> <p>... pelo facto de terem sido também criados e-mails para toda a gente, os pais... Já se conseguia comunicar mais eficazmente com os pais e com os alunos.</p>
	Novas práticas	Estratégias pedagógicas	<ul style="list-style-type: none"> - Passou tudo muito mais para meios informáticos... - ...utilizar muito mais ferramentas digitais para a apresentação das temáticas...

	PE@D idealizado	Sugestões	<ul style="list-style-type: none"> - Considerando apenas aquilo que está dentro do que nós podemos fazer... de diferente daquilo que estivemos a fazer (no segundo confinamento)...formação a encarregados de educação nos meios digitais... - Num contexto de pandemia é importante minimizarmos os contactos e esse é o nosso ponto de partida. Agora dentro deste contexto o importante é ver quais as crianças que efetivamente vão estar em desvantagem ao ficar em casa e são estas que devem vir para a escola...Manteria o ensino presencial sim... - ...se a criança sai efetivamente muito prejudicada em casa ao não ter as terapias presencialmente...Voltaria a organizar colocando o presencial... - ...todos aqueles que nós conseguimos suprir as suas necessidades de alguma forma em casa, o mais benéfico será mesmo ficar em casa. Até porque muitas vezes estamos a falar de crianças com problemas de saúde associados o que ainda torna mais complexo.
	Implicações para o futuro	Positivas	<ul style="list-style-type: none"> - A grande mais-valia foi a capacitação digital de toda a gente. - ...alunos com muito mais conhecimentos em termos tecnológicos do que os professores... esbateu-se ligeiramente este fosso que existia entre os conhecimentos de um lado e de outro. - ...dotar os professores de mais ferramentas para depois a apresentação de conteúdos e a dinamização das aulas irem mais ao encontro dos alunos...Vão enriquecer as práticas pedagógicas...acho que estes conhecimentos vão passar do <i>online</i> para o presencial... - ...acabou por valorizar mais o trabalho dos professores, os pais aproximaram-se... - ...mais contacto entre os encarregados de educação e os professores.... - ...ajudou a valorizar o papel da escola... - ...reforçar nos professores a ideia como a escola pode fazer a diferença na vida de algumas crianças.
		Negativas	<ul style="list-style-type: none"> - As aprendizagens dos alunos poderão ficar comprometidas. - Estes alunos (alunos com medidas adicionais) perdem muito ao nível da autonomia e das relações interpessoais. - ...os impactos negativos são superiores aos impactos positivos.

**Apêndice XIII – Informação e Consentimento para Participação em Estudo de
investigação (exemplo)**

INFORMAÇÃO DE REQUISITOS DE PRIVACIDADE DE DADOS

Termos e Condições Gerais de Privacidade de Dados

A "Escola Superior de Educação" (ESEC) da Universidade do Algarve, com sede em Campus da Penha, 8005 139, Faro, Portugal, telefone +351289800100, está a realizar a " **Entrevista à/ao representante da Direção do Agrupamento na Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva**" no âmbito do estudo "**Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades**", no período " (aproximadamente) entre janeiro e março", e tem como responsável pelo estudo "Marta Sofia Correia Lopes Reis".

O principal objetivo do estudo é "Conhecer a resposta educativa no âmbito da Educação Especial, num Agrupamento de escolas do Algarve, durante a pandemia na modalidade de ensino a distância aos alunos com medidas seletivas e/ou adicionais". Este inquérito por entrevista é realizado presencialmente".

Os dados pessoais previstos a tratamento no âmbito do estudo "**Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades**" são: tempo de serviço; tempo de serviço em Educação Especial; tempo de serviço no cargo; idade; formação académica inicial, sendo que a categoria dos titulares a recolher os dados será "representante da Direção de um Agrupamento de escolas do Algarve na Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva".

Todos os dados são recolhidos apenas para efeitos da " **Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades**", estando garantida a confidencialidade do seu tratamento e a exclusiva utilização pela Universidade do Algarve, com um período de retenção dos dados sendo o mínimo necessário para a realização do estudo, e sendo o seu tratamento realizado nos termos e condições da Política de Proteção de Dados que se encontra acessível em www.ualg.pt.

Se necessitar de algum esclarecimento adicional em relação à participação ou ao preenchimento do questionário, é favor contactar pelo 917494323" ou pelo email "martasreis18@gmail.com".

Eu aceito os termos e as condições acima descritos. Da mesma forma, como titular de dados, aceito as condições gerais e os termos das Políticas de Proteção de Dados da Universidade do Algarve.

Assinatura _____ Data ___/___/____

Consentimento para Tratamento de Dados

Autorizo expressamente o tratamento dos dados pessoais pela Universidade do Algarve, para efeitos de estudo realizado na investigação " **Aplicação de medidas seletivas e adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão na modalidade de ensino a distância durante a Pandemia: desafios e oportunidades**", de acordo com os termos de informação sobre tratamento de dados e a Política de Proteção de Dados que se encontram disponíveis em www.ualg.pt. Estou consciente de que posso retirar o consentimento ou exercer os direitos de proteção de dados, designadamente os direitos de reclamação, acesso, retificação, oposição, limitação do tratamento ou apagamento, através de contacto com o Encarregado da Proteção de Dados da Universidade do Algarve pelo correio eletrónico rgpd@ualg.pt, e caso assim o considere necessário, apresentar reclamação à Comissão Nacional de Proteção de Dados, através dos contatos disponíveis em www.cnpd.pt.

Assinatura _____ Data ___/___/___